

COLEÇÃO
AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Artur Lobo

 SELETA
(PROSA E VERSO)

Rio de Janeiro 2012

COLEÇÃO AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2012

Presidente: *Ana Maria Machado*

Secretário-Geral: *Geraldo Holanda Cavalcanti*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Marco Lucchesi*

Tesoureiro: *Evanildo Bechara*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Alfredo Bosi

Antonio Carlos Secchin

Ivan Junqueira

Produção editorial

Monique Mendes

Organização, nota editorial e antologia

Gilberto Araújo

Revisão

Flávia Amparo

Projeto gráfico

Victor Burton

Editores eletrônicos

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

L782 Lobo, Artur.

Seleta : (prosa e verso) / Artur Lobo. – Rio de Janeiro :

Academia Brasileira de Letras, 2012.

568 p. ; 21 cm. – (Coleção Austregésilo de Athayde ; 33)

ISBN 978-85-7440-242-0

I. Literatura brasileira. I. Título. II. Série.

CDD 869

Sumário

O esquecido Artur Lobo *Ubiratan Machado*XI

PROSA

Nota editorial *Gilberto Araújo* 3
Um escândalo (1897)..... 5
Rosais (1899).....211
O outro (1901)347
 ☞ *No cárcere*.....436

VERSO (ANTOLOGIA)

Notas sobre a poesia de Artur Lobo *Gilberto Araújo*.....479

Ritmos e rimas (1891).....485

Solar fantástico487

A ermida arruinada.....490

O louco do eremitório497

<i>Evangelhos</i> (1893)	507
Pagãs.....	509
Sobre um ajuízo de balsas.....	512
No alto S. Francisco	513
Reticência trágica.....	514
Impassível	515
Luta	516
Porém... ..	517
De longe.....	518
Bodas celestes.....	519
<i>Quermesses</i> (1896)	525
II – A múmia do cacique	527
IV – Manitós da tapera	527
V – Morte de Ita	528
X – Ronda dos espectros	531
XI – O acampamento	531
<i>Mugitusque boum</i>	533
Égloga	534
Duo	537
Através da floresta.....	539
Chapelim Vermelho.....	540
Romance de Dona Branca.....	542
O caso de D. Inê	543



O esquecido Artur Lobo

UBIRATAN MACHADO

Quando se escrever a história das injustiças e omissões da crítica brasileira, Artur Lobo vai ocupar um lugar de destaque. Apesar de ter produzido uma obra poética e de ficção expressiva, o escritor mineiro não figura em nenhuma história da literatura brasileira, ainda as mais amplas, como *A literatura no Brasil*, dirigida por Afrânio Coutinho¹. Seu nome não aparece nem mesmo em estudos específicos sobre o parnasianismo e o naturalismo. Lúcia Miguel Pereira não o incluiu em seu excelente *Prosa de ficção 1870-1920*. Da mesma maneira procederam João Pacheco, em *O realismo*, e Nelson Werneck Sodré em *O naturalismo no Brasil*. Wilson Martins também o ignorou na *História da inteligência brasileira*, o mais amplo e abrangente levantamento da atividade intelectual no Brasil.


1 ∞ Nesta obra, o nome do escritor aparece uma vez, como simples referência, no capítulo sobre “Castro Alves”, de autoria de Fausto Cunha. Ao estudar os antecessores do poeta baiano, o crítico realça a influência de Gonçalves Dias que “graças a Machado de Assis, Olavo Bilac e Artur Lobo, repercutirá fundo no parnasianismo”. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1956, vol. I, t. 2, p. 795.

O poeta, que merece figurar em qualquer antologia parnasiana, do mesmo nível ou superior a muitas figuras infalíveis em tais coleções, teve o mesmo destino, apesar de admiradores do porte de Guimarães Rosa. Pouco antes de morrer, em pós-escrito da carta a Murilo Rubião, o autor de *Sagarana* dizia que “seria uma beleza” se os seus contemporâneos se empenhassem em “estudos sobre escritores do passado, que sofrem a injustiça do esquecimento. Por exemplo: Artur Lobo – o poeta de *Evangelhos*, *Quermesses*, o romancista de *Rosais*”².

Tal esquecimento injusto se deve a alguns fatores fáceis de identificar. Artur Lobo viveu na província, apesar de algumas obras editadas no Rio de Janeiro, morreu prematuramente aos 32 anos, e os seus livros se tornaram extremamente raros.

Os contemporâneos, com raras exceções, ignoraram a sua obra, talvez por desconhecê-la. Apesar da escassa repercussão crítica, ele foi um dos primeiros escritores brasileiros divulgados na América Latina. Em 1900, a revista *La Lira Chilena*, de Santiago, com o título de *Abismo*, publicou o romance *Rosais*, em tradução de Clemente Barahona Vega, abrindo um caminho inédito para a divulgação das letras brasileiras na América Espanhola. Na mesma época, Vega traduziu para *El Diario Popular*, que o editou em livro em 1903, outro romance mineiro, *Acaicaca*, de Joaquim Felício dos Santos, ambos por iniciativa do também mineiro Nelson de Sena, empenhado então em estabelecer um intercâmbio literário com os países do continente.

Quando da morte de Artur Lobo, os amigos lhe dedicaram um *In Memoriam* sentimentalóide, no estilo das homenagens póstumas românticas, sem qualquer informação sobre o homem, o escritor e sua atividade.

²  Guimarães Rosa. *Minas Gerais*. Suplemento Literário. Belo Horizonte, 13 de dezembro de 1969.

Os dados biográficos disponíveis indicam uma pessoa de saúde frágil (morreu tuberculoso), dinâmica, inquieta, dependente da situação política para sobreviver, repartindo-se em múltiplas atividades e, apesar disso, escrevendo com afino e persistência, como se a literatura fosse a única realidade que valesse a pena no mundo.

Artur Lobo nasceu em 9 de setembro de 1869, em Coração de Jesus (ou Montes Claros, segundo outros), no norte de Minas Gerais, filho do coronel Francisco da Silva Lobo e de Maria Leopoldina da Silva Lobo. Estudou em Uberaba, no Ateneu Fluminense do Rio de Janeiro e em Sabará, acompanhando os constantes deslocamentos da família. Em 1884, ingressou na Escola de Minas, de Ouro Preto, mas abandonou o curso em meio. Dois anos depois, vamos encontrá-lo lecionando português no Ateneu Sabarense, colégio que fundou com dois amigos, Luiz Cassiano Martins e Américo Pereira. Casou-se, em 1891, com D. Maria Vaz e ingressou no funcionalismo público.


Com a ascensão de Cesário Alvim à presidência de Minas Gerais, Artur perdeu o emprego público, mudando-se com a família para Salvador, Bahia, terra natal de seu pai. Não esquentou lugar. Dois anos depois passou a viver em Ribeirão Preto, São Paulo, de onde se deslocou para Uberaba. Em 1897, se transferiu para Belo Horizonte, recém-fundada e que começava a atrair os intelectuais da terra. Trabalhou como jornalista e tesoureiro da prefeitura, em substituição ao pai, até falecer na capital mineira, em 25 de setembro de 1901.


Como era hábito à época, estreou muito jovem e com um livro de poemas. Mas, ao contrário da maioria, a vocação era evidente. *Lei universal* saiu em 1890, seguido por *Ritmos e rimas* (1891), *Evangelhos* (1893) e *Quermesses* (1896), livros enfiados no volume de *Poesias* (1911). Foi parnasiano em roteiro integral. A princípio, preso a sugestões e seduções românticas, decantadas em tonalidades simbolistas nos dois últimos livros. Teve voz própria, percebida por um


contemporâneo arguto: Araripe Júnior. Analisando o movimento literário de 1893, o crítico cearense valorizou os *Evangelhos* como “dos livros de versos mais formosos que têm saído dos prelos nacionais nestes últimos tempos”, classificando o autor de “delicadíssimo poeta”³ de feição anacreônica.

Após *Quermesses*, o poeta se calou e, tendo um conto premiado pela revista *A Semana*, de Valentim Magalhães, passou a priorizar a prosa de ficção, seduzido pelo naturalismo. *Um escândalo* (1897) segue com rigor o modelo de Zola, filtrado através de Eça de Queirós. Como a maior parte da ficção naturalista brasileira, Artur Lobo esteve sempre mais próximo do português que do francês. Com um certo exagero, para não sermos injustos, pode-se dizer que *Um escândalo* é quase uma paródia do universo queirosiano, transposto para as montanhas mineiras, com suas intriguinhas de cidade pequena, carolices, adúlteros, padres devassos. Como *O crime do padre Amaro*, é um romance anticlerical e um estudo de temperamento, analisando as tendências hereditárias ao atrito das circunstâncias sociais.

A ação transcorre numa pequena cidade mineira, tomando como modelo Sabará. A comprovação está na descrição exata da igreja do Carmo, com seu teto dourado, a beleza dos frontões, a opulência dos ornamentos e os “dois Hércules, sustentando as colunas do coro e os relevos dos púlpitos”⁴. A tradição atribuía-os ao Aleijadinho, “que trabalhava às ocultas, com o escopro amarrado aos braços sem mãos; quando a obra ficou completa e acabada, ele desaparecera”⁵. Nesta cidade, o autor morou e observou a vida cotidiana, desenrolada em

3  Araripe Júnior. “Movimento literário do ano de 1893”. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Casa de Rui Barbosa, 1963, volume III, p. 133.

4  Artur Lobo. *Um escândalo*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1897, p. 17.

5  Artur Lobo. *Um escândalo*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1897, p. 17.

velhos e misteriosos casarões decadentes, o que se tornaria motivo típico da literatura mineira posterior.


Bem escrito, por vezes com a preocupação de escrever “bonito”, o romance se desenvolve com equilíbrio e harmonia, traçando um retrato fiel da vida provinciana, até a cena cinematográfica do *grand finale*, plástica e sugestiva, mas visivelmente armada pelo discípulo fiel de Zola para mostrar a força fatal da hereditariedade. Há cenas excelentes, sóbrias, como aquela em que dona Flávia queima a mão da sobrinha com um ferro de engomar e o estupro de Luísa, e defeitos comuns à escola, no Brasil, como o fundo romântico, e o excesso de debates sobre literatura e sua redenção pelo naturalismo. Os personagens são observados com um senso aguçado de caricatura, que o autor abandonou nas obras posteriores, tipos peculiares às pequenas cidades, explorados fartamente pelos naturalistas: o professor reacionário e pedantesco, ainda deslumbrado com a velha literatura clássica, ignorando as conquistas do naturalismo, inspirado no conselheiro Acácio; o demolidor provinciano, irreverente e sarcástico, que zomba de tudo, mas defende com ardor a escola de Zola; as solteironas maledicentes, sempre atentas à vida alheia; o padre sensual e sem escrúpulos; o jovem abúlico, ordenado padre por imposição materna; o rapaz efeminado; o médico de maneiras bruscas, odiado pelas beatas.


Rosais (1899) representa uma mudança radical nos rumos da ficção de Artur Lobo, o interesse pelos mistérios da mente humana se sobrepondo à preocupação com o social. Estudo de um caso de psicologia mórbida e de adultério, é narrado em primeira pessoa, pelo personagem causador da tragédia, numa linguagem artificial, com pretensão à poética, que dilui em muito o interesse da obra. O escritor ainda está imaturo, não sabendo bem como explorar toda a riqueza do problema proposto. Hesita. Lança pistas com a indicação de fundamentais, logo abandonadas. O livro melhora sensivelmente nas


páginas finais, com mais coerência e escritas em linguagem mais simples e direta. Apesar de o testemunho se tratar da transposição de um caso real⁶, o romancista não descobriu o tom preciso para narrá-lo e impor ao leitor, por exemplo, o perfil psicológico do lânguido Carlos, o marido traído. No mais, continuou caudatário do naturalismo, mas infiltrado de notas simbolistas, tanto na linguagem, como na apreciação de temas caros a esta escola, como as questões relacionadas com o que hoje se define como parapsicologia.


Rosais foi analisada por um contemporâneo, Anastácio Paz, figura inteiramente esquecida, em artigo publicado no *Minas Gerais*. É um trabalho equilibrado, no qual o crítico ressalta a necessidade do romancista corrigir determinados defeitos, contrabalançados por “qualidades de verdadeiro romancista”⁷. Paz realça a habilidade de Artur Lobo em “preparar o desenlace das situações”⁸, a segurança no desenho dos tipos secundários, mas alerta para a fragilidade dos diálogos, quase sempre carentes de naturalidade, a falta de correção da linguagem e o desequilíbrio do estilo, a princípio em tom amaneirado, com excesso de adjetivos, mas se afirmando, sobretudo nas páginas finais, em um texto fluido “macio, cantante, límpido, como um veio de água cristalina”⁹.

Um escândalo e *Rosais* incluem Artur Lobo entre os naturalistas menores, naquela zona de sombra e luz em que os autores estão longe dos principais nomes da escola, mas apresentam qualidades para figurar

6  J. Seixas Sobrinho diz que a “cena dominante” em *Rosais*, “é real, passada em Sabará”. J. Seixas Sobrinho. “Artur Lobo, baiano?”. *Minas Gerais*, número citado.

7  Anastácio Paz. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 de julho de 1899. In: Suplemento Literário do *Minas Gerais*, número citado.

8  Anastácio Paz. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 de julho de 1899. In: Suplemento Literário do *Minas Gerais*, número citado.

9  Anastácio Paz. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 de julho de 1899. In: Suplemento Literário do *Minas Gerais*, número citado.

numa história abrangente do naturalismo brasileiro. Essa espécie de prêmio de consolação muda inteiramente quando consideramos *O outro*. Publicada em 1901, o volume reúne duas novelas: a que lhe dá título e *No cárcere*.

O outro apresenta muitos pontos de contato com *Rosais*, do qual, de certa maneira, é uma reescritura. Em ambos, a história se desenrola num velho casarão provinciano, envolvendo no mesmo clima de angústia e delírio um casal e um amigo, sendo narrada na primeira pessoa pelo personagem principal. Ambos terminam de forma violenta, *Rosais* com o suicídio do marido traído, *O outro* com o assassinato da esposa (pelo narrador), que, como no *Dom Casmurro*, não sabemos se é ou não culpada de adultério.

O que as distingue é a qualidade literária, o notável salto qualitativo de *O outro* em relação à obra anterior, abrindo um novo e inexplorado filão na ficção brasileira. Passado mais de 100 anos de sua publicação, ela pode figurar, sem qualquer favor, entre as melhores novelas da época e – por que não? – da literatura brasileira. Não é apenas obra de um precursor, mas de um escritor consciente do seu ofício, exprimindo-se com justeza num texto denso, delirante, de belo equilíbrio, em linguagem depurada dos exageros anteriores.


Não se pode descartar a influência, ou ao menos a sugestão, de Dostoiévski, opinião que divide os críticos. O tema da duplicidade da natureza humana foi um dos favoritos da literatura do século XIX, em especial do romantismo, explorado por escritores como Hoffmann, Chamisso e Robert Louis Stevenson, em *O caso estranho do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*. Mas o que estava mais próximo, cronologicamente, do escritor mineiro, e com imensa repercussão à época, era o autor russo, que explorou o assunto na novela *O sósia*. Sem nenhum servilismo, é dele que Artur Lobo mais se aproxima, apesar do tratamento diverso dado ao tema pelos dois autores. O russo materializa “o

outro”, transformando-o num desdobramento demoníaco de Iakov Petrovich, enquanto no mineiro a segunda personalidade se mantém subjetiva, mas não menos diabólica.

A segunda novela do livro, *No cárcere*, narrativa da temporada na prisão de um preso político, tem qualidades, mas, como obra literária, fica bem abaixo de *O outro*.

Após a sua morte, durante mais de 50 anos, o nome de Artur Lobo permaneceu ignorado. Neste longo período, houve apenas uma referência à sua obra, o que corresponde a uma autêntica redescoberta. Na *Evolução da prosa brasileira* (1933), Agripino Grieco demonstrou a sua admiração por *O outro*, único livro do autor que parece ter conhecido. Em observação contestada posteriormente, o que não significa acerto ou desacerto, salienta a influência de Dostoiévski, “aproveitada sem mimetismo servil e antes numa transposição das mais pessoais”, ao lado de “algumas notas em que seria manifesta a leitura de D’Annunzio, se, dentro da afirmação dos seus íntimos, Artur Lobo, morto em 1901, não ignorasse de todo o genial romancista dos Abruzzos.” O crítico fluminense conclui, afirmando que Lobo foi “um homem de personalidade ciumenta, pundonorosa, incapaz de copiar quem quer que fosse, (e que) denuncia, pelo paralelismo verbal, curiosíssima alma de artista extraviada num meio prosaico”¹⁰.


No final da década de 1950 e início dos anos 60, houve um esboço de interesse pela obra de Artur Lobo, em decorrência da reavaliação crítica empreendida por Waltensir Dutra e Fausto Cunha na *Biografia crítica das letras mineiras*. Os autores se entusiasmaram com o poeta “de raça”, cujo esquecimento consideraram injustificável. Incluindo-o entre os parnasianos, com uma ou outra nota simbolista,

10  Agripino Grieco. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947, p. 88.

observam que alguns de seus temas ainda são pós-românticos, o que não significava anacronismo, num momento em que poetas como Olavo Bilac e Machado de Assis prestigiavam os assuntos indianistas. A dupla de estudiosos ressalta que Lobo, como descritivo, “não fica muito abaixo de Alberto de Oliveira, principalmente nos sonetos”, concluindo que, em conjunto, sua obra apresenta “uma unidade qualitativa que bem poucos conseguiram, sendo, neste ponto, superior à de Augusto de Lima”¹¹.

Bem diversa foi a avaliação do ficcionista. Os historiadores consideraram o romance *Rosais* apenas uma curiosidade, com uma linguagem revestida dos piores cacoes da época. *O outro* foi apontado como de melhor nível. Negam, entretanto, qualquer vinculação dostoiévskiana ou afinidade com D’Annunzio, apontadas por Agripino Grieco. Preferem filiá-lo ao Edgar Allan Poe, de *O poço e o pêndulo*, e ao Guy de Maupassant, do *Horla*.


A partir daí, singularmente, apesar da evidente superioridade do poeta, o interesse dos críticos voltou-se sobretudo para a ficção de Lobo. Brito Broca, com seu amor e curiosidade pela literatura brasileira, após muitas dificuldades, conseguiu um exemplar de *O outro*, que analisou em artigo publicado na revista *Leitura*, o mais minucioso e esclarecido publicado até hoje sobre a novela que dá título ao volume. Aceitando a qualificação de novela psicológica, ressalta que não se trata “da psicologia a Bourget, que predominava na época e muito menos da psicologia heterodoxa de Dostoiévski. O ilogismo dos personagens de Dostoiévski é inconsciente; o de Sérgio é consciente, pois ele, o herói, tem conhecimento desse ‘outro’ diferente que se agita dentro do seu ser e luta em vão para dominá-lo.” Ressalta


11  Waltensir Dutra e Fausto Cunha. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1956, p. 68.

as “páginas magníficas em que vamos assistindo o debate interior do protagonista” e considera superficiais as influências de Poe e de Maupassant, que talvez só existam na ideia da dupla personalidade, que possivelmente teria inspirado o autor. Conclui que a pesquisa psicológica desenvolvida em *O outro* assemelha-se “à que iria inspirar mais tarde a obra de dois romancistas igualmente mineiros: Cornélio Pena e Lúcio Cardoso, ambos sob o signo de Julien Green. O ritmo do estilo, o vocabulário, o jogo de luz e sombra, a constante do mistério, no ambiente soturno das velhas cidades provincianas, tudo isso parece fazer de Artur Lobo, nessa novela, um precursor desses dois romancistas”¹². A esses nomes, pode-se ainda acrescentar o de Autran Dourado, em cujos romances passados em pequenas cidades há sempre um casarão sombrio, onde transcorrem vidas misteriosas e apagadas.

Em 1960, o suplemento literário de *O Estado de S. Paulo* publicou dois artigos sobre Lobo. Temístocles Linhares analisou *Rosais* e *O outro*, classificado equivocadamente de romance, salientando algumas notas simbolistas nestas obras, como a musicalidade, para concluir classificando Artur Lobo como autor de “romances razoáveis”¹³. J. Seixas Sobrinho forneceu dados interessantes sobre o escritor¹⁴.

Por fim, em 1969, o suplemento literário do *Minas Gerais* dedicou um número em comemoração ao centenário de nascimento de Artur Lobo, fornecendo subsídios valiosos para o estudo de sua vida e obra: cronologia, bibliografia organizada por Helio Gravatá, textos

12  Brito Broca. “Artur Lobo e a novela *O outro*”. *Leitura*. Rio de Janeiro, agosto de 1959, p. 9.

13  Temístocles Linhares. “Artur Lobo, romancista esquecido”. *O Estado de S. Paulo*, 25 de maio de 1960. In: *Minas Gerais*, número citado.

14  J. Seixas Sobrinho. “Presença de Artur Lobo”. *O Estado de S. Paulo*, 23 e 30 de julho de 1960.

em poesia e prosa do autor, reprodução integral de estudos publicados na imprensa (de Anastácio Paz, Brito Broca, Temístocles Linhares e J. Seixas Sobrinho) e artigos inéditos de autoria de Maria José de Queiroz (“A nota indianista de *Quermesses*”) e Heitor Guimarães (“Artur Lobo”).

Depois desses fogos de artifício, o escritor recaiu em novo e longo esquecimento, lembrado e elogiado esporadicamente por conhecedores mais profundos do nosso passado literário. Um esquecimento menos esquecido, pode-se dizer, mas sem que houvesse qualquer estudo sobre o escritor. A presente reedição dos dois romances e do volume de novelas de Artur Lobo recoloca a sua obra em circulação, depois de mais de 100 anos. É uma bela homenagem, mas, antes de tudo, um ato de justiça.

PROSA

Nota editorial

GILBERTO ARAÚJO

Esta compilação da prosa de Artur Lobo pautou-se pelo respeito máximo à vontade autoral, consumada na primeira e única edição de cada um dos romances e novelas ora reunidos. Obedientes ao critério da fidedignidade textual, mantivemos inteiramente a pontuação original, inclusive quando ela contrariava as regras hoje vigentes. Há casos, por exemplo, em que o autor, omitindo as vírgulas, gera orações adjetivas restritivas, quando, a rigor, se trata de orações explicativas. As vírgulas que erroneamente separam sujeitos de predicados e verbos de complementos também foram mantidas. Acreditamos que tal procedimento preserva informações valiosas não só para possíveis analistas do estilo de Artur Lobo, como também, e sobretudo, para os estudiosos da história da língua portuguesa.

Os diacríticos também foram rigorosamente respeitados. De *Um escândalo*, por exemplo, reproduzimos as aspas indicadoras de diálogo, ainda quando, no original, elas foram empregadas conjuntamente com os travessões, o que hoje configuraria uma descartável redundância editorial.

Embora tenhamos atualizado os textos pelo novo *Acordo ortográfico da língua portuguesa* (2009), privilegiamos as formas mais próximas do século XIX: assim, o leitor encontrará “dous”, “cousa”, “borborinho”, dentre outras palavras a que o tempo consagrou outras grafias. O mesmo propósito orientou a conservação da forma estrangeira, destacada em itálico, de palavras como *bond* ou *chalet*, hoje já aportuguesadas. Além de valorizar a sonoridade original do texto, acreditamos com isso oferecer ao leitor uma demonstração de como esses empréstimos linguísticos marcam um fascínio literário e social pelas matrizes europeias (francesas, principalmente).

No caso específico de *Rosais*, fizemos as alterações indicadas pelo autor em nota ao final do livro. Como os ajustes incidem basicamente sobre a divisão dos capítulos, julgamos desnecessário indicar, no texto final, onde se fizeram mudanças. Em todo caso, transcrevemos na íntegra a nota em que Artur Lobo discrimina o que se devia modificar em *Rosais*. Corrigimos erros tipográficos óbvios: em *O outro*, por exemplo, em vez de “esqueci” aparecia “esquecei”.

Eventualmente, o leitor encontrará notas de rodapé, que elucidam tanto aspectos editoriais quanto linguísticos. Reproduzimos, ademais, as folhas de rosto originais, bem como algumas vinhetas, para que o leitor possa sorver algo do espírito livresco de nossa *belle époque*.

Por fim, agradecemos à gentileza dos bibliófilos Antonio Carlos Secchin e Ubiratan Machado: o primeiro, idealizador do projeto, emprestou-nos *Rosais* e *O outro*; ao segundo devemos o contato com o raríssimo *Um escândalo*.

∞ UM ESCÂNDALO
(1897)

ARTHUR LOBO

UM ESCANDALO



LAEMMERT & C.—EDITORES

RIO DE JANEIRO

Casas filiaes em S. Paulo e Pernambuco

1897

NOTA

Por contrato anteriormente celebrado entre o autor e os editores, os originais desta obra entraram para as oficinas da Companhia Tipográfica do Brasil em maio do corrente ano.



UM ESCÂNDALO

I

Em junho as manhãs eram brumosas e frias, afogadas em vortilhões de névoas que se desenrolavam no alto das paisagens úmidas. Perfis ásperos de montanhas esboçavam-se no meio das brancuras do nevoeiro, flamejando a espaços, tocados de ouro, como fundos de apoteoses esplêndidas; e mais tarde, por entre a névoa repartida, através de algum crivo mais largo, telhados e quintais plantados emergiam daquele oceano de vaporações rosadas, enquanto que o azul sereno sorria, do alto, na suavidade luminosa do ar lavado, e o sol fremia olímpicamente na flamância triunfal do levante.

Pelos bosques vizinhos estendia-se uma risonha melancolia torporosa de despertar indolente; o bocejo das neblinas, muito claras e frias, ia-se levantando das fontes, enodoando de farrapos brancos a verdura da vegetação e subindo silenciosamente para o Azul. A regressão das seivas começava a desbotar as folhas doentes, despindo as árvores; os primeiros ventos ásperos agrediam as frondes, soprando

rajadas violentas; as flores rareavam, e tudo anunciava as proximidades do mês de agosto, nostálgico e tristonho.

Foi numa dessas manhãs nevoentas que o padre Lúcio despertou, entre bocejos, estremunhado ainda, quando uma réstia de luz suave e matinal com tremulações e irisamentos de prismas, já punha pela janela aberta uma nota de alegria no ascetismo celular do seu aposento. Ao longe, bedelengavam sinos, numa tumultuosa bimbalhada, espalhando na limpidez hilariante da manhã uma toada festiva e alegre.

O austero aposento era uma peça vasta, de paredes altas e teto elevado, deitando duas portas envidraçadas para a rua e abrindo duas largas janelas, defendidas por balaústres, sobre o quintal.

No fundo ficava o leito, com colunas antigas e um rodapé de crivo; junto dele, uma mesa redonda. Na parede contígua ao leito havia um toucador de madeira, pintado de branco, e sobre ele um crucifixo de metal pregado acima de um ramo de cipreste seco.

Confrontando com o leito, ficavam o armário, de um feitio primitivo e rudimentar – um vasto móvel que participava ao mesmo tempo de guarda-roupa; duas cadeiras de espaldar, forradas de couro curtido, do tempo da metrópole, e o relógio de bronze, um extraordinário relógio de bronze, cujo mostrador representava uma caraça humana, vasta e redonda como um plenilúnio, com dois olhos risinhos que se moviam pra lá, pra cá, enquanto o pêndulo tiquetaqueava ruidosamente.

Junto do relógio finalmente via-se uma flauta de ébano, de cinco chaves.

Todos estes móveis e objetos familiares estavam colocados com muita ordem e asseio, rigorosamente espanados.

Como aquilo cheirava bem! A consciência sentia-se ali arejada como o pequeno aposento. Todo o ambiente estava impregnado de um aroma singular, sabendo a esponjas secas e ervas aromáticas.

A réstia de luz continuava, entretanto, a avançar no sobrado, e os sons dos sinos, percutindo a cristalinidade do éter, muito vibrátil à ondulação sonora, pontuavam de evoés jubilosos a quermesse daquela manhã festiva, com o estardalhaço das rimas de uma canção jovial.

O moço clérigo saltou apressadamente do leito. Depois de feitas as suas orações, como de costume, foi correr as folhas da janela assoalhada.

Deste lado se devassava uma série de pomares e quintais derramados pelas margens do rio, que rolava embaixo, faiscando ao sol desaparecendo adiante numa sinuosidade extrema, entre as palmas dos coqueiros e cimeiras de árvores douradas. Perto, aqui e além, entre a opulência de verdura, nos quintais plantados, a cal dos muros e das paredes enodoava de branco a luridez dos ramos frondosos; uma vidraça ardia, ferindo a retina num clarão chispante; a agulha de um *chalet*, emergindo das frondes, espetava o azul, desatando para os lados, obliquamente, o rendilhamento caprichoso da fita de lambrequins. E fechando o horizonte, no fim de uma planície extensa, uma serra, esfumada de azul, diminuída à distância, aparecia, eriçada de agulhas pelas quais uma nuvem branca, muito branca e leve, se esgarçava, como um froco de algodão em rama, batida pelo vento.

Lúcio cerrava as pálpebras, sem se haver habituado ainda à incisão forte da luz. Mas uma canção alacre, um idílio de pássaros na estação do amor, subia de baixo de sua janela, na casa de jantar, fazendo-o baixar os olhos para os velhos tabuleiros, barbados outrora de relva crespa, e canteiros abandonados, ainda estendidos simetricamente, mas incultos, em que vingavam ervas daninhas, nas quais apenas os pimentos e tomates punham pequenos pontos vermelhos.

Então, a estação ainda andava a florir os destroços dos rosais e dos cravos de uma variedade infinita; e do lado, onde eles resistiam bravamente à invasão do mato maninho, era uma orgia de tons, um

deboche de cores que pareciam rejuvenescer o velho jardim abandonado, desde que se retirara da casa o Felicíssimo, um fâmulô, doido por flores.

De uma das janelas do pavimento térreo pendia uma gaiola. Era daí que a canção idílica vinha sonorizando o jardim, por onde erravam perfumes vários de flores abertas. Debaixo das janelas do quarto uma latada de jasmineiros punha uma sombra discreta daquele lado, remansosa e apropriada às molezas das sextas fastidiosas. Uma outra latada de parreiras, ao fundo, dividia o jardim do pomar, cujas árvores, formando maciços espessos de um verde mais escuro, topetavam com o céu claro, sem nuvens, de uma pureza lirismante.

Duas pancadas ligeiras soaram à porta do quarto; e Lúcio, interrompido no seu meio sonho, foi abrir. Uma senhora de mais de meia idade, trajando luto carregado, estava à porta. Era muito magra, alta, e trazia um xale negro sobre os ombros. Toda a sua face de tons esverdinhados, testa fugitiva, maçãs do rosto salientes, lábios finos, queixo agudo, transpiravam uma severidade que o sorriso em vão procurava às vezes corrigir. Tinha as orelhas ligeiramente afastadas e despregadas do crânio, quase sem relevos; o cabelo escasso rodilhava-se no ócciput, sobre a cabeça de um desenho rudimentar.

Chamava-se Flávia; era mãe do moço clérigo.

– Ainda bem que você já está de pé, foi dizendo, ao entrar.

– Que horas são? perguntou Lúcio, indo beijar-lhe a mão.

Oito horas, ora aquilo!

– Pois não ouviu os sinos?

Falava de mansinho, com um acento suave na voz. Foi abrir a janela que ainda estava fechada; depois pôs-se a arranjar a cama desfeita.

E enquanto Lúcio, já vestido, se dispunha a preparar-se para a missa, ela examinava todo o aposento, demorando-se no arranjo minucioso de tudo.

Relanceou ainda os olhos pelo quarto; verificou se havia água nos mingues e no jarro. No seu olhar desenhava-se uma certa inquietação; por fim perguntou:

– E você dormiu bem?

Lúcio respondeu que dormira perfeitamente, de uma *vezada* só, um sono de nove horas.

Foi consultar o rosto diante do pequeno espelho desbotado; tinha estado indisposto dias antes; porém, sentira-se inteiramente restabelecido. Leu a satisfação que se esboçava na face triste da viúva, que era normalmente muito retraída e calada. Apesar de já homem, Lúcio tinha por ela, junto com a sua ternura filial, um profundo respeito.

Vendo-a satisfeita, afirmou:

– Sinto-me muito bem.

– Antes assim, meu filho, suspirou a velha senhora – dona Flávia.

E ainda na porta, com uma comoção que não pôde dissimular, acrescentou:

– E não se demore, pois não tarda muito a hora da sua missa.

A sua missa, ah!

Naquele dia devia ele celebrar a sua “missa nova.”

Era aquele um piedoso capricho da velha mãe, cujo desejo fora que o primeiro exercício dos seus misteres litúrgicos coincidissem com o dia do aniversário de Lúcio, destinado desde os primeiros anos à carreira eclesiástica.

Uma pobre senhora, a viúva, muito piedosa, muito amiga dos pobres e temente a Deus. Fora aquele o seu único filho, e este destinara-o ao serviço do Senhor, bem a contragosto do defunto marido, que discordava por índole, da pieguice religiosa da viúva, influenciada pelo vigário daquela pequena paróquia roceira – o padre Domingos. Felizmente para a viúva, o filho havia recebido ordens sacras no

seminário de Mariana, quando já se tinha ajustado o casamento da prima Luísa com um parente remoto, que possuía um sítio e alguns filhos bastardos.

Demais, Lúcio não mostrara constrangimento algum, e não manifestara pela prima senão o medíocre interesse de uma afeição serena e calma de irmão para irmã.

Nos ímpetos histéricos de sua alegria lamurienta, a viúva pôs-se a chorar de ventura, quando conseguira abraçar o filho tonsurado e grave, e comparando-o com uma oleografia representando a imagem beatífica de Leão XIII, encontrara-lhe uma tal analogia, que desatou a babar: “Ai! Jesus! Que tinha a mesma feição do Santo Padre!”

E teve os olhos embaçados de lágrimas por amor daquela imaginária afinidade de traços, parecendo-lhe que o filho já participava por isso das virtudes de tão venerando prelado e virtuoso varão que era a própria cabeça visível da Igreja!

E o mulherio crédulo concordava:

– É tal qual, benza-o Deus!

O prestígio do moço sacerdote avultou dia a dia no conceito público, até que raiou a manhã em que devia pela vez primeira tomar a investidura sacerdotal para celebrar o santo ofício.

E ao ouvir o alvoroço dos sinos irisados anunciando nas alegrias dos sons jucundos aquela missa, sentiu-se subitamente invadido por uma comoção invencível que lhe confrangia o coração e lhe umedecia, os olhos, inefavelmente.

Já ele havia sentido uma idêntica comoção no dia do seu recente regresso quando avistou de novo, depois de anos de ausência, a casa paterna – aquele casarão sólido de construção antiga, com uma varanda de ferro correndo na frente do sobrado.

Lá estava à porta a viúva, sempre pálida, carregada de luto, os olhos arrasados de lágrimas. A prima Luísa é que passara por uma

completa metamorfose, o que lhe causou uma grande decepção, pois contava achá-la ainda menina, cheia de candura e de graça.

O que mais o comoveu foi a tia Matilde, de quem ele conservara sempre uma indelével lembrança, com uma impressão de pavor. Muito velha e achacada, parecia impassível, com sua cara inchada, cor de cidra – uma espécie de máscara sinistra, em que somente os olhos viviam, imperturbáveis, fixos, assustadores e hipnotizantes.

Tinha o olhar desvairado, peculiar a certos loucos. Os lábios, sem o apoio dos últimos dentes, haviam-se contraído tanto que a boca se sumia e o queixo avançava, aguçando-lhe o perfil de estriça, que um nariz adunco rematava.

Passado o período crítico da fisiologia feminina aos quarenta anos, ela parecia bem melhor da sua loucura furiosa que obrigava os parentes a trazerem-na enclausurada num quarto escuro, onde os seus olhos, em crises de fúria, tinham um brilho sinistro e homicida.

Quando viu o padre, recuou, botando-se pela casa adentro – “Vem assassinar-me! Vem assassinar-me!”

Desde então, sentia-se comovido e inquieto; ele que se habituara à monotonia e à regularidade de uma existência metódica, à ordem e disciplina, no seminário, sentia-se desequilibrado naquele meio novo, onde ia encetar a sua carreira na vida prática.

Ia-se consagrar daquele dia em diante ao exercício do bem e da caridade cristã e à glória de Deus; a sua missão lhe sorria como uma felicidade bendita, e todo ele sentia-se cheio de uma imensa piedade, acariciando sempre projetos de uma dedicação sem limites.

Muita vez sorria-lhe a esperança de um grande sacrifício, como o desses estranhos missionários, contumazes e devotados à causa santa, cuja morte a história da Igreja registra nos sertões inóspitos da África e da América. Morrer como um sonhador ou como um justo, numa

apoteose de bem-aventurança – que belo ideal das almas místicas e puras! Jesus, o pálido rabino de Getsêmani, era o mais belo e divino exemplo de abnegação.

E voltendo os olhos para o crucifixo, Lúcio sentiu-se tomado de uma inefável ternura.

Às dez horas, os sinos repicavam novamente, e a igreja-matriz estava pejada de fiéis da paróquia.

Na sacristia, com a viúva e a prima Luísa, achavam-se as Teles, umas senhoras velhucas e melífluas, todas segredinhos e cochichos, que se haviam botado para a igreja ao primeiro toque de sinos, cosidas em vestidos corridos, untuosas e esgrouvinhadas, babando um risinho de piedade hipócrita e perversa.

O vigário Domingos, o excelente pároco, que também lá se achava, as tinha em muita consideração e dava-lhes seca a um canto, onde o bafio do bolor tresandava de um modo pronunciado. O santo homem, um tanto adiposo, sorria-lhes, devorando a Luísa com os olhos, de mãos cruzadas no ventre, fazendo girar os dois polegares um em torno do outro, respeitoso e deferente, mostrando duas filas de dentes magníficos.

O Felicíssimo, sacristão, um mestiço espingolado e vicioso, com ademanos femininos e uma voz de castrado, ajudava Lúcio a paramentar-se, fazendo uma vênia todas as vezes que passava por diante do tabernáculo. Também ele vestia uma batina preta, safada pelo uso, a gaforinha toda perfumada de pomadas ignóbeis.

O padre Domingos, já traquejado nos misteres do culto, auxiliava paternalmente ao outro, fazendo-lhe admoestações e dirigindo-lhe palavras de animação.

O celebrante, defronte dos paramentos sacerdotais, preparou o missal, ordenou as folhas para o ofício do dia. Depois lavou as mãos, proferindo a fórmula sagrada:

– “Às minhas mãos, Senhor, concede o condão de limpar toda a mácula, para que eu me sinta cada vez mais forte para te servir, sem mancha do corpo e do espírito.”

Em seguida preparou o cálix, sobre o qual colocou a pátena, a hóstia e o corporal.

Tomando o amicto, depois de beijá-lo na cruz central, levando-o à cabeça, proferiu a oração:

– “Na minha cabeça, Senhor, põe a coroa da salvação, para resistir aos ataques diabólicos.”

Um homem alto e solene, muito fúnebre e grave, de chapéu alto e sobrecasaca de alpaca, aproximou-se do padre Domingos, apertou-lhe a mão em silêncio; diante do Lúcio fez-lhe uma profunda vênica com a cabeça, e no mesmo passo medido e amplo foi se colocar ao lado das Teles, depois de saudá-las numa profusão de cerimoniosas cortesias.

Recebendo a alva das mãos do vigário Domingos, Lúcio vestiu-a pela cabeça, enfiando primeiro o braço direito, depois o esquerdo, rezando a oração correspondente:

– “Purifica-me, Senhor, e expurga o meu coração, para que, purificado do sangue do Cordeiro, eu possa fruir das eternas alegrias.”

E apertando-se com o cinto, prosseguiu ainda:

– “Cinge-me, Senhor, com o cinto da pureza, e extirpa dos meus rins os humores da luxúria; para que permaneça em mim a virtude da continência e da caridade.”

O Felicíssimo delicadamente arrepanhou a alva sobre o cinto, corrigindo as rugas e levantando as fimbrias; e ofereceu o manípulo que o sacerdote osculou, colocando-o no braço esquerdo, e rezando a oração do ritual:

– “Possas eu merecer, Senhor, a graça de trazer o manípulo para que receba com alegria a mercê do trabalho.”

E colocando a estola no pescoço:

– “Dá-me, Senhor, a estola da imortalidade, que perdi com o pecado dos primeiros pais; posto que indigno de ti, aproximo-me dos teus sagrados mistérios; oxalá possa merecer o gozo eterno.”

E finalmente, vestindo a casula, também proferiu em latim a última oração:

– “Senhor, tu que disseste: ‘O meu jugo é suave, o meu ônus, leve’ faze-me bastante forte para que eu possa trazê-la assim, a fim de conseguir a tua graça. Amém.”

O acólito, a um canto, soprava as brasas do turíbulo.

Já paramentado, Lúcio fez uma reverência à cruz da sacristia, e, tendo nas mãos o cálix, de olhos baixos, o aspecto grave, seguido do ministro, fez a sua entrada na capela, por uma porta lateral.

Na igreja correu um sussurro.

Estava repleta, desde a porta principal até ao altar-mor.

Era um velho templo, datando de um século, de construção pesada e arquitetura antiga. A sua primitiva riqueza, porém, era atestada pelos profusos dourados do teto, pelos labores de talha dos altares e das arcadas, pela beleza dos frontais e pela opulência dos ornamentos. Havia dois Hércules, sustentando as colunas do coro e os relevos dos púlpitos, que eram dois trabalhos de arte, e uma tradição os atribuía ao *Aleijadinho*, escultor antigo, do tempo da metrópole, que trabalhava às ocultas, com o escopro amarrado aos braços sem mãos; quando a obra ficou completa e acabada, ele desaparecera.

O teto era alto, abaulado, manchado pelas goteiras; no meio dele um fresco representava a ascensão do profeta Elías num carro de chamas.

Um lustre imenso pendia da abóbada, cintilante de pingentes e facetas inflamadas, cujas luzes agonizavam na claridade nevoenta e vaga da igreja.

No coro três largas janelas se rasgavam para a luz do dia, que por ali entrava amplamente, e sobre as coxias, pequenas ogivas de vidros foscas, enchiam as naves de uma claridade pálida, onde morriam e murchavam as eflorescências da luz exterior. Sentia-se na atmosfera o cheiro peculiar das igrejas, cheiro de incenso e de cera, misturado ao bafio dos lugares reclusos e pouco arejados.

Nos altares laterais, flores antigas, murchas e esfolhadas, ainda tinham sorrisos desbotados de virgens, mortas, nos vasos dourados, que uma camada de poeira empanava. Nos castiçais, pintalgados de pingos de cera, havia moscas mortas e nódoas de vinho.

Um balaústre de madeira separava dos homens o recinto destinado às mulheres; e a onda humana, densa e compacta, teve um mesmo movimento de curiosidade, quando Lúcio fez sua entrada na capela-mor.

Em frente ao tabernáculo do altar, fez uma vênia profunda, levando um joelho quase em terra, e transpôs gravemente os quatro degraus que subiam para o presbitério. Colocados o cálix e o missal sobre o altar, Lúcio desceu de novo para o meio do estrado, as mãos juntas diante do peito e juntos também os dedos; depois da confissão, fez ainda uma profunda genuflexão ante o tabernáculo do Santíssimo Sacramento, e ereto, um tanto pálido e comovido, a voz um tanto velada, de um timbre quase feminino, fazendo o sinal da cruz da frente ao peito, disse:

– *“In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amen.”*

E recitou em seguida a antífona:

– *“Introibo ad altare Dei.”*

E o Felicíssimo, com a sua voz assexuada, respondeu:

– *“Ad Deum qui letificat juventutem meam.”*

O celebrante perseguiu, mais calmo e mais grave, repetindo as palavras do ritual com inflexões solenes com que imprimia um acento profético às locuções bárbaras do Evangelho. Em meio de um vasto

silêncio, o texto sagrado escorreu dos lábios do sacerdote como o de uma melopeia divina, ritmada pelas pancadas argentinas do turíbulo nas correntes de prata, que o acólito fazia girar com muitas genuflexões e salamaleques, acompanhando os movimentos do pêndulo do turíbulo com flexões da cabeça e com um imperceptível descair de ancas.

Houve ainda um arrastar de sapatos; um asmático tossia, reprimindo com as mãos a violência do acesso, e entre as mulheres um vagido indiscreto foi logo abafado pela carícia materna. Fazia-se um silêncio tão solene e tão profundo que ouvia-se, fora, no beiral dos telhados, o chilrear de andorinhas e o silvar dos morcegos no coro.

E súbito, a um leve sinal de batuta, todo o vasto recinto da igreja vibrou numa revoada de vozes, e a orquestra, no coro, simultaneamente, a um só tempo, atacou o *Kyrie*. Sob as arcadas, as naves se inundaram na torrente das vozes dos sopranos, dos barítonos e tenores, e as notas do contrabaixo eram tão cavas que pareciam mugir no fundo das criptas de um subterrâneo.

As vozes femininas, claras e aéreas, pareciam feitas de cristal e alvoradas, derramando frescuras balsâmicas e brancuras lustrais junto às trevas das vozes graves.

No templo, quase despido de alfaías e cheio de fiéis, a música dava ao ofício divino uma majestade nova, e parecia plainar do alto, as grandes asas pandas e abertas.

No altar-mor as chamas dos círios palpitavam como uma floração de estrelas, e o celebrante, recebendo o turíbulo, incensava o altar em silêncio; depois, fazendo o sinal da cruz, começou o *Introito*. E a um sinal do regente, marcando o diapasão da voz, entoou o cantochão da *Gloria*.

– “*Gloria in excelsis Deo.*”

Depois de beijar o altar, Lúcio voltou-se para o povo, as mãos ambas levantadas, numa compostura grave, os olhos de um azul claro voltados para o céu.

– “*Dominus vobiscum.*”

– “*Et cum spiritu tuo.*”

– “*Oremus.*”

Terminada a oração, o Felicíssimo colocou o livro dos Evangelhos em o meio do altar, entre os grandes castiçais de prata onde os círios levantavam grandes chamas quietas. O celebrante benzeu o incenso e o livro.

– “*Dominus sit in corde meo et in labiis meis: ut digne et competente annuntiem Evangelium suum: In nomine Patris et Filii* (e fazia uma cruz no ar com a mão espalmada) *et Spiritus Sancti. Amen.*”

Voltando-se para o livro com as mãos juntas, fez o sinal da cruz na frente, na boca e no peito, e leu o Evangelho.

No *Credo* a sua voz clara e nítida cantou:

– “*Credo in unum Deum*” num grito de fé, num fervor sincero de crente que o aclamava:

– “Pai onipotente, criador do céu e da terra, das cousas visíveis e invisíveis.”

Acreditava em um Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, Deus nascido de Deus, luz emanada da luz.

E continuava a ardente profissão de fé nos demais dogmas e mistérios da Santa Madre Igreja Católica Apostólica.

– “*Confiteor unum baptisma in remissione peccatorum; et vita venturi saeculi. Amen.*”

Findo o ofertório, tomou a pátena, depôs a hóstia sobre o corporal. O sacristão ministrou-lhe o vinho e a água, contidos numa galheta; o celebrante benzeu o cálix e o incenso, e incensou o altar, rezando um salmo. Depois de lavar as mãos, rezou outro salmo; e beijando o altar, voltou-se para o povo, dizendo:

– “*Orate, fratres.*”

Chegou o momento em que o celebrante, estendendo, elevando e juntando as mãos, ergueu os olhos em êxtase para o céu, ficou reclinado sobre o altar, e deprecou:

— *“Te igitur, clementissime Pater, per Iesum Christum, Filium tuum, Dominum nostrum, supplices rogamus ac petimus ut accepta habeas et benedictas hæc munera, hæc sancta sacrificia illibata.”*

No alto da capela anjinhos trêfegos de aspecto pagão e bochechas rosadas voejavam em torno das imagens, com as pequeninas asas pregadas num fundo de nuvens recamado de estrelas, e dominando o altar, a Imaculada Virgem Nossa Senhora Rainha dos Anjos, pondo em equilíbrio a coroa de prata na cabeça fúlgida, revirava os olhos misericordiosos para o céu, com uma expressão de amaríssima tristeza. E, cousa singular! a Santa tinha os mesmos olhos de ternura mística e o perene sorriso de rosa aberta da Luísa...

Mas chegou o momento mais solene da missa, em que se faz o mistério da transubstanciação e da eucaristia. Tendo em ambas as mãos a hóstia entre os indicadores e polegares, ele disse em segredo a fórmula da consagração:

— *“Hoc est enim corpus meum.”*

E dobrando os joelhos, o celebrante adorava a hóstia consagrada; levantou-se, mostrou-a aos fiéis, colocou-a sobre o corporal para adorá-la de novo. Tomou depois o cálix, e novamente murmurou em segredo a fórmula sagrada:

— *“Hic est enim calix sanguinis mei, novi et æterni testamenti; mysterium fidei; qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum.”*

A multidão acompanhava todas as cerimônias com respeito e espanto, sem compreendê-las.

Proferidas as palavras da consagração, depôs o cálix sobre o corporal e recitou mentalmente; genuflexo, adorou, levantou-se, e novamente adorou. Todas as cerimônias e rubricas do ritual eram executadas fielmente, com uma grande pompa e uma severa solenidade. Ora, o sacerdote se dirigia de um para outro lado do altar; ora, ajoelhava-se a meio diante do tabernáculo; murmurando palavras ininteligíveis,

os olhos postos em alvo, percutia o peito, inclinava-se com as mãos juntas. Descobriu o cálix, ajoelhou-se, tomou o sacramento na mão direita e o cálix na esquerda, benzendo o cálix com a hóstia; tornou a depor ambos, e entoou de novo o canto-chão.

– “*Per omnia sæcula sæculorum.*”

A um lado do altar, o vigário Domingos, agasalhado num *cache-nez*, aprovava de vez em quando com pequenos sinais de cabeça.

Na igreja, abafava.

A viúva, envolvida num espesso véu negro, acompanhava de longe todos os movimentos do sacerdote; e ao seu lado, a Luísa, muito pálida no seu vestido preto, sentia-se embevecida, quando o celebrante levantava a sua voz cheia de uma unção amorosa, e via a sua linda cabeça loura e suave, lembrando o tipo doce de S. Luiz Gonzaga. As suas mãos muito claras, mãos finas e aristocráticas de prelado, levantavam a hóstia com uma graça infinita, e ele resplandecia nas suas vestes talaes, quando se voltava para os assistentes, os olhos indefiníveis e erráticos, onde brilhavam raios místicos.

E num enlanguescimento histórico, abaladas pela magnificência do ritual, pela austeridade do templo, pelas impressões solenes da música, as duas mulheres sonhavam, vagamente cercadas de um nimbo etéreo e espiritual, em que as antífonas cantavam todos os gozos dos céus.

Um silêncio profundo reinava na igreja, cujo ambiente pesava, cortado de bocejos, fazendo longos entorpecimentos de sesta; a fadiga quebrantava os paroquianos, como se filtros enlanguescedores espiralasses nas nuvens do incenso.

De súbito, num dado momento, todo o templo agitou-se e fremiu numa rustilada de sons dos sinos; foguetes espoucaram, e uma salva de bombas estrugiu nos ares. Um júbilo santo se espalhava pelas naves, e até o próprio sol, dissipadas as últimas neblinas, penetrava pelas ogivas em longas réstias luminosas, nas quais se viam vibrar os insetos.

No coro, a orquestra continuava a desprender a torrente de vozes, e os graves acordes gemiam numa severa majestade, solenes e magistrais, até ao cantochão final:

— *“I-te-e mis-sa est.”*

Terminada a missa, um rumor geral percorreu a igreja; vozes se levantavam; arrastavam-se os sapatos e os assentos; o asmático, num violento acesso de tosse, fez despertar num berreiro uma criança que dormia, um fio de baba escorrendo da boquinha rosada e fresca.

Os homens se levantaram, limpando os joelhos com os lenços, e mulheres do povo, titilantes de curiosidade erguiam-se nos bicos dos pés para verem o sacerdote.

Uma certa ordem se fazia aos poucos, e então pôde-se ver Lúcio, sentado, oferecendo ambas as mãos aos beijos dos fiéis, tendo ao seu lado o vigário Domingos que sorria para todos, cheio de deferências e cortesias.

Uma multidão de conhecidos, pessoas do povo na maior parte, beijava-lhe as mãos, e as mulheres disputavam a sua vez. Desde pela manhã que Lúcio fora abalado por uma certa comoção, sentindo-a crescer durante todo o ofício divino.

Tinha o coração dilatado numa alegria suave e tranquila, que lhe inundava a alma de ternura e lhe punha constrições na garganta.

E quando a Luísa toda comovida e a viúva, ainda mais pálida e trêmula, vieram, por sua vez beijar-lhe as mãos, ele teve ímpetos de rojar-se-lhe aos pés e beijar-lhes, ele, as fimbrias dos vestidos.

Toda a sua alma estava florida de graça e estrelada de bem-aventurança. E vendo a Luísa, ali, na primeira fila dos fiéis, o pequenino livro de missa entre as mãos, com o seu perene sorriso de rosa aberta e os seus olhos cheios de ternura mística, fitos nele, presentiu-a embevecida num êxtase profundo, como se sua alma branca viesse palpitando para ele pela eflorrescente via-láctea do desejo.

II

Por volta das duas horas apareceram as Teles, que eram vizinhas e moravam numa casa fronteira, de rótulas nas janelas.

Vinham muito penteadas e asseadas, com vestidos domingueiros de cores austeras, que casavam com as suas condições de celibatárias e solteironas, amáveis e seráficas. Costuravam junto às janelas de onde podiam ver sem serem vistas, um olho ávido sempre na rua, perscrutando a vizinhança, informando-se de todas as novidades. Não passava por ali uma criada ou indigente que não as chamassem para cavaquearem sobre a vida alheia.

Apenas bimbalhavam sinos, já as Teles, prófugas e afáveis, de óculos e grandes carões chupados, botavam-se para as sacristias, assistindo invariavelmente a toda a espécie de ofícios divinos, desde a primeira missa da manhã, até aos terços, às procissões, às ladainhas, às novenas que se celebravam em todas as capelas da paróquia. Sabiam os dias em que se mudavam as cores dos paramentos sacerdotais; conheciam os nomes de todos os objetos, ornamentos e alfaias usados nas igrejas; anunciavam quando os celebrantes tinham de ler a epístola ou outra oração do missal; quando as missas eram dúplices, quando eram votivas; e comungavam regularmente duas vezes por mês. Guardavam os dias de festa e domingos; jejuavam nos dias de preceito; liam obras pias e eram intolerantes em artigos de fé.

Em casa, as Teles não raro reuniam um rancho de comadres, com muita ordem e decência, e rezavam terços diante de um pequeno oratório antigo, verde, com frisos dourados e pequenas imagens de gesso sobre penhas de madeira preta.

O Felicíssimo, que elas ajudaram a criar e em cujo espírito haviam inculcido os mais severos preceitos da santa religião, muito efeminado e querido do mulhério beato, era quem ordinariamente tirava o terço,

com trinados de faniquito na voz de pífano, dando à melodia sagrada um ritmo de samba com derraços de violas plangentes.

As Teles, posto que descendentes de uma antiga família abastada, eram pobres e viviam modestamente de trabalhos de agulha e pequenas indústrias domésticas. Faziam palmas para as capelas, enxovais para anjos e confeitos para as procissões; cuidavam das roupas e das flores dos altares; eram também excelentes enfermeiras, e prestavam-se amavelmente a trabalhar em festas e bodas e a vestir anjinhos e defuntos.

Quanto ao mais gozavam de uma proverbial reputação de senhoras de costumes os mais austeros, recatadas, prestimosas e risonhas.

Uma delas, a dona Bibi (a outra irmã chamava-se familiarmente Fafá) trazia como de costume, o *Príncipe*, formoso cãozinho felpudo e branco, de focinho rosado e olhos sagazes, que tinha o mau hábito de saltar às pernas das visitas e insinuar-se-lhes, no colo, muito sensível às carícias e amigo das sestas gozadas no calor das saias.

Como vizinhas, tinham a maior intimidade na casa, e foram entrando até ao salão de visitas, de volta da casa de jantar, onde não encontraram ninguém.

Não tinham podido deixar de vir ver Lúcio. Souberam pelo Felicíssimo que ele estava incomodado.

— Ah! respondeu Lúcio, com um gesto vago, uma indisposição de momento.

E dona Flávia explicou que o filho fora sempre achacado e estando em jejum até ao meio-dia, sentira-se indisposto.

— Daí, o calor, a multidão da igreja naturalmente haviam de ter influído, observou dona Bibi.

A sua irmã, que era um tanto surda, sorriu para Lúcio, dizendo:

— Acho-o muito sadio também. Nunca o vi tão sadio!

Luísa, que descansava junto à viúva, fez ver a dona Bibi que o Lúcio tinha estado incomodado.

– Ah! sei! afirmou ela energicamente com a cabeça; deem-lhe um chá de losna. Temos lá em casa. Vou já buscar num pulo.

Mas Lúcio protestou.

– Já se sentia bem disposto, fatigado apenas.

– Dona Bibi achava natural a fadiga depois de uma missa tão longa. Em todo caso o remedinho sempre era bom.

Dona Fafá filosoficamente observou, com toda a gravidade:

– Que para se morrer era bastante a gente estar vivo.

Esta sentença profunda foi vivamente comentada.

E citou o caso ainda recente da morte de uma sua parenta próxima e amiga da infância, morta quase à míngua.

– A falar a verdade, disse dona Bibi, a morte fora motivada pela desídia do sobrinho, o Lins.

Lúcio não conhecia.

– Ora, o Lins, o advogado, seu amigo.

– Ah!

E manhosamente, sorrateiramente, com grandes circunlóquios puseram-se a dizer mal do sobrinho, sem religião nem modos decentes.

– Demais, não vê a vida imoral e desbragada que arrasta com mulheres de má vida?

Mas interrompeu-se de chofre, com um grande susto, porque soaram palmas na escada.

A viúva e a Luísa foram receber e voltaram acompanhadas do padre Domingos e do advogado.

As Teles se levantaram com grandes cerimônias de pessoas bem educadas.

O Lins desde a porta vinha fazendo um grande estardalhaço.

– Ora, Deus esteja nesta casa!

E avistando as Teles, fez-lhes uma profunda vênica zombeteira; e designando-as com um gesto:

– Oh! as tias! Tenho muito prazer de saudar a Santa Madre Igreja e o Tribunal do Santo Ofício.

Mas o padre Domingos foi saudá-las, cheio de atenções.

O Lins era um tipo franzino e débil, ligeiramente estrábico, usando monóculo por troça e para “conservar a linha e escandalizar a província”. Usava gravatas alarmantes e *fracks* pelintras que escandalizavam as sociedades roceiras.

Era tido na conta de grande talento e largo futuro, e todos consideravam-no como um valente esgrimista da palavra.

Apesar de dispor de muita clientela, conservava hábitos de estudante boêmio, sem se inquietar com pequenos ressentimentos e despeitos que a sua conduta despertava em algumas pessoas suscetíveis. A sua existência continuava a ser ainda um prolongamento da sua vida acadêmica, vida que fizera época, assinalada por anedotas picanter e casos suspeitos, aos quais nem sempre faltava certa graça.

Gostava de troçar das cousas mais graves e sérias, e sentia uma infinita satisfação em gozar do espanto que causava. Todas as suas ratices não o impediam, porém, de nutrir aspirações políticas, e em certas rodas já era sabida e comentada a sua candidatura nas próximas eleições. Dizia-se mesmo que o centro já havia incluído o seu nome na chapa do partido do distrito, e esperava-se que o pleito fosse renhido.

Mas o que o absolvía destas extravagâncias e o acobertava dos ódios que provocava, era uma certa graça natural de *causeur*, um talento de causar alvoroços na conversa e de provocar a hilaridade dos circunstantes, com gestos bruscos e cômicos, falando de cousas irizadas e álcres. Havia dissipado o seu pequeno patrimônio, numa prodigalidade de nababo, e era só, sem parentes mais próximos. Tinha sido discípulo e amigo de Lúcio desde a infância e haviam estreitado as relações de camaradagem a datar da escola. A despeito das suas extremadas divergências de convicções e princípios, continuavam

amigos, tendo Lúcio uma grande admiração por ele, se bem que lhe desgostassem no fundo os seus remoques e blasfêmias.

Padre Domingos também afetava por ele grande amizade; intimamente, porém, sentia-se pouco tranquilo e temia-lhe as chalaças.

Era um homem gorducho e atarracado, de barba espessa, sempre escanhoada, cabelos já grisalhos, com as lunetas faiscando no meio da cara redonda e balofa. Possuía magníficos dentes, fortes e claros. Muito liberal, cheio de uma larga tolerância benévola, assinava diversos periódicos, trabalhava nas eleições do distrito, onde gozava de muita influência, frequentava o teatro, os hotéis, e fumava cigarros nas boticas e nas casas de negócio. Tinha-se ordenado com dificuldade, e quando foi dirigir uma pequena paróquia num centro agrícola, era reacionário, muito magro, olhos suspeitos e sorriso azedo, uma palidez de cenobita – viscosa e sinistra. Levava a intolerância ao extremo, intransigente e ultramontano, de uma pobreza de mendigo.

Mas a freguesia prosperava; os terrenos eram ubérrimos, e ele começou a viver tranquilo entre a igreja e a lavoura. Os ares do campo, uma alimentação abundante e sadia, iam operando nele uma transformação lenta, mas radical.

Dizia missa de madrugada, tomava banhos frios, caçava perdizes e plantava cafezais, dirigindo ele próprio o eito, calçando grandes botas de couro branco. Tinha-se tornado ambicioso, trabalhador, tolerante, rijo, sanguíneo, amigo da mesa. Começou a formar o seu pecúlio; a fortuna sorria-lhe e lhe proporcionava uma vida regalada e fácil, dividida entre o batismo, a missa, as culturas e as colheitas.

Os tecidos adiposos se desenvolveram; começava a sentir fadiga, amar às sestas e às raparigas, que beliscava nas bochechas e perseguia nas estradas.

Depois, achando quem lhe comprasse a propriedade agrícola, escolheu aquela pequena cidade, onde repousava dos rudes trabalhos

da lavoura e gozava das delícias de uma vida regalada, cheia de gozos e de ordem, a casa confortável e grandes plantações de parreiras no quintal. Sentia-se satisfeito e feliz, cheio de tolerâncias, desejando apenas um coadjutor com o qual dividisse o serviço mais pesado da paróquia. Por isto sempre instara com dona Flávia, a viúva, para que ordenasse aquele filho único, e sentia-se agora plenamente satisfeito de vê-lo já entregue aos misteres sacerdotais. Apenas uma bronquite, apanhada numa das suas caçadas, começava a molestar os seus quarenta anos.

— Já sei, disse o Lins, sentando-se com muito desembaraço numa cadeira de balanço; já sei que as minhas tias muito naturalmente se ocupavam em dizer mal de mim e rogar para a minha frágil cabeça toda a cólera celeste.

Dona Fafá lançou-lhe um olhar rancoroso.

— Malcriado! rosnou dona Bibi.

— Não faça caso, disse dona Flávia; deixai-o falar. É só para rir.

O Lins prosseguiu:

— Mas o que hoje nos traz aqui, a mim e ao vigário, é virmos apresentar os nossos cumprimentos a Lúcio, à dona Flávia e à dona Luísa.

A viúva agradeceu.

— Pois é, meu velho, prosseguiu ele para o Lúcio, você celebrou hoje a sua missa nova, e eis por que me vi obrigado a escandalizar as minhas tias, indo eu também assistir ao ato e perturbar a santidade do templo com a minha presença de pecador impenitente e de imundo animal pecaminoso.

Dona Bibi sorriu, com um gesto de aprovação.

— Imundo, diz muito bem!

O Lins voltou-se com presteza e já com um vinco de sarcasmo na face.

– Oh! Amável abadesa! Praz-me fazer justiça sempre, a começar por casa.

E ele ia decerto vibrar-lhe algum epigrama ferino, quando soaram novas palmas e quase ao mesmo tempo veio para ali, aos pulinhos, espingolado e lépido, o Carlindo, e logo atrás dele assomou a figura grave e épica do professor Agapito.

Este trazia nas mãos o guarda-sol de alpaca, um lenço de Alcobça e um grande chapéu alto; vestia sobrecasaca desusada, colete de alpaca, calças de xadrez, e calçava botinas de duraque com biqueiras de verniz.

Usava corrente e anéis de coco e colarinhos altos.

Teria cinquenta anos.

Trazia a barba e a grenha incultas, e sobre os ombros, à gola da sobrecasaca, amontoava-se a carepa que as unhas agudas arrancavam à cabeça.

Muito magro, macilento, cheio de verrugas, era extremamente cortês e atencioso, principalmente com as damas, e tinha o passo grandioso e medido de um general reformado. Lembrava vagamente a silhueta de uma cegonha contemplativa.

– A senhora dona Flávia como tem passado? E a excelentíssima senhora dona Luísa? E o seu preclaro filho?

Era um antigo professor de latim, jubilado. Gozava da reputação de homem letrado, sobremodo versado no conhecimento de línguas, muito amigo dos clássicos, purista convicto e intransigente inimigo de inovações da linguagem. Escrevia nos jornais, e era sócio honorário do Instituto Histórico Geográfico do Brasil. Era autor de um drama sacro *Os martírios de uma família*, em cinco atos, que nunca se representara. Notável decifrador de charadas e logogrifos, parceiro do gamão com o padre Domingos, grande tocador de violão, adepto fervoroso da monarquia e admirador das virtudes cívicas e privadas

do senhor D. Pedro II. Ocupava-se, depois de dois anos, em escrever um trabalho que intitulara *Antologia Tapuia*. Era celibatário, e vivia com muito método e decência. Não tinha vícios sabidos; mas dizia-se que embriagava-se constantemente, em casa.

O Lins fez-lhe uma profunda vênia, saudando-o.

– Respeitável mestre e ilustre preceptor.

O professor retribuiu-lhe familiarmente a vênia dizendo:

– Ilustre sacerdote de Têmis? *Quomodo vales?*

Para Carlindo o Lins teve uma palmadinha no ombro.

– Adeus, Carlindo.

Este estava trajando luto pesado, porque se enviudara.

Era de pequena estatura, magro, nervoso, inquieto, piscando os olhos constantemente, cuspidando para os lados, incapaz de ficar assentado muito tempo.

Era parente afastado e um dos antigos condiscípulos de Lúcio. Falhara, porém, a sua carreira, e ele ficara sendo um desclassificado, sem profissão definida, ensinando música, dirigindo o teatro de amadores, requerendo no júizo de paz, fazendo escritas comerciais e lançando mão de muitos outros expedientes para prover parcos meios de subsistência. Tinha a seu cargo umas sobrinhas, que trabalhavam em costuras e bordados. Lia muito, lia infatigavelmente; e possuía uma dessas instruções adquiridas ao acaso, sem princípios sólidos, nem método. Tinha-se declarado sucessivamente protestante, positivista e espírita, de onde se originou indispor-se seriamente com o padre Domingos, de que conservava profundo rancor.

Quando entrou pôs o chapéu sobre o sofá, e o *Príncipe* sorrateiramente se apoderara deste e tinha ido mordê-lo e mastigá-lo debaixo do mesmo móvel.

Ele sentou-se limpando o suor da testa, com movimentos rápidos, muito pisco, sentindo-se incomodado junto às Teles e ao pároco.

Houve um momento de silêncio, penoso e longo.

– Está calor! disse ele.

– A gente abafa, disse a Teles.

E o senhor Agapito doutoralmente confirmou:

– Pois não; faz uma calma senegalesca, canicular!

Percebia-se que ele construía e preparava frases antes de proferi-las.

Mas, de chofre, sem que ninguém a esperasse, a louca entrou na sala. Como costumava dilacerar as roupas nas crises de furor, vestiam-na apenas numa grande camisola de ganga, solta desde o pescoço e os braços.

Andava descalça e tinha os cabelos talhados à escovinha. Chamava-se Matilde.

Não se parecia nada com a sua filha Luísa; era gorda, de uma gordura flácida de hipertrofia, com a cor amarela dos hepáticos, perfil agudo, mas o que espavoria era a expressão hoffmânica daquele rosto animado somente pelos olhos de um brilho glacial, de córnea cor de açafreão, sem pestanas nas pálpebras comidas por uma oftalmia purulenta; eram sinistros e profundos como as cisternas sem luz, muito abertos, tendo nas pupilas o assombro sepulcral de um cadáver que voltasse à vida – olhos terríveis de larva, frios e espectrais.

Houve um constrangimento geral, porque a família evitava apresentar a doente às visitas; costumavam encarcerá-la, mas quando melhorava conservava-se no seu quarto horas e horas calada ou falando cousas aparvalhadas e incongruentes de perseguições e assassinatos.

Obedecia somente a Luísa, e este dia sentindo talvez demasiado movimento em toda a casa, escapara-se para a sala, onde as visitas palestravam.

Logo que entrou fez cair uma cadeira, e parou aparvalhada, olhando para as visitas surpreendidas.

Dona Flávia e a Luísa procuraram logo conduzi-la para o interior da casa, receando alguma inconveniência.

– Matilde, vamos para dentro; voltemos para dentro.

Ela, porém, parecia muito surpreendida e admirada de ver tanta gente reunida; as Teles também foram ter com ela e convidaram-na para voltar, ao que ela nada respondia, com a boca aberta, cheia de espanto.

A viúva começava a inquietar-se; a louca encarava Lúcio com uma fixidez inalterável, e de repente começou a recuar, gritando:

– Vêm matar-me! Vêm matar-me! Ladrões, ladrões! São assassinos! São assassinos!

E a sua voz desagradável foi se perdendo no interior da casa, para onde a viúva e a Luísa a tinham acompanhado. Aquilo tinha sido tão rápido e inesperado que as visitas não tinham tido tempo de mover-se ou de intervir. Sentiam apenas um mal estar, um constrangimento doloroso.

– Que pena! disse o Carlindo.

– Certamente, afirmou o professor; um lastimável infortúnio. E há muitos anos que sofre de alienação mental?

– Coitada! suspirou o Lúcio; há muitos anos; nem sei quantos. Sempre a conheci assim, como acabam de vê-la e estes são os períodos mais tranquilos da sua vida.

O Lins tinha-se tornado sério.

– E o que é pior, disse ele para o Lúcio, é que essas heranças mórbidas se transmitem na maior parte dos casos.

– É verdade! concordou padre Domingos, assoando-se com estrondo.

– *Exceptis excipiendis*, senhor vigário, disse o professor; e inquirindo:

– E qual a causa daquela loucura?

Lúcio ignorava.

Aquilo viera de repente, como já havia acontecido a mais de uma pessoa de sua família, em que se contavam muitos loucos pelo lado materno.

Fez-se uma pausa na conversação.

A tarde caía, muito cálida, pondo no céu um torpor sonolento. Num quintalejo próximo, um galo clarinizou sonorosamente.

O vigário Domingos voltou-se com solicitude para o senhor Agapito.

– Então, caro professor, continua a consagrar-se aos seus trabalhos? Esqueceu-me o título do seu trabalho...

O professor informou-o logo, com urbanidade:

– *Antologia Tapuia ou sucintas memórias sobre a história da língua tapuia e florilégio de um dialeto indígena.*

O Lins mostrou-se interessado; pediu mais esclarecimentos.

– Não sabia que o professor havia se dedicado agora a este gênero de estudos. E tem convivido com indígenas?

Agapito declarou muito solenemente que não lhe fora preciso manter comércio com os gentios para a composição do seu pequeno trabalho que destinava ao Instituto Histórico.

– Tenho colhido subsídios de pessoas fidedignas, meu caro senhor, e posso garantir toda a veracidade dos fatos que cito.

– Porém... ia dizendo o Lins.

O professor interrompeu-o delicadamente:

– Não atalhando o seu honrado propósito, devo responder ao prezado senhor vigário que nestes últimos dias não me hei consagrado aos labores a que se reporta sua reverendíssima. Porquanto, abrindo uma honrosa exceção aos meus hábitos e propósitos, furtei alguns momentos aos meus afãs para consagrá-los à leitura de um livro novo de um antigo discípulo meu.

E voltando-se para Lúcio:

– Você o conhece, Lúcio; foi seu discípulo e companheiro de classe – o Augustinho...

Lúcio, porém, não se lembrava, e o senhor Agapito ajuntou, com solicitude:

– O Augustinho Penido, um fragilzinho, valetudinário, que, entretanto, revelou-se agora um aproveitável talento. Sempre me consagrou uma sincera estima aquele belíssimo rapaz, e agora publicou um livro, obra didática de real merecimento, que eu até trouxe aqui para que você a leia, meu caro Lúcio, e devidamente a aprecie. Afiânço-lhe que não malbaratará o seu tempo.

Mergulhou a mão na ampla algibeira, e sacou uma pequena brochura, em capa de cor, pompeando grande luxo de vinhetas.

– Qual é o título? interrogou o Carlindo, já curioso.

– *Catecismo gramatical*, leu o professor.

O Lins ajeitou-se na cadeira. Que bruzundanga era aquela?

– *Catecismo gramatical?* perguntou. Que título extravagante!

– Sim... talvez, ajuntou Agapito. Porém creia que o trabalho é de grande monta, e muito recomenda as aptidões do autor.

E a título de informação, acrescentou, voltando-se para Lúcio:

– Além de que o seu autor é altamente benévolo e sobremodo gentil para comigo, Lúcio, pois consagrou-me algumas linhas generosas no preâmbulo com que abre o livro.

– Ah! fez o Lúcio.

Houve um interesse geral. Agapito sorria modestamente.

– Se não fora enfadonho, eu o leria aos amigos, não por censurável imodéstia, mas para apresentar-lhes o autor. Os senhores, porém, lerão depois a obra, que entrego agora às mãos do nosso prezado Lúcio.

Lúcio, porém, protestou com vivacidade:

– Não, professor, queremos ouvir o prólogo; leia-o por favor.

Agapito ficou interdito.

– Sim, leia, pediu também o vigário.

Agapito fez um gesto de resignação, dobrou meticulosamente o lenço encarnado, alisou as longas barbas clássicas, abriu a brochura, e leu com ênfase e inflexões cavernosas:

– “Ao colendo mestre e operoso preceptor Agapito Pantaleão de Mendonça.”

E como um parêntese, advertiu:

– Já lhe disse o como o autor é demasiadamente benévolo para comigo.

Muito sisudo, prosseguiu:

¹“A ti, exemplo de saber e flor do magistério mineiro, rendo aqui no rosto deste livro, a pálida homenagem e bem pouco relevante preito da minha admiração verdadeira e inexcedível reconhecimento – admiração pelos nobres dotes do teu alevantado espírito, cujos ócios abundantes foram proficuamente consagrados a elucubrações tão proveitosas como a elaboração desses *Martírios de uma família*, famoso drama sacro que toda a província conhece e com razão aplaude – e reconhecimento pelo muito que do teu saber e empenho houve o meu apoucado espírito.

Graças ao teu luminoso método de ensino e mercê dos teus substanciosos carolos (tanto aos carolos quanto aos métodos, valha a verdade) ...”

– Isto diz ele, em parênteses, obtemperou Agapito; e sorrindo com indulgência, registrou benevolmente:

– Reminiscência jovial de inocente chacota.

E prosseguiu na leitura interrompida:

– ... “pude iniciar-me desde a minha indolente puerícia nos segredos das odes horacianas e apascentar-me nessa olorosa poesia

I  Não há travessão no original.

que perfuma e suaviza os carmes do melodioso cantor de Mântua, que sob o disfarce de Títiro deplora e incrimina a ingratidão da desdenhosa Amarílis, zagala amorosa de pegureiros e moços de lavoura.

Tal foi a impressão que no meu tenro espírito exerceu o sonoro alaúde deste bardo, que ainda hoje apenas me tocam e comovem os assuntos pastoris e idílicos que evoquem paisagens bucólicas de ervas e faias, com pastorinhos impúberes como Aléxis e cordeirinhos cândidos balindo e pinchando nos sítios eriçados de penedias.

Além dos queijos curados que a tua munificência, querido mestre, amavelmente e a título de festas, me expede das estações da Central, devo-lhe o leite do saber que bebi dos teus fartos seios, e que é para mim uma prenda superior a todas as outras com que a natureza porventura quisesse dotar-me; pois não é de somenos valor para mim o gosto que me instilaste pelas letras clássicas e vernáculas. Ora, tendo eu consagrado o melhor dos meus lazeres, roubados a uma existência laboriosíssima, à composição deste livro, de justiça e razão afigurou-se-me estampar-lhe no frontispício, com todas as letras, o teu glorioso nome, como tributo da minha admiração.

Mas minto, colendo mestre!

Para que dissimular-te o segredo que aqui está me pesando? O meu primitivo desejo fora pedir-te uma bela ode em versos jâmbicos ou spondeus, ou uma prefação, que recomendasse o fruto dos meus trabalhos literários à benevolência do amável leitor; mas vinha-me a lembrança a tua aversão ao público ignaro – *Odi profanum vulgus*, dirias tu – desde que uma crítica mesquinha de solércias e diatribes enxovalhou de facécias e epítetos indecorosos o teu doutrinário e emocionante drama sacro, em cinco atos, com mutações de cenários e engrenagens e alçapões de mágica.

Que admirável melodrama!

Que substanciosa e arcoirisada obra-prima! Ainda hoje me inspiro naquelas páginas, regalando-me e extasiando-me.

Mas, visto que te despiste das últimas veleidades literárias, prescindindo do prefácio, protestando, porém, perdurar o teu nome no meu livro modesto, onde ele figurará, se assim o entenderem os zoilos, como a inscrição de um nome emérito sobre uma pobre sepultura vazia.

Dá, pois, que nesta página inscreva o teu nome. Seja ele para mim um apanágio contra a crítica indígena – crítica de cretinos e foliculários ineptos que através dos ignóbeis noticiários de folhas insensatas fingem desconhecer homens da estatura moral de Agapito ou lancem as farpas do ridículo e do doesto sobre os seus substanciosos trabalhos. Quanto a mim, que me desvanço de ser seu discípulo e prolongamento, pouco se me dá que venham zurrar em torno desta manjedoura, quero dizer, deste inocente opúsculo. Quer zurrem, quer não, continuarei impavidamente, no recanto obscuro desta saudável província, a criar bácoros no meu retiro e parir livros para os analfabetos do país.”

Terminou a leitura rindo com bonomia:

– Os senhores hão de concordar que o remoque é pitoresco, não acha o senhor Carlindo?

O Carlindo desatou a piscar.

– Sim, pitoresco, afirmou.

Agapito fechou o livro e o entregou ao Lúcio.

– Se algo pode valer minha desautorizada opinião, afirmaria que se poderia chamar a esta prefação – o *prefácio do Cromwell*; não acha, senhor doutor?

O Lins não podia se conter; andava freneticamente pelo salão. Interpelado, aproximou-se do professor.

– E diga-me uma cousa, perguntou ele com interesse; esse senhor da tal cartilha, enfim o autor do catecismo é valetudinário, disse o

senhor. Pode fazer-me o obséquio de informar-me se é hidrocéfalo ou se sofre alguma afecção cerebral?

Agapito ficou interdito!

– Perdão, disse ele, porém jamais me constou que Augustinho houvesse sido vítima de um insulto nas suas faculdades mentais!

E após certa reflexão:

– O meu douto amigo achou qualquer anomalia no estilo ou deturpação às boas normas do falar vernáculo?

– Não digo isso. Precisava desse esclarecimento, porque o senhor mesmo é que informou-me ser o seu discípulo valetudinário. Quanto aos seus dotes, o senhor também já os qualificou devidamente. O autor é pitoresco, é: parece que às vezes excede-se no pitoresco!

Ria-se, esfregando as mãos:

– Está quente, hein?

Padre Domingos não pôde reprimir um bocejo. A leitura soporífera do prefácio enchera-o de lassidão e sono; o Carlindo, constrangido, calava-se, assustado, olhando para um lado e para outro. Lúcio ouvia em silêncio sorrindo. Só o Lins andava agitado pela sala.

As Teles voltaram, tinham deixado a dona Matilde já sossegada.

Elas tinham assistido àquilo muitas vezes e estavam familiarizadas com a doente.


O professor pediu permissão para retirar-se.

– Como? Pois tão depressa?

O Carlindo também se dispunha a sair e procurava o chapéu.

O professor explicava gravemente, alisando as barbas incultas:

– Tinha vindo apenas apresentar a suas proflças² e inquirir da preciosa saúde de toda a família.

²  No original, “profalças”.

Lúcio ainda insistiu para detê-los; mas o Carlindo, aos saltinhos, fez ver que estava tratando de um negócio para o qual já deviam estar o esperando em casa... Mas aonde, diabo, teria metido o chapéu?

E andava a percorrer os móveis.

– Ah! mas não era cousa grave; apenas deviam estar em casa dele alguns músicos da *Euterpe*.

– Algum concerto, talvez? perguntou o Lúcio.

– Não; concerto? Não, absolutamente. Desculpasse, não podia boquejar.

E procurava o chapéu.

Lúcio apanhou um debaixo do sofá. Seria aquele?

– Com os diabos! Ele mesmo, felizmente. E lançou um olhar rancoroso ao *Príncipe*.

– Quanto ao negócio, é uma surpresa. Você saberá mais tarde. E então, adeusinho, hein?

E o professor pedia-lhe para recomendá-lo à dona Flávia e apresentar os seus respeitos à dona Luísa.

Quando Lúcio, que foi levá-los à escada, voltou, dona Bibi falava ao padre Domingos:

– Está inteiramente maluco. Ora, quem quer falar! Pior do que dona Matilde é ele, e não lhe vestem uma camisa de força.

Percebeu que falavam do Carlindo.

– Pois, olhem, obtemperou o Lins, tolero mais facilmente o Carlindo com as suas toleimas do que esta preciosidade arqueológica que é o nosso professor Agapito.

A dona Fafá, quis protestar; mas a dona Bibi rejubilava, e secundava energeticamente o ataque.

Padre Domingos sorria complacentemente, cheio de indulgência para todas as cousas mundanas.

Novas vistas foram aparecendo a pouco e pouco, quase todos parentes remotos e amigos da família; vulgares, sem um traço característico nas suas fisionomias vagas e nebulosas, boa gente na mor parte, obscura, encolhida na sua humildade, sentiam-se mal no velho salão, último atestado da antiga opulência da casa, em que os passos morriam no tapete e as vozes ressoavam, altas.

Pelas paredes penduravam-se quadros de litografias banais; dois deles representavam os monarcas, no tempo de moços. A mobília de jacarandá dava um aspecto mais severo ao salão afidalgado ao gosto provinciano, com sacadas abertas para a rua.

Apareceram famílias mal trajadas, de aparência honesta e crianças tímidas e bochechudas, de ar embezerrado e selvático. Também tinham vindo pessoas do campo e mulheres da lavoura, que se punham para a sala de jantar, acocorando-se pelos cantos da casa. Traziam pequenos presentes — doces em potes de barro, queijos frescos e ovos. Os caipiras vinham montando magras alimárias, chupando as pontas de cigarros e fazendo ressoar as esporas nos ladrilhos do vestibulo.

Falavam de cousas da lavoura, comentavam os incidentes da missa.

A pequena sociedade aborrecia-se, e até as crianças bocejavam, amoladas.

Soaram três horas.

O sol faiscava nas calçadas. O Felicíssimo tinha servido o café.

O salão abafava.

O Lins levantou-se.

— Bato em retirada, e deixo o inimigo no campo de batalha.

Referia-se de novo às Teles.

Padre Domingos também se retirava com ele; e quando Lúcio, depois de despedir-se deles na escada, voltou, a dona Bibi disse, sorrindo:

— Ora deixa estar que é bem divertido este pintalegrete.

– É rapaz, respondeu o Lúcio com bonomia; vive rindo.

– Lá diz o rifão: “Muito riso, pouco siso.”

E parou, sondando os olhos do clérigo. Depois prosseguiu:

– Sei que são amigos; mas desculpe, menino, cá por mim, com franqueza, não o acho digno da sua amizade. É um libertino. Não sei por que os senhores, que são padres, condescendem com umas tantas cousas. Veja, por exemplo, padre Domingos: como se ri daquelas sandices!

– A senhora é muito severa, dona Bibi.

– Eu? Severa? Sou apenas justa. E não peço contemplações comigo: acusem-me, não me poupem! Porque trago a vida limpa e não receio remoques da gentinha insolente; mas não sei – e sorria com intenção – não sei se o próprio vigário poderá dizer a mesma cousa...

Era sempre assim. Falava por meio de circunlóquios hábeis e reticências onde havia as insinuações mais pérfidas.

Mas a debandada das visitas continuava, no meio daquela assembleia de soníferos, onde as crianças cabeceavam de sono e fadiga. E à medida que se retiravam, as Teles abraçavam as crianças e as senhoras, com muitos segredinhos e carícias, sorrindo, e com preâmbulos maquiavélicos e untuosos expunham-lhes as faltas de caráter, os vícios e os defeitos.

E elas, que foram as primeiras visitas, foram as últimas que se despediram, abraçando pela cintura a Luluzinha, que era como chamavam a Luísa.

– Quando será o seu casamento, sua sonsinha? E precisamos confessar esses pecados. Olha, padre não falta; temo-lo em casa.

E riram-se muito, descendo a escada com o *Príncipe* ao colo, todo arquejante de calor, a pequena língua rosada de fora.

– Apre!

E Lúcio espreguiçou-se lentamente.

Pela noite a atmosfera refrescara, e o céu tinha uma transparência de cristal, tão doce que se percebia o formigamento da luz das estrelas, picando aqui e além a pureza etereal.

O aroma das roseiras e dos jasmineiros subia do jardim, e ao longe, no sítio em que o rio corria, flutuava, esboçando-se na sombra, o primeiro farrapo da névoa.

Posto que ainda fosse cedo, Lúcio subiu para o seu quarto, e quando ia entrar, voltou-se por acaso, e viu à porta do quarto vizinho a Luísa, que fugiu, não tão depressa que ele não sentisse a impressão indefinível do seu olhar, cheio de afetividades e misteriosas ternuras. E esta impressão imprevista fora tão nítida e completa, que ele sentiu uma pancada no coração, e as mãos tremiam para abrir a porta.

Dir-se-ia?...

E ele procurava repelir a hipótese de uma paixão talvez ou de uma afeição menos pura. Mas, não era possível! Que criancice! Estava a sonhar ele, um padre, que não devia pecar nem por pensamento. E passeou agitado pelo quarto; vinha-lhe a lembrança de certos fatos da meninice, os brinquedos inocentes e escabrosos do *Tempo será*, em que iam se esconder ambos num grande forno de assar, e os batizados de uma boneca de pano de que eles faziam de pais, de mentira...

Repeliu estas extravagâncias. Cousas de criança! Decididamente que estava a malucar!

E foi reclinar-se no leito, vestido, para descansar apenas.

Sentia-se vencido pela fadiga e possuído de uma suave lassidão que o impelia para o leito e para o repouso, com os nervos bambos pelas emoções experimentadas durante o dia – um grande dia que abria um parênteses de atividade na monotonia de sua vida obscura.

– Desejava pensar em cousas alegres, luminosas, cantantes; mas voltava-lhe, com a impertinência de uma mosca importuna, a lembrança da Luísa, e notou mais o incidente da analogia que havia descoberto

entre a padroeira da matriz do lugar e as feições da prima, os cabelos, as sobrancelhas e um certo modo de olhar de baixo para cima. Mas o seu pensamento perdia-se em nebulosidades e penetrava na região hiperbórea que o espírito atravessa ao adormecer; as ideias perdiam os relevos e a nitidez; o contorno das cousas dissipava-se; ele sentiu a impressão de quem resvala numa queda deliciosa, e adormeceu, o peito dilatado por um profundo suspiro. Lá no fundo do seu *eu* o pensamento, porém, continuava a latejar, se bem que sem a lógica e a clareza da vigília.

Via ainda a Luísa sobre o altar, uma coroa de prata na cabeça fúlgida, a capa de azul tombando dos ombros; em torno dela os círios abriam rosas de ouro, e os nimbos cobriam-se de uma pulverização branca de luar morno. As estrelas entravam a dançar, enchendo o céu de discos inflamados e pequenas hóstias de fogo.

E a santa, esmagando com um pé intrépido a cabeça do demônio, acenava para ele:

– Lúcio, levanta-te e vem olhar as roseiras místicas que plantamos nas torres de marfim! Faze-te tolo! Bem sabes que te amo deveras; e nem isto é novidade, desde que vem do tempo de crianças.

Cousa singular! a sua voz tinha o som de um clarinete que se afinasse.

Mas ela começou a tremer, e fugia, com gritinhos de terror, amparando a coroa para não a deixar cair; e Lúcio viu aparecer um dragão preto, de olhos inflamados, que era naturalmente o diabo e que perseguia a santa, agitando a enorme cauda enroscada.

Luísa gritava:

– Lúcio! Lúcio! Socorro!

E a sua voz bizarra parecia o som de um clarinete!

Mas o dragão estacou de chofre; e pôs-se a crescer, a crescer, a crescer. Dilatava-se como uma cousa informe, vasta e esférica. E deu um estouro medonho...

Ao mesmo tempo Lúcio despertou, alagado de suor e sobressaltado pela rajada de um foguete que subiu junto às janelas e espoucou nos ares.

Tinha se dado um sinal no bombo, e uma filarmônica postada debaixo do seu quarto, na rua, a um só tempo, com *fortes* dos metais asprou os primeiros compassos do hino.

Ele saltou da cama, violentamente chamado à realidade e foi abrir a janela, por onde penetrava a claridade pálida da noite toda palpitante de estrelas.

A música estrugiu entusiasticamente, e um segundo foguete riscou a noite numa rutilada de fogo, estourando nos ares.

Dominando o estrondo da música e o estampido dos foguetes, uma voz esganiçada, a voz do Carlindo, estrugiu sob a noite silenciosa.

— Viva o reverendíssimo senhor padre Lúcio! Viva a *Sociedade Filarmonica União dos Filhos de Euterpe!* Viva a República!

A cauda de povo que acompanhava a charanga, berrava num coro de vozes desconcertadas:

— Vivôôô!

Lúcio compreendeu, então, que era aquela manifestação de apreço a surpresa de que lhe falara o Carlindo.

E enquanto descia para recebê-los na pacatez da rua adormecida, posta em alvoroço, sob a estrelada tranquilidade da noite silenciosa, o hino nacional reboava — patrioticamente.

III

Uma semana depois, Lúcio desceu à horta pela manhã, lendo o seu breviário.

Caminhava muito lentamente todo concentrado na sua leitura, de modo que, quando levantou os olhos, teve uma surpresa, encontrando a Luísa que se ocupava em tirar água de um poço por meio de um balde e uma corda passada por uma roldana.

Era visível o esforço que fazia, porque o seu rosto pálido de anêmica estava ligeiramente corado e pequenos pontos de suor formavam na fronte.

Era o poço profundo e escuro, com as paredes cobertas de limo, de onde saíam pequenos ramos verdes de feto macho e o bafio dos lugares úmidos e subterrâneos. Lá no fundo das trevas uma água morta dormia numa claridade baça em que a luz, que vinha de cima, se afogava; e essa água sinistra, dormindo ao fundo da mina, tinha a atração indefinível das voragens e o vago assombro de um olho sem luz.

Quando o balde, atirado de cima, caía sobre a água, ouvia-se o choque lá em baixo, um baque soturno que ecoava poço afora, num grito de protesto da água adormecida, em que os batráquios, hediondos e disformes, coaxavam à noite.

Uma pequena parede de tijolos e cimento defendia as bordas da cisterna, junto à qual havia uma tina e um banco para a lavagem da roupa; um pouco abaixo nas sobras da água empoçada nas anfractuosidades das pedras, voavam libélulas, fazendo fremir as asas e saltar pequenas gotas de água para os lados.

– Bom dia, Luísa.

Também ela, que estava de costas, voltou-se surpreendida, sorrindo para ele com o seu sorriso pálido de criança:

– Bom dia, Lúcio.

Moravam juntos, debaixo do mesmo teto, entretanto quase não se tinham visto durante aqueles dias, Lúcio distraído nos seus misteres e Luísa ocupada no serviço doméstico.

Ele mesmo ignorava quais as ocupações da prima e os negócios da casa, que sempre estiveram entregues à viúva; e continuava a deixar-se dominar passivamente, com aquela docilidade que lhe inculcia na vontade a índole tirânica de dona Flávia.

Distraído com as visitas que continuavam a procurá-lo ainda, achava naturalíssimo o desaparecimento da prima e nem suspeitou nesta conduta o menor propósito.

— Só agora reparo que você parece fugir de mim. Meto-lhe medo, acaso?

Luísa sorriu, constrangida.

— Que ideia! não lhe metia medo algum; mas...

E vacilou, pestanejando:

— Estava muito ocupada, entregue aos seus trabalhos.

— Pois sim, pois sim, retrucou Lúcio a rir; mas eles não hão de ser tantos que não te deem tempo de falar à gente, não é verdade?

Ela havia lançado o balde para o poço, e enquanto a corda deslizava, a roldana rangia, numa praga de ferro velho que a ferrugem atacava como uma lepra.

O moço clérigo tinha vindo sentar-se à borda do poço, o breviário fechado na mão.

— Na verdade não é o trabalho da casa o que me absorve, disse a Luísa; mas você sabe a doença da mamã, os seus achaques durante o dia, as suas vigílias durante a noite...

Lúcio protestava.

— Mas a tia estava muito melhor; pelo menos os acessos parece que tinham melhorado sensivelmente.

Luísa balançava a cabeça, com ar de desalento.

Sim, os acessos eram mais moderados, era certo; as vigílias, porém, haviam-se prolongado e repetido. A mamã quase não dormia, e não a deixava dormir também.

– Pois, dormem juntas? perguntou Lúcio, admirado.

Ela morava no quarto contíguo ao da doente, o que ficava por debaixo da escada e tinha uma janela para o pátio.

– Sei, sei, dizia o padre cada vez mais surpreendido; o quarto escuro, onde nos prendiam em pequenos para nos castigarem.

Era um pequeno cubículo debaixo da escada, com uma parede para o pátio, que nunca deixava de estar úmida e enodada de verde; o chão era de tijolos e fazia um frio de morte.

Havia grandes lacraus nas fendas da escada; e daí ficara na sua memória uma reminiscência pálida de açoites ali, nos escravos da casa, e uma lenda de assombrações...

– Mas por que mora você ali, Luísa?

Ela baixou os olhos, corada. Ora, a mãe sofria tanto, sozinha no quarto imediato, o que tinha balaústre nas janelas e grades de prisão na porta. Tinha pena de vê-la gritar à noite e de abandoná-la à sua própria loucura! Daí, que tinha o seu quarto? Já se havia habituado a ele e achava-o até bem confortável.

Ela mentia: os seus cuidados juntos à louca, à noite, eram inúteis; e como esta não tinha crises muito violentas, podiam dormir ambas no quarto do sobrado, onde ela morava antigamente, vizinho ao de Lúcio.

Mas na véspera do filho regressar à casa, terminado o curso canônico, a viúva havia determinado aquela mudança, a sua intransigente austeridade não lhe permitindo consentir na vizinhança da rapariga e do primo.

A viúva tinha um amor exagerado à virtude, respeitava e acatava todos os preconceitos, era intransigente mesmo nas menores cousas que pudessem gerar a mais leve suspeita no seu lar e tinha um zelo mal dissimulado, monstruoso e feroz, pelo seu filho. Luísa, como todas as pessoas que sofrem, tinha a penetração fácil das cousas e havia

compreendido toda a intenção da tia, cujos escrúpulos conhecia; não obstante, não se queixava, achando-lhe razão até.

Lúcio ouviu-a explicar-se, examinando-a agora com uma certa curiosidade e interesse. Pressentia qualquer cousa de doloroso e de triste nas comissuras dos seus lábios, uma vaga tristeza a empanar-lhe o brilho dos olhos tão transparentes na sua candura quase pueril, e aquela palidez de insônias desbotando as suas formosas faces coradas. A ruga precoce da testa, vincando-a de apreensões dissimuladas, foi para ele quase que uma declaração.

E sentiu-se tomado de interesse por ela, aquela moça que parecia ainda vacilar entre a mulher e a menina, o vestido preto disfarçando o seio núbil, muito magra, tendo antes o corpo de um rapaz, de que ele fora o companheiro mais velho da infância. Continuava a manter por ela uma sincera afeição de irmão, profunda e casta, e muitas vezes pensava em vê-la casada com um rapaz de bem, meigo e trabalhador.

Reparou também que ela tinha as mãos grossas e feias, as unhas estaladas e sujas, os dedos picados de agulha; a saia preta tinha grandes nódoas e farrapos na fimbria; e os sapatos eram grosseiros, cambados. Os cabelos sedosos e castanhos, muito compridos, estavam presos numa trança caída nas costas e tinham um tom seco. O conjunto era desagradável e maltrapilho, fazendo evocar misérias e sofrimentos; entretanto ela tinha perfil bonito e o seu sorriso era gracioso, apesar de esflorar-se num tom desbotado de rosas murchas. Tinha a cabeça inteligente e sofredora, um olhar de boa rapariga esbordada, tolhida sempre em receios bruscos e passos vacilantes.

Podia-se dizer mesmo quase bonita, mas de uma beleza ingênua de criança, mal esboçada, que se acata e que não se deseja.

E ao cabo de alguns segundos de contemplação silenciosa, Lúcio notou:

– Sabe, prima! acho-a triste.

E ela assustada:

– Triste? E por quê? Que ideia extravagante!

E explicou logo:

– Sempre fui assim, como me vê, sensaborona. É gênio.

– Pode ser, concordou Lúcio, descrente; e pode também ser que esteja doente.

Ela riu-se gostosamente.

– Acha-me com aparência de doente? E quem sabe é médico?

– Por que não? Os padres são os médicos das almas.

– Bem sei, bem sei; mas não poderão adiantar mais do que os próprios doentes... quando o estão deveras.

Lúcio levantou-se.

– Mas, seriamente. Acho-a pálida; e depois que falou-me que dorme no quartinho escuro, faz-me calafrios. Ali não se respira; abafa-se no verão; no tempo frio tiritá-se. Que horror! Dá-me, não sei por quê, a impressão de uma sepultura. Olha, é preciso que você se mude de um tal aposento; é absolutamente preciso!

– Mas eu é que não quero, disse Luísa; eu é que não consinto em abandonar a mamã. E peço-lhe que nem fale nisto à tia.

– Por que não?

– Suplico-lhe que não lhe fale nisso.

E despejou o balde cheio d'água na tina de madeira que lhe ficava próxima.

– Para que a água? perguntou Lúcio.

Ela explicou que tinha de lavar a roupa.

– Pois também lava a roupa?

– E por que não? Felizmente sabia fazer todo o serviço de uma casa, e sentia-se orgulhosa disso.

– Sim; mas há de confessar que é pesado; é muito pesado.

Quando entrou em casa, falou à dona Flávia:

– Olha, mãe; é preciso mudar-se a Luísa do quartinho escuro.

A viúva parou espantada.

– E então, por quê?

Ora, um quarto, sem luz e sem ar, porejando umidade. Aquilo naturalmente havia de fazer mal.

– Mas quem lho disse? perguntou a viúva com um olhar perscrutador.

– Ora, estive a falar com a Luísa há bocado.

A viúva ficou calada, e ele já sentia-se embaraçado, dominado pela vontade materna, aquela vontade que se exercia despoticamente sobre a dele desde criança.

– Ela é que quer mudar-se? perguntou sem levantar os olhos.

Que não. A Luísa protestou até que não se mudaria, por causa da tia.

– Pois é, respondeu a viúva com a sua voz velada: ela não deve mesmo desamparar a mana. E ali onde está, ela está bem.

A inflexão da voz era firme, autoritária; e, apesar de emitida com toda a doçura, não admitia réplicas.

Lúcio ergueu os ombros desolados; mais uma vez sentia-se dominado por aquela passividade junto de sua mãe.

Deu ainda alguns passos desconsolados pela sala, procurando talvez algum pretexto para dizer alguma cousa; porém não lhe ocorria nada, estéril, como era, de expedientes fáceis. E subiu para o seu aposento, sem pensar mais naquilo.

Dona Flávia seguiu-o com o olhar.

Daí a pouco a sua flauta atacava descompassadamente uma velha valsa monótona.

E dona Flávia, sentada em uma cadeira de braços, esperou pela Luísa, com uma cólera surda e azeda a ferver-lhe lá por dentro, pondo-lhe uma lividez de finada na face chupada e biliosa. Ficava assim

horas e horas, presa de uma raiva latente, que ia crescendo de intensidade, até explodir numa violência de temporais, ao menor pretexto.

Lá fora o sol abrasava, e ouviam-se no quintal as pancadas da roupa que se batia no coradouro.

Na grande sala de jantar, barrada de oca, com paredes caiadas, só se ouvia o movimento compassado do relógio, um relógio antigo, enorme, de corda para oito dias, sobreposto a uma grande caixa de madeira, alta e esguia como uma coluna. Alvorçados, houve um momento em que os canários trinavam ruidosamente num tinir de cristais magníficos; ouvia-se na rua o rechinar monótono de um carro de bois, e um galo, no terreiro, deitou na vibração do ar a nota luminosa e vermelha de um clarim.

A Luísa entrou uma hora depois, afogueada, em desalinho, os pés e os braços ainda molhados; vinha vergada ao peso da roupa molhada e atravessava a sala no seu pequeno passo miúdo e tímido, quando a voz da tia, doce e velada, se levantou no silêncio da sala:

— Então, vosmecê quer se mudar, hein?

Luísa estremeceu, conhecia muito a tia, e sabia ler-lhe na face as crises de cólera violenta, que desfiguravam toda a sua gravidade e lhe transtornavam as suas feições, pondo-lhe um tremor convulsivo e ímpetos de perversidade requintada.

E aquela voz doce, onde a cólera começava de silvar, continuava a levantar uma ameaça:

— Quer mudar-se porque o seu quarto não é digno de uma princesa e senhora de tão alta linhagem, talvez; ou talvez porque tenha medo aos espectros e ao escuro...

Luísa parou estarecida, e como se quisesse fazer um gesto de protesto, a tia levantou-se violentamente:

— Queixou-se, já sei; queixou-se! Oh! não negue, que a arrebento! Não negue, porque eu vi, eu os vi, entendeu? Eu os vi conversar ao pé da cisterna!

A moça compreendeu; ela os espreitara. E dona Flávia, com a voz trêmula e sibilante, prosseguiu:

– Para que não se arrependa mais tarde, devo adverti-la desde já; sim, devo adverti-la, senão abafo... Eu os vi hoje, tenho notado a sua conduta; tenho reparado nos seus modos! Fique sabendo que dentro desta casa, enquanto eu viver – e batia no peito com fúria – não admitirei poucas vergonhas, sua delambida! Fique sabendo que não admito entrevistas e nem escândalos!

Luísa teve um ímpeto de revolta suplicante e ultrajada, e escondendo nas mãos o rosto, como se aquelas palavras lhe houvessem causado a maior vergonha e a maior humilhação, implorou:

– Oh! tia!... Não diga isso!

E rompeu em soluços, os olhos cheios de lágrimas, sentindo-se vilmente injuriada e muito infeliz, posto que não tivesse uma só palavra de revolta.

Dona Flávia transtornada, com um dedo na boca ordenou:

– Cale-se! É preciso que lhe diga que há muito tenho-a atravessada aqui na garganta! Bem sabe que não tolero desaforos, e ao menino é preciso que saiba que não consinto que o desencaminhem!

Atraída, sem dúvida, pela altercação, a louca tinha vindo do seu quarto, e estacara na porta, pasmada, um dedo metido na boca, como uma criança; vestia a sua grande camisola, e balançava a cabeça com um ar idiota, impassível, olhando para a irmã, que lá estava toda trêmula, tão desfigurada que se custava a reconhecer nela a mesma mulher grave, austera e recatada, de voz compassiva, mantendo a sua atitude de senhora respeitável e ajuizada.

Ela rematou:

– Fique, pois, sabendo, poucas vergonhas aqui não admito!

E subiu para o seu aposento, toda transtornada.

Luísa tinha ficado imóvel, como plantada no soalho, o rosto escondido entre as mãos. Diante da cólera da tia sentia-se pequenina

e aniquilada como no tempo de criança ainda, quando era vítima de castigos severos. Tinha-lhe um respeito imenso; tinha-lhe medo, um terror que avultara, desde que o Felicíssimo com muitos mistérios segredara a lenda de escravos mortos de pancadas e açoites, no pátio grande onde foi encontrado um esqueleto com algemas nos pulsos, por ocasião de um desabamento e de muitas chuvas.

Daí, desde criança, um terror verdadeiro se apoderara dela, habituando-se à passividade, sem ímpetos de revolta, como uma criança dócil e obediente. Depois, conhecia bem aquelas crises, e sabia que quando a tia era sacudida pela cólera, castigava com o primeiro objeto que encontrava à mão; de uma feita, arremessara-lhe um frasco de vidro que lhe fizera sangue, em estilhaços; de outra vez, arremessou-lhe uma chaleira d'água fervente, que felizmente não a apanhou. Por isto ficara ali pregada, até que correu para seu quarto, e debruçada sobre a cama, de joelhos, desfez-se em choro soluçado, numa humildade abatida e sofredora. A princípio, apanhada de improviso, aturdida pelas exprobrações, tinha-se julgado culpada, e quase dava razão à tia, sentindo os remorsos de uma ação feia; depois, um protesto ia-se levantando vagamente no meio de seu desconsolo — mas, enfim, que mal tinha ela praticado? E a revolta contra aquela injustiça mais se acentuava quando reconheceu-se alvo de suspeitas indignas e infamantes.

Sim! Era isto que mais lhe doía e sangrava, com uma sensação quase física.

E o seu pudor revoltava-se contra a insinuação da libertinagem e da sedução do moço sacerdote.

Lúcio, coitado! decerto não contava com aquele resultado e nem previra semelhante consequência. Ela estimava-o, era bem certo, com uma afeição sincera e profunda; tinha por ele uma estima de irmã mais moça; mas, que mal havia nisto? Deveria odiá-lo, evitá-lo, esquecê-lo?

E por quê? Não; havia ali um erro, que doía como uma injustiça e como uma calúnia e que precisava ser reparado! A lembrança de sua afeição fê-la retroceder ao seu passado de menina desvalida, de filiação desconhecida, filha do acaso e da loucura. Sabia que seu pai era soldado e havia morrido no Paraguai; sua mãe conhecera-o numa festa; ele a seduzira e a abandonara à caridade da irmã, que a tinha expulsado, mas vira-se obrigada a recolhê-la, porque tinha uma filha e perdera o juízo, louca furiosa.

Fora criada ali naquela casa, mais na condição de serva do que de parenta, sem uma afeição senão a do Lúcio, seu companheiro de infância e o seu único amigo. Foi a única época feliz de sua vida – os seus primeiros anos, passados ao acaso, no descuido da inocência; e a evocação deste tempo iluminou de sorrisos e perfumou de bênçãos os trechos suaves e hilariantes de sua infância, onde a sua almazinha de criança se floria e voava como uma borboleta em flor.

Ao lado dela surgia a figura de Lúcio, ainda menino, pálido, franzino, mas generoso, intrépido e sempre manso, dessa mansidão das almas diretas, boas e puras. Depois veio a separação, e com ela os trabalhos, as angústias e toda uma existência precoce de martírio.

Comparava-o com a sua antiga imagem, e reconhecia no padre de agora o mesmo modo de sorrir, o mesmo jeito de olhar e a eterna bondade, compassiva e generosa, capaz de sofrer os maiores martírios e suportar todos os heroísmos.

E era sobretudo daquela bondade que emanara a sua estima por ele, estima construída sobre a admiração que lhe despertaram as suas ações generosas.

Chorara. Sentia-se mais aliviada, achando uma certa voluptuosidade em recordar o seu passado, incolor e monótono, de orfandade esquecida. E foi encostar-se aos balaústres da janela que do quarto da louca abria-se para o pátio.

Era um velho pátio, cercado de altos muros, havia muitos anos fechado e incomunicável. Era calçado de pedras redondas, mas de uma ou de outra fenda emergiam ramozinhos enfezados e amarelos, que secavam naquele mês de frio e de sol. Os muros eram cobertos de trepadeiras, e grandes festões de *São Caetano* abriam as pequenas flores amarelas e doentes; as pedras vacilavam e havia a um canto grandes montes de calça e argamassa caídas.

Um limo verde barrava os muros, e as pedras da calçada estavam negras de inverno. Um meloeiro tinha invadido intrepidamente o velho muro, e pendurava os seus frutos naquele recanto de ruínas, onde as ervas morriam em silêncio, entaladas entre as pedras.

Carriças nidificavam tranquilamente entre a vegetação das muralhas austeras, que nem as galinhas do pomar vizinho ousavam transpor. Ficara aquele canto da casa encerrado e abandonado, havia muitos anos, estando pregado o portão que comunicava com a horta; e que era pintado de preto e tão lúgubre que lembrava o dos cemitérios.

E lá num ângulo da muralha de pedras, havia um pedaço desmoronado, que continha a reticência de um drama sanguinolento, do tempo da escravidão, em que se cochichava apenas o assassinato de uma escrava, morta de açoites e enterrada ali, de punhos algemados.

E nunca a Luísa ousou penetrar e apurar aquele mistério: seria exato?

E à noite ela evitava olhar para aquele lado do pátio antigo, onde errava um luar de baladas e se desenrolavam todas as cenas mudas e misteriosas das taperas.

Mas era de tarde; o sol afugentava todas as visões daquela área silenciosa e deserta, onde boiava uma tristeza vaga e nevoenta e as pequenas ervas morriam numa silenciosa agonia.

Luísa mais uma vez foi dominada pela impressão tristíssima daquele recanto, silencioso e desolante como um coração vazio de afeições.

E um suspiro levantou-lhe o seio.

Sobre a face pálida daquela dor serenada, num desbotamento de sonho e de apoteose mística, a imagem de Lúcio pairou, de asas abertas, como um anjo do céu, com o seu olhar compassivo e bom e com as suas alvas mãos de prelado, lácteas e finas como a epiderme clara e aromal dos lírios.

Pouco depois de uma hora da madrugada, Luísa despertou com dores violentas de uma nevralgia na face, que costumava assaltá-la em certas épocas do mês.

Fazia frio, e quis ver se conciliava o sono de novo: era, porém, impossível, porque a dor aumentava e persistia.

Riscou um fósforo e acendeu uma lamparina, que estava junto à cabeceira da cama. Abriu-se uma chama vermelha que iluminou o pequeno quarto frio, onde dormia, mobiliado apenas com a sua cama e uma pequena mesa, onde havia um espelho e duas jarrinhas baratas. Junto às paredes estavam duas caixas forradas de couro cru, em que guardava a roupa. Uma porta comunicava com o quarto da louca, que dormia àquela hora.

A moça esteve algum tempo, bocejando, estremunhada, sobre a cama, as mãos cruzadas sobre os joelhos; mas a dor aumentava, ela já conhecia o acesso e dispôs-se a ir buscar um frasco de linimento canforado e pérolas de antipirina que recordava-se de ter deixado no quarto de dona Flávia. Iria incomodá-la, que remédio!

Em camisa, traçando apenas uma saia, desceu lentamente do leito, procurando as chinelas com os pés descalços; não as achando de pronto, ocorreu-lhe que até seria melhor ir descalça para não fazer barulho e bater devagarinho à porta para não assustar.

Ao sair da cama o lençol caiu sobre a lamparina e a apagou.

Era o mesmo; iria às escuras, porque estava muito familiarizada na casa, e não tropeçaria num só móvel.

Abriu devagarinho a porta do seu quarto, atravessou lentamente a casa do jantar, onde o velho relógio pulsava sonoramente, subiu a escada que dava para o pavimento superior. Ia se aproximar da porta do quarto da viúva e bater, quando ouviu um sussurro de vozes.

Parou, inquieta, o ouvido à escuta, julgando ter se enganado. Não, não se enganara; ouviu distintamente sussurrarem as vozes dentro do quarto, e sua primeira impressão foi de medo, um medo violento que não lhe deu tempo de refletir e de espreitar, porque percebeu passos que se dirigiam para a porta, a qual se abria com precauções infinitas, e ela rapidamente, sem fazer o menor ruído, retrocedeu, ganhou a escada, descendo o segundo lanço.

Na patamar do primeiro, sentiu-se desfalecer, e as pernas se recusaram a andar, quando sentiu passos abafados que demandavam a escada lentamente.

Encolheu-se no vão da escada, cosendo-se às paredes, tolhida de susto, o coração aos pulos, uma impressão de medo indefinível; passaram-lhe pela mente histórias de fantasmagorias e de ladrões, sem ter a calma precisa para reconhecer a impossibilidade de semelhantes hipóteses.

Os passos se aproximavam, lentos, cautelosos, apalpando nas trevas, tateando o caminho, com vacilações e cautelas; percebia-se que a mão apoiava-se e deslizava no corrimão, para evitar encontros ou tropeços.

A escuridão era tão densa que não se via coisa alguma; a Luísa, porém, percebia que o que quer que era se aproximava, e foi-lhe preciso recorrer a toda a sua energia para não desmaiar ou pedir socorro. Cosia-se à parede e comprimia a respiração, estarecida. Bem junto dela os passos pararam; ela ouviu um suspiro de alívio, e a descida continuou, os passos abafando-se, mas não tanto que se não sentisse a impressão de pés descalços nos degraus, até que não se fizeram mais ouvir, afastando-se.

Agora é que a Luísa começava a refletir mais serenamente e compreendia que a situação se agravava, pois tinha de descer, mas não se sentia com forças e nem coragem, podendo topar no escuro com...

E lembrou a escrava morta de açoites, encontrada no pátio. Sentiu um calafrio. Que fazer agora?

E sentia-se dominada por uma angústia mortal, quando uma janela se abriu na sala de jantar, um vômito de luar magnífico penetrou nas trevas, mostrando lá fora uma noite deliciosa.

Ao mesmo tempo – e foi rápida a visão – um vulto de homem galgou a janela, e saltou para o quintal; e quando se voltou para fechar as folhas da janela, o luar banhou-o todo, desenhando-lhe os traços do rosto.

E com um assombro inexprimível Luísa havia reconhecido no visitante noturno – o padre Domingos!

IV

Durante muitos dias Luísa não pôde deixar de refletir sobre aquele inesperado e singular incidente noturno, que punha um capítulo imprevisto na história sem relevos daquela casa de sombras, onde o sol se extinguia através das persianas que jamais se abriam.

A princípio, cheia de perplexidades, desnorteara-se em conjecturas impossíveis, mas a pouco e pouco, apesar da sua ignorância, o seu instinto esclareceu-lhe os pontos que ainda achavam-se obscuros, não lhe restando mais dúvidas sobre a natureza das relações do padre Domingos com a viúva e sobre a causa daqueles misteriosos assaltos noturnos à janela dos fundos. A sua surpresa subiu de ponto quando teve ensejo de ver o vigário em visita, cheio de respeitosas deferências; a tia conservava o aprumo rígido de uma virtude vetusta e inacessível,

ferozmente encurralada numa atmosfera de orações e práticas piedosas, que juntas à sua idade punham-na fora do alcance de qualquer suspeita.

Luísa compreendeu, então, a repugnância instintiva que a afastara do padre Domingos; este sempre a requestara, com olhares ávidos e acesos de sátiro esfaimado, num desejo animal de cópula; e ela sistematicamente se furtava às suas liberdades e às suas carícias paternais a que se entregava, quando se divertia em beliscar as faces das raparigas e levantar-lhes os rostos, pegando-as pelas barbas. Recordou-se de pequenos incidentes que lhe haviam passado inteiramente despercebidos e que se explicavam agora na revelação brusca de uma escalada de noctâmbulo; numa confissão recordava-se da insistência com que o vigário pedia explicações minuciosas sobre os pequenos pecados cor de rosa, íntimos e quase inocentes, gozando, de narinas dilatadas, do prazer de dissecar a confissão das cousas recônditas e inefáveis.

A sua repulsão aumentou pelo padre Domingos, depois daquela noite, em que ela, ao em vez de rejubilar-se com aquele escândalo, sentira-se revoltada e humilhada, como se participasse da mesma mácula de amores sacrílegos. Insistentemente, a seu pesar, vinha-lhe ao espírito a apóstrofe da austera senhora:

– “Poucas vergonhas não admito!”

Percebia agora a convenção social de certas dissimulações e hipocrisias; amargurava-a semelhante descoberta, furtando-lhe a descuidosa tranquilidade e a confiança naqueles que a rodeavam, mentindo através dos sorrisos, blasfemando no meio do rumor das preces e conspurcando-se em ligações profanas e libertinas.

Uma conclusão tirava da sua iniciação naquele mistério – que os sacerdotes podiam ser amados como os outros homens e que a sotaina não era deveras a mortalha em que a carne se abroquelava contra as fraquezas mundanas. Por que razão, pois, não poderia amar a Lúcio

castamente, irmamente, votando-lhe toda a ternura que a Jesus votavam, por exemplo as esposas do Senhor?

Ele não era um fruto proibido; e havia de querê-lo e amá-lo como sempre o amara, com toda a sua efusão de mártir e enferma, ávida de afeições, minada de sofrimentos; devia dissimular o seu afeto bem no íntimo da alma, entregando-se a ele de todo o seu coração e defendendo-o corajosamente.

Que importava a tia? E levantava a cabeça, com um meneio triunfal de consciência satisfeita. Não fora ela quem se constituíra o sustentáculo da casa nos últimos tempos penosos e difíceis, em que Lúcio completava os seus estudos, e a tia doente gemia, quase entrevada pelo reumatismo, lá em cima, no seu quarto desolado, onde lhe servia de enfermeira e ainda lia à noite obras piedosas e cristãs? Bem lhe custava, era certo, aquele esforço sobre-humano, trabalhando pela noite adiante na velha máquina de pé, junto a qual o bichano ronronava à luz do candeeiro. Muitas vezes chegava a adormecer sobre as costuras, depois de cabecear de sono, despertando, não raro, aos gritos da viúva ou da velha mãe, das quais era solícita enfermeira.

A viúva era inábil para o serviço doméstico; casada na opulência com um fazendeiro abastado, que morrera tuberculoso ao cabo de cinco anos depois do casamento, deixara todo o serviço ao cargo de numerosos escravos que alugava na lavoura.

A abolição tinha vindo de súbito desfazer como um sopro todos recursos da casa, e até o prédio fora empenhado aos credores.

Fora ela, a Luísa, quem se entregara corajosamente ao trabalho, promovendo os meios de subsistência.

O Felicíssimo, criado na casa, ainda ajudava a princípio no trabalho da cozinha; mas não podia tolerar a viúva, e foi-se para os serviços do padre Domingos, aparecendo raramente em casa.

Agora, Lúcio se ordenara, nele se fundaram todas as esperanças da viúva; mas a paróquia rendia pouco para os dous sacerdotes, e Lúcio era inábil, bom demais, um mãos-rotas. Ignorava, além disto, quase que absolutamente as colisões pecuniárias da casa e os inauditos sacrifícios de uma criança para sustentá-la.

No meio, porém, de sua desbotada existência de moça pobre e de órfã, sem patrimônio, mantinha-a uma crença profunda e inabalável como a fé dos ignorantes: havia de ser feliz um dia, por um caso imprevisível, por um fenômeno repentino ou por um milagre, talvez desses que sucedem às boas raparigas nas histórias azuis e suaves das pequenas *Borrалbeiras*.

Uma tarde dona Flávia, arrastando os seus sapatos de ourelo preto, o xale traçado sobre o peito magro, atravessou lentamente a rua e dirigiu-se para a casa das Teles ali vizinha.

Já na rua projetavam-se as sombras das casas do lado oposto, e o sol faiscava no outro trecho da calçada e nas fachadas das casas fronteiras, banhando todo o velho sobrado adormecido e pesado, com as suas janelas eternamente fechadas, mergulhado numa sonolência de ruína e de convento.

Em todo o trecho da rua nem viva alma; era a hora do jantar; um casal de galinhas ciscava num caixão de lixo atirado à rua; os eucaliptos de um muro próximo, muito altos e esguios, esfolhavam-se tristemente às agressões das virações; e tudo parecia repousar naquela rua de pequena cidade mineira, sonolenta e triste.

A casa das Teles participava da tristeza das cousas passadas e construções antigas, o telhado mordido pelas chuvas, vacilante, com casas de maribondos por debaixo das goteiras. As rótulas das janelas, pintadas de uma antiga cor escura e esverdinhada, defendiam o interior das vistas da rua e punham toda a rua devassada pelos olhos que protegiam e dissimulavam. Logo, ao entrar no vestíbulo, a viúva teve uma impressão de frescura e como que de santidade.

Familiarizada na casa, a viúva não bateu, e levantou a aldraba.

Ao barulho da porta que se abria, lá dentro da sala soaram latidos claros do fraldiqueiro, e o *Príncipe* veio rosnando, desfazendo-se em carícias e afagos, desde que reconheceu a visita.

– Deus lhe dê muito boas tardes, foi dizendo a dona Bibi, antes mesmo que a viúva a tivesse saudado.

Estava despenteada, muito velha e muito enrugada, mostrando um dente que nunca o lábio cobria, mesmo quando fechava a boca. Dois bentinhos saíam-lhe do seio, castamente abotoado no casaco de chita com vivos roxos. Engomava uma saia de ver a Deus, para a missa de domingo, sobre uma tábua, vestida e enrolada de lençóis, que se apoiava sobre o espaldar de duas cadeiras.

A dona Fafá sorriu para a viúva; tecia rendas sobre uma enorme almofada redonda apoiada sobre uma gamela, toda picada de uma floresta de alfinetes, através dos quais passava uma infinidade de fios presos aos bilros, feitos de castanhas de pequenos cocos redondos.

Trabalhava de óculos, ao pé da janela, um olho no trabalho e outro na rua, fazendo dançar os bilros entre os dedos ágeis com pequenos estalidos secos. Sobre a janela tinha colocado a sua boceta de buxo, amarela, em cuja tampa se desenhava a figura de Santa Bárbara, entre duas velas acesas.

O *Príncipe* de um salto tinha ido se refugiar no colo dela, e pou-sando-lhe sobre a perna a pequenina cabeça felpuda, acompanhava a vista com os seus olhinhos espertos e quebrados de volúpia.

Quando a viúva chegou, a dona Fafá estava em manga de camisa apenas, deixando ver o colo magro, enrugado e salpicado de sardas, sobre o qual pendia um rosário de grandes contas de ouro com uma cruz do mesmo metal.

Ela apanhou o xale que estava sobre o encosto da cadeira, e castamente, pudicamente cobriu aquela nudez gafada de donzela quarentona e virtude intacta.

Dona Bibi ofereceu uma cadeira à viúva, e pegando do ferro de engomar.

– Não repare continuar, disse.

– Ora, à vontade, disse a viúva, examinando uns crivos feitos pela dona Fafá e para umas toalhas de altares, que estavam já acomodadas, numa bandeja que o Felicíssimo, sacristão, deveria vir buscar.

A um canto, sobre uma cômoda, lá estava o oratório das Teles, cheio de frisos dourados, com santinhos de gesso de meio palmo de altura. Na parede havia oleografias de Jesus, com o coração à mostra, cercado de uma coroa de espinhos; da Virgem, esmagando a serpente do Pecado; da morte de um justo, cercado pela família, confessado e comungado sob os auspícios do seu anjo da guarda que exulta, enquanto que o diabo roja-se no chão, às marradas, num desespero de vencido e de réprobo. E havia ainda pequenos quadrinhos e registros pregados com alfinetes na parede, onde as perpétuas desfaziavam-se em pó e as sempre-vivas abriam pequenos pontos amarelos.

– Como está fresco aqui! como vocês hão de sentir-se bem; lá em casa abafa-se!

Com efeito, a sala era fresca, atijolada, o teto forrado de esteira; pelas gelosias entrava uma claridade suave de capela, e sentia-se ali um silêncio e o bem estar de um confessionário.

– Ora! retrucou a solteirona; também na cozinha, aqui, se abafa!

E então, fazia-lhe enxaqueca, principalmente quando tinha de torrar café, a ponto de não se poder tolerar a voz de seu papagaio, que dormia agora lá dentro.

E entretiveram-se durante muito tempo em falar em doenças e males que as afligiam. Dona Bibi tinha acabado de engomar a saia; colocou o ferro sobre a janela e soprava-o por meio de um fole, fazendo saltar as cinzas e pequenas faíscas que estalavam.

– E o seu reumatismo? perguntou a dona Flávia.

– Assim, assim... Nem melhor, nem pior. Isto é um castigo que Deus me deu.

Houve um novo silêncio, cortado pelo choque dos bilros; dona Bibi colocava uma nova peça de roupa sobre a tábua, alisando-a com o ferro, depois de experimentar-lhe a temperatura com o dedo molhado de saliva.

E de repente a dona Fafá parando com a dança dos seus bilros, perguntou com a sua voz desagradável:

– E a Luisinha? Como vai da saudinha?

A viúva informou-a da saúde de Luísa – sempre boa.

– E tem tido muita costura, ainda?

– Alguma; muita, não.

A dona Fafá, que não tinha percebido direito na sua meia surdez, balançou a cabeça, gravemente.

– Ah! entendo, disse.

E debruçando-se sobre a almofada, fez rodopiarem os seus bilros. Como eram costumeiras, as Teles não gostavam da concorrência daquela vizinha, que lhes tirava uma boa parte dos seus interesses.

A dona Bibi começou a desfiar o rosário das novidades do lugar, comentando-as a seu modo. Não falava nada por mal, *minha* Nossa Senhora! Mas não se havia de ficar calada que nem um gato. A gente conversava e regalava-se sem ofender a Deus, pois não?

– Então, não ouviu falar ainda da filha do juiz? Pois deveras, não tinha ouvido falar! Ora, senhores, uma cousa tão falada, já?

Mostrou-se perplexa. E pousando o ferro de engomar, debruçou-se sobre a tábua, e baixando a voz, no tom de segredinhos e confidências, deliciosamente, com um prazer de artista, debulhou para ali o caso da filha de um magistrado que vivia agora em escandaloso namoro, com o advogado, o doutorecô, seu parente para vergonha sua, Deus a perdoasse!

E batia na boca contrita. Mas o seu rosto chocho de solteirona insaciada e devota acendeu-se de novo num clarão de satisfação babosa, e prosseguiu beatamente:

– Ora, a coitadinha da rapariga era uma cabecinha de vento. Diz que anda raladinha para casar-se, a cousinha, com perdão da palavra, uma *titica* que vi nascer outro dia, magra que nem uma lombriga, toda amarela de ictérica. Diz que se falam sobre os muros do fundo do quintal. O Felicíssimo viu-os.

E juntava incidentes, acrescentava explicações, achando um prazer mau em repisar assuntos picantes, como que desferrando-se do seu celibato involuntário, toda alegre, numa voluptuosidade inexprimível com uma voz de açúcar em calda e uns olhos quebrados de gozos perversos.

– Isto de raparigas é um perigo, comentou dona Flávia.

A Teles tinha um sorriso satisfeito, contente de ter ejaculado para ali aquele escândalo. Gozava de haver contado a novidade. E a dona Flávia balançando a cabeça, tornou a repetir:

– Isto de raparigas é um perigo.

– Se é!

– Raparigas de hoje em dia, bem entendido, que já se foram os tempos em que as moças tinham juízo para não serem *faladas*.

E chegando à cadeira, numa discreta confidência:

– Lá em casa também tenho a minha tontinha e nem sabe o cuidado que me dá.

A dona Bibi deu um *muxoxo* e fez um biquinho galante de protesto:

– A Luisinha? ora gente! – uma santinha, coitada!

Mas a viúva interrompeu logo:

– Perdão, também não estava ali a dizer e nem a pensar mal da sobrinha, educada nos princípios da mais austera virtude. Que lá em casa, enquanto eu for viva, poucas vergonhas eu não admito!

E tinha uma austeridade solene na voz.

– Porém, continuou noutro tom, sabe que a gente sempre tem cuidados para evitar desgostos Por mais virtuosa que seja uma menina, sempre seria perigoso expô-la, por exemplo, à intimidade de um rapaz.

Dona Bibi esteve cismando um bocado, e disse:

– É exato. Depois, lá em sua casa, tem agora o Lucinho... Bem verdade que é um santo, todavia...

Calou-se. A viúva sentiu-se irritada, vendo percebidos os seus receios e as intenções que dissimulava. Protestou formalmente:

– Ah! isso, não; que estou tranquila quanto à conduta do meu rapaz! Nem me passou pela cabeça tão mau pensamento, cruzes!

A Teles desculpava-se, olhando de frente a fisionomia impenetrável da viúva.

– Também ela não pensava semelhante sacrilégio. Deus me defenda! Um padre!

Mostrou-se muito arrengada.

– Pois sim, disse a viúva, mas tenho estado a pensar de novo em casá-la.

A Teles fez um “anh!”; e perguntou:

– E o casamento dissolveu-se?

– O do nosso parente? Pois, não sabia?

A Teles não sabia. E pressurosa preparou-se para ouvir. A viúva explicou-se, então. O tal parente, que tinha uns filhos bastardos e era amasiado com uma rapariga, havia de repente aparecido morfético, enfeitado, diziam pela amásia despeitada. Depois, nem a Luísa sequer o tinha visto, e como já estava moça, poderia talvez não querer...

– Que idade ela tem agora?

– Dezoito anos.

Dona Bibi suspirou.

– Boa idade, ah!

Estiveram caladas algum tempo. Os bilros continuavam a dançar.

– Mas é preciso casá-la, repetiu a viúva. Tenho pensado muito nisto. Talvez se pudesse arranjar um noivo para ela, um rapaz direito, ainda que pobre como ela, ou mesmo um homem de mais juízo e certa idade, que tivesse meios...

A Teles estava a pensar; mas quem? quem havia de ser?

A viúva prosseguiu, encarando-a nos olhos:

– Tenho pensado no professor Agapito.

Dona Bibi não pôde reprimir um gesto de espanto.

– O professor!

– Então, por que não? É um homem sério, conceituado, de muito siso, tem alguma cousa e está bem conservado. A Teles ficou a olhá-la, pensando ainda meio pasmada.

– E a Luisinha quererá?

A viúva balançou a cabeça.

– Aí é que está. Mas é órfã, pobre; que mais poderia ela desejar? Daí, é preciso se conformar com as cousas, e ela há de conformar-se. Com um certo jeito, arranja-se.

A solteirona³

– É; talvez se arranje; é; concordou.

A viúva esteve uns momentos calada, tamborilando com os dedos na cadeira.

– Você é quem poderia intervir nisto, hein? Digo, falar à Luísa, prepará-la aos poucos, persuadi-la com certa habilidade para não chocá-la assim de repente... Que diz?

Encarou a vizinha de novo.

– Pois sim, concordou a Teles, muito serviçal. Quanto a mim nenhuma dúvida; não sei porém, se conseguirei convencê-la.

3  Consta do original este sintagma isolado.

– Pois, tente; eu já falei também ao compadre; ele prometeu ajudar-me, e eu farei por meu lado.

“O compadre” era o vigário Domingos. A Teles interrogou:

– Então, o vigário também?

– Também.

– Pois sim; estamos entendidas. Mas, se ela não quiser?

A viúva teve um gesto brusco:

– Há de querer!

Neste ínterim, a dona Fafá, que trabalhava junto à janela, abriu a rótula, e a gaforina perfumada do sacristão assomou, saudando, com sua voz assexuada de moleque epiceno:

– Louvado seja Cristo!

E as mulheres:

– Para sempre.

– Veio buscar a roupa dos altares? perguntou dona Bibi, que até ali tinha-se conservado calada, sem ouvir o que conversavam, mas tranquila, porque depois a irmã lhe contaria tudo.

O Felicíssimo, muito parola, pôs-se a contar que estava fazendo convites para um jantar em casa do padre Domingos; que tinha vindo a correr pela rua afora a convidar o Lúcio também, e naquele instantinho deixara a filha do doutor à janela, fazendo sinais para o senhor moço Lins, que era ainda um dos convidados.

– Deveras? perguntou dona Bibi; a filha do doutor conversava com ele?

E enquanto a viúva se preparava para retirar-se, as Teles lançaram-se avidamente para a janela, interrogando o sacristão, informando-se minuciosamente, indagando de tudo, com uma curiosidade doentia. E de súbito houve um alarido; o louro que dormia lá dentro, ouvindo vozes, despertou, garrulando:

– Felicíssimo, aí mulato; aí, meu bem! Dá cá o pé meu louro. Ecô! Quem passa? É o rei que vai à caça! Purru, taco, tataco! Purru, taco, tataco!

Davam cinco horas na matriz, quando Lúcio chegou à chácara do vigário Domingos. Ela ficava numa eminência, prosperando nuns terrenos culturáveis, à saída da cidade.

Era uma casa construída ao gosto das casas de campo na província, com amplas janelas sem caixilhos e largas paredes pintadas de cal, uma varanda correndo à frente da vivenda, adormecida àquela hora num silêncio doce e grave de presbitério.

Entrava-se por uma larga e pesada porteira de bater numa estrada flanqueada de ananases, atravessando o pomar em direção à casa que demorava à pequena distância, emergindo dentre a fronde de duas copadas mangueiras.

Debaixo das mangueiras e das jabuticabeiras que cobriam o terreno dos dois lados do caminho, caía uma sombra densa, e nunca os raios do sol podiam varar as frondes que lá em cima cerravam-se numa abóbada espessa de verdura. Só a estrada continuava a receber a luz da tarde, desenrolando uma fita de ouro que os sulcos recentes das rodas de um carro de bois orlavam juntos às margens.

Lúcio abriu a porteira que fechava a cerca rústica, onde velhas trepadeiras amareleciam e murchavam, e seguiu pela alameda, fazendo ranger as solas dos sapatos no saibro do caminho e enfiando o olhar por debaixo das árvores, todo enlevado por aquele silêncio lírico e paz bucólica de Arcádia.

E em meio daquela grande calma que errava nos arredores da quinta, só se ouvia o rumor do moinho distante, surdo e monótono.

Quando as últimas frondes descortinavam a casa, Lúcio pôde ver as dependências do paiol, onde se armazenavam as safras dos cereais, e do moinho, que a água de um largo rego servia. Todo o terreno, onde os bácoros e marrecos passeavam, era plano e limpo; a vivenda estava caiada de fresco, e assentava-se pesadamente ao fundo, com um aspecto de granja abastada, que pombas brancas bucolizavam de

voos claros e tranquilos e de um arrulhar manso e caricioso de epitalâmios.

Uma pele de touro, esticada por meio de varas, secava ao sol.

Lá dentro, soavam vozes altas, e a risada do padre Domingos gargalhou, num esto de júbilo.

Lúcio bateu palmas, e dois cães esgalgados, que se enrodilhavam na varanda, levantaram-se, ladrando alto; porém, a gorda face do vigário assomou logo, desenhando-se num forte colorido de queijo londrino sobre as vastas papadas de ruminante farto.

Não trazia a batina, trajando *palitot* e calças de brim e calçando uns pesados sapatonos que punham um alvoroço nos ladrilhos.

Teve o seu gracioso sorriso de boa vinda, e, tomando o moço sacerdote pela mão, introduziu-o na sala, onde o Lins abraçou-o e Agapito, muito grave, veio saudá-lo, meio curvado, inquirindo da preciosa saúde da dona Flávia e da dona Luísa. E como Lúcio agradecesse, informando-o de que estavam boas, acrescentou:

– Sobremodo folgo de sabê-lo; e direi mesmo como o velho Horácio: *Hoc erat in votis*.

Sentaram-se e o vigário Domingos pediu permissão para ir lá dentro prevenir para servirem à mesa, enquanto conversavam.

A sala de visitas era mobiliada apenas com um sofá e algumas cadeiras de palhinha velha e desbotada; aos cantos, duas mesas com castiçais de vidro; entre duas janelas, uma pesada mesa de pés torneados, que servia de secretária; e na parede do fundo estendia-se bem aberta uma pele de onça, sobre a qual se cruzavam duas carabinas e uma fanfarra, dominadas por uma magnífica e inspirada caveira de galheiro com uma soberba cornaçaõ de pontas bifurcadas.

A um canto se estendia também uma rede de fibra de palmeiras. Debaxo da rede estirava-se sobre um monte de feijão, na voluptuosidade das sestras lentas e digestões magníficas e estrondosas, o *Favorito*,

trôpego e anafado perdigueiro, antigo companheiro de caçadas, jubilado pelos bons anos de serviços.

– Creio que somos nós os únicos convidados, disse Lins consultando o professor.

E este, muito grave:

– Tenho para mim que somos os únicos convivas admitidos aos festins de Lúculo.

E designava o padre Domingos que entrava, abrindo a porta que se tinha fechado.

Um tinir claro de louça e de metais se ouvia, e um aroma intenso de iguarias boas aflagava as narinas, aguçando os apetites.

O pároco veio sentar-se junto de Agapito, que mantinha a sua atitude modesta, mas digna, de um sábio infeliz e arcaico, examinando as gretas do soalho, como quem raciocina a solução de um problema difícil; e dando-lhe familiarmente uma palmada de carícia sobre a perna, padre Domingos lançou-lhe um olhar de ternura, sorrindo com os seus grossos lábios sensuais.

– Tenho pensado muito sobre o nosso preceptor.

E com um interesse paternal dava-lhe piparotes amigáveis sobre a caspa caída na gola da sobrecasaca.

Agapito inclinou a cabeça do lado, sem contudo levantar os olhos para o interlocutor, o que mui raramente fazia:

– Sim? E não seria indiscrição inquirir-se por que respeito se tem entregado a semelhantes elucubrações?

– De modo algum, porque a indiscrição é minha, e conto que a relevará.

Agapito muito sério, declarou:

– Necessariamente. Sou todo às ordens de vossa reverendíssima.

O vigário tossiu, embaraçado pelas atitudes solenes do professor.

– Cá, uma birra que penetrou-me.

Pigarreou.

E dando-lhe novos piparotes, sem encará-lo:

– Por que não se casa?

Agapito enrubesceu!

A cabeça decaiu-se-lhe ainda mais, e estava tão comovido, que não sabia o que dizer.

– Desculpe, se o molestei, disse o pároco.

O professor estava embatucado, coçando os joelhos.

O Lins salvou o embaraço da situação.

– Com a breca! o professor Agapito não é uma donzela a quem não se possa fazer umas tantas perguntas, sem melindrá-la.

Agapito respirou, muito pálido.

– O senhor doutor diz muito bem. Os senhores têm razões sobejas e ponderosas. Mas não de concordar que a pergunta me foi formulada tão... tão de supetão!

O Lins insistiu:

– Pois sim; mas por que não quis ainda casar-se?

O professor fez um gesto de soturno desalento.

– Fadário, talvez. Quem sabe? Depois, entibiam-me o ânimo as grandes responsabilidades do matrimônio e os grandes trabalhos da vida conjugal.

– Ora, acudiu o vigário, os grandes trabalhos! Há de recordar-se de que Jacó trabalhou sete anos consecutivos para alcançar a mão da primogênita de seu tio Laban.

– Mas...

Agapito puxava as barbas, devagar.

O pároco interrompeu-o, acrescentando em tom jovial:

– E trabalhou outros tantos anos para obter o enlace da segunda filha.

– Pois sim, concordou o professor. Porém tenho ainda outras razões das mais sólidas e poderosas... de subido alcance.

– Qual! fez o vigário em tom de dúvida.

Agapito prosseguiu:

– Os senhores compreendem que já hei atingido a uma avançada e propecta idade.

– Perdão, atalho o Lins; sem nos afastarmos ainda do terreno bíblico, posso lhe afirmar que Musalém não era celibatário, segundo o juízo dos mais preclaros doutores da Igreja.

Agapito riu com bonomia.

– O senhor doutor traz sempre armada a farpa da facécia. Porém vibra a sátira com rara inteligência!

Lins desfazia-se em cumprimentos cômicos; e o professor:

– Mas sobre todos os motivos um há que os sobrepuja: Hoje persuado-me, estou mesmo convencido, de que o principal motivo do meu celibato é nunca ter encontrado uma brecha desde a minha mocidade.

Lins teve um fulgor diabólico nos olhos.

– Uma brecha! E ele nunca encontrou brecha!

Foi interrompido neste instante pelo Felicíssimo, todo vestido de branco, com um lençinho de crivos no pescoço e uma flor sobre a orelha, o qual disse com a sua voz aflautada de efebo:

– O jantar está na mesa.

O vigário levantou-se.

– Vamos, meus amigos.

E corrigindo-se, voltou-se para o professor.

– Dê-me o seu braço, Agapito.

Este levantou-se a meio, respirando mais tranquilo, o estômago cavado de fome, porque jantava habitualmente às três horas.

– Escusa de tamanha honra, senhor vigário.

Mas o sacerdote tomou-o familiarmente pelo braço e foi o reboando para a sala do jantar, acompanhado de Lúcio e do advogado. A

sala era espaçosa, caiada de branco, com duas janelas abertas sobre o terreiro, onde os marrecos grasnavam ruidosamente.

Ao meio da sala ficava um extensa mesa, onde a louça muito clara tinha reflexos de leite entre as iguarias do jantar. A um canto ficava um pesado armário envidraçado, e na parede do fundo estava aberta a copa, pejada de garrafas e conservas, a qual transandava sempre um bafio a queijos curtidos e bananas passadas.

O Lins designara, sorrindo:

– Eis ali o santuário dos sacrifícios e expiações em que o nosso pároco se entrega às macerações e jejuns.

E tropeçou num *mancebo* – móvel que servia para se dependurarem as candeias à noite.

Do lado oposto, por uma porta aberta, lobrigou o quarto do vigário, com uma larga cama confortável; e soprou no ouvido de Lúcio:

– Eis ali o altar em que se sacrifica no culto de Vênus.

Lúcio abriu os grandes olhos tímidos, e o Lins emendou:

– Perdão; esqueci-me de que falava a um santo, como você.

Padre Domingos já havia colocado o professor à sua direita e acomodava os outros dois convivas à sua esquerda.

– Sem cerimônia, meus amigos; sabem que é um jantar íntimo que lhes ofereço no dia do meu quadragésimo aniversário natalício.

– Muito bem, apoiou Agapito, sem levantar os olhos do prato.

– Como vê, meu caro professor, vou envelhecendo resignadamente da alma e do corpo.

– Perdão, senhor pároco, vossa reverendíssima, ao contrário; é um dos que estão compreendidos na máxima de Juvenal: *Mens sana in corpore sano*.

– Então, meus amigos, sirvam-se; professor, à vontade, dizia o pároco.

A mesa estava servida ao uso da província, todos os pratos simultaneamente colocados ao centro; havia um leitão assado, espetado de

palitos e rodelas de limão, com olhos de azeitonas; um pato cheio, com molho de cebolas picadas, e numa travessa uma massa negra e engordurada estava constelada de torresmos.

– O tutu de feijão, dissera o professor, designando este último prato, saborosíssima iguaria e um dos milagres da culinária mineira!

– Pois sim, acudiu o Lins, esbofando-se por trincar o pato; mas o professor, para corrigir o seu temperamento, deveria preferir-lhe o *roast-beef* sangrento, ovo, estimulantes. Isto desemperrar-lhe-ia a máquina da – digestão.

Mas Agapito fez um gesto de desgosto e enfado.

– Aborreço o sangue até mesmo na comida, senhor doutor, sempre se me afiguram hecatombes e canibais!

E voltando-se para Lúcio, com a boca ainda cheia:

– Não pensa consoante comigo o nosso amigo Lúcio?

Lúcio concordou timidamente, e o Lins redarguiu:

– Certamente que ao Lúcio eu não aconselharia um semelhante regime; claro que por causa das suas condições especiais... Mas esta mesa está capaz de escangalhar com o jejum de um santo!

Agapito que comia lentamente, ruminando, pousou o talher, à escuta, e o vigário tocou-lhe no braço:

– Um pouco de vinho. Olhe, é fabricado aqui mesmo, do quintal.

– O vinho, disse Lins, devorando com grandes garfadas; eis um precioso suco que ainda convém ao temperamento glacial do nosso preceptor.

Agapito ficou um tanto embaraçado; mas disse:

– Não duvido, meu caro senhor; não obstante uma bebida que não raramente dá motivos de sérios desgostos, seriíssimas desordens, quando ingerida imoderadamente, como sói às vezes acontecer.

– Borracheiras, precisou prazenteiramente padre Domingos, mas tem a vantagem de revelar as paixões.

– Certamente, meu prezado senhor vigário, lá diz o anêxim: *In vino veritas*. Se esta locução proverbial era pelos nossos ancestrais considerada verdadeira, é hoje ainda havida de modernos, e com razão, por exatíssima.

Fez uma pausa e prosseguiu na sua entonação profunda:

– Não se me afigura, porém, desarrazoado que se verberem sempre e acremente os condenáveis excessos dos que a ela se entregam; e com abundância de coração louvo e aplaudo as amostras de relevante empenho das sociedades que no estrangeiro pregam a continência. Por isso me sorri que se beba sobriamente, parcamente.

– De pleníssimo acordo, disse o Lins, esgotando todo o copo; hei de ver se modifico os meus hábitos de harmonia com os seus austeros princípios de continência.

O jantar corria animado.

O padre Domingos comia como quem faz uma operação complicada, e percebia-se a beatífica satisfação que o repasto espalhava na sua inflamada casa de sátiro que o vinho incendiava.

Lúcio é que continuava a guardar silêncio, muito sério, sorrindo para os outros, cheio de pasmo diante do Lins que o assombrava e divertia.

O Felicíssimo, todo cândido e asseado, fazia as funções de copeiro, e nos intervalos de descanso agitava a toalha em torno à mesa, enxotando as moscas.

Lá fora, a tarde caía lentamente, doirando as árvores do pomar na eterização luminosa do azul. O moinho trabalhava ao longe numa trepidação monótona e surda; e a espaços ouvia-se os arrulhos das pombas, noivando sobre o telhado, no idílio tranquilo e apaixonado das cousas mansas.

– Então, Lúcio, dizia o vigário, ainda uma asa de pato?

Lúcio agradeceu, satisfeito; e quando todos já haviam cruzado os talheres, Agapito ainda mastigava funebremente.

Porém, terminou enfim.

Cruzou o talher, limpou a boca.

O vigário levantou-se.

– Tomaremos o café, lá fora, não é melhor?

Aqui abafa-se.

Todos iam já se levantando, quando o professor os deteve com um gesto.

– Relevai deter-vos. É apenas um momento para um brinde.

Lins olhava-o com assombro, perguntando que queria dizer aquilo. E encarava-o com um ar de zombaria hostil e implacável. Todos sentaram-se de novo. O professor meteu as mãos nas profundidades das algibeiras e sacou um rolo de papéis, que desenrolou lentamente, com as mãos trêmulas de comoção. E colocando-o sobre a mesa explicou.

– Preciso de ser credor de toda a vossa indulgência. Quisera preparar uma surpresa ao nosso vigário, e não sendo dotado, como Cícero, como Demóstenes e como o nosso doutor, da eloquência dos grandes tribunos, muito de indústria elaborei e confiei ao papel a oração que peço permissão para ler.

Lins esfregava as mãos, deliciado já, e o padre Domingos escutou gravemente. Agapito levantou-se, inclinou-se ligeiramente e leu numa voz tumular:

– *Eheu, eheu, Posthume, Posthume, fugaces, labuntur anni.*

Respirou com força e continuou gravemente:

– “Nos bodos e serões celebrados na intimidade de convivas amigos em desambicioso confabular, licito é mesmo ao espírito mais tímido e engenho mais apoucado dar pasto aos seus insofridos desejos e aventurar-se por alpestres e recônditas alturas, onde rastejam apenas os talentos mesquinhos e, como os nossos, de pouca monta e valia alguma.”

A sua voz teve uma inflexão ainda mais grave e profunda no final do trecho que lia pausadamente, de sobrolho franzido, como que imerso em cogitação profunda.

Fez uma nova pausa, e leu ainda:

– “Se bem que o nosso idioma tão aquinhoado seja das esmeradas expressões de um opulento e pingue glossário, palavras não nos sobejam para celebrarmos esta festa, lamentando não termos sido fadado como os vates que souberam immortalizar os alaúdes dos Horácios, dos Ovídios e dos Virgílios.”

E a sua voz baixou aqui a um diapasão de além-túmulo, como um parêntese de mistérios, para exclamar: – “Triste fadário o dos espíritos desconcertados e falhos de inspiração no sereno e delicioso poetar de acerbo espinho!”

Lins que o ouvia com uma alegria manifesta e perversa, não se pode conter e bateu palmas frenéticas:

– Bravos ao acerbo espinho! Que grandíssima...

E corrigindo-se, em tempo:

– Que grandíssima paráfrase de Garrett!

Agapito, porém, não o ouvia, e prosseguiu, sepulcral:

– “Não vos forrareis, porém, ao fastidioso desprazer de ouvirdes o nosso ronzeiro saudar endereçado ao nosso prezado anfitrião, fecundo orador sacro, ornamento da igreja e da religião de Jesus Cristo.

Colhe ele hoje mais uma matizada e odorífera flor no vergel da sua existência, e escusado é dizer o regalado júbilo que tal acontecimento proporciona aos seus amigos e admiradores. Não fora o receio da morte a que não se escapara ainda qualquer ser sujeito à contingência das cousas humanas, como disse o poeta:

Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas regnumque turres;

– Não fora tal desagradável cogitação, e só nos cumpria associar-mo-nos à dobrada alegria. Alenta-nos, porém, desejar que calmo mar

deleitoso há de ser o escoar-se dos seus viçosos anos, e desarrazoado não se nos afigura externar aqui os nossos sinceros votos pelo precioso existir de quem, como o reverendíssimo senhor vigário Domingos, se afez como de costume e razão, à estima e ao espírito dos seus paroquianos.

Saudamos, pois, *ex abundantia cordis* a pujante coluna da igreja em que se assenta e apoia esta ditosa paróquia!”

Tossiu, calou-se, sentou-se.

Tinha terminado. Suava.

– Muito bem, muito bem, dizia o Lins estendendo-lhe a mão. Estou aqui, estou assombrado!

E Lúcio cumprimentou-o também.

– Professor, meus cumprimentos.

Agapito limpava o suor da testa com um ar sisudo e concentrado, agradecendo.

Padre Domingos punha nele olhos enternecidos, seriamente comovido.

– Muito bem, Agapito, e agradeço, hein? Muito bem.

O professor, depois de limpar o suor que o alagava, recolheu as tiras de papel almaço às profundidades das algibeiras e fazendo um gesto vago de modéstia, disse:

– Os senhores não de desculpar o meu brutesco arrepiado de frases, que aliás procuro copiar dos bons autores e mestres da língua, os quais serão sempre os paradigmas do bom gosto literário, deixem lá falar modernos e modernices!

Tinham passado para a sala a convite do padre Domingos, para tomarem o café. De caminho, o professor acrescentou, andando no seu passo medido e grave:

– Demais dispus tão somente de dois dias para conceber e escrever aquilo; e naturalmente há de participar da precipitação com que foi lançado ao de cima do papel.

– Mas estava magnífico; o seu brinde foi a nota culminante da festa, protestava o Lins, servindo-o de café, na varanda aberta para onde os dois cães magros tinham sido expelidos a pontapés pelo Felicíssimo.

Houve um silêncio.

Corria uma viração agradável, e sobre o telhado continuava a arrullhar o *rulabu*, das pombas. O sol já havia desaparecido. Todos tinham se calado, embalados por um bem estar que precede ao começo das digestões boas e salutares.

E no meio do crepúsculo que começava a invadir a varanda, Agapito de pé, num aprumo sem arrogância, a chicar as mãos, obtemperou dali a pouco:

– Não, não estava magnífico não, senhor doutor; houve demasiada precipitação que não permitiu escoimá-lo de defeitos e corrigir as arestas das frases.

Costumo consumir meses em semelhantes práticas, quando me entrego a trabalhos literários. Assim o fiz nos meus *Martírios*. Porque não sei se sabe que sigo à risca o preceito horaciano da *Arte Poética*... Recorda-se de certo trecho que reza assim... deixa ver se me lembro...

Levou a mão à testa, num esforço de memória e esteve alguns instantes naquela grave concentração do espírito. Houve um segundo silêncio, mais longo e mais profundo. A noite descia já e sentia-se que no céu picavam as primeiras estrelas, para as luminárias da via-láctea, no mirabolante fogo de vistas das noites estreladas.

E no fundo do crepúsculo, um fio de voz grave e sonolenta recitou:

*Quintilio, si quid recitares: Corrige, sodes;
Hoc, aiebat, et hoc. Melius te posses negare
Bis terque expertum frustra; delere jubebat
Et male tornatos incudi reddere versos.*

V

Num domingo, depois da missa conventual, padre Domingos arrastara consigo o professor Agapito à casa da viúva, onde encontraram as Teles conversando com a dona Flávia e a Luísa, num canto do sofá.

Como as visitas acudiam agora regularmente aos domingos, abria-se o velho salão com o seu aspecto de antiga nobreza, em cujas paredes as goteiras choravam, na estação das chuvas, compridas manchas amarelas.

Lúcio tinha vindo receber as visitas na escada e introduziu-as no salão, onde houve logo um arrastar de cadeiras, as Teles ensaiando sorrisos e grandes mesuras corteses. E como dona Fafá se levantasse, o *Príncipe* que a acompanhava até nas igrejas, escapou-se para a porta por onde o *Favorito*, o gordo perdigueiro do vigário, vinha lentamente caminhando, arquejante de calor, a língua seca pendente da boca aberta.

O *Príncipe* encrespou-se logo, apoiando-se à parede.

As visitas trocavam os primeiros cumprimentos, quando os seus latidos, agudos e vibrantes, abafaram todas as vozes impertinente-mente. Ninguém mais se entendia, e a dona Fafá, cuja surdez se acentuara naquele dia, olhava pasmada sem compreender.

De súbito o *Príncipe*, estimulado talvez pelo silêncio do *Favorito*, que o encarava com o desdém de um burguês agredido pelas assuadas de um garoto, avançou para o perdigueiro, ladrando com estrépito. O canzarrão parou, os olhos injetados de sangue, com um pequeno tremor de lábios, sem contudo perder a sua calma imperturbável de cão anafado e pacífico.

Como o perdigueiro incitado o mordesse nas patas, teve apenas um grunhido surdo e feroz e abocando-o pelo pescoço, atirou-o res-
pinino no sobrado, ganindo miseravelmente.

Foi então que a dona Fafá viu e compreendeu a situação do seu cãozinho de saias. Foi um alvoroço.

– Nossa Senhora! invocou ela, correndo para acudir o *Príncipe*. Acuda-o, senhor vigário, acuda o pobrezinho que vai morrer!

Toda trêmula dona Fafá tinha perdido a sua gravidade quarentona, deixando cair a capa. De chofre a dona Bibi, que estava junto de Agapito, agarrou ao braço deste toda inteiriçada, apontando para os cães, e com os dentes cerrados, gritou:

– Sangue!

Foi um rebuliço.

– Sangue! repetiu dona Fafá, desatando a chorar. É exato! Ai! meu Deus! O pobrezinho está botando sangue pelas feridas, senhor vigário.

A dona Bibi gritava, clamando:

– Ele morre, professor! Ai, *Príncipe*, meu rico bem!

E numa crise nervosa, sapateando, aos guinchos, dona Bibi atracou-se violentamente ao pescoço de Agapito, que cambaleou, pálido e consternado.

– Minha senhora! balbuciou, preso pelos braços da Teles e alarmado pelos seus gritos, sem ousar abraçá-la, posto que receasse vê-la cair desamparada, tal era o tremor de que estava possuída.

– Minha senhora, continuava ele a balbuciar, a senhora em caindo... se contunde e se molesta!

Lúcio, a dona Flávia e a Luísa olhavam indecisos, tão rápido era o incidente e tão súbito o alarma das Teles.

O *Príncipe* continuava a barafustar no chão, ganindo entre as mandíbulas possantes do perdigueiro; efetivamente duas pequenas gotas de sangue muito vermelhas tinham corrido entre os velos dos seus cabelos brancos.

Dona Bibi continuava a apertar o professor, que tartamudeava, sufocado pelo abraço:

– Senhora dona Bibi, senhora dona Bibi! Olha que se esvai, minha querida senhora!

Agapito estava desolado.

De súbito, no meio da confusão de vozes e pratos e da consternação geral, um berro formidável abalou o sobrado e reboou até à rua.

Era a voz estentórica do padre Domingos que fulminava o cão numa apóstrofe tremenda, que um pontapé teso sublinhou veementemente.

– Passa fora! tropejou ainda, numa rajada de cólera que parecia querer aluir o sobrado.

Ouviram-se uns ganidos dolorosos e tímidos; o perdigueiro fugiu para a escada, e o *Príncipe*, de cauda colhida entre as pernas, as orelhas murchas, foi refugiar-se no regaço da dona Fafá, que o beijou enterrecida, com suspiros de alívio, examinando os ferimentos.

– Não foi nada, disse o Lúcio, que o examinava; um ligeiro arranhão.

Dona Flávia e a Luísa voltaram do interior da casa, trazendo uma garrafa de vinagre, frasquinhos de essências, e um copo de água para dona Bibi, que parecia desmaiada sobre o canto do sofá, onde Agapito conseguira colocá-la com muito jeito, vexado de se ver enlaçado àquela senhora tão recatada e tão austera.

– Então, não foi nada? perguntou ela ao Lúcio, esforçando-se para levantar-se.

– Nada, dona Bibi, respondeu este; um simples arranhão.

Ela tomou-lhe o braço, e dirigindo-se para a irmã, num enterrecimento histérico, tomou o *Príncipe* nos braços, e beijou-o no focinho, nos olhos, nas orelhas, como se fora um filho.

– Coitadinho! Coitadinho! repetia, abraçando-o, entre suspiros.

E foi sentar-se de novo, abatida, depois de entregar o fraldiqueiro à carícia de dona Fafá; vieram-lhe então lágrimas de comoção, com um soluço que abateu-lhe as omoplatas.

Agapito, solícito e desolado, repetia, com as mãos no ar, como querendo segurá-la:

– Olha que se esvai, minha querida senhora! Olha que se esvai!

– Aqui tem água, disse a Luísa, chegando-se para ela, apressada.

A Teles deixou cair a cabeça para trás, derreada, os olhos vermelhos, suspirosa:

– Dê-me, santinha, que me sinto tão sufocada, ai! com um peso aqui, no coração. Não me vá dar alguma, e rebentar para aí, o *neurisma!*

– Qual! não vale nada, minha preclara senhora.

– Beba! disse Luísa.

– Deixa passar-lhe vinagre nas fontes, pediu a dona Flávia.

– Pois, sim, riquinha! Esfregue-me, esfregue-me, que não me sinto boa ainda não. Você sabe como eu sou sensível.

E voltando-se para Agapito:

– É tocarem-me, encolho-me toda, arrepiada.

Olhava o professor com ternura e reconhecimento.

– Neurastenia, minha senhora.

– Sei lá, Jesus! Flatos, calafrios, a modo de umas estrelinhas, uns *caçalumes* nos olhos e uns formigueiros nas pernas. Ha já muitos anos que sinto estas novidades, que me apoquentam e me arrasam.

– É isto, disse o padre Domingos muito corado, sentando-se entre Agapito e a Luísa; por vezes tenho recomendado ao Felicíssimo que prenda o cão todas as vezes que preciso de sair. Porque acompanha-me inevitavelmente, apesar dos anos e daquela gordura; mais creia, Lúcio, que é um animal inteligente e foi o melhor perdigueiro destas redondezas num raio de vinte léguas. Um faro!... Era dar no rasto da perdiz, já sabe, lá se ia, caracolando, focinho no chão, abanando a cauda, até topá-la e levantá-la. Ela *encastelava* no ar, o tiro saía, pum! pum! e ele ia buscá-la para trazê-la à mão.

– Mas é muito feroz, disse a dona Bibi.

– Qual, feroz, um animal samoco e caduco, pingando velhice!

– Pois, sim, disse ela ressentida; mas veja o que fez ao *Príncipe*.

– Tem razão, retrucou o vigário, limpando o suor do cachaço, e peço-lhe mil desculpas pelo ocorrido. Mas o cãozinho é que o provocou, não viu?

– Não, senhor, não vi.

E secamente:

– O *Príncipe* nunca provocou a ninguém; é muito bem ensinado. Sabe buscar o perdido, tem termo e serve a mesa. Quer ver?

E chamou o *Príncipe* para exhibir as suas prendas.

Ele, porém, enroscou-se-lhe nas saias, invadido ainda pelo terror.

– Dê-me o vidrinho de cheiro, santinha, dizia a dona Bibi para a Luísa: ainda não me passou a zoada da cabeça nem estes *agalumes* que me estão nos olhos feito um fogo de artifício.

E voltando-se de repente para Agapito, com ternura:

– E o senhor, desculpe-me, sim? desculpe-me.

– Nada tenho que desculpar, minha senhora; escusa, pois, de insistir neste particular. É preciso que a senhora recobre o perdido ânimo.

– Pois não, disse Lins, que isto passa-lhe, vale nada,

– Eu cá é que sei, disse a dona Bibi, balançando a cabeça.

– Passa-lhe, passa-lhe, disse o vigário Domingos autoritariamente. Lembro-me de que a finada minha avó sofria os mesmos incômodos, entretanto que morreu um dia, de repente, estuporada.

– Ai! credo!

– Então! Todos havemos de morrer.

– *Apois*, então? Mas eu preferia morrer de outra cousa, cristãmente, depois de absolvida e ungida dos Santos *olhos*, sacramentada...

– Que dúvida! retrucou o vigário; a morte assim é mais agradável para uma cristã, de perfeito acordo. Porém, é preciso que cada um

se conforme com as sentenças que estão lavradas lá em cima. Dizem que Deus escreve direito por linhas tortas. É uma grande verdade que precisa ser bem meditada. Portanto, não nos incomodem as cousas futuras, que o futuro pertence a Deus, não é, caro professor?

Agapito ouvia-o com pequenos sinais de assentimento na cabeça magistral, as mãos fechadas postas sobre os joelhos, naquela postura catedrática de um sábio obscuro. Interpelado pelo pároco, fez um gesto vago, esteve meditando profundamente e respondeu:

– Pelo menos assim o proclama o senso das turbas, meu caro senhor.

Todos ouviram com admiração este gravíssimo conceito; padre Domingos olhou o professor com afeto e batendo-lhe no ombro, disse com unção na voz:

– Isto é que é falar. Entretanto, um homem que é dotado, como este, de tantos predicados, é esquecido aqui num canto da província. Por isto o país não progride, não acha, Lúcio?

– Decerto, concordou este.

Padre Domingos continuou a lisonjear:

– E homem de muito senso, cabeça sólida e pesada, grande tino...

Agapito encolhido balbuciava:

– Por quem é, senhor vigário...

No fundo exultava.

– Ora, deixe falar, homem, que bem sabe como sou parco de elogios.

– E quem os merece mais do que o professor? perguntou a dona Bibi, cheirando o frasquinho de essência.

E voltando-se para a Luísa.

– Não acha, Luluzinha? perguntou.

Ela respondeu naturalmente:

– Pois, decerto.

E desviou a vista do padre Domingos que a devorava com olhos libertinos, a cara inflamada de satiríase. A sua aversão por ele tinha crescido, desde a noite em que o reconhecera, ao clarão do luar, escalando a janela dos fundos. Mal podia dissimular a antipatia que lhe inspirava o vigário, apesar da sua bonomia e dos seus modos paternais.

O vigário Domingos falou:

– E um bom partido, sobretudo... Já este outro dia fiz ver que era preciso casar-se.

Agapito tossiu muito corado, mas calou-se.

– Então, que diz? perguntou a dona Flávia. Tossiu de novo, constrangido, esteve olhando fitamente para o soalho, e respondeu:

– Minha senhora, *ad impossibilia nemo tenetur*... Já fiz ver ao honrado senhor vigário os grande óbices que se antolham à realização de semelhante passo.

O pároco acudiu vivamente, meio repreensivo:

– Perdão, professor; não tomei em muita conta os motivos... os motivos frívolos, se me permite assim chamá-los, que alegou. A sua idade, a sua situação, a sua índole são as de um homem de bem e lhe aconselham o matrimônio, como medida de repouso do espírito, de felicidade conjugal e até – de higiene!

– Daí, acrescentou a viúva, precisa de uma pessoa que cuide da roupa branca, da casa, da saúde.

Agapito balançava a cabeça pedagogicamente.

– Pois não, excelentíssima senhora, concordou ele por delicadeza.

Padre Domingos prosseguiu:

– Desculpe cometer a indiscrição de tratar de assunto tão íntimo e delicado, porém, como sacerdote, corre-me o dever de aconselhar, inspirando-me nas próprias doutrinas de Jesus que santificou os enlances, elevando-os à categoria de matrimônio.

Todos olharam o professor que parecia vencido, aguardando a sua resposta; e ele replicou devagar, afagando as barbas de alquimista:

– Se vossa reverendíssima me permite entrar em alheias searas, observaria que a Igreja também recomenda e institui o celibato como uma virtude ainda mais preciosa.

– Ah! claro, claro, claro; mas trata-se do celibato eclesiástico, dos votos de continência dos que se consagram exclusivamente ao serviço de Deus. Ora, o senhor não está no caso, meu caro; além disso o celibato secular não importa na continência; o senhor, por exemplo, é um celibatário, mas certamente não é um casto!

Agapito enrubescou até as orelhas; as Teles baixaram os olhos, pudicamente. Não obstante, o pároco prosseguiu, dando patadas no sobrado, achando-se eloquente e irresistível; e com o aparato dos sermões da Quaresma, apontou para a Luísa, que ouvia, calada:

– Veja esta menina, por exemplo. Esta ou qualquer outra... Mas veja esta menina, virtuosa, prendada, formosa; um coração de pomba, uma carinha de santa. Nela a natureza esmerou-se em dotes físicos e morais; mas é órfã, digo, é quase órfã, porque tem uma mãe enferma; não tem senão o amparo, os carinhos, as afeições desta casa... Pois bem! O senhor, que é um homem de bem e de talento, que tem uma posição brilhante no magistério, solicita, por exemplo, a mão desta menina, casa-se com ela; fá-la independente, alegre e feliz; consagra-se exclusivamente à afeição da esposa; o seu lar é abençoado por Deus; prospera, floresce, sorri; toda a felicidade humana irradia na sua casa... Ande, diga: não terá o senhor feito uma ação generosa, uma obra digna de um homem honrado?

Estava arrebatador o vigário; tinha-se animado; as palavras saíam-lhe fáceis, os argumentos acudiam-lhe prontamente, os gestos coloriam as expressões, e a inflexão da voz calava, persuadia.

Estava defronte do professor, de braços cruzados, a atitude teatral, o ventre ovante espaçado no gozo triunfal da sua lógica inexorável.

Neste ínterim assomou à porta a figura lúgubre saltitante do Carlindo, sempre de luto, face encovada, que vinha caminhando aos pulinhos desde o corredor.

Da porta pediu que não se incomodassem, por favor. Tinha julgado Lúcio só; pedia-lhe uma palavrinha – com licença dos senhores e senhoras.

Estava bastante embaraçado, piscando muito, coçando a carepa dos cabelos cortados à escovinha.

– Às suas ordens, disse Lúcio, travando-lhe do braço pelo corredor afora.

No topo da escada o Carlindo voltou-se com um ligeiro rubor nas faces; estava vexado e indeciso, afagando um botão da batina de Lúcio; enfim decidiu-se:

– Homem, eu tenho um favorzinho a pedir-lhe, e venho recorrer à sua amizade, porque sei que você é mesmo meu amigo...

E feito este preâmbulo, calou-se.

– Estou às suas ordens, Carlindo; veja em que te posso servir. O outro apertou-lhe a mão com força, dando um pulinho para diante, e piscando infatigavelmente abaixou a voz, pôs-se a choramingar, fazendo confidências sobre os seus sobressaltos.

– Uma situação precária, prosseguia, uma emergência difícil em que os maus negócios me colocaram. Você não imagina.

Pulou para uma banda, cuspiendo, e continuou:

– Prometeram-me um emprego público. Ora, promessas! As agências não davam para as despesas, as sobrinhas estouravam de trabalhar. Homem, com você eu me abro; você é um amigo, você guarda reserva.

E aproximando-se quase em segredo:

– Até o toucinho tem faltado em casa!

E suspirou ao cabo da miserável confidência.

Lúcio estava comovido.

– Pois sim, Carlindo, diga lá...

O outro coçou a orelha, de olhos baixos:

– É que precisava de uns cinquenta mil réis, se mos emprestasse....

Lúcio não pestanejou tirou do bolso da batina uma nota em folha – era o único dinheiro que havia ganho.

Carlindo estendeu avidamente a mão, e a cédula desapareceu na sua algibeira.

Desatou a pestanejar atrozmente, todo lépido:

– Obrigado, obrigado; creia no meu reconhecimento, Lúcio. Breve virei restituí-los.

Interrompeu-se assustado, porque embaixo, na escada, uma voz zombeteira e conhecida falava:

– Se é segredo não se incomodem comigo... Sou o Padre Eterno que anda viajando incógnito.

Era o Lins, todo anguloso, agitando a bengala, com a sua cara de fuinha, irônica e voltairiana.

O Carlindo olhava-o inquieto.

– Com os diabos, põe-te quieto, dizia-lhe o Lins, ainda virás a ser atacado de cólera. Ora já se viu um diabo mais pisco e saltão?

O outro sorria, desconsolado.

– Bom, você desculpa, sim? Já ia me retirando.

– Desculpo e agradeço-te até a discrição, menino.

O Carlindo desceu os degraus, dois a dois, e quando ia lá embaixo, Lins, designando-o com a bengala, perguntou a Lúcio:

– Então, quanto lhe cobrou ele pela manifestação?

Lúcio sorriu, repreendendo-o.

– Não seja mau. Afinal ele é um bom rapaz.

Lins sacudiu os ombros.

— Ora, aí está! Bem digo que você é um santo; não há ninguém que seja mau, todos são anjos!

E encarando o Lúcio:

— Queres um conselho? Todo o homem deve ser pessimista, para triunfar na escola do êxito. Se você não se precatar contra aquela sanguessuga, ele come-te positivamente, percebe?

E bruscamente encaminhou-se para o salão.

— Olarepes! Vejo que só faltava a minha pessoa para se constituir a sonífera assembleia da maledicência local — com o perdão das senhoras.

E caricaturando em atitudes cômicas e inflexões sonoras de voz, os modos do professor Agapito, adiantou-se para este a passos graves:

— Colendo Pestalozzi e preclaro preceptor, *vale!*

E voltando-se para as Teles:

— Sacratíssimo Tribunal do Santo Ofício! Como vai, minha estimada senhora?

Padre Domingos caiu sobre uma cadeira, rebolando de riso.

— É incorrigível este Lins!

Agapito sorriu com bonomia.

— Muito vivaz e muito jovial o nosso sacerdote de Têmis! Com que esmero e gentileza copia os ademanos alheios!

O pároco, esbandalhado de riso, limpava os olhos:

— Incorrigível, incorrigível!

Percebia-se que exagerava a hilaridade para lisonjear o amor próprio do advogado. Houve uma pausa na conversação. As Teles, indignadas com o sobrinho, fingiam também achar-lhe graça e sorriam melifluamente.

Lúcio voltou-se para o Lins:

— Sabe que o nosso vigário pretende casar o professor?

Lins fez um gesto de assombro.

– Quê? casar o professor!... Aniquilar pelo matrimônio o decano dos nossos professores!

E limpava o monóculo no lenço perfumado.

– É célebre! Já é a segunda tentativa que o vigário faz neste sentido. Será porventura alguma conspiração para casá-lo à minha tia?

E designou a dona Bibi, que não se pôde conter:

– Seu malcriado!

– Ah! minha senhora, desculpe. Pensei que a lisonjeava, considerando-a ainda em idade de tomar estado.

A dona Bibi estava pálida.

– Cale-se, se não me faz perder a cabeça.

Padre Domingos voltou conciliador:

– Então? São brincadeiras.

– Mas não as admito!

– Ora, não vale nada.

– *Pueri ludunt!* latinizou Agapito

– Eis aqui um que não se arruína em citações latinas, disse o Lins, designando a Lúcio o professor.

O Lins sentou-se, depondo um pequeno embrulho sobre a cadeira próxima, e um silêncio se fez.

A sua presença constrangia visivelmente, interrompendo o curso da conversa.

Era meio-dia. O sol abrasava lá fora. Nas ruas tilintavam esporas e ouvia-se estrépito dos animais nas calçadas; eram os moradores vizinhos à povoação que voltavam para as roças. Lá dentro ouvia-se a voz aflautada do Felicíssimo, que fazia café para as visitas, e no corredor o *Príncipe* e o *Favorito* confraternizados, finalmente, dormiam um ao lado do outro a sesta das digestões estrepitosas.

Lins acendeu um cigarro.

Foi Lúcio quem cortou o silêncio, que começava a ser incômodo.

– Que embrulho é esse?

E o Lins respondeu, soltando uma fumaça lenta do cigarro:

– Nada; uns dinamites.

Dona Bibi estremeceu.

– Credo!

– Está bem, minha tia, não precisa assustar-se tanto: é apenas um livro novo.

– Um livro novo? perguntou Lúcio.

– Bobagens: versos.

– De algum autor novel? inquiriu o professor com interesse.

E a um sinal afirmativo, prosseguiu com desdém:

– Não leio. Há hoje o melhor de vinte anos, que quase não leio livros novos.

– Por quê? perguntou padre Domingos.

– Tenho motivos sobejos, meu reverendo senhor. *Primo*: não dispoño dos ócios indispensáveis para minúcias e leituras fúteis. *Secundo*: porque a literatura coeva, muito licenciosa de expressões, não recua diante das cenas e frases proibidas pelos melindres da decência.

Fez uma pausa de meditação e continuando a contar pelos dedos:

– *Tertio*: porque a falar com pureza e verdade, além de desconcertada e mal soante, acho a moderna poesia emaranhada de locuções e abstrusa no pensamento.

Lins pôs-se a rir.

– Traduzindo tudo isso em vulgar, o que se depreende é que o ilustre professor não a entende.

Agapito pestanejou, obtemperando depois de um momento de madura reflexão:

– Bem o pode ser, prezado senhor doutor. Peço meças em ignorâncias aos que mais néscios o são. Porém, presumo que a tacha de menos

boa merece mais à poesia coeva do que de menos arguto ao meu, aliás apoucado, intelecto. O meu delicado amigo não ignora que desde a minha puerícia consagrei-me ao estudo da latinidade (do que menos me arrependo do que se me consagrado houvera ao cultivo de vãs e nebulosas filosofias). Como sabe, os melhores clássicos daquele idioma são poetas, a saber: Ovídio, Virgílio, Horácio *et reliqua*. Pois, apesar de ser obrigado a perquirir o sentido e significação de vocábulos e locuções de um idioma estrangeiro, sempre eu me afeiçoei a entendê-los mais facilmente do que as modernices e francesismos dos bisonhos navegantes que hoje pretendem singrar mares de estultas literaturas.

Tinha falado com ênfase e habitual gravidade, mas percebia-se também que sentia um certo despeito. E terminou com pompa e com estrondo retórico.

Lins ouviu-o em silêncio, e padre Domingos, dominado pelo tom de triunfo do professor, exaltou-o:

– Bravos à oratória pedagógica! Sim, senhor Agapito; o senhor lavrou um tento; veja o heresiarca como embatucou!

Lins sorriu.

– Deixe-me, senhor vigário; veja que continuo embebecido e assombrado pela estranha hipnose que sobre os meus sentidos exerce o professor. Quando o ouço, chego à ilusão retrospectiva de uma vida passada, de clássicos e frades letrados. Se é que, conservando-me no presente, não assista à ressurreição de alguma velha crônica do Portugal quinhentista. O professor Agapito nada mais é do que um disfarce de uma década de João de Barros ou de alguma crônica de Damião de Góis.

Agapito ouvia-o cortesmente, mas constrangido; tinha a réplica difícil e vagarosa, mas retrucou de pronto:

– Para mim, meu caro senhor, não seria o menor desdouro, senão a maior honra, imitar autores de tão boa nota, entre doutos e

entendidos. Se máculas têm, são das que Horácio perdoava... *quas aut incuria fudit aut humana parum cavit natura*. Antes escrever como Bernardim Ribeiro, João de Lucena, Sá de Miranda do que bolçar as arengas despudoradas dos pintalegreses de agora!

E assoou-se severamente.

As Teles bocejavam a princípio, mas rejubilavam agora, sem compreender bem, convencidas, porém, do desastre de Lins. A viúva estava contrariada, Lúcio sorria e Luísa retirou-se discretamente.

Agapito ajuntou, sorrindo:

– E relevem os senhores a minha rabugice e vetusta sensaboria; mas sempre hei de preferir às frivolidades e louçanias de livros e literatura franceses a velha literatura latina – eterna, perfeita, original!

Tinha aberto os braços num gesto solene e largo; falara com grande ênfase.

Lins não pôde conter mais a surda irritação que lhe causava aquele tom doutoral e a fofa arrogância das maneiras.

– Perfeita e original – que grandíssima bobagem, que toleima mais pulha!

O professor olhou com indícios de veementes receios, e ele disparatou:

– Quem ignora hoje, a não ser um fóssil ou um imbecil, que a velha literatura latina era uma cousa postiça, artificial, retórica que falhou como função histórica da nacionalidade? Quem ignora hoje que os órgãos que constituem o elemento estático das literaturas são a raça, a tradição, a língua, a nacionalidade? Uma imitação, uma cópia, um prolongamento da literatura helênica, eis o que ela foi!... Uma velharia bolorenta, uma prenda de arqueologia, uma charada, quando muito, para glotólogos ociosos, eis o que é hoje! Opulenta e original – admitindo que assim fosse, nem por isto, rigorosamente encarada sob o critério científico poderia satisfazer as necessidades e traduzir

as impressões da nossa época. Não devia ser ela uma síntese afetiva, o reflexo do estado moral de uma nação ou de uma raça, da sua evolução histórica? Na trajetória da humanidade, desde o império romano até hoje, quantas fases tem apresentado o estado da alma humana no meio de tantos povos, de tantos meios, de tantas nacionalidades? E o senhor pretende decerto, que ainda hoje se repitam as mesmas velharias de há dezoito séculos e que se retroceda a um estado anterior por que já passamos. Ora, pistolas!

Tinha andado por toda a sala, desarticulando-se, movendo-se, agitando-se, muito animado, e veio terminar diante de Agapito, que ouvia-o com ar consternado de quem sucumbe diante de uma grande catástrofe; teve tempo, porém, de cobrar ânimo, e objetou com uma voz cavernosa:

– Mas, o belo? O belo?

Lins interrompeu-o bruscamente, exaltando-se de novo:

– O belo – eis o senhor enveredando para os domínios metafísicos, onde toda a investigação se perde e se apaga. Sei que adota ainda a estética de Platão e os princípios de Quintiliano, o seu adorado Quintiliano. Ah! meu caro preceptor, quanto isso se distancia do ponto de vista científico deste século de pintalegres modernos! E é tamanha a distância que vai do senhor ao século dezanove que desisto do empenho de vasculhar as teias de aranha do seu cérebro para iniciá-lo nas novas províncias do espírito!

E mudando de tom, de chofre:

– Com a breca, prosseguiu, sinto que tornei-me medonhamente pedante e imperdoavelmente maçador para com as senhoras. Para terminar, meu caro professor, só me resta proferir esta última blasfêmia: – Para mim nada há mais nocivo e mais prejudicial do que o clássico – deve ser varrido da face da terra como o próprio pecado!

E afagando-o com palmadinhas nos ombros, falou:

– E amiguinhos como dantes, não é? Não vá a gente zangar-se por um fútil cavaco.

Agapito, que tinha um aspecto sombrio, sorriu funebrememente.

– Isto de proveitosa lição até há de servir-me.

Padre Domingos bocejava:

– Brincadeiras, brincadeiras.

– Pois não! concordou Lúcio, com o seu jeito dócil e tímido de eterna tolerância.

Lins tomou o chapéu para sair.

– Não me quer mal, professor?

Este apertou-lhe a mão com bonomia.

– *Quod Deus avertat!*

E como para firmar a reconciliação, acrescentou:

– Se não leva grande pressa, atenda-me um breve instante.

– Com muito gosto, declarou Lins, sentando-se junto dele.

Agapito esteve um momento examinando as botinas, tirou o grande lenço de Alcobaça, assoou-se com galhardia e estrépito, e perguntou com doçura:

– O meu provecto amigo, se não me ilude a falaz memória, ou se não fui vítima de um engano de outiva, proferiu, quando aqui entrou a palavra *decano*, dando-lhe tonicidade à antepenúltima – ou primeira, como queira – à antepenúltima sílaba.

Lins encarou-o com surpresa.

– É exato, confirmou; chamei-o o decano dos nossos professores, isto, o mais velho e antigo...

– Sei, sei, disse Agapito com um sorriso de imensa superioridade, contendo-o com um gesto de ambas as mãos abertas, no ar, fazendo com a cabeça que sim! que sim!

E continuou, gozando da sua desforra, catedrática e pedagógica-mente:

– Pois o meu douto amigo, creio que engana-se na boa prolação daquele vocábulo, aliás dos mais vernáculos do nosso opulento idioma. Isto é, eu assim o presumo, sem a menor pretensão a julgar-me acertado. E justifico a minha opinião contra a prosódia que em aquele vocábulo (*Silicet – decano*), porque tal não deve ser a tonicidade da sua primeira sílaba, se bem que, com o meu amigo, algumas pessoas há que adotam a mesma errônea prosódia. Não digo o vulgo, porque o vulgo não usa deste vocábulo, pertencente à categoria dos duplos de formas divergentes, uma erudita e outra popular. Exemplo: decano, forma erudita; deião, forma popular.

Lins levantou-se rindo.

Agapito deteve-o muito grave.

– Um momento ainda, meu caro senhor. Estou justificando e invocando motivos porque sou contrário à prosódia que deu ao vocábulo *decano*, fazendo-o dactílico ou esdrúxulo ou ainda proparoxítono, como ainda dizem outros. E isto porque decano deriva do latim *decanus* e remonta à raiz grega *deca*, dez, como sabe. *Decánus*, *decanis* declina-se em latim na segunda declinação dos nomes no ablativo do singular *decano*. Sabe que o ablativo é o chamado caso etimológico. Ora dentre as leis glóticas que presidiram à transformação do latim nas línguas românicas, a persistência do acento tônico é por sem dúvida, a principal. Grande lei sábia e eterna! Ora, como já lhe disse, o léxico latino manda ler-se decáno, e não décano!

Tinha terminado, sorriu.

– E peço-lhe relevar estas rabugices de velho e obscuro pedagogo; mas, creia-me que não está em mim ouvir sem protesto uma pessoa douta como o senhor doutor, infringir as regras da boa prosódia. E conto que estará de acordo comigo?

Lins levantou precipitadamente, fazendo-se feroz:

– O senhor ainda me pergunta se estou de acordo? O senhor não é um homem. O senhor ainda me há de levar a um assassinato ou a uma hecatombe! E até logo! Vou respirar, porque o senhor esbandalhou-me!

Uma tarde, a Luísa trabalhava na casa de jantar, quando a dona Bibi entrou, saudando-a com muito carinho, abraçando-a pela cintura.

– Então, como vão todos por cá?

– Bons.

Achava a Luísa pálida. Mas a Luísa não sentia nada, apenas as nevralgias e as vigílias.

– E ele?

– Quem? Lúcio?

– Sim, o Lucinho.

Luísa quase não o via e nem lhe falava; mesmo à mesa às vezes não se viam.

A Teles sorria, enquanto a Luísa ia costurando na velha máquina ruidosa.

– Mas ainda outro dia eu os vi conversando à janela, como dois irmãos, tão moços, tão alegres que metia inveja, Jesus!

E quis perscrutar os olhos de Luísa; ela, porém, a cabeça voltada para a costura, pareceu não ouvi-la.

A solteirona a esteve contemplando, e depois de um suspiro, perguntou:

– Por que você não se casa, santinha?

A moça levantou para ela os olhos claros, cheios de surpresa.

– Que lembrança!

Deu de ombros e sorriu, pondo de novo a máquina em movimento.

A Teles suspirou de novo.

A Luísa não pôde deixar de sorrir; apesar da sua vida reclusa e operosa, sem prazeres nem as distrações próprias de sua condição, conservava ainda a sua índole alegre, quase buliçosa.

Uma ideia começou a trabalhá-la, iluminando-lhe o semblante de malícia, e de repente interpelou a Teles:

– E a senhora por que não se casa?

Dona Bibi assustou-se.

– Eu? Cruzes!

– Pois, que tem isso?

– Credo! Você tem cada lembrança, Luisinha!

– Acha então que não deve casar-se?

Dona Bibi não respondeu.

– O professor tem aparecido?

– Tem estado cá algumas vezes.

A Teles aproximou a cadeira.

– A propósito, você já reparou como ele a olha?

E esperou o efeito, mas a moça não se admirou.

– Não. Por quê?

– Observe, observe.

Luísa encolheu os ombros. Para que se incomodar com uma cousa tão frívola?

Dona Bibi impacientava-se diante daquela frieza obstinada. Parecia que a conduta da moça era calculada para anular-lhe as intenções.

– Por que você não apareceu mais em nossa casa, hein? Ora, quanto tempo faz? A última vez foi pelo S. João.

A Luísa corou, lembrando-se da última vez que lá estivera, com efeito, ouvindo revelações e risadinhas irritantes, de uma meia clari-dade perigosa. E sentiu de repente uma viva aversão pela dona Bibi.

Esta começou a examinar as costuras, os estofos, a cestinha, e teve uma exclamação diante de um livrinho de fechos dourados:

– Que teteia galante. É seu?

E examinou o livro, um pequeno livro de missa.

– Que lindo! Foi ele quem lhe deu, hein? Não foi?

La fazendo perguntas seguidas sem aguardar as respostas, abrindo as folhas, examinando as estampas, experimentando os estofos, os enfeites, as fitas, metendo a mão adunca por tudo aquilo, sentindo uma indizível satisfação em apalpar, em gozar, com olhos de cobiça e de inveja. Sentia-se nos seus gestos a fatalidade atávica da rapina e da cleptomania. Depois, muito serviçal, perguntou se Luísa queria que a ajudasse; estava ali à toa e era um regalo apalpar aquelas bonitas cousas.

— Então, em uma menina se casando, disse ela, como a vida deve ser mais leve e mais agradável! Principalmente, quando o marido, ao em vez de uma cabeça tonta, um homem de peso e medida, solícito, amável, generoso, enfim um homem de certa idade, de vida bem gradada, hábitos austeros...

E baixando os olhos sobre a costura, inquiriu:

— Você, por que não se casa com ele?

Luísa fez parar a máquina, surpreendida a princípio; mas aquela lembrança era de um cômico tão inesperado, que pôs-se a rir gostosamente, mostrando os pequenos dentes que se destacavam num esmalte de louça sobre as gengivas pálidas.

A dona Bibi, porém, não se perturbou; prosseguiu seriamente, insinuando-se, exortando, persuadindo. Fez a apologia das qualidades do professor; salientou as suas excelentes condições de funcionário metódico, um homem sério, capaz de todo o devotamento por uma mulher boa e formosa.

— Depois, rematava, nem penas, nem trabalhos. Que um homem sempre é um homem. A cozinha bem arrumada, o prato feito, a vida airada, toda liró aos domingos, que regalo! Ora, uma criatura de Deus a trabalhar de manhã à noite, na costura, na cozinha, na lavagem, sem um triste momento para dar um passeio, achar um rico marido que forneça o necessário e o conforto, a soneca boa, a vida alegre, piano, bailes, festas, que sei eu? Hein, sua sonsinha?

Abraçava a Luísa, afagando-a. E a moça refletia que a Teles tinha razão; realmente que mortificação, um trabalho sem tréguas, mesmo quando não se dormia de noite! Devia ser bem agradável uma casinha alegre como o *chalet* da Virginia, uma colega de escola que tinha sardas no rosto e casara com o Augusto, da loja de fazendas. O Augusto, que bonito rapagão, assim meio pasmado... E o confronto dele com o professor se fez nitidamente no seu espírito. Um velho, o professor, muito delicado, era certo, amável mesmo, excessivamente cortês com as senhoras, mas que aspecto lúgubre, já idoso, aquele modo de falar tão estúrdio! Juntava detalhes; as unhas negras, orelhas flácidas, botinas de duraque, enormes!

– Então, não quer? perguntou dona Bibi.

– Não; Deus me defenda.

– Por quê?

– Ora, um velho jarreta!

– Mas...

– Não, não, não! redarguiu a moça categoricamente.

A Teles não desistiu; mudou de estratégia.

Falou de diversas cousas, despreocupada e alegre com pequenas risadinhas, fazendo-se muito camarada e muito boa rapariga, como uma velha tia tolerante.

E com a sua voz soporífera e insinuante ia fazendo grandes circunlóquios, tomando caminhos diversos para chegar sempre ao mesmo ponto. Fez-se infeliz, queixou da sorte, exprobrou o mundo.

– Porque, cá no mundo, *a gente se* está sujeita a tanta maldade, ao erro, ao desvio! As mulheres, principalmente, devem se armar de toda a prudência e discrição, porque são mais frágeis. Na mulher tudo pega. Você quer muito bem a uma pessoa, ao seu primo; ele também a estima, como irmã. Nada mais razoável, mais justo, porque são moços ambos, foram criados juntos. Jesus! como é bom terem sido

criados juntos! Que mal há numa criatura gostar de outra? Não se aborreça com o que lhe digo, porque sabe o quanto sou sua amiga – Se a vi nascer! – para abrir-lhe os olhos. Olhe que o mundo hoje em dia é tão invejoso e a inveja é tão má! Enfim! Já tenho ouvido boquejar... Por aí já se diz...

Dona Bibi interrompeu-se, porque Luísa voltou-se bruscamente para ela com uma grande surpresa nos olhos.

Estava acostumada às práticas das Teles, todas segredinhos e reticências; quando, porém, esta proferiu as últimas palavras, sorrindo embora, a moça sentiu que alguma cousa de asqueroso, como uma cusparada, ia lhe ser lançada, e levantou a cabeça num aprumo de dignidade ferida.

– Diga, dona Bibi! intimou ela.

A Teles gaguejou, surpreendida pela repentina atitude da moça; estava visivelmente embaraçada, ainda assim tentando sorrir.

– Que se diz por aí? perguntou a moça com voz trêmula. Diga, peça-lhe! Quero sabê-lo! E já agora a senhora há de dizê-lo!

O tremor de sua voz traía lágrimas prestes a derramarem-se; os olhos umedeciam-se.

Dona Bibi estava consternada. Jesus! Que poderia ter dito que afligisse tanto a menina? Não tivera a menor intenção de molestá-la, jurava pelas chagas de Cristo!

E foi abraçar a moça, afagando-lhe os cabelos.

– Sossegue Luisinha! Então, que é isso? Que bobagem! Você de certo não me compreendeu.

Luísa teve um suspiro de alívio.

– Pensei que tinham dito mal de mim.

– De você? Quem ousaria fazê-lo?

E tentou de mansinho:

– Mas você não quer se casar com o professor?

- Está falando sério?
- Sério.
- Deveras? Pois não acredito.
- Por quê?

Luísa sentiu-se de súbito arrufada; a dona Bibi causava-lhe uma inexplicável aversão.

- Porque não quero.
- E se a sua tia quiser?
- Hein?

E entreolharam-se de frente; a Teles sorria; e percebia-se um desafio no seu sorriso ambíguo que punha em evidência o último dente esquecido nas cavernas da boca.

Luísa olhou-a com ódio e despeito, e com uma desusada firmeza, disse desabridamente:

- Se ela quiser, eu não quererei!

Apenas tinha proferido estas palavras, quando sentiu um susto mortal, vendo a dona Flávia aparecer lívida à porta da cozinha, com aquele aspecto de cóleras ferozes que ela lhe conhecia desde criança. Sentiu esfriarem-se-lhe as mãos e como que uma pancada no coração, e receou cair, tanto se lhe vergavam as pernas.

A viúva avançou para ela com aquele aspecto ameaçador e apavorante, em que os olhos tinham uma frialdade e dureza de aço, na acentuada zigomatia do rosto bilioso.

- Os lábios tremiam e era visível o esforço que fazia para se conter.

A dona Bibi que a conhecia tinha discretamente se escapado.

Luísa nem sequer saiu do seu assombro, sem compreender como a tia, que ela julgava em cima, no seu quarto, estivesse ali, espreitando e ouvindo tudo.

A viúva aproximou-se, a cólera assobiando-lhe, como uma serpente, na voz:

– Então ainda que a sua tia queira, você não quer?

E parou, ansiada, o peito túrgido de raivas iminentes, esperando a resposta. Mas a Luísa tomada de surpresa e de medo, os olhos dilatados, não respondeu.

– Então não quer? Perguntou-lhe de novo a viúva.

Ela apelou para toda a sua energia, para não sucumbir; tremia e receava desfalecer; mas cobrou uma súbita coragem; era a primeira vez que se rebelava contra a tia; e respondeu com firmeza:

– Não!

A viúva estava lívida de cólera; parecia que ia rebentar; avançou para ela, as feições descompostas numa contração trágica e pavorosa de músculos, as mãos crispadas.

E caiu-lhe em cima como uma fera, num gozo sanguinário de magoá-la e esbandalhá-la, cravando-lhe as unhas, numa vesania de sangue e de assassínios.

VI

Dias pálidos, lentos e nublados, corriam silenciosamente na casa da viúva, apesar das lamuriosas loucuras da dona Matilde que punham às vezes na casa o alvoroço dos seus gritos e desvairamentos insensatos.

Lá fora fazia mau tempo, sob o anuviamento do céu opaco e triste, de uma agonizante tristeza hiperbórea, sem as flamantes colorações das celagens claras e primaveris, quando a luz flava desce dos céus hilariantes, derramando uma nota de alegria pelas decorações das manhãs claras e das perspectivas úmidas espiritualizadas na festiva apoteose dos sóis triunfais.

Bátegas de chuva alagavam as ruas, roncando nas vidraças e açoitando as árvores vergadas. Sucediavam-se dias lunares, arrepiados e tristes,

em que o céu chorava sem intervalo um chuvisco fino e impertinente e o sol muito pálido, que não aquecia, raras vezes apontava entre as nuvens da melancólica paisagem. Todavia o ar era translúcido e leve durante as rápidas estiagens, e as árvores dos quintais arreavam-se de uma extraordinária pompa de verdura.

O rigor da estação aumentava a tranquilidade da casa, cercanda de uma atmosfera de paz e de preces, favorável aos longos serões preguiçosos. Somente a velha doente se incomodava com a violência dos temporais e com as formidáveis descargas elétricas, precedidas de relâmpagos chispantes que serpeavam por todo o céu, espalhando clarões violáceos pelas janelas.

As velas de cera benta lacrimejavam diante do crucifixo do quarto da viúva, e a provisão da palha benta do domingo de Ramos ia-se reduzindo a cinzas, evitando catástrofes dos raios com as orações a S. Jerônimo e Santa Bárbara.

Lúisa cosia até alta noite, de janelas fechadas, com um grande medo às trovoadas, sobressaltada às vezes pela louca que falava e se debatia, furtando-se de vez em quando ao silêncio sistemático de uma apatia idiota a que comumente se entregava na reclusão do seu quarto.

Lúcio dormia tranquilamente, acalentado pela scherzosa rumoragem da chuva caindo das goteiras e extravasando do cano das bicas para a calçada. Ele havia aguardado com impaciência a mudança da estação, e foi com uma luminosa alegria que viu chegar de novo a primavera toda perfumada de flores e orquestrada de ninhos. Setembro veio; e, enfim, uma chuva generosa e providencial lavou a terra, umedeceu o solo, infiltrou-se na gleba, e em grandes bategas benéficas e salutareas varreu da atmosfera esses detritos imponderáveis do carvão lançados pelas fumaradas de agosto e esses corpúsculos imperceptíveis que uma poeira hostil e insidiosa levantava na estação quente, propícia às assolações epidêmicas.

Após a primeira noite de chuva quando Lúcio abriu as folhas da janela, sentiu-se num êxtase de contentamento baboso, apesar do estado do seu espírito, atacado de dúvidas e preocupações não raro dolorosas; sentia-se inclinado a um lirismo pelintra e comunicativo; porque já não via abrir-se sobre a pálpebra do dia a pupila ameaçadora de um sol implacável. Todo o céu estava acolchoado de nuvens; uma evaporação escassa se desprendia da terra molhada num bocejo preguiçoso de névoas; e na palidez suave que descia do céu, a cor verde da vegetação tinha um vigor de esmalte e uma frescura hilariante.

Debaixo daquele céu nublado, naquela meia-tinta doce e deliciosa de tons pálidos e rosas murchas, Lúcio sentiu que a sua animalidade acusava ímpetos insensatos de espolhar na relva, em meio da grande irradiação de uma alegria animal, que vinha principalmente das frondes e das árvores, desatando-se na corbelha das flores e nas cavatinas dos ninhos.

A impressão que lhe deu o novo espetáculo do tempo apenas dissipou por momentos as cogitações e sentimentos a que se entregava ulteriormente o novo sacerdote, abandonando-se quase voluptuosamente às cismas e meditações no seu quarto de asceta, severo e silencioso, onde o eco das ruas chegava apenas apagado. Naquela dependência, chegava quase a isolar-se da vida monótona da casa, onde aliás a luz dificilmente penetrava no crepúsculo difuso de um ambiente de beatério e de orações.

Habituar-se àquela meia-luz suave e ao deslizar sereno de uma existência pacífica e aparentemente expurgada de quaisquer atribulações ou pesares. Mantinha de modo próprio uma como disciplina claustral, comprazendo-se nas práticas religiosas e nos misteres sacerdotais; e naquela reclusão esquecia-se dias e dias.

Entretanto ia agora claramente percebendo uma grande transformação que se operava nele; acompanhava a sua marcha e os seus

exames de consciência punham a descoberto toda a sua metamorfose. Contudo, aquilo não era uma explosão de sentimentos súbitos; aquela crise fora produzida por uma operação análoga à digestão de um estômago que funciona sem que se pense nele.

O caso é que sua fé de crente sincero começava a sentir embates rudes e profundos, cuja força jamais suspeitara durante toda a sua inexperiente existência de vinte e cinco anos. Ao lado da sua fé vacilante, um novo sentimento brotara de antigas raízes profundas, com um vigor e uma violência que admirava. E foi pela primeira vez que com um desgosto sincero suspeitou da natureza de sua inclinação pela sua prima Luísa.

Sempre a amara com um afeto calmo e uma profunda ternura de irmão; a sua inclinação por ela crescera e prosperara lentamente, à sombra do mesmo teto, até o dia em que dela se separou para a vida do estudo e do seminário. Encontrando-a de novo, habituara-se a ver nela uma pessoa que lhe era cara, e amou-a, sem desejos e nem pecado, de um amor calmo e contemplativo, que todavia não era mais a simples afeição de um irmão. E aqui é que encarava com terror a sua situação de sacerdote, ameaçado talvez de cometer um crime nefando e atrocíssimo, arrastado pela mais impura das paixões.

Que fazer? Reconhecia-se ignorante e cego, tateando num mundo desconhecido de trevas, num labirinto de ciladas que o espírito do mal se comprazia em armar para conquistar as almas frágeis e pecadores. Recordava os castigos tremendos que o esperavam, as penas que o ameaçavam, os perigos a que se via sujeito e uma infinidade de fatos cujo sentido não compreendia e sobre os quais somente agora começava a fazer-se alguma luz.

Sentiu todos os terrores inocentes de um ignorante, e rezou com fervor e com ânsia, pedindo a intervenção celeste para guiá-lo no caminho da virtude, para ampará-lo contra as emboscadas do inimigo

e para abrigá-lo de dores e provações, contanto que não vacilasse nos misteres do sacerdócio de que tomara um dia, sem constrangimento e com prazer, a sagrada investidura.

Muita vez ouvira falar de maus sacerdotes, padres de uma vida desregrada, clérigos de uma conduta indigna; ele, porém, jamais perjuraría os solenes votos proferidos, e havia de seguir pela linha reta do dever, embora caísse fulminado como esses primeiros mártires do cristianismo, suaves e ideais, morrendo heroicamente nas fogueiras dos déspotas.

Que mistério atávico, que condição mesológica poderia ter produzido uma tal crise?

Ele ignorava, sem nada compreender, aterrado diante da perspectiva de uma paixão que o avassalava. Recordava algumas palavras trocadas com o Lins que lhe dizia, rindo, cousas singulares abomináveis.

Também o Carlindo uma vez desnor-teou-o, repetindo objeções que dizia sabidas.

– O inferno, que mito pavoroso e abominável! Porventura você poderá acreditar de-veras num Deus mais cruel do que eu próprio seria, se criasse seres que não solicitaram a vida, para condená-los depois às penas eternas? Eternas – repare bem nisto, seria odioso! Concorde que um celerado sem alma teria dó, cansar-se-ia mesmo de torturar a fogo lento, durante anos, o mais odioso dos inimigos. Enfim, não falemos mais nisto.

De outra feita, como ele exaltasse a continência de certos santos foi o Lins quem inspirou-lhe uma outra dúvida.

A continência era um pecado; um ato de revolta contra o próprio Criador; o celibato, um mal, uma como mutilação criminosa.

Se alguém estendesse o jejum ao extremo de não ingerir alimento algum até morrer, seria um criminoso que atentava contra as leis da própria natureza.

Estas objeções de lugares comuns nem por isto eram menos convincentes. Lúcio começou a duvidar sob o influxo das sugestões de mil fatos fúteis, e a sua revolta era tanto maior contra o mal que o invadia quando não sabia onde encontrar-lhe remédio. Sabia-se roído por um câncer tenaz, invencível, inexorável, que ia-o dominando vagarosamente. Debatia-se numa luta improficua, num esforço estéril de libertar-se das funestas obsessões que lhe pareciam ciladas; inventava expedientes; sofismava consigo mesmo; tentava dissuadir-se e crer de novo firmemente, ingenuamente; procurava abrir as asas para subir aos céus, e sentia-se desgraçadamente preso à terra pela miserável contingência humana.

Uma tarde ele meditava no seu quarto, quando ouviu um passo rápido no corredor e para logo três pancadas leves soaram na porta.

– Quem é?

E foi abrir. Era a Luísa. Sorriu-lhe com o seu aspecto triste e doente, e disse-lhe que lá embaixo estava o Carlindo, que queria falar-lhe.

Ele exultou.

– O Carlindo? Mande-o entrar para aqui mesmo; não é de cerimônias. Coitado! Mande-o subir.

E como ela se afastasse, acompanhou-a com os olhos, admirando-lhe a graça do andar e a cor dos cabelos; sentiu acentuar-se a sua imensa simpatia por aquela moça pálida e silenciosa, que parecia arrastar uma grande dor humilhada. Ia se afastando num passo tão leve que mal se ouvia.

O Carlindo não demorou; entrou aos pulinhos, numa corrida, pelo quarto adentro, sempre de luto, sobraçando um rolo de papéis, uns autos e uns cadernos de música.

– Que extravagância de relógio! disse ele, depois de trocadas as saudações.

– Nunca o viu?

– Nunca. É gaiato, sim, senhores, disse piscando muito e mostrando os maus dentes.

– Você que tem feito? perguntou o Lúcio.

– Nada; e você?

O outro deu de ombros.

– Vou à igreja; trabalho e medito. Tenho meditado muito...

Teve ímpetos de contar tudo, de expor ao Carlindo todas as suas dúvidas e angústias; mas conteve-se. Não lhe ficava bem uma confissão de tal ordem, a ele, um sacerdote...

Conversaram sobre diversas cousas: a intempérie da estação, uma missa de finados, um novo *Gradual* que o Carlindo copiara, um processo recente.

Lúcio narrou-lhe a impressão dolorosa que lhe deixou a confissão de uma pobre mulher, a tia Margarida, morta depois de trinta anos de atrozes sofrimentos. Uma lepra inexorável martirizara aquela santa; se fosse uma pecadora, dir-se-ia uma expiação; mas se a coitada começara a padecer aos quinze anos!

O Carlindo pôs-se a piscar.

– É o pecado original; você não o admite?

Como o outro não respondesse continuou, acendendo um cigarro:

– Eu o admito sob a forma da hereditariedade e do atavismo; mas é iníquo que uma inocente como a tia Margarida venha a expiar a falta do primeiro homem.

Animou-se, levado pelo espírito do sectarismo.

– Você desculpe atacar pontos de fé; mas isto não sai daqui, dentre nós dois. Ainda outro dia falei do inferno – uma abominação. Que um espírito expie as faltas passadas, migrando de mundo em mundo, de planeta em planeta, compreende-se. Chego a admitir com prazer a metempsicose; mas as geenas em que se purgam penas por toda a eternidade são uma criação insensata e mística dos claustros.

Lúcio, porém, recordou-se de ter visto elucidada a questão. Deus enviava um raio de sua divina clemência aos condenados, de modo que modificava e atenuava as suas penas. Depois podia-se também conceber o inferno como destinado somente aos casos monstruosos do pecado; o purgatório é que era o lugar das expiações temporárias e correções proporcionais ao pecado.

– Depois, continuou ele, segundo Santa Catarina de Genes, Deus, na sua infinita clemência, deixa ao pecador o arrependimento até o derradeiro instante.

– De sorte, atalhou o Carlindo, que se um celerado violar sua própria filha, cometer um parricídio, engendrar torturas, se salvará da mesma maneira que a tia Margarida que a esta hora descansa no cemitério, debaixo de todo este aguaceiro.

– Não, o ato de contrição não importa na destruição do castigo, mas sim na eternidade deste.

– Admitindo que assim seja, objetou o Carlindo, aonde está a justiça de Deus, infligindo castigos ao homem, como ele próprio o fez, sujeito a tantas tentações?

– E o livre arbítrio?

– O livre arbítrio! A liberdade de agir! Que irrisão! E a hereditariedade mórbida, o meio, as afecções cerebrais? E as impulsões mórbidas, as perturbações genésicas? Que é a bondade senão a circulação perfeita, a digestão fácil, o equilíbrio de todas as funções? Que é a cólera, a loucura, senão o acúmulo de bÍlis ou a afecção do cérebro? Você mesmo que é quase um místico e que é ainda crente não será um anêmico-nervoso?

O Carlindo tinha se levantado, já arrebatado pela discussão, expelindo o fumo do cigarro, cuspinhando nas paredes, invectivando Lúcio, atacando as crenças sem consideração de espécie alguma.

Lúcio ouvia-o assombrado, e cada vez sentia-se mais vacilante, mais tímido e mais aniquilado. Por que sentia-se abalado daquela

maneira, sem saber reagir, argumentar e demonstrar? Seria tão agradável o triunfo para a causa santa que ele abraçara, no dia da sua investidura sacerdotal, senão com entusiasmo, ao menos sem constrangimento, recebendo o sacramento das mãos alvas e finas do prelado que o abençoara. Aprendera tudo dos lentes de dogmática e teologia, graves e doces padres com reputação de grande saber, e nunca lhe ocorrera a mínima objeção, aceitando tudo com aquela docilidade que constituía um dos predicados de seu caráter.

Uma cousa ia-se revelando no meio daquela luta íntima; reconhecia agora que nunca acreditou, que jamais tivera a fé dos crentes; desde pequeno fora se embotando no meio de ideias e práticas religiosas; mas continuara a ser quase um indiferente, apesar dos seus esforços para crer, para amar, para desempenhar as doces funções do seu sagrado ministério.

Carlindo continuou a agitar-se e a falar no quarto silencioso; e Lúcio, sentado ao lado dele, não o ouvia mais, entregara-se àquelas meditações dolorosas que o afligiam, havia muito, numa luta desesperada, de que saía exausto e desgostoso.

Durante um quarto de hora o Carlindo falou, falou, e notando que o outro não o ouvia sacudiu-o pelo braço violentamente

– Atenda bem, ouviu? O que eu concludo de tudo isto é que através de todas as vicissitudes, o homem cumpre um dever sagrado – o de perpetuar a espécie, o de prolongar-se indefinidamente na sua descendência, o de immortalizar-se! Amar – eis tudo!

Lúcio teve um sobressalto; mas mergulhou-se em novas cogitações, os olhos fitos num ponto vago sem ouvir. Deu acordo de si, quando Carlindo apanhou o chapéu para sair.

– Então já vai? perguntou Lúcio como um sonâmbulo.

– Já vou. Demorei-me até demais. E aproximando-se de Lúcio, com os olhos baixos murmurou:

– Mas eu vinha abusar da sua bondade. Você desculpe, hein? Se soubesse como as cousas correm por cá... Enfim, vim ver se você me arranja uns vinte mil réis.

E ficou muito cabisbaixo.

Lúcio meteu-lhe uma nota na mão; ela desapareceu rapidamente.

– Obrigado, obrigado. Você é meu amigo. Algum dia talvez possa lhe mostrar todo o meu reconhecimento; você verá.

Lúcio sorria sem ouvi-lo, e foi com uns olhos vazios e tristes que acompanhou uma série de saltinhos que o Carlindo ensaiou pelo corredor, numa reticência coreográfica de passos jubilosos.

Foi o vigário Domingos quem conseguiu, com uma suave violência, arrancar o Lúcio daquela obsessão, que o afligia, começando a alterar-lhe a saúde.

– Vamos às perdizes; você há de ver como se diverte.

Lúcio deixou-se levar, se bem que não se sentisse arrastado pelo prazer daquelas intermináveis caçadas, batendo campos ao alvorecer, acompanhando o velho perdigueiro, cujo guizo sonoro, em dias de simples excursão, punha uma rima tilintante e álcacre na canção vermelha da manhã.

Preferiu acompanhar o Lins nos passeios a pé, consagrando as tardes, quando o tempo permitia, a excursões pelos campos vizinhos e pelos bosques e sítios conhecidos que visitavam, tomados de uma adoração panteísta. O sussurro das águas dos regatos cantantes, perdidos em meandros pelos matos, à sombra das folhagens verde-escuras, parecia murmurar-lhes cousas misteriosas e inefáveis, e as grandes árvores estendiam-lhes os braços numa ternura quase humana.

– Nada para repousar como a gente comunicar com a natureza, dizia Lins; o passeio ao campo devia ser decretado como medida de higiene e moralidade! Isto enrija e moraliza, veja você.

Caminhavam a esmo, sem destino certo, deixando-se levar ao acaso, na quietação bucólica das tardes; às vezes penetravam nas espessuras onde a aleluia da luz descia do alto, coada através dos crivos da folhagem, difusa e vaga, morrendo nos tufos dos arbustos numa tristeza dilucular. Aí a terra, como um animal cansado de lavoura, lançava um cheiro forte que não se confundia com o perfume das flores e das folhas silvestres.

Nos campos as paisagens eram pouco variadas, quase sempre cortadas por um cordão de árvores, acompanhando o curso dos córregos; mas o céu, lavado das chuvas, tinha uma pureza lírica de égloga. Depois a labuta dos homens e animais da lavoura e o comércio das largas estradas de rodagem disfarçavam a monotonia da solidão dos campos extensos até tocar a linha do céu azul.

Havia grandes pastagens, por entre as quais o gado errava tranquilo, mugindo a espaços, pelas manhãs claras, mordido pela luz causticante do sol a pino ou abrigando-se à sombra das árvores, à margem dos regatos, pelo declinar do dia, ruminando deitado, os olhos leais meio fechados, entre as moitas dos lírios e juncais agrestes. Aí, nestes campos banhados pelos fios d'água a irradiação fremente da luz punha reflexos dourados nas asas dos insetos e faiscava na areia dos trilhos do gado, cruzados entre as habitações dos térmites.

Quando o vigário Domingos os acompanhava, preferia dirigir o passeio para as margens do rio, cobertas quase sempre de uma vegetação frondosa e espessa, entrelaçada de miríades de filipêndulas, debruçando a sua ramaria adunca e arcual sobre a água límpida e espelhante. Figueiras bravas formavam cevadores nos remansos pacíficos, onde o peixe abundava, ávido da pequena fruta, que a espaços caía n'água com um sonoro *plum! plum!* característico.

Mas o Lins detestava a pesca a linha e o paciente trabalho de esperar que o peixe tocasse na isca. Depois, junto às águas formavam-se nuvens de moscas, e não se podia falar e nem mover.

— Ora, pistolas! Não vem a gente aqui para jogar o sério! Só me resignarei à profissão de pescador se, como o taumaturgo, pudesse pregar o sermão dos peixes nos *Milagres de Santo Antônio*.

Quase todos os dias evadiam-se para o passeio que ia se tornando um hábito. Desciam as margens do rio, deixavam as últimas casas tristes e disseminadas, invariavelmente com um quintalejo ao fundo e o leque das bananeiras sobre o telhado.

O Lins inquieto e agitado não se calava, e Lúcio pasmava para aquela veia inesgotável, sempre disposta à galhofa e ao riso.

Ele ia discursando, despreocupado e folgazão, pouco se importando que o ouvissem:

— Veja você se não é o influxo de algum ascendente que me faz amar e querer isto que nos rodeia. Depois destes aguaceiros salutares e chuvas abundantes que fizeram frondejar as árvores, que prazer d'alma volver a gente os olhos para isto e tonificar os pulmões na atmosfera serena que a respiração dos vegetais atenua e suaviza! Quando preocupações mesquinhas nos prendem despoticamente à banca de trabalho, quando o cérebro não suporta mais a fadiga das elucubrações absorventes, que bom é furtar-se a gente ao influxo das cousas sérias e burguesas, e botar-se, como um evadido de galés, pelo campo fora, sem uma ideia triste nem um pensamento mau, a alma leve e irisada como uma bolha de sabão ou a consciência de um crente que se confessou, um perfume de ervas a dilatar as narinas, uma satisfação íntima do espírito e da carne, um inconfessável desejo de animalizar-se, e, à guisa do gado que se apascenta, morder no broto das forragens e rebolar pelo chão em espojamentos infrenes de alegria bestial! E, grande Deus! Como praz-me passear os olhos sobre este páramo todo recamado de florinhas amarelas, fazendo dançar-me patrioticamente na retina as duas cores nacionais. Veja você naquele trecho cultivado os milhares que levantam as suas flechas como pelotões pacíficos da lavoura.

Parou defronte de Lúcio e prosseguiu naquela toada de zombaria enfática:

– E ao sentir tamanho afeto pela terra generosa, que dá ganas de beijá-la e acariciá-la como a um animal doméstico, penso que em linha ascendente, através da minha genealogia plebeia, complicada de caboclos, se oculta decerto algum vinhateiro minhoto, grande como um tonel, obtuso como um animal de charrua, mas a cujos olhos fosse grata a perspectiva dos campos e em cujos ouvidos cantasse perenemente a cavatina das noras, ao alvorecer, sobre os carvalhos vetustos!

Caminhava de novo, quando, de chofre, ao transpor um cordão de árvores, surgiu uma linha de casas da cidade, minúsculas à distância como as dos presépios do Natal. Ele levou a mão ao chapéu, e descobriu-se:

– Salve! Instintivamente me descubro e ortodoxamente te saúdo, glorioso lugarejo que te constituíste o berço e o ninho, onde viu a luz do dia Agapito – a asquerosíssima besta!

E, mudando de tom, disse ao Lúcio, apontando com a bengala:

– Faz-me recordar a Mancha, aquela gloriosa partícula da península, onde medrou o herói de Saavedra, ou essa deliciosa Tarascon, do herói de Daudet.

Lúcio prosseguiu calado, ao lado dele, e o Lins avançava, feliz, descuidado, floreteando a bengala, assobiando trechos de operetas brejeiras.

– Aquele animal! disse ele de repente; faltar em continência e sobriedade na bebida, no jantar de ano do vigário, lembra-se? Uma cousa sabida que se embriaga regularmente todas as noites. Um crápula! Embriaga-se de noite para dizer sandices de dia; burro!

Colheu uma florinha do campo que lhe sorria à beira do caminho, e floriu a botoeira.

– Não sei se você já reparou que o imbecil pretende fazer a corte à sua prima, hein? Que animal!

Tinham parado junto de uma ermida em completa ruína, colocada numa eminência que um enorme e pesado cruzeiro dominava, com todos os emblemas do martírio da paixão de Cristo.

Ao sopé, três degraus de pedra levavam a um cofre de madeira arrombado, onde os fiéis outrora depositavam as esmolas. De outro lado ficava um poste de madeira carcomida, com um braço de ferro em que antigamente se acendia um lampião de azeite. No topo da cruz um velho cata-vento rangia melancolicamente.

Ao longe o crepúsculo invadia a cidade distante, adormecendo à beira d'água, num fundo de deliciosa paisagem. Telhados de casas emergiam das frondes escuras das árvores, de onde se destacavam as brancuras das paredes. As cimeiras douradas dos eucaliptos e as torres da igreja dominavam toda a linha do quadro, destacando-se no fundo do céu pálido.

Lúcio suspirou.

— Que diabo! Se você não fosse padre, eu o suporia apaixonado, apre!

O outro não respondeu, e houve um silêncio profundo e assustador do dia que agonizava naquele sítio ermo, onde a ermida arruinada punha a nomeada sinistra de aparições legendárias. O próprio Lins não resistiu à tristeza comunicativa daquele sítio lúgubre, que o crepúsculo vestia numa mortalha branca de luz desfalecida.

A alguns passos caíam lentamente as ruínas da capela, cujo teto desabava; nem vestígios havia mais do telhado e dos altares; algumas paredes ainda oscilavam, desconjuntadas; os tampos de uma janela esquecida caíam em frangalhos; percebia-se ainda o lugar do coro, com uma escada para a torre. E dentro e fora do recinto da antiga ermida o mato crescia, vencendo a desolada ruína.

Uma viração morna aflou por entre as árvores; um estremecimento percorreu a enfezada vegetação do derredor; um curiango varou a estrada num voo frouxo e num pio sinistro.

Lúcio sentia-se dominado por toda aquela tristeza; sentia o peito levantar-se na turגעência de uma profunda comoção; e tinha uma vontade de chorar, confiando todo o seu pesar ao amigo. Tolhia, porém, o receio de tornar-se ridículo.

O sol morrera, à distância; e a paisagem ao longe mal se esboçava na luz moribunda do crepúsculo.

Um grilo trilou, depois um outro, um outro mais.

E a tapera parecia mais triste ainda com o pio assustado dos pássaros notívagos.

A sua solidão aterrava.

— Apre! Premeditam-se bruxedos para esta noite. Alguma nova edição da noite de Walpurgis! Embora, menino. Upa!

Quando já noite fechada Lúcio chegou à casa, padre Domingos despedia-se e retirava-se, depois de ter tido uma longa conferência que a dona Flávia designara para aquele dia.

A viúva já lhe havia exposto com toda a franqueza as suas apreensões e os seus receios; já lhe tinha parecido claro o comércio da Luísa com Lúcio, e era preciso a todo o transe afastar qualquer desgraça que lhe parecia iminente. Tudo tinha revelado ao padre Domingos, mas agora, inquieta pela rebeldia da sobrinha, entendeu de cortar o mal de vez, autorizando o pároco a entabular a negociação do casamento com o professor. Se este consentisse, ela por sua vez obrigaria a sobrinha a consentir no enlace, ainda que fosse preciso recorrer à violência; estava certa mesmo de que a rapariga não levaria longe a sua recusa e que cederia aos meios brandos e suasórios, desde que houvesse um certo jeito em ir a preparando para aquele fim tão lógico à sua existência de filha do anônimo e do acaso.

Era até uma grande felicidade encontrar um partido como o professor que, se bem que maduro em anos era um homem digno sob todo o ponto de vista da afeição de uma rapariga honesta e capaz

de torná-la feliz. Homem sistemático e metódico, retraído e grave, inimigo de pagodeiras e de diversões, ouvindo a missa regularmente todos os domingos e arriscando-se a uma partida de gamão com o padre Domingos. Que mais queria o diabo da rapariga?

Ainda devia considerar-se muito feliz, porque outras nas suas condições se encaminhariam muitas vezes para a perdição das “mulheres da vida.”

– A questão está em o professor consentir, rematou ela.

– Encarrego-me disto, declarou padre Domingos, tomando uma resolução, depois de refletir; já lhe tenho falado por vezes sem conseguir resolvê-lo definitivamente; mas já não me parece tão pertinaz contra a hipótese de uma aliança. Vou lá hoje mesmo.

E saiu, ruminando, rumo da casa do professor.

Pelo caminho ia pensando meio agitado. A viúva lhe havia exposto todo o plano francamente, sem reserva nenhuma, como quem se dirige a um cúmplice seguro para todas as empresas; e ele por comprazer se associara àquele projeto, cuidando que seria fácil demover a rapariga; mas a sua recusa desconcertou-o de certa forma, gerando-lhe certos escrúpulos de cometer uma violência aos sentimentos da moça.

Deu-lhe razão; afinal compreendia aquela instintiva aversão por um enlace, a que a desigualdade dos anos era um sério obstáculo: violentá-la era doloroso, um crime até, e um atentado contra a sua inocência, numa idade em que sonhos azuis e cor de rosa povoam o sono das donzelas. Encarou-a com simpatia e com um dó sincero; sabia da sua miserável existência de martírio, dos maus tratos que lhe eram infligidos, das tarefas pesadas que cumpria, dos penosos encargos que lhe eram impostos na casa, cuja subsistência ela mantinha à força de trabalho, cosendo até alta noite, martirizando os dedos, cabeceando de sono.

Afigurou-se-lhe por um instante uma heroína lutando valentemente contra todos os revezes desde a loucura materna até às dificuldades

da casa sem recursos. Entretanto, viu-a desde pequena, com o seu ar enfermizo e membrozinhos descarnados, vítima de pancadas como uma pequena cadela tímida e gafada, ganindo de pontapés.

Esteve quase a abandonar o quinhão que a viúva lhe distribuíra naquela empresa, abalado por esta ordem de considerações; mas deu de ombros a estas pieguices. Ora! sentimentalismos! Que mal havia em se precaver o futuro de uma rapariga imprudente, que não sabia se dirigir sozinha e bem poderia de um momento para outro perder-se?

O que de fato viu é que aquele casamento, ideado e concertado pela viúva, possuída de zelos e apreensões exageradas, sabia magnificamente aos seus planos e consultava de modo assombroso aos seus secretos desejos.

No fundo do maior segredo ele mantinha um desordenado desejo pela rapariga, desde que, abusando da intimidade na casa, surpreendera-a adormecida ainda, um delicioso começo de seio em evidência e a linha da perna bem traçada sob os lençóis, onde a rosa mística da sua virgindade se aninhava, como uma flor delicada. Desde aquele dia nos seus sonhos de erótico o pequenino seio sorria-lhe com a sedução de um fruto proibido, com reflexos claros e matizes de rosas, muito firme e levantado.

A falar a verdade, nunca vira uma cousa assim!

E daí começou a espreitá-la com o canto do olho úmido de luxúria, a cobiçá-la como um sátiro bêbedo de concupiscência. Tinha por ela o desejo perverso e desordenado dos homens em que a virilidade declina pelas mulheres novas e mal sazoadas para a estação do amor; e na brutalidade de sua luxúria, tinha ganas de envolvê-la, possuí-la toda, cobri-la de babas malignas e devorá-la, como uma jiboia. O pitoresco desta comparação inflamava-o de volúpias bestiais e fazia-o cambalear, de olhos injetados; mas sabia conter-se até certo ponto e não ignorava que um homem da sua situação não se comprometia

com donzelas menores – o que trazia graves complicações com a justiça.

Em casando-a, ria maganamente, a cousa mudava de feição; as responsabilidades desapareciam diante de uma mais larga – a vasta e sólida responsabilidade dos maridos. E Agapito estava mesmo a calhar, como o ideal dos maridos tolerantes e bonachões. Esfregava as mãos, uma ideia risonha espiritualizada no olho vivaz...

Com a breca! Agapito satisfazia tão cabalmente aos seus planos, que verificava que não lhe seria talvez impossível abocanhar *em primeira mão* as primícias daquela flor sensual.

Sentiu um arrepio. Não era a primeira; de uma vez num canavial... Com os demônios! Aquela patifaria enchia-lhe as medidas, sim, senhores! De formas, hein? que a apanhava em primeira mão! Um tanto perigoso, senhor padre Domingos; porém a outra fora assim mesmo, chorara, mas se consolara com um noivo que lhe caiu em casa, mesmo a propósito. A Luísa havia talvez de relutar, gritar não, que não gritava; era muito ajuizada, e não havia de alarmar a casa e dar escândalo.

A questão era uma boa ocasião, propícia à consumação daquela empresa arriscada.

– O que cumpre é resolver o Agapito, concluiu ele, chegando à casa do professor; isto é que o essencial por agora.

O mais havia de vir, por que não?

Com a sua resolução assentada bateu à porta. A casa estava às escuras, mergulhada num silêncio lúgubre. As pancadas da aldabra soaram no interior num alarme, e a velha casa, que não se reparava havia muitos anos, parecia ter morrido, vítima do abandono.

Agapito morava ali, tendo por única criada uma velha preta africana, a Brígida, muito caduca, que sobrevivera às duas tias do professor que tinham morrido sucessivamente.

O pároco bateu segunda e terceira vez, sem obter resposta.

Lembrou-se de que talvez a Brígida tivesse ido ao chafariz próximo, e resolveu entrar. Abriu a porta, às escuras atravessou uma sala comprida e achou-se num pátio coberto de grama que para ali vegetava à toa. No escuro da noite apareceu, ao fundo da casa, uma janela defendida por uma empanada, através da qual se via luz lá dentro. O vigário sabia que era ali o quarto do professor, onde raramente se entrava. Caminhou sobre a relva que abafava os passos e aproximou-se da janela. Na empanada havia um pequeno orifício redondo; o padre não resistiu à curiosidade de olhar primeiro por ali, colou um dos olhos ao buraco, e viu lá dentro, sentado junto a uma mesa, o professor em ceroulas, com uma pena na mão e o dedo da outra discretamente esgaravatando o nariz.

A mesa era coberta de uma baeta vermelha, e sobre ela se viam um pequeno garrafão e um cálix que continha até ao meio uma bela aguardente límpida, cor de topázio. O professor, que meditava e decerto estava escrevendo, depôs a pena, e gravemente e com vagar levou o cálix aos lábios, esgotando-o.

O pároco retrocedeu alguns passos, surpreendido. Boquejava-se que o professor se embebedava à noite; mas era a primeira vez que o surpreendera emborrachando-se; e tendo se afastado, bateu palmas.

– Oh professor!

E esperou no escuro.

Escoaram-se alguns minutos intermináveis; mas na tela iluminada da janela sombras rápidas perpassavam. Agapito não tardaria.

Efetivamente, apareceu na sala de jantar, uma luz na mão e fazendo com a outra alpendre sobre os olhos, que indagavam as sombras, onde se desenhava o vulto anafado do pároco.

– Sou eu, disse este se adiantando; desculpe a liberdade de vir entrando; desesperei de bater e como a Brígida não aparecesse, entrei.

– Oh! exclamou Agapito; o honrado senhor pároco! *Vive vaeque*, meu caro senhor.

Vestia *paletot* e calça de brim mineiro, de risquinhas, e arrastava enormes chinelos de couro de gato bravo, sem meias.

Parecia assim mais alto e mais anguloso.

– Podia abrir-lhe a sala, mas já que estamos aqui, conto que não se dedignará de abrilhantar com a sua presença o albergue de um pobre anacoreta.

– Como quiser; passei por aqui e vim apenas saudá-lo.

– Obrigado. Por aqui, dizia o professor, guiando com a vela na mão.

E entraram numa larga peça triste, de paredes escuras, depois de atravessar uma alcova, onde dormia o professor. Corriam junto às paredes estantes, entre as quais estava a mesa forrada de baeta vermelha com grandes nódoas de tinta roxa. Sobre ela estavam colocadas algumas folhas de papel almaço, um tinteiro de chumbo, amassado, uma caixa de obreias, lápis, canetas enferrujadas, um par de suspensórios já usados e sobre uma velha caixa de charutos macinhos de palitos, que o professor preparava nas horas vagas de prolongados ócios para obsequiar amigos. A um canto estava encostado um violão.

– Vim interrompê-lo nos seus graves trabalhos, disse o pároco, sentando-se num tamborete; mas ia passando, e não podia deixar de apertar a destra ao amigo velho.

Agapito colocou o castiçal sobre a mesa e disse, voltando-se:

– Vossa reverendíssima é sempre bem-vindo a esta casa; não me interrompe e nem me incomoda; sou-lhe até imensamente reconhecido pela gentileza.

– Mas escrevia, disse o pároco, apontando para o papel colocado sobre a mesa, de onde reparou com malícia que o garrafão tinha desaparecido com o cálix.

– Inocentes astúcias de preencher serões e lazeres. No pôr estas linhas ao de cima do papel não vai vanglória nem descabidas veleidades.

Concerto estes escritos por uma amena diversão do espírito, e por força do hábito adquirido neste princípio que adoto de longuíssima data – *Nulla dies sine linea*.

– Que é que anda escrevendo agora? perguntou o vigário com interesse.

– Continuo a escrever correspondências para os jornais que mas solicitam; porém, isto que aqui está é um trabalho que me retém há dois anos e de que já lhe hei falado bastas vezes.

– Sei, disse o padre agitando os dedos, uma espécie de memórias...

– Sim, declarou gravemente Agapito, tomando um manuscrito volumoso, em cuja capa leu:

– *Antologia tapuia, sucintas e breves memórias sobre o histórico e característico da língua tapuia e florilégio de um dialeto indígena.*

E pousando o manuscrito, devagar:

– É um pequeno ensaio de linguística, acrescentou.

Tossiu e juntou mais um esclarecimento:

Estou retocando-a para remetê-la ao Instituto Histórico, que como sabe, já me deu a subida honra de premiar um trabalho meu.

O pároco interrompeu-o com receio de que se propusesse a ler o calhamaço, pois tornava-se insuportável quando lia produções próprias, intermináveis e entremeadas de latim.

– Pois, como lhe disse, venho da casa do nosso Lins.

– Perdão, observou Agapito; peço permissão para obterem-lhe que vossa reverendíssima não me tenha dado o prazer de declarar esse pormenor.

– Pois é, como lhe disse; acabo de rir um bocado com ele.

Agapito esteve balançando a cabeça.

– Engenho notável e grande talento. Ao lado dele pode-se dizer: *Non licet omnibus adire Corinthum*.

– Sim, grande talento, mas um tanto estuporado.

– Leviano! afirmou Agapito, fazendo círculos com o indicador junto à cabeça.

– Parece certo que se casará com a filha do juiz.

– Ah! fez Agapito, desarticulando as mandíbulas.

O pároco veio bater-lhe no ombro amigavelmente.

– O senhor é que devia casar-se, já lho tenho dito muitas vezes. Não tem pensado nisto?

– Sim, respondeu o professor acanhado; tenho meditado bem profundamente; mas, além de tudo, falta-me o essencial – a futura consorte.

– Isto é fácilimo; e já lhe aponto uma que talvez não lhe desagrade – a sobrinha de dona Flávia, a Luísa.

O pároco cuidou que o professor corasse, como de costume, mas ele não se embarçou; continuava a manter a sua gravidade habitual; até parecia animado, sem constrangimentos fúteis e nem severos acanhamentos. Tinha um jeito decidido, e no canto do olho a aguardente tinha posto um brilhozinho jocundo, quase gaiato.

– Já hei pensado nela, senhor vigário; mas vexa-me, o senhor compreende, dizê-lo na minha idade. O reverendo compreende...

– Qual! Devia ter-mo dito; mas não veio sem tempo; havemos de ver.

– Perdão; conversamos apenas em reserva. Acha pois que não lhe repugno?

Padre Domingos estava deslumbrado; preparara-se para um longo e pertinaz assédio, e o inimigo rendia-se facilmente, como nunca o imaginaria.

– Se acho? Garanto-lhe que ela o estima até...

E corrigindo-se:

– Pelo menos a tia já me manifestou desejos neste sentido.

Agapito declarou:

– A senhora dona Flávia é grandemente benévola para a minha humílima pessoa.

– Faz-lhe justiça; muito mais o senhor merece, meu caro.

O professor exultou; era o seu lado fraco – a lisonja; lançou ao pároco um olhar de reconhecimento.

– Se me autoriza, falarei à viúva amanhã mesmo.

Agapito aqui titubeou. Receava o ridículo. Aquele enlace a princípio se lhe afigurara um disparate; mas habituou-se à ideia, tantas vezes defendida pelo vigário.

– Posso garantir-lhe quase que ela aceitará de braços abertos.

Agapito continuava a vacilar, com gestos tímidos, irresoluto.

– Decida, com a breca! Confie em mim, meu caro. Vamos, se consentir, falarei.

– Pois, sim, articulou ele com um enorme suspiro de alívio.

E o vigário Domingos, numa expansão de sincera alegria, por aquele inesperado triunfo, em que a excitação alcoólica dissipara os receios do professor, apertou-lhe ambas as mãos com força, na efusão de um jubiloso reconhecimento, sincero e profundo.

No telhado dous bichanos num idílio estrepitoso começaram a miar.

– A propósito, disse o pároco, vendo o violão, para celebrarmos um tal acontecimento, cante alguma cousa.

– Ora, senhor vigário! disse Agapito, relutando.

– Por quem é, insistiu padre Domingos, o senhor sabe cantar umas cousas admiráveis. Daí há que tempo que não canta aquela modinha de que eu gosto, que diz: *Tra-la-ri-lo-ri*. Não, não é assim, o senhor é que sabe.

Agapito sorriu. Foi buscar o instrumento, ornado de uma fita vermelha. Era nele que o autor dos *Martírios* costumava se inspirar e acentuar as suas mágoas. Tinha fama de grande tocador de violão e nas

reuniões íntimas em casa de famílias muito conhecidas, costumava cantar ao violão, quando muito rogado.

Padre Domingos veio sentar-se junto do professor que torcia as caravelhas, afinando o instrumento, sobre o qual inclinava a sua cabeça laureada. Os seus dedos aduncos arranharam as cordas, e um prelúdio, cheio de ternuras e semítonos, ressoou no mágico e langoroso instrumento, evocando minuets e bailados antigos.

Preludiu durante algum tempo, fazendo de chofre calar o violão. Pigarreou, tomou uma atitude gravíssima; e com a sua voz profunda e cavernosa, cantou:

Virgem de negros cabelos,
Belos
Como cadeias de amores...

E a modinha brasileira arcaica, ridícula, açucarada de lirismos pe-lintras e exotismos piegas, ia sendo modulada no descante do professor, que o violão sublinhava de lágrimas e ritmos plangentes.

Muito sisudo, fazendo o compasso com o pé, Agapito continuava a cantar numa voz funérea, tremelicada de trinados sentimentais:

Aonde vás tão triste a esta hora,
Hora
De tão sinistros horrores?

O estribilho gemia agora em compassos complicados de bemóis e derrijos amorosos e fatais. O violão chorava um choro fundo e alanceador, em ré menor.

Agapito conservava a sua rígida e nobre atitude austera. A sua voz de *basso* profunda e desolada elevou-se de novo, na sinistra melopeia. E no alto do telhado os dous gatos idílicos, assanhados de amores agressivos e clamorosos, miavam desesperadamente.

VI

Na manhã seguinte, já a Luísa se entregava aos trabalhos da casa, quando Lúcio foi lá embaixo avisá-la de que a dona Flávia passava mal desde a madrugada e que não pudera levantar-se. Estava consternado.

Luísa perguntou:

– Que é?

Não sabia; uma indisposição, enxaqueca, calafrios, dores, ele mesmo não sabia. Tinha despertado com os gemidos e viera chamá-la.

Subiram. À porta a Luísa parou; como a janela se conservasse fechada, o quarto estava às escuras, e ela a princípio não pôde ver bem a tia, reclinada numa pilha de travesseiros, com um lenço cingindo a cabeça. Adiantou-se com solicitude. Dona Flávia gemia.

– Então, a senhora não toma nada? Que quer que lhe faça?

A viúva gemeu de novo, muito abatida. Não queria nada.

– Nem um chá? Diz que tem calafrios. Quem sabe se se constipou? Um chá não faria mal, observou.

– É exato, aprovou Lúcio.

– Não quero nada, disse a viúva, talvez que repousando melhora pelo dia adiante. O que me incomoda são os calafrios.

Encolheu-se arrepiada. Luísa tirou um cobertor de lã da cômoda e envolveu-lhe os pés com carinho, sem conservar o menor rancor pela tia, tendo por ela cuidados de filha.

– O melhor seria chamar-se o médico, lembrou Lúcio apreensivo.

A viúva protestou. Não queria absolutamente. Para quê? Daí tinha-lhe birra, ao médico, um ateu, um libertino.

– O que quero é descansar. Basta que o Lúcio fique aqui comigo. Não há de ser nada.

E voltando-se para Luísa:

– Pode ir cuidar do serviço, disse.

Durante o resto do dia esteve encolhida e amuada pelo contratempo daquela indisposição repentina; mas não sentia dores, e nem se declarara moléstia alguma; entretanto, estava incapaz de levantar-se, de se mover, de falar; a cabeça pesava-lhe e a boca tinha um sabor execrável. Que contrariedade! Ora, aquilo! Veio a noite e ela continuou encerrada no seu quarto, guardando um silêncio sistemático, muito irritada, amando a solidão. Abençoou o filho, e obrigou Luísa a retirar-se. Pela madrugada acordaram ambos aos gritos da viúva, que acusava pontadas agudíssimas de um lado do peito. As picadas continuaram até pela manhã, sem alívio, e Lúcio, sem mais consultar a doente, foi procurar o clínico do lugar, o doutor Veiga, brusco de maneiras, muito metido com a família, mal visto pela gente beata que ele redondamente classificava de imbecil e hipócrita.

Quando ele entrou no quarto, fez abrir a janela, examinou a doente com vagar, olhou-lhe a língua, consultou o pulso e auscultou-a. Fazia tudo isso rudemente, calado.

– Apanhou alguma corrente de ar? Constipou-se? perguntou numa voz áspera e imperiosa.

Pediú ainda alguns esclarecimentos, receitou muito apressado, e saiu sem despedir-se.

– Voltarei amanhã, disse da porta, sem se voltar, pondo ali mesmo o chapéu à cabeça.

Era alto e nutrido, teso, rude de maneiras, uma cor próspera, dentes direitos e claros, bigode espesso já grisalho, cabelos rareando na frente.

A viúva teve-lhe ódio. A sua antipatia pelo clínico vinha de longa data.

– Atrevido!

E, como uma criança, obstinou-se em não lhe tomar os remédios. Passou malissimamente, e quando o facultativo voltou a examiná-la na manhã imediata, levantou-se surpreendido:

– Deixe ver o remédio, faça o favor.

Lúcio estremeceu ao entregar-lhe o frasco intacto; não se animou a dizer-lhe nada.

O médico ficou rubro, batendo o pé no sobrado:

– Como? Não tomou sequer uma colher? Estão brincando comigo? Os estupores! Vou-me embora, que isto é um despropósito!

Lúcio deteve-o, desculpando-se.

– Ora, não sejam parvos! disse-lhe o médico, brutalmente, irritado. Ou esta senhora toma os meus remédios, ou vai andando, é o que lhe digo! Não escapará nem à mão de Deus Padre. Resultado: vou aplicar-lhe um cáustico para a queimar bem, para a queimar bastante, para queimá-la toda, no peito. É uma desforra, percebe? Quero mesmo torturá-la. Ora, os estupores!

Na escada, quando descia Lúcio, aflito inquiriu, interpelando-o:

– Então, doutor, então?

O médico respondeu desabridamente, com mau humor:

– Então, quê? Não tomam os medicamentos, e a besta do médico que os ature!

Olhou depois para Lúcio, e decerto simpatizou-se com ele, porque volveu noutro tom:

– Está bem; não é cousa do outro mundo – uma pneumonia, percebe? Precisa muito cuidado; o senhor compreende; já está velha... É sua mãe, não? Desculpe, nada me irrita mais do que iludirem as minhas prescrições. Se eu lhe mandar beber chumbo derretido, faça-a beber, entendeu? Precisa de muito cuidado; amanhã volto.

Lúcio, muito comovido, foi direito ter com a Luísa, na cozinha.

– Então, Luísa, você há de ter muito cuidado com sua tia, hein? disse ele com uma voz quase suplicante.

– Decerto, respondeu ela, com um modo franco de boa rapariga; mas está grave?

– Parece que sim, respondeu o outro desolado.

– Que disse o médico?

– O médico? Muito zangado. E com razão, não acha? A mãe vive a teimar. Mas você há de ajudar-me, hein? Ele disse que o estado da mamãe reclama muito cuidado, você compreende.

– Compreendo, disse a Luísa, enternecida por aquela solicitude; não me descuidarei um instantinho, você verá.

Ele lançou-lhe um olhar em que vazara todo o seu reconhecimento, e subiu para o quarto da doente, o coração sobressaltado.

Pobre mãe! Como ela sofria, ardendo em febre, encolhida entre cobertores, irritada ainda pelas palavras de censura do médico.

As Teles não se demoraram. Desde a véspera que tinham aparecido, sempre prestimosas, sempre risonhas, oferecendo-se para o que quisessem daquelas “duas servas da casa.”

E instalaram-se logo, a dona Bibi com o *Príncipe* e a dona Fafá com a sua enorme almofada de fazer rendas, picada de uma floresta de alfinetes e rodeada de bilros. Sussurravam apenas. Trabalhavam na sala de jantar, e de pedaço a pedaço iam ao quarto da doente, com grandes precauções e passinhos abafados, num jeito expedito de enfermeiras solícitas; davam os remédios, e não raro substituíam as prescrições médicas por mezinhas caseiras que sabiam receitar para moléstias leves. E revolviam a casa toda, esquadrinhando-a, pesquisando-a, cheirando-a.

– E o remédio? perguntou a dona Bibi.

– O Felicíssimo apareceu aí, ainda há pouco; mandei-o à farmácia, respondeu Lúcio.

De pé, os braços cruzados, contemplava a doente que já se havia resignado a submeter-se às determinações do facultativo, vencida agora pela gravidade da moléstia. A ideia da morte começava a atemorizá-la. Somente às dez horas é que o Felicíssimo apareceu com a poção e o cáustico. Lúcio interpelou-o asperamente:

– Muito bem; gastou três horas na farmácia. Já é ter pressa! Realmente!

O Felicíssimo arrenegou-se, espantado:

– Uê, gentes! Então vosmecê não sabe? Pois sinhá Luisinha não lhe contou?

E como o Lúcio fizesse um sinal negativo, tornou-se pernóstico, satisfeito já de contar uma novidade. Era esta a sua função principal.

– Ora, *se dá-se!* Pois fui à botica com a receita; mas o senhor Passos, o boticário, disse que não fiava mais. Voltei a dizer a sinhá Luisinha, e a modos que ela não tem dinheiro, porque me mandou vender um relicário de ouro ao senhor Maneco, ourives. Vai e vem, vai e vem, a gente gasta tempo, e o pior é que o senhor vigário já deve estar arrenegando-se pelo almoço, lá na chácara. Vou num pé, e dou-lhe parte da doença. É não mexer!

Lúcio estava admirado. Aquele fato era uma revelação. Correu à cozinha.

– Então, que baralhada é essa? perguntou à Luísa. Explique-me que atrapalhação é essa?

Como ela não compreendesse, prosseguiu:

– É inútil negar; o Felicíssimo acaba de contar-me que você mandou empenhar uma joia para pagar os remédios. Que criancice!

A Luísa nada disse, muito corada, e ele retirou-se, zangado, para narrar o caso à dona Fafá. Já se viu que destempero?

– Pois, por que ela não me falou, disse esta, que eu lhe arranjava o dinheirinho?

– Ora, esta, disse Lúcio; mas eu também o tinha.

A dona Fafá, que não ouviu bem, retrucou:

– Pois, sim; mas como é a Luisinha que paga as despesas da casa!...

Lúcio sentia-se cada vez mais surpreendido, ignorando todo o arranjo doméstico. Pensava que a viúva dispunha ainda de alguns recursos; mas a culpa era dele, exclusivamente dele, que esquecia-se de assumir os compromissos da casa, deixando-se levar eternamente pela viúva, como uma dependência inútil, sem coragem de emancipar-se da tutela materna. Agora compreendia por que a Luísa vivia naquela constante labuta, sem um momento de descanso, desempenhando todos os misteres de uma dona de casa, desde os mais humildes. Recordou certos fatos, ligou certas lembranças e sentiu-se humilhado, pungido de remorsos, daí aquela boa rapariga, uma companheira de infância, parecia-lhe agora uma benéfica providência, um anjo tutelar da casa, lutando heroicamente contra a adversidade, sem protestos nem queixumes, calada no seu generoso sacrifício. Muito romântico, enterneceu-se logo. Generosa criatura, pobre mártir! E a sua estima por ela cresceu, cercando-a de uma auréola de singular encanto e delicioso prestígio; se já a amava, aquela abnegação, que somente agora conhecia, fazia avultar aos seus olhos os seus belos predicados postos em evidência de um modo tão inesperado. Boa Luísa, santa rapariga! Lembrava a analogia que sempre encontrara entre ela e as imagens dos santos, e agora exagerava a sua virtude tanto que ela chegou a parecer-lhe mesmo uma verdadeira mártir. E quando a moça, muito pálida e grave, com olheiras de vigílias, o vestido batido, os sapatos cambados, atravessou a sala para ir levar um caldo ao quarto da doente, ele teve ímpetos de ajoelhar-se aos pés e de estreitá-la nos braços, num transporte histórico de reconhecimento e de afeto.

A dona Bibi, como mais entendida, foi quem aplicou o cáustico na doente, com um jeito especial de enfermeira hábil, e era quem ministrava as colheres da poção, metodicamente, de hora em hora. Todo o dia passou-se penosamente para a viúva, martirizada pelo cáustico e queimada pela febre. A temperatura tinha-se elevado para a tarde, e ela tinha os lábios ardentes, a respiração abrasada, gemendo a espaços. Não quisera se alimentar, a despeito dos pedidos das Teles e do Lúcio, que rondava-lhe à cabeceira, muito apreensivo; era a primeira vez que via a mãe tão doente, e aquela atmosfera pesada dos quartos dos doentes, a desordem que ia pela casa, o silêncio que se fazia lúgubre ao redor do aposento, impressionaram-no profundamente. Debruçava-se sobre a doente e perguntava baixinho, com uma voz doce, de ternura inquieta:

– Mãe, está melhor, hein?

Ela respondia com um gemido, que o desolava.

À noite, como não melhorasse, as Teles propuseram-se a ficar velando ainda à cabeceira, mas Lúcio protestou.

Que não. Já elas tinham ajudado muito desde a véspera. Ele velaria junto à doente toda a noite, e prometeu chamá-las, se fosse preciso.

– Pois é, não deixe de chamar-nos; bem sabe que estamos às ordens. Sem cerimônia.

E foram-se mais o *Príncipe*, que passava os dias quase que a dormir, numa preguiça sem limites.

Quis Lúcio que a Luísa também se recolhesse; ela, porém, relutou, disputando o seu lugar junto à enferma; concordaram afinal que ela velaria até à meia-noite, sendo substituída pelo sacerdote daquela hora em diante.

Lúcio retirou-se para o seu quarto, abatido e impressionado; não queria dormir; de lá parecia-lhe ouvir gemidos, e vinha devagarinho até a porta do quarto da viúva, encontrando a Luísa sempre alerta,

no seu posto, ministrando o remédio à hora certa, chegando-lhe os lençóis para o corpo, consertando as almofadas do leito, tudo isto boamente, discretamente. Lúcio voltava para o silêncio do seu quarto, que apenas o *tic-tac* do relógio ia pontuando de rumores. Abriu uma janela.

A noite estava negra, sem uma estrela no céu, nem uma luz nas trevas; rajadas violentas sacudiam os eucaliptos do quintal vizinho. No relógio da matriz lentamente soaram dez horas. E tudo recaiu em silêncio. Fechou de novo a janela, irritado, não querendo dormir, sem velar, com um desejo indefinível e um mal estar sem causa...

Abriu o breviário e leu muito, sem compreender, o espírito alheio à leitura. Devaneava. Voltou ainda ao quarto da doente e achou tudo em silêncio; ela modorrava decerto, vencida pela fadiga; e reclinada sobre a cômoda, sentada numa cadeira, uma mão na face, a cabeça apoiada à parede, a Luísa, vencida também por tantas noites de insônias, dormia suavemente numa atitude de abandono.

Lúcio ficou diante dela surpreendido e extasiado.

Nunca a tinha visto tão bonita e tão arrebatadora como no recato daquele abandono, que lhe levantava o seio suave e acentuava as linhas deliciosas do pescoço alvo, em que a luz da lamparina, crepitando sobre a cômoda, punha reflexos rosados. O seu perfil bonito estava todo iluminado, e a silhueta de sua cabecinha adormecida desenhava-se, aumentada na cal da parede. Em torno à orelha pequenas mechas de cabelos louros encaracolavam-se; a testa desaparecia na mão em que se apoiava, a boca entreabria-se para deixar passar a respiração, e os lábios de rosa entreaberta ofereciam beijos longos e inefáveis. Ao redor a solidão era profunda. Lúcio estava preso àquela contemplação silenciosa, sentindo como num mar distante, um vago tumultuar do sangue. Todo o seu organismo fora de súbito abalado até as mais recônditas fibras; tremia; os olhos se tinham dilatado, e uma ligeira

palidez lhe desbotara as faces. Mas houve um momento em que um suspiro brando levantou o seio da moça, e ele retirou-se com receio de a acordar, de ser apanhado contemplando-a.

Um clarão súbito se fez no seu espírito.

Amava! E apertando a cabeça entre as mãos crispadas, revoltado, comovido, atravessado de sentimentos e impressões diversas, caiu de joelhos no seu quarto, os braços levantados como que atirando a sua prece para o céu, com a consciência clara de uma grande desgraça iminente, numa crise suprema que lhe deu energias súbitas de um fervor abundante e sincero.

– Meu Deus, meu Deus! Salvai-me! Tende piedade de mim, pobre pecador frágil e acessível a todas as desgraças humanas! Salvai-me, Senhor! Oh, salvai-me! Imprudente que sou! Vi agora a fragilidade de meu ser; senti a tentação do demônio da carne, nem posso iludir-me mais. Que grande desgraça, Senhor; que imensa desventura! Fazei com que a ame, sim, mas de um amor puro e casto, de afeto de pai, de uma ternura de irmão. Sou sacerdote indigno de vós! Piedade!

E maquinalmente, pungido de remorsos, possuído de terrores, recitava orações num cicio de voz estrangulada:

– Oh meu Deus! confundido estou e cheio de temor diante de vós; o exame que acabo de fazer não me deixa ver em mim senão miséria, mentira e pecados contra vossa Divina Majestade e infinita bondade, de quem tenho recebido tantos e tão grandes benefícios. Muito e mui gravemente vos tenho ofendido, porém – vós, Senhor, sois sumamente misericordioso; confiado em vossa infinita bondade, irei prostrar-me no tribunal da penitência; dai-me, Senhor, os auxílios da vossa graça; infundi em minha alma o espírito da penitência, o horror aos pecados, por ser ofensa vossa um amor abrasado a vós mesmo, Deus meu, que sois tão bom e tão digno de ser amado. Pesa-me, Senhor, do íntimo do meu coração, de vos ter ofendido, por que sois

infinitamente bom e amável, e porque vos amo; detesto todos os meus pecados e proponho-me firmemente a não vos tornar a ofender. Perdoai-me; eu sou ovelha perdida que fugiu do vosso rebanho. Tende misericórdia de mim! Não seja eu presa do raivoso lobo infernal que quer tragar-me! Recebei-me, Deus de bondade, em vossa santa graça, e preservai-me de tornar mais a ofender-vos para que possa viver convosco eternamente no céu; amém.

Tinha murmurado a oração, abrasado de fé, numa grande excitação nervosa que ia se aplacando aos poucos. Quando terminou, sentiu as faces úmidas das lágrimas abundantes de arrependimento e de fervor. Deus lhe ouvira a prece decerto, proferida com abundância de coração.

Esteve alguns momentos, muitos decerto, debruçado sobre a cama, sentindo serenar-se aos poucos toda aquela súbita tempestade. Sentia a sua alma retroceder à quadra da infância e da inocência, pequenina, aromal e suave como a alma de uma flor ou o coração de uma estrela.

Uma paz balsâmica e estrelada desceu sobre a sua alma contrita; fechou os olhos, e adormeceu, com um suspiro entrecortado de alívio...

No outro dia, eram oito horas quando despertou à voz da Luísa que o chamava da porta que ficara aberta. Levantou-se logo, esfregando os olhos, estremunhado.

— Que é?

A Luísa sorriu, mostrando os pequenos dentes, claros e iguais.

— Que grande madrugador, hein?

Ele a olhava com as ideias baralhadas e ainda confusas do sono; reparou que ela tinha os cabelos penteados, um grande ar *coquet* e galante, com uma rosa nos cabelos.

— São já oito horas, por isso julguei que devia chamá-lo; o médico já aqui esteve.

Isto chamou Lúcio à realidade.

– Oh! E a mãe passou melhor? perguntou.

– Nem melhor, nem pior. Continua a ter febre e não dormiu toda a madrugada.

– É verdade, Luísa; você me desculpa, sim? Devia substituí-la à meia-noite, mas o sono furtou-me, nem sei como isto foi, creia.

Ela continuava a sorrir.

– Ora não vale a pena falar nisso; até estimo servir para alguma coisa; daí já me habituei com a moléstia da mamãe. Bem, agora safo-me para o trabalho.

E antes de sair, voltando-se:

– Olhe, trouxe-lhe estas flores.

E mostrava umas belas rosas que se abriam sobre um copo com água. Saiu.

Lúcio foi cheirá-las maravilhado pela frescura das flores e satisfeito por aquela lembrança inocente. Eram rosas de todo o ano, magníficas.

– Pobre Luísa! Que boa rapariga!

E foi saudar a viúva que encontrou sentada no leito, muito abatida, rezando, enquanto a dona Bibi, que também já ali se achava, ia lhe alisando os poucos cabelos; a janela estava meio aberta e Lúcio viu o aspecto desbotado da doente. Pareceu-lhe mais enferma e mais alquebrada.

Inquiriu se estava melhor, se queria alguma coisa.

A viúva respondeu gemendo, muito assustada, que não dormira e nem se sentia melhor. Impressionada, declarou que ia morrer, estava certa de morrer, e queria se confessar e comungar.

– Não; não é caso para isso.

– Mas eu quero, redarguiu ela peremptoriamente.

A Teles interveio.

– Que mal faz a pobrezinha de Deus confessar-se? Certo que não estava em perigo de vida; mas sempre era bom preparar-se para qualquer conjectura.

– E o vigário que não vem! clamou a doente.

– Vem, declarou a Teles; o Felicíssimo garantiu-me que ele viria hoje, sem falta...

E fazendo uma ligeira pausa para atar os cabelos que tinha riçado com o pente, acrescentou:

– Vem com o professor.

Soaram palmas embaixo.

– Querem ver? disse a Teles; falar do mau...

Ela foi ver. Era exatamente o vigário e o professor. Não tardaram a entrar no quarto.

– Minha senhora, disse Agapito com uma atitude cerimoniosa, queira aceitar os meus votos pessoais de sincera condolência pela sua moléstia e os que continuo a fazer pelo seu próximo restabelecimento.

Voltou-se para o clérigo.

– Meu caro Lúcio, como tem passado? E permita-me perquirir da preciosa saúde da excelentíssima senhora dona Luísa.

Padre Domingos sentou-se familiarmente à cabeceira da doente que dona Bibi acabava de pentear, acomodando-a de novo sobre as pilhas de travesseiros.

– Então, que é isto? perguntou.

O Felicíssimo havia lhe contado; mas não lhe foi possível vir antes, tão embaraçado estava pelos negócios. Depois, os trabalhadores eram uma súcia.

Agapito também pediu permissão para declarar que não procrastinara, como o reverendo vigário, o cumprimento daquele indefectível dever de amizade; mas ignorava o estado precário da saúde da senhora dona Flávia, e naquele instante é que fora informado, tinha

tido a honra de ser informado disso pela nímia gentileza do senhor vigário.

Terminou dirigindo-se ao Lúcio, porque o vigário impaciente conversava com a doente, pedindo esclarecimentos, revelando muita solicitude, justificando a sua ausência. Porém ela sentia-se melhor, hein? A viúva declarou que estava cada vez pior; sentia-se mal, muito mal, estava certa de que ia morrer. Seus dias estavam contados.

– Cismas! declarou o pároco.

Ela protestou com severidade; não era uma criança para se aterrar facilmente; se afirmava que se sentia muito mal, é porque efetivamente o estava. E tanto assim era que queria confessar-se logo e receber os sacramentos.

– Quê? inquiriu o padre Domingos.

A viúva fez um gesto decisivo e rápido.

– Fica entendido; quero confessar-me hoje, agora, e comungar amanhã.

Apesar de seu tom peremptório que não admitia réplicas, padre Domingos animou-se a consultar o professor Agapito.

– Não acha inútil, professor? Não acha a nossa doente bem disposta e longe de perigo?

– Certamente, respondeu este com a sua atitude grave e atenciosa; a senhora dona Flávia não me parece acessível a qualquer fracasso desagradável, o que é motivo do maior contentamento para todos nós.

A doente fez um gesto de contrariedade visível, e retrucou secamente:

– Não estou pedindo pareceres. Cada qual sabe de si. Já disse, quero comungar.

Agapito embatucou.

– Releve, minha senhora, a indiscrição de magoar-lhe legítimos melindres. Já que quer, *trabit sua quemque voluptas*. Não estava na minha intenção infligir-lhe a mais leve contrariedade, máxime...

– Pois, eu estou pelo que quiser, declarou o vigário. Quando pretende confessar-se?

Dona Bibi, que até aí se conservava calada, ouvindo com atenção os conceitos de Agapito, interveio:

– É melhor que seja agora, enquanto ela sente-se mais aliviada do curativo que fiz ao cáustico. Não é exato?

A viúva fez um gesto de aprovação.

– Neste caso, retiremo-nos para o meu quarto, convidou Lúcio.

Agapito tossiu, levantou-se, fez uma profunda vênia para a viúva e acompanhou Lúcio, a passo medido e fidalgo. Pelo caminho ia observando:

– Nunca é de bom aviso contrariar enfermos, meu caro e jovem amigo; e não me causará a menor surpresa que a senhora sua mãe (a digna e prezada senhora sua mãe) logre notáveis melhoras depois do ato de comunhão. Citam-se muitos fatos semelhantes.

– Entre, disse-lhe Lúcio, parando à porta do quarto, sublinhando o convite com um gesto.

O professor fez uma vênia.

– Com sua licença.

Passou adiante dele e deu dois passos no quarto; mas parou logo, corado até as orelhas diante da Luísa que terminava o arranjo do quarto, limpando o pó de uns papéis velhos.

O professor curvou-se todo, num profundo tagaté, a mão direita sobre o peito.

– Minha prezada senhora, balbuciou ele, permita-me a subida e imerecida honra que folgo em ter, de apresentar-lhe os meus profundos respeitos e as homenagens da minha estima.

Estava tão comovido e embaraçado que Lúcio não pôde deixar de sorrir maliciosamente para a Luísa que lhe retribuiu num sorriso franco e claro de rosa aberta.

Na manhã seguinte – e era uma luminosa manhã rosada e alegre – o médico receitava sobre a cômoda do quarto da viúva, quando os sinos da igreja dobravam e a voz de uma campainha vinha chorando lugubrememente pela rua, à frente do viático.

Era o Felicíssimo, sacristão, de opa e cruz alçada, que vinha na frente, badalando, numa toada sinistra, a agoureira campá. Sujeitos de opa e aspecto atônito de imbecilidade, funebremente idiotas, formavam uma pequena caravana no meio da qual, sob o pálio aberto, padre Domingos, de tricórnio e sobrepeliz, trazia a custódia nas mãos, rezando uma melopeia soturna, que um latim bárbaro sublinhava de agouros lamentáveis.

Na rua por onde o viático passava, com a cauda de curiosos e vagabundos, fazia-se um reboiço de pesar e inquiria-se quem ia sacramentar-se para fazer a eterna viagem.

Padre Domingos apressava aquilo, contrariado, porque tinha uma leva de trabalhadores na chácara, e sem ordens e a fiscalização dele nada fariam, com certeza. Que estopada!

E estugava o passo, estimulando os sujeitos que o acompanhavam, de opas flutuantes e fisionomias analfabetas.

Finalmente, chegaram ao sobrado da viúva e quando a cruz da frente transpôs a porta da rua, o doutor Veiga, muito teso, guarda-chuva debaixo do braço, ia-se retirando, sem olhar para ninguém, de chapéu enterrado na cabeça.

Aquela conduta do médico causou escândalo; mas padre Domingos tinha pressa, estava incomodado e afligia-se para acabar com aquilo.

E no quarto da enferma, quando ela vestida de preto e ajoelhada sobre um travesseiro, recebeu a partícula sagrada diante da cômoda, onde duas velas ardiam sobre a toalha branca – o vigário teve um suspiro de alívio, lançando olhares ávidos para Luísa que esfregava os olhos a um canto, enternecida pelo aparato daquela cena.

Alguns minutos depois o viático voltava rua acima, o Felicíssimo alçando a cruz à frente e badalando a sinistra campainha.

A enferma voltou para o seu leito, com um aspecto irradiante, o rosto iluminado na beatitude de um júbilo celeste; penetrara-se de uma inexplicável satisfação que parecia imponderalizá-la, tornando-lhe a alma leve, estrelada e cantante... O seu temor ao inferno, o receio de morrer impenitente, fora da graça divina, tinha-se dissipado, agora que recebera das mãos de um ministro de Deus a absolvição de todos os seus pecados e a certeza de um lugarzinho no céu. O ato produziu uma reação tão benéfica que ela pôs-se a dormir horas a fio, num repouso sereno do corpo mortificado.

A dona Bibi aproveitou aquele intervalo para ir em casa tomar algumas disposições; e no quarto da doente ficaram Lúcio e Luísa sentados, um ao lado do outro, abalados por aquela cena tocante da comunhão. Invadira-os o receio da morte da viúva, e Lúcio principalmente fora vítima de pressentimentos funestos e de inexprimíveis angústias. Andava pálido, olhos febris.

Insensivelmente ele tinha tomado na sua a mão da Luísa, pre-mindo-a delicadamente; a moça abandonara a mão, com transporte, àquela carícia branda e muda, sentindo o calor torporoso daquela mão angustiada que apertava a sua. Associou-se àquele pesar, e um momento houve que lhe pareceu ouvir um soluço; encarou o Lúcio que tinha a cabeça baixa, levantou-a lentamente com a mão; foi então que viu que ele tinha os olhos marejados de lágrimas, chorando em silêncio. Sem nada dizerem, compreendendo-se reciprocamente, confraternizados e confundidos no mesmo pensamento e num só pesar, na saberiam dizer como e por que foi que se acharam nos braços um do outro, por momentos, comovidos e palpitantes.

Estava escrito, porém, que todas aquelas apreensões seriam infundadas e dissiparam-se à medida que as melhoras da enferma se

acentuavam, manifestamente, fazendo rejubilar a dona Bibi, que atribuía o milagre à intervenção divina da comunhão. Enquanto que todos se opunham ou se mostravam frios e indiferentes, fora ela quem os demovera, secundando o desejo manifestado, aliás de modo categórico, pela doente que não costumava tolerar oposição às suas deliberações. A Teles exaltava ainda o fato para amesquinhar também o serviço do médico de que não gostava, achando-o incivil e “libertino”. Libertino era para ela sinônimo de herege ou ateu. Foi por isso que aproveitou a primeira visita do facultativo para dizer com a sua voz de açúcar-cande e o seu modo seráfico:

– Está bem melhor, está muito melhor a santinha desde a comunhão.

E como o médico, que tomava o pulso da doente, não lhe retrucasse nem atendesse, continuou, sob pretexto de informação:

– Ela tem tomado os remédinhos com toda a precisão... Sou eu a enfermeira, desde o primeiro dia, em que caiu de cama com as pontadas; desde o primeiro dia tomou todos os remédinhos, posso garantir-lhe. Agora, confessou e comungou ontem, e hoje está sã, está quase sã... A comunhão sarou-a...

O médico de sobrecenho cerrado, nem sequer se dignou olhar para ela.

– Diga antes, a comunhão e o quinino, minha senhora; são dous agentes terapêuticos maravilhosos; não há febre que os suporte!

E saiu num passo teso e rude, sem despedir-se, deixando a dona Bibi embatucada.

A viúva tinha ouvido, e sentiu crescer-lhe a aversão que já tinha pelo homem que acabava de salvar-lhe a vida.

À medida que a saúde voltava, ela volvia também aos seus hábitos, integralizando-se de novo na monotonia de sua existência sem soluções de continuidade. Tornara-se de novo austera, parca de palavras,

deslizando como uma sombra, cóleras repentinas fuzilando no olhar, ríspida de gestos, exigentes nos temperos da comida e no arranjo do quarto. As Teles vinham durante certas horas dar-lhe seca, e pô-la ao corrente das novidades do dia e prestar-lhe pequenos obséquios de vizinhas prestimosas. A dona Flávia ainda não saía, mas já andava a sós no quarto, arrumando ela mesma “os seus cacarecos”, pondo tudo a seu gosto, que ninguém jamais soubera fazer-lhe as cousas à sua vontade. Agora que voltava aos hábitos de sua vida normal, começava de novo a espreitar Luísa e a afastá-la de Lúcio, com suspeitas desenhando-se nos olhares escrutadores, que os acompanhavam por toda a parte e em todos os seus movimentos, observando, palpando, insinuando-se friamente. Os dous quase não se viam mais no quarto dela, e apenas se encontravam na casa de jantar, onde conversavam, adquirindo de novo os hábitos da antiga intimidade que datava da infância, numa existência comum de irmãos.

E a Luísa inconscientemente fazia-se *coquette*, andava asseada e bonita, punha flores no cabelo, esquecia os passados dissabores de sua vida obscura de *Cendrillon*, sentindo vibrar dentro dela o canário da alegria.

O seu natural bom humor voltava novamente, e tinha pequenas travessuras, inocências perigosas, malícias galantes, sorrisos vermelhos; na inconsciência daquela alegria, quando ia bater a roupa no quintal, sentia uma necessidade de expandir-se, de correr, de dançar talvez, e cantava alto, com uma voz clara e bem emitida, ritmando as canções com pancadas da roupa molhada.

A dona Bibi notou-lhe a insensível, mas profunda metamorfose; porém, não se arriscava a intimidades desde a cena que a viúva fizera com ela por causa do casamento. Foi a dona Fafá que um dia, com um olhar suspeito, advertiu:

– Que linda e buliçosa que você está. Ora, o anjinho! Parece que tem um bicho carpinteiro!

Padre Domingos também dissera, olhando-a de soslaio com o seu olhar gulotão, pondo-lhe no ombro o contato carnal da sua mão lasciva:

– Como floresce! Nem que fora uma rosa!

A dona Flávia é que nada disse, de mau humor, calada, remoendo em silêncio despeitos represados, cóleras que fermentavam e azedavam em segredo, ameaçando explosões como as súbitas dilatações dos gases. Sentia qualquer coisa no ar, e dissimulava nos seus austeros silêncios intermináveis as suas veementes e insidiosas suspeitas.

Já nos últimos dias de sua convalescença, uma manhã Luísa entrara no quarto de Lúcio para levar-lhe com a música dos seus *bons dias* duas magníficas rosas, uma creme e outra vermelha, ambas muito grandes e abertas, de pétalas finas como epidermes e de um perfume leve e úmido. Achou-o sentado, os cotovelos fincados sobre a mesa.

– Então, que é isso?

Ele fez um gesto vago.

– Pensando...

E colocou as rosas, que ela lhe entregara, sobre a mesa, sem olhar para elas.

A moça sentiu-se importuna.

– Está bem; não se aborreça; desculpe se o incomodei.

Ele então levantou-se, surpreendido.

– Não, você não me incomoda, Luísa. Estava aí pensando...

E como se resolvendo,

– Pensava até em você, disse.

– Ah!

– É verdade, acrescentou ele muito sério; pensava que já é tempo de você se casar com um homem de bem, capaz de a fazer feliz.

Ela corou.

– É preciso; é, repetiu ele.

A Luísa estava atônita; sentia-se invadida por um grande pesar.

– Pois, você também?

– Como? Como *também*?

Ela achou-se subitamente alanceada por uma grande tristeza; até Lúcio conspirava contra a sua felicidade, e queria casá-la com um velho fofas como o professor. E sem responder, começou a fazer-se vermelha, os olhos umedeceram-se.

– Então, que vem a ser isso? perguntou Lúcio perplexo, porque nada adivinhava.

Ela escondeu o rosto nas mãos amuada.

– Mas não a ofendi, creio, dizia Lúcio desolado.

E, tomando-lhe as mãos com carinho,

– Vamos, deixe de ratices, ande; porque ninguém teve intenção de ofendê-la, disse.

Fê-la sentar-se na cadeira, com uma suave violência, muito carinhoso, embaraçado por aquela atitude imprevista.

– Veja que me aflige. E diga-me seriamente por que está chorando. Deve haver talvez um equívoco! Diga, diga!

– Desculpe, você desculpe, ouviu? É nervoso, uma cousa de repente, nem eu mesmo sei. Doe-me cuidar que você também pretendia casar-me com o professor...

Lúcio recuou, num imenso pasmo.

– Com o professor Agapito?!

E de súbito pôs-se a rir, divertido pelo cômico de semelhante lembrança.

– Havia de ter graça. Você está caçoando, Luísa!

Ela também estava surpreendida; refletiu então que ele não sabia. E resolveu incontinentemente não dizer-lhe nada, adivinhando que iria afligi-lo. Sorriu.

Lúcio defronte dela, continuava a rir, achando-lhe graça, “muito divertido com a chalaça”.

– Que ideia singular! Seria realmente motivo de riso, se eu me lembrasse de semelhante disparate, palavra!

Ela, então, sentiu-se picada de curiosidade. Agitava-a um grande alvoroço.

– Mas de quem era então que você falava?

– Eu? Agora me lembro. Mas não falava de ninguém, não me referia a ninguém. Disse que estava pensando que você precisava de casar-se; com quem não sei. Está claro, com um rapaz digno.

E sentindo-se já alegre, galanteou:

– Comigo, por exemplo, se não fosse padre.

Tinha falado sem refletir bem no efeito que iam produzir suas palavras; a Luísa ruborizou-se toda, e tão constrangida ficou que ergueu-se e dirigiu-se para a porta.

Lúcio estava desolado de a ter feito corar; Luísa teve pena, vendo-o tão consternado, quis tranquilizá-lo e ainda sorriu-lhe da porta, dizendo com a voz ligeiramente trêmula:

– Quando quiser descer, o almoço está pronto.

La saindo...

E de súbito todo o sangue que tinha enrubescido as suas faces, refluiu e desapareceu, com uma forte pancada no coração. Sentiu um desfalecimento de terror.

Porque lá na porta do quarto da doente, que ficava a meio do corredor, acabava de surpreender a figura da viúva, que os espreitava, que ouvira tudo, que vira tudo! Jesus! Sentiu um desfalecimento cobarde, e quase parou diante da ameaça silenciosa daquele olhar terrível da viúva, que lá estava como o fantasma das expiações, como um anjo vingador. A ação hipnótica daquelas pupilas verdes, duras, incisivas como punhais, de reflexos metálicos, lhe pôs um calafrio nas vértebras.

Não tinha coragem de arrostar aquela cólera e de passar diante daquele olhar severo que a esmagava como um castigo.

Sentiu-se anulada e miserável; todas as suas energias apagaram-se; a sua vontade extinguiu-se como uma chama moribunda; e foi num passo alterado e automático de sonâmbula que ela atravessou aquele corredor longo e sinistro como a via-sacra do pior dos mártírios.

Na tarde daquele mesmo dia, Luísa engomava na sala de jantar, soprando o ferro já muito aquecido por meio de um fole, quando ouviu na escada os passos abafados da dona Flávia.

Depois do encontro da manhã, ela sentiu confranger-se o coração, renunciando a iminência de uma crise terrível. Porque na calma aparente da viúva ela adivinhava aquela cólera tremenda que a trans-tornava e descompunha num furor sinistro de hidrófoba. Era terrível, assim. Foi a tremer que a Luísa pousou o ferro de engomar sobre a peça de roupa, estendida sobre a mesa, onde trabalhava havia uma hora. A viúva aproximou-se, e falou-lhe em voz baixa, rapidamente, sem preâmbulos

– Devo preveni-la de que já autorizei o compadre a tratar o seu casamento com o professor, e já temos assentado que ele se realizará dentro de um mês.

A sua voz era surda, breve, fria e rápida.

A Luísa ficou fulminada; na sua atrapalhão continuava a engomar, amarrotando a roupa, queimando os dedos.

A viúva num movimento brusco, pensando que ela assim não lhe prestava toda a atenção, tomou-lhe o ferro da mão e o arremessou sobre a grade, onde ele se conservava abrasado, na mais alta temperatura, a julgar pelos calores que punham frêmitos no ar à boca da chaminé.

Luísa baixou a cabeça, espalmando as duas pequenas mãos sobre a mesa.

A tia prosseguiu medonha:

– Já lhe disse que em minha casa não admito poucas vergonhas, enquanto Deus me der vida! Vejo que é impossível vosmecê continuar aqui nesta casa, onde se constituiu um perigo e uma ameaça... Quero evitar desgraças! Por isto lhe advirto que há de casar-se com o professor dentro de um mês!

A Luísa sucumbia, as lágrimas caíam-lhe dos olhos; a sua vontade desfalecia; a viúva aterrava-a; ia ceder, dizer que sim...

Mas de repente lembraram-lhe as palavras de Lúcio, a sua reprovação, o escárnio pelo cômico da ideia; ele zombara, pois, daquele casamento; todo mundo zombaria, escarneceria daquela cousa ignóbil. Era demais!

E foi com um tom resolutivo que respondeu à viúva, sem ousar contudo encará-la:

– Pelo amor de Deus, lhe peço me perdoe. Mas não me casarei com ele!

A viúva olhava para a mão que ela espalmava sobre a mesa; tinha ódio àquela mãozinha alva, de veias azuis, unhas cor de rosa, dedos afilados...

Ficou lívida. Estava terrível.

– Então, assobiou a sua voz, então não se casa?

Luísa estremeceu, mas repetiu num tom de resolução inabalável:

– Não, senhora; não me caso.

Aquilo foi rápido. A viúva tinha atingido ao auge do furor, e alucinada, cega, implacável, levantou o ferro abrasado e aplicou-o com força sobre aquela pequena mão execrada que se abria timidamente sobre a mesa.

Sentiu-se a carne chiar, queimada.

Ao mesmo tempo um grito agudo de dor atravessou os ângulos consternados da sala.

E a Luísa caiu num desmaio de morte.

VIII

Soaram dez horas na igreja matriz, quando padre Domingos parou à porta da casa da viúva, limpando na calçada os grossos sapatos enlameados.

Festjava-se o Natal, mas a noite tornara-se tão triste, que quase toda a cidade dormia, como nas noites comuns, monótonas e silenciosas. No fundo do firmamento desmaiado, estrelas pálidas adormeciam e tiritavam; o céu chorava uma chuva miúda, peneirada em chuviscos irritantes e intermináveis. Mesmo assim, uma ou outra casa aparecia iluminada; ouvia-se tropel dos ranchos que passavam nas ruas; e no ar gemiam choros de violas longínquas e sentimentais.

Padre Domingos já havia batido, pela segunda vez, quando a porta se abriu, e Luísa apareceu, com uma luz na mão. Fechando o guarda-chuva de alpaca, o pároco quis apertar a mão da moça, como de costume, transmitindo-lhe o calor torporoso de suas grossas mãos de lavrador, e afagando-a, apalpando-a, apertando-a na carícia lenta e prolongada de um tatear voluptuoso. Viu-lhe a mão envolvida em tiras; e perguntou sorrindo:

– Doente?

Ela explicou que havia se queimado. Sorria vagamente. Estava muito pálida. Começava a pesar-lhe um grande desalento.

O pároco foi entrando, sem pedir licença, com a liberdade de a que lhe dava direito a sua antiga intimidade na casa. Ao penetrar no vestíbulo, ouviu lá dentro a voz da doida, que falava alto, num desatino de apóstrofes insensatas.

– A mamãe passa mal agora, hein? perguntou o vigário.

– Há dois dias estive furiosa, respondeu Luísa; ainda assim grita e fala todas as noites. Há oito dias que não dorme.

Ia adiante, guiando o caminho que alumiava; padre Domingos seguia atrás, devagar, pesadamente. Na sala de jantar Luísa colocou a luz sobre a mesa e ofereceu uma cadeira ao pároco.

Este sentou-se arregaçando a batina, depois de deixar o guarda-chuva fechado escorrendo a um canto, junto à mesa. Limpou o suor do pescoço e das fontes, e de mãos sobre os joelhos, soprando muito, olhos de carícia, reassumiu o seu eterno sorriso de tolerância. Houve um silêncio. A moça estava sentada junto dele, encostada à mesa, muito grave; a sua palidez aumentava o brilho suave e macio dos olhos e acentuava a sua esquisita beleza de anêmica. O corpinho do vestido, mal abotoado por descuido, punha em evidência o bordado da camisa e o começo rosado da redondeza de um seio, cujo contorno o vestido desenhava.

Padre Domingos ia dizer qualquer coisa, quando a voz da louca, desagradável e enrouquecida, se levantou de novo, lá dentro, no aposento que lhe servia de cárcere:

– Quem está aí? Quem vem aí? Quem fala aí? Eles é que voltam! Soldados! São assassinos! Não me prendam, já disse; não me lancem ferros! Por que querem assassinar-me? Por que me matam? Vêm assassinar-me! Vêm assassinar-me!

A voz sumia-se, estrangulava-se ferozmente, adivinhava-se que a louca se debatia nas mãos dos seus imaginários assassinos.

– Coitada! disse o pároco.

E a voz lá dentro se ouviu de novo:

– O infame! Trouxe a desgraça para esta casa, eu bem o sei, eu bem o vi. Fugam dele, fugam!

Padre Domingos mostrou-se constrangido. Luísa foi fechar a porta do seu quarto, e a voz da louca ficou abafada, não se lhe ouviam as palavras desordenadas.

– Coitada! repetiu o vigário.

Houve um novo silêncio; a pêndula tiquetaqueava devagar uma oscilação sonolenta e lúgubre; os canários dormiam, de cabeças escondidas sob as asas; a vasta sala quadrangular, de paredes nuas, parecia querer adormecer no silêncio da noite úmida e fria. A um canto o bichano enroscava-se, ronronando.

Padre Domingos tinha as mãos cruzadas sobre o ventre esférico e triunfante; atentou para o silêncio da casa.

– E a comadre, perguntou, já não está completamente restabelecida?

– Está, respondeu a moça. Saiu há pouco, com Lúcio, para a casa das Teles.

– E demoram-se? perguntou ainda o vigário, olhando para o relógio.

Demoravam-se, porque tinham combinado ir juntas à *missa do galo*. A Luísa ficara por causa da mãe que estava numa das crises de fúria.

– E o Felicíssimo não apareceu aqui?

– Esteve aqui também; mas já seguiu para a igreja, disse que ia tocar para a missa.

– Ah! fez o vigário surpreendido, arregalando muito os olhos; cuidava que os encontraria ainda.

Pareceu perturbado durante alguns instantes.

Um repicar de sinos atravessou a noite, soando à distância, num tinir claro e metálico.

– É o Felicíssimo que toca pela primeira vez, disse ele; ainda é cedo.

A Luísa bocejou; andava outra vez tresnoitada pelos clamores noturnos da louca.

Padre Domingos não reparou, e chegando-se para ela, quis saber quando é que aquela louquinha resolvia a casar-se. Tresandava a vinho.

Ela corou. Não sabia; não pensava ainda nisso.

– Mentirosa! disse ele com carinho. Pensa acaso que não sei? A comadre já me há dito mais de uma vez que tem lhe falado no seu casamento, sem que você se haja ainda resolvido.

E aconselhou-me paternalmente que ela devia refletir naquilo – casar-se.

– Sim, você precisa de casar-se, minha filha; cumpre refletir sobre a sua condição dependente aqui, nesta casa, onde aliás não lhe faltou nem o preciso nem o carinho; mas uma rapariga ao atingir certa idade, deve procurar um noivo, um marido, um rapaz de sua afeição que lhe caia em simpatia. Um namorozinho, hein? Você compreende, não? Porque Deus Nosso Senhor abençoa todas estas alianças e deseje mesmo que as suas criaturas se juntem para compartilharem das alegrias e dissabores de uma existência comum. Uma aliança indissolúvel para a vida e para a morte, quer cousa mais digna aos olhos do Senhor? Você compreende.

Falava com carinho e doçura, ameigando o vozeirão das tremendas filípicas do púlpito; fazia-se terno e amorável, queria persuadir; seduzia.

Luísa tinha abaixado a cabeça, silenciosa. Ele animara-se; aproximara-se tanto que roçava-lhe as pernas e os joelhos.

– Ora, diga, prosseguiu, por que não quer se casar, opondo-se assim à vontade de sua tia, que é uma segunda mãe? A sua inexperiência do mundo absolve-se, enfim, de tão pertinazes recusas, aliás, muito para se estranhar numa menina tão dócil, tão boa e tão inteligente... Você compreende. O casamento não deve assustá-la; é uma cousa natural, naturalíssima, edificante até. Você compreende.

O tom de sua voz descera a um diapasão confidencial de ternura; a voz adoçara-se em carícias; o seu carão rubicundo empurpurecia e congestionava-se; e o olho lúbrico se dilatara, quando naqueles contatos irritantes percebeu por entre o corpinho do vestido da moça

aquele pequeno seio implume, dormindo na inocência do regaço virginal. Padre Domingos namorava-o à socapa. Luísa de cabeça curvada, escutava-o, alisando com a mão a renda da saia que esgarçava-se. Padre Domingos tomou-lhe os dedos delicados na sua grossa mão balofa e papuda que tinha cabelos até nas falangetas, e gozou daquele contato suave. A cumplicidade do silêncio da casa animava-o. Seus olhos, em que o vinho do jantar tinha posto um brilho de excitação alcoólica, tinham uma ternura úmida; e ele sentia-se perturbado, numa pontinha de embriaguez.

– Olhe: quer um conselho? Case-se; não lhe faltarão noivos desde que se resolva a “tomar estado”; é só se propor, e eu mesmo lhe arranjaréi mais de um à escolha. Você compreende; você tem uma carinha de virar a cabeça aos rapazes... Linda, como uma flor, digo-lhe eu! Quantos rapazes não desejariam apertar esta mãozinha; cingir essa cintura, para... para...

Luísa sentindo-se de repente ultrajada, quis levantar-se, tomada de uma surpresa desagradável. Só então levantou os olhos e viu o carão congestionado do pároco que a perseguiu como para devorá-la. A sua mão tinha se insinuado pela cintura, e ela sentiu-se de chofre apertada pelos rins e enlaçada por dois braços vigorosos.

Padre Domingos havia perdido a cabeça; o sangue excitado pelo vinho pegara fogo como uma pólvora; e todo o seu corpo de ritário e de atleta caíra num acesso brutal de concupiscência que não respeitava convenções humanas nem obstáculos de qualquer ordem.

Inflamado de desejos, tinha a obstinação de um jumento e a brutalidade de um touro.

Luísa teve-lhe asco; um ódio imenso sublevou-a e revoltou-a. Debateu-se com fúria para furtar-se àquele abraço asqueroso de jiboia famélica, babosa e lúbrica.

O pároco, que estava meio ajoelhado, apertou-a com as mãos trêmulas e incertas.

–Volte-se! volte-se!

A voz estrangulava-se num tom cobarde e submisso de propostas indecorosas e ardores impuros; as suas mãos davam contatos úmidos de lesmas, despregando babas malignas.

Luísa pôde escapar-se. E tal foi seu nojo imenso e a sua indignação àquela brutalidade, que lançou-lhe no meio da face uma cusparada de asco. Padre Domingos, porém, não sentiu-lhe a afronta. Estava transtornado, a cabeça perdida; aquela solidão, a passividade da moça, a vista daquele seio meio desabotoado, a pressão da mão puseram-no numa espécie de loucura, ofegante, arrebatado, púrpuro. Resfolegava. Arremeteu de novo para a moça, delicioso fruto, sávido e proibido, que ele namorava havia anos, numa cobiça silenciosa e paciente de sátiro.

Ela resistiu ao novo assalto, sem falar, sem proferir uma palavra, defendendo-se com uma energia implacável, por meio do guarda-chuva que escorria a um canto. A uma pancada mais rija as lunetas do padre Domingos voaram em estilhaços e a biqueira do guarda-chuva descreveu-lhe na face um vergão comprido, que nos tecidos da pele se desenhou em equimose. Isto foi como o efeito de uma ducha; ele estacou aturdido. Luísa arremessou para longe o guarda-chuva e parou, defendida pela mesa, agitada, os cabelos revoltos em desordem, desprendidos durante a luta, os olhos febris e os lábios trêmulos e brancos. A respiração era agitada e opressa; e o pároco reparou que as ligaduras da mão doente soltaram-se, violentamente talvez porque a ferida sangrava.

Teve dó. Sentia-se arrependido e ridículo; e sem saber que partido deveria adotar, tomou o chapéu e foi apanhar o guarda-chuva que continuava a escorrer no chão. Quando abaixou-se viu que o

atilha da ceroula tinha se desatado e deu-lhe nova laçada. Depois levantou-se; levou o lenço à face onde a escoriação da pele produziu um certo ardor; sorriu numa desconsolada careta para a Luísa e tomou o caminho do corredor. Abriu a porta, mas retrocedeu, com uma ideia.

A moça teve uma surpresa quando o viu voltar e quis fugir. Ele compreendeu-a, disse muito perturbado:

– Pode ficar; não lhe quero fazer mal.

Desejava dizer-lhe muita cousa – justificar-se, tornar-se menos ridículo, obter o seu perdão, qualquer cousa, enfim, que atenuasse aquele assalto brutal. Mas vexava-se, perturbava-se, não sabia que devia dizer, sem ousar encará-la.

– Peço-lhe perdão... Perdoe. Não sei o que fiz.

Compreendera a gravidade da sua conduta e o escândalo que poderia dar; a ideia de uma vingança acovardara-o.

Ajoelhou-se.

– Peço-lhe perdão... Pelo amor de Deus!

Juntou as mãos; o chapéu rolou para debaixo da mesa. E com a voz humilde de súplica:

– E peço-lhe que não diga a ninguém o que acabo de fazer. Foi uma loucura.

Rojava-se suplicante e miserável, ele que tantas vezes, indiferente, assistira as contrições e arrependimentos de penitentes no confessional. Diante daquela atitude humilhante e inacreditável de covardia, Luísa sentiu por ele um misto de desprezo e de piedade, mais de piedade do que de desprezo, tão compassiva se mostrava para as fraquezas alheias.

A voz continuava a deprecar do fundo de sua humildade:

– Prometa que não diz a ninguém, ande... Diga que sim, diga!

– Pois, sim, exclamou a Luísa; mas deixe-me, deixe-me!

Dir-se-ia um outro homem, tão diverso era o aspecto em que agora se revelava, andando à guisa de quadrúpede por baixo da mesa à cata do chapéu, numa inconsciência de irracional.

Levantou-se, tomado de reconhecimento por aquela promessa que o salvava; de pé, aparvalhado, o chapéu e o guarda-chuva pendentes das mãos, queria dizer-lhe todo o seu reconhecimento; mas sentia-se incapaz, imbecilizado em atitudes equívocas. Reconhecia-se supinamente ridículo. Olhou para um lado e para o outro, procurando um feliz acaso que lhe desse uma solução, e como nenhum acaso providencial o salvasse na sua situação embaraçosa, atarracou o chapéu na cabeça, com furor.

– Obrigado! gemeu.

E foi-se.

Luísa admirada acompanhou-o com o olhar, até deixar de ouvir os seus passos.

A vela que estava sobre a mesa, quase gasta, entrara agora a palpar. O bichano assustado tinha desaparecido. Fora sentia-se a chuva friíssima e impertinente. No silêncio consternado do quarto a pancada do relógio parecia mais soturna e agoureira, e a voz da louca, se bem que abafada, clamava lá dentro como um eco de maldição e anátema.

Depois da sua energia, Luísa sentia-se fundir em choro e desfalecer numa fraqueza subitânea; e caindo de joelhos, de mãos postas, a face voltada para o céu, interrogou num pranto copioso:

– Meu Deus, meu Deus, que mal vos fiz eu para merecer semelhantes ultrajes?

Longe a toada argentina dos sinos despertava pela terceira vez.

Durante longo tempo esteve ela prosternada, sentindo-se fraca e desditosa, perseguida por um destino implacável, como se andasse expiando algum ignóbil pecado de origem, desconhecido e fatal.

Passava em revista os seus sofrimentos, todo um martírio obscuro e lento que a consumia e acabrunhava, e a sua passiva desventura começou a ter ímpetos de revolta contra a obstinação com que todos conspiravam contra a sua fraqueza e ignorância. Chegou a desejar a morte, como a melhor solução para a sua existência atribulada e infeliz; a ideia do suicídio despontou dentro do seu pesar, e ela lembrou de ingerir corrosivos ou atirar-se no fundo do poço, cuja água sinistra sempre exercera sobre ela a misteriosa atração das voragens. Depois, não tinha mais dúvidas sobre a natureza dos seus sentimentos para com Lúcio, reconhecendo que o amava, não já em êxtase de amor místico, mas assaltada e mordida de miseráveis apetites carnisais. Era, pois, verdade! Certo era aquela uma paixão criminosa e inconfessável; não se animaria a desvendá-la mesmo sob o sigilo da confissão.

Queria ser a amante sacrílega de um sacerdote? Resignar-se-ia ao papel de amásia de um ministro do Senhor, indo aumentar o número dessas desgraçadas amantes de sacerdotes que o povo cobre de opróbrio sob um nome aviltante e indecoroso? Grande Deus! Por que não morrera enquanto pequetita e inocente, quando os seus lábios apenas desferiam beijos ou balbuciavam as primeiras palavras vacilantes da infância? Tantas amigas que tivera e conhecia felizes, casadas com rapazes que as queriam e estimavam e muitas das quais já eram mães, procriando bambinos louros e saudáveis, de peles frescas e rosadas e bochechas alvas e túmidas! Entretanto só ela, por uma inexplicável e sombria fatalidade, ao em vez de amar um secular, um moço digno e capaz, enamorara-se exatamente daquele para o qual era um crime e um pecado levantar os olhos de nupcias, porque ele se consagrara aos misteres divinos e vestia a sotaina do levita que era a mortalha de todos os desejos carnisais e a barreira de toda a afeição pecaminosa.

Pecaminosa ou não, que importava? Amava-o, era bem verdade, não havia mais negá-lo, e não se sentia com forças para sufocar aquela paixão.

E foi entregue a estas cogitações dolorosas, que ela despertou, ouvindo passos no corredor, passos conhecidos que a sobressaltaram. Levantou-se precipitadamente, sem poder dissimular as lágrimas, reclinando sobre a larga mesa de jantar, desviando o rosto da luz da vela.

Lúcio entrou espirrando.

– Você ainda está desperta?

E sem esperar resposta, ajuntou:

– Pois, vim-me embora, porque estou seriamente constipado... Estas constipações repetidas aniquilam-me.

Abriu o guarda-chuva molhado, e foi colocá-lo num ângulo da sala; pendurava o chapéu no cabide, quando ouviu um soluço que a moça não conseguiu reprimir. Foi então que voltou-se para ela sobressaltado:

– Então, que é isso? inquiriu. Então, hein? Você está chorando! Temo-la outra vez!

E como ela se conservasse calada, sem dar-lhe resposta, cada vez fugindo mais à luz da vela, aproximou-se com solicitude e carinho.

– Então? Perguntou de novo. Você sofre alguma cousa? Diga, vamos. Não vê que está me sobressaltando e afligindo?

Lúcia não fez um movimento sequer, chorando apenas em silêncio, sentindo aumentar aquela necessidade de desabafo. Lúcio tocou-lhe de leve no braço, animou-se mesmo a passar-lhe a mão pela cabeça, afagando-a solícitamente, tomando interesse pelas suas lágrimas, cuja causa desconhecia.

– Você está doente, hein? Não se faça teimosa. Vamos; não seja criança, e explique-me que vem a ser isso?

– Deixe-me, respondeu ela quase com mau modo; não se aflija... Não é nada...

E sem poder mais se conter desatou num pranto copioso e alto.

– Mas, Deus meu, que vem a ser isto? Cada vez compreendo menos. Ora, venha cá, e deixe-se de toleimas.

A sua voz enternecera-se; e muito carinhoso aproximou-se tanto da face da moça que sentia-lhe a respiração ardente, entrecortada de uma série de suspiros e soluços profundos. Continuou a afagar-lhe a cabeleira castanha e basta, impregnada de um aroma capitoso, namorando a curva suave daquela face pálida que lágrimas orvalhavam e umedeciam. Não desistiu do empenho de inquirir e conhecer a causa daquela infundada tristeza; e inquieto por vê-la tão triste no recolhimento daquela dor silenciosa, Lúcio tinha deliberado vencer-lhe a obstinada reserva por meio de carícias, cujo encanto desde crianças, era o único recurso naquelas emergências. Com o lenço ia-lhe limpando a face molhada, levantando-lhe a cabeça pela barba.

– Você é uma criança, disse ele consternado e descontente; estou estranhando esse seu amuo sem causa; assombram-me semelhantes caprichos, porque, enfim, você torna-se incoerente e nervosa.

A sua voz amolecia na ternura de uma exprobração amiga:

– Você não vê que está me afligindo, a mim que a estimo tanto? Que vem a ser isto, Luísa?

Ela limpou os olhos, de repente, voltando-se para ele tão vivamente que roçou-lhe no rosto; afastou com um gesto brusco os cabelos, e falou com a voz vibrante e decidida:

– Você chama-me criança; você chama-me caprichosa. Pois sim! Chame-me o que quiser, não levantarei um só protesto, e contra você não terei um único queixume. Agora mesmo, você é que entrou de repente, e surpreendeu-me chorando; mas sempre dissimulei os meus

pesares e nunca exibí as minhas lágrimas. Já vê, pois, que não dou a ninguém o direito de formar delas juízos equívocos ou conceitos frívolos; porque o infortúnio deve merecer o respeito dos corações bem formados, e a desgraça nunca será motivo de escárnios ou de zombarias... Enfim, nem sei o que lhe diga... Você desculpe, ouviu? Ah! se soubesse como sou infeliz!...

Falava depressa, febrilmente, numa exaltação nervosa, enxugando as lágrimas que lhe saltavam dos olhos e sacudindo a bocados a espessa cabeleira que lhe invadia o rosto a cada movimento mais desordenado. A sua voz vibrava de indomáveis despeitos e tinha um comovedor acento de tristeza e verdade.

Lúcio estava assombrado. Nunca a vira debaixo de tão singular aspecto, com atitudes solenes e palavras cheias de energia e comoção. Sempre suspeitara qualquer cousa de anormal na existência da prima; mas ignorava que motivo poderia produzir o arrebatamento daquele pesar que explodia assim, de modo tão estranho e inusitado.

– Acalme-se, acalme-se, balbuciou ele, desorientado.

Ela impôs-lhe silêncio com um gesto rápido, chorando.

– Deixe-me falar agora, já que foi você mesmo quem provocou este desabafo que eu desejara evitar para poupar-lhe dissabores e pesares. Bastam os que me ralam e amofinam... Ah! se você soubesse, Lúcio! Eu sofro, eu abafó! Não sei se devo dizer, mas já não me sinto mais com forças para lutar, senão encontrar apoio de uma afeição sincera e forte como a sua, a que eu possa confiar-me e entregar-me. Tenho sofrido; sou importunada e perseguida. E por quê? Porque eu... Nem sei. Porque eu estimo a você; sim, porque...

Calou-se, ocultando o rosto entre as mãos.

Lúcio não pôde conter um grito de júbilo e de triunfo, apertando as mãos no peito.

– Meu Deus, meu Deus! É, pois, bem verdade que gosta de mim?

Ela afirmou repetidas vezes que sim, que sim com a cabeça, luminosa de comoção, a face banhada de lágrimas.

Mas Lúcio, recuou logo, sucumbido, murmurando como um sonâmbulo:

– Que desgraça! Que imensa desgraça!

Foi a moça quem avançou para ele, como quem disputa uma presa, falando-lhe vivamente, com um acento febril:

– Desgraça, por quê? Poderá haver maior do que a minha? Não, decerto; não receio nada mais! E se você me amparasse, eu zombaria também de todo o mundo, porque é esta uma afeição sagrada!

Estava ao lado dele pálido e ofegante, disposta a toda a espécie de sacrifícios. A perspectiva de uma felicidade tão grande dava-lhe uma energia varonil para afrontar todas as maldições humanas.

Lúcio muito pálido levantou a cabeça devagar.

– Cale-se! disse ele tremendo. Só o falar nisso constitui um crime, e um crime horroroso... Sim! Seria uma desonra para mim, para você, para todos nós. Oh! nunca! Que este segredo fique sepultado entre nós...

Mas a sua voz desfalecia, à medida que ele falava, e uma fraqueza extrema ia se anunciando nas suas últimas palavras. Desfalecia, afinal, quase vencido, sentindo latejar ali perto a cavatina do amor. Tudo o que a sua existência tinha de perfumado e auroral despontava agora, esboçando os contornos da sua juventude casta e sadia que a sotaina amortilhara e um voto sagrado sepultara para sempre numa perpétua continência de asceta e levita. Que tremenda responsabilidade a de uma vocação errada!

Sufocava, atravessado de sentimentos opostos. O seu coração palpitava com insólita violência. Tremia. E ao lado dele a Luísa já arrependida, sentindo-se criminosa e culpada, receou ofendê-lo, suplicando baixinho, torcendo as mãos:

– Você me perdoe; nem sei o que digo... Perdoe!

Ele sentiu-a desamparada e infeliz; afetivo como era, enternecia-o aquela humildade contrita e apaixonada; ao acento daquela voz súplice de arrependimentos, ele tomou-a pelos braços e puxou-a para si.

A Luísa, fraca e miserável, acolheu-se àquele peito generoso, àquele varonilidade que a seduzia pela própria força e que lhe parecia um consolador refúgio de bondades infinitas. Ali ouvia o latejar de um coração puro, cheio de bálsamos para todas as fraquezas e de consolo para todas as dores.

E sentiu-se ainda mais mesquinha e mais frágil junto ao homem que amava; sentiu-se feliz de ser pequena e inermes, a fim de acolher-se àqueles braços que a cingiam e estremeciam em redor dela. E assim pensando, sem saber por quê, tinha ímpetos de rir e de chorar ao mesmo tempo, sentido-se morrer luminosamente, inefavelmente, deliciosamente.

Tão agradáveis foram aqueles rápidos momentos de êxtase, que eles nada viram e nada ouviram; comovidos e silenciosos, tomados de uma ternura infinita, ficaram ambos enlaçados, numa inconsciência de sonho, a palpitar e tremer, na meia obscuridade da sala silenciosa. Lúcio, aturdido, cambaleava como um homem embriagado; sentia, cingindo-se ao seu, o corpo da rapariga que se abandonara ao estreitamento funesto do abraço, com delíquios histéricos de erótica; sentia-lhe tremer o corpo, as mãos ardentes, as pernas e os braços; e, como dous pássaros despertos, tremiam-lhe ainda os pequenos seios crispados em largos transbordamentos de ternura, túrgidos e delirantes de desejos.

Mas a Luísa de repente recuou num gesto de terror, branca como o espectro da morte.

Lúcio voltou-se sobressaltado, e com espanto viu avançar na porta da sala a figura de dona Flávia, que ali estacara como um aventesma, à coca.

Estava terrível.

Tinha o aspecto descomposto; os olhos abrasavam-se e tinham reflexos homicidas de aço; a boca torcia-se numa expressão medonha; e toda ela parecia estourar numa explosão de cóleras tremendas e formidáveis.

Lúisa rapidamente se desviara de Lúcio, aterrada; no meio do seu terror ela apenas compreendia a gravidade da sua situação, assombrada de ver a tia surgir de repente, como um fantasma ameaçador e inexorável.

Instintivamente pressentiu a iminência da catástrofe, e esperou tremendo.

Dona Flávia de pé, negra e magra, fulminava-a com os olhos; levantou a mão e com o dedo adunco indicou a porta da rua.

A sua voz estalou, como um raio:

— Saia!

A íntimação era solene, categórica, terrível. Houve um silêncio penoso.

Lúcio não se animou a levantar a cabeça.

Lúisa não pôde resistir à autoridade daquela voz a que ela obedecia passivamente, sem protestos, desde muitos anos.

Muito pálida, num andar de espectro, desfalecida e fascinada, deu o primeiro passo num vagar mortal; depois deu o segundo; em seguida o terceiro...

E o braço erguido de dona Flávia indicava a porta da rua; enxotava-a para a praça pública; varria-a de casa, como uma cousa imunda.

Houve um instante em que a Lúisa quis parar; voltou-se para Lúcio numa súplica muda; ele dominou a sua cobardia; fez um gesto; ia falar.

Dona Flávia bateu o pé no soalho, e com uma convicção profunda, bradou:

— Ou ela sai ou eu mato-a!

As suas palavras tinham um acento de terrível sinceridade. E a Luísa, galvanizada, dominada por aquela ordem de ferro, inflexível e fatal, prosseguiu pelo corredor.

Quando transpôs a porta da rua, desatinada e perdida, ouviu a porta fechar-se com estrondo. E lá dentro a voz da louca continuava a gemer dolorosamente num eco de anátemas e maldições.

IX

Quando Luísa foi expulsa para a rua, ouvindo fechar-se atrás de si a porta da casa em que morava, estava inteiramente desatinada, errando ao acaso, sem orientar-se sequer pelas ruas escuras e silenciosas da cidade adormecida.

No relógio da matriz soaram lentamente duas horas da manhã; Luísa, porém, não ouviu as pancadas, caminhando, agitada, fora de si, como se agisse sob o influxo de uma vontade estranha ou se fosse arrastada num turbilhão de loucura e desgraça. Nada via, nada compreendia, aturdida e quase que alucinada, perdendo a intuição clara das cousas, numa exaltação que lhe confundia e baralhava as ideias.

Deixava-se levar como um autômato, tropeçando nas pedras da calçada, vagamente perseguida de um terror mal definido pelo seu futuro, pelo seu destino e pela solidão daquela noite caliginosa e terrível, em cujo céu não palpitava uma só estrela. A chuva cessara; mas a atmosfera pesava; no firmamento grossas nuvens negras iam se acumulando, dominando-o de fora a fora; formava-se o largo silêncio, cheio de ameaças, que precede as grandes tempestades, muito comuns naquele tormentoso fim de ano, em que chuvas copiosas já iam prejudicando as culturas e as próximas colheitas de cereais.

Aquela noite de Natal ia assim acabando tristemente, sem um descante, sem um alarido de sambas ou uma festa em família; o mau tempo não permitira quase nenhuma concorrência de fiéis à missa, tão pitoresca e festiva nos outros anos, quando se andavam armando presépios risonhos e perfumados pelos cantos das casas, com repuxos em miniaturas e relva de fibra de arroz ainda novo.

Luísa continuava a errar ao acaso, sem sequer levantar a cabeça, para examinar o caminho; não encontrou viva alma, parecia que toda a pequenina cidade repousava, recolhida aos seus lares, com medo à catadura daquele céu negro, onde a tormenta se fazia agora iminente. No ar parado sentia-se uma expectativa sinistra; tudo era negro, desde o solo até ao firmamento; mal se divulgavam as linhas dos prédios no negror da noite.

Luísa tinha estugado o passo, já não andava, corria; e corria maquinalmente, inconscientemente, ignorando o destino que tomava, indiferente quase à decoração trágica daquela noite ameaçadora, cheia de cóleras formidáveis. Ia em cabelo, sem um xale, sem um lenço, arrastando intrepidamente os velhos sapatos cambados e o seu vestido preto, muito usado; num instante atravessou a vasta praça, onde a água de uma fonte pública marulhava no escuro; e contornando a igreja prosseguia na mesma direção, por uma extensa rua onde ficava a chácara do padre Domingos, à saída da povoação, já nos últimos fogos. Era uma rua de arrabalde, erma e sonolenta mesmo à luz do dia, com raras fachadas de prédios modestos aparecendo aqui e além, no meio das espessuras das árvores e dos extensos muros negros, onde velhas trepadeiras morriam devagar.

Gozava de uma péssima nomeada de sítio de desordeiros e mulheres de má nota, com tradições de facadas e constantes homicídios.

Só então, a Luísa, ofegante após aquela corrida, conseguiu atentar para o caminho que ia seguindo, e foi com um imenso medo que

parou, sentindo perto dela um passo cauteloso e lento. Quis retroceder, mas ficou vacilando, tão cerrada era aquela escuridão que ela viera atravessando impunemente, sem reparar naquilo.

A sua situação agravou-se, quando julgou não ouvir mais os passos; dir-se-ia que alguém a tivesse acompanhado e parasse ali, à pequena distância. Mas, quem poderia persegui-la? Algum malfeitor, talvez? Estremeceu, Meu Deus! Aonde iria agora? Se pudesse retroceder!

Continuava interdita, no mesmo lugar, sem se resolver por qualquer alvitre, que a sua crescente perturbação não lhe permitia tomar.

No céu a calma parecia ainda mais profunda e mais ameaçadora; muito ao longe, dir-se-ia que vinha crescendo um rumor estranho e distante... De repente, com um estampido formidável tudo se iluminou inteiramente, a rua apareceu aclarada, cingida de árvores, e dentre as mangueiras que não estavam longe alvejou a casa do padre Domingos.

Luísa ia soltar um grito involuntário, quando ouviu junto dela uma voz muito familiar que dizia:

— Valha-me Deus do céu, que é a Sinhazinha que aqui está! Agora é não mexer! Já eu cuidava que era um lobisomem!

Era o Felicíssimo, conduzindo um baú de folha, com uma lanterna apagada na mão.

— Sempre botou-me um susto, Deus do céu! Mas também, com a breca! quem havia de dizer? Vosmecê aqui, a estas horas... Jesus! Decerto há alguma novidade; há grande novidade. Que é que tem?

As trevas tinham caído de novo, e pareciam ainda mais intensas e profundas pelo contraste da luz fortíssima do relâmpago; os olhos como que haviam-se cegado de tanta luz.

O Felicíssimo continuou, sem transição:

— Chi! que escuridão! Também não sei por que havia eu de esquecer os fósforos na sacristia em vez de metê-los no baú ou nas algibeiras.

Muito bem! Agora há de a gente andar, feito gatos, nesta escuridão feia que nem breu. Bem quisera eu vir mais o senhor vigário; mas ele teimou que conservasse a igreja aberta mais meia hora depois da *missa do galo*, para ver se choviam ainda algumas esmolas.

E acrescentou, com entonação de mofa:

– Esmolas, ai gentes! Que nem que ficasse até de p'ra amanhecer, não se enchia a salva de moedas de *corenta*... Ao todo rendeu cinco patacas... Ora, este raio de tempo não permitiu que viesse o povo de fora para esta missa que costuma de render bem bom *tacho*. Palermo fui eu em lá ficar até estas horas da noite. E que susto que me meteu! Mas, meu Deus! estou aqui a dar a taramela, e vosmecê ainda não me disse que desgraça lhe aconteceu para andar por aqui a estas horas da noite!

Luísa não respondeu porque um novo relâmpago fuzilou no céu, e uma áspera lufada de vento agitou a copa das árvores.

– Então? disse o Felicíssimo. Já agora é vosmecê acompanhar-me à casa do senhor vigário.

– Não, não! protestou a moça. Quero voltar para casa.

– Gentes! disse o Felicíssimo, essa agora é que é melhor. Que veio vosmecê zanzar aqui, a tais desoras, por uma noite destas? Agora só chegando até aí, em casa, para esperar amanhecer o dia, porque essa chuva que ali vem, essa não passa tão cedo. É não mexer! Olha que se molha toda. Vamos, vamos!

Com efeito, ouvia-se o rumor da chuva que vinha roncando não muito longe. Luísa vacilou; mas estalou um raio tão forte junto deles, que acompanhou o Felicíssimo apressada, cheia de terrores, já agora abandonada ao acaso que a ia arrastando. A casa do padre Domingos repugnava-lhe, porque lembrava vagamente a cena que com ele tivera àquela mesma noite; não se dirigiu ali propositalmente; porém já que ali se achava, sob uma tempestade iminente, sem abrigo e sem teto,

expulsa de casa, como uma cadela hidrófoba ou como uma empestada, que havia de fazer? E lembrando-se agora da sua desgraçada situação, as afrontas que lhe foram feitas, aquela expulsão ultrajante, as lágrimas começaram a acudir-lhe aos olhos num pranto copioso que o Felicíssimo não percebeu. Na pressa de fugir à tempestade, ele mal refletira sobre aquela estranha aventura e a natureza de um encontro que a princípio tanto o surpreendera.

Quando abriu a cancela, as primeiras gotas d'água começaram a molhá-los.

– Vamos, depressa, depressa! disse ele dando passagem à moça. O caminho é em frente; pode seguir. Depressa, que a chuva aí está.

Realmente a chuva engrossava, numa bâtega sonora que ruflava na fronde das árvores; um trovão ribombou prolongadamente, e um novo relâmpago abrasou toda a chácara, cujas árvores se viram nitidamente recortadas pela luz.

Cães ladraram no fundo do quintal, e avançaram ameaçadores.

O Felicíssimo interveio:

– *Favorito*, vai deitar-te. *Leão*, sossega!

Seguiram ambos, a Luísa e o sacristão, apressadamente pela aleia, flanqueada de ananases e mangueiras, que conduzia à vivenda silenciosa. Ali chegando, o Felicíssimo bateu na porta da sala através da qual se via luz.

Padre Domingos apareceu logo em mangas de camisa. Tinha despedido a batina apenas, e dispunha-se decerto a repreender o Felicíssimo por se ter demorado demais, fazendo-o esperar; este, porém, foi lhe dizendo, sem preâmbulos:

– A Sinhá Luísa está aqui também, sim, senhor.

Padre Domingos recuou um passo, com um gesto de espanto e alegria que não escapou ao Felicíssimo. E este decerto julgou compreendê-lo, porque empurrou a Luísa quase com violência.

– Entre, ande! É não mexer!

E discretamente, como quem já se achava muito habituado àqueles misteres, fechou de novo a porta, e desapareceu.

Houve um momento de embaraço recíproco. Luísa estacou no meio daquela sala triste, que uma vela mal alumiaava, dentro de uma palmatória de vidro. Diante dela, na parede, ostentavam-se os troféus de caça e as duas preciosas carabinas, flanqueando a pele de tigre.

Padre Domingos tão surpreso estava que também parou a dois passos dela, de olhos esgazeados, pasmado de vê-la em cabelo e em desalinho, já meio molhada da chuva. No seu rosto descobriu logo os vestígios recentes do pranto, que não sabia a que atribuir. Aquela entrevista era, afinal, tão inesperada e tão singular que ele não atinava absolutamente com os motivos da visita da moça, àquela hora da noite.

– Deus meu! Como vem molhada! disse ele, depois de contemplá-la em silêncio. Então, acalme-se; parece tão agitada. Venha sentar-se. Mas diga-me que lhe aconteceu?

E de chofre, como iluminado por uma ideia súbita, perguntou, cheio de vivacidade:

– Porventura morreu a comadre?

Luísa fez um sinal negativo com a cabeça.

– Então, a mamãe... o Lúcio?

Ela, porém, continuava a dizer que não, respondendo maquinalmente, num atordoamento de pesadelo. Ainda não readquirira a sua calma, e supunha-se vítima de um mau sonho, tão singular era tudo aquilo.

Não compreendia senão vagamente como se achava ali, na casa do padre Domingos, sozinha, pela noite adiante, meio desfalecida de cansaço.

– Mas, enfim, perguntou o padre Domingos, abrindo os braços desolados, que desgraça lhe aconteceu, quem lhe fez mal? Sente alguma cousa? Porque a sua presença aqui é tão singular que somente

se explica por qualquer circunstância grave. Vamos! Vamos, responda, pois, bem vê que perco-me em conjecturas.

Aproximou-se da moça; ela tinha baixado a cabeça, chorando de novo em silêncio; e mesmo naquela atitude sofredora, era bonita e apetitosa. C'oa breca! Padre Domingos já começava a sentir latejar as fontes, meio abrasado de desejos que ele nem sempre sabia reprimir, corrigindo os excessos de seu temperamento erótico.

Demais, o diabo daquela rapariga formosa, vir assim se oferecer, em cabelo, como uma bichana esfaimada, com os demônios!

Padre Domingos piscava os olhos, desassossegado. Que raio de aventura! Entendesse a gente lá os demos das mulheres! Aquela que ali estava não havia muitas horas, tinha-lhe dado um repelão teso, e agora vinha chorar para ali, em silêncio, calada, nem uma palavra, como que oferecendo-se... Tivera sempre um fraco por mulheres. Podia-se gabar de ter possuído muitas e nunca chegara a conhecê-las bem. Que raio de rapariga! Ora, ora, ora!

Tinha o olho lascivo voltado de soslaio para a Luísa, despindo-lhe as formas, apreciando as linhas dos contornos, palpando as redondezas daquela carne divina. Sempre tivera uma *queda* por aquele demônio de nariz rosado. Hum! hum!

Estremeceu, todo agitado, esfregando as mãos. Já não queria saber o que havia sucedido à rapariga e nem indagar da causa das suas lágrimas, da sua extraordinária visita.

A chuva roncava lá fora e aumentava a solidão daquela sala, cujo silêncio tinha uma cumplicidade tácita. Padre Domingos quis atrair a moça para o sofá; ela mal se opôs.

O pároco colocou-lhe a grossa mão sobre o ombro e este contato abrasou-o de novo, e perdeu-o.

E foi na ânsia brutal de um abraço, que ele enlaçou-a vigorosamente pela cintura, dobrando-a pelo meio com força, causando-lhe

dores na espinha. Ela levantou para ele ainda os olhos suplicantes, arrasados de lágrimas. Debateu-se.

– Pelo amor de Deus! Oh! não, não!

A voz expirou na garganta. O pároco arrastou-a rapidamente para o sofá, carregando-a nos braços como uma criança. A sua respiração oprimida de touro roncava.

No caminho atropelou numa cadeira que caiu com estrondo. Ele não se voltou sequer.

Estava cego, feroz, indomável.

Luísa fez um derradeiro esforço para lutar, com um gesto de repulsa impotente. Foi arremessada no sofá e em torno à sua face desmaiada os cabelos desataram numa profusão de fios. Quis ainda falar, mas sucumbia, sem desejos, com lágrimas, sacudida por soluços, sentindo-se, enfim, vencida por uma inexorável fatalidade, sem forças para defender e arrastar ainda a sua miserável virgindade.

Lá fora a tempestade se desencadeara, numa orquestração pavorosa de raios e trovões.

Lúcio, durante aquela noite, não dormira um só instante; tinha velado toda a madrugada, vítima de uma agitação de espírito que não se aplacava. Durante toda a noite o seu passo febril soou no seu silencioso aposento, que o temporal acoitava com violência.

Os trovões faziam tremer o sobrado; ele, porém, nada ouvia, estranho ao temporal, imerso nas suas cismas dolorosas. Aquela cena da noite, as revelações da Luísa, aquele inesperado desenlace, tinham de todo o perturbado e de tal forma, que nem sabia o que pensar e o que fazer, naquela penosa emergência. Não se sentia com ânimo e direito de resistir às disposições maternas, ainda que lhe parecessem excessivamente rigorosas; achava mesmo absurda e desumana a expulsão daquela parenta pobre e ignorante, que iria fatalmente perecer,

sem o apoio de afeições sinceras, sem conselhos que a afastassem dos perigos que deveriam cercar uma rapariga nas suas condições.

Aquilo era absurdo e iníquo; chegava a ser perverso; mas que havia ele de fazer? Não era realmente de certa forma culpado, e a surpresa com que fora colhido nos braços da Luísa não autorizava e justificava os escrúpulos e zelos da viúva e por conseguinte o rigor daquela medida extrema? Não era ele de fato um sacerdote, votado ao serviço de Deus, que sentia-se arrebatado na asa das paixões mundanas, impuras e sacrílegas? Como justificar-se aos olhos da sua própria mãe, como convencê-la de sua inocência, como solicitar o perdão da Luísa, sem incorrer na sua cólera e provocar novos castigos pela imprudência e pela frivolidade dos pretextos invocados?

Certamente a sua situação era das mais graves e difíceis. Para que tentar demover a viúva, quando ela já lhe havia declarado naquele acento solene de verdade que sentia-se com ímpetos de matar a sobrinha?

E a esta ameaça, Lúcio estremecia de horror, escondendo o rosto nas mãos, envergonhando-se só de pensar em semelhante atentado. O seu horror era tanto maior, quando quase tinha a certeza de que sua mãe era capaz de um crime em momentos de demência e de rancor.

Mas não se podia conformar com a expulsão da Luísa, tão revoltante que havia de alarmar toda a população local. Que haviam de dizer, Santo Deus? Vinham-lhe à mente conjecturas penosas de comentários malignos; demais, era tremenda a responsabilidade que aquele ato acarretava pelas consequências que poderia trazer ao futuro daquela boa e formosa criatura, tão dócil, tão meiga e tão infeliz, trabalhando eternamente em silêncio, sem um protesto, sem um queixume, sem uma palavra amarga.

Não; não devia deixar consumir-se aquele odioso atentado. Saiu à rua, angustiado procurando a Luísa, cheio de dó, e voltou consternado, sem saber aonde ela se teria abrigado, debaixo daquela medonha tempestade.

E pensava: Aonde estaria a infeliz, àquela hora, ao desamparo, expelida de seu teto? Talvez se recolhesse à casa das Teles ou de alguma outra família amiga.

Agora, que a sabia ausente daquela casa, onde via passear o seu talhe esbelto e a carnação suave dos seios, sentia saudades dela, saudades pungentes, como se ela houvesse partido para longa viagem. Recordava-se do seu sorriso, do seu olhar claro, mas triste, daquela rugazinha de precoce sofrimento riscando-lhe a fronte de mártir, os cabelos castanhos e o seu ar meigo e carinhoso de animal doméstico.

Lembrava um e outro caso; juntava episódios dispersos; entrava a compreender muitas partes obscuras daquela existência de devotamentos e pesares. A revelação da Luísa, num momento de exaltação, comoveu-o profundamente; na sua ignorância do coração humano, mal tinha compreendido a obra de involuntária sedução a que se entregara contra a Luísa, trabalho lento e profundo que vinha desde a infância, quando ainda jogavam os primeiros brincos infantis.

Também a sua fé fora violentamente abalada pelas doutrinas do Carlindo e pelos desdêns do Lins, contudo ele preferiria ser vítima dos sacrifícios do seu sacerdócio, respeitando os votos proferidos, a dar o espetáculo de alguns padres que ele sabia mercadejavam a religião do Cristo e escarneciam da credulidade popular.

Tinha traçado uma conduta de estoicos sacrifícios. Todavia uma descoberta o enchia de imensa mágoa – amava; já não podia ter mais dúvidas sobre a natureza dos seus sentimentos.

Quando a manhã rompeu, veio encontrá-lo de pé, pálido e febril. A insônia produziu-lhe uma enxaqueca pertinaz, e no meio de um grande mal-estar acusava dores nas costas e no peito, com repetidos acessos de tosse.

Não pôde sair durante o dia, encerrado no seu quarto; e só à noite desceu para atender a um chamado do Carlindo.

Este arrastou-o para um canto escuro do vestíbulo, e, como de costume, num tom choroso de confidências, depois de contar para ali um bando de cousas tristes e transe precários, recorreu à inesgotável generosidade do Lúcio, contraindo novo empréstimo de dinheiro, a prazo ilimitado. Mas tinha certos escrúpulos; nunca abusara daquela sólida amizade; não ultrapassava de certos limites.

– Dez mil réisinhos, só, Lúcio; dezinho, só. Você tem paciência. As cousas estão pela hora da morte.

Suspirava, de olhos baixos.

E logo que apanhou a nota fê-la desaparecer como por milagre, desfazendo-se em agradecimentos de exagerado reconhecimento. Ficou hilariante.

– Obrigado. Alguma vez hei de mostrar-lhe o quanto sou reconhecido a você. Obrigado, hein? E um dia destes volto para o cavaco, sim?

O cavaco! Eis o laço que o prendia ao Lúcio – aquela prosa de meia ciência do Carlindo, que costumava expor-lhe em palestras íntimas a filosofia espírita, os princípios do materialismo. Citava Schopenhauer, Kardec, Büchner, Comte, Prudhom e Spencer. Lúcio ficava aturdido de tanta erudição e de tanto saber, e era bem verdade que por mais de uma vez sentira golpes profundos e funestos nas suas crenças abaladas; os dogmas tremiam até as raízes; e reticências de dúvidas se formavam em artigos de fé.

Bem lhe haviam advertido os seus professores de dogmática e teologia que se armasse contra as filosofias sofisticadas correntes cá fora no *século*.

Esta palavra tinha para eles um sentido diverso e uma significação terrível; o *século* era o mundo com os seus males, com os seus falsos progressos, com as suas descobertas ilusórias, academias, teatros, mulheres – todo o cortejo da vida moderna.

– Um dia destes já que a sua tolerância vai ao extremo de ouvir todas as minhas bobices, hei de expor-lhe a minha cosmogonia, cá um ponto de vista individual. E adeus, hein? Obrigado.

Saiu aos pulinhos, irradiante, piscando. Lúcio ia retirar-se, quando na porta apareceu o chapéu alto de Agapito, seguido do fraque flamejante do Lins.

Este largou do braço do professor, em algazarra, com os seus modos barulhentos, e disse para Lúcio:

– Salve, piedoso asceta e querido taumaturgo, que cada vez te fazes mais esquivo aos olhares de nós outros, pecadores deste velho mundo perverso! Folgo de ver-te com saúde.

Lúcio introduziu-os na sala de jantar, onde a dona Flávia conversava em voz baixa com a dona Bibi.

Agapito foi saudá-las desfazendo-se em bizarros ademanes.

– A senhora dona Bibi como tem passado? E a senhora dona Flávia? E a excelentíssima senhora dona Luísa? Boas da preciosíssima saúde, pois não?

– Pois é como lhe ia contando, dizia o Lins para o amigo. Ia malucando por aí sem destino, quando a fatalidade cega, um acaso feliz ou a divina providência proporcionou-me o encontro aqui com o nosso professor. Saudou-me ele com muitos esgares e tagatés e com as louçanias de seu estilo florido e vicejante como o daquele exécrável Castilho dos *Cúmes do bardo* e das *Noites do Castelo*. E vai eu disse-lhe, curvando-me diante dele, como um muçulmano: – “Agapito, poço profundo do saber, repositório de preciosas arqueologias, vamos visitar ao nosso prezado anacoreta, Lúcio, o santo varão.” Entrou pelo bico de um pinto, saiu pelo bico de um pato...

Agapito meio curvado naquela atitude digna, em que deveria ficar fotografado para a história, de obscura e resignada superioridade, sorria complacientemente.

– Tem imensa graça, obtemperou ele. Mas o meu ilustrado amigo é por demais severo nos seus juízos acerca de alguns escritores lusitanos.

– Acha-me severo, anh! Pois nunca me julgo de um rigor capaz de esbandalhar os imbecis. Severo? Nunca se é demasiadamente severo para com a ignorância pretensiosa e mediocridades triunfantes. Quer saber, meu caro professor? De muito bom grado eu generalizaria os meus juízos severos por todos os clássicos que constituem as suas delícias e gabos.

– É o que lhe eu digo, retrucou Agapito. Bem se vê como o meu caro doutor é exagerado nos seus conceitos e asserções. *Est modus in rebus.*

Contrariado, Lins despamparava.

– Qual *rebus*, nem carapuças! O que eu sinto é que o código penal não haja estabelecido penas rigorosas, severíssimas contra os atentados ao bom gosto literário. Não acha, Lúcio?

Voltou-se para interpelar a este, que sempre se mantinha neutro nestas intermináveis contendas literárias em que o Lins se entretinha com o professor Agapito. Havia colocado o seu monóculo de vidraça, reparando no outro.

– Homem, você está doente?

Lúcio explicou que tinha sido vítima de uma ligeira enxaqueca.

– Quem sabe se incomodamos? interrogou Agapito.

Mas Lúcio protestou que não; estimava muito até aquela companhia, sendo verdade que estava impedido de sair, obrigado àquela reclusão.

– Pois é, observou o Lins; você está pálido; depois essa tosse... Você não se deve descuidar.

Lúcio deu de ombros àquelas apreensões exageradas.

A dona Bibi, que até então se conservara calada, interveio também para declarar que nunca era bom facilitar. Lembrou a este propósito o adágio – *Cuidado e caldo de galinha nunca fazem mal a doente.*

– Diz muito bem, opinou Agapito, com uma inflexão profunda.

E assoou-se amplamente.

– É verdade, corroborou também o Lins; e reassumindo o tom agressivo da discussão, voltou-se para o professor, dizendo-lhe: O senhor é incorrigível, bem sei; mas lembra-se daquele livro que lhe mostrei há dias – um livro de estreia de um rapaz de grande talento, o Lima, um condiscípulo antigo da academia de S. Paulo. Pois olhe; vale por todos os seus ídolos; vale por todas essas velharias insípidas que lhe causam deleite. Porque com franqueza, irrita-me esse seu retrocesso, em pleno naturalismo, à fase acadêmica de reincidência clássica. O senhor me parece um dos desembargadores da *Academia dos Seletos*. Leu o livro de que lhe falo? Apreciou-o devidamente?

O professor não respondeu logo. Estava dobrando o grande lenço, devagar, com muito método.

Lins agastava-o com a irreverência de sua linguagem, nem sempre temperante; demais, era extremado nas suas opiniões e tinha lembranças diabólicas.

Agapito respondeu, enfim.

Achava que devia calar-se para não contrariar – e emendou – para não ter o dissabor de contrariar ao seu inteligente e douto amigo; porém, pedia permissão para mais uma vez declarar-lhe que não malbaratava os seus preciosos serões na leitura dessas obras fúteis e frívolas que a geração atual produzia. Dizia frívolas; porém, mais bem acertado fora o qualificá-las nocivas, porquanto pelo pouco que delas lera sabia que propagavam princípios imorais e empregavam de preferência uma linguagem licenciosa, perniciosíssima para a infância.

– Mas a infância não lê novelas, professor, objetou Lins.

– Venturosamente para ela, meu caro senhor, assim é de fato. Porém as obras a que me reportava, reputo-as nocivas a todas as classes sociais, e sistematicamente não as leio nem as quero ler.

Lins tornou-se agressivo.

– O senhor deve confessar que não as sabe ler, isso é que é; não sabe ler! O senhor o que precisava era que o país todo se compusesse de cretinos para aplaudirem os seus *Matúrios de uma família* – essa descomunal borracheira!

Lúcio interveio:

– Não, Lins. Você é descortês. Demais, que faz uma injustiça aos méritos de um drama bem lançado.

Lins riu-se, escarninho.

– Lançado, vá dizendo sempre assim.

A este remoque, Agapito, sensibilizado, tomou uma atitude nobre e digna.

– Agradeço ao nosso caro sacerdote a espontânea e graciosa defesa. Quanto ao nosso ilustrado doutor, peço ainda permissão para declarar que nunca fiz alarde dos meus parcos merecimentos literários, que sei nulos e devidos apenas à bondade de amigos; e jamais tive em conta de obra literária um inocente pecado da minha mocidade, quando aflagava veleidades literárias. Hoje nada mais sou que um soldado reformado da pública instrução, que aposentei-me da vida pública...

– E recolheu-se à privada! terminou o Lins, chasqueando.

Tornara-se inconveniente.

A este novo remoque Agapito ficou muito pálido. Mas soaram pancadas discretas na porta. A dona Bibi muito solícita foi abrir, e recuou surpreendida.

A Luísa vestida de preto estava de pé à entrada, muito pálida, revelando o constrangimento de ver a sala cheia de estranhos.

Lins e Agapito quase não ligaram importância a este incidente, porque ignoravam ainda as cenas da noite anterior; contudo, quando viram a dona Flávia levantar-se muito severa, numa rigidez de estátua,

começaram a compreender a anomalia da situação. Lúcio tinha se levantado, muito calmo na aparência.

Luísa esteve um momento hesitante; decerto não contara com a presença de tanta gente, mas tomou uma resolução súbita e dirigiu-se à dona Flávia, no extremo da mesa.

– Minha tia, venho pedir o seu perdão, disse com a voz sumida.

Mal tinha pronunciado as últimas palavras, quando dona Flávia levantou a mão inflexível, apontando para a porta:

– Saia! bradou com uma voz estridente. Houve um estremecimento dentre os circunstantes.

Luísa caiu de joelhos, abafada por um choro profundo.

– Pelo amor de Deus, minha tia! Ouça-me e perdoe-me... Olhe... Se a senhora porventura adivinhasse! Sou bem desgraçada...

Parou sufocada.

Dona Flávia não se moveu do lugar. A sua voz tremia alterada de cóleras frementes...

– Não venha fazer cenas aqui, em casa... Eu sei tudo, ouviu? O Felicíssimo disse-me tudo, tudo! Não me faça falar!...

A Luísa teve um sobressalto e levantou-se desvairada.

Cuidava decerto que ninguém sabia ainda o segredo da sua irreparável desgraça. Teve uma vergonha imensa de todos os que estavam presentes, como os juizes de um tribunal. A sua voz parecia desfalecer e espiar.

– Meus Deus, meu Deus! Pois bem... Perdoem-me. Julguei que devia tentar ainda uma vez... Mas está escrito decerto que hei de ser uma desgraçada. Ah! como sou infeliz!

Deu um passo para a porta; Lúcio acompanhou-a e tomou-lhe as mãos.

– Mas, que é isso? Vamos. Que é isso? perguntou.

Dona Flávia aproximou-se. Estava lívida e desfigurada.

– Lúcio! Bradou ela. Ou ela ou eu! Veja bem! Ou ela ou eu!...

O pároco ficou atônito.

Luísa despredeu-se-lhe arrebatadamente das mãos.

– Obrigada, Lúcio, obrigada... Bem vê que é impossível.

E partiu.

A sua presença ali fora rápida e inesperada; todos se entreolharam admirados e perplexos.

Agapito perturbado, assoou-se com espanto e enternecimento. Bofé! Que vinha a ser aquilo?

Lúcio caiu soluçando nos braços de Lins, vencido por aquela crise suprema.

– Veja você que desgraça, Lins!

Foi só o que proferiu.

O Lins apertou-o nos braços, comovido, e perguntava estupidamente:

– Mas, então, que é isso, Lúcio? que é isso?

O velho relógio da parede, naquela atmosfera de constrangimento e agonia, vibrou lentamente nove horas.

Três dias depois é que se soube que a Luísa tinha sido seduzida por um *cometa*, desaparecendo na sua companhia.

X

Dois anos depois, a Luísa desembarcava na sua cidade natal, onde uma via-férrea havia inaugurado recentemente uma pequena estação.

Quando saltou ali, eram dez horas da manhã, uma manhã dominiceira, clara e límpida, atravessada de sons dos sinos bimbalhando numa igreja distante e pondo cristalinidades joviais na aleluia do ar livre. Também foi ela a única passageira que saltou ali, e o trem, cinco

minutos depois, seguia, arfando estentoreamente pela vasta esplanada aberta em frente à estação. Do outro lado do rio, a cidade faiscava, irradiando uma alegria de festa, na apoteose do sol jucundo, tufada de arvoredos, fazendo ressaltar a tonalidade da verdura na paisagem fresca de tela úmida ainda – a casaria branca alinhada à margem do rio, com telhados agudos e vidraças acesas e dominando uma praça central uma capelinha muito alva, de feição ingênua, esbatida da claridade ridente dos céus, levantava as duas torres, em cujos campanários os sinos bedelengavam, acompanhados de uma salva de bombas e girândolas de foguetes. Pouco depois a capelinha despejava para a praça uma onda de fiéis que acabavam de ouvir a missa, os quais dispersavam-se em todos os sentidos, num confuso formigamento de romaria desfeita.

Luísa apeou sozinha, muito comovida. Todas as pessoas que encontrava eram-lhe estranhas e desconhecidas, e a própria cidade ia sofrendo modificações profundas no alinhamento das ruas e na disposição dos prédios novos. Sentiu uma indizível emoção, quando atravessou a velha ponte, sólida e antiga, lançada num delicioso trecho do rio; transposta a ponte, seguiu o primeiro hotel, o *Hotel do Comércio*, próspero e muito concorrido, com uma enorme tabuleta que se lia à distância.

Ali, depois que a instalaram num aposento, o Carlindo ia entrando por acaso, e encontraram-se à porta. Ele fez um bando de exclamações, piscando muito.

– Luísa! A dona Luísa! Que novidade! Seja muito bem-vinda a esta terra.

Era o mesmo Carlindo, um pouco mais magro e espingolado, com a barba crescida e maltratada, sebento, acalcanhado, gingando lastimavelmente, com uma pinta de aguardente no olho lânguido.

Luísa, muito comovida saudou-o:

– Adeus, Carlindo.

E estendeu-lhe a mão formosa, em cujo braço uma pulseira com berloques tilintava.

– Deu-me a sua mão; permita-me que a trate como dantes, pois tem os ares de uma grande senhora.

Luísa sorriu. Estava realmente uma magnífica mulher elegante e formosa, de cútis fina e rosada, dentes claros, tendo conservado apenas aquela eterna ruga que ligeiramente vincava-lhe a fronte.

– À vontade, Carlindo. Vamos, entre, sente-se aqui.

O Carlindo parecia adoentado, com uma cor de cera e grandes olheiras roxas; tinha rugas nos cantos dos olhos; e as mãos tremiam num começo do *delirium tremens*.

– Assim mesmo é que deve ser porque, enfim, eu a vi criança. Demais, repare bem que já sou um velho, desiludido e sem mais esperanças.

Sorriu com desalento. E interrompeu-se para perguntar, apontando para uma garrafa que ficara sobre a mesa:

– Que é isso?

– *Cognac*, creio.

E ofereceu-lhe um cálix.

– Conte novidades da terra, Carlindo.

– Novidades! Qual novidades! Tudo uma pasmaceira. A gente apodrece!

Depois, como recordando-se, ajuntou:

– Ah! mas é verdade, há dois anos que saiu daqui.

– É exato.

– Não ignora que dona Flávia morreu?

– Soube, há pouco tempo.

– Pois, é exato. Morreu de repente. Acharam-na morta, de manhã ainda, no leito... Ah! é verdade; a dona Matilde continua da mesma forma, mais acabada talvez.

– Pobre mãe! Suspirou Luísa com lágrimas na voz.

Ela ouvia, palpitante de interesse.

O Carlindo prosseguiu:

– Agora me recorde: a dona Bibi era sua vizinha e muito de sua casa, não? Casou-se, sabe?

Luísa não sabia.

– Pois casou-se. Adivinha com quem se é capaz?

– Mas não sei adivinhar.

– Com o senhor Agapito!

– Com o professor? perguntou Luísa surpreendida.

– Pois, não, com a breca! Já lá se vai um ano de casados, e diz-se que dão-se bem.

Agapito afinal não era mau homem.

– Aquele diabo do Lins fez-lhe uns versos muito engraçados. Aquele diabo do Lins!

Estava eleito deputado, por aquele círculo; andava lá por Ouro Preto a fazer-se pretensioso e burguês.

– Há de ver que dentro em breve se tornará uma besta como outros tantos bacharéis pedantes.

Pôs-se a dizer mal dos bacharéis; era o seu fraco; e dizendo mal deles, não dissimulava o seu amargo despeito de desclassificado, que nenhum título recomendava.

Luísa palpitava de curiosidade. Ouvia-o com impaciência. Finalmente não se pôde conter.

– Mas, finalmente, Lúcio?

– O Lúcio? O Lúcio há de ser sempre um santo! Está bem doente, bem mal mesmo. E desta infelizmente não escapará!

Luísa juntou as mãos, angustiada.

– Como? por quê?

– Sei cá, por que é que a gente morre! Porque chegou a sua vez... Daí eu lhe conto: ele começou a amofinar-se, a emagrecer;

enfim, toda a moléstia traz os seu pretextos num cortejo de sintomas.

Luísa aproximou-se do Carlindo quase suplicante.

– Pois, sim. Você é amigo dele; você está sempre com ele. Diga-me se Lúcio me quererá mal pela minha conduta.

Carlindo empertigou-se.

– Quem querer mal? O Lúcio? Lúcio não quer mal a ninguém! E quanto à sua conduta, à sua sorte, ele a lastima, é certo, mas posso garantir-lhe que a estima muito.

– Deveras? Fale com franqueza!

– Falo com franqueza, ora essa! E o que pensa é que, ao em vez de estarmos aqui conversando, melhor seria que tivesse ido procurá-lo, em sua casa.

Luísa vacilava.

– Mas acha que eu deva...?

Carlindo olhou-a com espanto.

– Essa agora!...

Luísa teve um transporte de alegria.

– Obrigada, obrigada, disse ela muito agitada. Peço-lhe que deixe-me a sós, um momento. Se adivinhasse como tudo isso me perturba!

– Compreendo, como não? disse o Carlindo, bebendo mais um cálix de *cognac*. E até mais ver. Às ordens.

E retirou-se cambaleando ligeiramente, num passinho miúdo, muito encolhido na sua pobreza rebelde e contumaz.

Uma hora depois, Luísa, toda de preto, dirigia-se para a casa de Lúcio. Primeiramente passou em frente à casa do senhor Agapito, onde as Teles moravam agora; o prédio estava todo retocado.

Ao lado dele surgia um *chaletzinbo* galante, de aspecto rústico, com largos vicejamentos de parreiras, sombras discretas e o assobio do repuxo à porta. Era ali que residia agora padre Domingos, cuja

crescente adiposidade tornara penoso o trajeto da chácara. A antiga casa das Teles é que parecia uma verruga no meio do alinhamento da rua, cheia de edificações novas, de prédios claros e alegres. O telhado acaçapado parecia fazer menção de atirar-se cá para a calçada; as paredes abaulavam-se, fendidas debaixo da pressão do telhado; as gelosias embora desconjuntando-se estavam hermeticamente fechadas; e todo o casebre tinha um aspecto desgostoso de velharia doente.

O velho sobrado saudoso lá estava cada vez mais velho e mais sombrio, com a sua fachada severa, resistindo bravamente aos anos e à invasão das edificações novas. Com que comoção Luísa penetrou naquela casa tão cheia de recordações para ela! Brígida, a antiga criada de Agapito, sempre banzando e cachimbando, era agora quem cuidava de Lúcio e da dona Matilde.

Luísa subiu direito ao antigo aposento de Lúcio, sem encontrar ninguém. Na escada parou duas vezes, sufocada.

Defronte da porta do quarto, que estava cerrada, bateu de leve.

Ouviu-se um arrastar de cadeiras; passos lentos soaram; e a porta abriu-se.

Lúcio apareceu de pé.

Luísa caiu de joelhos a seus pés, tomada de piedade e varada de surpresa. Que transformação se operara nele em tão pouco tempo! Dir-se-ia um velho, magro, de faces encovadas, de olhos fundos, rugas na testa e cabelos grisalhos nas fontes.

— Lúcio! clamou entre lágrimas a Luísa, rojando-se no sobrado, abraçada aos seus joelhos.

Ele ficou tão surpreendido que nem sabia o que devia fazer; uma palidez mortal cobria o seu rosto.

— Vamos, balbuciou enfim. Que é isso? Levante-se; Luísa!

E como ela persistisse em ficar de joelhos, curvou-se sobre ela, tomou-a pelos braços, atraiu-a para si mesmo, e beijou-a castamente na testa. Ele estava profundamente perturbado.

– Então, Luísa, que é isso? Não chore. Acaso causo-lhe tristeza?

Ela sacudiu a cabeça negativamente, sem poder falar.

– Então? Acalme-se, dizia ele comovido.

E assim dizendo disfarçadamente enxugava as próprias lágrimas.

Esteve um momento silencioso, contemplando-a com carinho e enternecimento.

– Por que não me preveniu? Você devia ter me prevenido. Mas que digo eu? Se você nem sequer respondeu as minhas cartas!

Ela limpou os olhos no lenço.

– Para quê? Para relatar infortúnios e tristezas?

– Por que não? retrucou Lúcio com cordura. Pois imaginaria você que eu não participasse das suas desventuras?

E acrescentou com um suspiro:

– Ah! você bem sabe o quanto eu desejava sua felicidade! Mas que se há de fazer, Luísa? Deus decerto assim o entendeu e dispôs. Resta-nos submetermo-nos à sua vontade.

Esteve olhando para a Luísa que chorava de mansinho, escondendo o rosto nas mãos, com a cabeça curvada, deixando-se sucumbir numa cadeira de espaldar. Ele exaltou-se.

– Sim! Tem razão, tem! disse com tristeza, depois de algum tempo de silêncio. Também eu sinto que isto não deverá durar muito! Que desgraça! E eu a amava tanto, ah! tanto!... Você bem sabe o bem que lhe quero; você bem o sabe! Mas que quer? Nasci debaixo de uma estrela funesta decerto; isto estava escrito; o nosso infortúnio estava traçado, talvez... Foi a sorte, o acaso, a fatalidade, que sei eu? Que desventura, Deus meu!

A moça afastou os cabelos do rosto com um gesto rápido.

– Não fale assim, Lúcio, que me está afligindo! Oh! se você soubesse...

E interrompeu-se soluçando.

– Diga, diga!

Ela sacudiu a cabeça com tristeza...

– Se soubesse como tenho sofrido!

– Eu avalio, Luísa.

E baixando a voz com meiguice:

– E você ainda me quer muito, não é?

Ela fez energeticamente um gesto afirmativo com a cabeça.

– Coitada! murmurou ele pensativo. Se você também adivinhasse o dó que me causa! Preferia que não me amasse! Sim! Fosse-lhe eu antes indiferente, porque não me oprimiria agora este imenso pesar de havê-la feito desgraçada! Doi-me, pesa-me este remorso. Entretanto... ah! entretanto você bem sabe como eu desejava fazê-la feliz, viver só para você, isolar-me do mundo no egoísmo de um gozo legítimo e ignorado, fugir para o ninho do amor, onde a ventura arrulhasse como um pássaro feliz!

Parou, a voz embargada, ocultando o rosto nas mãos. Teve um acesso de tosse. Luísa assustou-se. Via-o exausto, agoniado, respirando com dificuldade.

– Cale-se! disse-lhe ela; você não pode falar!

– É exato, respondeu ele devagar. O médico assim o recomendou. Quem lho disse?

E sem esperar resposta, tendo parado diante dela para contemplá-la à vontade, proferiu uma observação que lhe bailava à boca:

– É extraordinário como você está bonita, Luísa!

Ela tentou sorrir, levantando para ele os olhos agradecidos – os mesmos grandes olhos puros e transparentes, cheios de bondade e ternura. Estava, com efeito, arrebatadora; as formas da moça haviam se acentuado e desenvolvido. Era, porém, a mesma boa rapariga, de aspecto sofredor e inteligente. Tinha um vestido de seda preta, e por um delicado escrúpulo não trazia uma só joia.

Examinava agora o quarto, observando que era o mesmo aposento antigo, de paredes hospitalares, com as suas velhas cadeiras de espaldar. Lá estavam o velho armário, vasto móvel que participava também da natureza do guarda-roupa, a cama com seu rodapé de crivos, o crucifixo de metal, e ainda no mesmo lugar, sobre a cômoda, o relógio de bronze, o extraordinário relógio de bronze, relíquia da casa que passava por uma régia dádiva de soberanos portugueses feita à família. Estava, porém, parado; a sua pancada jovial cessara com a alegria daquela casa de sombras, de que cada canto evocava um espectro. Luísa também reparara no presbítero, e teve uma impressão tristíssima, que não ousava confessar; pressentiu que ele não deveria já durar muito; notou que tinha a face devastada, olhos orlados de olheiras profundas, o corpo esquelético. Não se alimentava, e perdia rapidamente as forças. O seu organismo delicado não resistiu à invasão da moléstia, e definhava a olhos vistos. Tudo parecia anunciar uma catástrofe próxima, e por isto no velho casarão reinava um silêncio fúnebre, as janelas fechadas, os aposentos desertos e uma tristeza mortal que espalhava por toda a parte uma abafada atmosfera de pesares.

Lúcio surpreendeu os pensamentos de Luísa.

– Confesse que você também desejaria achar-me são e bonito; bem o quisera, sei; mas isto aqui – apontava para o peito – isto aqui desorganizou-se e pôs-me a perder.

– Não vale nada, articulou a Luísa para consolá-lo.

Ele balançou a cabeça.

– Talvez... Mas diga-me por que você não veio há mais tempo? Que ingratidão!

Luísa corou; inventou pretextos.

– Você compreende, Lúcio. Não me animava a vir. E ainda agora sinto que sou uma pobre criatura, uma desgraçada mulher que não

devia conspurcar a pureza desta casa! Porém não pude resistir mais:
Tinha tanto desejo de vê-lo!

Lúcio apertou-lhe as mãos.

– Você sabe que a mãe morreu?

– Sei, sim.

– Você fez muito bem em vir. Eu devia ter obstado a sua partida.

Quisera remediar... Mas a mãe... Você a perdoa; não perdoa, Luísa?

Ela compreendeu toda a extensão do pensamento do outro, que formulava aquele pedido quase suplicante. Ele ajuntou:

– Ela fez-lhe mal, fez-lhe muito mal. Também eu fui muito culpado. Mas você há de prometer-me que a perdoa, que nos perdoa... Perdoa, sim? Perdoa?

– Que nada tinha a perdoar, declarou a Luísa; se o tivesse, fa-lo-ia de todo o coração.

E com um acento de profunda convicção acrescentou:

– A tia tinha muita razão, Lúcio! A tia tinha toda a razão!

Ele concordou vagamente:

– É... Talvez que tivesse alguma razão; é. Mas não falemos mais nisto.

Depois, sentando-se junto de Luísa, prosseguiu noutro tom:

– Deixe que eu goze este delicioso momento. Sou um moço inválido e um velho sacerdote; portanto, bem posso sentar-me junto de você, sem pecado. E agora, conte-me que fez você durante estes dois longos anos que me pareceram eternidades?

Luísa corou de novo. Ele não sabia?

– Não, não sabia.

Tivera ao acaso umas notícias vagas.

Ela tornou-se grave.

– Seria melhor que você nunca o soubesse; porém será para mim mais uma provação; queria mesmo confessar-lhe tudo, porque, por

mais desgosto que me cause, será preferível que eu mesma narre as minhas desventuras com pureza e verdade. Outros talvez me pintassem mais indigna e mais feia a seus olhos.

Pôs-se a narrar a sua história de dois anos, abrindo um parêntese de sobressaltos e circunstâncias imprevistas na vida tão recatada num meio austero e sonolento de província. Ela narrava, sem comentários, às pressas, desprezando os incidentes, como quem sente a ânsia de desobrigar-se de um voto penoso e de um dever difícil.

Quando partira na companhia de um empregado-viajante do Rio de Janeiro, que ela mal conhecia, deixara-se levar pelo acaso do seu destino, sem mais forças para lutar. Era o seu amante um português das Ilhas; fez-lhe promessas infinitas; levou-a para o Rio de Janeiro, enclausurando-a numa pobre casinha do arrabalde na vizinhança de uma cocheira, onde boleiros bêbados soltavam pragas obscenas. A vida ali foi relativamente suave; mas aquilo devia durar muito pouco tempo: os patrões exigiam que o rapaz continuasse a viajar por Minas e S. Paulo; ele teimou; desempregou-se. Daí começou a datar uma existência difícil, assaltada de dissabores. A princípio tratou-a bem o Melgaço (chamava-se Melgaço). Depois, dera-se à embriaguez; entrava em casa fora de hora; tornara-se mau. De uma feita batera-lhe...

A existência tornava-se cada vez mais difícil; ela quisera trabalhar; não conhecia ninguém. Um dia o Melgaço não apareceu mais; ela de há muito ignorava em que se ocupava ele. Soube vagamente de um furto, a prisão de gatunos, recolhidos à Casa de Detenção. Mas um incidente mais grave veio agravar a sua situação — deu à luz uma criança.

Lúcio teve uma exclamação enternecida:

— Então, você tem um filho!

Lúisa explicou, chorando, que Deus lhe havia negado aquela felicidade; o anjinho morrera logo após o parto; e ela foi assaltada de

uma febre puerperal. Aqui havia uma solução de continuidade na sua história. Somente deu acordo de si na Santa Casa, num leito de enfermaria, entre outras mulheres de condição humilde. Notou que havia mulheres de cor, principalmente. Aquilo era triste, era! Disseram-lhe que ela havia escapado por milagre. A convalescença foi lenta, longa, interminável. A vida do hospital assustava-a, e fazia-lhe saudades pungentes da sua província. Convalesceu nos pátios, onde algumas árvores vegetavam tristemente; mal conversara com algumas irmãs de caridade e companheiras de enfermaria, dormindo entre uma parálitica e uma idiota. Um dia deram-lhe alta. E achou-se sozinha e desamparada numa praia extensa, coberta de árvores tão frondosas, que faziam um túnel de verdura sobre a rua. Teve uma visão magnífica; a perspectiva do mar encheu de surpresa a sua retina, com o pitoresco das suas vagas, velas fugindo à distância, navios ancorados, e sobre a praia uma centena de barcos de diversas cores. Mas o encanto durou pouco; sentiu-se transida de medo, cheia de inquietação naquela imensa cidade desconhecida. Tinham-lhe falado nas fábricas, nos serviços domésticos e alguém insinuou-lhe a vida alegre e fácil, chapéu e capa, toda liró, falando aos homens à noite nos jardins dos teatros. Foi seguindo à toa pela rua, tolhida de receios, despertando sem querer a atenção dos homens. Mas queria trabalhar; estava defronte de uma fábrica de flores; ofereceu-se; disseram-lhe que não a podiam admitir. Quis empregar-se nos misteres mais humildes; propunha-se a servir de criada; era formosa; despertava suspeitas; pediram-lhe atestados. E à noite já extenuada, num jardim público, perseguida e ultrajada por um bêbado, um medo doido à polícia, seguiu um moço decente que a requestara.

Aqui escondeu o rosto nas mãos, muito pálida, e continuou:

– Aquilo foi horrível! Receber um homem, outro, outro, outro – só a você, em confissão, eu revelaria aqui este segredo, para a expiação das minhas faltas.

Levantou os olhos chorosos para Lúcio; ele também chorava, e estava horrivelmente pálido, porque aquelas revelações punham-lhe e martirizavam-lhe o coração num acerbo suplício. Tinha zelos e quase odiava esses homens como se eles lhe tivessem roubado o melhor quinhão de sua felicidade. Quase exprobrou a Luísa por isto; mas viu-a tão infeliz na sua tristeza abatida, que sentiu-se ainda mais enternecido e tomado de piedade.

– Que vergonha, Jesus! balbuciou ela.

Assoou-se devagar. Era preciso terminar.

Conseguiu empregar-se numa fábrica de chapéus. Um dos interessados da fábrica levou-a para sua companhia; morava em um *chaletzinho* saudável e arejado em Santa Teresa. Homem sisudo o senhor Torres, já maduro, quase um pai. Dava-lhe joias, deu-lhe presentes. Um dia morreu, atropelado por um *bond*. E vieram-lhe tomar a casa, arrolar os bens. Ele havia prometido deixar-lhe alguma cousa, porque não tinha filhos nem parentes no Brasil.

– Senti-me cansada e vencida. Era demais! Daí eu tinha um desejo inextinguível – vir vê-lo, voltar a esta casa, abraçar a mamãe. Porque eu imaginava que você é tão bom, que havia de perdoar-me também.

Concluiu chorando ainda.

Lúcio muito comovido atraiu-a para si, abraçando-a.

– Pobre Luísa! Nem sabe o dó que me faz. Perdoar? eu? Mas eu é que careço do seu perdão! Em todo o caso você fez-me muito bem em vir. Não imagina o quanto eu desejei vê-la, como agora, aqui, ao meu lado, para reparar uma ausência tão longa.

Calaram-se ambos, dominados por sentimentos diversos.

Houve um silêncio.

Lúcio parecia gozar agora daquele minuto de uma satisfação dolorosa. Terminada aquela narrativa, só se lembrava de que tinha ali a mulher que amou e que continuava amar ainda, vendo-a tão infeliz,

num contraste penoso entre a sua natureza delicada e o seu cruel destino. Ela era para Lúcio uma lembrança deliciosa e suave, uma afeição doce e cara que lhe perfumava a existência árida. Quantas vezes não evocou a imagem daquela que ali se achava agora, quando a supunha perdida para sempre. Eles se amaram, e todavia ele não a tinha querido possuir para não a desonrar e perder; agora continuava a amá-la, e já não tinha obstáculos que o impedissem de beijá-la e apertá-la nos seus braços. O seu desejo ia ressuscitando mais veemente ainda.

– Olha, Luísa, articulou ele; sofremos ambos, você mais do que eu – ah! muito mais decerto! Porém, atenda bem para isto e reflita se este tão tênue e tão rápido momento de abundante felicidade não repara o mal passado! Você mesmo não sabe, nem eu mesmo sei dizer-lhe o quanto está me fazendo outra vez feliz!

E pousando a cabeça no ombro dela, ajuntou:

– Deixe reclinar-me assim, sobre o seu ombro. Foi uma cousa que eu tanto desejei fazer outrora!...

Em seguida, beijou-lhe a mão, olhando-a dentro dos olhos. Que enlevo! Examinava devagar, comparando-a talvez com a antiga imagem dela que trazia gravada no coração. Era a mesma Luísa: talvez ainda mais formosa que dantes, compassiva e amorável.

Estiveram calados, contemplando-se mutuamente.

– Lembra-se da última vez que a vi nessa cadeira, Luísa?

– Foi quando a tia ainda estava doente, não foi?

– Foi. E se você soubesse como naquele dia desejei dizer-lhe todo o meu afeto! Hoje posso dizer-lho sem reбуços e pois sem profanação, porque sou um pobre sacerdote desiludido e quase já não me considero deste mundo! E há uma cousa que lhe quero dizer. Sim, quero dizer-lhe uma cousa – um desejo ridículo talvez, não importa! mas que eu desejara se realizasse e fosse compreendido por você... Hoje sou bem outro, uma criatura mui diversa do pobre moço romanesco

e ingênuo que você aqui deixou quando partiu. Naquela ocasião ao meu afeto opunha-se despoticamente o horror ao pecado, porque eu acreditava firmemente em todas as disposições da Igreja, eu era um crente absolutamente sincero. O meu sacerdócio afigurava-se-me uma cousa sobre-humana, superior às cousas terrenas e inspirado pela vontade divina. Agora, ai, de mim! nem me abalanco mais a fazer o inventário do meu espírito. O Lins, o Carlindo, mil circunstâncias puseram-me neste estado d'alma. Enfim, não poderei dizer tudo, porque não ficaria bem ao meu caráter sacerdotal, nem você o compreenderia talvez. Basta que lhe diga que vou sucumbindo em silêncio, no meu posto de sacrifício, como um soldado que já se acha penetrado da derrota, mas que é mantido no seu posto pelo sentimento da dignidade e da honra. Por seu turno, você é hoje senhora absoluta dos seus destinos e transpôs todas as barreiras dos preconceitos sociais. Em suma, você é uma mulher que se emancipou e eu sou um padre sem fé. Já vê, pois, que todas as barreiras que se levantavam contra o nosso afeto desapareceram; toda a mole de obstáculos e preconceitos de qualquer natureza desconjuntou-se, aluiu, dissipou-se... E no meio de toda essa ruína, nos escombros dessa devastação, uma só cousa se levanta, sobre os despojos da batalha, imutável e profunda como dantes — a nossa afeição.

Parou um instante para cobrar alento. Luísa ouvia-o, embevecida nas suas palavras, cujo sentido compreendia a meio, quase instintivamente; ia o acompanhando com um interesse crescente e a estas últimas palavras a sua emoção era manifesta. Lúcio falava gravemente. Nunca ela o ouvira falar assim. Ele, muito calmo na aparência, prosseguiu ainda:

— Não sei, se, como eu, você sente agora uma doce e ao mesmo tempo pungente melancolia, se assim me posso exprimir. Pois bem. Hoje que você proporcionou-me o momento talvez mais triste e o

mais agradável da minha vida, uma profanação perversa seria dissipar esta esquisita e singular ventura. E se eu, num transporte de paixão, esquecesse que não devia macular as minhas vestes sacerdotais, já que nenhum outro obstáculo se opõe à nossa ligação, penso que se dissiparia, e para sempre, qualquer cousa de terno, de suave, de ideal, que tem equilibrado numa atração mútua as nossas almas, como duas estrelas num místico noivado astral de ilusões... E a seus olhos, eu perderia os nimbos desse prestígio que me eleva e romantiza a seus próprios olhos – ao passo que eu desejaria que a minha memória fosse para você uma lembrança terna e suave, tão santa e tão humana, que ficasse sutilmente aromando os seus sonhos, como uma gota do perfume raro. Será, se você quiser, a doce, a inconsolável, a eterna saudade de um desejo insaciado... Quer?

Luísa olhou-o com uma expressão de infinito reconhecimento; acabava de compreendê-lo; e caiu de joelhos aos seus pés, sem achar uma palavra para exprimir-lhe os seus sentimentos.

Lúcio afastou-a de si brandamente. Faltava-lhe o ar. Sufocava.

– Abre-me aquela janela, Luísa.

Ela foi abrir. Lá fora a tarde caía serenamente; o céu era magnífico. E os dois deixaram-se ficar contemplando o espaço, tão grande, tão grande que lá não chegava o eco da mais ingente das dores humanas. Por isto talvez o céu sorria, impassível.

O olhar de Lúcio impressionou a Luísa; tinha uma tristeza sinistra de além-túmulo, revelando na sua silenciosa eloquência toda a imensa angústia de uma dolorosa despedida. E ficaram ambos imóveis e silenciosos, varados de dor, adivinhando que os seus sonhos de moços tão lucilantes e ridentes, desabavam como um castelo de areia, por uma perversidade do destino que até então os ligara na comunhão de um mesmo afeto, prometendo-lhes dias de uma ventura falaz, dissipada como um sopro diante da ameaça da morte. E choravam ambos

em silêncio a mesma desventura, enquanto que lá fora a tarde magnífica caía muito clara e doce, estivalada por um sol de ouro, banhando as árvores urbanas nas rutilações esplêndidas de um deboche de luz.

Depois daquele dia Lúcio não conseguiu levantar-se. O médico havia recomendado um absoluto repouso. A Luísa acompanhara-o até ao salão.

– Então, doutor?

Ele respondera com um gesto rude:

– Veremos.

O doente piorava visivelmente. As perdas pela transudação eram abundantes e repetidas, empastando-lhe os cabelos das fontes e alagando toda a pele.

Entretanto Luísa fazia um esforço sobre-humano para dissimular a inquietação que a punha em profundo sobressalto, receando um desenlace funesto. Se ele morresse de repente, oh! seria medonho. Estremecia, abalada por semelhante ideia. Desfazia-se em sollicitudes e carinhos que dispensava ao doente, cumulando-o de todas as carícias e de todos os desvelos de uma mulher sinceramente apaixonada. Depois, a sua afeição arraigada desde longos anos nunca mais se resignaria diante de uma catástrofe em que naufragavam todos seus sonhos e todas as suas esperanças.

A casa cada vez se tornava mais tristonha e mais deserta.

Na sala de jantar o bichano dormia indolentemente, enroscado a um canto, enquanto as galinhas cacarejavam no quintal; sobre a mesa de jantar as moscas voavam nas réstias do sol da tarde. A dona Matilde, muito velha, cabelos inteiramente brancos, era ainda presa da antiga loucura, mais sossegada agora. Lúcio não consentiu que a enclausurassem mais, apesar dos perigos a que se expunha. Brígida, a preta velha, cuja longevidade parecia interminável, andava cachimbando e monologando na cozinha, muito caduca e loquaz.

À noite o doente piorara.

Lúisa passeava no quarto, abafando os passos, agitada e nervosa. Apesar da sua inquietude, caía de sono. À meia-noite, o relógio da sala de jantar vibrou claramente doze horas, e o doente não fez o menor movimento, mergulhado numa certa letargia. Na véspera ele supunha-se melhor, muito melhor; voltava-lhe a esperança de um rápido restabelecimento.

Ela recostou-se numa cadeira, pensando que ele dormia e, afinal, involuntariamente adormeceu, com a cabeça pousada sobre a mesa defronte da luz. A sombra de sua fronte derramou-se pelo quarto e alongou-se pelo corredor que ficava defronte do leito, dançando pelas paredes e pelo teto; a outra metade do quarto era alumada frouxamente pela chama trêmula de uma lamparina, que se extinguia aos poucos, em síncope bruxuleantes de agonias no silêncio da noite.

Uma hora decorreu ainda. Entretanto Lúcio não dormira. Tomado de um abatimento profundo, enfraquecido pelas insônias e atordado pela febre, modorrava apenas numa semi-inconsciência entre o sono e a vigília, sentindo somente na vacuidade do seu espírito o desgosto que provinha da sua prostração e da sua fadiga. A febre invadia-o, a garganta ardia; uma pasta saburrosa formava-se na boca; os acessos de tosse repetiam-se com estranha violência. Não tinha coragem para um movimento, abandonando-se à mesma posição em que jazia.

De olhos abertos, na meia inconsciência dos sonhos, via agora uma nódoa alvacenta no fundo do corredor; nódoa sem forma precisa, ora aumentada, ora diminuída, com uma declinação ritmada para os lados; e chegou a parecer-lhe que tudo oscilava como na câmara de um vapor. Crescia como um lençol ou como um sudário vazio, e avançava lentamente, tomando proporções enormes no fundo do corredor extenso, adormecido nas sombras. A mortalha se adiantava

vagarosamente; parecia agora conter um fantasma, cujo crânio emergia da abertura, cor espectral nas faces e sombras nas órbitas vazias de olhos; o braço vinha tateando a sombra com a mão fina e adunca; e oscilava, decaindo para os lados, arrastando passos sonâmbulos de espectros.

Um pesadelo horrível! Entretanto, não fechava os olhos para dissipar uma visão que o aterrava com o seu aspecto de larva emigrada das necrópoles em lunações pressagas. Ao contrário, fitava-a atentamente, com uma curiosidade mórbida, descobrindo os detalhes: os braços nus, longos e finos, a cabeça lívida, o corpo perdido nas dobras do sudário branco. Lúcio verificou com terror que as órbitas brilhavam nas sombras com o brilho vítreo de um olhar apagado pela morte. Seria, com efeito, um duende? Seria uma larva? Seria talvez um pesadelo atroz que o torturava? O doente fazia estas perguntas a si mesmo, imobilizado num começo de terror pânico, sentindo-se dominado por uma completa catalepsia que lhe gelava a língua e lhe estrangulava a garganta, paralisando-lhe todos os membros... A sua vontade era gritar, chamar por alguém, pedir socorro; mas vinha-lhe logo uma covardia que o aniquilava. Tentara por vezes desviar os olhos daquela medonha aparição; desejava arrancá-los daquele ponto que fatalmente o atraía para o fundo tenebroso do corredor. Debalde! Cada vez mais se acentuavam as formas vaporosas da larva, que vinha para ali deslizando vagarosa e lentamente, estendendo a mão cobiçosa e ávida. Dir-se-ia que uma lufada de vento a impelia de mansinho nos ares como nas levitações

Entretanto, a luz da lamparina ia morrendo, aos poucos, fazendo dançarem bocados de sombras pelas paredes e pelo sobrado. Já reinava no aposento uma meia obscuridade em que não se distinguiam bem os objetos e os móveis. Da cama Lúcio não podia ver a Luísa que adormecera numa cadeira, debruçada sobre a mesa; julgava-se só.

Com pequenos intervalos a luz da lamparina se levantava durante um instante, espalhando rápidos clarões pelo quarto; a ronda das sombras descia da parede, e o espectro avançava de cada vez que a pequena chama se reanimava. Lúcio, galvanizado pelo terror, pensava que aquele duende era decerto o espectro da morte, que lhe estendia do fundo das trevas a sua mão ávida e faminta! Ele avançava direito para o quarto a passos lentos; sem fazer o menor rumor, estendendo-lhe sempre, com um gesto de ameaça, a mão que deveria estrangulá-lo. Que asqueroso contato devia ser o daquela mão gelada e hirta que se adiantava para arrebatá-lo a vida!

Quis de novo gritar; mas a voz expirou-lhe de novo na garganta abrasada; sufocava, alagado de suor, com os dentes chocando-se; a sua angústia redobrou, quando o larvado assomou à porta do quarto, onde a lamparina agonizava, com estalidos. Calma, terrorosa, impassível, a fantástica aparição, protegida pela cumplicidade da sombra, deu o primeiro passo no aposento.

E Lúcio, tremendo de angústia, com as mãos crispadas e a respiração opressa, fechou os olhos num desfalecimento covarde de um terror insensato.

Passaram-se assim alguns segundos que lhe pareceram eternidades.

De súbito sentiu o contacto de duas mãos crispadas que se lhe aferravam à garganta e o estrangulavam violentamente.

Com um esforço supremo conseguiu levantar-se como uma mola, e desvairado, viu, diante dele, uma máscara humana de morto, com olhos apagados, terrosa, lívida, espectral, indescritível.

A sua garganta emitiu um grito rouco, ao mesmo tempo que caía banhado numa golfada de sangue.

Era a hemoptise.

Debateu-se alguns instantes. Agonizava.

— Que é? perguntou a Luísa, despertando em sobressalto.

O moribundo teve ainda um estertor. Cessavam a sístole e a diástole.

Luísa estava de pé no meio do aposento, tonta de sono, esfregando os olhos, como que os preparando para a visão exata das cousas reais. Deu de cara com a louca, a dona Matilde, imóvel e calada, aos pés da cama, onde via o Lúcio também voltado para o canto. Julgava estar sonhando ainda, cheia de assombro, arregalando os olhos. Não podia compreender como e por que razão a dona Matilde ali se achava, pregada no soalho, àquela hora, numa atitude de sonâmbula, meio nua, fascinada, olhos dilatados, fitos estranhamente no morto.

Luísa teve um pressentimento.

– Lúcio! Lúcio! chamou aterrada, debruçando-se sobre o morto.

Uma nódoa de sangue no lençol desatinou-a inteiramente.

Ficou extática. À vista de uma mancha de sangue ainda mais larga no travesseiro, compreendeu a dolorosa realidade. Levou as mãos ambas ao seio, e caiu estatelada no sobrado.

No dia seguinte rapidamente se espalhou a notícia da morte do padre Lúcio, após longa e pertinaz moléstia que, enfim, o vitimara.

Foi uma consternação geral.

O enterro devia realizar-se no mesmo dia, e à noite começaram a afluir os convidados que deviam acompanhar o morto à derradeira morada. A princípio vieram aos poucos e penetravam na sala fúnebre, afetando graves esgares de lástima; mas, por volta das sete horas, uma multidão enorme, consternada e lutuosa invadia as portas, espalhava-se pelas salas e corredores, dispersando-se em pequenos grupos, nos quais se comentavam a morte de padre Lúcio e o desespero da Luísa.

Alguns, que não haviam aparecido durante o dia, iam levar as suas condolências no interior da casa, de onde voltavam com um ar de fastio e de aborrecimento. As palavras, articuladas no tom plangente dos pêssames, voltavam a pouco, ao diapasão natural, e um zum-zum

de vezes enchia os corredores mergulhados numa tristeza ambiente que abafava.

A sala em que jazia o morto ficava embaixo do casarão desolado, numa loja estreita, com duas janelas abertas para a rua e uma porta para o vestíbulo. Estava forrada de negro do soalho ao teto; um reposteiro oscilava à porta, tendo no centro uma cruz de galão amarelo; o caixão, forrado de roxo, com os tampos ainda abertos, jazia sobre uma eça coberta de estofos de luto e manchados de nódoas de pingos de cera. De cada lado, flanqueando o morto, com as chamas pálidas muito levantadas, chorando em silêncio grossas lágrimas de cera, ardiavam seis velas em grandes castiçais de prata, colocados sobre os degraus do estrado. À cabeceira do morto, a imagem lívida e ulcerada de Cristo abria os braços desolados, derreando a cabeça do mártir para o ombro, voltando os olhos quase em branco para o teto.

As janelas, cujos caixilhos foram levantados, emolduravam dois trechos de céu serenamente estrelado. Uma aragem leve entrava, com pequenos intervalos, fazendo palpitar a chama dos círios. Pelo chão haviam espalhado ervas e folhas aromáticas.

A atmosfera pesava, e infundia um certo terror religioso aquele morto inteiriçado na postura da derradeira prece.

Dobres a finados choravam à distância largos ritmos austeros.

Na sala contígua cavaqueava-se, entretanto; e vinham de lá rumores de palestras e pigarros discretamente abafados. Os convidados pareciam ainda mais lívidos pelo contraste das faces macilentas com os trajes negros. Formavam-se pequenas assembleias e conciliábulos discretos que cochichavam cumprimentos à entrada e vinham escorrer um olhar de lástima diante do féretro. Alguns mais curiosos não haviam podido se conter, descobrindo o rosto fino e encaveirado do defunto, com duas mechas de algodão metidas nas fossas do nariz.

– Já cheira! denunciou alguém, farejando no ar com jeito entendido.

– Coitado!

Uma voz grave e sinistra latinizou cavernosamente, à guisa de epítáfio:

– *Sic transit gloria mundi!*

Eram o Carlindo e o professor Agapito. Este parecia mais desbotado, lembrando atitudes importantes e conselheirais dos eternos Acácios. Os dois afastaram-se à vênia deferente do padre Domingos que acabava de chegar, acompanhado do Felicíssimo, o qual trazia, num baú de folha, os paramentos do sacerdote e os aparelhos do mister fúnebre.

O pároco, com a sua vasta papada de ruminante farto, denunciando ceias opimas e pressagiando apoplexias fulminantes, saudava para aqui e para acolá, cada vez mais pesado e obeso. E tomou a compunção de uma postura piedosa. Que pena! Pôs-se a ouvir os comentários acerca do pesar e luto da casa, toda alarmada de gritos da Luísa, que por ali arrastava a irreparável miséria de sua desventura.

– Mete dó, explicava o Carlindo já alcoolizado. Vimo-lo ainda *agorinha*, lá em cima no sobrado. Desde pela manhã aquilo são vágados sobre vágados. Clama, chora, grita e estrebucha que é mesmo um destempero e um desatino. Corta o coração! Quanto torna a si, desanda num berreiro, a romper os vestidos e arrancar os cabelos... Depois, já se sabe, vêm as convulsões – fazia um gesto de ataques, com as mãos crispadas e olhos virados – as convulsões!

E mais isto e mais aquilo.

– É de embatucar, pois não! concordou o vigário

– O reverendo já vai começar? perguntou-lhe o Carlindo que agora havia reatado as relações com o pároco.

A um sinal afirmativo deste, desatou a piscar e saiu, aos ziguezagues de um passinho trêfego, para ir se juntar à filarmônica, que estava postada à esquina, para não incomodar os parentes do finado.

Agapito, todo de negro, a longa grenha inculta e clássica caindo sobre a gola da sobrecasaca, tomou uma atitude digna e fatal ao lado do féretro, a frente pendida num cismar dolorido, alisando tristemente as suas austeras barbas proféticas.

No meio do sussurro que ia se levantando nas salas, alguém chamou-o – psiu! psiu! Ele voltou-se lentamente, arrancado às suas cogitações amargas, decerto; a julgar-se pelo seu lutuoso aspecto. Era a dona Bibi que o chamava da porta. Estava gorda agora a dona Bibi, e exibia na linha do seu eterno sorriso seráfico magníficos dentes – postiços. O matrimônio, posto que o comércio conjugal não lhe proporcionasse o nascimento de um só filho, parecia remoçá-la e apaziguá-la. Agapito encaminhou-se para a porta, parando diante de sua consorte e curvando-se para ouvi-la com toda a urbanidade.

Ela foi dizendo logo, em voz baixa, cheia de cuidados:

– Você vai sair para o relento. Olhe o *cache-nez*, filhinho. Já outro dia você se constipou e amoleceu-se todo, hein? Vá a gente facilitando que vai indo como o pobrezinho que ali está inteiriçado. O coitadinho!

Ela mesma levantou a gola da sobrecasaca de Agapito, com muitos momos e desvelos, botando nele olhos de gula.

– Toma cautela, hein, santinho? Olhe lá, ouviu?

Agapito fez um gesto digno.

– Ouvi, senhora, ouvi.

O pároco retirou-se para dar começo à cerimônia. Que estopada!

Pela sala e pelo vestíbulo iam brilhando as luzes vermelhas das tochas. Uma multidão de convidados e de irmãos de ordens religiosas

acotovelava-se disputando lugares, transbordando para o interior da casa e para a calçada das ruas.

Fez-se um largo silêncio, cortado apenas pela voz do pároco, recitando o latim do ritual. Um ar morno enchia as salas, e de lá de dentro vinham rumores de soluços e choros. Os convidados desciam para a rua, formando duas alas extensas, enfileirados uns após outros, com as tochas palpitando sob a noite constelada. As duas filas de vultos negros esgueiravam-se pelos passeios; as fachadas das casas silenciosas e as copas dos arvoredos, emergindo da escuridão da noite assombrada, iam-se tingindo de uma cor avermelhada e fantástica.

O féretro transpôs a porta da rua, e o préstito começou a deslizar lentamente, desenrolando dois rosários de luzes que se moviam na ondulação pausada de uma jiboia entorpecida. Toda a fachada do sobrado, de onde saía a procissão fúnebre, apareceu iluminada...

De súbito e inesperadamente, uma janela do pavilhão superior abriu-se com estrondo, e estilhaços de vidros partidos vieram tilintando, sobre as pedras da calçada.

Luísa, seminua, com os seios saltando através dos rasgões da camisa, apareceu à sacada, os cabelos revoltos, estendendo para o féretro que partia os braços desvairados, torcendo-se toda numa angústia indomável. O préstito assombrado viu-a, louca e ofegante, debruçar-se à varanda, soberba na sua bela nudez consternada.

— Lúcio! Lúcio, meu amor! soluçou com uma voz estridente em que vibravam todas as angústias humanas.

E o acento trágico da sua voz atravessou a tristeza glacial da noite comovida.

Por momentos ela debateu-se nos braços das pessoas que a arrastavam para dentro; a janela fechou-se, abafando o clamor dos seus gritos histéricos.

A procissão, gelada pelo espanto daquela imprevista aparição, pôs-se de novo a deslizar lentamente. Toda a rua aparecia agora iluminada pela luz vermelha das tochas, enquanto que no fundo da noite, de uma lirisante pureza outonal, estrelada e silenciosa, a via-láctea, muito nítida e branca, abria de lado a lado a facha lactescente da sua luminosidade palpitante.

Minas, 1895.

 ROSAIS
(1899)

Arthur Lobo

ROSAES

Editor

DIARIO DE MINAS

CIDADE DE MINAS

1899



Ao Gustavo Santiago

I

Quando eu cheguei aos *Rosais* pela primeira e derradeira vez, maio floria.

Carlos, o amigo exemplar, esperava-me à estação; abraçamo-nos comovidos. Depois, defronte de mim, apertando-me ambas as mãos e encarando-me com uma surpresa que me lisonjeou, escapou-lhe esta exclamação:

– Como estás diferente!

– Também tu estás bem diverso! exclamei por meu turno, sem procurar dissimular a triste impressão que me causou o seu aspecto devastado pela enfermidade.

– Que queres? inquiriu ele, com um movimento desdenhoso de ombros. Vai-se envelhecendo a gente gloriosamente.

– Continuas a sofrer?

– Resignadamente, bem vês. Mas, partamos; temos que andar.

– Moras longe, então?

– Não muito, verás.

Comovidos e silenciosos, começamos a caminhar; dominados pela mesma emoção, era-nos agradável o silêncio.

Recordo-me distintamente da salubre disposição de espírito em que me achava quando ali cheguei, àquela antiga e severa cidade provinciana, aonde eu ia buscar um repouso benéfico; ela pareceu-me calma, tão calma que toda a vertigem do resto do mundo que ali ecoava através dos despachos telegráficos dir-se-ia intrigas de teatro e convenção, cujo artifício já não mistifica a nossa ingênua credulidade.


Eu levava o propósito de abrir um parêntese de azul aos meus trabalhos e de deixar em férias as minhas faculdades de análise. Procurava restabelecer destarte o equilíbrio da minha vida animal, e cuidei melhor compreendê-la e gozá-la naquela preguiçosa vilegiatura,

pondo de parte os desdêns com que¹ encarava tudo o que se não prendesse às nobres funções intelectuais. Naquela tarde inobliterável, em que saltei na gare de seu caminho de ferro, na vizinhança salutar das montanhas, a velha cidade, que repousa na tradição secular de trezentos anos, parecia contemplar-me na sua grande calma provinciana, sobre a qual se recorta a linha azulada de suas montanhas empinadas e o desenho medieval dos seus campanários góticos. Ao transpor a sua ponte vasta, sob a qual um rio ainda mais vasto dir-se-ia adormecido desde o terceiro dia bíblico, experimentei a comoção de quem ressurge num passado histórico, penetrando uma preciosa crônica sagrada.

Pouco acima, as águas de um afluente se confraternizavam com aquele rio melancólico e sonâmbulo que dir-se-ia extasiar-se para os bocados adoráveis da natureza que das margens se narcisavam nele. Afigurou-se-me primeiro um lugar de fatalidade para o qual meu amigo Carlos houvesse sido exilado, a penitenciar-se no recolhimento espiritual de uma Trapa severa.

Mas, eis que o sol da tarde começou a inflamar as cúspides elevadas, tirando incomparáveis efeitos cenográficos à cadeia de montanhas que se prolongam até à mais alta e à mais longínqua serra, sobre a qual uma ermídiinha branca pousa inefavelmente com a brancura pagã e ingênua suavidade de uma pomba!

As cimeiras das árvores deliquesciam em ouro fulvo; as eminências extáticas iam preparar-se para a prece vespéral; o céu estava desenhado de azul e ouro, como nas velhas iluminuras; a água dos rios fuzilava num faiscar apoteótico; e os para-raios e agulhas das igrejas iam-se derreter em sol. Naquela atmosfera, límpida e sonora como uma redoma de vidro, os sinos de uma igreja de repente

1  Palavra ausente do texto original. [N. do O.]

bimbalharam hosanas tumultuárias e festivas; e toda a cidade angusta, na grande perplexidade de uma tarde, vinha conceder-me uma hospitalidade cavalheiresca, dirigindo-me do alto de onde se debruçam as bocas dos seus campanários palavras retumbantes de boa-vinda.

Nas alturas reboava a sonora hilaridade dos sinos, tomados de vertigens, vibrando dentro do vasto cilindro das torres até à fundação dos alicerces. Parecia que o templo devia cambalear naquela explosão vibrante de desordenada alegria que esfuziava das suas naves, das suas ogivas, das suas cornijas e dos seus zimbórios ensoalhados.

Recordo-me de que Carlos, comovido ainda de abraçar-me, apertava-me o braço e dizia-me alguma cousa; contudo, eu não o escutava nem o via, porque tinhas as pupilas frementes de paisagens e um daltonismo de acústica nos ouvidos delirantes. Toda a minha atenção havia se voltado para aquela velha crônica de pedra, tão suntuosa na placidez da sua antiguidade, tão indiferente à sua passada opulência atestada pelas suas pesadas construções coloniais, pela riqueza de seus templos e pelos destroços de uma mineração abandonada, cujos vestígios se viam nas margens dos seus rios calmos. Depois da vertigem do trabalho, da pompa e da grandeza, ele veio a adormecer numa sonolência de muitos anos, profunda e tumular, embora a garridice luminosa das celagens de laca líquida sorrisse a pino sobre a morna beatitude de suas montanhas austeras, ascendendo em manchas formidáveis para os céus.

Acostumado à habitação de cidades modernas, foi esta a profunda impressão, melancólica e agradável do espetáculo grandioso de uma cidade antiga, distanciada a uma época remota em que se paralisou a sua vida, repousando num fundo de saturação tradicional que lhe dava a meus olhos um particularíssimo encanto. Esta contumácia com que se radicou no seu passado salvou a cidade angusta

e estacionária de secularizar-se na elegância banal dos burgos modernos; um grande colapso hipnotizou-a no seu sonho secular e inviolável, alimentando-se exclusivamente da sua epopeia passada. A atmosfera estava cheia de sonhos e de paz... As ruas eram desertas e os dois ou três transeuntes que se nos depararam, errando num passo igual e automático, olharam-nos com a sonâmbula indiferença do sono magnético, como quem tem a vontade extinta e o destino resignado a todas as fatalidades supervenientes. Lembro-me ainda de que tive uma sugestão mal definida e pálida de um país fantástico de maometanos ou de selenitas, inspirada talvez nalguma página excêntrica de Hoffman.

A afastada rua que atravessamos era sinuosa e deserta com fachadas de casas silentes e uma constante vegetação de cardos sobre as muralhas de uma velhice maculada e doce. Caminhávamos calados. Nada pôde distrair-me da contemplação do templo, por diante do qual passávamos, e com um movimento, religioso quase, descobri-me diante daquele monumento, cuja fisionomia monacal e sagrada dava-lhe um não sei quê de grandiosa majestade tranqüila e indelével. Nunca nos meus estudos de história senti vibrar dentro em mim a ternura pelo passado que inspirou-me aquele templo, envolvido numa religiosa serenidade monástica, desde os pináculos até ao pórtico.

A rua terminava, enfim, nos *Rosais*, cujas paredes claras, cujas vidraças arejadas faiscavam no cristal imoto da tarde, dentre a espuma rosada da sua floresta de roseiras. Nada mais luminoso, mais aéreo, mais suave que aquela chácara desabrochando o seu viço primaveral e a sua exuberância da vida no arrabalde extinto. Experimentei a sensação de um salto do passado ao presente, em que duas impressões antitéticas² deliciavam-me pela própria natureza de contraste.

2  [sic].


E recordo-me bem de que naquela tarde tão memorável, tudo tinha ao redor de mim uma tal transparência fluídica, que eu supunha-me dotado de um sexto sentido, que, completando e quintessenciando todos os outros, dava-me uma faculdade de penetração sobre-humana.

Nunca, porém, a pena pareceu-me instrumento menos perfeito do que o pincel, que quando tentei descrever aquela chácara.

Os *Rosais!* Quem não desejaria aquele recesso sossegado para o ninho de um amor, exaltado pelos sentidos e elevado às maiores alturas das aspirações afetivas? Quem não adivinharia o egoísmo de um casal feliz, emigrado para aquele jardim feérico, irradiante de felicidade? Como a verdadeira felicidade é sempre tranquila, uma grande calma descia do alto na poeira da atmosfera, suspirando apenas na melopeia do tanque. Um silêncio beatífico havia adormecido na doce opacidade das penumbras; as estrofes pressentiam-se a palpitarem nos ninhos; e das viçosas roseiras desabrochavam flores com a espontaneidade e a graça duma rima no final dum verso.

Penetramos no jardim por um largo portão de quinta abrindo para uma aleia de roseiras anãs. O saibro abrasado rangia aos nossos passos. Para as bandas do pomar cigarras chiavam. Transpusemos os degraus de uma escada que subia para um alpendre todo empampado, em que estavam penduradas as gaiolas dos canários.

Que deliciosa frescura sucedeu à calma de fora! Começamos a percorrer a casa sem encontrar vivalma; na sala de visitas, lavada de fresco, haviam-se colhido os reps³ dos reposteiros e a luz da tarde atravessava toda a sala, desferindo cores vivas dos cristais do lustre. Já na casa de jantar encontramos a velha Brígida, ainda ocupada no arranjo do meu

3  De acordo com o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009), rep é a “unidade de medida de dose absorvida, igual à dose absorvida em água depois de uma exposição a um roentgen de radiação”. [N. do O.]

quarto; era uma espécie de governanta, ama do senhor, considerada quase como pessoa da família. A velha ama solícitamente arranjara o meu quarto junto ao gabinete de trabalho de Carlos, no ângulo mais afastado da casa, de cujas janelas se rasgava uma larga e repousada perspectiva fechada ao longe nas linhas distantes das montanhas.

Afastaram-se as cortinas para arejar o aposento muito largo e claro que as tintas de dois ramalhetes alegravam sobre o mármore lavado do toucador; a cama já feita alvejava ao centro numa brancura fresca e cheirosa de linhos claros, sob as cortinas que caíam numa espumarada de rendas. Na luz que invadia o aposento entrava um ar salubre e reparador em que erravam perfumes tônicos e sutis.

— Onde está a senhora? perguntou Carlos à criada, que se dispunha a sair.

— A senhora desceu para o pomar com o senhor vigário, respondeu ela, de olhos baixos.

Não sei explicar por que motivo a voz da criada causou-me um sobressalto; era como uma voz familiar, de que eu houvesse conservado uma recordação desagradável. Reparei, então, que era ela uma cabocla de meia idade, robusta; tinha as maçãs do rosto salientes, os olhos pequenos, amortecidos, uma expressão vaga e nebulosa na fisionomia.

A convite de Carlos já me dispunha a descer ao pomar, quando na varanda veio ao nosso encontro uma graciosa criatura, seguida pela figura sexagenária e suave de um sacerdote.

Estendeu-me a mão, sorrindo, enquanto o padre Ângelo, todo trêmulo, encolhia-se a um canto, como procurando anular-se e elidir-se. Fui apresentado sumariamente, como uma pessoa ausente e querida de regresso à família.

Como mais de uma vez Carlos tivesse me falado de sua mulher, o trabalho preliminar da longa expectativa daquele encontro causou

uma profunda impressão à minha imaginação. Flora acolheu-me da maneira a mais expansiva e cordial; sorria, mostrando o esmalte puríssimo dos dentes, enquanto pousava num dos bancos da varanda o cabaz de frutas, cuja colheita acabava de fazer.

Dois minutos apenas, e pediu permissão para acabar as disposições do jantar.

Pude, então, examinar a figura do Tio-Padre, como o chamavam em casa de Carlos. Já velho, era uma figura suave, simpática; caiu-me em afeição. Tinha as pupilas azuladas de refletir o céu que parecia surgir dos horizontes luminosos do seu olhar numa serenidade clemente e pastoral. Magro e pequeno, corado de sol nas faces saudáveis, frocado de neve na cabeça de linhas tranquilas, a boca sem dentes, cheia de doçura, atingira a essa velhice risonha que mais se assemelha à infância de outra existência, abraçando sem esforço a vida chã e obscura para a qual um instinto humilde o arrastara.

— É extraordinário! disse-me Carlos. Há muito tempo não tenho um dia tão completo, tão excepcional. Decididamente trazes-me felicidade!

Efetivamente, Carlos se mostrava bem disposto e excepcionalmente loquaz; a cada instante interpelava-me sobre mil cousas que nos diziam respeito, enquanto que o Tio-Padre tinha sinais de tácita aprovação com a sua cabeça luminosa.

Momentos depois sentávamo-nos todos à mesa do jantar, servida conforme o uso da província, com uma profusão de iguarias. Ao meu lado, a dona da casa se assentara, cumulando-me de atenções e fazendo tilintar as moedinhas douradas do bracelete que se enroscava no seu alvo punho. Num vaso ao centro da mesa, rosas estadeavam num *bouquet* monumental, que tinha um vivo destaque dentre os reflexos dos cristais e das porcelanas. Toda a sala, de uma decoração sóbria, de uma ordem pautada, irradiava a felicidade ridente de um interior

feliz, arejada por quatro janelas guirlandadas de rosas trepadeiras, que se alavam em espirais flexuosas, enastrando cortinas de verdura.

Eu sentia-me plenamente satisfeito naquele interior plácido, sem ostentações burguesas, que me abria uma tão franca e cordial hospitalidade, enchendo-me de reconhecimento pelo amigo que tão bem sabia interpretar as doçuras do seu *home* naquele retiro enfeitado de que parecia exalar-se um terno sonho de felicidade.

Sentia-me despreocupado, risonho, uma disposição hilariante a acender-me a alma de luminárias festivas, ao encontrar o sólido apoio daquela amizade antiga que me sorria pelos olhos leais de Carlos.

E Flora aparecia-me na sua sossegada simplicidade de *menagère*, espalhando uma graça alada e casta nos mínimos detalhes do serviço da mesa que ela presidia. A impressão que eu sofria era tal, que falkhou a minha agudeza habitual e eu apenas via e compreendia confusamente o que ia se passando em roda de mim.

– Qual a impressão que esta terra lhe causou? perguntou-me Flora.

– Parece-me um lugar destinado ao recolhimento espiritual; entretanto, o panorama das montanhas é soberbo; nem lhe falta para aclarar a nota cristalina da água.

Flora declarou que desejava ver o mar, que conhecia apenas através de descrições e pequenos quadros; e prosseguiu:

– Não me refiro ao alto mar, porque se me afigura monótono e insuportável; mas quando leio a narrativa das praias ou vejo pequenos esboços de marinhas, cuido aspirar esse eflúvio acre das marés de que falam os escritores e os viajantes. Oh! o meu prazer seria viajar à aventura, sem destino determinado, num carro de posta, desses de que falam os romances!

Parou, passando o guardanapo pela boca, e interpelou-me, apertando as pálpebras, o que dava uma extraordinária doçura ao olhar:

– Gosta de viagens?

– Adoro-as, declarei.

– Também eu, afirmou; é como lhe disse; parece-me que, se viajasse, uma série de aventuras e de inesperados acidentes quebrariam a todo instante a monotonia da vida cotidiana. Porém, Carlos é tão avesso às viagens!

E calou-se subitamente, olhando de um modo abstrato para a montanha fronteira. Pela primeira vez vi-lhe aos cantos da boca desenhar-se não sei que linha acerba.

Os canários, despertados então, cantavam doidos de alegria.

Carlos servia-me um vinho delicioso, cujo sabor acre punha-me na boca uma carícia fresca, deliciando-me ao mesmo tempo o olfato.

Como eu admirasse o colorido delicado de uma rosa que entre outras esplendia num vaso fronteiro, Flora perguntou-me:

– Gosta de flores?

– Com restrições; gosto de vê-las na haste. Cortá-las, colhê-las é para mim uma mutilação monstruosa.

Ela acudiu, sorrindo e mostrando o esmalte fino dos dentes:

– Todavia, é por amá-las muito que as colhemos; elas trazem para os nossos interiores a sua frescura e o seu perfume, derramam a tinta da alegria dentro de uma casa, não é exato?

– É como justificamos o nosso egoísmo; demais, é justo que elas retribuam de qualquer forma os cuidados que reclamam.

Carlos discutia não sei que assunto local com o padre Ângelo. Sentada ao meu lado, Flora presidia aquele jantar íntimo e banal – que devia, entretanto, ser o preâmbulo dos extraordinários acontecimentos que iam se desenrolar nos *Rosais*.

Entretanto, minha atenção se voltara para a figura suave do padre Ângelo.

Nada para mim mais simpático e interessante do que aquele tipo inverossímil de velho cura, tão fresco, tão ingênuo, que deixava descontinuar-se à primeira vista a máquina simples de sua alma.

Falava com suavidade, o gesto comedido, os olhos sorrindo à flor do rosto. Declarou que, além da *Imitação de Cristo*, de algumas obras históricas e filosóficas, nada mais leu; não obstante, era sentencioso às vezes e revelava uma moral elevada; havia momentos em que parecia claustrar-se numa meditação profunda.

Quase nada sabia do que ia pelo mundo, nada desejava, nada o irritava. Tinha sempre o mesmo gesto brando sublinhando a meiguice das palavras. Eu sentia-me encantado por aquele velhinho tão calmo e tão satisfeito de exercer com humildade o seu ministério. O que me seduzia era justamente o contraste, de uma alma simples com minha alma complexa de intelectual; invejava aquela alma direita de evangelizador que seguia resignadamente o seu destino na terra, sem atritos nem sobressaltos, e tão sossegada que parecia não alterar nada na ordem das cousas. E, tomado de curiosidade, comecei a palpar a alma sexagenária daquele velhinho que praticava a ativa simplicidade do seu humilde sacerdócio; falei-lhe de letras, discorri sobre política, consultei-o sobre a hermenêutica de livros sacros e ele continuava a sacudir a cabeça de algodão em rama com gestos de aprovação indulgente. Para se desculpar daquela ignorância que o não envergonhava, confessou:

– Que quer o senhor? Eu nada sei, esquecendo o melhor do que aprendi, já lá vão cinquenta anos. Ignoro o que vai pelo mundo, fechado dentro destes horizontes, onde nasci e onde espero morrer. Desde que me convenci de que os sofrimentos dos homens são incuráveis, não me interessa saber o que vai lá por fora.

E a uma observação redarguiu:

– Misanthropia não exprimiria bem, porque, ao contrário, penaliza-me a sorte dos homens... O que eu sinto é uma profunda compaixão por todos nós.

Receei havê-lo molestado; mas o Tio-Padre continuava a sorrir, simpatizando-se também comigo.

A conversa prosseguiu numa cordialidade animada, e eu, surpreso, reconheci que padre Ângelo admitia sem constrangimento princípios heterodoxos, sem intolerâncias e sem transigências; e ele próprio confessou-me que nunca se lembrara de analisar e discutir matéria de fé, ligando uma importância secundária à questão dos dogmas e das formas. A sua religião era mais tangível e terrestre; cifrava-se na prática da caridade; mesmo o seu lado místico era professado com essa singela poesia das populações rústicas em torno às ermidinhas levantadas sobre as linhas suaves dos campos ou sobre as eminências das montanhas, douradas de crepúsculos e povoadas de andorinhas, à hora religiosa das novenas.

E quando ele partiu, justando para que eu fosse vê-lo ao presbitério, perguntei a Carlos:

– Um santo, será crível?

– Um santo, dizes bem, corroborou Carlos. Pelo menos verificá-
rás que todos aqui o proclamam.

– Uma questão de nomes. A interpretação será sempre a mesma. Gosto dele. Para mim realiza o tipo ideal de sacerdócio e do filósofo humanitário.

– É isso mesmo, confirmou Carlos.

E contou-me a vida singela daquele homem, filho de lavradores opulentos, que uma paixão infeliz encaminhara para o seminário. Desde então a sua vida fora exclusivamente consagrada à prática da caridade; o seu avultado patrimônio dissipara-se em instituições piás.

– Depois, concluiu Carlos, além dos laços de sangue, sou-lhe profundamente grato, pois o Tio-Padre é também o pai adotivo de Flora.

Anoitecia.

Flora veio convidar-nos para esparecermos lá fora. Ela ia guiando o caminho e eu examinava os seus pés pequenos, a sua figura

graciosa, a mobilidade quase imperceptível das narinas e as veias azuis do pescoço.

Achei-me de novo extasiado diante dos *Rosais*.

– Não sei como dizer-lhe a impressão que me dá o seu jardim, minha senhora; estes tufos de roseiras são surpreendentes. Há aqui uma atmosfera de um singular encanto, que embriaga, que apaixona, que alucina. Eu esforço-me para achar aqui o símbolo de uma coisa latente, impalpável e extraordinária, que sinto palpitar em torno de nós.

Ela parou para ouvir-me; e na penumbra do maciço os seus olhos dilatados tinham um brilho singular.

– Esta ideia é sua naturalmente e dou-lhe parabéns pela arte admirável deste pequeno canto do mundo. Nada mais suave e mais perfumado! Como que tudo que há de ideal e de fantasia foi transportado para este jardim, para o qual Carlos tão bem soube escolher a graciosa fada.

– Gostas? perguntou Carlos, que a seguia à pequena distância.

– Se gosto! Louvo-te pelo bom gosto! E como vai bem o nome de tua mulher a este jardim feérico. Flora é a deusa protetora das flores, é a boa fada que protege a vida dos vegetais... Vê tu, Carlos; esta atmosfera acaba de lirismar-me.

E parando diante de uma roseira exclamei:

– É surpreendente! Como podes tu obter rosas como estas?

– Vê estas rosas-gigante, mostrava Carlos; são as minhas flores prediletas.

Sorri. Eu preferia às rosas gigantes aquelas rosas pálidas, de um matiz dulcíssimo em que se fundiam o leite e a rosa.

– Ah! comentou Carlos rindo; as rosas de Flora; teu gosto acorda nisto com o dela.

Voltei-me para a moça; ela continuava imóvel e silenciosa; no fundo do crepúsculo seus olhos dilatados tornaram-se ainda maiores e mais úmidos.

Por que me pareceu *sentir* que ela estremecia?

II

Na manhã seguinte, quando despertei de um longo sono profundo, invadiu-me de súbito um inexplicável assombro, porque eu não tinha ainda consciência do lugar em que me achava; presumi, a princípio, que acabava de despertar num *sleeping-car*, cuidando ainda sentir a trepidação do vagão, como sói acontecer após longas viagens nos caminhos de ferro. Esfregava os olhos para dissipar as névoas de um sonho possível, quando os sons dos sinos, que eu ouvira na véspera, vibraram distantes, enviando-me de longe a música argentina dos seus “bons días”. A voz dos sinos chamou-me à realidade, recordando-me simultaneamente Carlos, Flora, Tio-Padre e os *Rosais*. Levantei-me de um salto; tinha pressa então de sair, de viver, de gozar. Abri a janela e quedei-me maravilhado.

Naquele instante em que a primeira espiral de fumo escasso alavase harmoniosamente, num fio ascensional de aspiração elevada, demandando o azul, os *Rosais* haviam também despertado, as altas persianas abertas sobre um jardim tão fresco e tão florido que dir-se-ia acabar de surgir dos vapores da madrugada, sob o influxo mágico de uma varinha de condões feéricos para a ablução escarlata do sol.

O nome, que a pequena *cottage* devia a um capricho tão romanesco quanto elegante dos seus proprietários, sabia maravilhosamente àquele canto perfumado de arrabalde bucólico, onde a risonha casa de campo, que os voos claros e imaculados das pombas povoavam de

arrulhos, floria num jardim plantado de prodigiosas roseiras, desenhando infinita variedade de matizes mais delicadas de uma policromia flamejante.

Branças, como estofos de Damasco; pálidas, como virgens dos *vitraux*; escarlates, como toques de clarins; púrpuras como mantos cesarianos; vermelhas, róseas, cremes, e, como um precioso e raro produto — as rosas verde-amarelas!

Irredutível à palavra a impressão colorida e indelével do conjunto harmonioso daqueles maciços exclusivos de roseiras, em que a tônica do verde dominava o tema fugidio e musical das cores; na tonalidade da verdura, como no desenho imóvel de uma pauta, os tons coloridos vibravam um cromatismo irregular que ascendia como numa escala, até às tintas agudas de uma iluminura; e nas remitências de pausas, que o burburinho do dia não despertara ao todo, um rumor brando acompanhava em surdina o bailado dos insetos, o *scherzo* das aves e a balada melancólica das águas, cantando num tanque em que as rosas de em derredor se narcisavam.

Um aroma intenso evolava-se com o orvalho das folhas e naquele ambiente perfumado, na ondulação aromal do éter, o delírio do olfato requintava a visão das tintas, como quem olha através de um prisma surpreendente, cujo cristal se abrasa, debuxando o relevo de uma linha azul-vermelha de magia. O próprio aroma tomava uma forma bizarra, espiritual, desenvolvendo-se, condensando-se, vibrando ao som, fulgindo à luz, constelando-se numa nebulosa de átomos estrelados.

E, no alto, a concha da madrépora celeste punha uma nota líquida de faiança desbotada sobre aquela quermesse floral.

A chácara floria após as últimas abluções salutares que regaram copiosamente os campos, entre as notas agudas da cor e a limpidez nativa das águas. A tinta do sol jorrava uma sangria de lacre vivo sobre o oiro-gema do nascente.

Naquela atmosfera de filtros maravilhosos boiava alguma coisa de impalpável, de subentendido, como o sonho de um sonho, cuja aspiração ideal vogasse para a nostalgia de uma existência superior num país fantástico, eternamente florido de festões de rosas, iluminado de um nobre esplendor auroreal, como numa apoteose ardente de céu cristão.

E no meio do jardim, numa imobilidade soturna de faquir abstrato, um cipreste augusto levantava o cone hierático de sua fronde vetusta, pondo um contraste sombrio de viuvez e saudade ao topázio hilariante do céu e um enigmático ponto de admiração à vivacidade das cores circunfusas.

Das suas raízes, uma fonte, como uma clepsidra de burburinhos, ia marcando vagarosa e irrevogavelmente o compasso dos momentos que fugiam, chorando a saudade irremediável das horas mortas e das tardes extintas...

Tão arrebatado me achava, que a princípio não vi Carlos, o qual naquele momento também contemplava o jardim, sem que se saciasse de vê-lo, como se as sensações contínuas e repetidas daquele hábito passivo não lhe tivessem embotado a impressão sempre renovada daquelas cores.

Eu – encantado de haver preferido aquele lugar onde devia espreguiçar alguns meses de ociosa vilegiatura. Tantas vezes eu havia anunciado e prometido aquela visita tão ansiosamente desejada pelo meu melhor amigo!

Ele avistou-me. Descemos juntos daí a instantes; Carlos contra os seus hábitos taciturnos sentia-se satisfeito, contente de ver-me, de falar-me. Desde cedo andara de ronda à minha porta, impaciente de encontrar-me; uma onda de sangue animava o seu rosto pálido e anêmico que eu via com pesar devastado pela moléstia.

– Flora! chamou ele.

Uma voz feminina respondeu-lhe e da luz rosada da manhã, dentre os tufos da verdura, pareceu nascer naquele instante a encantadora criatura que aparava rosas; e como levantasse muito os braços, firmando-se nas pontas dos pés, a linha do busto bem desenhada, a cabeça pendida para trás, as pálpebras meio cerradas pela incisão forte da luz que descia daquela manhã de veranico, parecia idealmente iluminada e prestes a desatar um voo cheio de graça.

Saudou-me sorrindo. O seu *carling-dog* caracolava em torno dela.

Carlos dirigiu-se para ela e, caturrando, muito avaro de suas flores:

— Já recomeças, hein? Torturas-me as plantas. Que crueldade! Pensas que não sentem, por que se submetem, por que não têm voz para traduzir a sua sensibilidade?

Flora soltou um gritinho de terror.

— Que foi?

— Piquei-me nuns espinhos!

— É a planta que se insurge. É justo! Tossia. — É justo.

A sua paixão pelas flores rejubilava-se diante da prodigiosa profusão da esmerada cultura; com uma solicitude fraternal andava de ronda às suas plantas, a narina dilatada na aspiração daqueles hálitos penetrantes que se evolavam das corolas abertas, estreladas de gotas de orvalho. Ao aspirá-las, eu também sentia os pulmões dilatados num hausto salubre e àquela sensação hilariante uma aleluia interior ia alargando a minha alma em triunfo, no delírio do olfato, em plena explosão do aroma.

Flora, entretanto, mergulhava no tanque o dedo ferido em que uma gota de sangue tinha o colorido e a transparência de uma baga de romã.

— Não acha que Carlos é injusto? perguntou-me, dando um jeito à trança que se desprendera ao abaixar-se.

— Tirânico, corroborei.

Neste ínterim o *carling-dog* ameaçava-me, mostrando os dentes hostis.

Flora afagava-o.

– Então, *Mylord*, então?

– Quererá ele desmentir nesta casa as tradições da hospitalidade? Ainda bem; Brígida aí vem dar-lhe uma lição de cortesia.

Efetivamente, a velha ama trazia-me numa salva café, leite e sanduíches.

Eu aceitei um copo de leite, apenas, e naquele jardim, defronte das montanhas ensoalhadas, a deliciosa bebida sabia-me a não sei que sabor inédito, a não sei que gosto requintado, cheirando a rosas, cheirando a ervas silvestres e flores orvalhadas.

Carlos, diante de mim, lançava-me um olhar carinhoso; sorria, contemplando-me, e o seu sorriso pálido parecia uma tarde de sol iluminando os céus nublados de sua alma doente.

Flora terminara a colheita e ele quis tomar o açafrate de flores para o levar; mas tão desastrosamente o fez que as rosas que ela guardava no regaço desprenderam-se, rolando pela areia.

Flora teve um gesto desolado de gracioso amuo.

– Que desastrado!

– Deixa, eu as apanharei, respondeu Carlos. Não te incomodes...

Depois de apanhar as flores, namorava-as com um olhar enternecido de floricultor apaixonado.

Entregou-as à Flora.

E, esfregando as mãos, num gesto familiar, disse-me:

– Fizeste bem em vir. Se soubesses quanto isto me alegra!

Flora observou:

– Não era preciso que o dissesses; bem se vê nos teus olhos!

Com efeito, seus olhos haviam animado a face pálida de convalescente; nos horizontes brumosos de sua alma, havia sol agora, como numa manhã de primavera; estava num dos dias raros de efêmera

alegria, o espírito arejado, o carrilhão das ideias despertado pela boa nova da minha chegada.

Íamos os três percorrendo o jardim devagar. Carlos, envolto em flanelas, descoberta a cabeça em que os cabelos começavam de rarear, ia percorrendo os maciços numa caçada paciente aos parasitas, cheio de mímicas, dando-me explicações sobre as plantas.

De súbito nos achamos junto ao cipreste e, sem que eu fizesse o menor reparo, disse-me:

– Achas esquisito, não é? Que queres? Já o encontrei aqui e penaliza-me cortar uma árvore sagrada pela velhice. Lembras-te? No *Ateneu* havia também um cipreste.

O *Ateneu!* Como esta simples palavra nos evocou uma série inteira de recordações amigas, na primeira época da nossa vida comum, quando ainda no colégio começamos a nos sentir ligados por aquela amizade excepcional que se mantivera sem estremecimento até então!

Debaixo do velho cipreste eu o ouvia, silencioso, e a sua voz tinha a mesma toada acalentadora da água que cantava sossegadamente no tanque; e possuía um tal vigor de sugestão, que também eu sentia-me viver com os seus sonhos naquela quadra extinta e sentia-me retroceder ao passado. Carlos continuava a falar. O *Ateneu!*

Da sua memória jamais se apagou aquele velho prédio hospitalar, com uma tabuleta vetusta riscando a lepra da fachada, e janelas de vidros esverdinhados abrindo para a rua do arrabalde sonolento, cujo repouso só era interrompido pela trepidação de um bonde pesado e pelos pregões dos mercadores do bairro. Velhas muralhas claustavam os pátios de recreio, no centro dos quais amendoeiras antigas dormiam a sono solto, despindo os sonhos das folhas exangues durante o ano inteiro. Que estranha saudade ele tinha daquelas folhas mortas que iam esfolhando melancolias crepusculares! Daquele velho casarão desolado, austero como uma casa pia, datava a nossa amizade, aquela

amizade de eleição que mais e mais se radicara, vencendo mais tarde a manifestação da sensualidade e a experiência social, barreiras em que geral sucumbem as amizades da infância.

Ao contrário a minha experiência social mais me ligou àquele amigo, alguns anos mais velho do que eu, e que tivera para mim rasgos de verdadeira generosidade, ternuras de verdadeiro irmão. Refugiado na sua província, mesmo à distância, Carlos fizera-me sentir os benefícios inesgotáveis do seu afeto.

Profundamente reconhecido, eu o amava não tanto pelos benefícios e pelas inequívocas provas de uma sincera estima que dele eu merecera, mas ainda pelas belas qualidades do seu caráter. Ele exercia sobre mim uma fascinação singular, um prestígio que não sei explicar e que muitas vezes provinha do contraste de qualidades contrárias que eu admirava nele. Sentindo-o assim satisfeito ao meu lado, eu bem via quanto amava aquele amigo, como dantes, como sempre, sendo aquela a única afeição estranha, a mais delicada e a mais completa, que trazia do meu passado e de minha orfandade, numa quadra em que desabrocham os mais belos sonhos da mocidade, os mais generosos projetos para o futuro, e em que a alma do homem é tão pura ainda, tão virginal, tão aromada como aquelas flores que lá se desatavam tumultuariamente numa faiscação lapidar de tintas inéditas.

– Bom dia, disse com doçura uma voz por detrás de nós. Voltei-me, surpreendido, e vi um bruxo que por um estranho sortilégio surgia a alguns passos. De tal maneira o meu espírito se havia internado no passado, que não reconheci à primeira vista o Tio-Padre.

Estava barbeado, muito fresco e corado, não sei que cousa casta irmanando a sua epiderme às rosas de entorno; como capulhos de algodão, as mechas de cabelos brancos apareciam por debaixo das abas negras do seu chapéu eclesiástico.

– Relevem-me a falta, se sou importuno.

Protestei com veemência.

Declarou que já havia celebrado a sua missa às quatro horas da madrugada; fizera a sua ablução, um passeio habitual à montanha, e voltava da sua visita ao hospital, de que era o provedor e o capelão.

– De passagem, vim saudá-lo, acrescentou. Queria saber se ainda se acha bem disposto.

– Excelentemente, reverendo.

– Não me dê esse tratamento, suplicou ele; aqui todos me chamam Tio-Padre.

– Pois sim; creia que sinto-me tão bem que, para explicar-lhe o meu estado de alma, eu lhe diria que é como se me houvesse comunicado, se não receasse escandalizá-lo com a comparação.

Ele fitou-me seriamente; foi a primeira vez em que o vi revestir-se de gravidade, para declarar-me.

– Meu amigo, rogo-lhe que afeiçoe-se a ver em mim tão somente um secular que exerce por inclinação pessoal o sacerdócio cristão.

E mudando de tom para Carlos:

– Espero que não te descuidarás de levá-lo ao presbitério, a ver-me, mais à minha família.

Carlos explicou-me; a “sua família” era uma colmeia de abelhas que cultivava com esmero.

Padre Ângelo corroborou:

– É exato. Foi D. Viçoso que inventou o remoque.

Todas as vezes que o santo prelado o encontrava, inquiria:

– “Ângelo, como passam tuas filhas? Ângelo, como vão tuas amigas? Ângelo, como está tua família?”

E ao contar-me com a maior simplicidade aquele inócuo gracejo, vertido como a língua de fogo mística de uma chalaça divina, pela boca piedosa do santo prelado, Tio-Padre ainda ria-se, desvanecido pela liberdade do gracejo.

Na verdade, segundo Carlos depois explicou-me, padre Ângelo tinha com o bispo de Mariana a mais viva analogia de caráter, de sentimento e de ideias; ligara-os a mais íntima camaradagem; padre Ângelo adorava-o e nessa idolatria ia a admiração ingênua pelas frases do prelado, que repetia frequentemente, sem que ninguém lhes achasse graça, a não ser ele.

– Agora, vou deixá-los, disse-nos ele, desculpe-me não poder fazer-lhe companhia nas visitas que houver de fazer à paróquia. Carlos me suprirá com vantagem nesse objetivo.

E, consultando o relógio:

– Vou ao asilo. Conto que não deixará de ir ver-me ao presbitério.

Aquele segundo dia de minha passagem pelos *Rosais* é um dos que deixaram-me mais doces e mais puras recordações.

Ele correrá mansamente, familiarizando-me na casa pela aproximação dos caracteres com os quais eu convivía. Todavia, aquela embriaguez surpreendia e começava a amedrontar-me pela intensidade inaudita que ia tomando; era como uma reação ao período sombrio que a precedera. Uma criança apenas a quem se concede a permissão para um passeio longamente desejado poderia sentir o alvoroço que me dominava, rompendo intrepidamente contra todos os meus hábitos; meu espírito era como um vidro fosco que readquire a transparência primitiva; como que um sangue mais puro e mais juvenil começava a circular nas minhas veias. Em certos atos eu achava-me estranho, não me reconhecia; operava-se em mim insensivelmente uma direi quase alienação de mim mesmo.

Recordo-me precisamente daquele estado d'alma, que eu compararei a uma embriaguez lúcida, à míngua de uma expressão que possa traduzir nitidamente numa frase modelar a deliciosa superexcitação que me dominava, requintando a minha sensibilidade, bulindo com a vibração dos meus nervos, acelerando a circulação de tal sorte que a

vida tinha uma precipitação desconhecida e a minha alma se alastrava de alvoradas e resplandecências, regurgitava em salmos de ternura e de paz. Os meus sentidos tinham uma acuidade que se afusava a surpreendentes e maravilhosas aberrações. Ao menor contato, uma sensação rápida deliciava-me, pondo-me arrepiadas titilações na epiderme; a minha narina surpreendia no ar correntes de perfume que a exaltavam ao delíquio; as cousas sabiam-me finamente ao paladar com a fundente frescura de um pedaço de gelo à boca; no ouvido as mais fugitivas cambiantes do som eram apreendidas nas rápidas vibrações quase que como num sonômetro; e nos olhos principalmente, nestes órgãos de uma delicadeza complexa, de uma perfeição prodigiosa, é que mais formal e mais nítida a minha exagerada sensibilidade se revelava no estereoscópio da alucinação pupilar. À medida que os sentidos sutilizavam-se, a mesma alvorada interior esplendia em deslumbramentos festivos de impressões fumegantes e imprevisas; uma como vaporação rosada atenuava-me as ideias; o espírito alava-se, floria, iluminava-se; e eu pensava cor-de-rosa, ouvia cor-de-rosa, via cor-de-rosa...

Não sei até que ponto a alegria pode embriagar-nos, tão estólida era em mim a sua explosão; nem sei até aonde atinge o poder da subjetividade humana revelando imagens e produzindo fatos correspondentes a um certo estado d'alma. O que é certo é que eu sentia a disposição voluptuosa de alegria mansa, de alucinação beatífica do indivíduo que ingeriu o suco miraculoso do cânhamo da Índia.

Ainda agora vejo aquela tarde surgir na câmara escura da ideia. Era no jardim dos *Rosais*. Quase noite. Uma toada de *Ángelus* passou no ar. Carlos ria; disse-me qualquer cousa. Voltei-me para Flora.

Ela continuava imóvel e silenciosa; no fundo do crepúsculo seus olhos dilatados eram maiores e mais úmidos; tinham a imaterial força física de um *médium*. Fitavam-me, atraíam-me irresistivelmente.

Eu a contemplava maravilhado; porque parecia-me vê-la penetrada de uma vitalidade superior que se alargava para horizontes mais vastos do que os do seu próprio destino. Havia se refugiado junto de uma roseira, tão junto que eu começava a confundir a sua imagem com a planta que lhe servia de fundo; já não lhes achava a solução de continuidade, como se elas fossem uma só entidade, imóveis ambas diante de mim, impenetráveis como uma esfinge viva.

Eu via tudo como através de um sonho prismático que deformasse a primor a exatidão das linhas e o rigor das figuras, baralhando-as, sobrepondo-as em desenhos imaginários, bizarros e inverossímeis, com visões de um verdadeiro delírio.

A noite vinha caindo devagar.

A musselina do crepúsculo cercava todas as cousas objetivas de um véu indistinto e prodigioso em que as linhas e os contornos se diluíam e desfiguravam, como iluminados por uma claridade moribunda de sonho; na obscuridade que se condensava, apenas a tinta pálida do ocaso ia murchando em tons arrefecidos de pétalas exangues. Flora continuava tão próxima da roseira, que se confundia nela, consubstanciando-se da sua essência, tomando as linhas gráceis de sua forma. No visionismo fantasista dos meus olhos reflexivamente absortos, devagar, devagar uma imagem bizarra ia se condensando, crescendo, crescendo, numa fluidez espiritual de exotismo pagão, desenhada na tela inanimada de um sonho de chim opiado. E no fundo baço do crepúsculo, a mulher e a roseira haviam se confundido numa forma transcendental de uma beleza mítica indecifrável.

A alucinação concretizava quase a árvore humana, em que o sangue e a seiva rebentavam na frescura transparente das folhas tenras; os braços alavam-se para o céu, sob o toucado rústico da fronde; a tinta azul do loto, negra à sombra, desenhava os olhos e a nota carmesim da rosa ressoava-lhe na boca...

A seus pés a luz moribunda do céu ia se concentrando no círculo absorto do tanque, descendo para o fundo misterioso da água, que bebia todos os reflexos do poente extinto. Eu senti-me engolfar também na atmosfera pálida e lunar do meu sonho interior.

De súbito o último clarão, que laivava o céu, apagou-se e a primeira estrela apontou como um diamante abrasado, cujo brilho trêmulo foi irradiando devagar numa faiscação silenciosa, em que se adivinhava uma vibração longínqua, que descia do alto sob a forma resplendente de um feixe de raios luminosos. A princípio tinha uma cor desmaiada de prata fosca; uma gaze fina escasseava o seu brilho inato; as cores mais vivas do prisma foram ferindo-a aos bocados, uma a uma, faceta a faceta, e ela foi se colorindo como uma gema inflamada; readquiriu a sua extrema limpidez, o bocejo da névoa apagou-se e, como um olho que desperta, ela começou a palpitar, a palpitar.

III

Maio findara.

Então, na carinhosa florescência dos *Rosais*, na vizinhança dos campos, na calma balsâmica de uma cidade austera, diante da perspectiva variada das montanhas, eu sentia o espírito largamente repousar; meu organismo se retemperava, renascera a alegria com a saúde. Dir-se-ia que um milagre se operara naquela doce metamorfose, em que o espírito se alevantava, alheio ao passado e fortalecido de nobres energias.

Já não sei precisar bem o que eu sentira na primeira quinzena, nas tardes sombrias que precederam a minha excursão, como se houvera partido de muito longe, de um exílio austero para um país de bênçãos e de redenções.

Consulto o fatal manuscrito em que naquela época diariamente eu traçava as minhas impressões; deficiente e incompleto, sem precisar pormenores que somente mais tarde eu pude colher para a explicação de incidentes e elucidação de fatos então obscuros, o meu manuscrito dá conta das impressões flagrantes dos momentos passados, trabalho em que me impus o dever da máxima fidelidade.

Recordo-me com espanto, recordo-me somente do grande tédio que me invadia, pondo-me num tal estado de nervosa irritação, que deliberei de súbito adotar o convite amigo que me remetia à imbecilização metódica da província, de que eu guardava um secreto rancor. Eu jazera torturado num estado de agonias, de fraquezas, de frenesis e de cobardias. Sobre a irritação dos meus desejos pungira-me a garra do ciúme, e após aquele período sombrio de acerbas torturas, sentira-me embrutecido, os nervos exaustos, o coração vazio. Aquela crise de sofrimentos morais passara.

Depois comecei a manter um perfeito equilíbrio salutar nas minhas faculdades, a achar um novo encanto à vida na abundância de insólita alegria que me dava a satisfação do presente, o esquecimento do passado e a esperança do futuro. Com uma sensação de alívio, meu ser se dilatava numa vibração salutar, uma disposição alegre para o movimento, para a ação e para o trabalho, como se à reconstituição física se juntasse uma correspondente recomposição interior.

A atmosfera moral devia operar como um tônico, e o que é bem certo é que a felicidade dos *Rosais* me atingia, e a companhia de Carlos reanimava-me. Carlos continuava a ser para mim o homem exemplar – sofredor, plácido, justo.

Nos seus olhos límpidos como lágrimas de mártires, recolhia-se a calada agonia de uma desesperança cruel, que punha uma tinta de saudade nos círculos de consunção que se abriam em torno às pálpebras transparentes, como túmulos gêmeos de quimeras emigradas; o

seu olhar esquecido e longínquo perdia-se com voluptuosidade nos desfalecimentos luminosos dos longos poentes regelados em que a luz vai morrendo e agonizando inefavelmente. Havia elegias impenetráveis, doçuras intraduzíveis, tristezas recolhidas naquele enterrecido olhar de tísico que se agarrava à contemplação exterior da natureza com a ânsia suprema das derradeiras despedidas e últimos adeuses de lenços que palpitam e que partem para sempre... Ao olhar aquela pungente e resignada fisionomia tão docemente sofredora, quando a sua imperturbabilidade se traía sob a influência emotiva de uma recordação recôndita, eu julgava ver surgir dos seus olhos, como de dois sepulcros misteriosos, a ronda invisível de suas aspirações apunhaladas, dos seus sonhos malogrados e esperanças defuntas, errando numa procissão de horas mortas, cantando litânias e responsos a finados. Olhos enigmáticos, errantes e absortos, de uma doçura infantil e luminosa, de uma pacífica bondade clemente, cujos sofrimentos dissimulava uma angélica hipocrisia que tentava iludir os que o rodeavam e que o amavam para não transmitir-lhes o contágio da sua tristeza. Mais de uma vez colhi-o de improviso na flagrante revelação dos seus pensamentos dolorosos que punham uma expressão de angustiado pavor na sua face pálida, afilada numa rigidez monacal como um vinco de revolta contra a expiação irrevogável de um iníquo infortúnio.

Era só um momento durante o qual a crispação da dor punha um sarcasmo revoltado naquela face doce de vítima destinada a um sacrifício fatal; para logo readquiriria os traços da sua fictícia serenidade, recompunha a doçura nazarena da sua fisionomia tranqüila. Apesar de todo o seu esforço, generoso pela intenção que o animava, o seu riso vibrava falso na alegria com que procurava reanimar a conversa no seu interior doméstico. E o que mais me impressionava e comovia era a delicada solicitude, o carinho humilde, a idolatria exaltada com

que ele falava de sua mulher; a sua voz tinha ainda o acento de um namorado, uma vibração suave e apaixonada. Os seus olhos levantavam-se para ela, como para o céu e ia neles uma via láctea de carícias mudas, de afagos silenciosos; tanto mais a vida lhe fugia, quanto mais ele se abraçava à imagem querida que foi o único raio de felicidade que iluminou a noite de sua vida.

Flora era uma amiga encantadora. À primeira vista receei quase apaixonar-me pela sua bela cabeça feminina, de uma beleza luminosa e casta, de linhas deliciosas sob os seus cabelos quase negros, amplos e fartos com um toucado natural.

No tom quente de sua tez morena havia uma expressão vivaz de velada alegria, um forte colorido de tintas saudáveis que um sangue puro animava na linha curva da face e no desenho fresco da boca sobre a qual pairava fugitivamente uma sombra de inexplicável amargura e de cansaço precoce. No debuxo amplo dos seios que se adivinhavam premidos na modalidade elástica do colete, na curva harmoniosa dos quadris, no vigor do busto direito, na gracilidade rítmica dos movimentos, na expressão primaveril de saúde que fulgurava no seu rosto, se revelava a mulher fecunda de onde devera derivar uma fonte salutar de vida. A auréola da Maternidade dar-lhe-ia à cabeça imaculada a expressão mística das Madonas em cujos braços esperneia a travessa impaciência dos bambinos louros. Eu lia nos seus olhos misericordiosíssimos a piedade que lhe inspirava, piedade pelas decepções que a sua fantasia exagerava na história romanesca da minha anterior aventura amorosa. E eu tinha a hipocrisia de fazer-me infeliz, porque a comiseração, que me seria insuportável ao orgulho, se partisse de um homem, causava-me um inefável deleite, nascendo da piedade feminina.

Flora seduzia-me; sentia por ela uma afeição fraternal que me era profundamente deleitosa. Era admirável como a enternecida amiga se

revelava cheia de graça e de naturalidade, sem o menor artifício, nos mais prosaicos misteres, no arranjo e no conforto da vida doméstica.

E, contemplando o seu gracioso perfil, sentindo o encanto que a presença feminina fazia irradiar no recesso perfumado de um lar fechado aos olhares indiscretos, ficava eu a cismar na abundância de ternura que reservava para a mulher que eu um dia viesse a amar. Minha imaginação se comprazia em criar essa entidade moral – doce, meiga, submissa, fiel, um ser inerente ao meu, um prolongamento de mim mesmo, não importa, mas que fosse capaz de um tal devotamento, que, se um dia eu fosse crucificado no pior dos martírios, na mais infamante expiação, arrostando a ira amotinada e as imprecações odientas, ela fosse levar-me a consolação balsâmica do seu beijo e o indomável tributo do seu afeto, abrindo as minhas pálpebras já frias, como a Mandala do poeta, para consultar às minhas pupilas moribundas se elas levariam para a eternidade da morte, na luz que se afunda e se apaga, a derradeira visão indelével de sua imagem humilde e apaixonada!

E quanto seria doce o gozo supremo de um tal afeto na calma errática de um jardim fechado, como aquele dos *Rosais* em que vibrava a nota tônica de um só perfume perene e harmonioso ao olfato como um acorde interminável e ressoante ao ouvido!

Os serões nos *Rosais* eram de uma penetrante doçura e de uma discreta cordialidade.

Às sete horas da noite a visita de padre Ângelo era infalível; vinha curvado, com um enorme guarda-chuva de alpaca e uma lanterna que lhe alumiaava o caminho.

Flora o esperava, sorrindo, e instalava-o numa cadeira de vime, ao lado da mesinha redonda em que jogava a partida quotidiana com Carlos; nisto consistia a única distração do eclesiástico. À força de hábito Carlos havia contraído o mesmo vício, e à noite era impossível privá-lo da partida de dominó ou de cartas com o sacerdote.

A casa de jantar era ordinariamente o ponto de reunião íntima à noite; as visitas eram raríssimas naquela casa aristocrática de província, tão inacessível era Carlos às relações locais.

Enquanto ele e padre Ângelo se compraziam em baralhar cartas ou colocar pedras à mesa, eu deixava-me ficar na companhia de Flora, inflexível às solicitações ardentes que me disputavam para o jogo. Causava-me horror e não podia compreender por que Carlos consagrasse os seus lazeres àquela distração enfadonha.

— Tanto melhor, declarou Flora; far-me-á companhia, já que eles se exilam da nossa sociedade.

— Com o maior prazer, assenti eu. Quer que lhe leia os jornais, as revistas, o último romance; que lhe fale das últimas modas; que recite ao piano?

— Conta-lhe histórias da Carochinha, recomendou Carlos, lançando as pedras na mesa. Não é verdade que ela adora as histórias, Tio-Padre?

— Adora as histórias? Pois não; respondeu o interpelado.

— Proíbo-lhe, porém, que lhe conte histórias fantásticas, que ela tem medo aos duendes.

Flora fez-me sentar ao seu lado, junto à cadeira em que o seu *carling dog* se enroscara.

— Não acredite, disse-me ela; se quer ser amável, porém, recite-me os seus versos.

— Os meus versos? inquiri, sem poder conter um gesto de espanto.

— Então? Por que não?

— Porém, eu os recitaria de melhor grado, se porventura eles tivessem direito à sua atenção.

Flora suspendeu o trabalho de tapeçaria que havia encetado, à luz velada do lampião; ficou meditando, o olhar fito em mim, muito grave. Que pensamentos se ocultavam na sua fronte enrugada? Que reserva se impôs à manifestação dos pensamentos?

– Releve-me a insistência; não sei por que alguns dos seus versos não devam merecer a minha atenção; todavia, recite-me alguma coisa de nobre, de delicado e puro.

Não me fiz rogar: eu lembrava-me ainda daquelas estrofes da *Balada estranha*, em que um simbolismo feliz dava ao leitor uma impressão singular e formidável; era a isto que eu sempre atribuí o êxito que aquela poesia obteve e o sucesso alcançado sobre o público.

Comecei a recitar singelamente, quase friamente as primeiras estrofes do poemeto, sem intenção de recorrer a qualquer artifício de elocução, e só mais tarde compreendi que aquela modalidade fortuita aumentava singularmente a intensidade dos efeitos que se sucediam. Insensivelmente a minha voz subiu de tom, adquiriu inflexões novas, elevou-se com uma rara majestade, ressoou na sala como um instrumento desconhecido. Que latente emoção assim de súbito desfigurou a minha voz ao ponto de eu próprio desconhecê-la, como se uma voz alheia vibrasse pela minha boca? Eu sentia-me avassalado por uma coisa estranha: era como se uma vontade, a *vontade de outrem*, me dominasse. Eu era como um médium traduzindo num automatismo semi-inconsciente os pensamentos e os sentimentos de um ente invisível que se alojara dentro de mim mesmo.

Aquela voz não era a minha própria voz! Nunca, antes ou depois, ela adquiriu tão raro timbre, tamanha extensão, ritmos tão admiráveis e tão suave musicalidade.

Muitas vezes depois daquele caso, eu ensaiei, sem resultado, alcançar os mesmos efeitos, dar-lhe os mesmos valores.

Quando terminei, um silêncio álgido se fez na sala.

Carlos havia suspenso a partida e, com os olhos úmidos de emoção, ele, que era tão vibrátil às emoções estéticas, estava mudo, como hipnotizado.

– É assombroso! é assombroso! repetia ele.

– Eu confesso, disse o Tio-Padre, que o que me encanta é a música de sua voz. Nem sempre entendi o sentido das palavras; mas o que se sente é a sua música, sobretudo.

A princípio, eu próprio, comovido sem saber por quê, era também como se fizesse parte dos ouvintes; a mesma corrente de emoção se comunicava a todos nós.

Flora estava muito pálida; não teve para mim uma palavra de aplauso e, quando eu provoquei a sua opinião, declarou-me:

– Não sei bem exprimir-me, mas o que impressionou-me não foi tanto a música dos versos, tampouco a significação das palavras, mas o sentido virtual que elas tomam, uma como segunda intenção subentendida e paralela à primeira. Não sei dizer o que penso. É como se houvesse uma corrente subterrânea do pensamento, uma coisa que se sugere e que não se diz.

Foi então que se me revelou a penetração do espírito daquela mulher. Daí em diante estabeleceu-se entre nós um comércio constante, um constante convívio espiritual que cada vez mais nos aproximava e ligava nos laços de uma simpatia crescente. Muitas vezes Flora forçava-me a repetir o trecho lido, quando lhe agradava, e, com uma graça e um critério que me surpreendiam, bordava comentários lúcidos a respeito do assunto tratado. Eu admirava-lhe a clareza das ideias, a certeza dos conceitos emitidos e os juízos que externava acerca de autores contemporâneos de nota. Surpreendia-me a cultura do seu espírito e descobria nela a cada passo afinidades que aproximavam nossas almas na mesma latitude dos sentimentos e das ideias.

Conservava, entretanto, a maior naturalidade e a maior modéstia, sem artifícios simulados ou pretensões ridículas; e apesar da nossa intimidade, guardava um recato simples e delicado que tornava-a inacessível às confissões perigosas.

Sentia-me ao seu lado tomado de um profundo acatamento por ela; não sei que delicioso torpor me invadia; como que do fundo do meu ser subia a vibração inusitada de um canto profundo e suavíssimo... E as horas corriam, sem que eu desse acordo da marcha célere do tempo. Às oito horas servia-se o chá.

Padre Ângelo ainda conversava durante alguns instantes; abafava-se no seu enorme sobretudo; acendia a lanterna; e partia. Carlos acompanhava-o até ao portão e eu via a luz vacilante da lanterna projetar claridades rápidas nos maciços de roseiras que bordavam a rua principal do jardim.

À luz do lampião, velada pelo abajur, eu continuava a disrecrear com Flora, vendo o seu perfil difusamente iluminado por aquela claridade leitosa que lhe dava uma cor enluzada e sobrenatural, até que o relógio anunciasse mais uma hora e eu ouvisse de sua boca a música suave da *boa noite*.

IV

Os *Rosais* atravessavam uma das suas quadras prefulgentes, em que o raio de alegria que poetizava o interior da chácara casava-se com a grande calma luminosa e errática dos céus.

As últimas cigarras estridulavam à hora abrasada dos meios-dias estivais e as numerosas roseiras estavam consteladas de flores; na apoteose flamante do sol as suas cores esplendem com o colorido vibrante de um cromo. A fachada rústica do prédio parecia ressoar uma risonha suavidade de ode anacreônica, enfiada de rosas cujas guirlandas entrelaçavam, entre as janelas e a cornija, os seus ramos aéreos num voo de trepadeiras.

A rústica vivenda repousava num desses momentos ilusórios, em que a perspectiva da vida toma o contorno sedutor e ideal de uma

miragem. A realidade perdia a sua forma grosseira e cruel e espiritualizava-se no relevo gracioso e pictural do sonho.

Uma serenidade jucunda flacidamente florescia e fluía na vivenda em que o toque-toque dos tacões de Flora punham o ritmo jovial de uma música inusitada.

Os primeiros dias de uma intimidade nova escoavam-se em longas conversas na atmosfera familiar de um gabinete, ao canto da varanda aberta ou sob a cúpula frondejada do caramanchão rústico, em horas reservadas de alegrias serenas e inesgotáveis confidências.

Mas a pouco e pouco o alvoroço da casa ia se extinguindo: a chácara voltava aos antigos hábitos, fechando o parêntese de ruídos inusitados, de lazeres sem conta e de serões que se prolongavam pela noite adiante, espalhando claridades festivas pelas janelas. E o que a vida perdera em alvoroço ganhara na intimidade plácida, na mansa quietação beatífica dos afetos, na aproximação familiar, no simpático convívio dos caracteres, no religioso silêncio, na hospitalidade quase monástica da chácara. As horas escoavam-se doces e devagar na indolência repousada dos dias vazios de preocupações mesquinhas; as tardes sucediam-se muito tépidas e luminosas, cheias de cantos d'aves e de estridulências de cigarras; o interior da casa convidava e atraía como um abrigado retiro de sombra e de absoluto sossego; e nas pausas lentas das conversas tudo lá fora silenciava, como calado repouso dum êxtase.

Mas o silêncio era cheio de voluptuosidade e de encanto; repousava, acariciava, sorria; convidava à meditação, ao recolhimento e ao mesmo tempo às voluptuosidades mansas, às elevadas cismas idealistas...

E era assim que eu sentia derivar-me a vida em férias naquela hospedagem amiga e desvanecida; e nunca ela se me afigurou nem mais doce, nem menos inocente, repontando assim entre dois destinos

plácidos e regulares como paralelas traçadas para o mesmo arcano do futuro: eu era cândido, espontâneo, confiante; nenhuma preocupação molesta; nenhum receio às ciladas do acaso. Arrepentia-me de não ter ido de mais tempo gozar o quinhão de conforto e paz que me fora tanta vez oferecido no instante apelo de uma liberalidade amiga; a esta solicitação feita com uma cobiça sôfrega eu regateara, entretanto, a minha adesão que depois arrepentia-me de haver procrastinado. Como era doce, então, viver! No íntimo de meu coração palpitava algo de terno, de doce, de elevado que me fazia olhar com alegria para a Vida e que era como uma primavera e como que um renascimento. Assinalando estes sintomas, observando os pródromos que anunciavam um Natal nem por isto eu pudera apreender senão o latejo delicioso de uma semente que germina, que vai rebentar e florir...

Presentia apenas que a luz zodiacal da minha vida emanava de uma nova estação e vinha embalsamada de eflúvios primaverais.

Apenas um pesar, e este mesmo adoçado de ternura e de simpatia, vinha anuviar os meus dias; e era — a profunda, a sinistra, a implacável melancolia do amigo que escabujava de novo num grande desalento, sintoma assustador de grave enfermidade, tal era a sua inerte transigência, a sua cobarde capitulação com o sofrimento.

E ainda aqui antolhou-se-me um traço simpático do caráter de Carlos que levava a delicadeza ao extremo de dissimular-me os seus sofrimentos para que mesmo este pesar não fosse empanar minha despreocupada beatitude.

Era-lhe um penoso sacrificio aquela dissimulação para com um amigo que sempre fora o confidente dos seus segredos e das suas cogitações; bem certo estava de que encontraria um eco de simpatia na ternura amiga, quando me abrisse a sua alma coroada de espinhos; a confissão trar-lhe-ia talvez uma certa satisfação pelo desabafo das tristezas que o oprimiam. Para que, porém, surpreender-me em

pleno sonho para vazar-me n'alma o vírus ácido dos seus desalentos? Isolava-se, fugia para o silêncio do seu gabinete; constringia-se; afivelava sorrisos à máscara da face, inventava mil estratagemas e artifícios, para iludir-me, como iludia à Flora.

Mas involuntariamente traía-se; deixava-se ficar abstrato a meio diálogo; uma ponta de tristeza vinha esbater-se na fisionomia desarmada; e o seu sorriso, mesmo contrafeito, forçado, esboçava-se palidamente como um olho de sol repontando num nevoeiro de lágrimas. Eu era um observador bastante sagaz para que me escapassem as sugestões dos imperceptíveis detalhes fisionômicos; porém, tinha escrúpulos de inquiri-lo, respeitando os motivos, decerto delicados, que presidiam à reserva de Carlos.

A este respeito perdia-me em conjecturas, indagando se somente os sofrimentos físicos podiam provocar aqueles profundos desalentos; ou se causas delicadas, presas a melindrosos desgostos domésticos, à desinteligência conjugal, seriam a chave daquele obstinado silêncio, embora todas as aparências desmentissem em absoluto esta hipótese que Carlos acabou de desfazer no acaso de uma conversa de que a felicidade constituía o assunto.

Carlos falou-me de Flora com um reconhecimento profundo; amava-a com uma ternura que não se desfazia; referia-se a ela quase que como a um objeto de devoção e de culto, com um plácido enternecimento de irmão mais velho por uma irmã adorada, e era todo carinhos e afagos pela bondosa criatura que iluminava-lhe a desbotada existência no raio quente do seu olhar.

Enquanto falava, eu li-lhe nos olhos uma profunda sinceridade.

E a rir palidamente, Carlos concluiu:

– No quinhão de felicidade que a sorte me distribuiu, foi este o único que me coube. Ainda bem, pois foi o melhor que podia tocar-me para atenuar os outros, os maus que me foram destinados.

E ao cabo de uma pausa:

– Não fora isto e a vida ser-me-ia absurda e inútil.

Nesta frase vi eu resumido todo pensamento de Carlos. O mais substancioso discurso não valia esta simples frase, emitida tranquilamente num laconismo que condensava toda a história da felicidade conjugal. De fato, pensava eu, não quer isto dizer que ele tem em Flora toda a razão de ser de sua existência e de seu futuro? Não constitui ela, portanto, o maior bem que lhe é dado gozar, aquele mesmo que mais desejavam as suas mais ardentes aspirações? Perdê-la será perder a luz dos olhos, tatear na loucura, despenhar-se nas trevas, cortar todas as amarras presas à vida, submergir-se num pego de incertezas, agonizar na pior das torturas, inteiriçar-se em epiléuticos delírios, crucificar-se no calvário da desesperança, endoidecer, aniquilar-se, morrer!

Assim por uma feição especial do meu temperamento, punha-me a explicar, a exagerar o pensamento do amigo. Mas por que sofria ele, então?

No gabinete de trabalho parlávamos serenamente. Era uma peça vasta, amplamente iluminada pela luz de duas largas janelas, sobriamente mobiliada com algumas cadeiras, uma larga mesa carregada de papéis e livros e um alto armário, servindo de biblioteca. Na disposição simples dos móveis o olhar exercitado descobria uma grave preocupação de vida meditativa, de cismas solitárias, de trabalhos serenos, denunciando os hábitos de um espírito estudioso e refletido, sujeito a emoções puras e severas.

Naquele retiro afastado o silêncio favorecia os trabalhos intelectuais e as confabulações íntimas, ao canto do aposento, junto às janelas abertas, e dava-lhe a severidade monástica de um retiro espiritual. Era ali que Carlos trabalhava, quando não me levava para o gabinete, passando comigo horas de uma penetrante doçura e discreta melancolia.

Anoitecia. E ao canto do salão, naquela hora crepuscular que Carlos tanto amava, ficamos nós três contemplando pela janela aberta a agonia maviosa da tarde, empalidecendo devagar sob a invasão compassada das sombras da noite que desciam das manchas ásperas das montanhas.

O céu descorava, a linha do horizonte ia aos poucos se apagando e apenas para as bandas do poente uma linha pálida e obstinada persistia, corada, invencível, imóvel, diluindo-se numa liquefação rala de rosas moribundas.

- Como é lindo! exclamei.
- Como é suave! aventurou Flora.
- Como é triste! suspirou Carlos.

Na sua voz havia um tremor imperceptível quase e, voltando-me para ele, vi na sua face pálida passar a sombra de um profundo desalento que lhe pesava na alma, torcendo a linha amarga da boca numa explosão sufocada de sarcasmos. Seus olhos voltavam-se para a palpação luminosa do poente onde uma pincelada cor-de-rosa se debatia ainda na ânsia extrema de uma vida que se apaga; os últimos burburinhos morriam também; e da grande calma sideral descia um silêncio furtivo, cheio de sombras e de reticências, calando o gorjeio dos ninhos e cerrando os cílios aromais das flores. Os contornos das montanhas confundiam-se em manchas negras, no destaque vivo dos céus; para longe, com uma precisão litográfica, desenhavam-se as linhas góticas dos campanários.

Um corvo riscou um voo lento e elíptico pelo céu, sumindo, desaparecendo para os longes luminosos e tranquilos.

E de súbito uma toada de *Ángelus*, dolente, musical, suavíssima, ficou vibrando no recolhimento extático da luz moribunda.

Flora retirou-se e, quando de novo encarei o meu amigo, a sua face traía toda a comoção interior que abalava a sua alma; lágrimas

esboçavam-se nos seus olhos dolorosamente encovados, sombrios, apaixonados, sofredores.

Senti-me dominado por aquela dor muda e calada que se debatia na mordaça de um sofrimento silencioso. E inquiri-o, cheio de solicitude, com a carinhosa meiguice de uma alma irmã:

– Sofres, meu amigo?

Debrucei-me sobre Carlos, abraçando-o pelos ombros, enternecido e inquieto.

E a confissão, provocada, jorrou finalmente numa triste confidência de revelações doentias, em que se reconstituía toda a história de um sofrimento moral que mais se requintava por uma sensibilidade exagerada. E a sua vida desfiou sob um véu de lágrimas, cortada de dissabores, cheia de sobressaltos, diante de uma ameaça que lhe roubava o repouso de todos os momentos e a satisfação do prazer mais inocente. Para diante dos seus olhos abria-se um horizonte sem perspectivas, monótono e acabrunhador como a linha ilimitada da imensidade do oceano.

Todos os seus sonhos extintos, todo o seu destino aniquilado, apagadas todas as nobres energias, uma existência vazia e inútil. Saíra para a vida, armado para o combate, e não resistira às primeiras escaramuças, ferido de morte, inutilizado para sempre. Sabia compreender a lei irrevogável da Luta pela Vida e sabia-se um condenado que trazia desde a origem a fatalidade absurda da Degenerescência. Era contra esta disposição tirânica que se revoltava o seu espírito, que se debatia na ânsia de apreender a síntese suprema que lhe trouxesse a consolação espiritual de uma condição cruel. Fazia a análise de sua alma; narrava os seus estados doloridos; retalhava-a devagar com uma satisfação atroz. E eu compreendi as tempestades secretas que se levantaram no fundo daquele coração martirizado que sangrava ainda na palpitação fremente das dores irremediáveis.

– Perdoa-me, se te atormento. Que queres? Tenho nervos femininos, doentes, excepcionalmente irritáveis. Aquele frígido poente tem para mim sugestões terríveis; era preciso conhecer o meu estado de alma para compreendê-las. Depois, imagina a minha tortura; preciso dissimular-me, calar-me. Bem vês que és o único a quem confio os segredos destes tormentos.

E, lentamente desabafando uma agonia de há muito calcada, ia descortinando os horizontes profundos de sua alma, cansada de percorrer a via da amargura a caminho de um calvário sobre o qual se desenhava o traço de uma cruz de martírios. Uma aspiração, entretanto, sobrelevava as outras que deviam se dispersar como as pétalas de uma flor fanada.

E ao esboçar seu projeto nunca revelado, seus olhos animavam-se no ardor de um apóstolo que viesse de novo pregar o sermão da montanha diante de um concurso piedoso de conversos, ou evangelizar, sob uma forma simples de confabulação íntima, à boca da cisterna, diante dos olhos extáticos da Samaritana e da tristeza vespéral dos olivais bíblicos. Seria uma obra de fé por que atravessasse um sopro fecundo de moral elevada, simples, sugestiva e profunda, cristalizada na forma lapidar de uma Odisseia e de uma Bíblia, um evangelho moderno, destinado a aplacar a angústia de todos os que sofrem, todos os que palpitam sob o aguilhão das dores.

À evocação desta ideia tanta vez acariciada, a sua face reanimava-se, abrasava-se ao calor da missão evangelizadora que se fosse levantando por entre homens, entre bênçãos plácidas, ressoando em hinos de paz, resplandecendo numa aleluia de redenções, como quando o Rabbi penetrou as portas da cidade bíblica, cavalgando um jumentinho cândido. E seus olhos abismaram-se nas sombras do crepúsculo, enlevados no prestígio daquele apostolado; súbito uma imagem cruel dispersou o seu elevado encanto, enchendo-o de inquietação e

desalentos. No jardim, que a noite reduzira a um maciço disforme de sombras, caótico e ameaçador, somente o cipreste tinha uma forma nítida, de uma realidade flagrante e esmagadora.

— Porque, meu amigo, o que mais perturba a nossa época tão diversa das que a precederam, avançando entre tradições mortas e religiões extintas, oscilando entre as correntes de um misticismo deficiente e as filosofias cétricas, é um princípio diretor da vida.

Nós sofremos hoje moléstias não classificadas, lesões desconhecidas, uma sensibilidade incompleta ou exagerada, as degenerescências da liquidação de uma raça ou de uma civilização avançada, complexidades modernas do sentimento, aberrações morais, mil torturas que são outros tantos problemas inquietantes de uma atualidade nova e palpitante. Os últimos exemplares das almas sãs e tranquilas vão se esgotando nas nossas gerações decadentes, em que se apagaram os impulsos espontâneos e as virtudes másculas das gerações simples. Tu, por exemplo, és talvez o homem normal, a edição perfeita para a qual colaborou um concurso de admiráveis fatores. Fisiologicamente, tu és o animal são, harmonioso, movendo-se com a precisão de uma máquina, tal a regularidade de todas as funções, tão exato é o jogo de todos os órgãos. Atingiste à idade em que o homem está na plenitude de suas forças e da saúde; a anatomia do teu corpo não se ressentiu do menor defeito; a riqueza da musculatura atesta o teu vigor; o mesmo equilíbrio preside às tuas faculdades; tu és, enfim, antropologicamente, um ser superior. No desenho da tua cabeça se traduz o intelectual. Pois bem; apesar de tudo isto, tu poderás ser um epileptoide, isto é, uma forma delicada das enfermidades do homem de gênio; o trabalho mental poderá haver-te produzido um excesso de sensibilidade, uma destas mil enfermidades dos nervos, patogênese de graves desarranjos muitas vezes. Eis aí ao que chegou a vida moderna. Cada indivíduo é um doente; já não falo de mim, porque em cada degenerado eu sinto

um cúmplice e um irmão e tenho por ele uma aguda simpatia. E aqui onde me vês, sob uma aparência de completa tranquilidade, sou um dos doentes desses males que te aponteí, sem encontrar para eles um corretivo. E compreenderás agora a sanha ululante dos revoltados, explodindo na apóstrofe incandescente da dinamite, quando vêm disputar o quinhão de prazer na terra, desiludidos de uma recompensa futura pelos males que os afligem. E era este pensamento de redenções que inspirava a impassibilidade sobrenatural dos primeiros mártires cristãos no suplício das fogueiras.

E depois de uma pausa continuou lentamente:

– Eu descortinei aos teus olhos meus sofrimentos. Pois bem! além deles eu sofro uma estranha moléstia que não sei como deva classificar; nem sei mesmo como estabelecer esta verdade d’alma e se devo remontar suas causas à hereditariedade, a um defeito provável de educação ou à complexidade da nossa natureza ao mesmo tempo intelectual e sentimental. Tu conheces com que paixão eu emprego as minhas faculdades de análise à investigação da vida interior; nada tem para mim maior interesse do que desvendar os lugares recônditos da alma e constatar a natureza múltipla de minhas impressões; o meu amor à observação exaltou-se tanto, que sinto dentro em mim como o desdobramento de dois seres – um que age, outro que analisa. Resulta daqui a vantagem de notar as mais fugitivas nuances de um estado de alma a par de gravíssimos inconvenientes... Não sei se a iniciação de todos os homens no amor é seguida de um invencível asco pela mulher que pela primeira vez os possuía.

Quanto a mim a náusea foi tão profunda, que votei-lhe um invencível horror, exaltando-me todavia pelo amor idealista e imaterial; e nunca mais pude retribuir à ternura da mulher amada, sem uma certa frieza, reconhecendo-me incapaz de entregar-me aos profundos transportes da paixão, surpreendendo-me a analisar glacialmente a

voluptuosidade do momento. Por mais que procure reagir, o poder da vontade é incapaz de insurgir-se contra esta anomalia instinto-sexual, esta impotência de amar tal como a maioria dos homens. Parece que a minha energia se dispersa em desperdícios de forças nervosas, em desvios do senso genésico, como se eu fosse uma vítima de um abuso da sexualidade; de onde me sobrevêm uma fadiga anômala, um esgotamento inexplicável. O sistema muscular, como vês, se ressenteste desta estranha moléstia que torna incompletas e irregulares as sensações físicas do amor sem extingui-las de todo e sem tirar-lhes o caráter puramente sentimental. E sobrevêm-me tristezas profundas, um abatimento moral, uma depressão nervosa. Como explicar esta incapacidade da sensibilidade amorosa quando sinto todas as ternuras da paixão, tal como as descrevem os fisiologistas e os poetas? Amar sem prazer, que tristíssima cousa, quando sentimos todos os nobres impulsos do coração, todos os frêmitos da carne e um véu tenuíssimo põe um frio glacial nos nossos transportes. E assim mais uma decepção cruel se ajunta os meus sofrimentos, a estes sofrimentos que só sabem compreender as almas doentes, os seres complexos que se voltam para a observação do mundo interior. Tudo isso provoca-me um profundo desprezo pela vida, pela existência e pelo mundo; incapaz de o dominar, sinto-me aniquilado, refugiando-me na minha melancolia e procurando apenas conseguir o meu aperfeiçoamento moral. A piedade que sinto pelos outros origina-se da piedade que sinto por mim mesmo, pelas minhas fraquezas, pelas minhas agonias e pela minha miséria. E encarando a natureza, o céu, a terra, o mar, tudo isto se me figura a forma material de uma vastíssima quimera, o símbolo apenas da Vida. Involuntariamente volto-me para o misticismo, arrastado por uma necessidade de paz e de ventura, de beatitude e de repouso. Tu vês: os *Rosais* são um refúgio inviolado, um retiro em que voluntariamente me sepultei, sentindo-me incapaz de produzir

uma obra duradoura e genial de redenção que fosse derramando pelos homens as novas tábuas da lei, as doutrinas regeneradoras do Bem, uma vasta concepção filosófica que pudesse satisfazer a ansiedade dos que se debatem na nevrose cruel deste desolado final de século!

E como fatigado, Carlos deixou-se cair na cadeira numa atitude sucumbida de inerte e inconsolável melancolia.

Eu escutava-o compassivamente, doído de sua desventura, sem encontrar, porém, na ternura de minha amizade, uma só palavra animadora que se não confundisse na frivolidade das consolações banais e que pudesse alevantar aquele espírito da sua prostração, o seu verdadeiro e pior mal. Tinha uma piedade fraternal pela vítima resignada à impotência, que ali estava imóvel e silenciosa então, recolhida de novo a um doloroso mutismo de condenado à morte.

O crepúsculo ia-se apagando; da janela entrava um clarão violáceo, muito esmaecido e doce, como uma grande alma que se exalasse nas sombras... À medida que estas se condensavam, os olhos de Carlos cresciam, iluminados pela chama interior dos pensamentos; o rosto aflava-se, as linhas aguçavam a violência da face e do queixo; e, dentre a palidez marmorizada da cútis, surgia, inquieta, uma caveira cujo olhar sobrenatural devorava a solidão circunfusa.

E a sua voz (uma voz que não parecia humana e que vinha gemendo através dos túmulos) sua voz murmurou desoladamente:

— E eis-me reduzido à inércia e à morte. A minha passagem pela vida não se cristalizou em nenhuma obra meritória e benéfica. Ali, nos raios da estante, encontrarás, entretanto, os vestígios das minhas baldadas investigações e inúteis pesquisas, porque as vigílias se consumiram vamente em noites que poderiam ser aproveitadas como essas que padre Ângelo consagra à prática fecunda de uma ativa caridade. Os livros não responderam à inquieta interrogação do meu espírito e eu, louco, acreditei que a minha boa vontade poderia talvez

chegar mais longe do que o esforço de todos os homens. Comecei pela sociologia; mas em breve verifiquei que qualquer reforma social poderá trazer incomparáveis benefícios, mas não resolverá o problema das crises morais do sofrimento. Daí em diante foi uma batida sem termos pelos domínios das ciências que podiam projetar uma pouca de luz sobre o meu enigma; e até às cavernas fantásticas das ciências ocultas fui bater o meu cajado de peregrino... Ah! não sei se te recordas ainda, era esta uma preocupação comum; o fantástico, o extraordinário, o inédito nos atraía irresistivelmente; e ensaiei contigo algumas experiências, lembra-te?

– Sim, confirmei; mas sempre frustradas.

– Ah! decerto, retrucou ele pensativo; nem por isto elas são menos admiráveis nem os seus resultados dia a dia deixam de descortinar um recanto de mistérios que nos fascinam e assombram.

– Chegaste, pois, a um resultado definitivo?

Carlos respondeu com desalento:

– Não; para o objeto de minhas indagações, nenhum resultado decisivo.

Eu sorri.

E apertando de súbito o meu braço:

– Não zombes, porque não tens direito de pôr em dúvida a realidade objetiva dos fenômenos físicos que venceram a resistência contumaz das academias, adquiriram foros de ciência e dispõem da colaboração e do testemunho de nomes os mais respeitáveis da ciência oficial. Tu bem conheces esses elementares fenômenos espíritos, tão elementares quanto irrefutáveis. Ah! a força psíquica! Eis aí onde eu encontraria a chave do segredo que em vão procurei decifrar! Outros o desvendarão no dia em que aquela força puder ser estudada, medida, pesada, como as forças psíquicas da natureza. Então a alma humana será retalhada nos anfiteatros de anatomia e será analisada

como um músculo através de um microscópio, entrará para as re-
tortas, passará pelos cadinhos da química, cristalizar-se-á em sais,
exalar-se-á em vapores! E então, quando os segredos da alma humana
estiverem devassados, quando a investigação penetrar as brenhas em
que rugem os instintos, as cavernas em que se abismam as paixões,
quando as suas zonas mais longínquas e continentes mais inóspitos
estiverem descobertos, por certo há de haver algures o remédio para
todas as psiquiatrias, o antídoto para combater todos os tóxicos que
nos envenenam de desclassificados sofrimentos morais!

Eu estava interdito; a voz do meu amigo era tão estranha, o gesto
tão desordenado! Desvairaria ele?

Carlos, esgazeando os olhos pela alcova, baixou a voz que pareceu
velada por abafadores:

– Ouve. Durante as minhas experiências descobri em mim uma
prodigiosa faculdade que é ainda hoje para todos um mistério. Sim,
sou dotado de uma das mais raras mediunidades – a da materializa-
ção de pessoas. Tu conheces as narrações dos fenômenos singulares
que acompanham as experiências dos mágicos de todos os países, dos
faquires, dos dervixes, dos teósofos, dos médiuns, toda a espécie de
investigadores de esoterismo. A mediunidade materializante de que
sou dotado não difere de alguns fenômenos observados, porque eu
materializo a qualquer espírito, tomando a imagem evocada a forma
espectral, mas de *forma palpável*; compreendes?

Não pude deixar de sorrir.

– Duvidas? E posso até descrever-te o estado extraordinário em
que me sinto durante esta rara e singular operação... Por que pões
em dúvida, quando a telepatia constata este fenômeno estranho da
evocação dos mortos, reproduzindo por meio do *médium* a imagem
exata da pessoa evocada, sob uma forma luminosa, pálida, lunar, mas
rigorosamente idêntica e palpável?

Eu emendei docemente:

– Mas nem eu ponho em dúvida o fenômeno. Apenas, além de testemunhos alheios, eu desejava ver...

Carlos esteve um momento silencioso; seus olhos enormes, luminosos e profundos fitavam-me, com um poder de penetração intollerável.

O rosto, esbatido de sombras, era espectral; e de súbito, cravando-me de perto os olhos, disse-me com uma rude violência:

– Lamento que não possa satisfazer-te agora; mas dou-te minha palavra de honra de que hei de fornecer-te a prova irrefragável *até mesmo depois da morte!*

O acento com que falou era tão singular, que eu tive um desfalecimento pálido; e os olhos fulminantes daquele amigo, que estava tão próximo da loucura, vencendo a minha compaixão, causavam-me uma sensação incômoda, aflitiva, magnética, de repulsivo pavor.

Sua voz fez frio no aposento.

Flora entrava com as luzes.

– Chut! fez Carlos para mim designando-a com um gesto.

E eu vi-o de novo reassumir a sua atitude calma, ligeiramente irônica, sob a qual dissimulava a sua angústia aos olhos de Flora, para que ela não sofresse e continuasse a viver numa ignorância despreocupada e feliz.

Ela veio sorrindo para mim.

– Por que não entram? Está tão sombrio aqui! Eu farei um pouco de música, se quiserem.

E a um gesto de aprovação, fomos sentar junto ao piano, enquanto Carlos deixava-se ficar exilado no silêncio da sombra.

O primeiro acorde ressoou.

Eu, sentado ao lado de Flora, via-a de perfil, muito luminosa, muito clara, a cabeça ligeiramente inclinada para diante. Os cílios

longos punham uma sombra nos olhos que se apertavam sobre as pautas da música.

Sem transição, eu senti despolarizar-me do estado de alma em que deixaram-me as impressões daquela visita espiritual feita à alma de Carlos que se abriu, como um tabernáculo, para revelar-me todos os seus segredos; as últimas revelações sintomatizando para mim um desarranjo mental, uma obscura psicopatia, encheram-me de presságios, de terror mesmo pela tinta fantástica de suas últimas palavras. Pois, de súbito, deixando as trevas do seu gabinete na projeção luminosa da sala, eu esqueci-o imediatamente mais as suas aberrações e desalentos.

Era como se uma manhã luminosa e cândida dissipasse uma noite de torvos pesadelos; ainda assim o seu veneno devia remanescer no fundo de minhas ulteriores impressões numa outra ordem de sentimentos e idéias. A luz varreu-me do espírito as desagradáveis emoções; a presença de Flora comunicava-me um certo deleite e bem-estar.

Fui-me deixando embalar ao ritmo da música que alvoroçava o aposento. E absorto comecei a experimentar as primeiras impressões do trecho musical executado, impressões que exprimiam um estado de alma indefinido que não era o meu e que eu me esforçava para compreender e penetrar na linguagem vaga e fugidia com que a música traduz o sentimento.

De minha memória começou a surgir uma lembrança indefinível, que eu não sabia precisar, evocada por aquela música que me não era estranha e que me recordava qualquer cousa intangível que fugia como um proteu num nevoeiro de recordações longínquas.

E de súbito, um título corrido sobre a estante por um golpe de luz decisiva na minha memória, *Sonata de Kreutzer*, de Beethoven.

Recordei-me imediatamente, não da impressão que a música me causava, mas da influência que exerceu sobre a alma atribulada

daquele singular Posdnicheff, de Tolstoi, que eu evocava com gestos desordenados, arrastando passos maníacos num vagão de caminho de ferro moscovita, narrando o trágico episódio conjugal, cuja cena de sangue reconstituía-se na minha memória com uma intensidade dolorosa que me dava arrepios de pavor, quando o violinista Troukastewesky num pânico cobarde abandona a amante, que o defende, à fúria homicida do marido ultrajado.

E sem saber por quê, esta lembrança começou a pesar-me como uma obsessão, a fazer-me mal, pela aproximação do drama doloroso, como se eu próprio fora um dos seus protagonistas. Verificava nele o fundo amargo e pungente do adultério, desenrolando-se em catástrofes terríveis. Na minha consciência começava a instilar-se o veneno de uma culpa não cometida.

Entretanto de novo experimentava aquela beatitude e perturbação desconhecidas ao respirar a atmosfera que se fazia em torno de Flora; tinha por ela como que uma devoção enternecida e submissa, sentindo o encantamento inexplicável que me dominava todas as vezes que me aproximava daquela criatura, que eu visitara na parte mais nobre do seu espírito, compartilhando dos mesmos gostos, participando das suas predileções, associando-me aos mesmos sonhos e comungando nos mesmos ideais.

Tanto mais intimamente nossas almas se comunicavam quanto mais avultado se me afigurava o seu raro cabedal de observações penetrantes, revelando-me a delicadeza de sua educação e de sua sensibilidade.

Amo-a? eu me interrogava, cheio de perplexidade.

— Em que pensa? perguntou-me ela, de súbito.

Senti-me despertar. O piano havia silenciado. Flora tinha colocado sobre o meu ombro a sua pequena mão e este simples contato causava-me uma sensação intraduzível; a sua ligeira pressão enchia-me de

orgulho, como se fora uma promessa, e de reconhecimento, como se fora uma mercê.

Flora havia se inclinado para o meu lado, de modo que apenas uma pequena distância separava as nossas cabeças, e olhava-me tão de perto, que cuidei tivesse a intenção de sondar a minha alma através de minhas pupilas.

– Em que pensa? repetiu com uma insistência familiar.

Não sei por que o pensamento que eu desejava dissimular traiu-me nesta frase:

– Penso em nós ambos...

Seus cílios palpitaram; ela retirou lentamente a mão que ainda se fixava no seu ombro.

A luz agitava-se no candelabro, iluminando a sala silenciosa. Pela janela aberta uma aragem suave trazia emanações embalsamadas do jardim. Uma estrela tauxiava o céu, como um brilhante enorme.

– E que pensava a meu respeito? inquiriu Flora, fitando-me de novo.

– Não sei dizer precisamente. Todavia, cuido descobrir na sua boca não sei que vaga expressão de tristeza. Será verdade?

Ela riu-se. Por quê?

– Eu é que o vejo triste, esta noite. Por que razão?

Eu não ousei responder; fitei-a com uma tal expressão que ela desviou os olhos, baixando lentamente a cabeça, sem dissimular a perturbação que a invadiu. Não sei que singular excitação sentimental dominou-me naquele instante; a humildade de Flora enchia-me de alvoroço, a sua perturbação causava-me íntima alegria.

Ama-me! Ama-me! pensava eu, e este pensamento encheu-me o coração de um esto de ternura. As palavras, entretanto, não me acudiam à boca e eu não ousava fazer uma declaração formal de amor.

Houve um momento, porém, em que recei havê-la ofendido: parece-me notar-lhe um gesto reprimido de desdém ou de repulsa.

Apoderei-me da sua mão e apertei-a nas minhas com transporte, voltando-me para ela.

– Perdoe-me, supliquei numa voz submissa que decerto a comoveu; perdoe-me!

Ela nada disse, mas abandonou-me a sua mão inerte e flácida que eu apertava docemente, incitando-a ao perdão. Flora tornou-se muito pálida, evitando encontrar o meu olhar.

Um silêncio perigoso criou para nós ambos naquele rápido instante uma situação artificial, intolerável.

Flora calava-se. Eu via-a durante momentos pálida e silenciosa, com uma palpitação que lhe fazia arfar o seio, como se ela esperasse ou receasse ainda uma declaração ou uma palavra indiscreta ou enfim um perigo qualquer que não podia prever.

Depois que os nossos olhos se encontraram ainda por um movimento absolutamente involuntário e casual, eu tinha receios de fitá-la ou de falar-lhe; parecia-me que, se ousasse proferir uma palavra, a minha voz deveria ter uma ressonância anômala naquela sala em que o piano silenciara.

Foi Flora mesma quem cortou o embaraço, dirigindo-se para a porta do gabinete. E a sua voz clara, ligeiramente nervosa, chamou:

– Carlos! Carlos!

Eu estremecei.

V

Naquele momento uma revelação definitiva se fez na minha consciência com um esplendor estridente de verdade. Sem o desejar, surpreendia-me pensando em Flora com voluptuosidade; a sua imagem luminosa não se apagava do meu espírito; fechava os olhos

e continuava a vê-la; tinha nos ouvidos o timbre de sua voz; cuidava sentir ainda o contato de sua mão ardente, comunicando-me a febre de um desejo; afligia-me, quando a sua ausência abria um vácuo diante de mim. Era uma obsessão mais forte do que a minha vontade.

Insurgia-me embalde contra a hipótese irritante de uma paixão inconfessável, mas diante da perfeita lucidez do meu espírito ficou bem patente a dolorosa verdade! Para que tentar iludir-me, prolongando uma situação falsa e insustentável, quando não me sentia com forças para interpor a muralha chinesa de uma obstinação inexpugnável entre a satisfação de uma paixão monstruosa e o sacrifício, que me impunham o dever, a amizade e a honra?

Fosse como fosse, não podia subsistir a menor dúvida sobre a natureza daquela afeição, com que brinquei como uma criança joga com um veneno. Todo o seu lado romanesco e espiritual, que eu confundí com uma simples afeição fraternal, não era nada mais do que o verniz sedutor e capcioso que toma toda paixão amorosa no seu período platônico.

Se, ao menos, tivesse a felicidade de não ser correspondido, ainda bem; mas eu sabia, eu adivinhava que Flora não me era indiferente. Ela não devia ter compreendido ainda a perigosa aventura a que se arriscava e não havia chegado talvez, como eu, àquele resultado, para mim tão exato como uma operação algébrica.

Do que nela se ia operando tinha uma absoluta certeza; mil pormenores, que não me escaparam, a maneira por que me falava, a expressão do olhar, frases ingênuas, mil cousas subentendidas e não articuladas, um gesto, uma atitude, e principalmente esta como corrente elétrica que se estabelece nos sorrisos, levaram-me a uma completa evidência. E ficava a cismar se, nas circunstâncias especiais em que o acaso me envolvia, eu traísse a amizade, sacrificasse aquela paz doméstica, perturbasse duas almas confiantes, iludisse aquela

lealdade sem limites, salpicasse a minha alma no lodo de um incesto quase, que palavra deveria encerrar e traduzir o sentido daquela inqualificável infâmia?!

Assim como às pessoas de uma sensibilidade particularmente delicada, a simples imagem do sabor de uma cousa repugnante provoca vômitos antes mesmo de serem coagidas a levá-la à boca, assim a imagem da traição que eu ia praticar foi tão enérgica e precisa que eu tive a sensação de desgosto e acabrunhamento que ela deveria causar-me mais tarde, e que era como se me despenhasse num poço de lama deletéria.

Não obstante, ao mesmo tempo a esperança da posse do objeto amado, o antegoço da sua conquista enchiam-me de alegria, estimulavam os meus apetites bestiais.

Eu tinha plena consciência do desdobramento do meu eu, da presença simultânea de dois centros de ação, de duas séries paralelas de desejos contrários, da coexistência de duas pessoas morais distintas e justapostas no meu cérebro.

Outros veriam talvez no meu caso um inocente *flirt* elegante, julgando ridículas e doentias as minhas apreensões; contudo compreendi a extensão do meu sentimento, para não receá-lo. Eu só tinha uma solução – retirar-me, porque não acreditava que aquela paixão insensata pudesse crescer e desenvolver-se à distância; seria, além de um ato de proibidade, um meio de subtrair-me à sua influência nefasta; e, se naquilo porventura houvesse uma abnegação, sentiria um nobre desvanecimento em praticá-la.

Desde que a vi pela primeira vez, uma secreta perturbação revelou-me que eu a amaria talvez e que Flora exerceria sobre mim uma influência como ninguém jamais exercera; era ela a mulher, tal como eu desejava e tal como sonhei.

Uma curiosidade me retinha ainda: por que Flora não amava a Carlos? Se o amava, por que esta singular conduta que lhe notei? Ele

era bom, terno, carinhoso. Comparava-me com ele e achava-o muito mais digno da afeição daquela mulher.

Haveria uma razão fisiológica porventura que aclarasse tudo aquilo? Eis as questões que involuntariamente me acudiam, enchendo-me de dúvidas.

Somente muito mais tarde eu pude saber apenas, sem conseguir devassar todos os mistérios de sua alma, o motivo pelo qual alguns dos seus dias se escoavam para Flora interminavelmente, sob a obscura palpitação de um opaco anseio, claustrados em crepúsculos de indefiníveis pesares.

Sob os pretextos invocados, certo o motivo verdadeiro e impalpável remontava à esterilidade do seu casamento, lastimável aliança improficua sobre a qual não descera a bênção da natureza por um desses vínculos de sangue que constituem quase sempre o indissolúvel traço de união de dois destinos. Um filho seria para ela uma graça e uma mercê do céu e nada podia ser equiparado àquele instinto de Maternidade que se incubava no íntimo de sua carne. Não era a aspiração elevada de eternizar-se no prolongamento indefinido das gerações sucessivas; ao contrário, o estratagemma da natureza consistia em incutir-lhe o desejo egoísta de sentir-se premiada pela maternidade, antecipando o gozo dolorido de todos os frêmitos sagrados que devem palpitar num coração de mãe. Que delicioso seria jorrar um leite saudável sobre a boquinha famélica de um ser ávido e frágil, cuja alma cândida desabotoa na floração rosada de uma carne loura, perfumosa e imponderável como a de um querubim! A perspectiva das insônias ao pé do berço, dos trabalhos de enfermeira, dos pequeninos e constantes cuidados, tudo isto exaltar-lhe-ia até o amor pelo rebento tenro de sua alma que viesse florir na atmosfera do seu lar.

A decepção deste desejo malogrado acordava das origens remotas da sua existência aspirações instintivas e anelos singulares... Queria

levar uma vida nômade por paragens distantes que parecia-lhe ter viajado outrora num carro de indecifráveis aventuras. Então, vinham-lhe lágrimas extravagantes, que Carlos perplexo afogava entre beijos, atônito diante destas aberrações do coração feminino; e nunca ele pôde explicar aquela desigualdade de humor de Flora que às vezes nas crises de riso terminava entre lágrimas, sufocada entre dois sentimentos opostos.

Eis o que eu não havia podido ainda aprofundar, sentindo que no fundo do enigma, em qualquer hipótese havia qualquer coisa de acerbo e de doloroso que me apertava e constringia o coração...

O que mais me penalizava, entretanto, naquele drama obscuro e passionário, não era Carlos que não suspeitava coisa alguma; a vítima que eu mais lastimava era Flora, era a mulher pela qual uma simpatia aguda me sugeria uma profunda comiseração pelo seu infortúnio.

E a mulher — pobres criaturas! — em todos esses obscuros dramas domésticos, é a que mais sofre pela inferioridade estabelecida para a condição feminina as mais das vezes com uma resignação e com uma doçura que bem demonstram o quanto ela continua a ser superior ao homem na esfera moral do sentimento e do afeto. A minha piedade por elas não deriva somente da sua condição subalterna e dependente da vontade do homem, como um prolongamento deste; eu queria a sua emancipação ainda pelas altas aspirações idealistas do amor que as perturbam e amarguram na violação dos seus mais íntimos sentimentos e de sua própria carne, no servilismo de sua submissão incondicional em que mesmo a satisfação da maternidade paga um tributo de lágrimas e de sofrimentos à natureza. Pelas condições excepcionais da educação, elas conservam o prestígio e a beleza da castidade, que os homens perdem na adolescência, e respiram uma atmosfera mais pura, que as tornam tanto mais superiores para o exercício da virtude e para a pureza dos sentimentos, quanto fracas e imperfeitas para a existência atual.

Pouco antes daquele momento sentia renascer-me numa atmosfera tão pura, que tinha a satisfação de mim mesmo e achava um sabor agradável à vida, tão simples era minha alma e tão doirada a ilusão de um renascimento para todos os sentimentos generosos e para todas as nobres e desinteressadas ambições humanas. Parecia-me haver retrocedido à quadra perfumada dos meus primeiros anos e alguma cousa de infantil esparzia-me no coração um incomparável eflúvio de bondade. A pouco e pouco uma suspeita foi me instilando um veneno sutil na tranquilidade em que adormeceram todos os meus sofrimentos; tinha receio de apurar a verdade, tão fulminante deveria ser o seu efeito; mas havia uma voz que me gritava: “Desce ao fundo da tua consciência, se é que tens coragem. Examina atentamente a natureza de tua amizade à mulher do teu melhor amigo e dize se ela é bem uma inocente simpatia fraternal, ou se não dissimulas sob essa aparência uma inconfessável e monstruosa paixão por Flora”. A princípio eu ainda quis reagir contra a insinuação perversa que me molestava profundamente; persuadia-me de que estava a fantasiar situações dolorosas e acerbas; cheguei a insurgir-me contra um inquietante pensamento mau e aflitivo que me irritava como a sensação de uma palha áspera passada entre os dentes. Foi, porém, com uma perfeita lucidez que arrisquei-me ao exame de que resultava uma verdade terrível e irrevogável.

Por que a natureza se compraz em torturar-nos, fazendo subir dos baixos-fundos do nosso ser sentimentos absurdos, aí dissimulados nas camadas misteriosas em que o segredo da vida interior se sepulta? *Se Carlos morresse!* Era em vão que repelia este pensamento iníquo! *Se Carlos morresse!*

O espetáculo daquela aberração moral em vez de encher-me de desespero ou de horror por toda a espécie humana, dava-me ímpetos de revolta improficua contra as leis impassíveis de uma hipótese inescrutável e imensa na qual repousa todo o problema da vida.

Quem deixaria de sentir uma cristianíssima e inconsolável piedade por todos os que vivem, por todos os que se debatem, arrastados, como folhas dispersas, por um furacão de fatalidades obscuras? *Se Carlos morresse!* Por mais frio, por mais calculado, por mais egoísta que seja o investigador que se compraz na dissecação da alma humana, sob o escapelo indiferente da análise, como deixar de comover-se, quando a solidariedade latente da espécie acorda nele um eco de ternura pela dor, como a vibração de uma corda desperta a vibração simpática de outra corda afinada pelo mesmo diapasão? *Se Carlos morresse!...*

E como os encargos de sua profissão tivessem obrigado Carlos a ausentar-se durante alguns dias, eu arrependia-me de não ter sido o primeiro a tomar mais cedo a resolução de deixar os *Rosais*, furtando-me a uma inquietante opressão moral, porque as minhas previsões iam-se realizando no declive fatal de uma situação, cujo funesto desenlace ameaçava-me com uma perspectiva sinistra de pesadelos e de expiações.

Tinha ímpetos de tardia revolta, por não haver oposto uma recusa decisiva e categórica a todas as solicitações que violentavam os meus propósitos e desígnios. E minha inquietação crescia ainda porque a ausência de Carlos punha um invencível constrangimento à minha presença na chácara, cuja imensa solidão, povoada de um estridente chiar de cigarras, isolava-a ainda mais do contato do mundo.

E as tardes cálidas caíam num largo esplendor estival, doiradas de luz, embaladas da *berceuse* das fontes, derramando molezas de sesta, espreguiçamentos lânguidos, lassidões doces e soníferas dos nervos. O ar abrasado era imóvel e as águas faiscavam como a lâmina de um espelho ferida de sol. Na sombra das goteiras as pombas arrulhavam idílios castos de casais apaixonados.

Eu sentia as sugestões latentes dos largos silêncios, cheios de recolhimento e de solenidades. A perspectiva do mundo afastava-se,

apagava-se à distância num horizonte longínquo, afogado em brumas e nevoeiros, e eu refugiava-me no meu sonho, embalado no gozo falaz de furtar-me à realidade e de partir para bem longe, numa terra doirada e fantástica em que o meu ideal pousara num bivaque estrelado sobre o qual se levantava a tenda pálida de um crescente. Mas os atritos da existência despertavam-me dos meus arroubamentos e a minha alma exilada descia de novo do sonho estelário para o qual se alara em busca de um instante de repouso e de tréguas aos sentimentos que travavam luta no meu coração. Passeava minha inquietação, procurando aplacar-me, em longas excursões pelos bairros tranquilos que surgiam de improviso em planos deliciosos de pintura, em linhas sugestivas de desenho, em composições e motivos de aquarela.

E eu gozava das impressões virginais das paisagens, contemplando-as com olhos enternecidos, que me davam não a visão da natureza tal qual ela é, mas tal qual se me mostrava sob a feição particular de minha sensibilidade. Ora prendia-me a vista um velho trecho de rua arruinada, com casebres fúnebres, de paredes ulceradas e telhados engalanados de heras, surgindo a espaços dentre muros esboroados de pedra solta e dentre copas sombrias de laranjeiras; ora, ao desembocar dum viela deserta, topava de súbito, sob uma linha de árvores, marginando estradas em declive de terras culturáveis, um trecho d'água bucólica, espelhando o céu vespéral, pincelado de toques ligeiros e vapores azulados, e no último plano um horizonte cheio de murmuras melancolias, de meias-tintas esbatidas num poente saudoso.

Às vezes, de volta às excursões incertas, botava-me para a casa de padre Ângelo, bem pousada num canto do arrabalde, sorrindo na brancura das suas paredes, com janelas de arco, sem caixilhos. Encolhia-se na sua pobreza, recuando para dentro dos muros num silêncio monástico que um cacarejar de galinhas cortava e às vezes também um mugido amplo, melancólico, pacífico, que saía do estábulo, como

uma súplica. Sobre os muros desenhavam-se as copas dos intermináveis cafeeiros; e um cheiro a jasmims e sassafrases!...

Era de uma extrema pobreza a casa do sexagenário, que havia renunciado a todos os quinhões de prazer. E vinha estender-me as alvas mãos de prelado, sorrindo pelos olhos que conservavam uma expressão fundamental de radiosa candura na transparente cristalinidade do olhar. O meu ceticismo sentia-se tomado de simpatia e respeito por aquele humílimo sacerdote, tão sensível às desgraças alheias, tão simples nos seus mais belos atos de caridade, tão simpático na sua humildade clemente, tão suave na sua simplicidade benfazeja, e tão puro, tão doce, tão inverossímil, que a sua cabecinha de algodão em rama parecia surgir dos nevoeiros de um sonho místico para traduzir em fato um consolador exemplo que dignifica e enaltece a espécie humana!

Eu amava-o. Para mim era um cismático aquele que eu chamava o “filósofo humanitário”, que via apenas no mundo o lugar de expiação, “o vale de lágrimas” e ainda uma ilusão efêmera através da qual seus olhos místicos descobriam uma balsâmica verdade imutável.

A sua companhia acalmava-me e eu ficava a cismar, se ele pudesse adivinhar tudo o que se passava dentro em mim, que surpresa não dilataria os seus olhos, adoçados de bondades celestes!

E não podia demorar-me no presbitério; esforçava para subtrair-me à atmosfera dos *Rosais*, de onde fugia em sortidas desordenadas. Mas como se ali estivesse um ponto de atração constante, eu girava insensivelmente na mesma órbita, sentindo que alguma coisa me faltava, que punha-me numa perene inquietação. Eu bem sabia que aquela atração estava na mulher amada, de que eu me achava separado por uma barreira invencível.

Os meus receios aumentavam, embora verificasse que Flora soubera opor sem afetação uma certa reserva na sua conduta e nas suas palavras.

Cheguei a imaginar que representasse uma farsa comigo; odiei-a; odiei a sua virtude! Quis convencer-me de que era uma mulher loureira e vulgar. Dia a dia, porém, a minha paixão recomeçava.

E na conversa de ambos nós as cousas mais frívolas desfiavam longamente numa parlação animada, mas tranquila, em que os nossos verdadeiros sentimentos se dissimulavam num jogo hábil e calculado de palavras. Apesar desta conduta prudente, como nós nos compreendíamos e nos adivinhávamos às vezes! Muito embora o propósito que ambos sustentávamos, havia para nós um particular encanto naqueles colóquios fúteis em que nos ouvíamos e nos deliciávamos, sob a máscara de uma perfeita impassibilidade aparente.

E o isolamento em que vivíamos, o silêncio da casa, a ausência de Carlos, as repetidas retiradas de padre Ângelo multiplicavam, sem que o quiséssemos, tais encontros e davam maior incremento à paixão, apesar de todos os nossos estratagemas.

Não obstante lutarmos contra os sentimentos que nos avassalavam, cada hora que decorria aumentava o encanto em que vivíamos; e as apreensões, os propósitos, todos os inocentes artifícios honestos, tudo ia se desfazendo sob o atrativo falaz e irresistível da paixão que nos dominava naquela vivenda isolada e risonha, cujo jardim abria-se numa eclosão de flores, como o lugar edênico em que o primeiro par pecou pela primeira vez.

Quase sempre Flora inventava um pequeno trabalho feminino e gracioso e eu tinha um prazer que se não traduz contemplando-a nos seus misteres delicados, floreteando uma agulha, andando com a sua graça luminosa, ou tricotando, curvada sobre o trabalho. A sua pequena cabeça, de uma castidade fecunda, tinha um relevo adorável, toda cercada de luz; os olhos magníficos, de uma expressão acariciadora, eram cheios de mistérios; a boca era desenhada num pálido cor-de-rosa; e uma graça entontecedora irradiava de toda a sua suave figura.

Quantas vezes eu assim enlevado na contemplação daquela mulher não senti ímpetos de ajoelhar-lhe aos pés, de beijá-la, de acarinhá-la ou brutalizá-la nas energias selváticas de uma paixão imoderada? Dominava-me porém; e uma tristeza imensa melancolizava o prazer que esta contemplação me dava; nos olhares em que a envolvia já não havia castidade; eu sentia bem claramente os frêmitos da carne e o pecado começava pelo pensamento com uma tirania implacável!

As imagens voluptuosas vinham-me a contragosto; eu reconstruía pela imaginação toda a forma da mulher amada, devassava todo o segredo de sua carne, habituando-me aos poucos com aquelas imagens que involuntariamente se desenhavam na minha mente. Porque eu já me sentia incapaz de lutar com o próprio pensamento para intimá-lo a parar; de modo que a sugestão do pecado aparecia-me sob diversas formas.

O que me era mais doloroso era adivinhar a luta que Flora sustentava contra si mesma, revelando a sua paixão involuntariamente em cada gesto, em cada ato. Um momento houve em que eu quase cheguei a capitular no combate entre o dever e a paixão. Para que lutar mais, se a luta era desigual num terreno falso?

VI

Uma noite recolhi-me ao meu aposento, mais do que nunca dominado pela influência perturbadora da mulher amada, após uma prolongada palestra em que nos entretivemos à luz velada de um lampião.

Ficaram-me indeléveis atitudes lânguidas de delicioso abandono, que punham em evidência a graça esvelta e florentina do seu torso, a pureza modelar das formas enxutas, a linha feminina do talhe, fazendo adivinhar a correção anatômica do corpo. E a sua figura era

tão leve, tão alada, que parecia prestes a todo o instante a desatar um passo aéreo de gracioso minuete.

O que mais perturbava era o recato dos trechos pudicamente dissimulados do colo espumante de rendas, em que se adivinham duas florações de carne abotoando nos bicos distantes dos seios. Sobre a cabeça em que uma trança escassa se enroscava impetuosamente, caíam os bandós; os supercílios alados levantaram-se em desafio no ângulo do nariz em traços enérgicos de nanquim, pondo fermatas sobre a expressão permanente, impenetrável e fascinadora dos olhos. Nunca eu senti tão intensa a sugestão voluptuosa.

Durante horas medi a passo febril o meu aposento. Recapitulava a história recente de uma paixão condenada ao sacrifício, muito embora sentisse toda a sua grandeza e todo o anseio de uma rara ternura; ao meu afeto opunha-se a barreira invencível de uma poderosa energia que me impunha um doloroso sacrifício pessoal, uma sobre-humana renúncia de que o meu coração saía sangrando de torturas. Acerba ironia da sorte que me levava a amar exatamente a mulher para a qual era um crime levantar os olhos! E não tinha forças para sufocar um sentimento mais forte do que a minha vontade, insubordinado aos ditames da razão.

Se Flora fosse livre, como tudo mudaria e como eu poderia fazê-la feliz! Bem poderia fugir com ela, isolar-me do mundo e viver do meu amor, muito embora o mundo nos amaldiçoasse; mas Carlos? Que diria ele, que pensaria ele, que faria ele? Só a perspectiva da desgraça do amigo me fizera demover de um tal pensamento. Estava decidido que me resignaria bravamente ao sacrifício, até que um dia o tempo curasse o delicioso mal que me exaltava e pungia.

Preso de uma insônia cruel, desci ao jardim, deserto àquela hora adiantada da noite. Foi então que reparei na beleza incomparável das estrelas, aflorando dos brocados do céu. No silêncio da noite

a queixa da fonte era de uma fina, nostálgica e múrmura melancolia. O luar abria tules brancas sobre a areia, adormecia no esplendor cristalino do tanque, punha um polvilhamento de geadas nos tufos sombrios das roseiras e colmava de neve o alto da vivenda em repouso. Sentia-se a ação latente do luar sobre a natureza, como se ele fosse a alma brumosa que povoasse a solidão. Nada era impermeável à mistificação cabalística dos seus fluidos que iluminavam as fontes, imobilizavam as árvores, desabrochando as papoulas e acendendo os olhos das estrelas.

Eu errei ao acaso e meus passos morriam abafados nas aleias. E, parando diante de uma roseira, recordei-me de que fora ali que pela primeira vez sofri a impressão peregrina dos olhares enigmáticos de Flora. A alguns passos, estava o caramanchão, um pequeno pavilhão de quinta, povoado de flores e de recordações. A imagem dela surgia ali também, na recordação de uma tarde primaveral, ressoante de cavinhas de aves e perfumada de flores abertas; Flora lá se achava naquele dia numa atitude radiosa de deusa pagã, ostentando a linha soberba e divina do seu porte feminino. A face corava de matizes carminadas e a boca desenhava-se num forte colorido sensual de papoula aberta, em que dir-se-ia estar prestes a ressoar a música de um beijo.

E nos seus olhos negros, vibrantes, enérgicos e expressivos velavam-se os abismos da paixão, divisavam-se apenas os traços fugitivos de uma confissão recôndita. Em torno dela a mesma atmosfera inexplicável de misterioso atrativo, de poderosa sedução feminina, um perfume capitoso de mulher formosa e fecunda.

Se ela estivesse lá! pensei eu. A hipótese era insensata; mas o pensamento voltava com a tirania de uma obsessão, *sugerindo-me a presença dela.*

Sentia um alvoroço nas palpitações insólitas do coração e foi a passo rápido e discreto que penetrei no caramanchão. E estaquei,

varado de surpresa, julgando-me vítima de uma alucinação por sugestão do desejo.

Era ela! Era ela que reprimiu um grito de terror. Levantou-se subitamente. A minha surpresa era tal, que eu continuava imóvel à entrada do pavilhão, sem poder dar crédito ao testemunho dos sentidos. Ao mesmo tempo comecei a sentir uma perversa, uma diabólica alegria pela aventura em que somente o acaso acabava de envolver-me. Que inspiração providencial ali me havia conduzido?

Flora, que se apoiara palpitando sobre um balaústre, fez um movimento para sair. Compreendi naquele instante que, sob o pretexto de uma explicação inadiável, eu não devia perder o ensejo que o acaso me proporcionava.

– Flora! murmurei comovido, num tom de voz tão extinto, que já era uma confidência e estabelecia uma tácita cumplicidade entre nós. Estávamos ambos de pé, diante um do outro.

No pavilhão havia – lembro-me bem – uma atmosfera difusa, lunar, cheia de aromas capitosos; em torno o jardim se estendia numa solidão paradisíaca, sem um rumor, mergulhado num recolhimento de sono sobre o qual se desdobrava a extasiação do luar; a hora avançada da noite tinha cumplicidade, flagrantes e intenções criminosas.

E a serpente do pecado insinuava perfídias nas emanações insidiosas do perfume.

Eu adiantei-me para ela quase de joelhos; Flora deu um passo para a porta. Detive-a imperiosamente.

– Não, por Deus! não te vás, sem que me hajas ouvido e sem que me hajas perdoado!

Na veemência desta súplica, eu consegui apertar as duas mãos que me fugiam e, transmitindo-lhes o meu ardor e a minha vontade, continuei com uma exaltação crescente, em que todas as cordas da paixão começaram a vibrar numa energia indomável.

– Perdoa-me, porque já não sei o que faço e o que sinto! Oh! Sim! É preciso que me ouças! Não digas que não... Não me fijas, que te não quero mal. Se soubesses quanta coisa queria dizer-te neste momento! Pelo muito que tenho sofrido, por piedade! oh! fica! fica!...

O acento de minha voz ia aos poucos subindo na gama da ternura adquirindo um ritmo nobre. Na obscuridade do pavilhão Flora aparecia-me velada de uma brancura láctea e espectral, em que os olhos somente concentravam toda a surpreendente expressão fisionômica.

A sua vontade extinguiu-se como a de um hipnótico, sob a emoção que lhe produzia principalmente a vibração ritmada de minha voz em que se delineava um esboço melódico imperceptível, cuja sugestão vinha, não tanto da significação das palavras, mas da música da voz, do infinito cromatismo do timbre, que encontravam na disposição de sua alma uma repercussão simpática naquele momento.

Eu prossegui, dominando, enfim, as insurreições do crepúsculo daquela vontade revel, com uma abundância de palavras de que não posso recordar-me com precisão, sem saber distinguir o que eu pensava, o que eu sentia e o que eu lhe disse:

– Sim, tu ficarás para que na piedade de tua alma ache um eco de simpatia este segredo, que é o meu tesouro e o meu tormento! É tanta coisa que me sobe à boca para dizer-te neste instante, que chego a parecer-te insensato! Insensato, sim! que importa? Fica e escuta. Deixa que a minha prece te implore de joelhos para que ouças esta tristíssima história. Eu venho de uma áspera viagem pela via-sacra de um martírio, através do labirinto escuro em que minha alma tateava aflita, debatendo-se na nostalgia do teu beijo e na ânsia do teu afeto! Tu, só tu, eras o viático que eu vinha acompanhando no êxodo daquela peregrinação sombria que ligava o meu destino ao teu... Eu tinha a alma cheia de tua imagem, porque te amo, porque te amava e porque nos amamos, ouves? *nos amamos...*

Flora parecia desfalecida na sombra; súbito, repeliu-me com as mãos e murmurou com uma voz trêmula de lágrimas:

– Cale-se, cale-se!

– Por que hei de eu calar um segredo que transborda? Por que hei de selar com uma mordança a boca, quando a tortura do silêncio já me exauriu as forças? Há uma coisa que paira mais alto do que todas as nossas misérias e do que todas as angústias – é o nosso amor! E por que havemos de apunhalá-lo, quando é o único bem que me resta, a única felicidade que me coube nesta desbotada existência improfícua? Esqueçamos tudo; partiremos as cadeias que nos torturam e nos prendem a uma realidade dolorosa; fugiremos no bergantim do sonho para o país de ouro e de sol da mais dourada químera... Porventura não sentirás tu também este eterno anseio para se subir às maiores alturas de uma felicidade que se entrevê e se aspira bem longe do contato grosseiro das coisas humanas? Cumpre desprezar o mundo, tanto quanto ele nos desprezará amanhã... Amanhã! Mas para que encarar o futuro, quando o momento presente é o de mais abundante satisfação de minha vida, quando, enfim, consigo apanhar a asa ao sonho que eternamente me fugia, transpor a muralha impalpável que eternamente nos separava? Amanhã será apenas a velhice gelada para o amor, com o arrependimento tardio talvez de não termos esgotado a taça do prazer gozado!

Flora interrompeu-me com um soluço dolorido, com uma súplica humilde e vencida:

– Por piedade!

– E por que não hei de eu também invocar a tua piedade? Tu estremeces ainda? Deus! Não foi um acaso providencial que te pôs nos meus braços? quem me ensinou o caminho e guiou os passos para aonde estavas? Olha para a sombra que nos protege, para o aroma que nos inebria, para o silêncio que nos rodeia; tudo tem uma conjuração

comum para que as nossas almas se enlacem no supremo abraço para o qual a natureza as impele. Escuta... Não ouves essa voz que vem do luar cantando o epitalâmio de nossos esposais? É a bênção da natureza! É o luar, é o luar que está cantando! É o luar que está cantando, sob a paz da noite luminosa de onde desceu agora o raio de estuante felicidade que resplandece na páscoa estelária de nossas almas; é uma aleluia que desce do céu e palpita em minha alma, como um carrilhão sonoro de evoés luminosos! Escuta ainda... Acaso eu me engano, ou tu ouves também a voz que vem fluidicamente cantando à distância? E daqui a instantes, essa voz se extinguirá, quando a aurora espectral desfizer o encantamento destes horizontes. Penetremos a tenda levantada do sonho! Oh! Se eu pudesse aniquilar a clepsidra do tempo e dizer à desfilada do momento que foge – “Para”, perpetuaria a comunhão de nossas almas, para que ela se eternizasse indelevelmente através do espaço, e ficasse palpitando no esplendor puro e lapidário das estrelas imortais! Que um momento só de ventura possa resgatar toda a provação passada! Olha bem para mim... Escuta, escuta, oh! meu amor! meu amor! meu amor!...

Eu sentia que as mãos, que se retiravam, haviam-se abandonado aos poucos, frias e inertes; os braços tinham-nas acompanhado e após ele um corpo de sonâmbula, para cuja vontade se fez noite no espírito; a boca, que se furtava à emissão do beijo, já estava tão próxima que eu sentia o hálito que ainda corria de um fio de vida.

A cabeça de Flora caiu pesadamente no meu ombro, banhada de uma palidez da morte.

Naquele instante no meu espírito esboçou-se palidamente a noção desmaiada do triunfo brutal da Seleção, aos reclamos irrevogáveis da Espécie que faz do amor o princípio elementar de uma ação dissolvente do indivíduo. Um estremecimento percorreu o corpo desmaiado de Flora; uma tinta luarenta punha uma palidez de ressuscitada

na sua face impenetrável, em que a expressão fisionômica, como os olhos se apagassem, astros extintos, tinha se adensado no mistério implacável do traço amargo da boca cerrada no momento em que a irracional energia da paixão sufocava todos os derradeiros protestos, enlaçando os braços dos que se amavam num amplexo redentor em que se apagavam todas as tristezas, todos os sobressaltos, todas as angústias da existência miserável!

Fora, a noite resplandecia, sem sobressaltos, numa grande calma estrelada que caía do céu como um sonho beato de tules líquidas sobre o repouso da natureza.

E eu sentia-me morrer inefavelmente...

Enfim! aplacado o primeiro alvoroço da sensualidade, foi com uma enervante revolta, com um desolado desgosto, que constatei, numa palpitação de pavor, a verdade dolorosa do fato consumado.

Aos transportes veementes do amor, sucedeu uma crise de profunda, de inconsolável tristeza, de mágoa verdadeira; árido, profundamente irritado nas dores verdadeiras, quanto espontâneo nas fictícias, não sei por que se embotou a minha sensibilidade aos impulsos verdadeiros do sentimento. Após a vertigem que acompanha o eclipse das faculdades lúcidas, senti-me fulminado diante daquele abominável desmoronamento moral, que me perturbava como o espetáculo de uma catástrofe. Após algumas horas de irritação e de um sofrimento crescente tentei debalde parodiar em burlesca os meus sentimentos; mas não sei que instintivo presságio dramatizava singularmente aquela dolorosa situação e eu adivinhava que seria profundamente cínico profanar o esto de bons sentimentos, cujo fundo eu conservava como uma flor preciosa e delicada.

Cerrava-se-me o coração numa mortalha de frios presságios, de angustiosos desfalecimentos, à simples hipótese de que aquela traição

ressaltasse um dia, numa revelação fatal de verdade, aos olhos doces e leais do meu amigo, brutalmente ferido nas cordas mais sensíveis do seu coração, quando lhe infligisse um iníquo infortúnio, cujas consequências estremeço de lembrar, tal a insólita vibração dos meus nervos...

Que relevo monstruoso não teria um ato irreparável aos olhos do homem confiante e profundamente sofredor, a cujo calvário eu juntei mais um travo de fel, indiferente à majestade de seu infortúnio? Ele, que não compreendia desfalecimentos de caráter, as fatalidades deterministas de uma origem obscura que subordinam as decisões mais espontâneas e aparentemente mais livres à influência das causas exteriores, dos predicados originários, e das forças alheias ao *eu* querente e pensante! Desprezível incapacidade que me faquirizava para as reações numa atonia de todas as energias, resignada a todas as situações deprimentes!

É uma recordação acridoce a daquela noite, em que vi pender para mim, como um lírio ceifado, a bela cabeça de minha vítima, ouvindo ainda os seus soluços, de uma tristeza imensa repassados; e foi naquele instante mesmo que punziu-me o primeiro espinho da expiação. Lembro-me perfeitamente de como eu a vi então, ferida de uma palidez sobrenatural de morte, em que pesava uma nuvem de tristeza; a linha da boca era amarga e os olhos fechados pareciam anunciar que ela morreria daquela síncope fatal. Suas mãos eram frias e um tremor convulsivo agitava-a por instantes. Senti que aquela imagem de morte, associada à imagem voluptuosa, interpôs uma barreira impalpável entre as nossas almas na comunhão dos seus desejos e dos seus sonhos; é ainda assim que a minha memória representa esta mulher dolorosa, branca como o luar que nos espreitava lá fora dentre a exalação perfumada dos rosais floridos. Parecia-me dessas virgens fantásticas de baladas sinistras, que têm uma palidez de sonho e as feições mal desenhadas e vagas dos fantasmas.

Somente a respiração anunciava que ela continuava a viver. E era tão frágil, tão leve, tão sutil, que eu poderia carregá-la nos meus braços, como quem leva a palpitação luminosa de um fogo fátuo. Ela amava-me, a infeliz! ela amava-me, bem o sabia; mas queria ela que aquele amor imaculado realizasse os desejos inconfessáveis de sua carne? Entregou-se ela voluntariamente, espontaneamente, ou não terrei eu porventura abusado de um só minuto de fraqueza para vencê-la e para dominá-la nos braços a que um instinto deu força brutal? Brutal, sim; brutal foi o arremesso a uma presa, que já se não defendia, e naquele momento não poderei tornar-me responsável pela vertigem que despertou em mim todo o fundo bestial da minha natureza, acometida de um furor sexual irresistível.

Ela debatia-se numa resistência silenciosa e tenaz.

Porventura poderei esquecer-me da alocução apaixonada com que sobretudo perturbei todas as suas energias? Não sei eu que nada nos perturba mais do que as palavras de um homem apaixonado? E confesso que no meio dos meus impulsos espontâneos eu comecei a compreender o valor desta arma e procurei tirar o proveito de todo o artifício literário de minhas palavras que não eram senão a hipérbole do próprio sentimento.

Como tudo isto é triste, e não obstante profundamente verdadeiro! Sentia-me, entretanto, dominado por uma paixão irresistível que arrastou-me a uma ação indigna. Serei porventura diferente dos outros homens? Seriam outros insensíveis e capazes de dominar até o concurso de fatalidades que me levaram à satisfação animal do meu instinto? Os homens é que criaram artificios e anomalias contra as leis naturais que reagem, criando situações deprimentes como aquela em que achei? E o que mais me aterrava era o receio de prosseguir, atenta à impossibilidade de furtar-me às tentações ambientes, fugindo para longe, exilando-me para uma outra parte em que encontrasse

de novo a tranquilidade, a paz que encontrei nos primeiros dias de minha vilegiatura nos *Rosais*. Partir para nunca mais voltar era a minha deliberação, porque seria horrível, seria monstruoso se aquilo, enfim, recomeçasse...

Se eu não houvesse a contragosto diferido aquela solução, certamente não teria chegado àquele resultado, ao opróbrio de uma situação que humilhava o meu caráter, que me aviltava aos meus próprios olhos.

Aproveitando de um momento em que tive a nítida noção de minha culpa, sem procurar justificativas no fatalismo cômodo do meu destino, recorri às sugestões de todos os honrados propósitos com que queria pautar a minha conduta, arrancar-me a uma abjeta indignidade, de antemão prevista e friamente executada. Procurei varrer do espírito as perturbadoras emoções: arejar minha alma de princípios salutareis e pensamentos nobres; expungir da minha carne a centelha da luxúria que havia ateado fogo à minha sensualidade adormecida; imergir numa ablução que me limpasse das minhas torpezas e bestiais misérias, de modo que pudesse identificar-me com a serenidade risonha da natureza. Embora o destino pudesse porventura baldar os meus mais sãos projetos, devo confessar que eu era candidamente sincero, quando decidi-me a vencer a passividade do meu caráter e a inércia do meu querer, este deletério defeito que sempre atraçou os meus melhores desígnios. À ingênua vaidade, ao frívolo encanto de me saber amado eu opunha a noção da minha própria honra, as nobres inspirações do dever mais elementar e o prestigioso ascendente da mais cordial e expansiva amizade que me ligava ao homem a quem eu mais devia e que tinha por mim uma imaculada e nunca desmentida ternura. Poderia eu esquecer o que devia à inesgotável generosidade de um amigo que, além do acolhimento fraternal do coração, pusera ao serviço de minha causa o seu nome,

a sua influência, a sua bolsa? Quando a prematura orfandade veio colher-me ainda adolescente, a meio da carreira encetada, não foi ele quem guiou a minha aterrada inexperiência, quem acalentou a minha dor inconsolável, quem me fez partilhar o seu conforto, generosamente oferecido com a mais discreta e a mais delicada simpatia? E quando mais tarde fiz a minha experiência social, não foi ainda ele quem com uma solicitude verdadeiramente fraternal iniciou-me na vida, alargou o círculo de minhas relações, recomendou-me à benevolência dos próceres? E, devo dizê-lo, procedia com uma tal discrição que parecia antes receber um favor, obrigando-me a aceitar as finezas de sua amizade, de sorte que não me constrangia e muito menos humilhava – antes invocava os mais delicados artifícios para vencer a sutilidade dos meus escrúpulos. Não fora a absoluta sinceridade que me impus, como uma pena, a confissão destas linhas, e nunca eu insistiria nestas questões de dinheiro, tão repugnantes, tão mesquinhas, e que, aliás, constituem a face mais importante da vida positiva, tanto elas se prendem agora às nossas mais altas e nobres aspirações. Insurja-se embora a hipocrisia convencional contra esta verdade; mas o que é incontestável é que, nesta época de agitação mercantil, o dinheiro alargou de tal modo a influência de sua órbita, invadiu brutalmente domínios tão remotos, que até na nossa vida afetiva ele tem uma ação peremptória e às mais das vezes deletéria. Ele é ainda agora a melhor pedra de toque para se fixar a têmpera de um caráter. Ainda a esta prova resistiu a amizade de Carlos; e, como por vezes eu insistisse para resgatar uma dívida cuja soma eu mesmo ignorava, ele atalhou com um gesto de repulsão:

– Oh! não me fales nisso, sob pretexto algum!

E em seguida para justificar-me:

– Queres que eu suponha que não fosses capaz de fazer-me a mesma cousa?

Não obstante, o que hoje mais me incomoda são aqueles favores de dinheiro; fazem-me peso não sei se à consciência ou se ao orgulho; verga-me não sei que remorso; me oprime não sei que humilhação... Que termo de comparação há, no entanto, entre semelhantes favores e a franqueza, a ternura, a dedicação a que minha amizade se havia habituado a ser hóspeda?

Recorri a todo o reconhecimento que devia a Carlos para não persistir na ignomínia que me desonrava, desonrando-o. Era na embriaguez do movimento, na fadiga do esforço que eu procurava o repouso para a minha alma atribulada. Já não era somente de dia que eu me exilava dos *Rosais*, errando à aventura pelos bairros solitários, pelas vizinhanças dos campos, provocando reparos maliciosos à curiosidade local; à noite, como a minha excitação fosse irreconciliável com o sono, escutando as horas com impaciência, saía para a ronda noturna, vagueando perdido numa tumultuária revivescência da paixão. E sob aquela doida obsessão, eu tinha passos desordenados de ébrio, fragmentos de diálogos interiores sublinhados a gestos inconscientes, que provocavam espantos dos últimos noctâmbulos que eu encontrava a horas mortas na cidade quase deserta, quando os últimos lampiões agonizavam, pondo manchas sanguinolentas às esquinas. Tão alheado me achava, que muitas vezes surpreendi-me em vielas tortuosas e desconhecidas, sítios lóbregos e sinistros, que, vistos através da noite, causavam arrepios, a horas criminosas, quando a viação parava, todo o movimento se extinguia nas negridões das ruas inquietantes. A solidão era mais pesada, o frio mais intenso; a garoa passava, arrepiando as árvores; dos quintais próximos cantava-me ao ouvido o fresco sussurro das fontes; e o canto dos galos à porfia punha alarmas de pavor no silêncio trágico da noite, repetindo-se para os longes adormecidos. Indiferente ao frio e à noite, eu sentia o inconfessável desejo desperto, espicaçando-me, martirizando-me tiranicamente;

meu pensamento, vencendo a sinceridade dos meus projetos, estava nos *Rosais*, acorrentado à imagem adorada de Flora; em toda a parte eu encontrava uma analogia, um contraste, uma recordação em que havia remanescências de sua imagem. Apesar de todo o meu esforço não lograva abrir largas intermitências de esquecimento e repouso; o mal agravava-se de novo e eu ouvia de súbito a galopada bestial dos mais sórdidos desejos, ganindo uma esfaimada volúpia, mais e mais estreitando um assédio em torno à minha angústia. Eu prosseguia na estonteada peregrinação, e mais de uma vez o dilúculo da manhã vinha pondo claridades matinais no céu, quando eu me recolhia, extenuado, vencido pela fadiga, num desespero convulsivo a que um sono de poucas horas vinha pôr um bálsamo passageiro, quando não me despenhava nos tratos de assombrosos pesadelos.

VII

Após uma última entrevista no caramanchão, eu voltei à vivenda, agitado por sentimentos diversos. Eu tinha um reconhecimento profundo por Flora e um repelente desgosto de mim mesmo. A reincidência no crime afastava quaisquer atenuantes de ocasião que eu pudesse invocar para minorar a gravidade da minha conduta. Ao mesmo tempo, das fibras de minha carne elevava-se um murmúrio de contentamento, um hino plácido de repouso beatífico e de apetite satisfeito...

Não obstante, ao sair do caramanchão, invadiu-me um receio imenso de ser espiado; o desgosto de minha culpa não era tanto de havê-la cometido, mas de ser conhecida dos outros!

Soaram três horas quando cheguei à vivenda. A casa silenciosa parecia povoada de sombras. Os pombos silenciaram. Uma larga facha

de sombra caía do telhado, sobre as roseiras da varanda que haviam adormecido numa sesta encantada. Galguei rapidamente os degraus da escada e o meu primeiro passo soou na sala com uma repercussão inusitada, alarmando o aposento deserto e taciturno. Uma nuvem de moscas levantou-se, zumbindo, numa claridade morna e doentia. Recebi a impressão de uma casa desabitada, cujos inquilinos tivessem se ausentado de muito tempo, abandonando-a à solidão que rondava à sua porta e adormecera o seu interior, extinguindo os derradeiros ecos de vida para não perturbar a paz das recordações mortas e lembranças apagadas. Uma tristeza espectral caía do alto das paredes sobre aquele lar extinto, como se sua alma casta e branca tivesse se dispersado nas espirais de fumo de sua chaminé. Ao clamor do meu passo a casa repercutiu num eco de protesto e de alarmes, as sombras assustadas exalaram-se nas paredes e o silêncio recaiu de novo mais profundo, mais largo, estendendo-se pela casa toda. Eu tinha medo, esgazeando os olhos pelos ângulos dos móveis, pelas linhas das paredes consternadas; dir-se-ia que um luto pesado as cobria de um crepe de saudades, de uma névoa de lágrimas, chorando a ausência de alguma cousa muito doce e rara, casta e perfumada, que tivesse expirado e partido para não voltar nunca mais, deixando apenas esparsa naquela atmosfera, como um perfume penetrante, a alma aromada de sua pureza espiritual, que se foi para sempre amortalhada num féretro pequenino de anjo descontente...

E todas as cousas estavam a olhar para mim com uma doce piedade materna, em que havia recriminações e clemências, lágrimas e perdões. Aquele teto, aquelas paredes, aqueles móveis afeiçoaram-se-me; ligaram-se indissolúvelmente à minha existência; eram-me familiares. Pareciam-me outros tantos seres que me compreendiam e amavam, gozando comigo das mesmas alegrias, sofrendo dos mesmos pesares.

Dirigi-me para a alcova a passo rápido, quando vi uma sombra que deslizava por detrás dela, num ângulo da parede. Voltei-me com uma palpitação de terror para a velha criada da casa que vinha saindo da alcova. Cuidei ver nela um movimento agressivo e a impressão foi tão nítida, que recuei com receio de uma violência. Percebendo talvez a minha impressão, a velha ama tinha parado, mergulhada no mistério dos seus olhos apagados, numa atitude simples e natural. Eu tive-lhe medo; a consciência de minha culpa enchia-me de terrores e sobressaltos. Que queria a Brígida? Por que estava ali? Teria vindo espreitar-me?

O meu exagerado terror sugeriu-me a hipótese de uma vingança cruel.

Interpelei-a:

– Que faz aí, mulher?

– Vinha saber se o senhor precisava de alguma coisa, e, como não o encontrasse, julguei que estivesse incomodado...

Eu cuidei ver uma intenção de ironia nestas palavras e respondi irritado:

– Não tenho nada e nem preciso de coisa alguma! Podia escusar de assustar-me inutilmente. Deixe-me!

E segui para a alcova.

Não sei por que instintivamente eu senti-me varado pelas costas por um olhar de ódio. Voltei-me rapidamente e apanhei desmascarada aquela criatura, a quem eu votava uma secreta, mas invencível antipatia, uma verdadeira aversão. Certa de não ser observada, sua fisionomia decompôs-se violentamente numa visagem medonha, torcida de crispações ferozes, que se acentuavam ao brilho criminoso de seus olhos cruéis. Todo o fundo bárbaro de seu ser, remontado à existência selvagem de seus avós, ficara intacto e inacessível às influências da cultura e do meio em que vivia, dissimulando-se apenas

nas suas ações exteriores. Desde a primeira vez que a vi, um instinto inexplicável advertiu-me da presença de um inimigo, de uma hostilidade permanente ocultando-se hipocritamente sob as pálpebras caídas numa humildade fingida, que disfarçava a verdadeira natureza dos seus sentimentos. Todos os elogios de Carlos, tecidos à fidelidade da ama, deixaram-me frio e impassível; continuei a ser indiferente àquela criatura passiva, de posição muito humilde para que eu me preocupasse com ela. Eu não sabia ainda que influência dominante devia ter no meu destino aquela insignificante mulher.

Somente mais tarde é que pude conhecer a têmpera de caráter e fazer um pouco de luz naquela alma, eternamente velada. Naquele dia ela despertou bruscamente a minha atenção pela maneira firme, atrevida e insolente com que sustentou o meu olhar. Comecei a estudá-la. Através da profunda dissimulação dos seus sentimentos, um apenas transparecia a cada instante, dominando todos os atos de sua vida: era o seu devotamento absoluto e sem limites pelo seu filho adotivo, uma nobre e desinteressada renúncia em favor daquele que acalentara no seu seio e vira crescer entre seus braços, quando fora para eles da orfandade, tão cândido e tão inerme como o menino Jesus que muitas vezes lhe sorria dos retábulos sagrados. Carlos exercia sobre ela uma fascinação particular, como essa que exercemos sobre os animais domésticos de uma fidelidade a toda a prova.

Naquele afeto culminante a ama pusera os seus mais altos desejos e o seu mais elevado orgulho, sem visar recompensas, abdicando dos seus próprios desejos, com um desinteresse e com um ardor que apenas poderiam ser igualados pelo amor de uma verdadeira mãe. Um sorriso, um olhar ou uma palavra carinhosa era o maior prêmio que aspirava a sua humilde ambição, conformando-se com a sua posição na casa, posição de serva que se tolera como uma dependência da família e que mais se acentuava quando, após o casamento de Carlos,

se viu insensivelmente destituída da direção dos pequenos arranjos domésticos. Quisera amar a mulher de seu filho, como o amava a ele próprio; mas uma recôndita antipatia a separava de Flora, degenerando num monstruoso ciúme, que ela dissimulava num ódio taciturno, sentindo uma onda de fel envenenar-lhe a existência resumida no seu insaciável e desesperado amor de mãe. A Carlos perdoava tudo, a ingratidão e o abandono em que a deixava, presa de uma agonia secreta, evocando, em intermináveis silêncios povoados de reminiscências antigas, de histórias ouvidas e tradições extintas, a existência ancestral dos nômades, retumbando outrora no estrépito das danças sagradas, na música tumultuosa dos borés estridentes e das inúbias marciais.

Jamais articulou uma palavra de recriminação ou de protesto; resignara-se ao seu abandono, sentindo-se feliz de viver ainda debaixo do mesmo teto, tendo ao alcance de seus olhos o objeto de sua adoração.

Tanto mais crescia por ele a sua ternura e o seu fanatismo, quanto maior era a sua aversão pela mulher que lhe roubara toda a afeição do seu filho. Tinha ciúmes, ciúmes monstruosos e irracionais. Com a inata sagacidade dos povos bárbaros e primitivos, a sua dissimulação prendia-se a uma admirável astúcia e perpétua desconfiança, que iniciaram-na nos misteriosos sentimentos que desabrocharam no coração de Flora. Seus pequenos olhos de mongoloide eram dois órgãos implacáveis de investigação feroz, de busca paciente, de pesquisa constante. Os instintos selvagens deram a essa faculdade um atilamento que raramente poderia ser igualado pelo homem culto. Ela foi aos poucos descortinando a nossa paixão. Até hoje eu ignoro que circunstâncias levaram-na ao conhecimento do nosso segredo. Espreitava-nos decerto, estabeleceu talvez um trabalho paciente de pesquisas, sondando os nossos olhares, sublinhando os nossos gestos, devassando os móveis e as gavetas com a felina sagacidade de

sua raça. Mais de uma vez ela surpreendeu-me ocupado no trabalho do manuscrito em que eu fazia a notação quase diária das minhas impressões; não lhe escapou decerto a precipitação e o cuidado com que eu o guardava à chave num móvel de cabeceira...

Da revelação fulminante daquele segredo nasceu o seu pensamento de vingança e de desforra; eu ainda ignorava os motivos pelos quais este sentimento tanto exaltou-a; aquele único instante em que apanhei de improviso a sua fisionomia desarmada foi para mim uma revelação. A sua face bronzeada, a que a linha agressiva dos molares dava uma bestialidade feroz, afivelava sempre a máscara de uma constante impassibilidade; apenas, quando sentia-se só, é que se desarmava e então o sentimento da vingança punha-lhe nos olhos inauditos clarões de ferocidade e no sorriso uma pavorosa expressão de cruieza.

Todos os sentimentos hereditários, que atravessaram séculos e séculos na existência de uma raça bárbara e inculta, estavam adormecidos nas profundas camadas do seu ser. Bastava que o despertar de uma paixão os agitasse, para que se desse a regressão completa de sua vida sentimental à origem primitiva.

A sua sede de vingança decerto afigurava-se-lhe legítima, porquanto, segundo os preceitos austeros da moral e aos seus olhos de mulher do povo, o adultério era sempre um crime revoltante e imperdoável; e entre as mais elevadas virtudes, segundo a concepção dos povos selvagens, estavam o valor, a coragem, a vingança, como os predicados másculos e cardeais do caráter.

Na manhã seguinte, contra meus hábitos, eu dirigi-me para o gabinete de Carlos, aonde nunca ia só, por um delicado escrúpulo, visto como sabia que aquela peça de casa era contígua à alcova do casal, para a qual comunicava uma porta que, aliás, raramente se abria.

Eu ia penetrar furtivamente na alcova, quando ouvi passos, o ruído de uma porta que se abria com violência, uma troca de palavras rudes

que eu não podia perceber à distância em que ainda me achava. De repente no meio da alteração a voz da criada levantou-se áspera, irada, vibrante; por um movimento inconsciente corri até à porta, receando por Flora, pronto para socorrê-la. O reposteiro caído permitia-me ver, sem ser percebido, o que se passava na alcova.

Flora estava deitada no leito; em frente dela a cabocla, de pé, terrível, não podia conter-se; o seu ódio selvagem, reprimido pelo esforço da dissimulação, explodia numa incandescência de palavras agressivas, inflamando-lhe a boca de apóstrofes plebeias e bravias, relampejando-lhe nos olhos em tempestades convulsivas de fúrias assustadoras e escancelando-lhe os lábios num ríctus bestial e feroz, que acentuava a violência da maxila.

Assim desmascarada, a sua fisionomia irada tinha uma expressão que infundia pavor.

— Oh! é demais! repetia com uma voz que ia se inflamando. Mas é preciso que saiba. Não é pela senhora que descí a este sacrifício de todos os dias. É por *ele* apenas, por *ele* somente! Oh! mas é demais, é demais!

Incandescia a boca num riso medonho, que descobria os seus dentes aguçados à navalha, por um processo bárbaro, pouco comum e somente praticado em pessoas do povo.

Eu ouvia-a sem compreender o que motivara aquela explosão súbita; confesso que tive medo dos seus olhos, da sua boca, dos seus gestos. Sempre a receara; mas nunca a supusera capaz de uma tal audácia.

A cabocla prosseguiu, animando-se furiosamente:

— Quem será mais perversa: a mulher que se consagra à felicidade de seu filho ou a mulher que o avilta, que o desonra e que o infama?

Flora, aterrada, tinha apertado as mãos com angústia; sentou-se no leito e os seus cabelos desprenderam-se pelos ombros esculturais.

As suas pupilas tinham-se dilatado extraordinariamente e a linha da boca acentuava o traço de amargura precoce. A cabocla inexorável avançou para ela com uma terrível expressão de triunfo e, sem se compadecer da angústia daquela mulher, prosseguiu implacável, tão perto dela, que seus olhos deveriam hipnotizá-la. A cólera assobiava nas suas palavras.

– Compreendeu agora? E a senhora roubou-me o filho, roubou-me o seu afeto, para quê?! Para desgraçá-lo, como os ciganos roubam as crianças para martirizá-las! A senhora sofre? Não importa! Também eu tenho sofrido muito! É justo! E agora rouba meu filho, ladra! ladra! ladra!

Estas últimas palavras foram ditas com uma tal violência, inspiradas numa cólera tão desordenada, que Flora desfaleceu, caindo pesadamente sobre os travesseiros. Os dentes ficaram cerrados, os olhos desvairados e havia uma expressão de pavor doído naquela pobre face angustiada em que as lágrimas haviam rolado devagar.

E era ainda mais suave e mais formosa aquela beleza miserável em desmaio, branca, tão branca como o linho dos lençóis que a cobriam.

O aniquilamento da morte parecera pesar sobre seu belo corpo angustiado e frágil, cuja culpa era não ter podido escapar às implacáveis exigências da espécie, sob os mais graciosos dos artifícios ilusórios do amor.

Por entre o meu espanto, a minha revolta, o meu terror, eu sentia uma profunda compaixão por Flora, que eu via chorar, resvalando no precipício a que a minha loucura a arrastara. Doía-me profundamente o seu sofrimento. Oh! Como eu desejei naquele momento transpor o frágil obstáculo que nos separava e verter-lhe no coração alanceado todo o bálsamo do meu afeto! Como eu desejei castigar a insolência da mulher que brutalmente a ultrajara; eu tinha ódio àquela mulher,

um ódio de raça, profundo; tinha ímpetos sanguinários de despedaçá-la, rasgar-lhe as entranhas fumegantes, como um canibal!

Mas pude refletir a tempo de não cometer uma lastimável imprudência, traindo a minha presença, irrompendo de improviso pela alcova.

Fiquei, esperando, numa angústia; ao primeiro movimento agressivo da criada, eu penetrava na alcova.

Brígida lançou a Flora um olhar de desprezo. A criatura covarde sofria agora; era justo que se debatesse nas garras do sofrimento; começava ali o seu castigo e a sua expiação! E retirou-se satisfeita da vingança.

Aquela cena bestial abalou-me profundamente; a revelação da criada era fulminante; cambaleei como ferido por uma pancada no crânio. A delicadeza de minha situação esboçou-se como o espetáculo de um navio soçobrando aos olhos de um naufrago. Era preciso conjurar o perigo; cumpria fugir; urgia salvar a frágil criatura que arrastava na minha queda. Já não me detinha o receio de um escândalo; se a criada obstasse os meus desejos, cairia sobre ela como um raio.

De súbito, por uma impulsão que me levava muito adiante de minhas reflexões e projetos, achei-me dentro da alcova.

Flora voltava do desmaio. Lançou-me um olhar atônito e desvaireado, torcendo as mãos numa angústia imensa.

— Oh! meu Deus! meu Deus! soluçou ela.

Por precaução lembrei-me de fechar a porta por onde a criada havia partido. Somente, então, Flora pareceu dar pela minha presença.

— Que fazes? perguntou.

Dirigi-me resolutamente para ela e abracei-a com violência.

— Não, não, Mário! Por Deus!

Ela relutava, furtando-se ao abraço.

— Escuta-me, disse-lhe; preciso falar-te imediatamente.

– Estás louco, Mário! Estás louco!

– Mas preciso falar-te...

– Sim, sim, meu amigo; mas aqui não, agora não te posso ouvir...

Pudicamente havia arrastado as colchas até ao pescoço, sentando-se no leito; nos seus olhos desenhava-me uma infinita angústia. Ela não compreendia nem a razão nem o intuito de minha presença na alcova.

– Não estou louco; eu presenciei, eu sei tudo...

– Oh! exclamou ela, escondendo nas mãos o rosto em que se desenhara uma onda de rubor.

– Sim, sei tudo; e já não posso me conter. Venho salvar-me e venho salvar-te! Tu compreendes que a nossa situação não se pode prolongar mais, desde que a ignóbil criatura penetrou no nosso segredo. Como essa mulher nos odeia!... Tu não podes imaginar o ímpeto de cólera que agora mesmo sublevou-me contra o teu algoz, nem podes avaliar o dó materno que me inspiras numa infinita tristeza, minha doce amiga, pobre e infeliz amor meu!

Sentei-me ao seu lado, bem junto dela. Flora chorava; parecia esmagada pelo peso das injúrias recentes e pela brutalidade do opróbrio.

– Deus, Deus! murmurou entre lágrimas. Merecerei eu maior castigo?

– Não te aflijas, minha amiga, disse-lhe eu, tentando consolá-la.

Eu pensava: o castigo pressupõe uma falta e ela havia cometido essa falta! Grande Deus! Por maior que fosse o seu pecado, eu não a julgava culpada; parecia-me que alguma cousa a devia justificar aos olhos dos outros como a meus próprios olhos. Ela era inocente, talvez. Que sei eu? havia uma *cousa intangível*, como uma tentação obscura, uma coisa impulsiva e fatal no nosso crime. Mas o fato apresentava-se brutalmente ao meu espírito com o relevo pavoroso da verdade. Era horrível! E agora que estava consumado, no meio de todo o meu

tormento, aparecia-me um tormento ainda maior – a ameaça do castigo, a perspectiva da expiação! A hipótese de que Carlos pudesse conhecer a sua falta ainda não se tinha figurado nitidamente no meu espírito. Ela apresentou-se, medonha.

Toda a sua felicidade, o seu bem-estar, o conforto, os prazeres castos, as alegrias serenas do lar, todo o gozo legítimo da vida que lhe tinha sido assegurado, tudo isso podia agora desaparecer num abismo; e só lhe restariam os pesares, os remorsos, os opróbrios, as humilhações, um cortejo de misérias que fariam da vida uma cruz e do mundo um calvário! Revoltei-me contra esta sombria perspectiva. Como? Pois um instante de fraqueza, um dia mesmo que fosse de loucura poderia merecer este castigo formidável durante toda uma existência? Aonde a justiça da expiação? Entre o minuto de uma falta e anos de castigo? Este castigo aterrava-nos! Ainda ontem Flora era feliz, ou quase feliz, gozava pelo menos da tranquilidade e das doçuras do lar; agora sentia abrir-se o vácuo de um futuro desconhecido e ameaçador.

– Escuta, meu amor. Precisamos agir; os momentos voam; urge aproveitá-los, se quisermos conjurar o perigo que nos ameaça. Ouve e responde-me.

Fiz-lhe uma série de perguntas e considerações tão precipitadas que elas ficaram sem resposta. Brígida sabia tudo, pois que acabava de confessá-lo. Como pudera ela desvendar o nosso segredo? E por que motivo nos odiava tanto? Ela estava senhora do nosso segredo. Que iria fazer dele? Revelá-lo a Carlos? A ideia desta vingança parecia-me inverossímil e monstruosa. Não; Brígida não faria aquilo; ela amava muito a Carlos e seria preciso ignorar que ele amava muito a Flora, para que fosse fazer-lhe uma revelação que envenenaria toda a existência. Não podia conceber a razão e o intuito de uma tal vingança.

Flora, sucumbida, ouvia-me, com o rosto mergulhado nas mãos.

– Por que te calas? perguntei. Fala; não vês que o teu silêncio me atormenta?

Ela deixou escapar um gesto de terror.

– Criança! Que podes tu recear, quando me vês a teu lado, quando sabes que caminharia até à morte para salvar-te? Não acreditas no meu devotamento? Se, pois, te atormentas aqui, fugiremos para bem longe, num país em que a felicidade se abra para embalar o nosso amor. Sim! Sairemos para o sol, para a luz, para o céu, olhos nos olhos, mãos nas mãos, cantando um idílio maviosíssimo de aves emigradas, batendo as asas para horizontes afastados. O nosso ninho povoar-se-á de risos e de cânticos, numa grande festa primaveral, iluminada de auroras boreais intermináveis, com sussurros de águas, entre balseiras floridas. De manhã, quando a aurora apontar, esboçando o horizonte, subiremos para as montanhas por azinhas flanqueadas de botões dourados, de boninas e ervas cheirosas, e lá do alto de alguma cúspide culminante tocaremos o céu, esquecendo a dor miserável que escabuja cá, embaixo, como um batráquio num charco pestilento. E hás de sorrir para mim, extasiada e feliz como uma divindade. Dize, pois não hás de sorrir?

Eu ia exaltando-me. O silêncio de Flora servia-me de estímulo, porque, longe de ver nele uma repulsa, exprimia para mim o consentimento que eu queria alcançar dela. Eu tinha deliberado subitamente fugir com ela, sem mais considerações pela afeição de Carlos, que eu via dissipar-se a qualquer hora; agia, de acordo com a única solução que a delicadeza da nossa aventura nos oferecia.

Tendo em vista apenas a satisfação egoísta dos meus desejos, eu pretendia praticar um ato cavalheiresco e uma ação generosa, salvando de uma catástrofe iminente a criatura que eu amava.

– Por que te calas? Pobre flor! Sofres talvez como eu sofro. Por que não havemos de esquecer esta realidade incômoda? É tão suave

amar e é tão fácil esquecer! E, desde que te amo, sinto um canário insólito cantar dentro de mim, regurgitando em hinos de alegria, de paz e de ternura. Como a saúde refloresce, não sei que erráticos perfumes fazem o delírio do olfato, não sei que prisma maravilhoso põe nas minhas pupilas a visão mirífica das cousas! Ando como um deus numa nuvem e vivo como na luz de um sonho; há momentos em que cuido ter asas e admiro-me de não adejar entre a palpitação das aves... Há um bando de coisas misteriosas e invisíveis pelo ar; a linha, o som, o perfume, até o silêncio são povoados de intenções, como o sono de sonhos. Dir-se-ia que vivo embriagado de visões adoráveis e de deliciosos delírios... Amo-te hoje como te amava ontem. Por que não havemos de ser felizes? Bem vês os perigos que nos rodeiam, o precipício que aqui se cava. Há algures terras felizes, terras de ouro e de sol, com lagos imóveis, claros como espelhos voltados para o céu; há ilhas que surgem do oceano como oásis de verduras perenes. Fugiremos para lá, iremos ocultar os nossos amores nalgum ninho ignorado e tudo em derredor de nós irradiará numa alegria tranquila, numa paz deliciosa de tardes serenas e noites estreladas. Fugiremos, queres?

Flora ficou imóvel; na sua face passava uma nuvem de infinita tristeza, como se alguma cousa de caro se despedaçasse dentro dela.

— Obrigada, Mário, obrigada, disse ela profundamente comovida. Compreendo a generosidade da tua conduta; mas...

Interrompeu-se, muito pálida; fez um esforço doloroso.

— Mas eu não posso partir! declarou.

— Estás louca? interroguei, angustiado. Dize que te enganaste! oh! dize que te enganaste! Pois é possível que pudesses haver proferido uma frase tão cruel? É possível que te queiras iludir sobre as consequências que inevitavelmente há de criar a situação em que nos achamos? É possível que te acomodes à posição artificial em que estamos colocados debaixo do mesmo teto e que te habitues a esta atmosfera

moral asfixiante em que nos debatemos? Que outra solução podes tu encontrar que nos possa conciliar, sem prejuízo para o nosso amor? Tu te iludes, pobre alma! Oh! dize! dize que te enganaste, meu amor!...

Flora persistia no silêncio; esta conduta magoava-me.

– Como? Queres ainda prolongar este martírio em que me debato? Sentes então prazer em infligir-me a pior das torturas? Não me amas! Sim; causo-te asco, talvez. Desprezas-me? Se eu pudesse elevar-me aos teus olhos! Nem sei que mais deverei dizer-te para que possas compreender a grandeza desta paixão insensata, amarga, dolorosa, profunda, dominadora e indomável! Foges-me. Oh! Não me amas, não me amas! Para que me mistificavas, então? Por que usaste de um artifício cruel? E eu incessantemente embriaguei-me neste pensamento, porque eu, sim! eu te amava, eu te amo com todos os frêmitos da vida, com toda a ânsia humana da paixão! Queres que me ajoelhe, que me humilhe, que me roje a teus pés?

Ela fez um gesto negativo.

Eu levantei-me com um espanto doloroso; avancei de novo para ela e caí aos seus pés.

Flora chorava.

– Mas, dize de uma vez que não me amas, porque esta suspeita me atormenta! Dize, dize!

E de joelhos apertava-lhe as mãos abandonadas, atraindo-a à avidez do meu beijo.

– E então? E então? por que não respondes?

Ela levantou para mim os olhos cheios de pranto.

– Oh! Mário! não me atormentes! Por que dizes que não te amo? Eu aqui estou! Já não te pertença? Que maior prova de afeição poderás exigir de mim do que esta angústia em que me debato? Não é por amor de ti que calquei o meu orgulho aos pés, que sofro agora a pior das torturas?

Como ela era formosa, debatendo-se naquela angústia e indo ao encontro do meu afeto! Como as suas palavras calaram-me no fundo d'alma!

– Pois bem; disse eu. Por que não pões termo a esse martírio? Por que não fugiremos imediatamente?

– Cala-te! Ouve! interrompeu-me ela como louca. Não me digas nunca mais que não te amo! Essa injustiça dói-me, punge-me mais do que os meus sofrimentos. Pois, poderias acreditar que eu me entregasse a um homem, por um capricho de mulher insensata, sem que fosse a vítima de um drama doloroso? A tua suspeita ofende-me! E agora que te beijo, agora que me entrego aos teus braços, agora que sou tua escrava, dize que não te amo! Dize, anda! Dize, dize, dize!

Atirou-se aos meus braços.

– Tens razão, minha amiga; perdoa-me. Já não sei o que venho de dizer-te. Perdoa-me... Mas, se é bem verdade que me amas, só vejo uma solução para o nosso amor: – partamos!

– Nunca! disse ela com insólita violência.

Eu levantei-me, varado de surpresa.

– Meu Deus, meu Deus! Vai-te, vai-te! Se me amas, não insistas neste ponto doloroso e nem me atormentes, mais! Se soubesses como me fazes sofrer!...

E obstinou-se naquele impenetrável mistério.

Lá fora o dia continuava a levantar-se triunfalmente numa pomposa solenidade de ritos bárbaros; a rosa mística do sol floria no céu, como um hostiário sagrado; fanfarras gloriosas estridiam num hino augusto; e a Vida, como uma divindade abstrata, palpitava nos seus símbolos imortais como ídolos impassíveis e solenes de um Pagode colossal.

VIII

Nos *Rosais* pesava uma sufocante atmosfera de presságios: nos aposentos silenciosos, cujas persianas foram cerradas, havia uma claridade lívida e espectral, em que os objetos tomavam contornos desolados de luto; na grande tristeza do ambiente a vida parecia exalar-se como uma luz numa atmosfera rarefeita e os grandes rumores do dia, lá fora, não punham intermitências no silêncio abafado que descia, envolto nos sudários das sombras do alto do ângulo das paredes. Na sala de jantar ouviam-se distintamente os zumbidos das moscas, voando à luz mortiça e crepuscular que penetrava pelas janelas na agonia da tarde.

O relógio plangia desoladoramente, medindo a marcha arrastada e interminável do tempo que parecia comprazer-se em prolongar as largas horas de melancolia.

O estado de Flora se agravara com sofrimentos físicos, cujos sintomas coincidiram com o regresso de Carlos.

Sobreviera-lhe uma fraqueza que a prostrava no leito, os nervos lassos, num profundo desfalecimento. A sua face havia ligeiramente descorado num desmaio de flor doente; o nariz delicado afilava-se; sob as arcadas superciliares os olhos febris afundavam num círculo de sombras; os cabelos formavam uma coroa em torno daquela cabeça pálida, cingida pelo martírio. Nada mais doloroso do que a expressão amarga da boca, outrora florida de sorrisos, arquejando numa sede que se não desalterava. Uma angústia inexprimível parecia exalar-se daquela criatura; a sua vida, porém, condensava-se obstinadamente nos olhos, em que a energia vital, rebelde e pertinaz, desafiava o sofrimento.

Carlos a contemplava com ansiedade; constringia-me a penetrar na alcova da doente; obstinava-se a falar-me, consultando-me,

martirizando-me. A sua ternura crescera pela formosa criatura, que era o seu enlevo, e deixava-se ficar silenciosamente, junto ao leito, cheio de apreensões, sem ousar mais interpelá-la.

Ela já lhe havia ponderado:

– Não te aflijas, Carlos. Não é nada... Sinto apenas uma absoluta necessidade de repousar. Amanhã estarei boa, verás. Deixa-me, pois, e não me interrogues...

Carlos obedeceu, sem contudo arredar-se da alcova, fazendo-se ele mesmo o enfermeiro, e proporcionando-lhe os mais humildes cuidados com uma solicitude amorosa e inquieta. Olhava para a sua figura, modelada sob as dobras dos lençóis, e sentia uma imensa compaixão pela mulher tão formosa que a doença chumbava assim a um leito de sofrimentos; a palidez do rosto inquietava-o mais do que tudo e, quando tocava-lhe nos pés ou nas mãos, sentia-os gelados. Tinha meiguices de mulher enamorada para a acalantar, ameigando-lhe com as mãos os cabelos desatados ou aflorando com as pontas dos dedos as partes doloridas da sua cabeça.

Rondava em derredor do leito, com olhos inquietos, pisando nas pontas dos pés, evitando os móveis, cerrando as janelas, abafando todos os rumores. De uma feita surpreendeu-a com os olhos cheios de lágrimas. Teve um sobressalto. Por que chorava ela? Eu estremeci. Debruçou-se para ver melhor.

– Como? Estás chorando? Dize, dize: que tens tu?

– Não é nada, assegurou ela.

Ele recriminou-a com doçura. Que ingratidão! Por que não lhe confiava o motivo dos seus sofrimentos? Por que se obstinava em calar-se?

– Vamos, bem vêes que me afliges. Dize: que tens?

Flora viu-o tão penalizado que teve receio do despertar-lhe suspeitas. Se ele pudesse adivinhar o que mais a afligia! E eu sentia uma

opressão singular, adivinhando a ameaça de um perigo iminente. A vingança da ama aterrava-me!

– Perdoa-me, Carlos. Eu não sei bem o que digo.

Perdoar? Que tinha ele a perdoar-lhe?

– Não me penalizaste, acredita. Olha, sossega, que eu te estou velando.

Apertava-lhe a mão devagar.

– Sim, sim. E deixa-me repousar.

Ele respeitava o seu desejo. Não a perturbava, não lhe dirigia a palavra, obedecendo aos seus menores gestos.

Mas este silêncio a que se impunha era a sua maior tortura, tanto mais que ele ia verificando que Flora não dormia, conservando na sombra os olhos muito fixos e muito abertos.

Flora sofria; ele o sabia, mas tinha razões para atribuir o seu sofrimento a causas meramente físicas.

Aquele olhar, porém, fixo, inalterável, misterioso, acompanhando um pensamento longínquo, numa abstração visível, incomodava-nos. Em que pensava ela? O seu tormento, confessou-me Carlos, consistia em não poder falar-lhe a toda a hora, a todo o instante, para reanimá-la, para dar-lhe coragem e tranquilidade. Apesar de tudo tinha medo de que morresse, e sentia uma efusão de ternura por ela, a esta ideia pressaga. Jamais ela lhe parecera tão preciosa como no momento em que a morte podia arrebatá-la para sempre dos seus braços, e recriminava-se do tê-la deixado, de não ter sido mais solícito e mais cuidadoso de sua saúde. Vivia só por ela e para ela e nesta concentração do seu afeto esquecera a importuna insistência com que eu lhe havia anunciado a minha partida um tanto bruscamente... Receava que um acidente súbito pudesse pôr em risco a vida de Flora, embora nenhum sintoma grave justificasse seus receios, Eu fugia, às vezes, daquela alcova em que me achava

poleado numa horrível tortura, sentindo que ao meu constrangimento se juntava o de Flora; a cada momento eu receava atraí-çoar-me; mortificava-me a falsidade da minha situação; pressentimentos sinistros tocavam a rebato no íntimo de minha alma; chegava a ter temores insensatos. Eu receava que Carlos mesmo, subjugando-me pela fascinação irresistível do seu olhar, sondasse a minha hipocrisia, varasse a minha dissimulação, arrancando-me o segredo fumegante do meu ciúme! Começava a sentir uma invencível aversão por ele. A princípio constrangi-me, não podia dominar-me; traía-me; ao depois um cinismo espontâneo rebufava o meu rosto de uma calma e sorridente candura; mentia com um inalterável descaro e achava quase prazer em engendrar estratagemas e artifícios para assegurar o jogo da minha dissimulação; habituei-me bem depressa ao embuste e acomodei-me à vileza da minha conduta, que eu procurava justificar pela iminência do perigo e pela gravidade da situação. A criada aterrava-me; eu tentava evitá-la por todos os meios, esquivava-me da sua presença; pensei que ela silenciava sobre o que havia descoberto, por amor de Carlos; ao mesmo tempo receava que, de novo, uma onda de ódio sublevasse-a, impelindo-a para a vingança. Flagelado a todo o instante pelas mais cruéis apreensões, só pensava em partir conjurando assim o perigo que ameaçava-me; pungia-me, então, desordenadamente, o remorso de abandonar a minha vítima ao seu próprio destino, à sua fraqueza, à fúria irracional da mulher selvagem..

E era eu que então me entregava a um trabalho paciente de pesquisas, de indagações, sondando todos os olhares e gestos, espreitando os aposentos, espionando miseravelmente com um terror cobarde; a cada instante esperava ver Carlos, ferido pela revelação do ultraje, cruel e terrível na defesa de sua honra; e a mim só me restava deixar matar-me!

À tarde já não podia conter-me. Pé ante pé, vilamente, fui escutar e ver à porta da sua alcova, no seu gabinete de trabalho... Para minha expiação devo confessar esta ignóbil vileza!

Flora parecia comovida e a atitude de Carlos nada denunciava de ameaçador.

Estava sentado a seus pés, apertando-lhe as mãozinhas alvas em que as veias teciam uma rede azulada.

Tinham-se aberto as janelas e uma alegria nova parecia penetrar com a luz no aposento. E de emboscada, examinando Flora sob aquela luz virginal, como me pareceu formosa sob aquele aspecto lânguido que a moléstia lhe havia dado!

O afilamento ligeiro do rosto imprimira-lhe um cunho de adolescente enfermo, de anjo dolorido. Os cabelos tornaram-se mais pretos e mais aveludados, com reflexos finos; os braços afloravam dos punhos largos do vestido e os pezinhos tinham um encanto chinês sobre o tapete de desenho oriental. Sentindo-se melhor, deixara o leito e estava assentada numa poltrona ao pé da janela.

Como para celebrar o acontecimento Carlos colocou ao lado, sobre o toucador, um vaso coberto de rosas magníficas. Um aroma intenso começou a evolir-se na luz da alcova que a janela aberta arejava, fazendo palpitar as cortinas brancas do leito.

— Vês estas bonitas rosas? perguntara-lhe Carlos, fazendo um fascículo banhar-se na réstia do sol. São lindas, lindas! Lembras-te? Antigamente tinhas umas gulodices galantes; gostavas de comê-las. Era tão gracioso! Debicava-las pétala a pétala como um passarinho.

Serenado pelo tom tranquilo de suas palavras, eu retirei-me do meu esconderijo compreendendo a indignidade que cometia, espreitando de emboscada o interior de uma alcova, onde a minha presença não era sabida.

Todavia, devo dizê-lo para vergonha minha, já não era só o temor de Carlos que me empolgava; uma curiosidade magna, mórbida,

abjeta persistia-me na vileza de espionar, para espreitar a conduta de Flora. O ciúme aguilhoou-me então.

Eu detestava Carlos! Tinha-lhe asco.

Voltei de novo à porta. Carlos, plácido, dizia:

– Claro que aquilo não podia fazer-te mal. Não é verdade? Uma flor deve constituir uma alimentação suave aos estômagos delicados e paladares exigentes! Ora, os figos, por exemplo; que mal fazem os figos?

Carlos Tinha composto um *bouquet*, combinando o efeito das cores; e colocando à altura do olhos, exclamou:

– Mas é uma sinfonia do vermelho, vê? Uma sinfonia, por que não? As cores não são símbolos vulgares empregados para representarem coisas abstratas. Candura – branco; verde – esperança; azul – firmeza... já um poeta decadente descobriu uma relação entre as cores e os elementos constitutivos das palavras. Entretanto; a analogia é mais imediata entre as sete cores do prisma e as sete notas de uma escala, não é verdade?

– Eu vejo no vermelho a nota dos clarins triunfais, trompas gloriosas, vibrando na púrpura romana dos césares vencedores em coros retumbantes de entradas em triunfo. Branco: harpas e guzlas, violinos e bandolins, cantando suavissimamente os hinos imaculados na Bem-Aventuraça nas naves místicas do céu cristão, entre as almas cândidas dos justos e entre as alvas túnicas dos eleitos. O azul evoca o céu e o mar; deve ser profundo e grave, como as vozes mais solenes, mais sonoras e mais vastas de um órgão. O verde... É verdade: queres tu comer esta sinfonia?

Carlos havia colocado as flores junto à face de Flora; e de repente esta ergueu-se, muito pálida, e correu para a janela, sacudida por náuseas.

– Que é isto? perguntou Carlos, surpreendido.

Apalpava-lhe as mãos, as fontes.

– Então? Tens alguma coisa?

E aplicou-lhe ao nariz um frasquinho de sais, que ela repeliu brandamente.

– Já passou, disse, desmaiando.

Carlos, porém, continuava alarmado, sustentando-a nos braços.

– Para o leito, não é?

– Não, não. Aqui mesmo.

E recostou-se de novo na cadeira pálida como uma ressuscitada.

– Que é que sentiste?

– Não te aflijas. Não sei... O perfume daquelas flores causou-me náuseas... É esquisito!

– E por que não me disseste?

Arremessou-as pela janela.

– Agora, que sentes?

– Não sinto nada. Não te atormentes embalde, Carlos. Vê. Já me sinto boa... Senta-te aqui ao pé de mim. Tu dizias alguma coisa que me distraía. Continua. Bem vêes que já não te imponho silêncio.

Um pensamento causou-me um calafrio de terror: se ela estivesse grávida!

– É exato, dizia Carlos. Mas já não sentes coisa alguma? insistiu.

– Nada, respondeu Flora.

– Verdade, verdade?

Ela afirmou com um débil aceno de cabeça – sim, sim. E estendeu-lhe as mãos que ele beijou.

– Obrigada, obrigada, disse ela.

– Por quê? Que tens tu que agradecer-me? Muito mais devo-te eu. Agora estou satisfeito, visto que te sentes bem. Tu bem o sabes; quando te vejo sofrer, é uma angústia estar calado e inerte. Restituíste-me a palavra e sinto que renasces agora. Sinto que renasces para minha felicidade. Sinto que renasces, que és minha *de novo*...

Flora estremeceu; nos seus olhos passou a sombra de uma angústia e de um remorso; pareceu-me que sua pálpebra estava a repesar uma lágrima insistente. Carlos prosseguiu:

– Tu não imaginas quanto me afligi durante estes dois dias; a todo momento afigurava-se-me que ias morrer e que a asa da morte espantava em torno de tua cabeça. Tinhas um aspecto tão abatido e tão sofredor! No teu delírio parecia-me que ias enlouquecer, tais as coisas incoerentes que proferias...

Flora estremeceu tão sensivelmente que Carlos interrompeu-se apreensivo.

– Estás sentindo alguma coisa?

Dize. Pareceu que as tuas mãos tremiam. Estás tão diferente, pobre amiga!

– Não; tu te enganas, respondeu ela com esforço. Não sinto nada; devo estar muito fraca, apenas. Por que me achas, pois, diferente?

Carlos esteve a contemplando durante segundos, prendendo-lhe as mãos; o seu olhar umedecia-se de compaixão.

– Diferente, talvez; não sei se exprimo bem o meu pensamento. Mas há em ti, mesmo doente, um renovamento que te transfigura a meus olhos, como se sobre a tua cabeça tivesse caído uma bênção do céu; irradias uma graça nova e delicada; parece que te surgiram duas asas. Não sei bem exprimir-te o que penso; o que é bem verdade é que sinto a influência do teu encanto e o meu afeto parece nascido de ontem. A ausência destes poucos dias, os meus receios, a graça que em ti refloresce, tudo deve ter concorrido para este resultado.

Ouvindo-o, eu estava debatendo numa tortura; a hipocrisia pesava-me como um remorso e a consciência de minha traição aniquilava-me. Começava a lastimá-lo, a sentir comiseração por ele; mas uma onda de ódio e de ciúme sufocou logo a minha piedade.

Apertando as mãos de Flora, ele prosseguiu:

– Se pudesses saber o quanto te quero neste momento!....

Oh! Como eu desejara que fosses feliz! Dize: És feliz?

– Sim, sim, afirmou ela com uma voz quase extinta.

– Sentes-te bem agora?

– Sim, sim.

– Por que não olhas para mim? Dir-se-ia que te abstrais num solilóquio? Incomodo-te?

– Não, acenou ela languidamente com a cabeça.

– Ficarei então ao pé de ti. E te agradeço o momento de felicidade que me proporcionas. Na minha existência desbotada toda a felicidade que me cabe vem de ti. Sinto-me desvanecido de haver-te encontrado e te possuído. Lembro-me como se fosse neste instante ainda. Foi aqui neste aposento que te vi penetrar envolta numa nuvem branca; um véu te cobria o rosto e a cabeça e parecias surgir de uma espuma para os meus braços que te esperavam. Oh! tu não te esqueceste decerto! Sim; tu deves ainda lembrar-te...

A sua voz desceu a um tom confidencial, falando-lhe junto à face, para dizer-lhe ao ouvido um segredo conjugal.

Um ligeiro rubor coloriu ao rosto da doente.

Ela repeliu-o com brandura.

– Não me atordoas assim; fazes mal. Estou tão fatigada!

– Perdoa-me, suplicou ele, beijando-lhe as mãos; mas não posso calar-me ao pé de ti; deixa que te fale da nossa felicidade, que tantos invejariam. Tu tens sido tão boa para mim!

Estas palavras foram ditas com tanta sinceridade que Flora agoniada debruçou-se sobre os seus ombros, abandonando-se ao enterrecimento que a ia dominando.

– Oh! Carlos. Carlos! Não me fales assim! Quando poderei eu merecer-te?

Ela arquejava ansiada; a sua voz traía lágrimas.

– Que loucura! Então que é isso? Não te aflijas, Flora.

E fê-la sentar-se docemente na cadeira.

– Perdoa-me; eu devia compreender que estás doente. Não vás tu chorar. Não vês que me sinto alegre? Ouve cá, não queria enternecer-te.

Ela palpitava na cadeira.

– Queres que te dê água? Pobre flor! Como estremeces! Vamos, sossega.

Beijou-lhe os cabelos de mansinho, e continuou, sorrindo:

– Mudemos de assunto. Falemos de coisas alegres, não é verdade? É preciso que te faças galante. Sorri para mim.

De súbito ela começou de fato a rir um riso tão pungente, tão doloroso, que parecia sufocá-la. Lágrimas abundantes caíam-lhe dos olhos e o riso convulsivo prorrompia com uma violência, que pareciam gritos de dor.

– Flora! bradou-lhe Carlos, desatinado, apertando-lhe os pulsos.

Ela ria, torcendo-se toda, com uma dor manifesta, como arrastada por uma rajada de loucura; a risada parecia um cristal fino que se despedaçava. Carlos, atônito e fora de si, enlaçou-a violentamente nos braços para sufocar aquela crise de riso nevrótica que assombrava.

– Flora! Flora! bradou ele numa angústia imensa, sacudindo-a como uma criança a quem falta o ar. Ela abandonou-se desfalecida aos seus braços.

IX

Eu velava pela noite adiante, presa de uma cruel agitação. Quando dispunha os meus papéis, verifiquei com surpresa que uma fraude subtraíra da gaveta os meus documentos, simples notas das minhas

impressões que continham, contudo, confidências delicadas e profundamente comprometedoras! Um terror súbito se apoderou de mim... Quem teria subtraído aqueles papéis? Brígida? Era analfabeta. Procurei em vão atenuar a gravidade deste incidente; a minha ansiedade crescia, porque o furto de papéis tão inúteis denunciava uma intenção misteriosa e um móvel secreto. Flora? Sim; a curiosidade feminina levava-a à indelicadeza de penetrar por um subterfúgio, na sinceridade de minhas intenções e na profundidade da minha paixão; quisera ler a minha confissão íntima e não tivera tempo talvez de restituir aquele documento, se é que a vaidade feminina não quisesse conservá-los. Era esta a única explicação razoável que encontrei para tranquilizar-me; mas a consciência da minha culpa, agravada por tal incidente, inquietava-me, tirava-me a paz do espírito, roubava-me o sono.

As horas escoavam-se lentamente, na solidão interminável daquela noite singularmente silenciosa e extraordinária.

Eu me achava sob a opressão de uma estranha angústia, perseguido de ideias sinistras, vagamente irritado pela agonia daquela vigília que parecia não acabar nunca. Esperava confusamente uma coisa *que devia se dar*. Enervado até à madrugada, a pouco e pouco, sem que o sentisse, aquela exaltação constante foi se apagando como por um esgotamento de sensibilidade, conservando-me por momentos numa espécie de apatia idiota. Esta trégua não era, porém, tranquila e estava sob a impressão de uma ameaça patente. Não dormia. Deitado, eu conservava os olhos abertos, perscrutando as penumbras do quarto em que as sombras se refugiaram. Vencido pela fadiga, sentia-me mergulhado numa inconsciência que fazia-me esquecer tudo, como se a embriaguez do álcool tivesse mergulhado numa inexplicável indiferença todas as recordações de poucas horas, abrindo uma lacuna entre o presente e o passado; parecia-me que era outro homem, que

nada que se ligasse aos acontecimentos anteriores me dizia respeito. Era como se tivesse adormecido durante algumas horas e despertasse estonteado, sem coragem para nenhuma espécie de atividade.

Entretanto, esperava com um vago pavor que o dia despontasse para dissipar as apreensões sombrias daquela noite.

Ao menor rumor eu estremecia, meus ouvidos tinham uma acuidade assustadora; os nervos óticos, fatigados pela incisão da luz e pela fixidez do olhar, tinham ilusões extravagantes de alucinados.

Num visionismo singular eu via por momentos olhos que pestanejavam nas sombras, fosforescências que se exalavam em fogos fâtuos, esboçando lineamentos fantásticos pelas sombras, pelas paredes.

Entretanto, o quarto era tranquilo; tudo estava adormecido e sereno; lá fora a noite passava lentamente sem o menor rumor; dentro o silêncio era mais profundo; e a vela que ia se consumindo, à mesa, pela noite adiante, levantava a sua chama inalterável e serena, como uma fé que se levanta para o alto.

Às vezes um sopro gelado, que julgar-se-ia escapar-se de um sepulcro, vinha agitar a chama, que estremecia; e as sombras, como uma ronda espectral de balada sinistra, dançavam esfarrapando desenhos macabros nas paredes, figuras desvairadas e epiléticas de bruxas e duendes, sinais cabalísticos. E a chama reerguia-se direita, exangue mas firme.

Eu tinha os olhos fitos na porta, como se alguma coisa terrível os fascinasse para ali... Ao mesmo tempo uma deliciosa lassidão estendia-me os membros, adormecia-me os nervos, pesando-me nas pálpebras, apanhando-me a lucidez da consciência.

Em torno de mim como que se iam desdobrando véus tenuíssimos, sussurrando um froufrou de tules rasgadas e de asas invisíveis. De ronda aos meus olhos esvoaçavam palpitações espirituais de pequenos gnomos, adejando em nimbos de sonhos, num frêmito

acariciador de asas inquietas, abertas em leque, como luminosos crescentes de lua.


A vela começou a bruxulear numa claridade lívida de *punch* que desfalecia em síncope e desmaios, debatendo-se no círculo das sombras que corvejavam de roda num assédio audaz à chama que morria. E tudo começou a mover-se, a deformar-se sob aquela luz difusa e agonizante que ia esmorzando como um crepúsculo até às penumbras.

Eu me achava nesse estado intermediário entre o sonho e a vigília, mas singularmente agitado; sentia a necessidade de lutar contra uma vontade estranha de cuja influência conservo até hoje uma noção difusa; como que uma força alheia começava a circular em mim mesmo.

Entretanto, estou bem certo de que eu não dormia, porque, ao contrário, conservava-me atento, aguardando um incidente, cuja natureza não podia adivinhar, mas de cuja importância um pressentimento dava-me uma certeza absoluta; era como se alguém me houvesse marcado uma entrevista. Recordo-me de que por duas ou três vezes fui à janela, que eu abria e fechava, para consultar o céu em que as estrelas começavam a apagar-se, à aproximação da madrugada.

Da última vez consultei o relógio,⁴ que marcava quatro horas e meia da manhã.

Bruscamente eu fui como que despertado, embora não se fizesse nenhum rumor; era como se ouvisse tocar a rebate um alarma interior e se sentisse invadir-me vivamente a álgida impressão de um pressentimento; estava compenetrado de que alguma coisa espantosa, maligna e horrível se avizinhava de mim, mas que não penetrara ainda na alcova. Meus olhos voltaram-se imediatamente para a porta, do outro lado da qual eu compreendi que estava o *que quer*

4  Vírgula ausente do original. [N. do O.]

que fosse que eu não podia imaginar sob uma forma definida, nem viva nem humana, uma coisa sobrenatural e terrível que me fascinava à distância e a cujo influxo eu sentia uma força poderosa irradiar em meus nervos, como uma fugidia mas constante corrente elétrica, fraca, entretanto, mas suficiente para transmitir-lhes não sei que vago torpor.

A sensação de aniquilamento que eu tive é indescritível; calculo que decorreu um minuto durante o qual eu estive anelante numa expectativa intensa, com a impressão viva de uma *presença espiritual* junto à porta do meu quarto.

Súbito o rumor de um passo afastado soou, no silêncio. As sombras estremeçeram e imobilizaram-se; a luz sustentou-se muito firme, fixa como um olhar.

E os passos surdos, lentos, penosos arrastaram-se funebremente como arrastando o sudário da morte... Houve um último momento de expectativa aguda, como se por ali passasse um *frisson* de terror.

A porta abriu-se lentamente, *como se um sopro a recuasse em silêncio*. E na zona escura do aposento imediato desenhou-se a mancha flutuante de uma aparição tal como se emergisse de um desenho espírita – pálida, larvada, espectral.

Os passos haviam cessado à porta. E eu vi, na meia obscuridade que pusera no aposento uma claridade luarenta de *punch*, uma mancha esbranquiçada, de placas luminosas, uma como nebulosa ou um nevoeiro lunar que se adensasse no contorno de uma forma humana, perfeitamente visível. Nunca, antes ou depois, eu fui sujeito a alucinações telepáticas de qualquer natureza, reconhecendo então que a aparição tinha a forma espectral que todos atribuem aos fenômenos desta espécie.

Entretanto, ela não me causara nenhum terror à entrada, mas apenas um movimento de surpresa, até que, voltando para a frente a

cabeça, que trazia decaída para um ombro – eu abafei um grito de horror, reconhecendo imediatamente a fisionomia de Carlos!

Ele não trazia o seu traje comum e eis porque o não reconheci desde logo; envolvia-o uma larga túnica, como as que envolvem as estátuas antigas, caindo-lhe em pregas irregulares em torno do corpo.

Se os fatos posteriores não tivessem confirmado a sua identidade, nem assim eu ter-me-ia enganado, porque a imagem de Carlos era de uma verdade surpreendente nos menores detalhes da escultura da cabeça. Envolvia-o um nevoeiro luminoso e transparente, numa tênue evaporação lunar, iluminada como um corpo opaco por uma luz de fósforo. E dos ombros até aos pés um véu luminoso envolvia o corpo, modelando-lhe vagamente a linha geral do contorno. A figura era espectralmente esboçada numa matéria radiante que parecia arder e exalar-se deslizando sobre o sobrado, suspensa no vácuo, como nos fenômenos da levitação.

Adiantou-se até à mesa e lentamente, em um gesto, sem uma palavra, retrocedeu e desapareceu; ou antes dissipou-se num ângulo do aposento.

Eu tive um desfalecimento de terror. O que depois senti foi como um eclipse total de minhas faculdades. Estava certo de que não sonhava; antes eu tinha, ao contrário, o sentimento nítido de haver experimentado uma impressão mais viva do que outra qualquer sensação subjetiva anterior e uma certeza de experimentar uma coisa muito diferente de um sonho. Logo que esta impressão dissipou-se, eu não tive consciência de despertar naquele instante; só depois que se deu a solução de continuidade de minha consciência.

Quanto tempo durou meu estado inerte? Não sei.

E de súbito, como que despertando, pus-me de pé, rapidamente, de um salto, como tocado por uma pilha elétrica.

Meu ouvido tinha percebido uma vibração longínqua de voz humana, um grito, uma palavra, talvez! Tive o sentimento de uma desgraça imediata; os segundos que se seguiram foram de uma angústia de morte; nunca os momentos de minha vida tiveram uma tal aceleração; toda a minha vida ficou presa àqueles segundos aflitivos, durante os quais esperei a *coisa fatal*.

Estremeci, porque ouvi um segundo grito nítido, doloroso, horrível... Agora não havia ilusão possível e nada poderia traduzir a comoção que me agitou até às mais profundas raízes da minha alma. O relâmpago que atravessou-me o cérebro iluminou uma imagem de uma nitidez tremenda. Abri uma janela. Era dia. Chegavam-me aos ouvidos vozes angustiadas, choros, gritos...

Vesti-me rapidamente e saí, tropeçando nos móveis; da janela eu havia visto um ajuntamento insólito nos fundos do jardim; duas mulheres carregavam nos braços qualquer coisa. Ao chegar ao jardim, acotovelando os curiosos do grupo, ouvi uma voz grave que dizia:

São seis horas; deve ter morrido às quatro e meia da madrugada...

— Está bem morto. Nada mais resta a fazer. Cuidem agora da senhora que teve uma síncope.

Era o médico.

Eu cambaleei; a luz afundava-se-me nos olhos. Ampararam-me; eu deixei-me segurar no primeiro momento da emoção; depois desembarcei-me dos braços que me detinham, varei o grupo de circunstâncias e vi no meio do círculo Carlos estendido na areia, debaixo do velho cipreste que abria sobre ele a sua fronde hospitaleira e impassível. Compreendi tudo. Carlos suicidara-se!

Lancei-me por terra sobre o cadáver; prosternei-me junto à minha vítima; levantei-o pelos ombros e enlacei-me a ele violentamente, num abraço comovido que a morte gelava para sempre! Beijei-o nas faces repetidas vezes sem ter consciência das pessoas presentes,

apalpei o peito e os braços com uma mão febril e incerta, como quem tateia pelo escuro. Era horrível!

Uma bala varou-lhe o crânio.

Entretanto, eu não chorava; parecia-me ter febre; meus movimentos eram rápidos, bruscos, desordenados; toda a dor humana na sua maior intensidade estrangulou-me num soluço. Ao redor de mim havia um silêncio comovido.

– Carlos, Carlos! chamei com uma voz doce e feminina, em que a minha dor vibrou na mais branda e harmoniosa das carícias humanas.

Todos viram-me olhar bem de frente os olhos ainda abertos do amigo, em cuja face os cantos da boca ensanguentados arqueavam-se numa linha amarga, porque nos seus olhos, muito grandes e leais, apenas se desenhava como um véu o fumo tênue de um sonho esmaecido, em que se refletia nos mistérios da morte a imagem quimérica e florida do jardim simbólico.

Eu era sincero; nunca fui mais inconsciente e espontâneo nas ações. A dor humana, bruta, intensa e esmagadora como um tributo imutável, avassalara o meu coração e dominava-me em absoluto; todo o universo se resumiu naquele instante à minha própria dor. Eu nunca mais, nunca mais! deveria esquecer a expressão daquele derradeiro olhar que cuidaria voltar-se para dentro, expressão da infinita bondade e da resignação secular daquele amigo, o mais leal, o mais bondoso e o mais infeliz que através da morte parecia doirado de uma beleza sobrenatural!

Arrancaram-me dali; entreguei-me docemente como um sonâmbulo; nada ouvia; não compreendia o que diziam-me.

A dor fulminara-me.

Vi apenas, como numa ficção de teatro, um vulto epilético de mulher desvairada arrastar-se num passo de desgraça e de loucura, bravaria e selvagem, num cenário de tragédia em que o desenho do cipreste tinha um pavoroso relevo de verdade.

Aquela imagem transfigurada, soberba, sobrenatural era a de uma mãe varonil, uivando a sanha revoltada de uma leoa ferida, a face contraída num assombro de bronze convulsionado, enchendo o silêncio consternado com o também bestial dos seus gritos, e tão sincera diante da surpresa da catástrofe que não dissimulava a revolta de sua indomável dor animal explodindo em rugidos de besta-fera numa epopeia de blasfêmia e de sarcasmo! E parecia maior, formidável e spectral, com uma cabeça desgrenhada de Medusa santificada por um resplendor de martírio, estendendo braços desvairados para o seu bem extinto, insurgindo-se contra os açoites do destino, às dentadas, aos saltos, com rugidos de desespero numa agonia impotente de dor inconsolável, bestial, irracional, feroz – e contudo tão verdadeira e tão sincera, tão humana que a piedade religiosamente se movia ante a solene grandeza e a trágica majestade daquele infortúnio... Era a Brígida!...

Voltando ao meu quarto, eu caminhava ao acaso, embrutecido pela intensidade de minhas emoções; passado aquele torpor, meus olhos pousavam com assombro sobre a mesa. *O manuscrito achava-se lá...* Recordei-me do pesadelo noturno. Não teria sido um pesadelo ou uma alucinação? Estremeci, escondendo as mãos no rosto. A realidade parecia-me uma ficção; dir-se-ia que continuava a sonhar, tão singular era tudo aquilo. Tinha receios de enlouquecer. Capitulando perante a medonha verdade, recaía de novo naquela crise terrível em que os meus sofrimentos atingiam a maior intensidade; eles dominavam de tal maneira, que cessara aquela terrível lucidez de consciência e o meu pensamento inquieto tinha uma rapidez elétrica e desordenada, incapaz de fixar-se em⁵ um só ponto. Era uma anarquia interior, uma revolução íntima em que as impressões de momento se baralhavam

5 ∞ Palavra ausente do original. [N. do O.]

com impressões remotas da infância, farrapos de lembranças sentimentais, recordações de leitura, uma ânsia de dormir, de repousar, morrer, uma dor que não me dava lágrimas e que me constringia a garganta numa tortura tão dolorosa que a morte seria para mim um bálsamo precioso e consolador.

A noção nítida da realidade voltou de novo; todas imagens do meu pensamento, rápidas e fugitivas como as de um keneitoscópio⁶ se fixaram aos poucos numa só imagem da morte.

Carlos aparecia morto, fulminado pela irreparável desgraça. A verdade apareceu aos meus olhos com um relevo tremendo; medi com horror a consequência daquele fato; senti-me pequenino e cobarde para dominar a grandeza da emoção; todo o universo de novo reduziu-se àquele momento único. E eu sentia-me estalar e enlouquecer de dor! Tive horror de tudo, da vida, do céu, da terra, dos homens, da natureza inteira e principalmente daquela casa que era o meu patíbulo e um lugar de expiações e torturas. Levantei-me.

Padre Ângelo estava ao meu lado; chorava; ele compreendeu também decerto a minha dor e num instante dois homens tão diferentes, mas que se amavam de um modo tão espontâneo e sincero, acharam-se abraçados, um nos braços do outro, confraternizados num mesmo sentimento e atingidos pelo mesmo infortúnio.

Foi padre Ângelo quem rompeu o silêncio ao cabo de um minuto de comoção que embargava a voz a ambos nós:

— É uma irreparável desgraça, não é exato? Eu devia vir imediatamente trazer o meu consolo e prestar os meus serviços... Mas que quer? Antes de tudo sou homem também, e à fraqueza humana se junta a fraqueza dos meus sessenta anos! Não pude conseguir dominar-me nesses primeiros momentos em que a notícia me colheu. É

6  [sic]. Provavelmente, kinetoscópio ou cinetoscópio.

uma dor egoísta, bem sei, que não dá tranquilidade aos outros que sofrem; contudo, eu precisava adquirir coragem e orar. Como vê, já não me surpreendo, porque sei tudo..

Eu estremei. Quê! A angústia que se desenhou no meu semblante fora tal, que padre Ângelo sobressaltou-se.

Já ele esquecia as suas próprias dores para cuidar de uma dor alheia.

– O senhor sabe tudo?

– Infelizmente; que Carlos é morto. Deus meu! Haverá mais alguma coisa?

Eu hesitava; padre Ângelo ignorava ainda o meu segredo; devia confessá-lo?

Eu tinha *uma necessidade absoluta de falar, de confessar tudo* a alguém naquela onda tumultuária de dor que me enlouquecia, se não falasse.

O Tio-Padre insistiu:

– Fale, fale!

– Não, não, disse eu rapidamente; e com uma precipitação insólita, comecei a fazer aquela confissão, contra a qual lutava, *reconhecendo-me, porém, impotente para calar-me*. A desgraça é uma só e irremediável; mas há através da aparência dos fatos uma desgraça ainda maior e ainda mais irremediável! Como hei de eu dizer-lhe tudo que de tumultuário e de doloroso eu sinto?

Não sei como tenho ainda coragem para suportar este golpe, opondo uma heroica resistência ao tufão de desgraça que passou pela minha alma, sem varrer-lhe a razão. Nunca pensei que fosse tamanha a capacidade humana para a dor. Nestas poucas horas pareceu-me ter vivido dez anos de suplícios, de castigos, ai de mim! bem merecidos!

Padre Ângelo revelava a sua piedade pela dor humana, cujo ai dolorido levantava-se junto dele. Abraçou-me ternamente.

– Tranquelize-se, meu amigo, instou ele, surpreendido, sem compreender ainda, receando pelas minhas faculdades.

– Sim, continuei, numa exaltação ascendente. Sim, sou duplamente miserável e infame, para maior castigo do meu orgulho, deste orgulho que é o meu maior defeito, porque gerou as piores qualidades do meu ser, entre as quais eu verifico agora este egoísmo abjeto que somente via no mundo a satisfação dos meus próprios desejos e o império dos meus caprichos, os mais insensatos, os mais vis, os mais desastrosos! Que importa que eu não pudesse prever todas as consequências de um ato e deter a marcha fatal da corrente das cousas? Nem por isso me sinto menos revoltado e sombrio, ainda mesmo que eu tivesse a certeza de ser um instrumento inconsciente de um destino implacável!

– Mas tranquilize-me, meu amigo; bem vê que assim não nos podemos compreender.

– Tem razão. Sim; estes momentos são preciosos para nós ambos. Não é a confissão de um crente a um sacerdote que lhe vou fazer; mas ao amigo, ao pai... Desculpe-me se o atormento. Estou tão perturbado!

– Pois, sim. Mas não se ajoelhe; sente-se; sente-se.

Sentei-me e comecei a narrar concisamente toda a minha culpa, sem omitir circunstância alguma. Eu contei a minha amizade a Carlos e exaltei-me neste sentimento, falando dele com uma comoção que me embargava a voz.

Era mais que um amigo, era um irmão querido.

Os últimos acontecimentos ainda mais me exaltavam naquela amizade envenenada e ferida da morte pela minha traição. Amava-o então com um fanatismo exaltado em que doía-me o remorso de ter-lhe sido desleal; e havia como que uma consolação amarga em evocar cenas da infância e da boa camaradagem do passado. Descrevi

as suas impressões depois de minha vinda aos *Rosais*, as previsões funestas, as apreensões aterradoras e a fatalidade de circunstâncias que me prenderam ali contra a vontade – uma vontade desfalecida e frágil, que não sabia querer e obrar. Por um escrúpulo delicado eu fazia-me, porém, o único culpado, distribuindo a Flora um papel de vítima dos seus sentidos e do assalto de um libertino.

A noite do caramanchão, aquela noite de um luar erótico, cuja recordação deixava um rastro luminoso no meu espírito, foi narrada minuciosamente, mas a traços incisivos e rápidos como quem revolve uma ferida dolorosa. De cabeça pendida entre as mãos, olhos vagamente fitos no chão, eu evocava das entranhas da terra a visão doce e mortal de Flora, caíndo nos meus braços, num delíquio de morte. E de repente parei, porque padre Ângelo soluçava:

– Flora, minha pobre filha!

Eu vi aquele velho estoico e doce sucumbido ao peso daquela confissão; o seu grito doloroso trouxe-me uma revelação cruel; levantei-me fora de mim, acabrunhado, atirando os braços para o céu.

– Oh! como sou desgraçado! Que insensato! Nesta angústia que me enlouquece esquecia-me dos laços que a prendem àquela infeliz criatura, a doce vítima de minha infame paixão. O senhor bem vê que não poderá mais haver consolação para mim! Que fatal destino é o meu, que torna desgraçados todos os que eu amo e que se aproximam de mim!... Nunca me vi tão insensato e inquieto em toda a minha vida; cuido que enlouqueci de veras! O senhor bem vê que não há perdão para mim e ainda que houvesse não poderia perdoar-me. Vou-me embora, o senhor é um santo e não saberia expelir-me da sua presença!

A minha intenção era sincera; eu sentia-me miserável aniquilado. E depois levantando os olhos para aquele sexagenário, não cuidei ver-lhe nos olhos doces uma exprobração fugitiva pela dor que

também eu lhe infligia? Não vi naquela atitude abatida de um homem santificado por uma existência de caridade o resultado ainda de minha culpa?

Mas padre Ângelo arrastou-me docemente, enxugando os olhos, entre soluços.

– Tranquilize-se, meu filho. Bem vejo que se ilude na maneira por que interpreta as minhas lágrimas. Que quer? Sou um velho e um velho é quase uma criança, a quem se deve perdoar as fraquezas. Olhe bem para mim; bem vê que já não choro mais... E, se chorei, é porque suspeito que eu também tenha culpa nisto; não se surpreenda... Mas há pouco, quando falava-me de Flora, a pupila do meus olhos, eu me interrogo e tremo de verificar, se eu não fui demasiadamente pressuroso em casá-la, sem ouvir bem os sentimentos do seu coração. Meu Deus! um ato nosso às vezes tem uma tal responsabilidade...

Eu ouvia-o, assombrado e sucumbido.

Depois, forçando-me a sentar, prosseguiu:

– Expliquei-lhe isto para o senhor não traduzir a mal as minhas palavras, as minhas lágrimas. Vejo que ainda tem o que dizer-me. Fale! Eu o escuto, como um seu irmão ou como um pai, se me permite.

Eu narrei rapidamente o desfecho daquele drama.

– Agora, concluiu, o senhor compreende esta tortura que me flagela e devasta. Não sei dizer-lhe o que senti, quando fui encontrá-lo morto no jardim! Tinha-o nos meus braços, já frio, na imobilidade da morte. Vejo-o ainda, pobre amigo! com o seu olhar de compaixão e de dor. Oh! padre, padre!... Era tão belo assim, tão extraordinário, tão superior, que eu nunca o amei tanto, nunca estremei mais do que na hora em que ele caiu nos meus braços, vítima de minha deslealdade! Então só a morte parece-me um bálsamo eficaz e misericordioso, uma solução digna e nobre! Mas eu tenho horror à morte;

é uma repulsão instintiva, inevitável. O suicídio aterra-me; afigura-se-me uma cobardia; entretanto ele seria talvez uma expiação! A minha perturbação me impede de refletir serenamente. Que devo fazer para redimir esta culpa? Vêm-me ideias insensatas. A justiça, o claustro, que sei eu? Seja o que for; diga-me que devo fazer para tranquilizar-me, para reparar o mal?... Se ele é irreparável! Como me atormento e como sofro! Oh! muito, muito! E agora não me abandone nem me despreze, agora que conhece toda a extensão do meu crime. Não procurei atenuá-lo aos seus olhos; confessei-o com uma absoluta sinceridade, porque assim era preciso.

Padre Ângelo meditava, chorando.

Eu estava sacudido por soluços atrozés, mas não chorava nem podia chorar.

Calei-me quase desfalecido, junto à mesa, e as pernas iam vergando devagar.

Foi também devagar que vi o padre levantar-se gravemente, numa atitude que não devia apagar-se mais de minha memória.

Eram sessenta anos que se levantavam sob o peso de uma comoção profunda, que ia se aplacando aos poucos naquela natureza afetiva e sensível que o hábito e a índole afeiçãoaram a uma calma bondosa diante dos espetáculos mais agitados e crises mais agudas.

Até as próprias dores pareciam sistematizar-se naquela natureza de homem clemente.

Eu vi-o cercado de uma auréola divina e sobrenatural; uma transfiguração súbita se operava também no ingênuo padre camponês e ele tinha uma atitude augusta, em que irradiava toda a sua inextinguível bondade. Os seus olhos tinham a candura da infância e a clemência de uma velhice benfazeja. Parecia levantar-se numa apoteose mística e o seu sorriso tinha qualquer coisa de intraduzível e celeste. E foi com um acento comovido que ele falou:

– Escutei-o com o interesse que o seu infortúnio me inspira. Pois bem! Por mais dolorosa que seja a parte que me cabe na sua confissão, eu não vejo nela senão o microcosmo da vida, a luta de uma alma atribulada, que se debate e que sofre, e este espetáculo aumenta a minha piedade por todos nós... Sim, por todos nós! O senhor supõe-me santo; antes o fora, e aí de mim! quem o será? Ainda há pouco ouvi as palavras com que o senhor expôs a marcha insensata de uma paixão condenável, que escarneceu dos seus esforços e triunfou de sua vontade. Se eu fora um santo, não poderia compreender uma tal capitulação, nem poderia sentir uma simpatia pela sua história, não porque justifique um sentimento criminoso, senão porque o esto abundante e apaixonado de suas palavras penetrou os escaninhos de uma alma engelhada em quarenta anos de penitência. Que poder têm as suas palavras para despertar do fundo remoto de meio século de renúncia e de olvido a recordação que ainda vive das primeiras palpitações do meu coração de adolescente? Bem vê que chegamos a um momento em que as nossas almas se encontram. Falo-lhe com o coração nas mãos. E não lhe dissimulo que o sacerdote poderá renunciar a todas as vaidades da vida, nem por isto no fundo de sua alma deixarão de vibrar às vezes as cordas adormecidas em que a ilusão da mocidade ensaiou o primeiro hino de amor! Quem sabe se naquela idade, sem a experiência e a calma que é o único troféu que ganhamos com os anos no combate da vida, quem sabe se, vítima de uma paixão idêntica, eu não poderia ser arrastado, como o senhor, a uma conduta mais lamentável? Basta encararmos as nossas próprias fraquezas para que sejamos indulgentes para com as fragilidades alheias. Por isto é que a caridade, pois que a tolerância é apenas uma forma daquela virtude, só é exercida satisfatoriamente pelos infelizes e deserdados da sorte. Aqueles, a que a fatalidade ainda que uma só vez na vida

feriu, é que sabem interessar-se pelos outros, vibrando com as suas dores, identificando-se com o infortúnio. Elas repercutem dolorosamente dentro deles, evocando sofrimentos idênticos, que uma simpatia enternecida liga na solidariedade moral da desgraça e da miséria humanas. A felicidade, posto que passageira e momentânea, é quase sempre egoísta e o espetáculo da miséria a desconcerta e constrange, quando ela placidamente goza o quinhão de ventura que lhe toca. Repare que nunca se fazem esmolas nos dias de bodas, mas nos de enterros... O senhor lembrou a justiça e o claustro, duas formas da penitência. Da justiça eu nada entendo; sei apenas que entre ela e a minha vai um abismo insondável. A minha profissão e a minha experiência abriram-me largos horizontes, em que certas revelações puseram uma luz decisiva no meu espírito. Diante do espetáculo pungente de dor humana, eu tenho meditado num alto ideal de justiça, de que a justiça humana se aproximará apenas no dia em que ela conseguir conciliar o código da moral com os códigos da honra, da religião e da natureza. Penso que há uma justiça que emana de mais alto. O senhor pergunta se pode alcançar o perdão? Deus meu! Por que se duvida ainda da tua clemência?

É fundamental pensamento da evangelização cristã:

“Devemos condenar o erro e perdoar os que erram”. Que pena eu poderia impor-lhe senão a do arrependimento e da contrição? A sua situação é análoga à da mulher pecadora condenada à lapidação farisaica... O claustro... Nas naturezas impressionáveis e sensitivas, perturbadas nas grandes crises morais, este pensamento acode romanescaamente. Isto faz pensar de como devera ser o caráter da missão sacerdotal – essencialmente humana, de caridade tangível. Não tendo passado pelas provas dos sofrimentos comuns, ignorante das paixões, o sacerdote é um mau diretor espiritual; o claustro é uma muralha chinesa de impassibilidade. Como compreender a amargura

das lágrimas sem havê-las derramado? Que bálsamos traz a Trapa às chagas de um coração? Compreendi a sua intenção, que é um belo sintoma; todo o homem pode exercer melhor que os claustros o amor e a caridade. O sr. ainda há pouco me dizia ter o coração árido; a fé é uma flor que germina naturalmente de uma semente; nada poderá facilitar ou impedir um tal fenômeno; mas a caridade pode ser exercida por todos e pode se constituir o objetivo da vida. Para a sua conduta lembro-lhe duas virtudes: resignação e bondade. É uma doutrina estoica, inspirada neste pensamento de Çakya Mouni: “A verdadeira sabedoria consiste na percepção do nada de todas as coisas e no desejo de tornar-se nada, de ser aniquilado de um sopro, de penetrar no nirvana.” À primeira vista parece materialista este pensamento, mas, refletindo melhor, compreendi que ele se aproxima muito do próprio pensamento da Igreja. Rogo que me releve o tom doutrinário com que lhe falo; amanhã, quando se tiver dissipado a emoção do momento, não se ria por conselhos amigáveis de um homem rude, fechado no horizonte restrito de suas ideias. Lembre-se de que é um dever meu consolá-lo... Há outras almas ainda a pensar. Vou concluir; falei-lhe com toda a sinceridade a que o sr. tem direito; nem me era lícito manter restrição de consciência. Há sempre meio de reparar o mal; persistir nele é que seria uma imperdoável fraqueza. O suicídio afigurou-se-lhe uma reparação; basta, porém, refletir um só instante, para verificar que ele apenas aumentaria a desgraça, sem nada reparar; ainda era o seu egoísmo que o enganava; o seu suicídio seria apenas a liberdade do castigo. É preciso opor aos ataques do destino uma serenidade estoica, dolorosa, quando se habituou a ver no objetivo da vida a satisfação dos prazeres desejados, isto é, a felicidade. Viva e sofra. O sofrimento é às vezes uma graça. A vida é um combate que se fere. Viver é lutar.

A esta última frase eu estremeci.

Oh! como me pareceram desmaiadas e mesquinhas agora todas as palavras do sacerdote, ao lado daquela frase recapituladora a lapidária, frase palpitante, e viva como um músculo, frase concisa e sintética como uma fórmula flagrante e exata da Vida!

Padre Ângelo retirou-se e, de súbito, examinando o fatal manuscrito que se achava sobre a mesa, deparou-se-me uma carta que me era dirigida.

Estava lacrada e trazia o sinete de Carlos. Abri-a com sofreguidão. A impressão que ela me produziu é uma destas cousas inacessíveis à palavra. Meu organismo não podia suportar tantos choques sucessivos. Adoeci gravemente.

“Meu amigo.

Permite que ainda te dê este doce título, e pela derradeira vez, quem te escreve à beira da sepultura Oh! tu não podes imaginar que esto de ternura faz palpitar o meu coração ao traçar aquelas duas palavras, tão simples aliás, e que encerram, entretanto, um dos sentimentos mais puros e com certeza o mais desinteressado de todos os que ocuparam o meu coração durante a vida inteira, e que eu, acreditada, vou levar extreme para além da morte.

A intenção dominante que resolveu-me a escrever-te esta carta é exatamente esta — a de conservar essa amizade que durante tantos anos constituiu o lado bom pelo qual as nossas almas sempre se encontraram, enternecidas. É este o último pedido que te suplica do derradeiro momento o amigo moribundo. Continua a amar-me, como eu te amo ainda, como eu vos amo. E desde já te peço que não vejas nesta carta e na maneira por que a escrevo uma ironia cruel ou uma intenção monstruosa, inverossímil num momento tão solene e tão trágico como este em que estou me despedindo da vida. Em outro documento por mim escrito e assinado para produzir efeitos legais, encontrarás ainda a afirmação dos intuitos que agora ditam minha

conduta; retirando apenas para os pobres, do Tio-Padre a parte que de direito lhes cabe, constituo meus herdeiros a ti e a Flora, com a condição, que ali não se acha explícita de que legitimareis o vosso afeto pelo casamento. Não te surpreenda esta condição que não imponho, mas que exijo da tua probidade e do teu afeto por mim e por ela; tu me conheces, tanto quanto é possível uma alma alheia penetrar no país desconhecido e misterioso de outra alma, porque cada um de nós tem em si mesmo um universo interior, cujas regiões ficam as mais das vezes impenetráveis às pesquisas psicológicas, como certas regiões hiperbóreas às expedições dos navegantes; conheces, porém, o meu absoluto fanatismo pela verdade, o meu horror à dissimulação ou à mentira.

Pois bem; o meu derradeiro voto é pela tua felicidade e pela daquela meiga e doce criatura que eu inconscientemente fiz sofrer todas as torturas da paixão, tornando-a desgraçada, quando a minha mais alta aspiração seria pela sua completa ventura e inteira felicidade! Eu devotaria a minha vida inteira, fardo pesadíssimo, para alcançar este ideal de minha alma e, cuidando fazê-la feliz, eu conservava preciosamente esta vida que é para mim a pior tortura e a mais cruel grilheta que chumbava à expiação da existência!

Foi um acaso providencial, vejo-o agora, que veio colocar sob os meus olhos o manuscrito em que diariamente traçaste a tua vida nos *Rosais*.

Eu confesso e não dissimulo que minha primeira impressão foi de um assombro doloroso... Que negligência ou que intenção veio trazer aquela revelação para a mesa do gabinete, ignoro; cuidei a princípio que fosse um trabalho meramente literário, a que te houvesse entregado às escondidas, para proporcionar-me a surpresa da primeira leitura. Passada a primeira impressão de espanto, sublevou-me uma cólera profunda; por momentos fui feroz e sanguinário; em todo este

drama doloroso eu só via uma farsa ignóbil, em que me fora distribuído o papel de ínfimo farsista; o sentimento de revolta da minha honra ultrajada sugeria-me a efusão do sangue como único meio de lavar a injúria. Deu-se em mim não sei que retrocesso atávico; selvagem, dominava a paixão mais perigosa, a de meu ódio que dava-me forças para esmagar tudo o que obstasse a minha passagem para a vindita. Outras fossem as circunstâncias do momento e a esta hora eu seria um criminoso! O acaso, porém, as mais das vezes é quem determina as nossas ações aparentemente as mais espontâneas.

Em virtude do abalo sofrido ou por outro qualquer motivo, eu senti-me paralítico, incapaz de um movimento, sem que o cérebro deixasse de trabalhar. A extrema lassidão dos nervos operou decerto como sedativo benéfico, porquanto desviou-me os pensamentos e os sentimentos para um curso bem diverso. Circunstância providencial que me livrou do inenarrável remorso de matar-te e de assassinar a mais bondosa, a mais infeliz e a mais terna das mulheres!

Li de novo e com a maior calma que me era possível os trechos do manuscrito em que pintavas a marcha invencível da paixão, que se te afigurava monstruosa, e lastimei-te, pobre amigo! tive dó de ti, nobre espírito! que os mais belos sentimentos martirizaram numa luta formidável entre as leis naturais e as leis da convenção humana! Por que julgavas monstruosa a tua paixão? Porque a não podias confessar à face dos homens e das leis do país. Entretanto, apesar de toda a tua admirável energia nesta luta tremenda, a natureza, mais forte, triunfou dos teus nobres propósitos, inflexível nos seus reclamos, implacável nos seus princípios. Não há meio de melhor julgarmos os atos alheios, do que invertermos a nossa posição pela do delinquente; e não sei se, rodeado das mesmas circunstâncias, eu não capitularia também, com o coração duplamente esmagado pela luta. Como eu vos compreendi, então! Como eu vos deplorei! E sobretudo como eu vos ame!

Não posso dizer-te nos estreitos limites desta carta todo o drama que tem sido para mim esta noite. Se eu vivesse mais dez anos, parece-me, não teria vivido tanto. E depois de uma noite inteira de vigília, recapitulando toda a minha vida, coordenando tudo o que os livros e a experiência me ensinaram, e eu compreendi então toda a extensão e importância dessa filosofia humilde do Tio-Padre! É a filosofia dos pequeninos, dos miseráveis e dos desgraçados — única que os pode satisfazer e mitigar por instante a sede de paz dos seus corações enfermos e inquietos. Vem de longe, bem o sei, a sugestão daquele espírito sobre o meu; embora eu admire toda a sua grandeza moral, confesso-me incapaz de seguir-lhe as pegadas e de imitar-lhe o exemplo de renúncia a toda a felicidade, porque a renúncia só é meritória quando envolve o sofrimento. Eu não posso sofrer; amava a vida por amor somente daqueles aos quais dela me parecera necessária. Já estás compreendendo e adivinhando aonde vou chegar. O suicídio é isso mesmo; é uma ideia com a qual me familiarizei de há muito para dar um golpe decisivo no destino, toda a vez que ele interviesse no caminho da minha felicidade, e para dar uma solução pronta a qualquer emergência difícil em que me achasse pela vida adiante. Não te confessei isto tantas vezes? Recordá-te de que uma vez eu te contei a profunda impressão que me causou em criança a morte do avô; eu o estremecia e só mais tarde soube que fora um motivo de honra que o levara àquele extremo de desespero. Nunca me esquece da atitude em que a família foi encontrá-lo no leito, com a sua cabeça serenamente repousando no travesseiro e uma larga mancha de sangue na região do coração. Era extraordinariamente belo o avô e naquela atitude a sua velhice pareceu adquirir maior majestade, os seus cabelos brancos punham-lhe uma auréola de deus tranquilo e soberano!

Uma vez, para experimentar se eu teria a mesma coragem, apenas, tomei uma arma que apus ao peito nu para ter a sensação da

frialdade do aço; sustentei com firmeza a arma naquela posição, entretanto, senti como que *uma mão que paternalmente me auxiliava*, e com uma crispção nervosa puxei o gatilho. Somente após o estalido seco das molas dei fé daquele ato que te asseguro absolutamente involuntário... Ainda, então, eu lembrava-me do avô. Não estranharás, pois, que o suicídio me parecesse a solução natural; e é com o mais frio cálculo, com a mais pensada premeditação que porei termo à amargura da vida, alojando no coração uma bala numa apóstrofe de explosiva revolta. Enganam-se ou procuram enganar-se os que veem no suicídio um ato de loucura; ele pode ser também, como no meu caso, o resultado de maturada reflexão.

A vida era para mim um fardo que eu suportava por amor dos outros; esta razão deixou de ser, ela pode mesmo ser um obstáculo à felicidade dos que amo; portanto – mato-me.

Estará louco quem assim raciocina?

Cumpr-me ainda desde já afastar qualquer sombra de pesar que o meu suicídio porventura te possa trazer: não me mato para fazer a tua felicidade e a de Flora; também não sou levado a este ato pelo desgosto que porventura pudesse causar-me a revelação do vosso amor. Não, mil vezes não! Mato-me pela *necessidade absoluta, imprescindível, inadiável* que tenho de morrer; a vida é uma propriedade minha; ninguém, em boa lógica, poderá disputar-me o direito de fazer dela o uso que me aprouver, tanto mais que nenhuma das existências pelas quais sou responsável sofrerá com isto a não ser o pesar de me perderem para sempre. Se eu tivesse filhos, por exemplo, outra seria a minha conduta, ainda que renunciando a comunhão do lar – o que seria agora absolutamente impossível para mim.

Cuidarás que, ainda mesmo que eu tivesse o maior apego à vida, a nossa situação seria insustentável; e terias razão em assim pensar, figurada semelhante hipótese que não é o meu caso; ainda assim, outras

soluções, que não a do suicídio, oferecer-me-iam meios de sair com dignidade e com honra de um terreno melindrosíssimo. Eu poderia socorrer-me do divórcio, da separação tácita, das viagens e ainda de outros recursos. Insisto neste ponto para dissipar quaisquer escrúpulos que possam se levantar na tua consciência acerca dos motivos que determinaram a minha conduta. Ela não envolve nem um ato de desespero, nem de sacrifício ou renúncia; o meu suicídio é como uma viagem adiada muitas vezes, aguardando uma circunstância favorável que concorresse para realizá-la.

Ao escrever-te esta carta de despedida, cujo segredo te pertence, eu quereria que tu e *ela* conservásseis de mim a imagem de um amigo que se vai, cheio de reconhecimento pela felicidade que vos deveu e que no momento da despedida não acha palavras que possam traduzir toda a gratidão e ternura que vós lhe inspirais, pela parte doce no quinhão da vida que deveu ao vosso afeto e à vossa bondade.

Eu seria injusto, se vos julgasse de outra forma; porque nenhum de vós me mentiu, nenhum de vós me enganou; tu e *ela* é que fostes o ludíbrio da fatalidade mais absurda que escarneceu de todas as vossas nobres energias, conjurando contra a vossa tranquilidade. Recomponho o drama moral de que vós sois os protagonistas e compreendo agora a luta em que andastes empenhados e em que sucumbistes; se há alguém que padeceu no decurso de toda esta trágica história, não fui eu — fostes vós; e se por acaso um amor defeso merece e reclama um castigo, vós já tivestes e sofrestes a mais iníqua punição.

Do fundo d'alma eu vos peço que me perdoeis a parte que involuntariamente eu tomei na tortura que padecestes; também eu fui culpado, porque não soube adivinhar o que se passava em vossas almas, porque não soube conjurar o perigo que nos ameaçava. E no fundo da minha consciência eu reconheço que não tinha o direito de exigir de

minha mulher um sacrifício maior do que o que já lhe havia imposto a minha incapacidade de amar tal como os outros homens; eu te falei um dia desta anomalia estranha que foi o meu pior martírio.

E eis a razão principal da minha conduta. Sois livres, sois moços; deveis e podeis amar-vos com todos os transportes da paixão, e eu abençoarei do fundo d'alma essa união — desde que tu saibas compreender o valor da joia que confio ao teu carinho, desde que saibas amar aquela mulher, como merece tão doce e terna criatura.

Dizer que não a amo seria uma falsidade revoltante; mas há tanto tempo habituei-me a ver nela uma filha ou uma irmã, que compreenderás a natureza desinteressada do meu afeto por ela. Demais, quando nos sabemos à beira da sepultura por um decreto irrevogável, na verdade encaramos o mundo por um aspecto bem diferente! Quanto a mim, o que sinto por vós é uma imensa ternura pelo muito que me amastes, pelo bem que fizestes...

Sê bom, sê clemente, sê carinhoso para com Flora; ama-a, como eu não soube ou não pude amá-la, e tem para com ela os cuidados que reclama uma flor delicada e mimosa. Morrerei pensando em vós com tristeza e com doçura, tristeza porque a nossa situação impõe a necessidade desta separação, e doçura pelo muito que vos continuo a querer e a abençoar.

Ainda agora, não pude furtrar-me a um ato de fraqueza; fui a sua alcova onde Flora dormia serenamente. Como era formosa assim! Como eu tive ímpetos de beijá-la, de despertá-la, e dizer-lhe — “Sei tudo! mas eu te perdoo! Partamos para bem longe e esqueçamos o passado! Seremos felizes nalgum continente abençoado! Desperta, e vem!” Reconheci o quanto era insensato, e parti, chorando, daquela alcova que era para mim um ninho das mais gratas recordações! Chorei muito, chorei copiosamente e senti-me serenado, tranquilo, direi quase feliz...

Vou concluir esta carta que alonguei mais do que me era possível; antes de concluí-la, devo de novo pedir-vos, a ti e a Flora, que não conserveis de mim senão a lembrança de um amigo querido que se finou e que presidirá em espírito à vossa felicidade, fazendo votos para ela. O segredo de tudo o que se passou ficará sepultado comigo; para o público a explicação dos meus antigos padecimentos físicos, que são notórios, será suficiente para dissipar qualquer suspeita ou comentário maligno.

Para isso deixo uma declaração escrita.

Adeus, meu amigo! Eu conto que nem tu nem Flora vos esqueceréis de quem vos amou e de quem agora mais do que nunca vos ama com o mais puro, o mais desinteressado e humano afeto. Adeus! O meu desejo é ainda que este sentimento possa perpetuamente falar-vos bem no fundo da alma e dizer-vos todo o bem que vos quero”.

Carlos.

X

Um mês depois, após a convalescença duma febre cerebral que me pusera entre a vida e a morte em casa de padre Ângelo, depois de ouvi-lo e sob o seu consentimento, deliberei ir aos *Rosais* na véspera de minha partida.

Aquela visita era o mais penoso sacrifício que podia ter me exigido a amizade de Carlos; porém, eu tinha deliberado respeitar a todo o transe a sua última vontade, expressa na carta que me dirigira nos últimos momentos de sua vida.

À tarde penetrava eu no jardim dos *Rosais*. Que estranha comoção me dominou! Surpreendia-me sobretudo a radical metamorfose do jardim, se bem que nada tivesse sido alterado. Mas as roseiras estavam

despidas de flores; somente aqui e além floria alguma rosa de todo o ano, muito pálida e medrosa assomando entre os galhos das roseiras quase despidas de folhas. Os pombos haviam emigrado do telhado; o repuxo chorava uma monodia soturna; e somente o cipreste vicejava, impassível e sereno, como um juiz que fosse julgar-me.

No vestíbulo bati duas vezes sem resultado. Começava a impacientar-me por que experimentava um infinito mal-estar; parecia-me que ia desfalecer ou chorar. Tudo ao redor de mim tinha um aspecto hostil, devastado e sinistro, como se por ali passasse um vento de desolação e desgraça. O silêncio da chácara infundia-me pavor: parecia que tudo me acusava de um crime. A imagem de Carlos surgia em toda parte, como um remorso e eu lembrava o contraste daquela singular visita com o dia da minha chegada àquele jardim que se me afigurava um sítio paradisíaco. Que extraordinária mudança! Dir-se-ia que se operara ali um mau sortilégio, tirando os véus de ilusão que outrora fascinaram os meus olhos na contemplação daquele sítio.

Ia bater pela terceira vez, quando a porta abriu-se — e eu achei-me diante de Flora...

Apesar de haver-lhe eu anunciado a minha visita por intermédio de Tio-Padre, a sua comoção foi tão profunda que ela ficou um instante interdita, sem poder proferir uma palavra; não obstante eu já me achar preparado para aquele encontro, o meu abalo foi igualmente profundo. A mesma comoção nos embargava a voz e os movimentos.

Contudo, pude dominar-me e cortejei-a respeitosamente.

Ela correspondeu com um aceno de cabeça e com um gesto designou-me o salão.

Também eu verifiquei que nela se havia operado uma profunda transformação; trajava luto fechado; nem uma joia, nem uma renda. O rosto cavado era singularmente pálido; os olhos fundos haviam adquirido um brilho misterioso; acentuara-se o vinco dos cantos da boca.

Ela foi abrir mais uma janela e veio sentar-se silenciosamente. No acolhimento que me fez não havia nem intimidade nem arrogância; a sua atitude era de tristeza resignada, de dignidade sofredora. De súbito um soluço mal reprimido rebentou-lhe do seio e ela pôs-se a chorar, escondendo o rosto nas mãos. Eu tive uma imensa piedade por ela; todavia, procurei conter-me dentro dos limites da mais estrita polidez, tal como eu já havia preconcebido para aquela entrevista.

Vacilava apenas no tratamento cerimonioso que eu julguei dever dar-lhe numa situação tão grave e melindrosa para nós ambos, porque eu previ que um tratamento familiar deveria necessariamente escandalizá-la, nas disposições de espírito em que eu mais ou menos sabia que deveria encontrá-la. Rompi desassombadamente o silêncio que se tornava intolerável.

– Peço-lhe perdão; eu compreendo que a minha presença deva-lhe causar um certo constrangimento, nem ousou dissimular que eu mesmo me sinto comovido... Mas eu não podia deixar de infligir-lhe mais essa provação e de cumprir um dever, doloroso embora, já que não me é dado partir sem ouvi-la primeiramente.

Flora havia enxugado as lágrimas e, muito grave, a fronte abatida no seio fitava silenciosamente o lenço que tinha nas mãos, listado de larga tarja de luto. Pungiam-me os mais acerbos remorsos de vê-la naquela dolorosa situação. Como ela chorava e como eu sofria em vendo-a chorar!

Eu prossegui:

– Porque eu não podia tomar uma deliberação sem ouvi-la primeiramente sobre um assunto grave, que lhe afeta, e também sem haver pedido perdão pelo infortúnio de que eu fui causa, involuntária embora, e que trouxe o luto a esta casa, que eu desejava ver perpetuamente iluminada de felicidade.

Flora fez apenas um quase imperceptível gesto de assentimento.

Eu prossegui:

– Não me traz aqui, porém, o intuito de rememorar fatos, que somente concorreriam para aumentar o seu desgosto e o meu. Agora o mal está feito; trata-se apenas de repará-lo tanto quanto possível. Trago-lhe uma carta de uma pessoa querida que lhe diz respeito muito de perto; mas, antes de lê-la, devo preparar o seu espírito para revelações importantes que talvez a surpreenderão como já me surpreenderam. Rogo-lhe toda a calma para que possamos chegar sem incidentes ao fim principal de minha visita. Peço-lhe permissão para lê-la agora; como vê pela letra e pelo sinete, a carta é de Carlos...

Pela primeira vez Flora encarou-me; nos seus olhos desenhava-se uma imensa surpresa, porque ela ignorava, como todos, a existência daquele documento.

A um gesto de Flora, eu comecei a ler a carta; ela estava profundamente comovida e forçava-me por vezes a interromper a leitura. Todavia, não disse uma só palavra; apenas, com gestos insistia para que eu prosseguisse.

Eu prosseguia, de tal maneira comovido, que não podia dominar o frêmito de minha voz, se bem que não ligasse precisamente o sentido daquelas palavras que eu quase sabia de cor, à força de ler aquela carta.

A minha comoção provinha das circunstâncias especiais em que nos achávamos, das recordações que aquela casa despertava-me, da presença da mulher amada que eu revia, após uma ausência crucial, e sobretudo das conseqüências que deveriam decorrer daquela entrevista, decisiva para o resto de minha vida.

Meu coração palpitava com inusitada violência e eu sentia vertigens ao encarar de frente aquela situação, na qual se jogava a nossa felicidade.

Mais de uma vez tive de interromper a leitura, tão lancinante era a impressão que ela causava à pobre criatura que me ouvia, ai de mim! com a mais acerba tristeza.

Ao concluir, pensei que ela ia morrer, tamanha era a sua palidez; sobreveio-lhe uma crise de choro convulsivo, que enternecia até as mais profundas raízes do meu ser.

– Tranquelize-se, disse ela, após alguns instantes, notando a minha agonia; não vale nada; rogo-lhe esperar alguns instantes; já lhe falo.

As frases saíam-lhe destacadas por soluços. Era um espetáculo pungente! Eu sentia-me revoltado pela atitude artificial, que as conveniências nos impunham; meu desejo era ajoelhar aos seus pés e chorar com ela, suplicando-lhe o meu perdão.

Mas verificava que qualquer intimidade me era defesa; Flora impunha-se agora a não sei que respeito religioso, a não sei que enternecido acatamento que me colocava à distancia que medeia entre a genuflexão e o objeto de um culto. Afigurava-se-me que não estávamos sós e que além das nossas consciências *havia ainda uma testemunha latente* que estava julgando os nossos menores gestos e mais simples palavras.

Além disso Flora já não era a mulher familiar, a amante que caiu desmaiada nos meus braços; o encontro das nossas almas, embora apaixonadas, estava interceptado como que por um véu glacial que obstava a sua aproximação e o seu enlace. A impressão que eu tinha dela era a da presença inesperada de uma mulher amada de que nos separamos há muitos anos e que encontramos, já vizinhos à velhice, quando constatamos com desespero que a revivescência da paixão toca nas neves geladas das derradeiras ilusões.

A pouco e pouco Flora acalmou-se; a crise de lágrimas passou; o seu semblante dolorido readquiriu a fatigada serenidade de uma doce e resignada tristeza; encarou-me com bondade e por seu turno me dirigiu a palavra:

– Peço-lhe que me releve a fraqueza de minhas lágrimas. Deus sabe com que esforço ainda agora eu consegui reprimi-las. E agradeço-lhe a delicadeza com que me preparou para receber o choque destas revelações fulminantes; porque não só eu ignorava o conteúdo dessa carta como a sua existência. Dir-se-ia um sonho tudo isto! Todos os dias, quando desperto, pergunto a mim mesmo se continuo a ser vítima de um pesadelo!

Ela imprimia à tristeza de suas palavras uma serena majestade. Nunca eu a vi nem mais digna nem mais triste!

– Eu poderia pedir-lhe um prazo para responder-lhe acerca do que me diz respeito nessa carta; porém, tenho meditado muito, para que ainda sofra vacilações no partido a tomar. Estamos numa situação em que se impõe de parte a parte a máxima franqueza. Antes de responder-lhe, rogo-lhe dizer-me qual a deliberação que o senhor traz assentada a este respeito?

– Antes de tudo, declarei, cumpre-me dizer-lhe que eu não podia tomar uma deliberação antes de ouvi-la, desde que ela interessa a duas partes. Quanto ao que me toca individualmente, não lhe venho propor uma reparação pelo casamento e muito menos sujeitar-me a um sacrifício simplesmente por exigência de um amigo. Esta entrevista é talvez precipitada; provoqueei-a, porém, porque preciso desde já saber qual a minha conduta a seguir no seu próprio interesse. Apesar do seu luto e das condições especialíssimas em que nos achamos, permita-me dizer-lhe que continuo a amá-la inalteravelmente e que a minha afeição sofreu tão somente as modificações que circunstâncias extraordinárias deveriam causar-lhe.

– Obrigada disse-me ela; o senhor não desmente o conceito que me merece: as suas últimas palavras, não obstante vagas, aproximam-se tanto do meu modo de pensar, que têm para mim a maior transparência.

– Mas não compreendo... ia eu protestando.

Ela interrompeu-me vivamente:

– Compreenderá incontinenti. Lembro-lhe que eu exijo toda a sua franqueza para ter o direito de fazê-lo também. Já lhe disse, eu ignorava absolutamente a existência desta carta, que justifica plenamente a necessidade da entrevista solicitada; mas o projeto que nela levanta a generosidade de Carlos já se me tinha afigurando ao espírito. Porém, acha que ele resolveria agora o problema de nossa felicidade? Acha que ele poderia satisfazer as nossas aspirações? Se porventura se legitimasse o amor que nos era defeso, não acha que aos maiores transportes da paixão, à mais estreita comunhão de nossas almas não havia de se interpor a recordação dessa catástrofe sinistra, não havia de separar-nos alguma coisa de glacial como o remorso de dois cúmplices, após a consumação de um crime? Eu compreendo a sinceridade de Carlos, como avalio a nobreza de sua conduta; mas se Carlos exigia esse enlace, é porque cuidava ver nele a nossa felicidade; e se o senhor está pronto para cumprir a sua vontade, é porque é um homem de honra.

– Perdão! atalhei; antes de tudo já lhe declarei que continuo a amá-la!

Ela animou-se subitamente, exaltando-se de maneira surpreendente; seus grandes olhos tristes iluminaram-se de um fulgor soberbo.

– Sei que me ama. Mas porventura não o amo também? Oh! sim! Amo-o! Amo-o como amo a Carlos, e exalto-me neste sentimento que me divide para um e para outro. Não estranhe esta duplicidade! Ela nada tem de extraordinária, como lhe parecerá à primeira vista. Quando a paixão impeliu-me para os seus braços, muitas vezes julgou-me singular; pois bem, é que eu dissimulava no fundo do coração este segredo que hoje posso confessar-lhe, tão grave é a nossa posição neste instante. Eu amava a Carlos, eu amo-o ainda quase como

amaria a um pai ou a um irmão idolatrado; admirava nele todas as qualidades que nobilitavam e que estão confirmadas nessa carta; nada poderia arrancar-me da sua companhia; e tempo houve em que eu amei-o de modo bem diverso, isto é, como eu amo ao senhor agora! Repilo esse enlace que me parece monstruoso, embora o ame. Não cometemos nós uma falta? Poderemos negá-lo? Esse casamento seria, pois, o prêmio da falta cometida, o coroamento da cumplicidade num mesmo delito! Carlos não tem direito de exigir-nos semelhante monstruosidade! Seria o nosso pior castigo!

Havia se levantado; o seu grande vestido negro, caindo-lhe em torno à figura em pregas majestosas, dava-lhe um nobre aspecto monacal, lembrando essas singulares imagens de rainhas que um grande infórtunio encaminhou para a vida ascética dos claustros. O luto pesado das suas vestes e de seus cabelos acentuava o contraste da sua palidez macerada, que evocava o cilício e as vigílias das sórores penitentes.

Seus olhos animavam-se; através das lágrimas que a espaços deslizavam pela sua face cavada, adquiriam um brilho intenso. Eu começava a sentir por ela uma veneração profunda, um fervor enternecido, idêntico ao sentimento cultual que os crentes experimentam pelas Madonas compassivas, feridas por sete espadas no coração.

Insensivelmente, curvando a cabeça nas mãos, eu surpreendi-me a soluçar.

– Eu vou lhe dirigir um apelo. Sei que a nossa situação transformou-se com a morte de Carlos; somos livres ambos; eu posso sem corar receber a corte de um homem; o senhor pode oferecer a sua mão à mulher que julgar digna dela. Amamo-nos, é verdade; mas cometemos uma falta, atraímos um coração nobilíssimo e um caráter sem mácula.

É justo que expiemos tão grande crime; e esse castigo que nos impomos será a nossa separação para sempre! Se, porventura, cedendo

à vontade de Carlos, que não a nossa própria vontade, realizássemos esse enlace, eu teria estremecimentos de horror, todas as vezes que suas mãos me tocassem, e o senhor jamais poderia confiar na mulher que traiu o seu melhor amigo... Não proteste; no fundo, seria rigorosamente justo. Ao contrário, se nos separarmos para sempre, teremos expiado a falta pelo castigo merecido; o senhor conservará de mim uma recordação doce talvez, a de uma pobre mulher que teve um momento de fraqueza, mas que soube corrigir-se ainda, a tempo de conservar aos seus olhos alguma coisa do seu prestígio. Quanto a mim...

Interrompeu-se, profundamente pálida e quase sufocada pelas palpitações das artérias.

— Quanto a mim, guardarei no fundo d'alma a imagem do homem que me ensinou a amar e que teria feito talvez a minha completa felicidade, se tivesse chegado mais cedo ao meio do meu caminho...

— Flora! bradei, correndo para ampará-la, fora de mim.

Ela fez um esforço sobre si mesma; sentou-se e deteve-me com um gesto.

— Acalmemo-nos, disse ela, com um sorriso forçado; eu precisava de dizer-lhe tudo isso para terminarmos de uma vez a nossa situação deplorável. Esta entrevista já se tem prolongado muito e eu ainda não lhe disse tudo. Rogo-lhe não ver nos meus atos a conduta de uma mulher romântica e julgar mal da natureza da minha afeição para com o senhor. Abri-lhe a minha alma, porque dei-lhe o direito de ler nela como num livro aberto. Já lhe dei a maior prova de afeição que uma mulher de minha condição pode dar ao homem amado. Devo-lhe agora fazer uma revelação importante.

Um rubor súbito coloriu-lhe as faces desmaiadas; ela hesitava; por fim, disse:

— Vou ser mãe.

Abalado pela notícia, eu levantei-me de um salto, dominado por uma impressão dolorosa e desagradável.

Ela levantou-se também e, com uma energia que eu até então não lhe conhecia, prosseguiu:

– Sim! O senhor já adivinhou que este filho é o produto de um amor ilegítimo. Não importa! É *meu* filho; criá-lo-ei! Educá-lo-ei! Mas, enquanto eu viver, enquanto eu existir, proíbo-lhe que fale a essa criança, que lhe toque, que a requeira! É o que eu queria suplicar-lhe – que não perturbe a minha tranquilidade e que me deixe devotar-me exclusivamente ao amor dessa criança!... Bem vê, já não lhe proíbo; peço-lhe, rogo-lhe, suplico-lhe que se vá – oh! meu Deus! – que se vá para sempre, para sempre...

Caiu de joelhos a meus pés, numa posição humilde, chorando, sufocada de lágrimas. E rojava-se pálida e suplicante, tão prostrada e tão abatida que fazia dó. Fi-la levantar-se docemente; tão comovidos nos achávamos que alguns segundos decorreram, sem que pudéssemos falar.

Eu tomei uma resolução suprema; o exemplo daquela nobre e miserável criatura deu-me as energias que me faleciam.

– Pois bem, Flora. Permita-me que a chame assim ainda uma vez. Seu nome soa assim tão bem! Dir-se-ia uma música divina. Oh! não podê-la eu ouvir sempre!..

E tomando-lhe as mãos, carinhosamente.

– Pobre amor, pobre amor! prossegui. Sossegue, tranquilize-se. Se porventura não me movessem os seus argumentos, bastavam as suas lágrimas, para eu submeter-me aos seus desejos. Quem cuida pois, que eu seja! E que direitos eu haveria de arrogar-me para ir de encontro à sua vontade? Que loucura! Bastava-me amá-la, como a amo e como a amarei sempre, para respeitar-lhe todos os desejos, muito embora eles importem na minha completa renúncia a toda a felicidade

na terra! Mas tenho eu direito à felicidade? Não, não! À delicadeza de sua conduta eleva-a ainda mais a meus olhos! Já que assim o quer, sepultaremos o nosso amor até que um dia a expiação da culpa nos torne dignos da felicidade longínqua que talvez ainda nos acene... Será uma doce consolação que talvez nos dê a paz almejada; também se ama pela renúncia do objeto amado e oxalá isto nos encha de graças e redenções. Respeitarei absolutamente a sua vontade: — Partirei!

Ela levantou para mim os olhos em que brilhava um reconhecimento indizível.

Como eu me senti feliz naquele instante!

— Obrigada, obrigada!

Levantamo-nos. Nada mais podíamos nem devíamos dizer.

— Então... adeus!

Ela estendeu-me a mão.

— Adeus! murmurou com uma voz extinta, em que eu vi expirar toda a minha felicidade.

Foi com o coração despedaçado que saí dos *Rosais*.

Numa igreja distante soavam Trindades. O crepúsculo avançava. Uma grande paz caía do céu, onde as primeiras estrelas apontavam devagar.

Eu caminhava num passo vacilante, de ébrio.

À esquina não me pude conter; voltei os olhos para trás; aquela rua afigurou-se-me o caminho de minha existência; e ao longe, como um sonho encantado que se dissipa para sempre, os *Rosais* afogavam-se e diluíam-se na tinta lenta e saudosa do crepúsculo.

FIM

NOTA

Além dos erros que escaparam à revisão deste livro e que a inteligência do leitor facilmente corrigirá, outros há que prejudicam a inteligência do texto.

O capítulo VI, por exemplo, principia na página 117, linha 13.^a, e não na página 127⁷.

Na página 234, no final da carta que termina na 7.^a linha, foi omitida a palavra – *Carlos*. Por erro de paginação deixou de ser aberto ali um espaço que assinalasse a divisão do capítulo X.

O mesmo espaço deveria assinalar a divisão do capítulo V na 13.^a linha da página 119, e não na 14.^a da página 108 do referido capítulo que termina na página 117 da 12.^a linha.

Além destes há ainda outros equívocos de somenos importância.

⁷ ∞ Naturalmente, tal paginação é referente à primeira edição do livro. [N. do O.]

∞ O OUTRO
(1901)

ARTHUR LOBO

O OUTRO



CIDADE DE MINAS

IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS

1901

DE ARTHUR LOBO

UM ESCANDALO, romance de costumes — A' venda na casa de Laemmert & C.

ROSAES, romance psychologico. — A' venda na casa de Laemmert & C.

RHYTHMOS E RIMAS, poesias. — A' venda na casa de Laemmert & C.

A PUBLICAR-SE:

SERÇÕES E LAZERES, notas e impressões da vida mineira.

POESIAS, edição definitiva.

CONTOS, um volume.





Vou tentar recompor este monstruoso e singular episódio, que arrastou-me às fronteiras da demência, causando nas camadas mais profundas do meu ser uma dessas revoluções que ficam indelévels para todo o sempre.

Estou persuadido de que poderei atingir ao *maximum* de fidelidade na reconstrução deste período acidentado e único do meu passado, graças sobretudo à exatidão e à lucidez da minha memória que é como um eco presente e fiel fixando as impressões mais longínquas. Ainda agora, momentos há em que a ressurreição espontânea de imagens e sensações passadas é tão intensa e flagrante e em que a acuidade da representação mental é tão nítida e a fantasmagoria interior tão cruel, que eu perco a consciência do momento presente, e diante desta espécie de ilusão retrospectiva de ótica moral, empalideço, como quando me achei outrora sob as impressões inenarráveis dos trágicos acidentes a que me vou referir.

Esta acuidade da memória seria, aliás, inútil, se não lhe correspondesse uma certa lucidez da consciência durante toda a fase de obnubilação de meu ser, se porventura ela não sofre as mesmas modificações do *eu*, quando este é sujeito a perturbações sensoriais.

Estes dois testemunhos são como dois olhos interiores que elucidaram todas as trevas que se haviam condensado no mundo subjetivo, despenhando-me numa das formas mais cruéis e mais raras, única talvez, dessas desclassificadas psiquiatrias que a ciência hoje investiga e estuda.

Irei despenhar-me ainda na loucura?

I

A primeira noite que passamos na antiga casa paterna, desabitada e melancólica, deixou-me uma recordação indelével e terrível.

Laura não podia dissimular os receios e a tristeza que lhe infundia a enorme vivenda com os seus salões desertos, seus tetos escuros, suas espessas muralhas e o aspecto soturno e monástico das antigas construções coloniais. Desde que se penetrava o vestíbulo, sentia-se uma atmosfera glacial de claustro e um bafio religioso de templo, que persistia ali mesmo depois dos últimos reparos. Um lampião, pendente do teto, derramava uma claridade mortiça que se extinguía nos corredores povoados de sombras; e neste como em muitos outros pormenores acentuava-se a fisionomia, por assim dizer, eclesiástica do casarão solitário. As paredes eram geralmente caiadas de branco, com uma barra de tinta escura que se prolongava por todos os aposentos.

Transposto o vestíbulo, penetrava-se num labirinto de divisões interiores, tão complicadas que não davam uma ideia exata do conjunto da edificação em cujo interior até mesmo durante o dia reinava um perpétuo crepúsculo, apesar das inumeráveis entradas e saídas praticadas nas paredes. Algumas das janelas exteriores eram defendidas por grades, e as portas por ferrolhos possantes, gemendo pesadamente nos gonzos. O recinto da quinta era considerável, e a edificação havia sido isolada do bulício das ruas, à sombra de árvores copadas e espessas que ao fundo dela vegetavam tristemente.

À noite, a casa enchia-se de mistério e povoava-se de fantasmas; parecia segregada do resto do mundo. E como os longos muros a isolassem dos quarteirões vizinhos, uma imensa solidão se fez em torno de nós, e nenhum rumor, a não ser o dos nossos passos e das nossas vozes, perturbava o seu silêncio.

Nós nos sentíamos importunos, naquela casa, como se a nossa presença despertasse ali todas as existências passadas, todos os complicados dramas que ali se desenrolaram outrora e como se os fantasmas de todos os seres e das coisas mortas estivessem nos contemplando no meio das penumbras e nos ângulos das salas. E apesar da nossa recente instalação persistia nela o perfume da saudade – não sei que alma invisível que andasse chorando e gemendo pelos que se foram para além da morte.

E dizer-se que eu amara aquela casa; que eu vivera ali os mais folgados dias de minha infância; que eu ali nascera e recebera o primeiro beijo paterno; que ali deixara alguns farrapos de minha própria existência!

Como o prédio era demasiadamente grande, nós resolvemos ocupar apenas uma pequena parte. Eu havia escolhido para Laura um pequenino quarto, junto ao salão e à biblioteca cujas janelas engrinaldavam os festões de uma graciosa árvore trepadeira.

A alcova estava definitivamente arranjada, tendo-se conservado as janelas abertas durante o dia para se fazer a renovação do ar. Diante das janelas estendia-se uma parte da cidade pontuada de luzes no meio da escuridão; e aquelas luzes se multiplicavam, acompanhando a disposição irregular dos quarteirões que se adivinhavam através da noite; de vez em quando um vento úmido sacudia as frondes junto às janelas, e as luzes palpitavam nas arandelas.

Laura esteve alguns instantes comigo debruçada na janela contemplando aquela montanha de trevas, que vista de longe semelhava uma caverna colossal em que brilhavam miríades de luzes.

Depois, ela tirou a capa que a envolvia da cabeça aos pés, e durante alguns instantes, a graciosa figura refletida no espelho, esteve reparando o penteado, e despreendeu a sua cabeleira espessa e negra que eu costumava chamar nos meus antigos momentos de ternura “o toucado da noite”.

Trajava com garridice um desses vestidos em que o artifício feminino sabe multiplicar a sedução e o atrativo dos pequenos nadas da moda; naquela noite exatamente a sua sedução estava na simplicidade do traje que punha em relevo a graça florentina e, direi, quase alada, de seu corpo.

Não sei se devido ao efeito e disposição da luz, ela pareceu-me sobremodo pálida, e mesmo sob aquele aspecto, era profundamente graciosa, embora parecesse frágil e delicada como uma criança.

Pobre Laura! Como eu devia lastimá-la mais tarde! Ela aplaudiu o arranjo da alcova e o gosto que o presidia; examinou o papel da parede, o desenho do tapete, a resistência dos móveis; isto desfez-lhe em parte a má impressão da casa que achava melancólica e que assim à noite causava-lhe pavor.

Ao menor ruído estremeceu, interrogava-me. O silêncio era cada vez mais profundo em torno de nós.

Terrível nos acompanhava, vagamente inquieto; quando eu fazia-lhe uma carícia, lambia-me as mãos (dir-se-ia que as beijava) agitando a sua cauda negra e felpuda.

– Ouves? Perguntou Laura, de súbito, estremeçando.

Eu escutei durante alguns segundos.

– Agora! Ouviste? perguntou ela apertando-me o braço, aterrada.

Laura era profundamente medrosa, desde o começo de sua moléstia.

– Dir-se-ia o rumor de um passo arrastado. Ouviste?

– Sim; deve ser o rumor do vento no corredor. Vou fechar as janelas; espera-me um instante.

– Não, não, disse ela. Eu irei contigo...

– Então percorreremos toda a casa.

– Não, Sérgio; amanhã. Amanhã iremos vê-la... Hoje sinto-me fatigada.

Eu ria-me. Sabia que ela não era supersticiosa, nem acreditava em crendices.

– De que tens medo? perguntei:

– Não sei dizer-te; são os meus nervos que me torturam, talvez; não sei por que motivo tenho medo; mas juro-te que ser-me-ia impossível ficar só.

Ri-me de novo, mas desta vez com uma intenção proposital de ironia, porque aquele receio infantil provocava-me o desejo mau de aumentar-lhe o terror que já era visível nos seus olhos.

– Não me faças mal, suplicou ela; tu sabes que estou doente!

Penetramos no corredor, e, como eu previa, uma janela ficara aberta em frente à casa de jantar.

Ali os móveis estavam na mesma disposição antiga; a mesa ficava ao centro; ao fundo os armários envidraçados da antiga copa tomavam toda a extensão da parede.

Em vão tentava dissimular a minha própria melancolia; invadi-ra-me um inexplicável mal-estar; não era um sentimento bem definido de tristeza; era antes um pressentimento obscuro...

E eram as coisas circunstantes que atuavam no nosso espírito; era aquela atmosfera, por assim dizer espiritual, que me comovia e perturbava pela sugestão tácita de mil pensamentos que eu não tentarei explicar.

Era tarde; entretanto, eu não tinha sono; queria fazer Laura percorrer toda a casa para dissipar no seu espírito aquele ar de mistério.

– Não, não, Sérgio! Amanhã verás comigo! Hoje sinto-me tão cansada!

Examinando curiosamente o aposento, como para justificar-se, acrescentou:

– Por que não me trouxeste durante o dia? Assim, à noite, esta casa tem um aspecto tão triste, tão solitário e tão inóspito!

Eu disse lentamente:

– Pois bem; amanhã...

– Sim, amanhã, repetiu ela como um eco.

Só por um esforço supremo, Laura tinha deixado de chorar; as suas pálpebras represavam duas lágrimas túmidas, e na alteração de sua voz se denunciava a tristeza que ela em vão havia tentado dissimular aos meus olhos, por um escrúpulo delicado. Doía-lhe ainda a separação recente dos que lhe eram caros; e a disposição severa daquela casa devia forçosamente tornar triste e dolorosa aquela primeira noite. Mesmo os seus inocentes terrores eram perfeitamente justificáveis naquele sítio lúgubre e desconhecido, deformado pela tinta fantástica da noite e exagerado pela excitação dos seus nervos. Ela não ousara queixar-se, naturalmente para não contrariar os meus desejos nem alterar os meus projetos; submetia-se assim docemente à minha vontade, com uma resignação afetuosa.

– Amanhã, sim, amanhã... Tu perdoas-me, não é exato?

Enternecido, abracei-a pela cintura.

– Perdoar-te, por quê? perguntei, compreendendo toda a extensão do seu pensamento. Tu não podes olhar para esta casa com a mesma simpatia que ela me inspira; acho natural que te pareça até hostil e maléfica; tu te sentes estranha diante destas paredes que me são familiares. Esta solidão que te amedronta está povoada de habitantes invisíveis, de coisas abstratas que têm para mim uma forma quase tangível; ela é um mundo de recordações para mim; para teus olhos ela será uma coisa análoga a uma velha necrópole, a um cemitério abandonado.

– Não, disse ela, sacudindo a cabeça; dentro em pouco acomodar-me-ei aqui muito bem; todas estas coisas de que falas me serão caras, eu aprenderei a querê-las e amá-las. E à luz do sol tudo isto será alegre, mas de uma alegria plácida que se identifica à minha natureza. Também eu compreendo o que deve se passar em ti...

– Não é verdade? atalhei eu; aqui viveram os que me foram mais caros, aqui morreram os que me estavam mais ligados pelo sangue...

E calei-me, mergulhado nas minhas recordações.

A noite ia avançando; longe ouvia-se o rumor das águas; o vento farfalhava nas árvores; e o silêncio recaía depois mais profundo. Eu tinha o cérebro povoado de visões.

Laura, que havia se sentado, levantou-se.

– Vamos! disse eu, tomando a luz de sobre a mesa.

E caminhamos, como dois espectros...

Íamos atravessar o salão, quando *Terrível* de súbito começou a ladrar à porta numa atitude singular; inquieto como quem pressentia a aproximação dum perigo, farejava no sobrado *uma pegada invisível*.

Laura apertou o meu braço, procurando um refúgio junto de mim.

– Vai-te! exclamei, repelindo da porta o animal que se obstinava a fariscar o rasto imaginário.

O cão, muito dócil de ordinário, pôs-se a rosar ameaçadoramente; seus pelos arrepiavam-se, e latiu com maior violência. E a sua voz espavorida repercutiu na casa em ecos estridentes...

Laura teve um novo sobressalto e balbuciou:

– Sérgio, tenho medo!...

Eu quis escarnecer do seu terror, mas intimamente reconhecia-me sobremaneira inquieto.

Laura tremia; eu sentia perfeitamente o tremor do seu braço. Beijei-a na face, estreitando-a para mim, como para significar-lhe o amparo da minha força. Todavia a sua palidez assustava-me cada vez mais. Confesso que, quer fosse por um desequilíbrio de meus nervos, quer por causa das impressões produzidas pela nova habitação, eu me achava numa disposição da alma semelhante à expectativa de uma cousa quase prevista e ao receio de um acontecimento que eu

não saberia precisar nem mesmo conceber de uma forma definitiva, mas que deveria se realizar fora da ordem natural das cousas; e este pressentimento disforme, mas positivo, aumentava, a despeito do testemunho da minha razão. Invadiu-me o receio de uma aparição sobrenatural; tinha quase certeza da presença de *alguém* naquele salão; e esta visão desenhou-se no meu espírito com tal clareza, que apoderou-se de mim a convicção a mais formal de que ao abrir a porta eu deveria necessariamente encontrar no recinto da sala um ser estranho, maléfico talvez, fruto de um sortilégio diabólico. Por isto a conduta do cão intrigava-me, comprovando e exagerando as minhas apreensões; na meia obscuridade em que nos achávamos; o medo circulava, difundia-se por todos nós numa corrente invisível. O seu contágio poderá explicar aquele singular fenômeno?

Cumprе notar que eu nunca tinha sido sujeito a alucinação de espécie alguma até àquela data.

Durante alguns instantes parei diante da porta, vacilando; e ouvi as surdas pancadas do pêndulo que ficava num dos ângulos do salão; o som propagava-se pela parede, mas de tal maneira desfigurado que eu apenas o reconheci pela regularidade do seu ritmo.

Devia provavelmente ser aquele o rumor que alarmara o cão; e com efeito este tinha as orelhas fitas e percebia-se que toda a sua atenção se concentrara nos ouvidos. Reconheci a puerilidade de meus receios, sem contudo poder dominá-los, porque, apesar de tudo, estava singularmente alarmado.

Para disfarçar a minha perturbação e para animar a Laura perguntei-lhe, gracejando:

– Acreditas em duendes?

– Não sei explicar-te, Sérgio; não; não tenho medo aos duendes, mas tenho medo!

E relanceava os olhos em torno de nós.

Afastei o cão, e levantei a aldraba da porta que se abriu de par em par. À brusca deslocação do ar, a chama da vela quase apagou-se, mas tornou a levantar-se com firmeza. O enorme salão abria-se diante de nós taciturno e mergulhado no silêncio e nas trevas; na zona iluminada viam-se os quadros das paredes, dois consolos antigos e os frisos dourados do teto. Os nossos passos morriam abafados no tapete.

Aquela solidão surpreendeu-me, porque eu estava certo de que alguma coisa anormal ali ia passar-se.

De repente Laura abafou um grito, e teve um desfalecimento de terror. Amparei-a nos meus braços, desorientado por aquele incidente e sentindo-me contaminado pelo seu terror.

Ela estava desfigurada; seus olhos cresceram, e o olhar fito parecia desvairado.

O silêncio, entretanto, era cortado apenas pelo rumor do pêndulo, que ressoava mais alto pelas disposições acústicas da própria caixa e do aposento: cuidei que não me havia enganado, quando atribuí o receio de *Terrível* àquele rumor que ele não conhecia e ao qual parecia prestar atenção, com um ar hostil, suspeito e inquieto.

O grito de Laura fez frio no salão; dir-se-ia que pela porta aberta atrás de nós entrava uma corrente de ar gelado; porém, a luz nem sequer palpitava e à medida que o seu clarão se derramava, parecia que as paredes iam recuando na obscuridade, como se o aposento se tornasse cada vez mais vasto; por uma ilusão momentânea afigurou-se-me mesmo que ele se dividia em dois planos, sendo o plano mais alto aquele em que nos achávamos.

Estas observações eu fazia rapidamente, sumariamente, quando o grito de Laura, repercutindo na sala, fulminou-me como o estampido de um tiro.

— Que tens? perguntei, acompanhando instintivamente a direção do seu olhar.

A princípio, nada vi de extraordinário, notando apenas que a sala imersa quase toda na escuridão devia infundir um certo pavor a uma imaginação impressionável como a de Laura que via o desconhecido e o misterioso projetando-se no fundo como uma nave de catedral.

– A cabeça! murmurou Laura num fio de voz moribunda.

E apontava para um retrato antigo cuja cabeça surgia da penumbra, macilenta e como que decepada. Fosse pela sugestão do medo, fosse por uma alucinação, eu senti-me pregado no soalho. O retrato nada tinha de notável: era uma tela antiga, de um pintor anônimo, representando um parente desconhecido, mas *ao qual eu sabia estar ligada uma lenda de crueldades e de desvarios de toda a sorte.*

Fitei-o com atenção, surpreendido pela ansiedade de Laura.

Mas o meu olhar não tinha se fixado dois segundos no quadro, quando eu o vi iluminar-se tal qual a fachada de uma casa tenebrosa à projeção da luz de uma lanterna e a cabeça imóvel e morta, pareceu *estremecer, vacilar e desprender-se da tela*, como uma cousa meio-viva; os olhos iluminaram-se, moveram-se, viveram; os seus cílios abriram-se, como os de uma pessoa que desperta. Subitamente os traços da fisionomia empalideceram, apagaram-se, e eu vi desenhar-se na escuridão o contorno de uma coisa indefinível que não tinha uma forma propriamente humana, e que se me representa ao espírito como uma coluna de vapor fosforescente, e como a sombra de um corpo passando por diante de um espelho ela exalou-se da parede, desceu e deslizou a um pé de altura do soalho, impelida por uma força misteriosa.

Enquanto estive na zona escura da sala eu via o seu contorno quase definido, acompanhava os seus movimentos; ao penetrar na zona iluminada como que evaporou-se à luz; mas eu sabia que ela se aproximava, que se dirigia para mim; senti-a mesmo penetrar nessa espécie de atmosfera intermediária e protetora que dir-se-ia limitar as fronteiras dos nossos nervos ao redor do corpo; a chama da vela

que eu conservava na mão palpitou como tocada pela passagem de um sopro imperceptível; e ao mesmo tempo, gelado de horror, como se meu corpo fosse permeável a um agente estranho, *senti penetrar-me glacialmente por todos os poros* uma cousa fria, repulsiva, mas viva e animada, glutinosa e dúctil, fluídica, imponderável! Todos os meus tecidos até à medula dos ossos foram impregnados daquela substância leve, tênue e invisível como um gás; um choque elétrico poderia talvez dar uma ideia daquela sensação aguda e magnética que não tinha uma sede nem física nem espiritual, mas como que num elemento neutro e obscuro do meu ser. Todavia, a sensação física do frio se comunicava a toda a extensão da pele até a raiz dos cabelos.

Senti-me possesso! Recordo-me de que devido à perturbação visual; os objetos que se achavam em derredor de mim afastaram-se a uma distância infinita e num momento agitaram-se como na mutação de um cenário no teatro.

Eu próprio estava muito longe de mim mesmo; as distâncias eram incomensuráveis, isto é, eu perdi a noção da distância. Interiormente sofria uma revolução profunda; o coração saltava-me no peito; olhei em roda de mim com terror e espanto. *O mundo me escapava!*

O que é verdadeiramente singular é que Laura, tendo verificado o seu equívoco, estava quase tranquila; ela não vira, pois, o que eu acabava de ver!

Ela estava mesmo surpreendida pela desordem da minha fisionomia.

Tomei-a nos meus braços como quem carrega uma criança, e precipitei-me com ela para fora daquele lugar de horror, como que arrebatado num furacão de loucura.

Atrás de meus passos precipitados um uivo estrugiu, lancinante e formidável, na solidão da noite; e em todos os recantos do casarão desolado outros ecos estridentes repetiram aquele grito de pavor e de espanto.

Foi então que *aquilo* começou.

Nós havíamos definitivamente nos fixado na província e eu regressara, após muitos anos de ausência, à vetusta e severa vivenda de aspecto senhorial em que os meus antepassados mais próximos haviam sucessivamente se extinguido.

Teria sido impossível encontrar sítio mais propício ao recolhimento e ao repouso que eu procurava lograr, forrando-me às agitações da vida pública, esquecido do passado político em que se ilustrara o nome de minha família, durante o Império.

Demais a saúde de Laura começava a inquietar-me, e aplaudi sem reservas o conselho médico que lhe prescrevera a vizinhança das montanhas; interiormente reconheci que a minha satisfação era antes de tudo um sentimento egoísta, porque após o meu desastre político aquele conselho correspondia aos meus próprios desejos; tão fatigado e apreensivo me achava que deixei-me seduzir pelos atrativos dos tranquilos lazeres e plácidos serões de minha província. Laura, por sua vez, resignou-se e submeteu-se à nova situação com aquela docilidade, com que a passividade de seu caráter se subordinava às minhas palavras, aos meus propósitos e mesmo aos meus caprichos; e, se bem que jamais lhe tivesse ouvido uma só queixa ou exprobação neste particular, a nossa mudança deveria tê-la feito sofrer duplamente, quer pela separação de todos os que lhe eram caros e entre os quais ela havia vivido até então, quer sobretudo pela profunda transformação de nossa existência comum.

Na pequena capital da província a minha vida mudou subitamente de aspecto, como se eu retrocedesse de um salto a uma outra época, a um século passado, numa era indeterminada e num país conhecido numa existência imaginária; eu iludia-me, atribuindo esta singular impressão ao aspecto monástico da antiga cidade, ao estilo barroco da construção antiga, à sobrevivência de certos costumes arcaicos, à ressurreição histórica dos arquivos, aos seus templos suntuosos, aos

nichos que se viam junto aos balcões das janelas, ao panorama severo das montanhas e sobretudo a um remanescente perfume, a esse bafio secular que emana das cousas passadas.

O meu isolamento tornou-se maior, tal a necessidade que eu sentia de interrogar-me, de analisar-me e de compreender-me; porque já as primeiras suspeitas tocavam a rebato, e atormentava-me a preocupação de fazer rigorosos exames de consciência e de lançar um calmo olhar introspectivo para a minha agitação interior.

Apesar dos meus triunfos de tribuno, os meus insucessos na vida pública não me haviam levado à convicção de uma patogênese da vontade – a faculdade matriz do caráter de um homem político?

Na monotonia e na paz da nova fase de nossa existência, sucedânea de uma superatividade que absorvia-me todos os instantes e que me privava do lado verdadeiramente suave que a vida conjugal podia oferecer-me, eu supusera que deveria encontrar o segredo de um sedativo para as minhas perplexidades, a par do egoísmo e do isolamento de um lar venturoso.

A minha primeira decepção não tardou, e a solidão que me cercava favoreceu o exame refletido e calmo dos singulares fenômenos que a minha consciência testemunhava.

A nossa situação, a radical transformação da existência, as circunstâncias ambientes poderão por si só explicar a desfiguração do meu ser e a estranheza de minha conduta para com Laura?

Ou já haveria também uma razão latente daquela metamorfose absurda, daquele renascimento anormal de um outro ser que obrigou-me a proceder de uma maneira tão diferente para com a nobre e formosa criatura, cuja má estrela havia indissolúvelmente ligado, para sempre, o seu destino ao meu?

Esta dúvida, bem como muitas outras, subsiste até hoje no meu espírito, e é ainda um dos pontos obscuros que em vão tentei elucidar no pavoroso enigma de minha vida.

O que é certo que, decorridos alguns anos após o meu casamento, eu havia me entregado algumas vezes aos mais elevados transportes, mas não conhecia aquela maneira de amar, pela contemplação, pelo sonho doentio, pela idealização exagerada, alternando com a sensualidade a mais grosseira.

Por aquela época havia também para a natureza um renascimento e uma ressurreição, porém salubres e suaves; a nova estação chegava, desatando os rebentos e desabrochando as primeiras flores; o céu era de uma pureza imprevista, e por todo o ambiente se esparziam miríades e miríades de seres imperceptíveis que se precipitavam por uma força misteriosa na corrente constante da vida. Da terra para o alto subiam e desciam os mesmos hálitos da primavera, a mesma fulguração da atmosfera, a mesma palpitação de aromas, o mesmo frêmito de sons, e o azul – um azul mais puro que a própria ideia do azul – floria no alto como a flor simbólica de um culto panteísta.

As chuvas haviam lavado a atmosfera que cintilava com um cristal varado de raios luminosos; a temperatura tornava-se igual, sem acusar oscilações violentas; e a velha cidade colonial, lutando com a topografia ingrata, despertava do seu marasmo secular, pompeando os seus campanários povoados de andorinhas e as massas formidáveis de suas montanhas douradas de crepúsculos.

Desde criança eu contemplava com olhos de carinho e ternura aquelas perspectivas familiares, que tinham às vezes para mim o sabor das coisas inéditas, como se eu nunca as houvesse visto.

Este fenômeno, como muitos outros que passaram despercebidos e que constituiriam preciosos subsídios para esta documentação que me impus, só mais tarde avultou de interesse a meus olhos, bem desprevenidos ainda para enxergar nestes pequenos fatos os pródromos de uma profunda revolução na minha maneira de ser. Todavia, a disposição em que me achava estava bem longe da alegria; uma

desconfiança obscura aumentava os meus sobressaltos, porque instintivamente eu percebia, sem poder ter um conhecimento exato e positivo, os atos por assim dizer subterrâneos de minha consciência, dos quais decorria uma profunda alteração de meu caráter, afetando a essência de minha personalidade. Era como um trabalho de sapa, uma surda elaboração que se fazia lentamente nas sombras e nas trevas, interessando a essas camadas inferiores e subjacentes da consciência.

Nenhum sintoma grave me alarmava, posto que me dominassem essa melancolia indefinida, essa inefável perturbação que quase sempre anunciam aos doentes a aproximação de uma moléstia grave.

Eu tinha uma viva repugnância pelo movimento e sobretudo pela ação, sentindo ao mesmo tempo uma necessidade absoluta de repouso e de isolamento, posto que nenhuma alta cogitação nem mesmo negócios do meu patrimônio despertassem a minha atividade.

A casa em que passamos a habitar favorecia estes alheamentos profundos, claustrada no mais completo silêncio; apenas algumas velhas árvores gemiam às virações noturnas, e a melopeia das fontes embalava-me o pensamento numa indolente e plácida voluptuosidade.

Defendida pelos muros, raramente os pequenos rumores do bairro atingiam o interior da casa; propositalmente eu restringira de tal sorte o círculo de minhas relações, que, à exceção de alguns parentes, a vivenda se tornara inacessível às visitas de estranhos e dos amigos os mais indulgentes.

Laura se acomodava facilmente a este isolamento desde que estivesse junto de mim, e quando eu me encerrava durante muito tempo no meu gabinete, ela vinha interromper-me, tagarelado e distraíndo-me, até que se despedisse, quando se sentia importuna. Eu sabia que aquele casarão deserto a amedrontava; ela não havia, como eu, passado ali sua infância para sentir-se familiar naqueles amplos

aposentos que recompunham para mim uma série de histórias e de recordações antigas.

Para mim como que havia sorrisos de piedade e bênçãos pelas paredes, e até os velhos móveis, de um feitio desusado, duros e incômodos, estendiam-me os braços das poltronas, abriam as cortinas dos leitos, ofereciam-me os assentos dos mochos.

Como que em cada canto eu encontrava um perfume esquecido, e ressurgia qualquer farrapo de minha alma infantil; às vezes cuidava-me criança, julgava-me pequenino e inerte, e esquecia tudo o que se sucedera a esta primeira quadra da vida. À minha ilusão era tal que persuadia-me de que acabava de ouvir uma palavra familiar, a palavra de uma voz conhecida, da voz materna. E evocava essa figura de mãe, não decrepita e fulminada pela paralisia, como a vi mais tarde, porém moça ainda, o cabelo dividido em dois bandós puríssimos, tal como a representava um daguerreótipo do tempo em que era jovem ainda.

Outras vezes cuidava ver passar pela sala a figura nobre e austera de um velho de maneiras secas, mas fidalgas, coroado de cabelos brancos, o peito coberto de condecorações, o porte marcial, uma maneira soberana de olhar e uma voz varonil, que se adivinhava afeita ao comando. E todos esses espectros do meu lar, todas as sombras da infância povoavam aquela casa a que eu voltava para recuperar a paz e a saúde e que me recebia com uma demonstração de ternura quase humana!

Estas ressurreições do passado, estas sugestões ambientes que evocavam os espectros das coisas mortas e que lhe sobreviviam como o perfume encerrado numa caixa em que uma flor se desfez, causavam-me uma viva surpresa e buliam com um departamento de meus nervos que despertava como a corda esquecida de um instrumento antigo que de novo se pusesse a vibrar e a chorar.

A estas sugestões toda uma existência recomeçava, *toda uma série de impressões passadas se reatava* nas falhas que lentamente se foram abrindo nas recordações longínquas; e assim por instantes eu readquiriria uma nova maneira de ser que se denunciava sobretudo pela frescura virginal da minha sensibilidade embotada.

Restabelecida esta maneira de ser, primitiva e fundamental, acentuava-se o contraste do meu estado presente, como se fossem os dois hemisférios distantes e opostos de um mesmo espírito. Aquela visita retrospectiva, o contato com o meu passado, a convivência com as coisas esquecidas e defuntas, revivendo toda uma quadra de minha vida, é que punham em relevo a divergência de minha personalidade, como as escavações assinalam as camadas sucessivas em que um mesmo terreno se estratificou.

Era como se uma segunda existência confluísse para o curso regular de minha vida; e era com enternecida simpatia que eu constatava a reminiscência do que de bom, de cândido e de puro me ficara da primeira idade. Revia a minha infância que eu figurava numa criança perpetuamente perseguindo a asa do sonho de uma borboleta.

Muitas vezes um perfume que me era familiar outrora provocava-me um mundo de recordações e eu perdia a noção do tempo, como se se houvesse subitamente feito um clarão na minha memória.

Recordo-me ainda de que um dia aconteceu-me despertar de uma longa abstração, de um alheamento profundo, sem a noção de minha existência presente, desconhecendo-me e formulando mentalmente esta pergunta que traduzia uma surpresa inquietante:

– Quem és tu?

Durante alguns momentos fiquei fulminado de estupor. Eu acabava de sair de um estado de alma tão singular que tudo subitamente havia mudado de aspecto: a transição de um estado para outro foi tão violenta que figurou-se-me um desmoronamento interior, uma dessas catástrofes que nos gelam de medo.

Era como se eu houvesse despertado de um sonho intenso e cheio de emoções perigosas, no estado de vigília. A princípio eu fiquei atônito; não compreendi a rapidez e facilidade daquela transição; achava-me incompreensível e absurdo; duvidava da realidade. Os objetos nitidamente percebidos havia um minuto (nitidamente como na vida real) dissipavam-se como vapores.

A vida ordinária me escapava.

– Quem és tu? perguntei. E a minha voz teve uma repercussão medonha; *não era minha própria voz*, mas um eco de minha voz; dir-se-ia o espectro de minha voz.

Acometeu-me um terror inconfessável, mas avassalador, que me dominava todo o ser; atravessou-me um pensamento que eu repelia com toda a energia de minha alma; um desses pensamentos que eu teria receio de formular em voz baixa, ao ouvido de um amigo... Sim, sim! *Eu tinha medo da loucura!* E foi apalpando o meu corpo, segurando a cabeça, temendo que ela me escapasse, varado de uma comoção terrível, pálido e trêmulo, que ouvi aquela pergunta multiplicando-se e repercutindo como um eco infernal em todos os recantos de meu cérebro:

– Quem és tu?

II

As alterações de meu caráter deviam necessariamente se refletir na desordem de minha conduta, se bem que esta tivesse uma regularidade aparente, tão lentas eram as transformações que eu experimentava.

Tornei-me taciturno, de um humor desigual, amando a solidão e o silêncio, e sentindo despontar em mim as hesitações, as dúvidas e as surpresas desse espírito de análise que tem uma ação tão deletéria

sobre os atos da vontade; contudo a minha consciência não tinha uma lucidez constante, e muitas vezes parecia adormecida e inerte como um órgão atacado de súbita paralisia. Instantaneamente adquiria uma acuidade por vezes dolorosa, como a luz viva e intermitente de um farol, resplandecendo e apagando nas trevas de um mar agitado.

Nos períodos de obnubilação, como que dentro de mim mesmo se fazia uma solidão imensa, um aniquilamento semelhante ao da morte; cheio de inquietação pelas ciladas que pressentia armadas insidiosamente nas trevas, acompanhava-me o pavor de um homem que caminha à noite à beira de um precipício...

Eu tinha a intuição de um acontecimento *necessário*, cujas perigosas consequências antevia, tomado de um medo covarde.

Laura lançava-me às vezes olhares atônitos; as minhas maneiras, uma palavra que às vezes escapava ao meu solilóquio mental, provocaram as suas suspeitas; ela tornara-se muito atenta aos meus atos, e aquela vigilância era-me insuportavelmente odiosa. Procurei explicar a minha melancolia pelo desastre de minha carreira política, que com efeito havia acarretado consequências lastimáveis, e não mentia quando, desiludido e magoado, manifestava o meu desdém por todas as sórdidas maquinações que causaram a minha ruína.

Por um instinto surpreendente, posto que Laura não soubesse adivinhar a extensão de meu mal, rodeava-me de mil cuidados afetuosos, que obrigavam-me a multiplicar os esforços para dissimular-lhe os meus sofrimentos.

Uma tarde ela atraíu-me para uma janela que se abria sobre uma cepa vetusta, ternamente engrinaldada de pâmpanos virentes.

Recordo-me precisamente daquela tarde, direi antes do espectro daquela tarde tal a diafaneidade com que a vejo ressurgir do meu sonho interior; e a impressão que deixou-me é a de um crepúsculo que se exalava como uma alma humana numa incógnita latitude em que o

sol houvesse perdido o seu esplendor e rolasse, como um globo inerte, para um ocaso docemente amortalhado de terníssimas vaporações. Dir-se-ia que o poente bebera todas as tintas dos céus, e apenas uma claridade espectral parecia condensar na atmosfera a tinta, o perfume e a alma de todas as açucenas finadas.

Laura forçou-me a sentar ao pé dela, e para distrair-me das preocupações que me assaltavam e vencer o meu silêncio começou a ler um livro que trouxera consigo e que escolhera propositalmente para este fim.

Eu fingia ouvi-la, embora toda a minha atenção estivesse voltada para cousas bem diversas; a sua voz produzia-me o efeito de um monótono murmúrio d'água caindo ininterruptamente de uma goteira; produzia-me um certo repouso físico que não excluía, porém, a agitação do meu pensamento nem me furtava ao sortilégio de minhas cismas. Não eram ainda frequentes em mim aquelas fugas, aquelas ausências e súbitos isolamentos do mundo exterior; recordo-me, porém, de que, encarando o horizonte fronteiro, eu nem sempre tinha consciência de vê-lo, como se meu olhar se voltasse para dentro; tão pouco as impressões exteriores modificavam o meu estado de alma; antes as cousas reais é que se conformavam e conjuravam com a minha própria disposição, de tal sorte que, tivesse eu os olhos fechados, e os fantasmas que povoavam o meu cérebro não seriam nem menos nítidos nem mais verdadeiros.

A presença de Laura também não era irreconciliável com a solidão que se fazia em torno de mim e com o isolamento em que me achava. Era como se eu estivesse inteiramente só, e contivesse em mim mesmo um mundo à parte, ermo, inacessível e inóspito. Assim é que a sua voz ia se distanciando e perdendo-se ao longe para ressurgir dentro de mim como se eu ouvisse o eco de uma impressão própria.

A minha alheação era tão completa e manifesta, que Laura apercebeu-se disto; ela havia interrompido a leitura sem que eu me

apercebesse e tocou-me com a mão no braço para chamar-me sensualmente à vida.

– Que tens? perguntou.

Tive um sobressalto, encarando-a com surpresa; subitamente senti-me hostil, irritado pela irrupção de um personagem estranho no mundo das fantasmagorias, que me deliciavam, apesar da tortura que o látego do pensamento às mais das vezes me infligia.

Laura olhava-me no fundo dos olhos, e no seu rosto desenhava-se uma inquietação profunda.

Houve um pequeno silêncio durante o qual notei-lhe no rosto a ansiedade de penetrar no fundo do meu pensamento e soletrar nos refolhos de minha alma qualquer coisa obscura e tenebrosa que apenas pressentia. Ela debruçou-se bem diante de meus olhos, e o livro com este movimento rolou de seu regaço para os ladrilhos.

– Que tens? perguntou-me de novo.

Repeli-a com brandura, e para dissimular o enfado que as suas perguntas me causavam, disse-lhe:

– Lê, minha amiga. Eu te ouvirei com reconhecimento...

Ela tapou-me a boca com a mão.

– Não mintas!

Para logo, receando talvez que a sua violência me houvesse ofendido, prosseguiu noutro tom, tornando-se subitamente muito grave:

– Perdoa-me, Sérgio; porém, eu adivinho que estás mentindo; eu adivinho que ias mentir ainda uma vez. Entretanto, por que hás de dissimular-me o teu pensamento? Por que hás de ocultar no fundo d'alma qualquer coisa que não compreendo? Faz-se como que uma sombra na tua frente; faz-se nos teus olhos um como que nevoeiro que intercepta a visão de tua bondade... Tu me evitas, tu me foges, como se a minha presença te fosse desagradável; sinto-me importuna e isolada, junto de ti. Tu te fazes taciturno e monologas na minha

presença; teu esforço é manifesto quando pretendes manter comigo a conversa entabulada. Há algum tempo que te vejo apreensivo, como se alguma cousa te inquietasse. Fala! Por que te calas?

Dominada por uma secreta desconfiança, aproximou-se ainda mais de mim, tomando-me carinhosamente as mãos. A penetração de seus olhos perturbava-me e a amargura de voz traía uma recriminação que ela não tinha coragem de formular claramente.

Era em vão que eu com efeito tentava dissimular-lhe os meus sofrimentos, porque o amor sobretudo emprestara-lhe esse instintivo poder de penetração que possuem as pessoas apaixonadas; além disso, a longa convivência, a aproximação familiar da nossa existência ensinaram-na a conhecer as perturbações de minha alma, sintomatizadas por uma destas manifestações que muitas vezes nos escapam, desarmando a nossa fisionomia.

Laura sentara-se sobre os meus joelhos, e passando o braço em roda do meu pescoço beijava-me sobre as pálpebras e sobre as faces numa carícia que dantes me embriagava.

– Dize, dize, Sérgio! Que tens?

A sua voz ia adquirindo aquele timbre particular, produzido por um imperceptível tremor que tinha quando atravessada por qualquer emoção mais forte.

Este mesmo tremor se comunicava às suas mãos e ao seu corpo. Não obstante, a obstinação com que violentava o meu silêncio irritava-me.

– Não te atormentes, Laura; disse eu finalmente; por que o meu pensamento te assusta?

Ela encarou-me no fundo dos olhos e com um acento de infinita bondade, replicou:

– Perdoa-me, Sérgio; não te irrites, nem me queiras mal; por que não vês que me afliges? É verdade! O teu silêncio, hoje principalmente,

me atormenta. Preferia quase que me maltratasses, por isto mesmo que o silêncio em que te exilas parece envolver um tão profundo desdém! Não o negues! Ainda há pouco, quando lia, eu te observava; tu não me ouvias, tu não me escutavas; tu estavas a cem léguas daqui. Que pensamentos te absorvem a tal ponto que te divorciam de mim? Tu me perguntas se eles me assustam. Por que hei de negá-lo? Sim, Sérgio: teu pensamento me assusta, porque criou em ti não sei que animosidade contra mim... Tua conduta é agora tão anômala! Eu não poderei dizer-te por que motivo invade-me um pressentimento glacial quando te vejo assim abstrato e alheio. A minha inquietação é que não pode surpreender-te, porque *tu eras diferente; tu não eras assim*; tu amavas a minha companhia; as minhas infantilidades mesmo te pareciam agradar; agora, tu te exilas; é claro que te irritas mesmo, e ainda há pouco não pudeste reprimir um gesto de contrariedade e de enfado.

Fez uma pausa, e subitamente baixando a voz, com uma súplica no olhar prosseguiu:

– Oh! dize-me que não incorri no teu desagrado; dize-me que ainda me amas; dize que não te repugno, que não me desprezas!

Ela falou com um acento tão humilde e sofredor, que julguei conveniente dissimular a minha irritação.

– Sê razoável, Laura. Ouve: como poderias crer que eu fosse capaz de desprezar-te? Tu tresvarias! O meu silêncio te incomoda? Mas tu sabes que eu amo o silêncio, e em certos instantes a solidão me é tão precisa como o ar; ela repousa as minhas ideias, dá-lhes maior clareza e maior extensão.

Ela sacudia a cabeça, com um ar de dúvida.

– Não, Sérgio; tu ainda não me disseste toda a verdade; há alguma coisa em ti que eu não percebo nem penetro, uma coisa impalpável que passa às vezes nos teus olhos como uma sombra por diante de

um espelho. Há algum tempo que noto em ti uma anomalia que cada vez mais se acentua, como que um divórcio que te separa de mim. Sinto que me foges...

Pouco a pouco ela se entregara a uma progressiva exaltação e eu sentia os pequenos estremecimentos que percorriam seu corpo; de seus olhos, de uma inata bondade, as lágrimas rolavam devagar; tinha curvado a graciosa cabeça, sem uma palavra cruel nem um ímpeto de revolta, como ordinariamente acontece nas naturezas fracas e sensíveis em que as lágrimas constituem um derivativo para a dor. Senti-me possuído de pesar e remorsos, e todos os nobres impulsos de meu coração vibraram num transporte de ternura por Laura.

Porque eu compreendia os seus justos receios, os reclamos da paixão, que me pareceu sincera naquele instante; porque Laura tinha razão; porque as minhas impaciências, os meus inconfessáveis caprichos, a que ela não aludiu por uma delicadeza que devia comover-me, justificavam plenamente as suas palavras e as suas suspeitas.

Mas devia eu dizer-lhe *toda a verdade*? Devia eu confessar-lhe todos os sofrimentos de uma alma que fora alcançada por uma doença cruel?

– Pobre amor! Pobre amor! exclamei, participando da comoção que ela comunicou-me. Dize-me que me amas!

– Sim, sim! acenou ela afirmativamente com a cabeça.

– Ainda?

– Sim, sim!

– Como dantes, como outrora?

– Sim, sim! repetiu ela com o mesmo aceno.

Apertei-lhe as mãos docemente e deixei-me dominar pela mais doce das emoções. Naquele momento eu não duvidei que ela me amasse e pareceu-me evidente que a amava ainda.

Não sei que íntima satisfação encheu minha alma de alvoradas; não era alegria, mas um sentimento muito doce, uma como compaixão por mim e por ela, uma enternecida misericórdia e o supremo perdão para os nossos destinos. E deixei-me ficar enlaçado nos seus braços, sentindo uma trégua ao sofrimento, um infinito bem estar análogo à quadra em que eu era ingenuamente espontâneo e sincero. Laura percebeu o meu enternecimento, e esperava decerto que eu prosseguisse, que falasse, que desfizesse os seus temores; mas o que eu experimentava, naquele retrocesso ao país da ternura, era tão salutar, que qualquer palavra que eu pronunciasse deveria dissipar o nosso encantamento.

– Que tens? perguntou-me ela de novo. Sofres alguma cousa?

E a um gesto meu:

– Pobre amigo, continuou. Como *estás diferente!* Dize, dize: em que pensas?

– Penso em ti.

– Que pensas de mim?

– Perguntava se é bem verdade que me amas?

Uma sombra desceu ao seu rosto.

– Por que me atormentas, Sérgio? perguntou com uma irritação na voz.

Eu redargui:

– Se me amas, por que te irritas?

– Tens razão, disse ela depois de refletir; mas por que me propões invariavelmente a mesma questão? Por que *duvidas ainda?* Tu sabes que te amo. E por que não havia de amar-te? E que provas poderei mais dar-te do meu amor? Tu é que desvias a questão, tu é que já não me amas, tu é que duvidas de ti mesmo, tu é que não podes mais amar-me, Sérgio!

Eu murmurei apenas:

– Pobre amor!

– Por que me lastimas agora?

Eu já não podia dominar-me; sentia-me inclinado a dizer tudo, a confessar-lhe todos os meus tormentos, a vazá-lhe n'alma o vírus de minhas perpétuas dúvidas.

– Tens razão, Laura; eu é que te atormento. Amas-me, bem o sinto no acento de tua voz. Mas vê que tortura! Amanhã ressurgirá a mesma inquietação, renascerão as mesmas dúvidas que me assaltam agora. Não te surpreendas que eu duvide de ti, desde que duvido dos meus próprios sentimentos; é uma obsessão mais forte que a minha vontade. Há naturezas assim complexas que assombram os caracteres simples e perfeitos como o teu. Há entre nós um verdadeiro contraste; há uma comunhão de almas que nunca! – ouves tu? – que nunca havemos de atingir! Entretanto, eu desejava merecer-te tanto! Tu és tão boa, tu és tão pura! Conjuro-te para que me ajudes a expungir-me deste malefício. Mas tu és simples; tu não poderás compreender a natureza dos sofrimentos que julgarás imagináveis; tu acreditas que todos os homens são simples, espontâneos, normais, e todavia há em cada alma um mundo tão diferente que não se encontrarão duas almas perfeitamente iguais como duas gotas d'água, ouves?

Eu ia talvez fazer-lhe uma confissão plena que me justificasse a seus olhos e sobretudo me desabafasse dos pesadelos que me oprimiam; ia abalar-lhe profundamente a alma, mas tinha certeza de encontrar nela um eco de simpatia e de piedade. Porém, de súbito interrompi-me porque Laura desatara a chorar.

– Por que choras? perguntei.

– Tu não me amas! repetiu ela com um acento de inconsolável tristeza; tu amas a outra que não eu.

Como hei de explicar o desgosto que estas palavras me produziram? Subitamente afastei-me dela, *sentindo-me gelado por uma repulsão*

invenível. Qualquer coisa obscura e inimiga se interpôs entre mim e Laura, despertando-me não sei que absurda desconfiança e invenível antipatia.

– Como! dizia-me uma voz interior. É assim que ela interpreta as tuas palavras? Levado por um movimento de piedade, tu ias abrir-lhe tua alma, confiar-lhe os teus segredos, e ouves tão somente o brado do seu egoísmo? Assim, pois, não verificas que qualquer explicação, em vez de atraí-la para ti, concorreria apenas para aumentar a distância que vos separa?

Eu não compreendi então que somente ela tinha razão, somente ela adivinhava o que devia nos suceder mais tarde! Involuntariamente, direi mesmo contra minha vontade, eu a observava, procurando encontrar alguma linha do seu rosto, um traço, um contorno que acusasse a sua vulgaridade, tão diversa ela então se me afigurava da imagem da mulher por mim sonhada. E pareceu-me efetivamente que a boca denunciava uma baixa sensualidade e que a fronte não tinha a elevação que se pretende corresponder à nobreza do pensamento. Ela chorava, e os olhos intumescidos perdiam a sua expressão profunda e passionária. Sem compreender o efeito deletério de suas palavras ela insistiu no mesmo pensamento:

– Tu não me amas! eu pressentia que não me amavas. Há muito que tenho acompanhado a tua metamorfose; tu tens agora atitudes e gestos que não te conhecia, e ainda há pouco vi-te no olhar uma expressão de crueldade que me assusta. Repito: tu és *outro*, Sérgio. É a piedade que te induz a negá-lo, não é verdade?

Eu senti aumentar a minha aversão por ela, tanto as suas palavras e suspeitas exasperavam-me.

Laura não soubera aquilatar o esforço que eu fizera, quando apenas comeci a desvendar aqueles segredos que ela nunca mais havia de descortinar! Porque só violentando o meu orgulho, eu desceria a

uma tal confissão, por uma espécie de pudor que leva certas naturezas delicadas a dissimular aos estranhos as lágrimas mais legítimas.

Laura continuava a falar-me; eu não a ouvia; sei apenas que era uma queixa triste e resignada, cheia de lágrimas e de bondade; uma recriminação que já envolvia o seu perdão. Ela terminou:

– Tu pensas demais, meu amigo, e o amor não pensa nem reflete; quando se duvida que se ama é porque já não se ama.

– E quando eu duvido que me amas? exclamei com insólita violência.

Ela teve como que uma súbita revelação do que eu queria exprimir-lhe; nos seus olhos desenhou-se uma dolorosa surpresa.

– Perdoa-me, Sérgio. Pobre amigo! Tu estás tão perturbado! Dir-se-ia que te infligi um grande desgosto! Eu tenho receio de compreender-te...

E, exaltando-se, abraçou-me como querendo defender o seu amor.

– Sim, prosseguiu, tu me amas, e eu te amo; é bem verdade que nos amamos ainda! Hei de procurar na grandeza de minha ternura o segredo de elevar-me aos teus olhos! Por que não hei de conseguir que se opere em ti o milagre? Tu és vítima de um malefício cruel. Hemos de vencê-lo e, então, hei de te arrebatrar de novo nos elevados transportes da paixão, hei de mostrar-te os tesouros de ternura que reservo para ti no fundo de minha alma!

Apesar do desgosto que ela me infligia, comeci a recear aquela crescente exaltação que se denunciava na alteração de sua voz rouca e na desordem de seus gestos.

– Sim, sim; mas não te atormentes.

Ela não me atendia.

– E dizes, Sérgio, que havemos de ser felizes como outrora?

– Sim, sim, Laura; mas não te atormentes, repeti com impaciência.

Ela não me escutava.

– Pois não havemos de ser felizes? Dize, Sérgio!

– Sim, sim

– Dize Sérgio; dize que não me desprezas!

– Sim, sim!

– Não vês que sou formosa ainda? Olha bem para mim!

Ela inspirava-me naquele instante um desgosto ainda maior; eu estava estranhamente mortificado pela sua conduta.

– Sim, sim; mas cala-te, por Deus!

– Deixa que eu fale; preciso falar-te, dizer-te que te amo, que te amo imensamente! Queria dizer-te isto mesmo, mas bem intimamente, no fundo do teu próprio coração, para que ele te repetisse isto constantemente, eternamente, e para que não duvidasse mais! Deixa que te abrace; sinto-me bem acolhida na tua força, no teu valor de homem; é-me agradável sentir-me pequenina e infantil dentre os teus braços; a minha inferioridade junto de ti me desvanece, porque eu quisera tudo merecer-te, tudo dever-te, como uma escrava, um prolongamento de teu ser, uma dependência de tua vontade, uma cousa tua – passiva, nula e miserável!

Tinha levantado a voz através da qual, como num temporal, passava uma rajada de frenesi e loucura; eu nunca a vi, antes ou depois, numa exaltação tão profunda.

– Cala-te, cala-te, supliquei.

– Não, não! Por que hei de calar-me? disse ela.

Mas não pôde prosseguir; um acesso de tosse embargou-lhe a voz.

O médico havia proibido qualquer excitação violenta e eu comecei a tremer por ela.

– Porém cala-te, cala-te, bradei.

Ela deixou-se cair nos meus braços, como abandonada pelas próprias forças. Deitei-a no meu regaço, como faria a uma criança; e ela entregou-se sem resistência, soluçando apenas cada vez mais espaçadamente.

Também eu estava comovido (talvez mesmo mais irritado que comovido) e ambos nós tínhamos necessidade de silêncio e repouso para acalmarmos os efeitos dolorosos daquela explicação.

Durante muito tempo conservamo-nos silenciosos, mas aquela surda animosidade que existia entre nós não havia se dissipado. A minha reserva não me absolvía nem me justificava, entretanto ambos sentíamos-nos tomados de uma certa piedade um pelo outro, como se realmente nos houvesse atingido uma desgraça comum.

Durante muito tempo quedamo-nos silenciosos. Laura acalmou-se e houve um instante que cuidei que tivesse realmente adormecido.

Quanto a mim, passados os primeiros momentos, recaí de novo no estado anterior, analisando as minhas impressões e refletindo sobre a situação anômala em que a fatalidade nos colocava. E mesmo nos momentos mais dolorosos dos que acabávamos de atravessar, não é verdade que eu surpreendia-me friamente observando os menores gestos de Laura, a mais fugitiva nuance da expressão fisionômica, como querendo sondar as profundidades desconhecidas de sua alma? A minha inquietação aplacada não ressurgiria no dia seguinte, mais dolorosa e mais triste?

Eu pensava:

— Ela suspeita apenas, sem penetrar toda a verdade do que agora se passa em mim. Ela disse por vezes: “Tu és *diferente*; tu não és o *mesmo*; sinto-te *outro*”. E eu estremecia todas as vezes que a ouvia pronunciar-se desta maneira. Não reconheço eu próprio esta singular metamorfose que se opera em mim, alterando as minhas sensações, os meus apetites, os meus sentimentos e as minhas ideias? Tenho medo. Sim! Tenho medo de me compreender! Por que eu não hei de ser, como Laura, simples e natural? Por que hei de ser um ente complexo e artificial? Serei uma anomalia e uma exceção? Por que hei de sentir esta inquietação doentia, sem motivos razoáveis, esta febre constante

que provém do contínuo e doloroso latejar do pensamento? Eu não me reconheço, chego a duvidar de minha própria identidade, e muitas vezes pergunto se a sinceridade de meus sentimentos não será atraiçoada pelas minhas observações pessoais. A palavra é um laminador que exagera e deforma o pensamento; é um signo imperfeito; e o solilóquio interior em que formulo mentalmente as minhas considerações não me induzirá também ao erro pelo exagero e falso relevo do pensamento? Como Laura há de penetrar a minha alma, se eu mesmo acho-a impenetrável? É talvez por isto que me sinto desconhecido e anômalo; dir-se-ia que estou descobrindo novos continentes do mundo interior, e que novos horizontes vão se abrir à minha consciência; às vezes como que a série de fenômenos que constituem o meu passado subitamente se parte para reconstituir-se depois. Sinto-me cheio de surpresas, de dúvidas e de perplexidades... E Laura? Ama-me ainda? amar-me-á sempre? Vi-a ainda agora palpitando e fremindo diante de mim; seus olhos enchem-se de lágrimas; parecia varada por uma comoção profunda. Mas até aonde estes sinais exteriores correspondem à verdade dos nossos sentimentos? Laura é formosa; não sei que palidez sobrenatural põe agora na sua face um luar de suprema melancolia. Mas que pensamentos se dissimulam na sua frente? Que sedimentos repousam no fundo do seu ser, agora que acalmou-se a sua excitação anormal, isto é, agora que ela se normalizou e que é portanto diferente da mulher apaixonada que ainda há pouco me fazia protestos de um amor perpétuo? Quando havemos de atingir à suprema comunhão de almas que desesperadamente eu aspiro?

Eu pensava ainda:

– Laura pertence-me, porém eu jamais poderei possuí-la; ela há de ser-me eternamente estranha e hostil, como toda a criatura humana; por mais que eu tente esforçar-me para transmitir-lhe meus pensamentos, ficarei sempre solitário e incompreendido, encerrado na

torre da Solidão e do Silêncio. A hipertrofia da vida da inteligência envenena o meu drama de amor; e eis-me interrogando sobre a verdade de meu afeto com uma tal obstinação, com tamanha tenacidade, que o meu amor parece ter morrido por ter sido demasiadamente analisado. Por que realizei eu este amor? *Sonhando-o* eu teria atingido à máxima intensidade dos gozos mortais. Sim; porque o que eu desejara alcançar de Laura fora em vão um indefinível, um impossível êxtase espiritual; eu não quisera beijar a sua boca nem estreitar no peito o seu corpo; eu não trocava a mais voluptuosa carícia de sua carne pela suprema ventura, pelo êxtase sobre-humano de *conhecer a sua alma!* Sim! Eu preferia desenvolver nela a alma, fazer resplandecer a ideia, com prejuízo da sensação e do sentimento, isto é, com detrimento da própria vida! Quisera que sua alma se amoldasse à minha como à forma perfeita, a ideia perfeita, que se unisse, que se estreitasse de tal maneira que nos confundíssemos numa só existência espiritual, realizando desta arte a mais elevada aspiração do amor humano! Mas esta aspiração é humanamente irrealizável, como o sonho de Pigmaleão querendo animar a estátua a que suas mãos deram a ilusão da vida... Porém, por que somente agora sinto despertar em mim estas aspirações insensatas, as aberrações mais monstruosas, toda uma forma de ser que é nova e inédita para mim?

– Em que pensas? perguntou-me Laura subitamente.

Não lhe respondi; e evitei encará-la, porque tinha medo de seus olhos.

Terrível, o cão familiar, a um canto da varanda nos contemplava gravemente; e como que nos seus olhos havia uma fugitiva expressão contra mim; olhava-me fito, lealmente, com esse olhar quase humano, que se aproxima dos olhos das crianças.

– Perdoa-me, disse Laura.

Respondi com um gesto distraído e incerto.

Ela tornou a fechar os olhos, pálida como uma defunta.

O dia morrera lentamente; mas o crescente apontava sobre a montanha; o céu era todo branco, de uma brancura de lírios fanados e de rosas alvas; no ocaso apenas um último clarão do dia, lívido e espectral, reverberava pela noite adiante; e no ar, em que as *Trindades* morriam distantes, expirava o último sopro da tarde, como o derradeiro suspiro de uma primavera defunta.

III

O medo! o medo!

Foi este daí em diante o meu pior inimigo. Em vão me esforcei para varrer d'alma aquele mal, para resistir e vencer um terror doentio; mas não está na capacidade da energia humana sufocar os sentimentos que se radicam nas profundidades de nossa natureza. Nenhum esforço de vontade foi capaz de debelar o pavor absurdo que me infundiam as mais insignificantes circunstâncias da vida cotidiana; persuado-me de que os meus nervos, como as cordas de um instrumento extremamente sensível, se afusaram a uma tal delicadeza, que vibravam ao menor rumor, ao mais trivial acidente, como o cair de uma folha, o estalar de um móvel, numa repercussão exagerada que multiplicava os meus receios e sobressaltos. O coração tinha um ritmo acelerado e desigual, e a impressão de terror, produzida por um incidente familiar, repetia-se muitas vezes, como ecos sucessivos de uma mesma emoção. Este sentimento de um medo infundado é tão absurdo que um espírito são jamais poderá conceber o quanto ele é verdadeiramente irresistível; entretanto, ele é tão vulgar que bem poucos são aqueles que se sentem capazes de penetrar numa igreja deserta, a horas mortas da noite, logrando forrar-se à impressão

de pavor que o sítio mesmo nos dá, ainda quando emancipados das grosseiras superstições vulgares.

Mas se este sentimento, ordinariamente passageiro, a despeito do testemunho dos nossos sentidos e da razão, se mantém e nos acompanha nos atos ordinários da vida, então nada é comparável à agonia que se apodera de nós, arrebatando-nos até ao desespero e à loucura. Muito embora invocando toda a autoridade da razão e todo o prestígio da inteligência, muitas vezes não me pude forrar a estes acessos de um terror insensato; e ainda mesmo passada a crise, ficava constantemente sobressaltado pelos perigos que me cercavam a todas as horas, a todos os instantes, em toda a parte, como os frutos da sementeira do mal, como um exército invisível de inimigos, como uma tenebrosa franco-maçonaria de perversidade. Por mais irrisórias que fossem as fantasias de minha imaginação, eu não podia eximir-me ao medo que elas causavam-me, e via-me perseguido num assédio tenaz, num cerco apertado de ameaças obscuras. Começara a exercer-se sobre mim a ação maléfica do *Inimigo*.

O meu insucesso na vida pública, com o qual eu me havia conformado a princípio, avultou então de importância a meus olhos; fantasiava os imaginários estratagemas postos em prática pelos meus inimigos para me perderem.

Reconstituí todos os episódios verdadeiros da luta em que eu próprio me havia empenhado, com um ardor e um entusiasmo de apóstolo, pela causa da abolição dos escravos, e divertia-me, mortificando-me ao mesmo tempo, em forjar um trama odioso que acabava por passar do domínio da ficção para o da realidade, e aparecia-me traçado com uma precisão inquisitorial.

De terror em terror, eu cheguei a acreditar numa conjuração formidável, num trama sinistro, numa maquinação diabólica que tinha por objetivo aniquilar-me na pior das mortes – na morte do espírito,

na loucura. Oh! decerto os meus imaginários inimigos já haviam matado em mim a parte mais preciosa de minha existência – os entusiasmos de moço, o nobre devotamento pelas causas santas, a dedicação levada ao sacrifício pessoal, a coragem indomável, a audácia dos cometimentos, as qualidades nobres e cavalleirescas, todos os meus próprios predicados e os legados pela minha família!

Mas o que me surpreendia era o contraste do meu terror doentio com a minha coragem anterior, o meu egoísmo com a minha abnegação, a minha melancolia com o meu fervor passado.

Era uma transformação completa, uma radical metamorfose que se realizaram em mim vagarosamente. Ainda hoje não sei como eu podia ser vítima destas aberrações, a despeito dos protestos de minha razão. A solidão que a princípio me seduzia causava-me então terror; eu tinha medo de estar só, porque começava a pressentir que *nunca me achava só*.

Como poderia explicar este sentimento de *uma outra pessoa presente e estranha*, mesmo quando eu me achava no mais absoluto isolamento? Como poderei explicar a aversão que me inspirava aquela presença a cujos influxos não me era dado escapar, distribuindo-me um papel subalterno de uma espécie de mediador plástico?

Já naquela época eu tinha o sentimento muito vago de uma *presença estranha*, acompanhando-me incessantemente como a minha própria sombra; na solidão, a meio de minhas meditações, é que ela subitamente se revelava, e minha consciência acusava a assistência de um personagem interior, instável e indeciso como uma sombra ou como um espectro... E comecei a temer a solidão, como odiava o rumor e o movimento.

Sim! Era o fantasma do medo que me levava a protrair certos exames de consciência. Eu tinha medo de compreender; tinha medo de adivinhar. E diante dos fenômenos singulares que eu próprio

testemunhava, deixei-me penetrar pelas abusões mais ridículas, por todos os terrores da credice mais boçal. De surpresa em surpresa eu chegara a este absurdo resultado, se bem que minha inteligência continuasse a demonstrar-me o ridículo dos meus terrores.

A pouco e pouco, com uma crescente ansiedade, comecei a descortinar as tenebrosas elaborações de minha consciência que passava por diversas fases de uma agitação desusada.

Eu era vítima de uma horrível alucinação psíquica? Eu era o joguete de uma degenerescência cruel?

Enganar-se-ia quem me supusesse louco, admitindo-se que a loucura seja uma moléstia típica que se faça reconhecer por certos sintomas particulares e sinais premonitórios. As operações da inteligência, da razão, da memória não apresentavam nenhuma irregularidade; e graças à integridade de minhas faculdades eu pude descobrir os falsos testemunhos dos sentidos, quando era vítima da perversão de minhas sensações. Reconhecia ilusórias e resistia às crenças que me eram sugeridas.

Nem por isto, porém, era menor o meu estupor; às vezes não me reconhecia; às vezes julgava-me *outro*; tudo ao redor de mim perdia o seu aspecto natural; eu tinha o ar de um *homem maravilhado* que tivesse sido transportado para assistir o espetáculo de um mundo novo e fantástico. Verificava que ao mesmo tempo alguma coisa tentava isolar-me do mundo exterior, cercado por uma atmosfera obscura e pesada que me lançava a uma extrema distância do mundo. Não poderei explicar como esta sensação era profunda; eu fazia esforços inauditos para que minha personalidade não me fugisse. Frequentemente acontecia-me perder a posse de minha cabeça, como se ela não existisse, e cuidava agir automaticamente.

Nestes momentos a consciência de um *segundo eu* era precisa e implacável; dentro de mim mesmo eu tinha um *segundo ser* curioso, atento

e vigilante que observava os meus atos, e agia por seu turno da maneira a mais irritante.

Era um ser intruso e impertinente, um hóspede maligno e odioso, absolutamente odioso! Entre mim e ele estabelecera-se um conflito perpétuo; acabei por detestá-lo, por desprezá-lo, e sobretudo por temê-lo. Sim, temia-o, como se teme um celerado e um réprobo; temia-o como se teme o mais encarniçado dos inimigos; temia-o como se teme uma potência que nos perturba com os seus malefícios!

Nos momentos em que sua presença se fazia sentir pelas suas crueldades, eu acreditava no poder infernal de um agente abominável que se localizara dentro de mim mesmo; readquirida a minha primitiva personalidade, era-me preciso uma alta tensão de espírito para escapar à mistificação de duas pessoas distintas e reais, sucedendo-se dentro de mim; procurava incutir no meu próprio espírito a convicção de que a anomalia de minhas sensações podia por si só produzir aquele fenômeno, e esforcei-me lealmente para viver a vida ordinária e voltar à existência normal.

Por mais que meu espírito se recusasse a admitir a coexistência de duas personalidades simultâneas ou alternadas, a alucinação era tal que eu me julgava verdadeiramente duplo, e a dualidade de pessoas agindo dentro em mim impunha-se com a evidência dos fatos. Surpreendia-me a dialogar com um personagem interior, e muitas vezes apostrofava-o com veemência no ardor duma altercação; e os meus discursos, as palavras mentais eram tão imprevisas e continham por vezes ideias tão terríveis que eu estremecia do horror. Custa-me até hoje a acreditar que os arrazoados deste segundo personagem fossem um eco que lhe reenviava meu próprio pensamento.

Eu vivia a vida de um pesadelo, tão distante me achava da existência real; era muitas vezes literalmente *outro*, e *outras* eram as sensações que constituíam o meu ser.

Cumprer noter que eu não tinha do *eu* uma noção exata, deixando-me iludir pelo sentido das palavras ordinariamente empregadas para representar esses seres metafísicos, puros fantasmas criados pela ficção do nosso espírito, admitindo como substância o que é apenas uma relação ou coordenação de elementos. A força do uso verbal dava a essa essência oculta agindo livremente dentro de nós o caráter de sujeito; este *eu* persistente, estável, imutável e único que nada mais é do que as minhas sensações, ideias e percepções, eu o concebia como “uma essência superior, distinta, situada além dos fatos”. Eu não concebia que somente por abstração os psicólogos chegam a considerá-lo à parte. Deixando-me mistificar pela ilusão metafísica, a minha concepção do ser real não era a de “um grupo atual de sensações, ideias, emoções, desejos e volições ligadas por uma cadeia invisível aos acontecimentos anteriores e passados, que nos dão uma ideia de continuidade da consciência”; esquecia-me de que a sua permanência era aparente, de que ele não era fixo, porém incessantemente repetido; mas o ponto de partida desta ilusão não foi em mim uma ficção voluntária, mas um acidente despercebido, um desses fenômenos interiores que escapam à observação consciente, um malefício que nenhuma força humana seria capaz de esconjurar. A um espírito normal esta duplicidade se afigura inadmissível; entretanto mais uma circunstância devia concorrer para que eu fosse vítima de mais graves alucinações.

Comecei a notar que uma indecisão frequente deixava que nos meus atos dilatatórios influenciassem, além do elemento de fatalidade que pesa sobre todas as ações humanas, as circunstâncias de mero acaso, chegando finalmente à conclusão de que tinha duas vontades: uma, ordinária, familiar, por assim dizer, que dirigia a minha existência normal; e outra, extraordinária, suplementar, porém contraditória, que se fazia sentir exatamente quando um sentimento profundo perturbava todo o meu ser ou durante os momentos de êxtase que

nos fazem esquecê-lo e findos os quais reentramos nele com toda a energia, por um perpétuo retorno.

Quando uma paixão me dominava, manifestava-se a vontade extraordinária; dir-se-ia que era mais poderosa, mais genérica do que a vontade individual; dir-se-ia uma vontade atávica, dir-se-ia a vontade de uma raça...

A minha liberdade interior não era por conseguinte inviolável; a minha atividade era, além de tudo, instintiva; os meus atos eram produzidos por uma série de fatores que antecediam à minha consciência; em suma, não eram atos explícitos da vontade; e eu reconheci com uma tristeza infinita que era um simples autômato, um ridículo joguete do acaso!

Num momento de lucidez da consciência eu pude decifrar o segredo terrível do mal que eu suspeitava para cair numa maior surpresa. Sim! Eu tinha dentro de mim uma testemunha implacável, um espectador glacial, um *outro ser* indiferente, um interlocutor que me contradizia e que paralisava as minhas ações. Era o meu antípoda moral, diverso de mim, oposto aos meus sentimentos, escarninho, irônico e cruel; era um espírito que me contradizia, irritava-me, mortificava-me. O seu prestígio era tal que se me tinha incutido no espírito a convicção de uma completa impotência, e sentia-me humilhado por aquele hóspede importuno e invisível que se comprazia em atormentar-me.

Ainda aqui vi uma forma de perseguição cruel; era ele! o *Inimigo*, o eterno *Inimigo*!

Esta descoberta foi para mim tão desastrosa que durante alguns dias tornou-se impossível analisar-me; uma cefalalgia de que pade-ci durante os primeiros dias de setembro não me permitia observar o que eu experimentava. Foi após um dos seus acessos que eu fui atacado nos ouvidos de um rumor contínuo semelhante a um rufar

de tambores ao longe. Ao mesmo tempo pareceu-me que qualquer cousa, de novo, isolava-me do mundo exterior, e um relógio vibrando as quatro horas da madrugada afigurou-se-me estar colocado a uma imensa distância.

Uma noite colocando-me de pé, pareceu-me que os móveis do quarto, as paredes, as janelas moviam-se vagarosamente em torno de mim.

Receei um envenenamento, e a esta ideia quis gritar e chamar por alguém; mas repugnava-me despertar Laura que dormia num aposento vizinho.

Eu titubeava como um homem embriagado; minhas pernas vacilavam, e foi-me preciso fazer os maiores esforços para não cair; entretanto, parecia-me que eu não devia pesar de forma alguma, tão leve me achava.

As perturbações do ouvido é que mais me surpreendiam, e o que é mais admirável é que eu ouvia muito distintamente, mas de uma maneira diferente; os sons eram mais apreciáveis e mais estridentes, e repetiam-se muitas vezes, como ecos respondendo a uma só voz. Não poderei exprimir o efeito espantoso que a estranheza destas impressões me produzia; eu não conhecia aquelas sensações novas nem sabia como deveria interpretá-la. Olhei em torno de mim com terror.

Entretanto, no aposento reinava uma profunda calma àquela hora da noite; a atmosfera estava pesada, e eu abri uma janela. A luz do candeeiro muito pálida não palpitava; era fixa, inalterável, consumindo-se lentamente. Os móveis tinham cessado de girar; todavia as distâncias entre eles eram maiores, e eles próprios tinham um aspecto anormal.

Eu estava sumamente atento, e nada escapava à minha atenção; não sofria nenhuma dor física; a minha inquietação era devida ao medo, à expectação de um acontecimento fatal, cuja realização eu pressentia com uma clarividência inigualável.

E, com efeito, no meio de absoluto silêncio do aposento, distintamente – com uma clareza e uma inflexão que ainda hoje eu poderia reproduzir – uma voz singular chamou:

– Sérgio!

E esta simples palavra pela primeira vez ecoou nos meus ouvidos com um sentido novo, articulada de uma maneira particular, como eu nunca havia ouvido!

Mas o que é verdadeiramente singular é que não era propriamente uma voz humana que a pronunciava; pelo menos nenhuma voz humana jamais havia soado aos meus ouvidos por aquela forma; era por sem dúvida uma voz *animada*, viva por certo, mas não era emitida por uma garganta humana; nem tampouco ela vinha de fora para dentro, quero dizer do exterior para o interior; porque *aquela voz ressoava como que dentro de meu próprio ser!* Era uma voz interior, como se fosse a voz da minha consciência; não obstante não sei precisar por que razão eu tinha absoluta certeza de que era uma voz estranha.

E no meio do absoluto silêncio do aposento – ainda mais distintamente, com uma clareza espantosa – aquela voz singular chamou:

– Sérgio!

Desta vez a voz tinha se elevado, e pude perfeitamente avaliar a natureza do seu timbre, estudar as suas inflexões e reconstituir quase a natureza da pessoa que a emitia. Pelo timbre não podia restar a menor dúvida de que era uma voz masculina. Era habituada ao mando e ao sarcasmo, imperiosa e escarninha. Não possuía nem pureza, nem doçura; era incisiva, fria e breve e no modo pelo qual me chamava havia uma intenção explícita de ironia e de maldade. A hiperestesia auditiva não perturbava, antes parecia confirmar a verdade de minhas observações.

Entretanto, apesar de verificar que era uma voz interior, eu estava ainda tão pouco afeito à alteração de minhas sensações, que

surpreendia-me de ver o quarto adormecido sob o ruído estridente e desagradável daquela voz; involuntariamente meus olhos procuravam por toda a parte o personagem invisível que me dirigia a palavra pela primeira vez com tamanha familiaridade.

E – coisa singular! – apesar da sua aparente estranheza, apesar do incômodo que ela me causava, apesar de minha surpresa, eu lembrava-me confusamente de ter ouvido algum dia aquela voz, de uma maneira diferente talvez, não sei quando nem onde, e apesar de tudo, por mais estranhável que pareça, eu me recordava de ter sido ela algures uma voz familiar!

E no meio do absoluto silêncio do aposento, – ainda mais distintamente, com uma clareza ainda mais espantosa – aquela voz singular repetiu:

– Sérgio!

Eu estava aterrado; o meu primeiro movimento foi de fugir; mas, tal qual se eu fosse dominado por uma vontade alheia, minhas pernas se recusavam a obedecer-me. A este desfalecimento seguiu-se, porém, um movimento de reação; o tom autoritário e impertinente com que eu era chamado feriu o meu amor próprio, excitou-me à revolta; uma antipatia mortal separava-me daquele interlocutor obscuro que falava dentro do meu próprio pensamento. Era *O Outro*, eu já havia adivinhado! E apesar de uma secreta curiosidade de ouvi-lo, a cólera assobiou na minha voz:

– Quem és tu? perguntei.

E atônito, anelante, aguardei a resposta, receando que aquela ilusão se dissipasse, tanto ela acabara por intrigar-me; ela, porém, não se fez esperar. A princípio ouvi muito distintamente um riso escarninho que não excluía uma certa bonomia, seguido destas palavras:

– Ainda bem que me respondes; eu sabia que tu havias de responder-me e que ao terror havia de suceder a cólera.

Houve uma pausa, ele prosseguiu:

– Oh! bem sei que me temes e que me odeias, que te apavoro e que te irrito ao mesmo tempo. A mim pouco se me dá; tu me és perfeitamente indiferente, tanto mais que és um simples brinquedo nas minhas mãos. Depois, por que me perguntas quem eu sou? Porventura já não tinhas adivinhado que era *eu* mesmo? *Eu* ou *tu*, como quiseres, somos a mesma cousa.

Eu ouvia, eu *ouvia* as suas palavras sem compreender a princípio o seu sentido; como um homem que readquirisse o sentido do ouvido após um certo período de completa surdez, eu estava maravilhado de ouvir, tão admirável tudo aquilo me parecia; contudo, pude compreender o que o invisível interlocutor me dizia, e de novo revoltei-me contra o tom insolente que envolvia um propósito manifesto de mortificar-me; as suas palavras traduziam claramente a mesma intenção, e as minhas previsões se confirmam.

Por que desde o começo um sentimento de antipatia insuperável me animou contra aquele ser enigmático não poderei dizer. Sem poder mais conter-me, perguntei de novo:

– Quem és tu?

O mesmo riso irônico e imperturbável se fez ouvir.

Houve um certo silêncio. Eu sabia que nas sessões espíritas, após as evocações, dão-se às vezes fenômenos semelhantes e que os espíritos inclinados ao escárnio e à galhofa, são considerados impuros; sem procurar mais discutir o fato, esta hipótese ficou definitivamente assentada no meu espírito.

– Quem és tu?

A voz respondeu-me

– Devagar, devagar... Por que te impacientas? Tu me perguntas: Quem és tu? e eu poderia responder-te com a mesma pergunta: “Quem és tu?” Queres te convencer de que eu sou *O Outro*, o espírito

de contradição, um hóspede importuno e quejandas futilidades. Pois bem. Se isto te agrada, chama-me Lúcifer, Mefistófeles, Espírito das Trevas, o Inimigo do Gênero Humano... O vocabulário de nomes feios é inesgotável. Porém, basta de farsa! É ridículo estarmos aqui ensaiando uma comédia inútil!

A sua voz tornou-se claramente irritada.

O Outro prosseguiu:

— Por que pretendes dissimular-me o teu pensamento? Porventura não sou uma testemunha interna que observa todos os atos da tua consciência? Acaso ignoras que eu seja parte integrante do teu ser? Eu sou o teu Inconsciente. Tu me detestas! Mas não sabes que sou o teu parente mais próximo, teu irmão, uma segunda modalidade de tua essência, uma substância de tua substância? E tu que és senão o prolongamento de mim mesmo e a continuação de minha vontade? Será preciso que demonstre ainda a extensão do meu domínio em todos os departamentos do teu ser? Não te reconhecês impotente diante de meus caprichos, de minha tirania, de minha superioridade? O livre arbítrio! Quem ainda ousa sustentá-lo? Rio-me dele. Que pode a tua vontade, desde que eu me sirvo de ti como de um trapo ridículo? Verga-te aos meus desejos; submete-te como um autômato! Tu és um mero instrumento de meus caprichos, tu és uma arma nas minhas mãos, tu és uma máquina que opera ou para ao sabor de minhas fantasias. Em que país do mundo um soberano e um déspota poderiam encontrar súdito mais fiel, vassalo mais dócil que tu? Muito embora discutas calma e refletidamente os pensamentos que te sugiro, tu agirás consoante a perturbação do momento que eu souber provocar nos teus centros nervosos. Tu te desvaneces da tua inteligência, do teu discernimento e da tua razão. Pobre criatura! Essas prendas que reputas tão preciosas constituem o teu pior mal, porque, aparentando uma fictícia liberdade moral, te demonstram à saciedade o quanto

te aviltas e te amesquinhas sob o império de minha vontade. Se ao menos fosses louco, terias atingido à mais bela aspiração dos homens – a irresponsabilidade; mas tu te desvaneces, ao contrário, de tuas faculdades; o teu horizonte intelectual até se alargou e rasgou novas perspectivas ao raio de tua inteligência; a consciência continua a dar-te o testemunho dos teus atos; a vontade... Ah! a vontade que age por tua conta! A vontade! Seria verdadeiramente engraçado que a agulha de uma bússola deixasse de voltar-se para o ponto que fatalmente a atraísse! Toca a minha vez de perguntar: – “Quem és tu?” Quem és tu senão um juguete e um instrumento!

Sublevado por um movimento de revolta, bradei-lhe, cheio de indignação:

– Mentas! Tu mentas! Tu estás mentindo!

O tom de minha própria voz era tão desfigurado que causou-me espanto; dir-se-ia que inconscientemente, involuntariamente ela procurava imitar a voz do meu interlocutor. Cumpre notar que eu me achava num estado de agitação tal que a menor circunstância tomava a meus olhos um relevo fora do comum.

Era a primeira vez que sofria de uma alucinação daquela natureza e somente as pessoas que alguma vez foram vítimas de alucinações hipnagógicas poderão compreender o assombro que tudo aquilo me causava. Além disto, a encenação do quarto, o silêncio da noite, aquela solidão de morte que me separava do mundo davam àquele diálogo noturno, àquele pesadelo funesto, um prestígio de pavor intraduzível.

Insensivelmente dei alguns passos pelo aposento; passei a mão pela fronte para afugentar os acerbos pensamentos, e notei que estava alagada de suor. Houve uma longa pausa; sentia-me mais tranquilo, quando a voz maligna se fez de novo ouvir no fundo de minha alma. Tornara-se mais nítida, mais sarcástica e mais cruel.

– Ora, bem. Agora recorres à injúria para sufocar a voz da verdade, a voz da consciência, por que que sou eu senão um eco do teu pensamento e o reflexo de tua própria alma? Acaso queres admitir a dualidade da alma humana? Que nome respeitável poderia recomendar aos espíritos sensatos semelhante doutrina? Tu participas dos mesmos prejuízos da Igreja que ainda há bem poucos séculos mandava exorcismar os possessos e arrancava das entranhas das mulheres o feto monstruoso em que estava inoculado o vírus satânico! Acreditas no *homo duplex*, no gênio familiar de Sócrates, no interlocutor de Blake, no diabo de Lutero em Wartbourg? Por que, pois, me chamas O *Outro*? Por que esta abominável alcunha? Eu e tu somos uma só essência, uma só personalidade, uma só substância, um mesmo ser e uma única alma!

– É falso! afirmei com veemência; é falso!

Arrastava-me pelo aposento com passos desordenados; acometeu-me um indomável furor. A irritação que aquelas palavras me produziam explodiu numa torrente de palavras que eu pronunciava em voz alta, como para abafar a do meu contraditor.

– Tu mentes, tu me iludes! O meu *eu* e o teu são coisas distintas, e mais que distintas, porque são opostas. Tu és na verdade um ser paralelo ao meu, mas agindo no sentido inverso dos meus sentimentos; tu és um centro de ações independentes e alheias; as tuas palavras são um artifício falaz, desses em que se deleita a tua paixão pelo embuste, o amor do mal pelo mal, não sei que ignóbil qualidade bestial que escapa por monstruosa ao gênero humano. Tu pretendes ter nascido das camadas inconscientes de meu ser, como essa flora glacial e venenosa das cavas subterrâneas. Se isto fosse verdade, ainda assim eu te detestaria, porque tu és o meu mais mortal inimigo; tu me atormentas e atraíças; tu me sugeres os mais brutais propósitos da natureza humana. E quando me debato na luta, quando capitulo com

o desespero e caio vencido, tu tens a alegria monstruosa das almas danadas, sentes a demência infernal das alegrias perversas! Oh! odeio-te cordialmente, com todas as forças de minha alma! Tu és o espírito da maldade, és o ser mais ignóbil da escala de todos os seres. Tu és um impostor! Tu te disseste meu irmão! Miserável! A que sentido cuidas tu corresponder a significação desta palavra? É uma blasfêmia que só podia ser cuspidada pela boca de um esgoto! Irmão como Caim! Não te posso dizer a repulsão que me inspiras, desde que te sinto alojado dentro de mim. Se eu me afogasse num poço de sânie não experimentaria maior asco e maior nojo do que o que me inspiras!

Arrebatado pela violência de minhas palavras, eu debatia-me numa cólera fremente; depois não sei bem que confusão se fez nas minhas ideias; senti que a luz dos olhos me fugia; uma fadiga extrema pesou sobre os meus nervos, e caí debatendo-me num furioso ataque de epilepsia.

IV

A semana que se seguiu foi de tréguas aos meus sofrimentos morais. Esforcei-me por apagar no meu espírito as impressões causadas pelo funesto debate noturno, e voltei ao meu estado anterior; todavia, não estava tranquilo, porque o medo continuava a atormentar-me. Eu receava que *ele* voltasse, que a sua presença se manifestasse por um daqueles atos que assinalavam a desordem do meu espírito. A minha consciência perdeu aquela lucidez que se revela nos espíritos doentes, análoga à irritação de um órgão enfermo de que não nos lembramos quando funciona regularmente.

A transição do estado anormal do meu espírito para o seu estado ordinário era rápida e fácil, se bem que cheia de surpresas; eu

readquiri a minha memória e as minhas sensações ordinárias, e este retorno a mim mesmo, este regresso à minha verdadeira personalidade era cheio de magia e de encanto, semelhante à ternura que nos inspira o regresso a um sítio querido cheio de doces recordações.

Laura cercava-me de carinhos e mostrava-se enternecida e inquieta, e o velho médico da casa, ao qual me ligava uma antiga amizade, interrogava-me por vezes, sacudindo a cabeça incrédula. Eu dissimulava a todas as perturbações do meu espírito; não se podem imaginar os artificios engenhosos de que eu lançava mão para iludir as suas perguntas e os seus olhares; procurava dar às minhas palavras um tom calmo e tranquilo, e punha o máximo cuidado em não deixar transparecer nos meus discursos nenhuma das emoções que eu sentia. Receava que descobrissem as minhas inquietações, as minhas cobardias e as minhas alucinações; sobretudo procurava dissimular o medo que se apoderara de mim.

De fato, ao cabo de alguns dias eu estava quase tranquilo, e chegava mesmo a perguntar se eu não era vítima de uma mistificação odiosa ou de um sortilégio inexplicável.

Para este resultado muito contribuiu a presença de um amigo ao qual eu dedicava uma particular afeição. Única pessoa admitida à nossa intimidade, Henrique era um parente que eu viera encontrar vivendo obscuramente numa repartição pública e consagrando o resto do tempo com uma ponta de gênio à música.

Era um destes artistas irregulares e delicados, de uma emotividade exagerada, que distraidamente, a meio de uma conversa trivial, se surpreendem solfejando a melodia a que corresponde o acorde que tem no cérebro.

Ele professava pela arte um respeito profundo e um culto fanático, e por uma espécie de pudor e de orgulho, ao mesmo tempo, em geral não exibia o seu talento senão entre pessoas muito íntimas, mediócras

virtuosos cujos conceitos ele acolhia com indulgência e com um leve sorriso de fina ironia quando se referiam a assuntos que se prendiam à “arte divina” de que ele, aliás, pouco falava, praticando-a, porém, com um tal sentimento, com uma tal emoção, com tanta alma, que o artista de improviso se revelava nele, transfigurando-o.

A sua figura banal tomava de repente um relevo singular; como que de sua fronte irradiava um clarão imaterial, alguma coisa semelhante a um fluido; as suas mãos tremiam; nos seus olhos de míope, através das lentes, uma pequena flama se acendia, e dir-se-ia que ele estava momentaneamente possuído por uma alma diferente.

Aquela perturbação era tão manifesta que, terminado o trecho musical que provocava o seu arroubamento, ele tinha o aspecto de um homem pudico surpreendido a meio de um sonho voluptuoso, e às suas faces, que conservavam ainda a frescura de uma face de Cristo adolescente, dois pontos de rubor a floravam e ele era todo confusão. Henrique tinha consciência desta perturbação, e muitas vezes, confessou-me, procurou dominar-se e fazer de sua fisionomia uma máscara impenetrável; mas subitamente mau grado seu um ligeiro tique nervoso desarmava a sua factícia impassibilidade, e arrebatado pelo imprevisto de uma frase musical, sentia uma torrente de harmonia como um jato luminoso, banhar de um gozo intraduzível toda a sua alma, e a sua emoção vinha se refletir na sua extática atitude de iluminado.

Passado aquele instante e recomposta a sua fisionomia na sua expressão comum, ninguém acreditava que fosse capaz de sentir e de transmitir as mais altas emoções artísticas aquela pálida figura de funcionário, sempre mudo, falando geralmente por monossílabos e tão envergonhado de si mesmo que estava sempre prestes a elidir-se pela primeira porta ou pela primeira escada.

Apesar disto, Henrique era interessante; a sua figura participava da delicadeza feminina, e evocava um tipo ideal de menestrel; entretanto

a sua aparente candura ocultava um espírito calmo, refletido, sofredor. Eu tinha por ele uma afeição quase de pai.

Recordo-me de sua extraordinária confusão quando o apresentei a Laura; ele corou até à raiz dos cabelos e não sabia onde colocar o chapéu para cumprimentá-la. O seu desazo fez-me sorrir, e eu recomendei à Laura:

– Sê benévola e gentil com ele, porque bem vês que o seu gênio assenta-lhe tão mal como a cabeleira de que usa.

Laura, em suma, soube cativá-lo, pondo não sei que graça delicada, que tom familiar na conversa, de modo que em vez de intimidá-lo, venceu a sua natural reserva e pô-lo quase que à vontade na nossa conversa. Reparei mesmo que ela soube seduzi-lo mais depressa do que eu esperava.

Dentro em pouco estabeleceu-se entre ambos um comércio de livros, uma constante troca de ideias que os ligavam a um centro de simpatia comum, e então em torno ao piano eu passava os longos serões ouvindo o inspirado violino de Henrique, enquanto Laura acompanhava-o ao piano ou fazia ouvir a sua bela voz. Era uma voz admiravelmente timbrada, vencendo em flexibilidade e energia a do violino e emitindo as notas com uma limpidez e uma pureza celestes; dir-se-ia que Laura tinha a garganta cheia de estrelas. Mas eu sabia que aquela voz unanimemente admirada por todos os que a ouviram era talvez a consequência de um defeito orgânico, de uma lesão que havia de vitimá-la fatalmente. Porém, Laura tinha um tão vivo prazer, mostrava tamanha satisfação, que eu consentia que ela desrespeitasse os conselhos médicos, entregando-se moderadamente àquela diversão. Henrique ouvia-a extasiado; aquela voz comovia-o a tal ponto que algumas vezes esquecia-se do violino, e era todo enrubescido e cheio de confusão que recommençava a parte esquecida, com uma dessas arcadas incisivas, enérgicas e magistrais em que vão dez anos de vida e de estudo.

Era um verdadeiro artista aquele obscuro amador, ignorado do público que ele odiava e desprezava no seu ingênuo orgulho e na penumbra em que propositalmente se elidia; quando se lhe falava na nomeada e na glória, sorria com a surpresa de um homem que encontrou no gozo estético toda a recompensa e satisfação de seus esforços e desejos; o seu único desejo insatisfeito e secreto era possuir um stradivarius, um verdadeiro, um legítimo stradivarius; e tinha ideias bizarras; com o seu violino tinha o cuidado, a ternura e a devoção de um homem apaixonado pela mulher amada. Efetivamente o instrumento vivia nas suas mãos, adquiria uma voz que quase excedia em pureza e extensão à voz humana, e ria, cantava, gemia, soluçava como um coração de mulher.

Eu adorava-o. Dias havia em que a sua presença era-me indispensável.

Henrique mesmo nunca adivinhou até que ponto se fazia sentir a sua influência no meu espírito. Eu amava a sua companhia, por isto mesmo que ela desviava-me a atenção das minhas apreensões, após os sintomas assustadores que eu havia notado em mim mesmo e que eu me esforçava por esquecer, se bem que outros acontecimentos de somenos importância me causassem um constante receio. Além disto eu começara a habituar-me à minha nova maneira de ser, tranquilizado quase, senão resignado diante de acontecimentos inevitáveis e fatais. Demais, Henrique distraía-me de preocupações amargas, e o seu violino exercia sobre os meus nervos uma ação benéfica e salutar; ouvindo-o acalmavam-se todas as minhas agitações, estabelecia-se um longo repouso no meu ser, e eu ficava como que sob uma ação magnética, cujo amavio se prolongava ainda muito tempo depois de calar-se a voz do violino.

Assim conseguí durante algum tempo lograr um relativo repouso, que não era, contudo, isento de inquietação.

Oh! como conservo viva a recordação desse tempo! Ele foi o último período luminoso que precedeu as trevas em que se despenhou de novo o meu espírito.

Com que comoção eu me recordo ainda de uma das últimas vezes, a penúltima talvez, em que ouvi a voz do mágico violino.

Foi, se bem me recordo, nos últimos dias de setembro...

Nos últimos dias de setembro, por uma tépida e luminosa manhã, despertei nas melhores disposições de espírito, como se a luz houvesse dissipado todos os pesadelos passados.

Como as janelas tivessem ficado abertas, a alcova amanheceu inundada de luz que penetrava pelas vidraças voltadas para o nascente. Os ramos das árvores, que quase penetravam pelas janelas e que atingiam às altas cimalthas, estavam molhados de chuva e orvalho, e a cada instante uma gota d'água, cheia de luz e brilhante como uma estrela cadente, destacava-se de uma haste mais delgada e caía no chão; e embaixo das árvores centenas de pequenos orifícios praticados na areia molhada assinalavam a queda constante daquele pranto primaveral.

Já haviam começado as primeiras chuvas e o céu nostálgico de agosto, abafado de fumos azuis, doentio e cálido, fora lavado pelas chuvas que apagaram a poeira e refrescaram a terra sedenta.

O quintal, apesar de abandonado e inculto, rejuvenesceu na sua esmaltada verdura, e uma rosa pálida e exangue revivia durante mais algumas horas numa velha roseira. A cepa, que projetava uma sombra fresca e tranquila ao fundo da casa, estava cheia de rebentos novos e de parras tenras que já se abriam protegendo e amparando microscópicos racimos. Certas dependências do fundo da casa estavam ainda cercadas de lírios e boninas; estas últimas formavam ao fundo da horta uma verdadeira floresta, na qual se destacavam as suas florinhas amarelas e roxas.

Meu espírito de improviso povoava-se de imagens remotas que pareciam esquecidas e apagadas; elas ressurgiam, mais doces e mais caras, sob uma nova luz de ternura e de saudade; e era com meus antigos olhos de criança que eu examinava as árvores, maiores e mais velhas agora.

Laura despertou-me daquela contemplação.

– Não vens, Sérgio?

Ela estava vestida para sair.

– Como estás pálido!

E aproximou-se da janela.

– Olha! disse eu, mostrando-lhe a quinta.

Ela passeou o olhar por todo o recinto, e quando os seus olhos voltaram-se para um ipê que se via ao longe teve uma exclamação admirativa:

– Como é lindo!

A árvore com efeito estava literalmente coberta de flores, as suas belas flores amarelas, de um amarelo pálido, delicadíssimo, de âmbar; não se lhe via uma folha sob aquela explosão de flores que formavam a sua copa, cobrindo o tronco de uma dalmática de ouro; no meio das outras árvores verdes e copadas, aquela se destacava como uma árvore de outro mundo, o exemplar único de uma flora desconhecida, originária de um outro planeta. As flores tinham a forma de uma pequenina cornucópia e de uma fanfarra, e era crível que sob um outro clima, numa latitude misteriosa, todas aquelas fanfarras cantassem uma harmonia eólia e celeste.

– Vamos, disse eu.

Laura assistia regularmente à missa dos domingos, por um antigo hábito de família. Eu devia acompanhá-la à igreja, cujos sinos espalhavam na luz da manhã uma alegria desordenada, quase profana e pagã.

Um regato corria em frente à quinta, marginado de lírios silvestres e rosas bravas; transposta a ponte, diante de nós ficava um bairro que parecia despenhar-se do alto da montanha. A igreja era em frente, com as suas torres douradas de luz no fundo de uma praça irregular.

La pelo céu uma alegria domingueira.

Havia sol; e os telhados ainda úmidos de chuva exalavam um tênue vapor cor de rosa; as vidraças das casas esplendiam, e todos os velhos quarteirões mal alinhados e apinhados de construções superpostas nos taludes e nas encostas das montanhas, lavados e frescos, pareciam rejuvenescer e perder o seu ar de nostalgia e de abandono.

Uma vegetação nova e tenra cobria as montanhas ásperas e davam ao panorama o aspecto acidentado, montanhês e risonho das paisagens suíças; e, distante, a cúspide bipartida do Itacolomy se levantava, grandiosa e severa, em plena apoteose das vaporações, dominando toda a linha do horizonte.

Penetramos na igreja por um jardim que ficava na frente e no qual o esguicho d'água de um repuxo irisava-se à luz do sol. O officio ia começar, e uma multidão de fiéis se acotovelava à porta da igreja; em frente, no fundo da capela-mor, mergulhada numa meia obscuridade, havia como que uma floração de luzes que palpitavam; do alto do teto um lustre enorme pendia, e um raio de sol, penetrando por uma rosácea, feria os pingentes de cristal, tirando efeitos surpreendentes de luz.

O altar-mor inteiramente iluminado resplandecia no ouro fulvo de suas esculturas, solene e severo, como uma porta aberta para o céu; as suas colunas douradas, perdidas nos pequenos detalhes da escultura, se levantavam majestosamente, dominadas pelo frontal; e ali a harmonia das duas cores, branco e ouro, aumentava o efeito decorativo da capela, na encenação opulenta do templo. As tribunas laterais e o recinto da igreja começavam a encher-se de fiéis; as palavras

proferidas em voz baixa, mesmo o rumor dos passos, pareciam abafados no ádito religioso. No coro alguém afinava um violino e de vez em quando uma arcada feria as suas cordas. Era Henrique.

A cada instante a onda dos fiéis aumentava, o recinto ia aos poucos se povoando; os recém-chegados ajoelhavam-se, persignavam-se, tomavam uma atitude recolhida e murmuravam uma oração. Trocavam-se apertos de mão e cumprimentos discretos, e andava-se nas pontas dos pés como no quarto de um moribundo.

Houve um movimento geral. O sacerdote, acompanhado pelo acólito, subiu para o altar. Fez uma genuflexão, e o ofício começou.

De súbito do alto do coro uma onda de harmonia despenhou-se nas naves, ecoou por todos os recantos do templo com uma majestosa solenidade; uma alma adormecida despertava no arcação da igreja para celebrar o ofício divino e todas as suas fibras gemiam e ressoavam no recinto sagrado; era grandiosa e épica, como a alma de uma multidão ou de um povo, e na sua voz mil vozes vibraram, irreduzíveis e obscuras, como os vários perfumes que se confundem num só perfume.

O violino de Henrique dominava a orquestra.

Um calefrio passou por todas as luzes da igreja; elas empalideceram e palpitararam; o incenso subia para o alto em espirais lentas, e minha alma penetrou brandamente no horto do sonho místico.

Doce êxtase intraduzível e fascinador! Minha alma sofredora repousava naquele oásis de ternura, esquecida das tristezas, cheia de paz e de amor, embriagada de perfumes celestes. Descia sobre a minha cabeça a graça, e eu experimentava o antegoço das supremas bem-aventuranças, da beatitude inigualável e do bem inefável. Minha alma atônita agitava as suas asas brancas, desferia o voo arcangélico, perdia-se nas alturas imensuráveis e estava tomada da vertigem de céus e céus sucedendo-se até ao infinito. O mundo do sonho abria-me as suas

muralhas de bronze, e eu penetrava nas fronteiras encantadas; era lá o Principado dos Eleitos, o reino dos que se redimiram, o domínio imaterial do espírito; minha alma passeava no horto florido, horto cujas árvores eram douradas, como flores amarelas que cantavam uma dulcia virginal e cujas flores eram pequenas chamas, vivas e ardentes como a fé...

Eu amava a igreja, a pompa litúrgica, as cerimônias do ritual romano, não por um sentimento de hipocrisia nem por uma concessão aos costumes e à opinião dominante na multidão; nenhuma transigência com os preconceitos de seita me animava; mas porque o templo constituía um atrativo para o meu espírito, com a sua encenação teatral, a sua pompa espetaculosa, a majestade da arquitetura, o mistério dos ofícios divinos, todo o cortejo, em suma, do culto externo; e ao penetrar no ádito perfumado das capelas, a alma mística despertava, povoada de obscuras recordações de claustros e de mosteiros, falando-se misteriosamente para o êxtase e para a prece.

Mas, subitamente *senti-me impelido a cometer um ato anômalo*, a provocar de qualquer maneira um escândalo, a proferir uma heresia ou uma blasfêmia. Apoderou-se de mim um desejo insano de provocar o ódio daquela multidão por um ato de irreverência que proclamasse bem alto a minha incredulidade, que ferisse as suas crenças e os seus preconceitos. E com um olhar provocador examinava todas aquelas caras humanas, bestiais e imbecis, nas quais se refletia um espanto bovino diante do espetáculo das cerimônias grotescas do altar.

Era uma impulsão irresistível contra a qual embalde se revoltava a minha razão; eu sentia que seria incapaz de dominá-la, e cerrava os dentes para não proferir uma obscenidade; não podia conter a tentação, que atraía-me mesmo pelo insólito e pelo absurdo de minha conduta.

Retirei-me do templo, levantando protestos descontentes das pessoas que eu desconcertava no meu caminho.

Resignara-me a uma longa espera, e foi contra a minha expectativa que eu vi terminar o ofício divino; os fiéis se levantavam; um rumor surdo se levantou no templo. Fui esperar Laura à porta principal; ela foi uma das últimas pessoas a sair; eu via-a avançar no meio de um grupo de devotas de aspecto humilde, envolvidas em longas capas negras; ela veio sorrindo para mim, mas estacou, surpreendida, antes de tomar-me o braço:

– Como estás pálido, Sérgio! Dize, que tens?

Respondi com uma evasiva, e apressei-me a fugir da multidão que nos acotovelava, tremendo, com o receio de pôr em prática o absurdo pensamento que se me incutiu no cérebro como uma tentação diabólica. Era *O Outro*, sim era *O Outro* que me dominava!

Mas ao sair pela rua, senti-me pouco a pouco tranquilo; readquiriria a posse de mim mesmo. Respirei com a satisfação de um homem que acaba de salvar-se de um perigo. Fora da atmosfera da igreja, pareceu-me que entrava de novo em mim mesmo.

O sol ia alto, e a luz meridiana caía sobre a praça como um pó de ouro impalpável; as primeiras andorinhas chilreavam nos ares e as *tesouras* soltavam pequenos pios estridentes; um esquisito perfume errava na atmosfera, e do céu a claridade caía como uma benção plácida e luminosa. Os fiéis que voltavam do templo punham uma nota de cores alegres e variadas na velha praça pela qual Laura e eu lentamente descíamos, sentindo-nos penetrados por aquele anúncio da primavera que chegara, com o seu cortejo de flores que desabotoam, de ninhos sonoros como guizos, de manhãs claras e tépidas, de tardes serenas e cor de rosa, e de noites que desdobram pelos céus os mantos negros e lucilantes de estrelas.

Durante um mês eu pude viver de novo até certo ponto tranquilo.

V

A minha relativa tranquilidade não foi, porém, duradoura.

Um incidente inesperado devia gerar no meu espírito uma cruel suspeita que veio a ter as consequências as mais terríveis, concorrendo para o desenlace tremendo deste drama sinistro de que eu fui o monstruoso protagonista.

Uma noite, como acontecia frequentemente, nós nos achávamos no antigo salão da casa, no qual fora instalado o piano de Laura, que se resignara a colocá-lo naquele aposento enorme e cheio de solenidade, devido às suas magníficas disposições acústicas. Naquela noite devia se executar não sei que trecho de Wagner ou de Beethoven; Henrique manifestara um vivo desejo de ser acompanhado ao piano por Laura, e falava com ardor naquele ensaio; ele insistira de tal maneira, preocupara-se tanto, que acabou por interessar-me vivamente pela audição daquela noite. Durante muitos dias fizera Laura executar, corrigir e repetir certos compassos que se lhe afiguravam de uma rara importância; e cada vez que conseguia o efeito desejado, a expressão preferida e única, revelava o seu contentamento por sinais repetidos de aprovação com a cabeça.

Porque, quando empolgava-o a sua paixão dominante, esquecia-se de ser tímido, tornava-se expansivo, jovial, dois asteriscos de alegria brilhavam nos seus olhos, e nos seus atos e nas suas palavras se denunciava uma excitação semelhante à¹ de um homem no começo da embriaguez alcoólica.

Logo que Henrique chegou, eu notei a sua perturbação; um amante que aguardasse a hora de uma entrevista não poderia revelar maior impaciência; ele agitava-se de um lado para outro, torturava a

1  No original, não está acentuado. [N. do O.]

sua barba fina e loura, tirava alguns acordes do piano; ia até a janela para respirar, como um homem a quem falta o ar, e voltava de novo para recomeçar este jogo extravagante.

Apesar das sombrias disposições de meu espírito, a sua conduta divertia-me, e eu o observava com um olhar malicioso de que ele não dera fé; era como um maníaco que tem o cérebro torturado por uma ideia única, absorvente e dominadora.

Aquela noite, além de um vivo desejo, eu tinha necessidade de ouvi-lo; eu contava com o efeito sedativo do seu violino para acalmar a minha excitação e, foi com um aperto de mão cordial que o recebi na escada quando ele chegou, trazendo encerrado numa caixa o mágico instrumento. Laura não se fez esperar muito, e foi com impaciência que eu ouvi ressoar no salão com uma soberba majestade o primeiro acorde do prelúdio.

Por que é que a música que até então fora um bálsamo para mim operou de repente como um malefício diabólico?

A princípio, à audição dos primeiros compassos, eu não podia bem compreender o que sentia; debatia-me mesmo por apreender o sentido que se continha na linguagem vaga e fugidia da música; a pouco e pouco a sua influência se fez sentir, e um ligeiro arrepio anunciou o alvorecer da minha primeira emoção.

Não me preocupo de saber o que o artista queria exprimir, mas de notar o efeito que em mim causava. Subitamente invadiu-me uma indizível ternura, direi antes a sombra de uma ternura. Depois, senti bem que a música traduzia uma elocução apaixonada, uma declaração de amor talvez, uma súplica ardente, viva e sobre-humana. Em seguida a voz apaixonada (a voz do violino) esmorzava como num desfalecimento de vontade; o seu calor arrefecia, empalidecia, desmaiava; mas era só um instante, porque a súplica se renovava com uma eloquência crescente, arrebatadora e indomável. E não sei se

porque, afeito à ficção do teatro, tudo isto parecia-me traduzir uma cena erótica e romanesca que se desenrolasse entre dois personagens, um trovador e uma castelã, na sala de um solar antigo e severo, cheio de panóplias e de armaduras de aço.

A sugestão era tal que eu cuidava *ver* os dois personagens, de um dos quais era aquela voz que ora se adoçava à súplica mais submissa e doente e ora se inflamava de desejos, tornava-se imperiosa e dominadora.

E finalmente a voz tornara-se débil, infantil; era uma queixa resignada; desfazia-se em gemidos; palpitava como um músculo; rebentava em gritos lancinantes.

Repentinamente o violino calou-se a meio da música.

Eu vi Henrique subitamente parar e empalidecer.

De fato o violinista tinha interrompido a execução, dominado por uma comoção terrível; ele tinha um *tique* doloroso na face e movimentos coreicos, independentes da sua vontade.

Eu olhei para Laura; ela estava muito pálida, o seu semblante traduzia a surpresa e o espanto. Henrique recuperou a posse de si mesmo; num relance percebeu a inconveniência e o ridículo de sua conduta.

O *pince-nez* tinha-se-lhe escapado do nariz e os vidros partiram-se sobre o teclado do piano. Esta circunstância devia ter concorrido para aumentar o seu embaraço, porque ele tornou-se cor de lacre, balbuciou algumas palavras inexplicáveis, e tropeçando nos móveis, despediu-se, depois de algumas palavras de desculpa.

Tudo isto foi tão brusco, tão precipitado e imprevisto, que eu não tive vontade de rir; aquele incidente fez-me mal, e quando voltei-me para Laura, notei que ela estremeceu.

Eu fiquei numa grande perplexidade diante da conduta bizarra de Henrique; encarava-a sob um ponto de vista altamente dramático,

que não me dava o menor desejo de escarnecer e zombar. Sentia-me vagamente incomodado, quase irritado diante daquele incidente inesperado; e uma suspeita fraca e vacilante começou a germinar, instilando-me no coração um veneno sutil. O *Outro* não tinha coragem de formulá-la claramente no meu espírito porque eu tentava mesmo repeli-la como um sentimento indigno; porém ele voltava com a insistência de uma mosca impertinente.

O *Outro* dizia-me: “Se eles se amassem? Porventura aquela conduta bizarra não justificava esta hipótese inverossímil? E atendendo à natureza das emoções produzidas pela música, pelo menos à maneira pela qual tu a interpretaste, não havia uma segunda intenção nos atos de Henrique? A emoção traiu-o; seus nervos atraíram-no, porque a sua natureza excêntrica é semelhante a esses insetos em que uma pele transparente põe a descoberto o jogo dos diversos órgãos. Demais, a inquietação que já lhe havias notado, a desordem de seus atos; tudo isso não vem justificar as tuas suspeitas?”

O *Outro* continuava a fazer insinuações corrosivas no fundo de minha alma com uma obstinação diabólica. Por isto certos pormenores que me haviam escapado em relação à Laura assumiam outra importância, depois que o meu espírito se tornara prevenido; a maneira de sorrir para Henrique, a expressão carinhosa do olhar...

Porém, era horrível macular aquela nobre criatura nesses pensamentos deletérios! Revoltava-me contra a suspeita que me insinuava aqueles pensamentos que profanavam a mais pura das mulheres! Todo o fundo honesto e são de meu ser sublevava-se contra a iniquidade do pensamento que me torturava, acrescentando mais um martírio aos meus sofrimentos.

Embora recorrendo a todas as sugestões da minha própria dignidade, da minha honra e do meu critério, não me foi dado repelir o

pensamento maléfico e funesto; ninguém pode calcular os esforços que empreguei neste sentido.

E apesar de tudo eu constatava que nas trevas de minha consciência a serpe venenosa continuava a silvar e cuspir a terrível e ignóbil suspeita...

A minha preocupação única e inalterável tornou-se daí em diante a traição de Laura. Meu pensamento corria de Laura a Henrique com uma dolorosa rapidez.

Eu bem quisera acalmar-me, esperar uma prova definitiva, um ato decisivo, uma palavra, enfim, que pusesse termo às minhas dúvidas; chegava a preferir ter certeza da desonra a ficar naquele estado febril de incerteza! *O Outro* prosseguia na sua obra de Iago.

Eu estremecia de impaciência, de cólera, com aquele pensamento martelando-me o cérebro, flagelando-me até à tortura. Oh! se eu pudesse saber e adivinhar! Laura amava-o? Eles se amavam? Corresponder-se-iam? Mas, por que, se se encontravam frequentemente? Henrique amava-a? E desde quando? De que maneira? Seria um *flirt* ou uma paixão já criminosa? Que havia entre eles?

Eu formulava em vão estas interrogações, passando em revista dia por dia as suas palavras, os seus atos, os seus menores gestos, de que minha memória podia dar conta; e uma série de incidentes, de pequenos atos, de gestos mal reprimidos vinham confirmar as minhas suspeitas. *O Outro* lembrava-me certas atitudes singulares que eles tomavam ao piano, com as cabeças quase unidas e os olhos quebrados de volúpia, como lubrificadas por um óleo sutil.

Quando sentiam-se isolados as suas vozes tomavam inflexões ternas, de uma cariciosa doçura que não tinham quando se dirigiam aos outros; involuntariamente sorriam-se quando se olhavam, e mesmo quando o sorriso não se desenhava na boca esboçava-se no ângulo

dos olhos ou alvorecia na luz do olhar; estabelecia-se entre eles uma corrente invisível de simpatia.

Lembro-me de que um dia ao regressar à casa, encontrei à porta Henrique que saía perturbado, com um olhar oblíquo que não me fitava, despedindo-se com duas palavras bruscas; todo o seu aspecto era o de um homem que estava sob o império de uma comoção profunda; tudo nele era irregular e áspero. E quando encontrei Laura ao pé da janela, verifiquei a mesma perturbação, uma certa desordem de espírito, não sei que vago temor; e eu vi-a pálida, com os estigmas da culpa nos olhos, com esse aspecto criminoso que trai as culpas mais secretas de uma alma.

Fiquei fulminado, mas continuei a dissimular as minhas suspeitas. Laura acalmou-se pouco a pouco, e não me evitou mais, os olhos cheios ainda de visões do pecado! Passados os primeiros instantes, falou-me amorosamente, beijou-me nos olhos, desfez-se em carícias.

E aquelas carícias queimavam-me como um ferro em brasa; era assim talvez que ela se entregava ao amante, que ela se dava ao homem que eu acolhia em minha casa!

Uma outra vez eu fui surpreendê-los ao canto do salão; falavam os dois entretidos numa conversa à meia voz, olhando-se nos olhos num tal arroubamento que só se aperceberam de mim a dois passos de distância. Henrique perturbou-se profundamente, e ficou tão pálido que tive receio de vê-lo desmaiar, e nos seus olhos passou esse frêmito involuntário que os percorre, quando alguém surpreende uma coisa inconfessável no fundo do nosso pensamento. Eu justifiquei-o então porque sabia-o excessivamente nervoso e sujeito a profundos abalos depois de um susto, de uma surpresa ou de qualquer pequeno incidente.

Laura tinha ficado impassível, e teve coragem para rir e forçar-me a sentar junto dela. Como pudera adquirir aquele poder de dis-

simulação? Que era aquela paixão vergonhosa se assim podia ocultar-se, ao lado de sua paixão por mim quando ela se me havia entregado para toda a vida, abandonando os que lhe eram mais caros, sem reservas, sem um pensamento que não nos fosse comum?

Sem reservas?! Mas eu nunca havia podido possuí-la inteira; nunca pude penetrar a sua alma; *havia nela alguma coisa que me era hostil e defesa*; havia recantos de sua alma que eu nunca pude perscrutar! Quem compreenderá os segredos do coração feminino? Estas dúvidas ferroavam-me ferozmente; eu debatia-me numa tortura cruel.

E se Laura fosse inocente? Se todavia as aparências me enganassem? Que fato positivo tinha eu para levantar uma acusação formal? Que fundamentos incontestáveis tinha eu para formar uma convicção inabalável? Como podia adquirir a cruel certeza de ser traído? E qual deveria ser a minha conduta no tumulto das dúvidas que me assaltavam?

Se Laura me enganasse, eu sentia-me capaz de perdoar-lhe a fraqueza, mas nunca poderia perdoar-lhe a traição, a mentira, o embuste, a dissimulação e o escárnio daquela comédia ignóbil! Traído, eu não lhe perdoaria o desprezo, a zombaria e o desdém! Assaltavam-me crises de cólera irracional, tinha os olhos ardentes, os dentes cerrados, as mãos crispadas. Procurava acalmar a minha agitação; era preciso mostrar-me indiferente e ignorante; sorrir para todos; disfarçar o ódio amargo que fervia em mim; apertar a mão do homem execrado; beijar a mulher desprezada; fingir, dissimular, distribuindo-me um papel de espião naquela farsa; ser o compadre da comédia; calar todos os sentimentos do meu brio; sufocar os impulsos de minha honra ultrajada; aviltar-me numa tranquilidade criminoso! — até surpreender o infame delito, e então...

A imagem do flagrante delito fazia-me um mal imenso que era semelhante à sensação que em alguns produz uma lima mordendo o

aço; eu via-os na atitude ignóbil de se amarem fisicamente, bestialmente, como os bácoros e os cães! Odiava-os, então, de tal maneira que não encontrava uma tortura capaz de vingar-me da vergonha e da traição. Tinha nos braços a força de uma legião de búfalos para esmagá-los! A horrível tortura! Afastava esta imagem acerba, porém ela voltava de novo com um relevo implacável!

Se Laura não fosse culpada? Se o meu pensamento me atraísse? Muitas vezes quis interrogá-la, expor-lhe lealmente a minha inquietação; mas receava o embuste; Laura podia não dizer-me a verdade. Ah! se eu pudesse ignorar tudo como outrora! E ao mesmo tempo tinha medo de saber; mesmo que estivesse em minhas mãos a chave do segredo, eu não teria talvez adiado a prova terrível, como um doente pediria ao médico para prostrar a amputação de um órgão doente?

Entretanto, Laura fingia-se tranquila; parecia não compreender nada do que em mim se passava, e com efeito eu punha um cuidado particular em dissimular-lhe meus sentimentos. Em verdade, parece que ela já se havia habituado à desordem dos meus atos, e olhava-me apenas com uma imensa compaixão.

Os dias sucediam-se, sem que eu pudesse adiantar um passo naquela estrada de incertezas; eu sentia uma coragem varonil de afrontar a cruel verdade; parecia-me que ela seria menos dolorosa do que aquele estado intolerável em que me achava; ao menos tudo ter-se-ia acabado, o meu tormento findaria; uma solução qualquer – e eu me representava diversas – poria cobro aos meus desatinos. E com uma calculada indiferença eu proporcionava aos amantes mil ocasiões de se encontrarem a sós; multiplicava as suas entrevistas e falava-lhes alegremente de coisas frívolas e graciosas; Laura parecia olhar-me com satisfação e reconhecimento.

Mas um dia, ao examinar as minhas pistolas, verifiquei que elas tinham sido cautelosamente descarregadas! Este caso intrigou-me. O

meu primeiro movimento foi de cólera; Laura tinha receio de que eu os assassinasse, talvez!

Mas pensava, depois: Quem sabe se receia o meu suicídio? Resolvi fingir que ignorava; mas aquela descoberta aumentou as minhas suspeitas. Verifiquei que por seu turno Laura espreitava os meus atos, sondava os meus pensamentos, verificava as minhas saídas, informava-se de meus passos, estabelecera uma polícia inquisitorial que me exasperava. Por isto mesmo redobrei de prudência; tinha a máxima cautela e evitava todas as ciladas em que pudesse cair.

Era um jogo que extenuava-me, porque exigia uma atenção de todos os instantes, um tato fino e uma cautela extrema. Estava alerta a todas as palavras, a toda a mímica que se passavam em redor de mim. Isto mortificava-me ainda mais; parecia-me absurdo que pudesse continuar a viver assim; qualquer desenlace, por mais pavoroso que fosse, dar-me-ia alívio; era-me preciso romper de qualquer forma o assédio daquelas torturas, e aguardava ansiosamente o momento de libertar-me delas.

Entretanto, Laura sofria; às vezes eu a via dormindo, e parecia-me morta; estava pálida, desfeita, com um olhar vago e errante.

Perguntava-lhe frequentemente:

— Que tens?

— Estou indisposta, apenas. Um pouco de fraqueza, Sérgio.

Era verdade; muitas vezes descobri que me esperava até alta noite, fingindo-se adormecida. Certa noite, eu a surpreendi descalça, a meio da alcova, tiritando de frio; eu passeava, monologando no salão. Ela não pôde dissimular a sua confusão, quando eu a fui encontrar.

— É verdade, meu amigo; vim ver se estavas incomodado; falavas tão alto, e o teu passo era tão desigual!

Fingi acreditar, e repreendí-a brandamente.

Laura sofreu durante aquela noite; teve frequentes acessos de tosse, e tinha a face tão branca como se não tivesse mais uma gota de

sangue, mergulhada num sono penoso entrecortado de gemidos e sobressaltos, sem abrir os olhos.

Eu contemplava ansiosamente o seu rosto, e não podia ficar tranquilo; o médico recomendou-me muito o repouso. Laura tinha um movimento doloroso da fisionomia para exprimir o seu sofrimento, e em torno de seus olhos havia uma tinta suave, lilás, quase roxa, mas diáfana, puríssima, que aumentava singularmente o brilho dos olhos. Quando eu me aproximava para dizer-lhe à meia voz qualquer palavra, abria os olhos, olhava-me com uma espécie de curiosidade assustada, estendendo-me as mãos pálidas, com um sorriso melancólico. Não falava, parecia que não tinha forças para fazê-lo, e tinha o aspecto de um ser maléfico que se tornou inconsciente, inerte e indefeso. Naqueles momentos eu procurava ler no fundo de sua alma, através dos seus olhos; mas no fundo de sua aparente limpidez havia um véu de trevas impenetráveis.

Alguém perguntava-me no fundo de minha alma:

– Que pensamentos giram na mente de Laura enquanto tu acaricias os seus cabelos?

Ela sofria. O médico aconselhou as distrações plácidas, os passeios moderados. Estava muito fraca, com as forças abatidas: em pouco tempo havia se tornado irreconhecível, com os olhos muito grandes e uma fadiga em toda a sua pessoa.

Passava dias inteiros num canapé, sem ter coragem de dar alguns passos pelo quarto; não comia; os pratos de sua colação voltavam intactos, mas não se irritava, não fazia um gesto de contrariedade. À sua resignação era tal que parecia envolver uma ofensa. Nada a interessava, nada a contrariava; tinha a docilidade de uma criança. Sorria docemente quando eu lhe dirigia alguma palavra, olhando-me com uma grande ternura. Mas a moléstia, em vez de destruir-lhe a formosura, mais acentuava a delicadeza dos seus traços, imprimia-lhe

um cunho de nobreza e de bondade às feições, e o seu rosto tinha um afilamento angélico.

Ela mostrava-se infinitamente reconhecida quando eu tinha para ela uma carícia ou terno cuidado. Olhava-me com uma tal devoção! Tinha uma delicadeza tão esquisita!

Malgrado meu, assaltavam-me as suspeitas angustiosas, as inquietações amargas; eu esforçava-me para ler nos seus olhos e na sua frente.

Não! não! pensava, eu estou louco!

E acusava-me de crueldade, queria pedir-lhe perdão. Não queria duvidar dela, não queria sofrer aquela angústia passada!

Mas a suspeita do ciúme silvava nos abismos do meu coração insinuações ferozes; um ser maligno escarnecia-me e recordava-me coisas passadas, com um sarcasmo feroz. Mas, não obstante estas sugestões, os hábitos familiares tornavam a prender-me, os atrativos da vida doméstica, o sorriso de Laura, todas as seduções capciosas me empolgavam de novo, e eu enlanguescia ao latejar dos desejos; insinuavam-se-me mil tentações imprevistas. Uma vileza!

Aquela situação artificial colocava-me na mais intolerável posição! Oh! que horrível, que dolorosa incerteza!

Foi ela que deveria perder-me para sempre, arrastando-me aos atos mais horríveis de minha vida!

VI

Para os espíritos calmos e frios, chamados razoáveis, para a maioria dos homens que prejulga os nossos atos segundo o seu senso íntimo, para a dialética que somente compreende os sentimentos alheios pela analogia dos próprios sentimentos, é inconcebível que

um espírito em que não haja perturbação positiva da inteligência e da razão não possa reagir contra uma ideia criminosa e vencer uma obsessão abominável que se apodera tiranicamente do nosso espírito, que o flagela de contínuo ou por intervalos irregulares, mas de uma maneira irresistível e desesperada, estabelecendo uma luta tão medonha que cuidar-se-ia ser o ludíbrio de uma potência infernal.

Entretanto, assim como na coreia uma perturbação dos centros nervosos destrói a harmonia dos movimentos e tira ao doente o domínio de seus músculos, um desequilíbrio dos centros psíquicos não poderá sujeitar-nos a uma ação mental espasmódica, sem que a inteligência perca a sua lucidez? Seja como for, o meu dever não é explicar, porém notar todos os fatos, sem omiti-los nem desfigurá-los.

O que é verdade é que me achei neste estado mental de que me recordo ainda com desgosto e surpresa. Senti-me verdadeiramente possuído pelo espírito da perversidade e arrastado por uma impulsão instantânea e cega a atos de destruição e maldade que me repugnavam. O *Outro* dominava-me; emprestava-me uma espécie de instinto de furor subitâneo ou de rancor frio; nascera em mim um desejo sanguinário, horrível; evitava a todos com receio de uma violência; como um homem atacado de vírus rábico, eu fugia de todos os homens para não satisfazer neles aquele desejo insano de martirizá-los, de fazê-los sofrer; sentia-me capaz de atos da maior atrocidade, e não sei como explicar ainda hoje aquela perversão de sentimentos.

Recordo-me de que durante aqueles acessos, um calor se propagava do peito ao pescoço, às faces, aos olhos; as artérias das têmporas pulsavam tão desordenadamente como se fossem romper-se; uma ideia homicida, a princípio disforme e sem objetivo determinado, ocupava o meu pensamento; embora não se anunciasse desde o começo uma inclinação decisiva de executá-la, não tardou que adquirisse uma energia assustadora e atingisse ao seu paroxismo. A crise

foi cruel e eu tinha um receio mortal de ser arrastado por uma força desconhecida e funesta.

Como surgiu em mim aquele sentimento implacável?

Todo o processo de investigação é impotente para explicar a vida inconsciente do espírito; ele devia ter surgido numa dessas intermitências de minha consciência, após uma incubação surda, lenta e tenaz, surgindo dessas tenebrosas operações de nossa vida interior de que cada estado de consciência não é senão um pálido registro.

Uma noite, despertei sob uma angústia implacável, sem poder recordar-me do estado em que o sono deixou-me; o quarto, que me era familiar, pareceu-me desconhecido sob a luz da lamparina; e era com dificuldade que eu readquiria a noção de minha personalidade; dir-se-ia uma dissolução do meu *eu*.

Como que certas regiões do meu corpo e de meu cérebro, se bem que pertencessem a um agregado vivente, não estavam compreendidas na esfera do meu *eu* orgânico.

Laura dormia tranquilamente o seu sono de ave – um sono tão sereno e tão plácido que não se lhe percebia o arfar do seio; tinha a cabeça reclinada sobre um braço e a boca entreaberta; no lugar dos olhos as órbitas enchiam-se de sombras, fazendo ressaltar a cor clara do rosto; pequenas bagas de suor afluíam-lhe da fronte.

Subitamente estremei; *a ideia de matá-la tornou-se clara, precisa e horri-velmente nítida!*

Eu tinha uma tentação diabólica de sufocá-la entre os travesseiros, apertando-lhe a pálida garganta; e fiquei curvado sobre ela, fascinado pela brancura imaterial daquele pescoço. Minhas mãos tremiam; eu debatia-me numa luta cruel, porque toda a parte boa e sã de meu ser reagia violentamente contra aquela tentação horrível; mas ao mesmo tempo impelia-me uma força misteriosa e secreta, uma força irresistível que começava a circular e a latejar dentro de mim.

Eu sentia as mesmas vertigens de um homem que luta contra a irresistível atração das voragens, calculando todo o horror da situação; estava chumbado no mesmo lugar, por um esforço supremo de vontade.

Um ligeiro frêmito percorreu-me; eu ia sucumbir à tentação.

Laura despertou.

A princípio fez um movimento com o braço; seus olhos abriram-se e fecharam-se, sem que a minha presença lhe causasse a menor surpresa. Estendeu os braços, e a meio de um bocejo fitou-me com espanto: sentou-se, como impelida por uma mola oculta, e refugiou-se no canto do leito, como fugindo de mim.

Na sombra eu vi seus olhos dilatarem-se de espanto e de terror, e com as mãos fazia o gesto de uma pessoa que quer repelir uma agressão. Toda esta mímica surpreendia-me; o seu terror parecia-me inexplicável, depois que voltando para trás de mim não vi nada que pudesse provocar a sua singular conduta.

– Que tens? perguntei.

Ela murmurou com uma voz surda:

– Os olhos, Sérgio; os teus olhos! São horríveis!

E escondeu o rosto nas mãos.

Cheio de confusão, corri a um espelho para consultar os meus olhos; e fiquei fulminado de espanto.

Horríveis! Sim! Horríveis!

Eram por certo os meus próprios olhos; tinham a mesma cor, a mesma forma; mas o que absolutamente eu não lhes conhecia era aquela frialdade percuciente como um aço afiado e aquele brilho cruel e medonho; ao longe na sombra fosforesciam como os olhos dos felinos; eu verifiquei que a esclerótica estava injetada de sangue, e que as pupilas achatavam-se, riscando dois traços negros, oblíquos ao meio das retinas.

Eu não conhecia aqueles olhos; não poderia conceber que tal metamorfose se pudesse ter dado, e atribuo a uma ilusão talvez por sugestão de Laura.

Na noite seguinte despertei ainda sob o domínio da mesma tentação; *provavelmente aquela ideia homicida me era sugerida durante o sono*, e prolongava-se pela vigília em diante; por mais que eu a repelisse, persistia, voltava, torturava-me; não havia meio de varrê-la e expeli-la do meu espírito. E socorria-me de todos os argumentos para resistir-lhe; invocava a inocência provável de Laura e demonstrava a iniquidade de um castigo imerecido. Apesar de todos os meus esforços persistia em mim uma animosidade profunda contra Laura; e eu amava-a, entretanto! Como as pessoas que se acham sob o domínio de uma paixão deixam-se iludir pela influência dos seus sentimentos, assim os meus argumentos se ressentiam da minha perversão de sentimentos; meu espírito revelava uma sutileza, uma argúcia extraordinária para justificá-las e tinha recursos que eu não conhecia para explicar os meus desejos mais desarrazoados.

Dir-se-ia que eu era um vicioso incorrigível, um celerado da pior espécie; passava da exaltação mais violenta à depressão mais profunda; sob o menor pretexto e mesmo sem provocação alguma eu me entregava a explosões ignóbeis.

Foi então que despontou em mim a ideia do suicídio como um meio de subtrair-me àquele tormento.

Sob um acesso de tristeza enervante ele apareceu-me como um remédio único e como um recurso extremo; durante muitos dias analisei com o maior carinho esta ideia e preparei-me para realizá-la, achando um encanto particular em premeditar o ato.

Punha minha inteligência ao serviço da ideia fixa – era preciso matar-me! E a minha inteligência docilmente, vencida por aquela disposição irrevogável, era tão cativa do demônio que me possuía, que analisava os planos e meditara os meios de realizá-los – serenamente.

Entretanto diferia indefinidamente a realização do projeto, por uma covardia inexplicável; era como se dois instintos lutassem dentro em mim. Preocupado por estas ideias insensatas, não ligava o menor interesse às minhas relações e negócios; tornei-me caprichoso e fantasista; consagrava dias inteiros à solidão e ao devaneio com uma espécie de voluptuosidade soturna.

Um dia, em que se reparavam as torres de uma velha igreja, senti-me arrastado pela tentação de subir aos seus campanários. Eu não tinha propriamente o ânimo deliberado de suicidar-me naquele instante, embora esta ideia despertasse a todos os instantes e tivesse sido admitida como um propósito assentado.

Também não me arrastava a curiosidade de ver do alto os deliciosos panoramas que se abriam em cenografias admiráveis em torno das janelas dos campanários góticos, olhando para a linha serena das montanhas fronteiras. Entrei no templo maquinalmente, e embora longe andasse o meu pensamento eu admirava a sua construção antiga em que as proporções da beleza arquitetural foram devidamente observadas para o efeito de dar-lhe maior majestade e não sei que de bárbaro e colossal como os dolmens antigos.

E tal era o recolhimento do ádito religioso, tal o prestígio misterioso que em mim exercem os templos que esqueci os meus tormentos para deixar-me ficar contemplando os relevos da capela-mor, cujo altar se levantava do presbitério ao teto, pompeando desenhos simbólicos, a branco e ouro. E quase tranquilo, como se fosse para um passeio lento, comecei a ascensão, entrando por uma porta lateral à direita que se abre para a escada em espiral que leva ao alto da torre.

Toda a minha atenção se fixava nos mínimos detalhes daquela subida, como se ao fim dela eu devesse encontrar a solução de um problema vital.

A escuridão se fez intensa a meus olhos habituados à ampla iluminação de baixo, à hora mais clara de uma manhã lavada de chuvas e esplendente do sol. Como um condenado subindo para o patíbulo eu contava os degraus que meus pés tateavam. Subi uma dezena deles com um crescente receio que acabara por afrontar-me, já não sabendo em que sentido ia girando no interior daquele cilindro de pedra.

Parei para respirar, tão fortes eram as pancadas do meu coração, e ouvi como que uma pulsação ritmada e lenta que vinha de longe animando a frialdade mortal do colosso.

Às vezes havia como que um estertor ou um passo arrastado de galé em que iam tinindo ferros... Que seria? E escutava. A pulsação continuava mui distinta e igual, com pausas regulares. Por que aquela simples pulsação impressionou-me tanto? E sentia por todo o corpo correr-me um arrepio. De medo? Talvez.

Bem sabia que lá fora a luz caía dos céus, dissipando qualquer simulacro de fantasmagoria ou de pesadelo; e evocava a paisagem com a obstinação e saudade de um cego que nada mais vê, mesmo a olhos abertos, do que vira ainda há pouco. Lembrei-me das antigas demoniarias, bruxedos armados dentro das igrejas, rondas de fantasmas que se escondem pelos nichos, narrativas de milagres e coisas sobrenaturais.

Eu mesmo não poderia dizer se já então eu tinha o propósito explícito de praticar lá em cima o ato que era a minha ideia fixa. Entretanto ia subindo de novo, e vi no escuro ir surgindo, no sentido inverso do meu trajeto, uma claridade pálida e difusa.

Mais alguns passos, e a luz entrando vivamente por uma seteira gradeada de ferros chumbados às pedras, jorrou para o interior da torre uma faiscação que me deslumbrava a vista e não me permitia distinguir os objetos iluminados. Vi então o eixo da torre em volta do qual a espiral da escada ia se desenrolando por baixo de meus pés e por cima da minha cabeça.

Insisto nestes pormenores, porque pareceu-me levar um tempo infinito a subir a escada.

Continuei a subir, e a pouco e pouco deixei a zona iluminada, penetrando de novo na escuridão. Ia apoiando as mãos às paredes, e sentia a superfície áspera das pedras lavradas, apalpava as suas juntas feitas a cimento, esbarrava às vezes numa fenda mais larga, onde porventura se apoiaram os andaimes da construção, e por toda a parte acompanhava-me a mesma frialdade, com o mesmo bafio dos lugares mal arejados. Terminava o primeiro lance no coro da igreja, cercado de altos balaústres torneados. Cotos de velas ainda estavam pregados às estantes da orquestra.

Continuei a subir a interminável escada que volteava na escuridão. A pulsação da torre tornou-se tão nítida que reconheci o movimento compassado da pêndula do relógio. A escada de pedra terminava, enfim, num sobrado, iluminado por janelas, debaixo do qual amontoavam-se as dejeções dos morcegos que habitavam a abóbada.

Galguei ofegante os últimos degraus – e achei-me entre os sinos, à uma altura vertiginosa, ouvindo o ruído dos cata-ventos que uma aragem fresca movimentava a espaços. Lestamente subi a uma das janelas, em que o menor dos sinos permitia espaço para, deitado sobre a espessura da parede, extasiar-me na contemplação do que os meus olhos ainda estão vendo na lucidez cristalina daquela manhã.

O verde das montanhas era de uma doce tonalidade, tirando para amarelo pálido. A cidade pousava ao meio de casarias alvas, cujas janelas faiscavam nas linhas dos quarteirões irregulares. O céu semelhante esmalte e o ar parecia feito de vidros transparentes. Ao fim do alinhamento das ruas, um regato surgia por entre aquarelas vivazes. É impossível reproduzir pela pena o encanto daquela perspectiva.

Do lado oposto a vista abrangia todo o telhado da igreja, negro de inverno, com uma ou outra vegetação rara curtindo a nostalgia

do solo naquela altura para onde a transplantou o intestino dos pássaros.

De súbito, no silêncio majestoso daquela culminância, os sinos começaram a girar, a girar, e uma onda sonoríssima resvalou em cachões do alto da torre, que parecia um ídolo bárbaro e colossal como os ídolos hindustânicos, pregando um evangelho feroz numa língua de bronze.

Era uma música rude e severa, formidável e épica, como uma odisséia grandiosa e solene, abalando o solo com a sua vibração tremenda e aterrando as andorinhas que povoavam os telhados. Causava-me vertigens. Os sinos pareciam tomados de delírios epiléticos, girando, raivando, mugindo e se debatendo como um bando de águias encarceradas numa gaiola de pedra.

Até então, se bem que extraordinariamente excitado, eu conservava uma certa calma, uma noção perfeita de todas as coisas e o exercício de minha vontade.

Subitamente, como eu voltasse os olhos para baixo, senti uma atração irresistível que aumentava à medida que a minha vontade desfalecia. A minha personalidade começava de novo a escapar-me; um agente obscuro, o demônio interior, dominava-me, subordinando os meus atos e o meu pensamento a um novo centro de ação e constrangendo-me² a atos que me causavam horror. Era *O outro*.

Embaixo o abismo continuava a exercer sobre mim a sua atração espantosa; e friamente, serenamente, como um homem que caminha para o seu destino, eu transpus a janela, deixei-me escorregar lentamente por um andaime e meu corpo oscilou a quinze metros acima do solo.

Abaixo da janela havia uma cimalha de dois palmos apenas de largura; nela eu apoiei os pés, e encostado à parede era este o meu único

2  No original, “constrangendo-me”. [N. do O.]

e último ponto de apoio. A minha vista se turvara, eu não enxergava senão um ponto único lá embaixo que me arrastava como um ímã fatal. E sentia um frio intenso, um frio que começava nas extremidades e se estendia até ao coração, que parecia ter parado de palpitar.

Esta sensação de frio ficou-me indelével. Entretanto, eu não tinha uma consciência exata do que praticava.

Recordo-me de que *era como um sonho*, em que a realidade fugia para longe, como um perigo ilusório, se bem que eu me sentisse gelado de horror.

Quanto tempo durou este sonho sinistro?

Não sei. Sei apenas que readquiri a noção da vida, quando me senti agarrado por dois pulsos vigorosos que me arrancaram daquela situação terrível – exatamente no momento em que meu corpo, vencido pela atração do abismo, ia despenhar-se do alto da torre silenciosa.

VII

Chego, afinal, ao terrível desfecho desta medonha tragédia que tanto impressionou e comoveu o espírito público.

Ninguém poderá avaliar, talvez, a emoção com que traço estas linhas – pálido reflexo das torturas em que foi excrucitada a minha alma e da mágoa em que ela se amortalhou para sempre.

Há assuntos que fazem tremer e parar uma pena, mas a minha expiação e o meu castigo não estarão também nesta confissão que me impus e que mais me expõe à execração do que à piedade da maioria dos homens?

Frustrada a primeira tentativa de suicídio, a minha situação ainda mais se agravou. A minha desordem interior, cada vez mais perigosa, denunciava-se por algumas palavras ou por alguns atos que me escapavam

nos raros momentos em que eu me descuidava de dissimular aos olhos de todos as minhas perturbações. Como certos doentes atacados de moléstias repugnantes ou inconfessáveis, eu sentir-me-ia humilhado se alguém pudesse penetrar o meu segredo, além de que uma surda desconfiança punha uma sistemática reserva na minha conduta.

E de tal maneira me conduzi que uma pessoa apenas pôde perscrutar uma parte de meu pensamento e os perigos a que a sua presença o expunham junto a mim. Henrique, desde a noite em que a sua conduta se tornou tão insólita, havia desaparecido; evitava-me a todo o transe e fugia de mim como se tivesse certeza de que a sua presença seria capaz de levar-me à última de todas as violências. E de fato, muitas vezes senti-me acometido de um furor subitâneo contra ele; naqueles momentos, se eu o encontrasse, fa-lo-ia certamente vítima dos meus desvarios.

Não obstante, nenhuma alteração se fizera em minha casa, apenas entre mim e Laura se impunha uma maior reserva. Temendo pôr em prática a ideia de matá-la, eu vivia uma vida à parte, aproximando-me dela o menor número de vezes possível. Por que não hei de confessar toda a verdade? Eu odiava-a! Sim! Odiava-a como se odeia o nosso mais mortal inimigo! E a ideia insensata de matá-la tornou-se de novo a mais atroz das obsessões.

Uma noite – oh! pudesse eu varrer da memória os acontecimentos daquela noite funesta! – de volta de uma das minhas vagabundagens noturnas, em que percorria as ruas da cidade sombria para que o movimento aplacasse o tumulto dos meus pensamentos e a espécie de delírio que se manifestava nas minhas ideias – encontrei Laura velando no meu quarto.

Terrível, que estava a um canto, investiu para mim furiosamente; dir-se-ia que não me reconhecera, e Laura a custo conseguiu fazê-lo sossegar.

Era alta noite, e Laura pareceu-me mais pálida, de uma palidez de finada, com vestígios de pranto nos olhos em que se abismavam todos os pensamentos da sua cabeça sofredora.

Vejo-a ainda como a vi pela última vez, no criminoso silêncio daquela noite, e a sua nobre e delicada figura como que já participava da natureza da outra vida para a qual deveria partir!

Entretanto não havia na expressão de seu rosto nenhuma recriminação e nenhum sinal de desgosto; apenas uma sombra se desenhara, cada vez mais visível e mais pesada, sobre a sua fronte, como que cobrindo-a de luto. Laura já se havia habituado a todas as irregularidades de minha conduta e, feitas em vão as primeiras tentativas para fazer-me voltar à norma dos primeiros anos do nosso casamento, se resignara a todos os meus novos hábitos.

Quando entrei no quarto, a ideia fixa torturou-me; eu sentia os pródromos da impulsão sanguinária, o violento desejo de matá-la. Uma ansiedade mortal ao mesmo tempo apoderou-se de mim e era em vão que eu me insubordinava contra uma ideia que, alheia a minha vontade, se impunha aos meus nervos como uma necessidade irrevogável de imediata execução.

Laura, como de costume, acolheu-me com doçura; reparei não obstante que ela me examinava ao mesmo tempo com uma profunda inquietação.

– Boa noite, Sérgio.

E como para justificar a sua presença:

– Decerto não levarás a mal que eu te esperasse aqui: Eu estava tão inquieta!

Depois de hesitar ainda, como eu não respondesse, acrescentou:

– Perdoa-me as minhas infantilidades; eu, porém, não podia dormir, dominada não sei por que presentimento... Parecia-me que ia atingir-te qualquer desgraça.

Ela aproximou-se de mim e tentou fazer-me sentar ao seu lado.

– Meu Deus! Exclamou – Como as tuas mãos estão geladas; dir-se-ia *que trazes a morte nas próprias mãos*. Tu sofres, meu amigo? Tu sofres, sim, tu sofres, não negues! Dize-me, – que tens?

Eu ouvia-a na mais cruel ansiedade; a presença de Laura, o silêncio da casa, o adiantado da hora, todas as circunstâncias *que eu meditara e que eu procurei evitar*, concorriam para a perpetração do inqualificável delito.

E ao ouvir a música e o carinho de sua palavra, ao vê-la àquela hora no desalinho de seu vestido de noite, voltou-me à memória a imagem do adultério, a suspeita da traição atravessou-me o cérebro como um ferro em brasa! De novo os zelos despertos me abrasaram num furor bestial. E eu mais do que nunca desprezei e odiei aquela criatura! O prestígio de sua beleza, a sua inalterável bondade, a nobreza de sua reserva, tudo isto se me afigurava ignóbeis artifícios para acorrentar-me à carne e para arrancar o meu assentimento a uma execrável infâmia!

Na vertigem de meus pensamentos não podia compreender, fazia mesmo um imenso esforço para ver claro no assédio das impulsões criminosas que me cercavam; mas nas trevas de meu pensamento havia um ponto luminoso apenas, de onde uma linha reta me impelia para o ato criminoso. Laura, sem compreender todos os secretos tormentos de minha alma, sentia-se, todavia, alarmada pela minha aparente tranquilidade.

– Tu sofres, continuava. Pobre alma, pobre alma! Bem vejo que me é impossível extirpar o mal que te aflige; entretanto, eu quisera dizer-te bem intimamente, no fundo do teu coração e no âmago da tua alma, o bem que te desejo e o muito que te quero! Escuta-me, Sérgio, escuta-me...

Como poderei descrever a duplicidade em que o meu ser então se desdobrava?

Ao mesmo tempo que um sentimento de ódio e um desejo de aniquilamento me impeliam para Laura, a sua voz musical, em que vibrava uma emoção verdadeira, comunicava-me uma indizível ternura e uma sincera compaixão por ela. Vacilava entre dois sentimentos opostos, e a incoerência dos meus atos resultava da vacilação em que me debatia.

Laura prosseguiu ternamente:

– Ouve, Sérgio. Senta-te ao pé de mim. Há tanto tempo que me foges e que eu te procuro; dir-se-ia que tens em mim um inimigo. Oh! pudesses tu ler nos refolhos de minha alma; pudesses tu adivinhar o que se passa dentro de mim!

Eu procurava evitá-la e fugir-lhe; Laura, porém, obstinava-se em aproximar-se, como se tentasse vencer por este meio a distância que separava as nossas almas.

– Não me fujas, Sérgio! Por que me evitas?! Por que não me abres a tua alma como outrora? Tu eras tão meigo e tão apaixonado! Lembro-me ainda das palavras ardentes que encontravas no teu carinho para exaltar-me; elas soam-me ainda como uma música divina. Foi em maio, tu te recordas?...

E evocou um antigo episódio dos primeiros dias em que nos amamos, quando os nossos corações desabotoavam para o amor como as flores para uma encantadora estação, cheia de luzes e de perfumes.

A esta evocação, um perfume antigo de saudade encheu-me de ternura. Mas ao mesmo tempo eu senti um rancor profundo contra Laura. Senti-me impelido a fazer-lhe mal, a martirizá-la, a aniquilá-la de um golpe. E este desejo doentio cada vez mais se acentuava, apoderando-se de mim tiranicamente; a minha própria vontade submetia-se a uma como que segunda vontade mais dominadora e mais poderosa, que se sobrepunha à primeira, inexoravelmente.

Invadia-me não sei que potência infernal, e a consciência da minha fraqueza, a convicção de perder uma luta inútil, deixavam-me à mercê

dessa vontade monstruosa que me constringia aos atos mais antipáticos aos meus sentimentos.

Eu verificava mais uma vez a presença intrusa de um ser agindo dentro em mim. Diante dele entregava-me a uma transigência covarde, capitulando mesmo antes da luta.

E foi gelado de medo que eu assisti ao desenvolvimento daquela ação estranha dentro de mim próprio. Era o demônio interior que surgia não sei de que abismos das profundidades insondáveis da consciência. A minha vida adquiriu uma aceleração vertiginosa; não sei que vibração sutil percorria os meus nervos, como um fluido quase imperceptível.

De súbito Laura que continuava a aproximar-se de mim recuou com assombro nos olhos. Ela fitava-me com espanto, e recuou ainda até à parede.

– Sérgio! bradou.

A sua voz aguda atravessou o silêncio da casa num grito de terror.

– Os teus olhos, Sérgio!

E como se eu apenas aguardasse aquele grito como uma senha ou uma voz de comando para dar começo à realização da ideia assassina, rapidamente avancei para ela, e mais depressa do que poderia deliberar a fazê-lo, como que antecipando qualquer deliberação, meu braço desferiu a primeira punhalada...

Não poderei jamais explicar a firmeza, a agilidade e o desassombro que o meu braço adquiriu, a espécie de energia fatal com que se realizava enfim o ato premeditado. Entretanto, cessara todo o tumulto de minhas ideias, e era até mesmo com uma certa calma ou antes com uma espécie de estupor que eu assistia – como uma testemunha estranha – a execução da ideia homicida. Como após os largos momentos de concentração de uma tempestade estala o primeiro raio, assim desferiu-se o primeiro golpe de meu braço.

Laura instintivamente recuou ainda, de modo que o punhal resvalou, enquanto um grito terrível de dor e de maldição atravessava o silêncio consternado da casa deserta.

Laura tentava ganhar a porta; porém eu compreendi-lhe a intenção e cortei-lhe a passagem, procurando segurá-la pelo pulso; com uma agilidade que eu não lhe conhecia e que o terror da morte emprestou-lhe, ela fugiu-me e foi-se acolher num dos ângulos do quarto. Mas tenazmente, inexoravelmente, arrastado pela ideia única e fixa, determinada e fatal, eu persegui-a de perto, e de novo o meu braço com a firmeza e a força de um gigante desferiu um novo golpe!

Mas a vítima de novo me escapava; os seus gritos alarmaram a casa adormecida. Então a espécie de calma com que até então eram cumpridos os meus atos transformou-se num furioso delírio; varreu-me o cérebro não sei que turbilhão de loucura, e apoderou-se de mim uma espécie de raiva surda e de frenesi que precipitava os meus passos. Eu precisava executar o ato então com presteza; tinha pressa de realizá-lo, de acabar enfim.

Ao mesmo tempo, como se eu fora o espectador de meus atos, era com uma inerte estupefação que eu assistia ao desenrolar daquela cena medonha.

Laura debatia-se num terror imenso.

– Estás doido, Sérgio? Deixa-me, deixa-me, por Deus!

Eu avançava para a minha vítima sempre, procurando detê-la no caminho.

Naquela caçada homicida os móveis caíam com fragor; mas eu nada via senão a presa que fugia e que era preciso exterminar.

Terrível ladrava furiosamente, sinistramente.

Consegui deter a vítima, afinal.

– Escuta-me, Sérgio!... Oh! escuta-me ainda! Amo-te! Amo-te! Perdoa-me!...

Debatia-se. Mas o meu braço tinha uma força cada vez mais indomável. Caía sobre ela uma, duas, três vezes.

– Escuta-me, Sérgio! Eu sou inocente, eu sou inocente!...

Um golpe mais firme arrancou-lhe um novo grito de dor.

– Malvado! Assassino!... urrou ela com as mãos crispadas e a fisionomia alterada pelo ódio e pelo horror.

E nas carnes de meu braço eu senti penetrar-me os seus dentes agudos; mas a meio do aposento, ela vacilou como embriagada. Uma nódoa de sangue espalhou-se pela sua pele alva e fina como a epiderme de um lírio. Ela levantou os braços para o céu e caiu redondamente.

A vista do sangue produziu-me como que um clarão resplandecente que iluminou todas as profundezas da minha consciência. *Só então eu tive a noção exata da realidade.* Por mais inverossímil que isto pareça, a verdade é que só após a execução do ato eu medi o horror da situação, a minha desgraça e a minha infâmia.

Eu acabava de matar a mais doce, a mais pura e a mais sofredora das mulheres! Laura! A meiga, a nobre e delicada criatura! Quem poderá compreender a explosão de ternura que invadiu-me então?

Perpetrado o crime e satisfeita a impulsão mórbida que torturava os meus nervos, eu regressava à minha primitiva maneira de ser; eu me recompunha; readquiria a minha personalidade. Todos os meus sentimentos nobres vibravam conjuntamente – o amor mais puro, a piedade, a ternura e a mais sincera e profunda compaixão que tem movido um coração humano.

O que, porém, eu senti, o que sofri naquela noite nenhuma palavra jamais poderá descrever.

E sobre o cadáver da mulher amada, vítima dos meus desvarios, a minha dor teve uma explosão tão feroz que eu julguei ia morrer ao seu lado e estalar de dor.

No dia seguinte encontraram-me ao lado dela. Eu não havia enlouquecido. Apenas era um velho – como se tivesse vivido vinte anos naquela noite sinistra.

Hoje, longe de todas as ambições humanas e às portas da morte, eu reconstruo esta dolorosa história não para invocar a piedade dos homens que já não me aproveita e consola, mas para dar-lhes o espetáculo da minha miséria e ensiná-los a serem compassivos para com todas as dolorosas psiquiatrias que acompanham, como um legado de dores, a grande, a eterna, a imensa expiação da vida.

FIM

NO CÁRCERE

NARRATIVA DE UM PRISIONEIRO

I

Era cerca de meia-noite, quando o meu carcereiro levantou-se, fazendo tilintar as suas chaves, levou a mão ao chapéu e despediu-se.

– Boa noite, senhor Mário! disse ele, retirando-se devagar, embuçado no seu amplo capote, cujo capuz conservava caído sobre as costas.

O seu vulto mergulhou nas trevas e o rumor de seus passos perdeu-se à medida que ele se afastava no corredor fronteiro à minha cela.

Esta era uma pequena peça estreita, abrindo uma única janela para a noite que eu adivinhava consternada e lutuosa, lá fora. Mobilavam-na apenas uma mesa e o pobre leito que me fora destinado. Sobre a mesa havia uma bilha de água e um copo. Foi então que percebi que de há muito tinha sede.

Verifiquei que era impossível dormir, e agitado, inquieto, comecei a andar de um lado para outro da prisão, em que me achei encerrado. Ela ficava no pavimento superior do edifício, dominando um pátio, cercado de altos muros que o defendiam da praça.

Fez-se um grande silêncio, e foi neste instante que eu me senti oprimido pela solidão daquele sinistro isolamento, parecendo-me que a minha exaltação nervosa atingia ao paroxismo. Como uma cripta cuja disposição acústica despertasse um clamor de ecos ao menor bulício,

assim meu cérebro havia se tornado vibrátil à mais ligeira emoção. Tinha um sobressalto cada vez que ouvia o tinar dos sabres e as vozes de alerta dos guardas e das sentinelas, cujo passo ouvia aproximar-se e afastar-se numa cadência regular que não deixava também de ser solene e inquietante.

A noite era silenciosa, vagamente hostil, sem uma luz que piscasse as trevas que se formavam na janela como um abismo impenetrável e cheio de ameaças.

Tudo silente, em roda, no recolhimento monástico da prisão.

A minha situação, em vez de aclarar-se, parecia-me cada vez menos verossímil e menos exata, e a perturbação do meu espírito colocava-me nas fronteiras dos pesadelos e dos sonhos maus, que desfiguravam e estranhamente modificavam a visão normal das cousas.

Durante horas medi o aposento a passo agitado, sentindo uma necessidade de mover-me e agir, *como se encontrasse no movimento físico o repouso do espírito.*

Eu já esperava por aquele momento de solidão; a crise, porém, era mais aguda do que eu pudera prever, e a sua violência ter-me-ia surpreendido, se naquele momento me fora dado examinar com calma o estado tumultuário de meu espírito.

Aquela tempestade interior deveria desfazer-se aos poucos; longe, porém, vinha ainda o momento da bonança e tal era a atribulação de minha alma, que não tinha mesmo a consciência exata do tempo e das horas que se escoavam naquela dolorosa agitação.

– Vamos, pensei eu, fazendo ainda um esforço para recuperar a minha serenidade; é preciso recorrer a todas as minhas energias e afrontar de ânimo sereno a adversidade da sorte.

Não obstante, não conseguira me dominar. Preso! Este pensamento acabava por perturbar-me. Tudo aquilo afigurava-se-me um medonho pesadelo que deveria expirar com as sombras daquela noite

trágica e caliginosa, cuja asa negra vinha ferir a minha vidraça como as rêmiges fatídicas do corvo de Edgar Pöe.

Desde que rebentara o movimento do Sul, que havia se estendido até à revolta de 6 de setembro, eu tinha sido dos primeiros que se puseram à frente do movimento; entretanto a hipótese de cair em poder dos meus inimigos nunca se havia figurado claramente ao meu espírito. Além disto o triunfo da revolução parecia-me indiscutível, e eu esperava que o movimento se alastrasse por todo o país, tão nobre e tão alevantada eu julgava naquele tempo a causa pela qual me batia.

Quando numa simples escaramuça caí em poder dos inimigos, e vi-me recolhido como um celerado ou um facínora à prisão, a minha surpresa só se pôde comparar ao estupor que pesou sobre o meu espírito. A coragem que por vezes eu revelara, o entusiasmo com que abraçara a causa da insurreição dissiparam-se subitamente e eu senti-me oprimido pelo mais terrível desalento.

Duas horas soaram no silêncio da noite, que avança.

Cheguei fascinado à janela e mergulhei o olhar naquela voragem de trevas enigmáticas e sinistras; naquele caos de sombras o meu olhar em vão procurou descortinar o horizonte; tudo era pavorosamente negro e impenetrável, e a esfinge da noite continuava a dormir o sono soturno das coisas formidáveis e monstruosas. Tudo conspirava para aumentar a solidão circunfusa; e o silêncio era tão grande que eu cuidaria ter sido abandonado no meio de um imenso deserto.

Toda a prisão, enorme e pesada, dormia, povoada de seres miseráveis, encarcerados como feras, àquela hora repousados e talvez entregues à tranquilidade balsâmica do sono. Em torno à prisão adivinhava-se a praça deserta e taciturna, sem a luz de um revérbero e sem o rumor de um transeunte, e a cidade se estendia por entre as trevas entorpecida no sono congestionado de uma boa saciada e repleta.

Tudo parecia extinto e despovoado em volta do cárcere. O silêncio era cada vez mais profundo; eu tinha a singular impressão de que tudo devia acabar naquele momento.

Mas de súbito um grito atravessou, num calafrio, a solidão da noite velha:

– Sentinela, alerta!

A voz de uma sentinela respondeu adiante, e sucessivamente outras vozes iam se levantando, com a precisão e a regularidade de muitos ecos repetidos. Ninguém imagina a impressão de pavor que estes gritos causavam no silêncio da noite.

Houve uma animação da guarda, que se mostrou novamente solícita e vigilante; os sabres tilintaram; e os passos recomeçaram de novo, lá embaixo, nas quatro fachadas do edifício desolado.

Outros passos lentos e compassados também aproximavam-se, rua acima; era a patrulha de ronda que ia vagarosamente policiando o bairro pacífico e adormecido.

Só então notei que o frio era intenso, e eu tinha as mãos geladas. Malgrado meu, comecei a tiritar, no meio da minha pequena câmara, onde a luz continuava acesa, muito pálida, sem uma palpitação sequer. A cama que me foi preparada estava intacta. E foi então que me lembrei do meu lar despovoado, onde a economia e a felicidade doméstica conseguiram meios de um conforto relativo. À evocação do meu lar, dos meus filhos e de Júlia produziu-me um tal abalo, que senti agravar-se a minha perturbação. Àquela hora dormiriam eles?

E lembrei-me do mais novo, papagueando já umas cavatinas adoráveis e dormindo à noite aconchegado entre alvos linhos, pondo em evidência as perninhas e os braços nus em que uma carne feita de leite e rosas tinha roscas nédias e sadias junto às articulações; a cabeleira fina espalhava-se no travesseiro e a boquinha rosada mostrava as

gengivas tenras e vermelhas onde ainda não havia apontado a pérola dos primeiros dentes.

E ao lado desta lembrança, outras rapidamente surgiam evocando dias luminosos, quadros suaves e épocas risonhas de uma existência laboriosa e quase tranqüila, em que a ventura doméstica largamente indenizava os dissabores e as dificuldades que se me antolharam até que a guerra civil viesse encontrar-me de armas nas mãos.

Foi quando verifiquei como todas as outras aspirações e felicidades humanas são miseráveis e pequeninas ao lado desta que decorre de um lar venturoso e satisfeito. Somente isto pareceu-me invejável e apetecível; somente a privação dele poderia amargurar os meus dias de prisão e ensombrar toda a perspectiva do meu futuro. E aqui achei-me de novo assaltado de receios e apreensões; já não eram preocupações de interesses coletivos; mais do que outros destinos interessava-me a sorte das frágeis e indefesas criaturas que à minha se achavam ligadas e que deveriam participar da adversidade que me perseguia; o golpe que me feriu doeu-me tanto mais quanto os feria também e os lançava numa situação das mais precárias.

Eu era agora incapaz de defendê-los e de ampará-los; todos os meus esforços eram, portanto, impotentes para promover o seu bem-estar e a sua tranqüilidade! Que me privassem da liberdade e da própria vida, que importa? Contanto que eles fossem felizes e não sentissem sobre os seus próprios destinos o peso da mais absurda fatalidade! E aqui succumbi, a despeito de recorrer a todas as minhas energias varonis; senti-me ferido no lado mais vulnerável do próprio coração; já não conseguia mais iludir-me; ao amor da pátria sobrepunha-se o amor da família.

E sem a noção do tempo passei agitado pelo pequeno quarto, onde a luz cada vez mais empalidecia e palpitava: sentia zumbirem-me os ouvidos; tinha febre; as pernas vergavam, de cansaço; o cérebro estava cheio de visões e fantasmas.

Os dobres de um sino próximo chamaram-me à realidade; levantei os olhos para a janela do meu aposento que se conservara aberta; e vi que aquela noite tormentosa começava a dissipar-se nos primeiros albores da madrugada.

Longe, as linhas do horizonte apenas se esboçavam, surgindo de um confuso desenho que os primeiros clarões da aurora iluminavam; as cousas iam de novo despertando aos poucos; uma viração mansa agitou as árvores; as casas iam emergindo das sombras; e a primeira ave trilou sonorosamente no esplendor cristalino da alvorada.

E involuntariamente, com os olhos vazios e um suspiro profundo, adormeci, afinal, vencido pelo cansaço e pela vigília.

II

Ao despertar, a minha impressão não podia ser mais dolorosa, nem mais triste; a vigília era um pesadelo muito mais angustioso que o próprio sono, povoado de sonhos sinistros. Era, pois, bem verdade que me achava encerrado numa prisão? O espetáculo que se oferecia a meus olhos não podia deixar de dissipar quaisquer dúvidas.

Da minha janela pude perfeitamente examinar o lugar em que me achava e que ficou para sempre indelével na minha memória. Ela dominava um pátio comprido, cercado de altas paredes de alvenaria, ocupando uma área igual ao do edifício da prisão, que comunicava com ele por uma larga porta central e por janelas e seteiras defendidas por grades de ferro.

Do chão brotava uma vegetação rasteira e raquítica, que mal conseguia romper a crosta de um solo duro e estéril.

As janelas do pavimento superior abriam-se para esse pátio lúgubre e solitário, onde os presos deveriam receber a impressão da

luz e respirar um ar menos infecto e deletério. Da janela em que me achava podia facilmente abranger com a vista, por sobre os muros, toda a paisagem fronteira que formava o fundo da praça, onde uma pequena igreja levantava para o azul inefável as duas pequenas torres irmãs. Quantas vezes me extasiei na contemplação dessa igreja de um aspecto de coisa cândida, piedosa e ingênua!

A um lado dela um convento estava defendido e cercado de frondes espessas e muros negros sobre os quais videiras desfolhadas agonizavam, despidas dos seus largos pâmpanos virentes; apenas o telhado muito negro dominava a linha do bambual espesso que também parecia participar da mesma tristeza e da mesma melancolia.

Em frente dele ficava uma casa nobre, com um ar abastado de quinta próspera e opulenta; as suas vidraças ardiam, com a larga fulguração da luz; e sobre o seu telhado um fumo azul tênue perdia-se em longas espiras na doce suavidade luminosa do céu. O pomar, em que árvores frondosas disputavam o espaço, tinha todos os cromatismos da cor verde. Ainda do mesmo lado o plano de visão se alargava extensamente e a paisagem adquiria uma animação de cores e uma variedade de tons surpreendentes, sob a luz dourada da manhã e sob a coloração quente dos céus, abrasados em tons crus e vívidos.

Entre a arborização espessa, os bairros surgiam aqui e além em grupos de casas que assinalavam ao longe o cruzamento das ruas e a disposição dos quarteirões urbanos; fumos matinais mosqueavam os telhados; roupas abandonadas nos coradouros pendiam, ainda a enxugar; os prédios resplandeciam; as palmeiras erguiam-se vitoriosamente abrindo as suas copas flutuantes; uma linha de *flamboyants* e umbelas indicava a direção de uma rua próxima; uma animação estranha vinha despertando os bairros e reatando as marchas dos veículos e dos transeuntes; cavaleiros passavam num turbilhão de pó, ao choro dos pacientes muares; na ponte que transpõe o regato, cujo

fio d'água atravessava a praça taciturna, passavam os fiéis da última missa da manhã; as casas vizinhas despertavam num bulício confuso e indefinido.

E sobre toda a paisagem a luz matinal vibrava nervosamente; e aí de mim! tudo me parecia profundamente impassível, se não francamente jubiloso e satisfeito, sob a irradiação fremente da soalheira, naquela manhã terrível. O contraste era tão pungente que afastei-me da janela, magoado por toda aquela importuna alegria e brutal renascimento da vida cotidiana.

Preferia ter tido a visão de um desses dias nublados e melancólicos, em que as manhãs nos aparecem arrepiadas de neblinas, em que paira no ar a hiperbórea tristeza do inverno e em que a natureza toda parece desfazer-se em prantos e lágrimas intermináveis.

Uma tal visão compadecer-se-ia melhor comigo e consultaria a íntima e inefável tristeza que me acabrunhava e pungia diante daquele espetáculo de uma manhã que desperta no sarcasmo de uma alegria cruel e direi quase animal.

Ceguei a persuadir-me de que todos participavam daquela mesma indiferença, daquela mesma impassibilidade, daquela mesma alegria criminosa diante da minha aflitiva situação; e os homens não deveriam ser menos egoístas e menos impassíveis que a própria natureza...

Entretanto, eu não podia me tranquilizar, e era presa de uma mortal angústia.

Mas devo aos meus inimigos a generosidade de não me sequestrarem daqueles que pelo afeto me eram mais caros. Júlia, já sabedora da cruel notícia, veio abraçar-me, trazendo consigo os nossos filhos.

Ela vinha pálida de insônia, a face desbotada, os olhos vermelhos e inchados. No seu rosto eu lia a sua inconsolável tristeza. Abraçamo-nos em silêncio, enquanto Alda agarrava-se-me aos joelhos, satisfeita de

tornar a ver-me e vagamente surpreendida pelo lugar em que vinha me encontrar. E fez-me logo uma série de perguntas e revelações de uma adorável e perigosa ingenuidade. O menor, o *caçula*, mostrava-se assustado e constrangido; em vão tentei tranquilizá-lo; refugiava-se ao colo de Júlia, intimidado e choroso.

Foi comovedora a nossa primeira entrevista na prisão, e eu num desfalecimento de todo o ser amaldiçoei o instante em que, obedecendo tão somente às inspirações do que eu cuidava ser um dever cívico, esqueci aqueles pobres seres pelos quais eu era imediatamente responsável. Júlia guardava silêncio, a maior parte do tempo em que pudemos estar juntos e a custo reprimia as lágrimas que se viam umedecer-lhe os olhos. A sua face pareceu-me mais pálida e mais triste, sob um vago enevoamento de lágrimas. O pequeno Armante sugava-lhe o seio com sofreguidão, agitando as pernas, numa inquietação constante. Alda raramente me deixava em rápidas escapulas, durante as quais ia esquadri-nhar todos os cantos com a curiosidade inata das crianças.

Ela parecia pressentir qualquer cousa de anormal e de doloroso; e não raro a surpreendia fitando Júlia, quando esta disfarçava o pranto que a embargava.

De súbito, lançando-me os seus olhos cândidos e inquisidores com uma ingenuidade sinistra e acerba, perguntou:

— É, pois, verdade que tu vais aqui morrer?

Júlia não pôde mais dominar-se, e as lágrimas, abundantes e ardentes, saltaram-lhe dos olhos, copiosamente.

III

Aquele dia em que recebi a primeira visita de Júlia na prisão não devia terminar sem que passássemos por mais uma provação acerba. Foi

à tarde que um guarda veio intimar-me para segui-lo; eu acompanhei-o em silêncio e dissimulando a minha inquietação. Fora um oficial severo aguardava a minha vinda; não me saudou e apenas secamente convidou-me para que me preparasse para mudar-me de prisão.

Júlia esperava-me inquieta; pedi-lhe que se retirasse, e foi chorando que ela partiu, acabrunhada e infeliz, levando Alda pela mão e tendo no ombro o pequeno Armante, que adormecera, afinal. Eles desceram lentamente as escadas e pela janela vi afastarem-se aqueles entes tão caros dos quais me via agora apartado. Iam lutuosos e aflitos, como quem volta da visita a um cemitério onde repousa um ente querido; cobria-os o luto da viuvez e da orfandade, e foi sob a piedosa faiscação da luz vespertina que eles desapareceram no fundo da praça silenciosa...

A nova prisão que me foi destinada era uma peça quadrangular, com duas janelas e uma porta, defendidas por grades de ferro; as paredes tinham manchas lívidas, inscrições e desenhos obscenos; o soalho era imundo, coberto de uma crosta de imundícies; as janelas despregadas não defendiam a prisão do abaixamento da temperatura naquela estação de um frio intenso.

Por uma concessão extraordinária, me foi permitido transportar para ali alguns móveis e objetos indispensáveis; feita minha instalação, tomei todas as medidas possíveis para fazer o asseio e a desinfecção do cárcere. Foi quando soube que era aquela a prisão correcional, destinada aos vagabundos e ébrios colhidos à noite pelas patrulhas de ronda nos arrabaldes e ruas de nomeada sinistra e perigosa.

Semelhante companhia necessariamente deveria causar-me o mais vivo desgosto e incutir-me o mais legítimo temor; não obstante, resignei-me a suportar de ânimo sereno quaisquer contrariedades que ainda me estivessem reservadas, já que uma sinistra fatalidade parecia comprazer-se em pesar sobre o meu destino.

Todavia, semelhante medida, transferindo-me de uma para outra prisão, devia derivar de qualquer motivo grave e foi então que comecei a suspeitar de que uma hostilidade latente e inefável começava a sitiá-me. As delações miseráveis, os ódios não satisfeitos, as vaidades injustamente irritadas ou ofendidas, ressentimentos mal dissimulados, deram-se as mãos nessa liga tenebrosa que tinha por escopo acabrunhar-me e perder-me.

As mais graves apreensões agravaram o estado do meu espírito, e eu nutria os mais fundados receios pelo futuro que me aguardava. Eu nada sabia; ignorava o que se preparava em torno de mim, tendo, porém, o *pressentimento de um perigo iminente*.

O que mais me inquietava era a afetada indiferença com que era tratado; fazia-se em torno de mim o que eu chamarei a *conjuração do silêncio*. A minha nova prisão, sendo também situada no pavimento superior do edifício permitia-me uma certa distração, abrindo duas janelas para a praça. Lembro-me da primeira tarde que ali passei.

Era uma tarde gloriosa e triunfal. No horizonte, onde o sol mergulhara, havia a tinta vigorosa dos ocasos inflamados. O forte colorido da paisagem na glória astral da tarde evocava o desenho quente dos *vitraux* nas janelas das velhas catedrais. A pouco e pouco a cor viva das tintas ia se desfazendo, se diluindo, esmaecendo aos poucos em meias tintas doces e pálidas; os contornos das cousas iam se apagando e se perdendo sob a cinza impenetrável do crepúsculo que vinha invadindo a terra e afogando o céu numa doce suavidade sideral.

A pontilhação luminosa das estrelas picou todo o firmamento, e a via láctea abriu no alto o farto cofre de gemas preciosas e brilhantes. A tarde havia espirado. E nas janelas da prisão que as trevas invadiram morria apenas uma claridade lívida e violácea.

Aquele final do dia me instalara uma melancolia profunda, tão profunda que não achei para ela nenhum lenitivo e nenhum

remédio. Havia como que uma amarga voluptuosidade em entregar-me àquela tristeza de um doloroso e singular encanto; de cogitação em cogitação eu chegava a abstrair-me de mim próprio, do lugar em que me achava, do transe em que me via, para despertar no principado de um quase sonho nevoento, em que a imaginação se perdia em devaneios.

Naquele fundo pálido de crepúsculo, em que as tintas esmaeciam e dissipavam-se, deixei-me devanear num sonho de ouro, que se abria em promessas de felicidades e venturas sobre-humanas num país distante, cujo contorno se perdia nas origens da minha existência, modificação talvez desse suave mito cristão que embalou a imaginação dos meus ancestrais, prometendo-lhes um céu estrelado de fisionomias arcangélicas e iluminado pela eterna graça imortal de uma suprema Bem-aventurança.

As horas iam lentamente se escoando, e eu esperava poder repousar, depois que os meus nervos até certo ponto se aplacaram.

Mas a sentinela da fachada da prisão chamou toda a guarda a postos, num grito de estrangulamento sinistro; houve um alvoroço, um rumor de passos e um tinir de sabres.

O comandante de uma patrulha parou à distância, e imediatamente uma mulher era introduzida na prisão. Estava embriagada, e a sua voz era rouca, de um timbre falso e desagradável. Para logo despropositou, num clamor de lágrimas, num choro profundo e desolador. A exaltação alcoólica deu-lhe uma loquacidade interminável, ela fez confissões indecorosas de sua existência nômade de bécora vagabunda, cuja genealogia ignóbil estava presa a um bando de ciganos que antigamente percorrera o país numa vida de aventuras e de rapinas. O seu fundo plebeu e miserável punha-lhe na boca incandescente e fremente uma violência de injúrias e apóstrofes de uma obscenidade revoltante.

Toda a prisão estava alarmada por aquele escândalo que a polícia da casa embalde procurava reprimir; e a soldadesca alvar escarnea e zombava, ejaculando palavras de uma lascívia animal, num furor criminoso de amores desonestos.

E ela, a ébria das ruas que se entregava ao primeiro noctâmbulo libidinoso, não se sentia ofendida e ultrajada pelas propostas de um comércio infamante; na aviltção do álcool, toda e qualquer delicadeza dos seus sentimentos de mulher pareciam embotados. Irritada, proferia doestos e ameaças; a sua boca só se abria para ganir a obscenidade canalha dos povoados suspeitos, aprendida em vinte anos de prostituição e embriaguez, passados nas estradas, nas tabernas e nas ruas. Entretanto, sob os traços daquela megera, adivinhava-se uma antiga beleza estragada; ela deveria ter sido formosa talvez; os seus olhos eram negros e grandes, de uma bondade fundamental nas pupilas; a boca devia ter sido graciosa e faceira — aquela mesma boca ignóbil que se abria agora como um cano de esgoto para vomitar as fezes do calão das rameiras e dos galés.

Em torno dela, os guardas riam da sua embriaguez; ela os ameaçava de punhos cerrados, numa contração pavorosa de dedos que pareciam garras; a cabeleira revolta e maltratada dava-lhe um aspecto ainda mais sinistro e feroz. Os seus clamores insensatos perturbavam todo o silêncio da prisão e despertavam a curiosidade dos transeuntes; a cada intimativa feita para lhe impor silêncio, ela respondia uma série de pragas e de impérios, em altos brados, num desvairamento furioso que a punha ofegante com uma fúria indomável.

Arrastaram-na, então para uma prisão fronteira à minha; receei que a agredissem covardemente. Ela debatia-se num desespero impotente e contumaz; o tumulto crescia em torno dela.

De súbito os seus gritos abafaram-se; a sua voz se extinguiu num gemido surdo; e ela foi lançada a um canto da sua prisão, sem um ai, num baque soturno de corpo, desfalecida...

Estava amordaçada.

Até hoje conservo nos ouvidos aquela voz de mulher miserável, ganindo dolorosamente na última degradação do prestígio feminino e atirada como um trapo ao fundo de uma prisão ignóbil!

IV

A noite seguinte devia ainda passar-se no palor das vigílias, no interminável escoar das horas. Sobre as paredes eu via minha própria sombra perpassar numa silhueta sonambúlica e inquieta, como uma caricatura grotesca e bizarra que sublinhava de gestos incompreensíveis e mímicas disformes o meu solilóquio noturno.

Na rua o silêncio era profundo; os lampiões da guarda expiravam num clarão moribundo, e a emboscada das trevas aguardava o momento em que a luz expirasse para assaltar o círculo em que se fazia a projeção luminosa; o vulto de uma sentinela se destacava a um canto, perfilado e severo, pondo uma rutilação luminosa e fria de sabre nu sobre a cabeça; longe soaram horas num dolorimento de gemidos, e tudo recaiu na atonia do silêncio noturno.

Perdido nas minhas cismas, tive um sobressalto a um rumor inopinado; foi quando vi sobre a mesa ratos famélicos banqueteados nos restos de refeições que eu havia recusado.

Cruel destino, que caía como uma rajada sobre os meus frágeis sonhos, dispersos e errantes como folhas doentes que o outono agrediu e matou! Era tão pequenina a minha ambição, o polo para onde se voltava a bússola dos meus desejos!

Quantas vezes não me acudia à mente o desejo simples e ingênuo do poeta quando aspirava apenas morar numa quinta bucólica de arrabalde, onde os seus amigos o fossem encontrar à tarde sobre a janela, tangendo bizarramente o seu melodioso flajolé!

Da minha parte, dadas então as minhas veleidades literárias, o meu sonho de felicidade consistia na realização de um desejo tão inocente como o de Coppé, e muitas vezes deliciei-me na evocação de uma pequenina vivenda, clara e aérea, com essas cores pinturescas de aquarelas, perdida num sítio arborizado e perfumoso de arrabalde encantador e agreste, com um fio de fumo na chaminé e o epitalâmio dos pombos no telhado.

Na frente um jardinzinho, em que vicejassem e florissem roseiras de todo o ano, encarnadas, amarelas, numa suave emanção de perfumes; a um canto um caramanchão rústico coberto de colmo, empampanado de trepadeiras; e ao meio o assobio do repuxo, levantando uma coluna d'água rarefeita, arcoirizada de lantejoulas. Do portão uma rua, polvilhada de areia fina, levaria à porta da entrada construída sobre dois ou três degraus de uma escada defendida por uma varanda elegante e aérea.

Desde a entrada, no conforto e na ordem daquele interior doméstico, o visitante deveria penetrar numa atmosfera de serena e recatada felicidade, tão invejável na sua inteligente simplicidade, como despida de irritantes ostentações burguesas e pretensiosas, brutalmente embotadas de opulência pompeante e triunfal.

A mobília seria ampla, leve e confortável; o *bric-à-brac* seria disposto sobriamente, como uma nota delicada e imprevista, e sobre a parede, numa incidência vigorosa de luz, uma tela de Belmiro ou uma marinha de Castagneto abriria um oásis de surpreendente e requintada delícia para o campo da visão estética.

Nalgum aposento, cujas janelas abrissem para a linha azulada das montanhas, cujos estores modificassem a renovação do ar e a intensidade da luz, um gabinete de trabalho abriria os braços confortáveis de uma poltrona, junto a uma vasta mesa que o mogno severo dos armários pejados de livros cercaria, caprichosamente encadenados.

E enquanto as cigarras pelo estio chiassem nas velhas amendoeiras do quintal, um canário, bêbedo, desataria num trilhar magnífico de alegria.

Como deveria ser benéfico e salutar um trabalho encetado sob estas impulsões ambientes! Como um dever de artista seria espontânea e jubilosamente cumprido nesta atmosfera de trabalho, como a frase deveria sair desta perfeita oficina com a correção máxima de sua faceitação lapidar; como o verso deveria agitar-se, palpitar, tilintar, sonoro e rútilo como um guizo de ouro, jovial! Seria ali a minha oficina de artista e de intelectual; e no meu sonho, apetecia-me que viesses, Júlia, com a música da tua frase e a carícia de tua mão espalhar a alegria e a solicitude de *menagère* cuidadosa e feliz, na cavatina de tua voz, no gesto de tua mão enternecida.

E quando pela noite adiante, quando para afugentar o sono tiveses levado aos lábios a casca de ovo da porcelana clara e levemente azulada, e quando a última penada tivesse lançado ao papel na energia do traço a frase buscada e feliz, que ali ficasse pulsando e palpitando como um músculo – então, satisfeito e feliz, iria contigo contemplar sob os *ridaux* do leito a pequenina Alda, ainda abraçada ao despojo do último boneco, ou na concha do pequenino berço frocado de rendas o rosado Armante, nu e mimoso como um Menino Jesus, dormindo um colapso de rosa em botão, a boquinha fresca, ainda entreaberta para receber os últimos beijos.

Nessa alcova de azul celeste todos os nossos sonhos andariam em rondas de anjos tutelares em torno destas duas frágeis e doces criaturas, cujos olhos se abriam límpida e cristalina para as misérias da vida, com essa risonha alegria com que os astros se abrem no azul dos céus sobre a constelada podridão dos pauís sinistros. As suas bocas, que só se abririam para rezar as litanias sagradas da inocência, teriam a frescura e a epiderme das rosas que se esflorassem sobre os

muros perfumados desse jardim feérico. Só estes dois seres, em que as asas se pressentiam fechadas e colhidas, bastariam para gorjear a cavatina da nossa ventura, e zumbiriam como insetos encantados no interior dessa poética e rústica vivenda.

Que de prazeres calmos e tranquilos não se lograria gozar nos grandes serões das invernadas, quando os aguaceiros inundam as encostas, roncam nos vidros das vidraças e aumentam o conforto e o isolamento dos lugares seguros e abrigados! Que de vivazes e longas palestras sobre os nevrosismos excêntricos e delicados dessas singulares organizações de artistas — os supremos intérpretes da alma humana! Que de páginas e páginas lenta e pacientemente concebidas na idealização vagarosa do entrecho e nitidamente lançadas, com essa incrível fidelidade e pasmosa precisão que constituem, ao que muitos pretendem, um dos mais preciosos predicados da rigorosa probidade artística!

E como esse interior burguês devia se tornar atrativo e sedutor, desferindo tão grande e larga soma de felicidades! Tudo deveria ser ali suave, calmo e doce como o interior de uma capela exótica.

E costumado a comprazer-me neste sonho, prosseguia na ficção dessa existência que ia se prolongando por anos e anos de serena e próspera atividade, que não se deveria perder no egoísmo de um gozo infrutífero. Ali, sem estardalhaço, ir-se-ia amplamente laborando livros sobre livros, com essa milagrosa energia sem intermitências com que os operários dos *Rougon-Macquard* e da *Comédie Humaine*, arquitetaram essas obras colossais, admiráveis pela grandeza e majestade do trabalho que representam.

E imaginava com bonomia a minha risonha e florida velhice, quando já me reconhecesse refratário às revoluções iconoclastas dos demagogos literários e políticos, e lhes opusesse a pertinácia sistemática de minha rabugice de velho medalhão ornamental e inexorável.

Talvez fosse também atacado das melancolias senis desse solitário de Friederichsrue que dominou a sua épica e legendária Germânia, para se recolher ao canto do seu fogão de inverno, todo envolvido em flanelas, perdendo-se em cismas horas e horas, fitando o seu velho cão devotado e mamando o antigo cachimbo nostálgico e amigo.

O calmo epílogo de uma existência fecunda, após largos anos de proveitoso trabalho numa atmosfera de carícias e afetos ambientes não me causava inquietações ou desagrado; afigurava-se-me um fim lógico e tranquilo, agradável mesmo, a uma existência de octogenário trabalhador, levando nas pupilas nebulosas a imagem dessa vivenda risonha e agreste com que sonhou tantas vezes!

—

E imagine-se agora o meu amargo desgosto, quando este sonho ingênuo vinha despertar-me no meio de uma prisão, entre grades austeras, longe, àquela hora silenciosa da noite, daqueles que constituíam o mais caro tesouro dos meus cuidados e afeições! Descer desse sonho alado e aéreo para a miséria de um ergástulo; dormir embalado numa estrela e despertar num calabouço constitui decerto uma das mais dolorosas e amargas surpresas, e o meu desgosto era tão profundo que eu fechava os olhos instintivamente ao desagradável espetáculo desta verdade cheia de fel e de pavor!

V

Os dias sucederam-se lentos e pesados como meses.

Eu ia me habituando, pois, à regularidade daquela existência de encarcerado, sem horizontes de felicidade e assombrada de amarguras e dissabores. Insensivelmente ia me identificando àquela monotonia de recluso e à vida disciplinar da prisão.

Todos os dias, regularmente, pela manhã, ainda aos primeiros albores da madrugada, ia se levantando das prisões inferiores um ligeiro rumor, que ia crescendo aos poucos; eram pigarros, acessos de tosse, uma voz que chamava, um trecho de canção, um chapinhar na água.

A pouco e pouco esses rumores isolados e dispersos iam se juntando, ecoando de prisão em prisão, alastrando pelo prédio todo, num despertar alarmante e clamoroso de gritos, de vozes, de um chalar intenso. Todo o prédio despertava do seu silêncio de mosteiro e enchia-se da laboriosa agitação de uma grande oficina.

O carcereiro descia, acompanhado de guardas, com um molho de chaves nos braços, abrindo uma a uma as portas das prisões; a guarda, de sabres desembainhados, parava à porta, enquanto um sentenciado ia lentamente fazendo a faxina e o asseio das prisões, a provisão d'água, a entrega do material de trabalho.

O carcereiro inspecionava pessoalmente este serviço, fazendo tilintar as suas chaves enormes e pesadas. Terminada a limpeza de uma prisão, ele fechava as grades, dando duas voltas à chave e passava à prisão imediata, sempre seguido do terrível aparato dos guardas.

Começava, então, o trabalho; por baixo de minha prisão eu ouvia as pancadas de um martelo de sapateiro preparando atanados; ouvia no sobrado a trepidação surda de uma máquina de costura trabalhando num aposento contíguo; e uma voz alegre e bem timbrada emitia, às vezes, uma cantiga jucunda de despreocupada alegria.

A animação ia crescendo; sentia-se uma azáfama de conversas e de negócios, um bulício crescente de colmeia em atividade. Já eu conhecia também a história quotidiana do lado da praça, cuja perspectiva constante e desoladoramente se abria diante de meus olhos.

Por volta das sete horas, bedelengava o sino da capela fronteira, numa matinal toada argentina, cujo timbre se adoçava na eterização

suave da manhã. O pequeno sino frenético agitava-se e reviravoltava no seu campanário como uma araponga doida numa gaiola.

Os fiéis vinham chegando aos poucos, em pequenos ranchos apressados, em que o elemento feminino preponderava; eram mulheres rudes e ingênuas do povo, na sua maior parte, trazendo ao colo ou arrastando pelas mãos pequenas crianças ainda amolecidas de sono. Meia hora depois os fiéis abandonavam a capela, subindo pelo declive do bairro vizinho ou disseminando-se pelas ruas mais próximas; e a capelinha voltava ao seu silêncio doce de ascetério, levantando as suas pequenas torres risonhas, mergulhadas no azul pálido dos céus.

Veículos e transeuntes cruzavam-se na praça, transpondo a ponte sob a qual o fio d'água do regato ia correndo e sussurrando; uma força, comandada por um inferior, vinha marchando a passo regular, com uma fuzilação de baionetas no alto da cabeça. Na prisão havia para logo um grito de alarma; a guarda estacionava à porta, e rendia a outra, que voltava pelo mesmo caminho, no mesmo passo cadenciado e regular.

Uma carrocinha de pão vinha depois levantando uma nuvem de poeira; e às dez horas passavam em pequenos bandos graciosos e pitorescos as alunas de um colégio próximo que umas irmãs dirigiam numa praça vizinha.

Quase todas, sobre as tintas vivas dos vestidinhos, traziam a papoula dos pequenos para-sóis encarnados e sob os braços as pastas e as cestas em que vinham livros e farnéis, desenhos e gulodices. Depois, a praça caía numa solidão desolante; às vezes lufadas de vento iam levantando nuvens de uma poeira insidiosa e fina; raros cavaleiros atravessavam a ponte num trote sonolento; corvos passavam lentamente no céu; nas casas fronteiras tudo parecia silenciar e adormecer sob a asfixia da hora; a vegetação dos quintais, doente e amarela, desprendia folhas lentas e tristes num agonizar de saudades murchas;

o convento parecia querer entrincheirar-se na sombra das suas árvores monásticas; e até a própria capelinha, tão bimbalhante de sinos e estrejada de luzes pela manhã, parecia repousar, adormecida sob a luz crepitante e dourada desses meios-dias abafados e enlanguescedores.

Para a tarde era distribuída a ração dos presos, que um antigo sentenciado trazia em marmitas enormes. Através das grades os condenados recebiam aquela refeição tão repugnante aos estômagos delicados. Após a refeição o trabalho prosseguia, numa atividade perene de oficina laboriosa; na labuta as vozes se levantavam, e não raro, risos espoucavam na jucunda ebriedade de uma alegria animal.

À tarde abriam-se de novo as prisões para se fazer a limpeza; recolhia-se todo o material de trabalho, examinavam-se os lugares suspeitos; um martelo atordoador experimentava a resistência de todas as grades; os guardas vinham de novo se postar diante das portas das prisões que o carcereiro examinava na presença de um oficial; as portas fechavam-se e abriam-se com estrondo, e as suas chaves continuavam a tilintar sinistramente

Terminada a pesquisa, havia um intervalo de silêncio; o prédio começava a tomar a sua atitude severa e rígida de claustro. Isto era pelo entardecer, quando o sol enchia o horizonte de claridades inflamadas e os poentes eram cheios de uma agonizante melancolia. Longe a cidade ia desaparecendo sob as cinzas do crepúsculo; os telhados das casas e cimeiras dos altos arvoredos creionavam³ vigorosamente o fundo pálido do céu; e uma magoada desolação vinha descendo na lividez crepuscular, em que as primeiras estrelas lacrimejavam silenciosamente.

Depois era a praça, cujos contornos iam se apagando e perdendo na invasão crescente das sombras; e no fundo do crepúsculo as

3  No original, “crayonavam”. [N. do O.]

pequenas torres da capela, suaves e alvas, eram as últimas linhas que se apagavam na esmaecida e última palpitação do dia...

No ar pairava uma aflitiva tristeza; tudo parecia morrer e expirar com a luz; e o pequeno sino lançava no alto a espaços a toada nostálgica e vespéral do *Angelus*.

As prisões então se iluminavam de pequenos bicos de uma luz vermelha; e as palestras se alastravam de novo de roda em roda.

Mas o que caracterizava esta hora eram as canções que se levantavam num gemer dolente de inefáveis saudades; elas vinham amortalhadas de tristezas, do fundo dos cárceres, como espectros de venturas finadas; plangiam, amolecidas de lágrimas, abaladas de soluços, com uma pungitiva, uma acerba impressão de inigualável tristeza. Eram vozes humanas, amarguradas desses atrozes sofrimentos de sinistras fatalidades nos fundos impassíveis e lóbregos dos silenciosos calabouços.

Não se pode conceber a nostalgia dos sítios sertanejos que essas cantigas instilavam; nem as perspectivas de terras longínquas e fazendas amigas que elas evocavam, de longe, sem esperanças talvez de voltarem a esses lugares felizes em que a ventura sorriu outrora na espiral de fumo de um pobre colmo de agregado ou rechinou no carro de bois que trazia pela estrada a farta e remuneradora colheita do ano.

Algumas aludiam mesmo a esses rios caudalosos de águas adormecidas e afastadas em que as *monções* descem serenamente, ao deslizar dos ajoujos de balsas e ao clangor solitário e roufenho das buzinas, à hora do sol posto. Outras se prendiam à existência nômade dos vaqueanos, batendo campos e malhadas, em que o gado erra, em rebanhos pacíficos, mordendo o rebento novo e vigoroso das forragens verdes; ou atravessando sertões, impôs as boiadas densas e rumorosas, cujo estrépito abalava os campos no rumor de uma manada de antas selvagens.

Uma viola enternecida sublinhava de plangentes saudades estas cantigas sertanejas, dando à melodia um intenso colorido nacional de mágoas e de ideais tristezas.

As suas cordas iam adormecendo à medida que a noite avançava, como se as suas dores fossem se apacando aos poucos; parecia que as vozes iam se distanciando e morrendo até a hora do silêncio e do repouso. Tudo então calava-se num recolhimento profundo.

Longe, soavam horas.

Toda a prisão quedava-se; e no silêncio da noite comovida soava o passo regular das sentinelas, e os brados de alerta, num sobressalto de agorantes ameaças, alarmavam de surpresas o silêncio estelar da noite.

Assim decorreram para mim dias, semanas e meses que ainda hoje se me afiguram anos de expiação e de sofrimento.

VI

No lento e prolongado martírio do ergástulo, eu ia me afeiçoando àquela hora suavíssima em que por uma concessão extraordinária se permitia ainda que Júlia penetrasse na prisão acompanhada das duas crianças, ambas saudáveis, em cujos olhos uma límpida inocência abria cristalinamente horizontes de vivíssima surpresa dentro dos estreitos limites daquela casa claustal e severa, cujo destino era para elas ainda um insondável enigma e um impenetrável segredo. Doces anjos que desciam às trevas daquele antro de horrores!

E até para mim a impressão acerba do cárcere se dissipava numa tal ou qual alegria, quando as suas vozes puras cantavam as carícias virginais cuja vibração tintinabulava amavelmente aos meus ouvidos, e quando Júlia, repassada de elegias, levantava para mim a plácida

ternura dos seus olhos amigos, cuja conta úmida se revolvía a flor do seu rosto devastado pelas insônias e comovido de pesares. Assim vestida de negro, tinha o aspecto desgraçado de uma desventura que andasse arrastando o luto pesado de uma inconsolável e pranteada viuvez. A sua dramática tristeza, sucumbindo sem revoltas inúteis ao peso de uma imprevista fatalidade, pungia-me como um remorso, e era com um dó imenso que eu lia nos seus olhos leis as angústias e apreensões que vinham me interrogando, sem recriminações nem impaciências, toda ela cheia desse passivo devotamento com que me concedera toda a sua serena, mas profunda afeição. E esse afeto tornara-se para mim, então, ainda mais precioso e mais caro; minha alma atribulada sentia nele um ponto de apoio seguro e consolador; abroquelava-se nele, levantada em assomos de coragem varonil para afrontar todas as desventuras que ainda me fossem reservadas; a ideia do suicídio que nunca me fora hostil sucumbia diante do espetáculo deste ninho indefeso pelo qual eu havia assumido as mais graves e severas responsabilidades; por mais cruel e dolorosa que a perspectiva da vida pudesse parecer através do prisma das lágrimas, a responsabilidade destes seres fazia-me aspirar por alguns anos de existência livre e fecunda, em que uma solícita atividade provesse algures pacientemente o seu patrocínio e amparo. Frágeis e pobres criaturas, que destino lhes estaria também reservado no desenrolar-se deste efêmero trecho da existência? Esta preocupação, abrindo misteriosas interrogações para o futuro, acabrunhava-me de novos desfalecimentos pávidos, que só a palavra enternecida de Júlia conseguira dissipar. Ela sabia compreender-me, ainda quando a presença de estranhos me impedia de falar-lhe e manifestar o meu pensamento por inteiro; sabia reanimar-me, ela cuja fraqueza traía-se constantemente pelas lágrimas que derramava e pela linha acerba que lhe debuxava os dissabores nas comissuras da boca amarga.

A sua presença tornara-se, portanto, para mim uma intermitência cor de rosa na tinta sombria de minha prisão; quando eu a via, sentia-me quase feliz; pelo menos já não me supunha tão desgraçado, quando ouvia palpar junto de mim aquela afeição de mártir, que revivia e se ateava diante do infortúnio quase que como num humilde e comovente devotamento de animal doméstico!

Eu aguardava, pois, com impaciência a hora em que o pequeno rancho despontava para mim a alvorada da felicidade; a cada momento em que aquela hora se aproximava crescia a minha inquietação, aumentava o meu desejo de vê-los, de falar-lhes, de abraçá-los. Um dia esperei-os uma eternidade; alguma coisa de necessário e legítimo faltava-me, enchia-me de pressentimentos inquietantes, diante da inusitada demora daquela visita quotidiana.

Chegou a hora de costume, e Júlia não veio. Era possível que um obstáculo de momento a embarçasse, privando-me de vê-la por instantes apenas; e tranquilizado a meio por este pensamento, esperei de novo, sem poder ocultar mais o meu sobressalto. Esperei-a ainda, mas com uma impaciência febril, durante a qual meus olhos avidamente consultavam o relógio e a praça deserta, em que um sol fremente causticava uma poeira insidiosa. Nem um transeunte, nem um veículo! Um silêncio monacal parecia derivar do mosteiro, dormindo à sombra de suas árvores tranquilas, penetrar na suave igreja cujos campanários humildes alvejavam entre a casaria do bairro, e alastrar-se finalmente pela praça silenciosa, cujo regato parecia adormecer num fulgor cristalino. E nesse silêncio morno pairava uma angústia agoureira de corvos cortando o céu em círculos sinistros de voos lentos. Esperei ainda em vão. As horas decorreram numa tristeza agônica, em que eu me sentia desfalecer; um pressentimento cerrava-me o coração de presságios e fazia-me percorrer vias-dolorosas acerbias. Um motivo grave devia ter detido Júlia; meu coração mo dizia; e efetivamente vi confirmados os meus receios.

O pequeno Armante enfermara naquela quadra epidêmica, tão hostil às crianças, e estava preso ao leito para onde se voltava a solicitude materna. Entretanto, não me era dado sequer cercá-lo do meu carinho, envolvê-lo na minha ternura; e imaginei-o logo, quebrado pela alta temperatura da febre, fatigado de insônias, os olhinhos súplices de doente que não sabe queixar-se sequer, e já paga o tributo devido à dor humana. E mais uma vez senti a revolta contra essa absurda e iníqua disposição que leva a sua crueldade à tortura das pequenas coisas, das aves e das crianças. E não me senti satisfeito, senão quando pude tornar a vê-lo, desfeito embora, no começo de uma próspera convalescença que ia de novo iluminando de malícia os seus olhos vívidos e cobrindo de rosas a linha redonda das bochechas.

Foi então que uma surpresa deveria colher-me de improviso numa formosa manhã.

Meu velho pai conseguira a custo uma licença para vir visitar-me na prisão. Com que comoção abracei aquele homem calmo e sereno, que eu estimava com uma profunda admiração pela sua vida que era um incentivo e um ensinamento! Ainda uma vez, com uma atenção religiosa, ouvi a sua palavra amiga. E sobre toda a veneração que a piedade filial votava àquele homem, ligava-me a ele admiração sincera pela linha indomável do seu caráter e pela nobreza do seu coração. Quando deixou-me, senti o influxo animador da sua presença e de suas palavras; novas energias deviam me armar para suportar a dureza do cárcere, resistir às vicissitudes do meu destino, já agora compreendendo aquela palavra fatídica que Dom Cláudio traçou nas paredes seculares de *Notre-Dame*.

Ele partiu.

Júlia vinha de novo todos os dias, com seus olhos elegíacos, que bistres largos sombreavam. Parecia mais pálida, trajando de negro, como quem trazia luto fechado; Os dois pequenos, felizes e descuidosos,

andavam a chalar pela prisão, numa ginástica tumultuosa, que enchia de alegres rumores de família a severidade daquela casa destinada à reclusão de criminosos. Alda punha termo e modos decentes à sua boneca, inventando mil pretextos para os brinquedos em que se passavam as horas da sua visita ao cárcere.

À tarde uma disposição regulamentar os obrigava a se retirarem, e era esta a hora em que eu mais vivamente sentia a ausência daqueles três entes que constituíam o que eu possuía de mais caro.

Eles saíam lentamente, descendo as escadas; contornavam o prédio; e atravessavam vagorosamente a praça que sempre oferecia a sua consternada e monótona perspectiva aos meus olhos. Da janela da minha prisão, eu os acompanhava de longe, correspondendo aos seus adeuses longínquos.

Eles acompanhavam as muralhas do pátio, transpunham a ponte, atravessavam a praça. E quando desapareciam na esquina, eu tinha os olhos vazios e tristes, como se descesse diante deles uma noite polar, que viesse envolvendo de longas dolências crepusculares aquela praça sonífera adormecida na paz de uma cidade de província. A casaria daquele bairro pobre, as árvores dos quintais plantados, as videiras do convento, as torres da capela, tudo desaparecia diante dos meus olhos erráticos e contemplativos, que uma alheação profunda cegava para todos os espetáculos fascinantes da cor e da luz.

Percebia apenas que numa tarde roxa de saudades vinha caindo do céu devagar, devagar; e que um toque de *Angelus* dolorido e dormente ficava vibrando, vibrando, muito tempo, muito tempo, no ar exangue, no ar exangue.

VII

Nas horas em que a austeridade da disciplina da prisão vedava o ingresso a todas as pessoas estranhas havia *alguém* que vinha fazer-me companhia, andando num passo cauteloso e abafado de quem não deseja provocar sobressaltos ou causar rumores. Quando o crepúsculo expirava nas grades e as sombras povoavam de silêncio e pesares a minha cela, ele vinha devagar despertar-me das cismas amargas, roçando-me familiarmente o dorso e levantando para mim os dois olhos verdes e oblíquos em que se revolia numa esmeralda úmida e doce a alma enternecida do animal doméstico.

Era um formoso bichano, de movimentos doces e olhos vivazes, de uma fosforescente alegria, pele mosqueada de cabelos aveludados, deliciosos ao tato, quando o bichano dispunha numa curva as vértebras da espinha.

Tinha as patas pequenas e macias, como luvas em que as garras estivessem latentes, mas prontas ao primeiro assalto. Na sua cabeça inteligente, em que mais se acentuavam as linhas das qualidades principais da espécie, as orelhas fitas e levantadas enchiam de sagacidade e requintadas astúcias o perfil gracioso, que as barbicas ásperas embalde procuravam marcializar de cômicas e risonhas ferocidades.

Como vivia farto, fizera-se indolente e grave, dormindo horas a fio, ao sol, enrodilhado numa sesta deliciosa em que a sua digestão se fazia sem sobressaltos nem interrupções, muito embora uma pequena cadelinha viesse às vezes pô-lo arrepiado e colérico, de orelhas murchas, olhos ameaçadores e garras descobertas, numa atitude que ele inconscientemente, instintivamente copiara e reproduzia do fundo de uma existência anterior de longínquos ancestrais perdidos na alvorada zoológica das bestas carniceiras.

Mostrava-se, porém, grato à carícia, e toda aquela cólera arrepiada de ameaças se desfazia em espreguiçamentos lânguidos, quando a mão cariciosa punha um afago na sua espinha dorsal, arrancando-lhe miados de ternura.

Quando mais tarde pude de novo entregar-me à leitura, nos longos serões tristonhos, ele vinha colocar-se junto de mim, ronronando, satisfeito de fazer-me companhia, as pálpebras sonolentas cobrindo a meio os olhos indolentes. E deixava-se ficar horas e horas num silêncio discreto, em que nem o seu passo se fazia ouvir quando ele se retirava, perdendo-se na escuridão em que os seus olhos se iluminavam de raios fantásticos.

Feliz bichano! Como ele se me afigurava perfeitamente feliz e satisfeito no mesmo lugar em que seres humanos morriam aos poucos no desespero lento de uma reclusão sinistra!

Insisto nestes pormenores porque na prisão estes pequenos acontecimentos adquirem uma importância extraordinária.

Uma noite cuidei ouvir o seu gemido – um gemido profundo, doloroso, humano, senti-me sobremodo impressionado por aquelas manifestações de dor de um pobre animal que sofria muito, decerto. E imaginei para logo um desastre de que ele fosse vítima: o esmagamento por algum veículo ou por alguma das portas pesadas da prisão. Recordei-me de um gato cego que eu vira algures, os olhos vazados por uma criança perversa de uma maldade precoce. Quem sabe se não lhe fizeram o mesmo mal? pensei. Durante toda a noite aquele gemido sinistro e doloroso encheu-me de compaixão pelo pobre animal tão terno e tão solícito, cuja boa camaradagem conquistara para ele a minha afeição.

No dia seguinte o carcereiro desfez a minha ilusão – era realmente um gemido humano o que eu ouvira durante a noite.

Num aposento vizinho jazia moribundo um desgraçado que acabara de enlouquecer.

Era dessa espécie de loucos que tem a monomania da perseguição. Uma tentativa de suicídio punha termo a essa monomania perigosa do infeliz encarcerado.

Foi-me concedida a permissão para vê-lo. Jazia deitado numa pobre enxerga infecta sobre uma cama improvisada por meio de dois bancos unidos; tinha a testa ampla e alta, com entradas profundas, as sobrancelhas de uma singular mobilidade, olhos febris, desvairados num terror constante, a respiração curta e estertorosa.

A sua morte era inevitável. No ventre sobre as ligaduras desfeitas viam-se duas incisões profundas que os curativos não conseguiram fechar; o intestino havia-se rompido e a dejeção das fezes se fazia pela ferida. A gangrena já havia começado a sua obra de decomposição rápida dos tecidos.

Em roda nem um aparelho, a poção extinta, a cama desprovida de roupa; o asseio era impossível; o desgraçado morreria de infecção!

Era um suicida, de precedentes obscuros. Operário, talvez. A sua vesânia se opunha a que ele narrasse ao certo o motivo daquele suicídio, perpetrado com uma calma assustadora, em condições anormais. Foi numa praça pública que o infeliz se propusera a pôr termo à existência golpeando o ventre duas vezes, fumando fleumaticamente um charuto! E como a morte não viesse tão depressa como o supunha, começou a desfiar os próprios intestinos, arrancando-os de dentro do ventre e expelindo-os para fora, até cair exausto.

Um companheiro de prisão por caridade servia-lhe de enfermeiro; todo o seu cuidado foi baldado.

Dias depois, o corpo do suicida era conduzido numa maca que eu vi passar em frente à minha prisão, carregada por quatro homens piedosos.

VI

Pelos fins de agosto, a estação havia se modificado sensivelmente; a um frio intenso sucederam os dias abafados das épocas dos grandes calores e temperaturas elevadas, e a paisagem tinha um tom levemente azulado, doce e nostálgico.

O fumo das queimadas pairava na eterização suave do azul, esfumando-a de toques fugitivos.

No ar pairavam corvos negros e presságios sinistros. A epidemia ia ceifando vidas e fazendo vítimas, naquela quadra perigosa, em que os miasmas fatais se desenvolviam nas emanações dos charcos secos. Alguma cousa de ameaçador e sinistro andava sitiando de pesares os núcleos de população e eram as crianças, pálidas e aterradas, as primeiras presas que a peste faria, numa hecatombe desapiedada e feroz.

Nada mais triste do que o declinar daqueles dias lutuosos.

O sol, de um vermelho de sangue vivo, ia tombando numa hemorragia larga que se alastrava por todo o horizonte; e quando a última rutilação da luz coincidia com a pontilhação das primeiras estrelas, um silêncio descia num suspiro de alívio, e o toque das *Trindades* pairava no ar abafado, como um lamento da pequenina capelinha aérea e quase que pagã.

À noite, assinalando vários pontos do horizonte, fogos se levantavam numa estrilação violenta de fornalha vermelha iluminando céus e devastando os campos extensíssimos que se perdiam para muito longe como a linha plácida e tranquila de uma enseada; as labaredas abriam grandes línguas de fogo que lambiam os céus através dos campos no incêndio rápido e vandálico das *queimadas*.

Essa tristeza casava-se com o meu estado d'alma, e era com uma voluptuosidade dolorosa que eu vinha assistir a esses espetáculos do

entardecer, do alto da minha janela solitária, contemplativamente debruçado para as bandas do crepúsculo.

Já então começava de novo a oprimir-me aquela medonha existência de recluso, girando dentro dos apertados limites de um cárcere, sem as alegrias serenas do lar, sem os pequenos e saborosos gozos de uma existência ativa e proveitosa, ouvindo eternamente o retinir dos terçados, os alarmas das sentinelas, o bulício característico das prisões e a bimbalhada dos sinos da capelinha luminosa e extática. Todas as tardes eu vinha invariavelmente contemplar o declinar do dia e o adormecer da praça sonolenta; correspondia à saudação de uma senhora compassiva, que me cumulava de pequenos obséquios, e ficava acompanhando com os olhos os papagaios de papel que fazia aplumar nos ares, um seu filho, o Honorato, pirralho de olhos vívidos e inteligentes, destro e ágil, que já sabia inventar pretextos para fugir à escola.

Foi numa dessas tardes sombrias que vi assomar à praça, numa exibição lastimável de andrajos, a família esfarrapada de um mendigo, de que jamais me hei de esquecer.

Eram quatro entes miseráveis e infelizes, trazendo na timidez dos gestos, na vacilação dos passos e na incerteza do olhar essa humildade canina dos que nasceram na miséria e na orfandade, apodrecendo nas vielas pestíferas das grandes cidades ou vivendo de esmolas nas aldeias, onde ainda resta a compaixão de uma primitiva vida patriarcal.


Também poderiam ser tomados por uma família de bandidos que a polícia desencravou de cordilheiras de nomeadas tremendas. Todos indistintamente tinham uma palidez mórbida e sinistra, olhares cheios de uma angústia represada de revoltas extintas, bocas talhadas e contraídas numa amargura de injúrias sofridas em silêncio, e gostos de um longo e pertinaz martírio.

Andavam devagar, num passo arrastado de calcetas do infortúnio, levando pelo mundo as suas envergonhadas misérias de indigentes

numa passividade fatalista de vencidos da sorte. O seu destino comum mais do que os laços do sangue havia indissolúvelmente unido os quatro indivíduos daquela família andrajosa e repugnante de desasseio.

Nas suas faces famintas, desbotadas de insônias e desgostos infinitos, lia-se a história inquietadora daqueles emigrados, que o frio expeliu e varreu do seu país ignorado para um destino errante através dos continentes ermos e inóspitos, em que a máquina e o capital ainda não se deram as mãos para a espoliação miserável do operariado. Entretanto, embora expulsos das fronteiras de seu país querido, cercado de altas montanhas empinadas e banhado de mares cerúleos, bem se via que eles arrastavam com a inseparável praga de todas as misérias a nostalgia inapagável da pátria sempre a refulgir com um encanto de químera querida. E era como estrangeiros e como viandantes, que viviam perambulando per⁴ todas as estradas e percorrendo todas as cidades dos países estrangeiros, despertando a surda desconfiança de uns e o compassivo enternecimento dos que sempre hão de ter olhos de piedade para os infortúnios alheios.

Quem eram eles a sua filiação plebeia denunciava no mapa-múndi dos remendos que os cobriam de apodos e torturas, por séculos e séculos de uma pobreza hereditária; escravos, párias, servos, eles foram os antigos vencidos das tribos agremiadas e conquistadoras; eles cultivaram o solo, amanharam a terra, semearam o trigo para aumentar os celeiros dos seus senhores; crestaram as peles, calejaram as mãos, vergaram as espinhas para pagar os impostos e os arrendamentos dos senhores feudais; vestiram a farda de soldado, marcharam nas fileiras patrióticas, empunharam as carabinas libertadoras para reconquistas das liberdades públicas; cavaram as entranhas da terra, orquestraram

4  Arcaísmo presente no original. [N. do O.]

todos os estaleiros e povoaram todas as oficinas, como fatores diretos e mediatos do progresso humano; e ao cabo de gerações sucessivas de trabalhadores validos e proveitosos, o excesso do trabalho, a exiguidade do salário, a espoliação crescente, iam estancando aquela caudal da família humana para a qual tantos afluentes convergiram; e a raça dos lavradores primitivos ia se dessorando no sangue anêmico de famílias inteiras de inválidos e nulos que deviam aumentar as cifras dos hospitais e das prisões, comidos de lepra, róidos de vícios, transmitindo de geração à geração a hereditariedade mórbida de uma degenerescência crescente.

Adivinhava-se a gênese suspeita de onde derivara aquela sórdida família de mendigos, tão espectrais e tão lívidos que pareciam ter ainda nos olhos o espanto ingênuo dos ressuscitados de momentos apenas.

Vinham cobertos da poeira das estradas por onde se vieram arrastando de casa em casa, de pouso em pouso, como um bando de fugitivos que a fome ou a peste viesse inexoravelmente acossando de todas as cidades.

O chefe de família era um velho, com uma cabeça bíblica, a calva subindo a meio da fronte vasta em que se traçara a pauta de um pensamento agitado; longos cabelos crespos e ascéticos caíam-lhe nos ombros, e sobre o peito pendia a longa barba grisalha, ampla e farta, de uma sombria austeridade de monge; o nariz era aquilino e forte desenhando-se sob os dois acentos circunflexos enérgicos das sobrancelhas hirsutas e espessas. Os olhos vagos e imóveis pareciam absortos numa contemplação interior.

Tinha a cabeça um tanto inclinada para trás, olhando para o vazio dos horizontes intermináveis, como esperando de lá a luz que para lá fugira um dia e nunca mais voltara às suas pupilas devastadas e entenebrecidas.

Vestia um fato usado e roto; trazia um violão a tiracolo e um bordão com que vinha se amparando e apalpando as vias-sacras dos caminhos.

Ao seu lado, caminhava a mulher, tipo de ilhoa pesada e idiota, lenço à cabeça, um avental cobrindo as adiposidades monstruosas dos seios e do ventre; os olhos papudos mal se abriam entre as pálpebras sonolentas, e na sua face balofa e linfática havia a resignação cristã de um interminável martírio, o cansaço de uma tristeza sem fim. Trazia na mão uma salva onde recebia as esmolas.

Os dois pequenos eram filhos, decerto; magros, incolores, silenciosos, haviam perdido a alegria salubre das crianças sadias. A rapariguinha tinha uma magreza assustadora, olhos febricitantes e cálidos, lábios finos, mãos alvas e delicadas. O rapazinho, molengão e amarelado, tinha o aspecto enfermizo, um ar de opilado e de cretino, movendo automaticamente o arco rabugento de uma rabeca. Cantavam, esmolando de porta em porta, trovas sentimentais, tristezas ritmadas que ficavam longe mui longe de sua angústia verdadeira.

O cego apalpava as cordas do violão, com um ar de desalento; o violino do pequeno estafermo gania uma áspera melodia, e a voz da rapariguinha, doce e vacilante, cantava umas cousas pavorosamente dolorosas e atormentadas de precoces amarguras.

Dir-se-ia que mais do que os outros ela já sentia o desgosto daquela existência nômade de saltimbancos e mendigos, emigrados e infelizes, que um dia, entretanto, lavraram campos férteis e viram o fumo azul do lar subir espiralando do colmo dos casais felizes.

Por um salto comum nos processos atávicos, parece que passara para ela a alma de alguma de suas avozinhas brancas, alvas moleirinhas, tocando as jumentinhas dóceis e familiares, rumo dos moinhos legendários, bracejando as suas velas laboriosas. Dores acerbadas e precoces choravam nessa voz infantil, que devia ainda se afinar pela música dos pássaros travessos.

E depois que a ilhoa recolhe num prato as esmolas dos circunstantes, a família do cego põe-se de novo a caminho naquela jornada que não acaba nunca.

E deplorando a sorte destes infelizes o que mais me entenece e comove é essa face pálida e quase adolescente da rapariguinha melancólica, em cuja boca nervosa eu cuidei lobrigar uma expressão de desgosto precoce por essa existência nômade de mendicidade, quando nela ressuscita a alma das moleirinhas brancas, tocando as jumentinhas dóceis e familiares, rumo dos moinhos legendários, bracejando no ar as suas velas laboriosas...

IX

Chego ao período mais terrível da minha prisão.

Longos e amargurados meses decorreram, prolongando o estado de incerteza e de ansiedade em que me achava.

Uma ordem repentina mandou me pôr de novo incomunicável.

Foi em vão que eu recorri a toda a minha coragem para não me entregar ao desespero, porque já não me era dado resignar-me à espera da liberdade.

Houve mesmo um dia em que eu vi apagar-se esse clarão celeste que vislumbra sempre nas trevas de todos os encarcerados – a esperança de me ver livre. Então caiu sobre a minha alma um desalento profundo; o meu mundo interior parecia com as regiões hiperbóreas e países em que não há sol, amortalhado numa glacial tristeza e envolvido no crepúsculo de uma infundável agonia.

Sucumbindo, afinal, aos tormentos da minha situação, cheguei a desejar a morte; somente ela poderia talvez redimir-me da fatal tortura em que me vi poleado. Porque como um torniquete constringia

dolorosamente o meu espírito, extenuado pelas inquietações e pelos terrores; ele era como uma ave que se debateu na prisão e que caía afinal, ensanguentada e ferida, sem asas e sem alento, vencida pela fadiga e pelo sofrimento.

Oh! a noite do cárcere, o horrível pesadelo! A sepultura em vida, a tortura a fogo lento, a morte do corpo após a morte do espírito, a agonia dos emparedados – todo esse zodíaco de tormentos no qual gira a existência dos condenados eu percorri como uma via-sacra de expiação.

Como uma águia chumbada a um calabouço, a minha alma após tantos meses de prisão tinha horror às trevas do ergástulo e sentia a nostalgia do azul luminoso e vasto, do espaço imenso e profundo em que a Ave do Pensamento paira, abrindo as asas poderosas e grandes!

Esmagado como um verme entre as quatro paredes daquela sepultura, maior era ainda a ânsia de voar, de voar numa doída escalada pelo infinito, dominando a terra e vencendo os espaços excelsamente, egregiamente, arrastado por uma força indomável e invencível!

Era a suprema, a eterna aspiração humana para a liberdade, tão necessária como o ar que se respira e como a luz que nos alumia.

Como todas as tentativas eram impotentes, entreguei-me ao mais cobarde desalento, capitulando com o sofrimento e vencido pelo infortúnio.

O que, porém, mais me torturou foi o silêncio que se fez em torno de mim; eu estava como que segregado do mundo, e ignorava tudo o que se passava em relação ao meu destino.

Desde que me puseram incomunicável, nenhuma notícia eu tive acerca da marcha da revolução que se me afigurava perdida, nem sobre a sorte que me estava reservada. O rigor com que passei a ser tratado encheu-me de apreensões; eu debatia-me na dúvida a mais cruel e

perdia-me em conjunturas aflitivas. E de todas as provações pelas quais passei a mais amarga foi por certo esse estado de incerteza e de temores em que me encontrei, desde que me vi alheio a tudo o que me dizia respeito, sem que me fosse dado articular uma palavra de defesa ao menos.

As medidas de rigor oram por certo de natureza a justificar as minhas apreensões, e cada dia era mais uma decepção para a minha inquieta esperança. Nada vinha alterar a monotonia da minha existência de encarcerado; dir-se-ia que o mundo acabara de esquecer-me no fundo de uma prisão.

As janelas de onde nos primeiros tempos me era dado distrair-me com o espetáculo da praça e com a contemplação dos céus claros e escampos haviam sido hermeticamente fechadas, e achei-me envolvido na escuridão e no isolamento.

Desde então como que também se fez noite na minha alma; sobre ela trevas desceram, e era como um túmulo dentro do qual vivia apenas o doloroso latejar do pensamento.

A prisão, com todo o seu cortejo de horrores, foi daí em diante um suplício intolerável; era uma casa de mortos, sem a paz das necrópoles e com os rigores de uma penitenciária. *Nunca o tempo teve uma marcha mais lenta e penosa*; os meses ali se contavam por anos e anos de tortura. Eu perdi a noção exata do tempo tanto mais facilmente quanto o dia e a noite se confundiam na minha prisão.

Subia de ponto a minha inquietação ao pensar em todos os que me eram caros e cuja presença era defesa. Que sofrimentos os de Júlia, quando recebesse a proibição de ver-me e de trazer-me o seu carinho e o dos frutos de nosso afeto!

Que teria sido feito deles?

Parecia-me que todos os nossos sonhos de felicidade estavam para sempre perdidos! E a esta ideia, sentia-me enlouquecer.

Este estado de espírito deveria necessariamente se refletir na minha saúde, e com efeito a sua alteração se anunciou primeiramente por uma fraqueza extrema; dores vagas apareciam no peito e nas costas; e sobretudo dominou-me uma completa negação para todo o movimento; tornara-se-me familiar a ideia da minha morte na prisão, sem a assistência de uma só alma caridosa, e nos momentos em que perdia a esperança de voltar aos meus dias felizes eu implorava a morte; esperava-a com uma espécie de voluptuosidade, seria capaz de provocá-la, se estivesse em minhas mãos fazê-lo.

Desde que me sequestraram do mundo, desde que me vedaram qualquer comunicação para fora do cárcere, que sorte podia me estar reservada senão a de uma terrível expiação e de uma tremenda vingança?

Eu não me permitia nenhuma ilusão a este respeito e resignara-me a sofrer, já que não me era mais dado lutar, dando um derradeiro exemplo de abnegação e de coragem. Mas a longa expectativa de uma tortura que não vinha acabou por esgotar toda a energia de que eu era capaz, e eu perdi a atitude de um herói para tornar-me um ser misérrimo que imploraria de joelhos a graça e o perdão...

A moléstia continuava a sua obra de destruição lenta e constante, atacava os meus músculos e os meus nervos e transformava radicalmente o meu caráter. Eu já não era o homem entusiasta, capaz de um impulso nobre e generoso mesmo com as armas na mão e com risco da própria vida; eu adquiria a compostura dos tristes e dos humildes sobre os quais se revela a tristeza secular das gerações infelizes.

Entreguei-me à inércia e à morte; já não tinha um movimento de revolta, deixando-me dominar por esse elemento obscuro de fatalidade que pesa sobre os destinos humanos.

Minado pela enfermidade, meu organismo sucumbia também, e eu sentia uma corrida vertiginosa, *uma corrida semelhante a uma decomposição rápida*, para o aniquilamento e para a morte.

Mais alguns dias, mais algumas horas talvez, e o fatal desfecho não se faria esperar. Como um relógio que vai parar eu sentia que o alento vital cada vez se tornava mais vagaroso e mais escasso. Um invencível e letífero torpor se espalhava por todo o meu corpo.

Era o coma mortal que precede o expirar de alguns moribundos.

.....

Lembro-me confusamente de que uma claridade súbita se fez na minha cela, uma porta se abriu com estrondo, e um homem (mais tarde eu soube que tinha sido meu pai) penetrou na prisão agitando um papel selado:

– A anistia! a anistia! exclamava, com a voz desfigurada por uma profunda comoção...

Um choque elétrico não me produziria um efeito mais imediato e mais rápido.

Aquelas palavras penetraram no meu espírito como um clarão estridente de felicidade; raiava nas trevas em que eu jazia mergulhado uma como resplendente alvorada interior; meu coração palpitava desordenadamente; a prisão girou em torno de mim...

E caí desfalecido nos braços de Júlia que me amparava.

VERSO
(ANTOLOGIA)

ARTHUR LOBO

POESIAS

RHYTHMOS E RIMAS
EVANGELHOS
KERMESSES



BELLO HORIZONTE

IMPRESA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAES


—
1911


Notas sobre a poesia de Artur Lobo

GILBERTO ARAÚJO

Em carta a Murilo Rubião¹, de 9 de agosto de 1967, Guimarães Rosa sugere ao amigo, então organizador do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, que recolha estudos sobre o esquecido escritor mineiro Artur Lobo. A sugestão não é casual, pois, conforme o leitor poderá aferir nesta pequena antologia, a obra de Artur contém afinidades com a de Rosa.

A poesia do conterrâneo resume-se basicamente a três títulos: *Ritmos e rimas* (1891), *Evangelhos* (1893) e *Quermesses* (1896), posteriormente reunidos no volume *Poesias* (1911). Registram-se também as publicações de *Lei universal* (1890), poemas, e de *Serões e lazeres* (1906), coletânea de prosa e verso²; infelizmente, não localizamos nenhum exemplar de ambos. Como muitos poetas do final do século XIX e

1  Disponível em <http://www.mondoweb.com.br/murilorubiao/teste05/correspvarias4.aspx>.

2  Cf. COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2.ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, DNL, Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Global Editora, 2001, Volume II, pág. 968.

início do XX, Artur se situa na confluência de correntes pós-românticas: ornamentos e apuros parnasianos, musicalidades e mistérios simbolistas, ruínas e assombrações decadentistas.

O título *Ritmos e rimas* denota alguma entrega ao formalismo parnasiano; contudo, o livro se filia antes à tradição romântica, convocada em epígrafes de Victor Hugo, Ossian, Longfellow, Balzac e outros. Os ritmos e rimas que nele comparecem são os da natureza convulsionada e misteriosa, animada por uma “linfa” vital, que o poeta solitariamente desvela como em estado de graça (“O solar fantástico”). A fascinação por escombros e por espaços desertos (“A ermida arruinada”) é outra marca romântica, compartilhada por muitas obras finisseculares: o vate ausculta as vozes depositadas nas ruínas, logrando assim despertar o passado no que ele tem de polifônico e de resistente ao cotidiano padronizado e imediatista.

Talvez cause estranheza o fato de um livro de traços simbolistas-decadentistas ser dedicado à memória de Júlio Ribeiro, figura central do naturalismo brasileiro. Todavia, há em *Ritmos e rimas* um flerte – oblíquo, mas constatável – com a poesia científica, que, iniciada em 1870 com, dentre outros, Martins Júnior, sobrevoaria Augusto de Lima (a quem não por acaso se dedica “O louco do eremitério”) para pousar em Augusto dos Anjos. Ecos incidentais desse cientificismo se espriam na prosa de Artur. Em todo caso, tal legado se dilui na tônica romântica do livro. Assim, versos como “Foram decerto esses teus restos pulcros”, “A digestão do ventre dos sepulcros”, “Dolorosa irrisão: o nada – eis tudo”, “Na subterrânea química funérea”, “Sinto-me quase um átomo disperso” estão mais empenhados em intensificar o *páthos* do amor-morte do que em reduzir o ser humano a um composto de substâncias perecíveis.

Em *Evangelhos*, permanece o louvor à natureza, e o poeta alcança maior concisão estilística (comparem-se “Reticência trágica” e “A

ermida arruinada”), expressa inclusive na ocorrência mais assídua de poemas curtos (a maioria, sonetos), inexistentes no livro anterior. Se, em *Ritmos e rimas*, o romantismo e suas derivantes ocupavam primeiro plano, agora se destaca o timbre parnasiano, verificado, por exemplo, nas cenas de paganismo sensual (“Pagãs”) e nas descrições da natureza (“Sobre um ajuízo de balsas”, “No alto S. Francisco”). O erotismo mais saliente dos *Evangelhos* privilegia a comunhão amorosa (“Bodas celestes”) em detrimento das interdições (quase sempre pela morte) abundantes em *Ritmos e rimas*. A essa atmosfera de plenitude e de satisfação se associa outra característica importante do livro: a valorização da vida, do riso e da alegria, grandezas diante das quais o sofrimento e a dor se tornam obstáculos provisórios embora necessários (“Porém...”, “De longe”). As desilusões também constituem desafio à linguagem, que, perante as intempéries, se faz simultaneamente salvadora e impotente (“Impassível” e “Luta”): o verso supõe domar as angústias, mas o poeta sabe que lutar com as palavras é “trabalho vão! Vã tentativa” (palavras de Artur).

A apologia à felicidade provavelmente atraiu a atenção de Guimarães Rosa, para quem “a tristeza é aboio de chamar do demônio”³, consistindo a alegria num princípio ético de manutenção da vida. Talvez Rosa tenha igualmente se interessado pelos poemas descritivos de Artur Lobo, pois, conquanto aspirem à objetividade parnasiana, não se reportam à Antiguidade Clássica ou ao Oriente, mas à paisagem mineira, com os “buritizais”, o “vastíssimo sertão” e o rio São Francisco. Acresce que, malgrado o título, o livro não assume qualquer propósito doutrinário ou evangelizador; sua missão, como a rosiana, é cultuar a vida, a natureza e o amor. Trata-se de religiosidade, não de religião, apregoada em seus componentes mais festivos.

3  Frase extraída de “A hora e vez de Augusto Matraga”, novela de *Sagarana* (1946).

Curiosamente, na carta a Murilo Rubião, *Evangelhos* é o primeiro título de Artur Lobo lembrado por Guimarães Rosa...

Festa e devoção também se encontram em *Quermesses*, obra em que a destruição da matéria é algo sublimada pela imortalidade espiritual, como de resto ocorre na ficção de Artur. Confrontem-se a esse respeito os textos “A múmia do cacique” e “Morte de Ita” com “Manitós da tapera”, “Ronda de espectros” e “O acampamento”. Todos integram o poema indianista “Autóctones” (o único desse feitio na obra do autor), mas, enquanto os primeiros flagram a perecível humanidade indígena, os três últimos eternizam as divindades e os fantasmas. Os índios morrem, mas não os Manitós. Importa destacar que, explorando embora a linhagem indianista de Gonçalves Dias, inclusive com adesão a versos alexandrinos, Artur Lobo não se refere aos indígenas como “selvagens”, “americanos” ou “silvícolas”, conforme nossa praxe romântica. Ao intitular o poema de “Autóctones”, o mineiro enfatiza a harmonia dos índios com a natureza, que, como vimos demonstrando, ocupa lugar central em sua obra.

No bojo da espiritualidade, o livro preconiza o exercício da fé (renegado, por exemplo, em “O louco do eremitório”, de *Ritmos e rimas*), já que ela faculta o contato com dimensões sobre-humanas. É ler, por exemplo, “Champelim Vermelho”. Na história de Artur, Lobo Mau não entra, e a neta chega sem dificuldades à casa da avó. A narrativa enaltece a perseverança desassombrada da menina perante os intimidadores conselhos dos adultos.

Quermesses é obra aberta a diferentes heranças, conforme sugere o plural no título. Nela encontramos, além do indianismo tardio de “Autóctones”, o amor campesino de notas árcades (“Égloga”, “Duo”), as peças medievalizantes de frustração amorosa (“Romance de Dona Branca”, “O caso de D. Inês”), personagens misteriosos à moda simbolista (“Através da floresta”). Neste último poema,

reaparece cena recorrente na obra do escritor (e no simbolismo brasileiro): um cavaleiro andante numa floresta noturna. Congregando movimento, indefinição e natureza, a imagem parece sintetizar a poesia de Artur, cuja vocação de sondagem do mundo natural culmina no belo “*Mugitusque boum*”, em que o poeta rosianamente capta a melancolia bovina no mugido e nos olhos dos animais.

Introduzir o leitor à pouco conhecida poesia de Artur Lobo é o objetivo desta sucinta antologia, que se pautou essencialmente pelo critério estético. Isto significa que se privilegiaram os poemas que, no nosso entender, sobrevivem autonomamente como criação literária. Claro está que, como toda seleção, esta tem bastante de subjetivo e algo de arbitrário. Para compensar tais contingências, buscou-se o filtro da representatividade, elegendo-se textos que pudessem oferecer amostragem efetiva dos aspectos (estilísticos e temáticos) mais ostensivos da obra de Artur. Utilizamos a edição das *Poesias* de 1911, sem cotejo com as publicações anteriores. Por isso, caso o leitor tenha acesso às primeiras edições de *Ritmos e rimas*, *Evangelhos* e *Quermesses*, poderá eventualmente encontrar versões distintas dos textos aqui selecionados.

❧ RITMOS E RIMAS
(1891)

SOLAR FANTÁSTICO¹

I

Em um país fantástico das lendas,
em que de gaze as névoas precintadas
têm assentado as vaporosas tendas
ao pé das claras linfas argentadas,

rico castelo feérico domina
um atro bosque circunfuso e implexo,
que o plenilúneo mágico ilumina,
deixando na água o seu clarão reflexo.

De mármore e de pórfiro esplendentes,
e de volutas jônicas ornado,
ele apresenta os pórticos luzentes,
de inexpugnáveis fossos abraçado.

E quando colma seus torreões agudos
do almo luar a merencória chama,
sobre os desertos arredores mudos
das lívidas janelas se derrama,

pelas ogivas e pelas seteiras
a luz que vai com um rumor de festa
se projetar na areia das clareiras
e repelir as sombras da floresta.

¹  In: *Poesias*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1911, pp. 9-11.

II

Jamais o arrojo ousado penetrara
estes recessos de sinistros pactos,
onde o castelo ostenta a forma rara
e a opulência real dos artefatos.

Ninguém! ninguém! Apenas se dizia
que formas vagas, móveis divagando
por noite mansa, murmurante e fria,
viram-se as fundas valas penetrando.

Talvez, quem sabe? loucos que vagavam
por veredas estranhas e secretas,
ou fogos fátuos que se derramavam...
sombrias, talvez, ou almas de poetas?

Ninguém dizer, porém, soubera ao certo,
por mais que o olhar as trevas devassasse,
que segredo inefável o deserto
palácio no seu âmbito ocultasse.

III

Transpondo, entanto, o fosso legendário,
e entrando o mago bosque sonolento,
ouvireis, de chofre, em ritmo vário
e em vário tema, um trêmulo concento.

Cantos se esfolham... Crótalos ressoam,
desenrolando os músicos novos,
por cuja tela delicada voam
as asas musicais dos ritornelos.

De imagens veste as túnicas a Ideia.
Abrem as folhas as estrofes de ouro;
e, como hetairas gregas em coreia,
cantam Rimas uníssonas em coro.

Harpas e goelas, bandolins e avenas
ao vento jorram gratos sons dispersos:
nas doces notas débeis e serenas
rebenta a grave música dos Versos.

Nas cotas de armas dos alexandrinos
o rubro canto bélico ressoa,
sobrepujando os trilos argentinos
na larga tuba que mais rija troa.

De grave forma esplêndida, a Poesia,
deste concerto divinal, perene
dominando a soberba sinfonia,
a alma suspende, extática e solene.

E fora sob a noite constelada,
brisas soluçam, lânguidas e eólias,
enchendo a vaga imensa e embalsamada
da flor do jasmineiro e das magnólias.

IV

Tal de um poeta o espírito errabundo
 vira por noite límpida e harmoniosa,
 enquanto o céu sorria-lhe do fundo
 da florescência de ouro luminosa.


A ERMIDA ARRUINADA²

*Hélas! et l'on sentait de moment en moment,
 sous cette voute sombre,
 quelque chose de grand, de saint et de charmant,
 s'évanouir dans l'ombre*

VICTOR HUGO. — *Les chants du crépuscule.*

Numa atitude augusta e desolada,
 dessas que têm as lúgubres taperas,
 surge a pequena ermida abandonada,
 entre tufos de musgo e festões de heras,
 ao pé da estrada.

Geme nos perros quícios o lamento
 da velha porta má que já declina.
 Fora de horas, à noite, a voz do vento
 esfuzia nas fendas da ruína
 em triste acento.

²  *Idem*, pp. 17-22.

Homens do povo e gentes das fazendas,
atravessando os próximos caminhos,
contam as aventuras mais horrendas
de confabulações e burburinhos
entre estas fendas.

E, todavia, esta ruína irroga
recolhimento à vossa piedade.
Aí a vida apenas epíloga
toda a beleza da transata idade;
e monologa:

A PORTA

Assim viver, assim carpir, assim
morrer, decerto é sina bem ruim,
quando passamos toda a execratória
vida fugaz, sem explosões de glória,
numa capela vil, desconhecida,
entre o cordão das árvores perdida.
Em tanto, outrora, ao largo das campinas
vinham correndo as turbas peregrinas
também trazer-me bênçãos e oblações...

A CRUZ

Reinava então a paz nos corações,
e eu, que a via do céu lhes apontava,
os bálsamos da fé lhes instilava
e lhes abria a linha dos meus braços...
mas veio o raio, e fê-los estilhaços!

A PORTA

Esta carcoma da melancolia
vai-me corroendo aos poucos, dia a dia.

A CRUZ

Sou vil madeiro: e nisto se reduz
o destino misérrimo da cruz!

O PEQUENO SINO

Das minhas vozes às toadas
metálicas, argentinas,
ficavam de luz coalhadas
as planícies e as campinas.

Eu tinha o indizível dom
de fazer brotar a aurora
entre as cascatas do som
da minha torre sonora;

o éter lícido vibrando,
toda esta ermida vibrava,
e dos pássaros o bando
pela manhã despertava.

Devera ser belo ver-me
pendente de sob a trave,
pequenino como um verme,
como um passaro suave.

Que saudade me lacera
daquelas tardes serenas
em que ria a primavera
na boca das açucenas!

E tristemente, entretanto,
fendido, imprestável, só,
eis-me abandonado a um canto,
meio enterrado no pó!

O CRUCIFIXO

Eu fui o casto e pálido rabino
de Getsêmani e de Genesaré.
Tinha na chama astral do olhar divino
todas unções balsâmicas da fé.

Entregue às árduas lides da ciência
e à anatomia interna das paixões,
Eu consumi maior parte da existência
nas romarias e meditações.

Como um vidente ou como iluminado,
entre as remotas gentes eu passava,
e ao meu destino empírico e sagrado
as multidões e as tribos exortava;

tinha na voz as atrações do amor,
e um amorável riso de bondade;
a minha fronte austera em derredor
irradiava uma ignota claridade.

Não sei que luz brilhava em meu semblante
e, estrelejando o meu olhar, sorria
numa expansão olímpica e radiante,
mista de sombra e de melancolia.

Entre os salgueiros bíblicos passeando
a vacilante túnica talar,
eu me deixava, a sós, monologando
desde o deitar-se até o sol raiar;

vinham correndo os búfalos suarentos
e a passo frouxo os tardos dromedários;
um albornoz os píncaros nevoento
cobria, à tarde, aos montes solitários;

contemplando a paisagem cismadora,
sentindo o aroma erótico das rosas,
subjugava-me a fronte sonhadora
a poesia harmônica das coisas:

eu tinha, então, palavras soberanas
e as explosões patéticas mais ternas,
e aos pegureiros e às samaritanas
eu perorava à boca das cisternas;

minha atitude augusta de Messias
– o rosto aberto, o meu olhar sereno –
mais consagrava as minhas profecias,
mais endeusava o grave nazareno.

E foi assim que me fiz deus, e rei
dos desgraçados povos da Judeia.
Sobre os destroços de Moisés plantei
a nova e rubra flâmula da Ideia.

Aos pés o mundo inteiro prosternou-se
do grande deus católico romano,
e a sua ideia universal tornou-se,
tornou-se um norte ao pensamento humano!

Hoje – aí de mim! – todo o passado é morto:
o meu triunfo efêmero não dura...
E eis-me outra vez, como Jesus no Horto,
bebendo, à noite, o cálix da amargura!

O PÚLPITO

Ninguém nos ouve, e vós vos lamentais!
Por que queixar-vos, e por que chorais!³
Neste funéreo e tácito recinto
desfez-se tudo, tudo jaz extinto,

para que as vossas dores externeis.
Inutilmente vos lamentareis,
pois que esse fundo e antigo sofrimento
só acha um eco no meu desalento.
Lágrimas? Não as verto. Nem eu choro
nem meu destino aspérrimo deploro;
e bem sabeis que eu deplorar devera
a amiga voz que esta capela enchera
de luz, de vida, de fulgor, de som...

3  Do original não consta ponto de interrogação. [N. do O.]

○ ALTAR

Era um tribuno encanecido e bom
que às multidões atentas declamava.

○ PÚLPITO

Pois bem: em vez daquele que animava
Este recinto – irônica heresia! –
a estrige horrenda unicamente pia!

○ ALTAR

Que importa, pois, que aqui nos lamentemos?

À ERMIDA

Calai-vos, pois.

À CRUZ

Calemos, pois.

○ PÚLPITO

Calemos

*

* *

Em sombra imerso o púlpito calou-se.
 Tristeza tumular de frias lousas!
 Como é sombria, como é grande e doce
 essa mudez nostálgica das coisas!

*

* *


Fóra, entretanto, o bosque embalsamado
 desperta à luz da esplendida manhã,
 e as andorinhas cantam no telhado
 numa alegria herética e pagã...

O LOUCO DO EREMITÓRIO⁴

(Ao Dr. Augusto de Lima)

E pelo velho cemitério errando
 via-se um monge assim monologando:

Sim... É aqui a tumba em que repousa
 o seu formoso corpo de donzela.
 Sob esta fria e consternada lousa,
 eis a morada derradeira dela...
 Porém, meu pobre coração, detém-te!
 Eis-te de novo sufocado em pranto.
 Sob um burel de monge indiferente
 nenhuma dor jamais punziu-me tanto!

4  *Idem*, pp. 51-8.

Na minha cela estreita sepultado,
à luz sinistra e pálida de um círio,
em vão tenho sofrido e em vão tentado
o suicídio lento do martírio:
esta lembrança eterna me acompanha,
como uma sombra, a sombra de meus passos,
e embalde busco essa visão estranha
nesta ansiedade extrema de meus braços!

Como era meiga aquela que eu amava
e que ora dorme nesta sepultura!
Era-lhe a voz, quando ela me falava
mais do que as aves maviosa e pura.
Tinha na trama densa dos cabelos
um régio manto refulgente e louro
que lhe tombava em trêmulos novelos
numa formosa catadupa de ouro.

Como as Madonas louras, ela tinha
no seu semblante angélico e magoado
a graça senhoril de uma rainha
e o casto olhar das noivas sem pecado:
não sei que luz divina a iluminasse,
para que mais celeste parecesse
com a rubra flor que lhe incendia a face
e que na puberdade refloresce.

Cheia de graça e cheia de meiguice,
era sensível, amorosa e doce;
nem sei que tela alguma possuísse
forma ideal que tão etérea fosse.

Eu adorava-a; e muita vez beijando
a sua mão patrícia e delicada,
via-a sorrindo e súbito chorando,
a branca face em lágrimas banhada.

– “Por que é que choras – lhe dizia – louca?
E redobrava de carícia e afago,
e lhe dizia o que me vinha à boca,
mas presa de um pressentimento vago.
Esta cruel catástrofe terrível,
meu pobre coração, tu pressentias
num doloroso pranto inexprimível
de repentinas lágrimas sombrias.

Morta! Morta! Parece vê-la ainda
como uma triste sombra merencória,
tendo no rosto uma tristeza infinda,
tendo no corpo a rigidez marmórea.
Não sobrevive o pobre coração
a este medonho e horrível cataclismo,
e bruxoleia o facho da razão
na noite intensa do atro Ceticismo.

Do berço arrebatada à catacumba,
precipitadamente a vida humana
tomba da boca hiante de uma tumba
no pesadelo eterno do Nirvana.
Pela nossa alma adormecida, à noite,
os sonhos passam como nebulosas;
o teu sono final, porém, deixou-te
somentemente, oh tumba, as noites tenebrosas!

Foram decerto esses teus restos pulcros,
e agora eu tremo e me apavoro ao vê-los:
A digestão do Ventre dos sepulcros
faz-se de sombras e de pesadelos...
Dolorosa irrisão: o nada – eis tudo!
E desta que adorei linda mulher
não deixa o abismo solitário e mudo
nem um vestígio ou pegada sequer!

Na subterrânea química funérea
foge nossa alma volatilizada
abandonando os restos da matéria
às solidões intérminas do Nada...
Alma?! Mentira! É falso o gozo eterno.
O coração humano embalde pede-o.
A razão nos repele esse superno
de uma outra vida inexorável tédio!

E muita vez eu tenho em vão tentado
beber a luz nos cálices da fé
que no sabor e travo envenenado
como esses vinhos capitosos é;
apenas ela, em nós avigorando,
nos estiola a flor dos corações;
e faz da crença um bálsamo execrando,
e mais atrozes as desilusões.

Mente a razão, e mentem-me os sentidos?
 Obcecação fatal a que resisto
 nos meus esforços vão sempre iludidos!
 – Mas porventura vivo ou acaso existo?
 Se sou ou se não sou, enfim, que importa?
 Sinto-me quase em átomos disperso.
 Já nem existo: a minha noiva é morta:
 – acabou-se o Universo!

(O eremita continua a falar mentalmente. As trevas da noite se acentuam. Ouvem-se doze pancadas em uma igreja próxima)

Meia noite! É deserto o eremitório...
 Tenho febre, e me sinto enrejelado...
 O céu caliginoso é um mortuório
 de palpitanes círios constelado:

Este lugar tão ermo e solitário
 mete-me na alma um doce refrigério.
 Este silêncio! é pois extraordinário
 Onde estou? Nem no sei... O cemitério!

(O vento esfuzia nos chorões; um relâmpago risca o espaço; começa o delírio clássico)

Horrendamente a minha voz retumba.
 Oh! que pavor! O vento ulula: neva...
 Lança um fulgor sinistro aquela tumba.
 Como que alguém tateia pela treva...

Projeta-se um clarão fosforescente
sobre um montão de tábidos destroços,
e se desvenda à luz promiscuamente
a nudez esquelética dos ossos!

Eis-me a tremer. Mas não é frio: é medo.
O coração mais célere palpita...
Ronca o vento através deste arvoredado
numa funérea cólera infinita!

Estes ciprestes! Como são sombrios
estes ciprestes! Julga-se na baça
espessura de vultos tão esguios
um gesto hostil de tácita ameaça.

A funda paz tetérrima das lousas
tem um mesto e febril recolhimento
com que conspiram as estranhas cousas
que andam carpindo pela voz do vento.

Sob os ferais sarcófagos medonhos
tudo sepulto tristemente jaz
nesse silêncio dos primeiros sonhos
das decomposições e seivas más;

O sangue forte das germinações
lateja nas artérias das alfombras,
assimilando as negras podridões
onde os reptis deslizam pelas sombras,

como febris tentáculos da morte
– polvo das vidas ávido... Porém,
ouço talvez com um rumor mais forte...
A tais desoras, quem seria? Quem?!

Somente a voz do vento atoa o espaço.
Do céu feroz na horrenda catadura,
da mal desperta estrela o brilho escasso,
frouxo, desmaia na infinita altura.

Estou a delirar! Enganar-me-ia?
Oh! não! Vejo-os agora, e agora ao vê-los,
sinto que a minha carne se arrepia
e que se me arrepiam os cabelos!

Mas esta agitação
é talvez a loucura.
Fatal obcecação!
No crânio tenho a noite, e a mente, escura.

Eu raciocino? eu sonho? eu sinto? eu penso?
Não sei. Debalde insisto:
Cerca-me um atro nevoeiro denso
ao redor de tudo isto.

Os olhos abro, e mais e mais dilato-os.
Não me iludia; vejo-os
entre clarões e lívidos lampejos
dos móveis fogos fátuos!

Abrem-se as covas com fragor medonho!

As larvas vaporosas
agitam-se nas tumbas tenebrosas,
como as visões fantásticas de um sonho;

levanta-se de chofre,
e agitam-se em tropel,
deixando pelas campas um cruel
clarão letal de pestilento enxofre

Sob os sudários lúgubres destroços
trazem das atrás trevas,
como as múmias primevas
dentro da pele chocalhando os ossos!

As órbitas vazias
dos crânios hirtos, lívidos e nus
circunvagam sem luz,
extintas e sombrias.

Multiplicando os desmedidos passos
sonoros para a frente,
estendem-me a sorrir os longos braços
ameaçadoramente!

E dançam em coreia, por seu turno,
um *sabbat* infernal
num grave ritmo anômalo e soturno,
fúnebre e maquinal!

Este, que avança, irônico duende,
que os bruscos gestos trunca,
por que os braços me estende,
por que me estende a fina mão adunca?

Ela! Que vejo? A minha bem amada,
minha esperança, meu desejo, minha
noiva querida, pálida e magoada,
feito uma larva... Asinha!

Ris-te negro avantesma!
O teu riso satânico apavora!
Certo não és a mesma
que eu adorei outrora!

Oh! vai-te! Eu te detesto!
e de nojo me afasto!
O teu olhar é lúgubre e funesto,
esse teu riso é fúnebre e nefasto!

Porém, por que me tocas
esse teu seio lúbrico e nojento?
Maldição, maldição! tu me sufocas
neste atroz e fatal estreitamento!

Se ainda me restasse algum socorro...
Não me arrastes à tua sepultura!
Mas esta escuridão imensa. Eu morro...
Não é a febre porém: — é a Loucura!...”

Ao despontar do dia
sobre a tumba jazia
do eremitório o monge solitário.
Tinha no olhar um brilho extraordinário
e a fixidez idiota
que dos loucos se nota
no desvairado esgar:
espalmava-lhe o rosto um riso alvar
de um inconsciente:
Estava louco – louco inteiramente.

❧ EVANGELHOS
(1893)

PAGÃS⁵

I

Ei-la que vem surgindo, a passo e a medo,
dentre os claros da víride espessura.
Em derredor murmura-lhe o arvoredo,
e todo o bosque em derredor murmura.

Há risos n'água, e vozes no silvedo.
Há frêmitos da luz e da verdura,
gorjeios de aves, trilos do folheto,
ruflos de asas e beijos pela altura.

Tudo a persegue na cruel revoada
que a selva toda vai acompanhando
na estólida explosão de uma assuada.

Ela tropeça e foge. E a luz valsando
Após, desata, enfim numa risada
de ouro, as pequenas pegadas beijando.

II

A linfa treme. A luz a espreita, e ri-se
por entre os ralos crivos da folhagem;
e o bosque em torno, como se despisse,
cala-se ante o esplendor de sua imagem.

Ei-la erguendo-se a prumo da roupagem
enovelada aos pés. À superfície
d'água percorre, à tépida passagem
da ninfa, um longo arrufo de meiguice.

Nesse contato delicioso e breve
a linfa polpa beija-lhe do seio
e a carne rija, exuberante e bela...

Sus! E de chofre a ninfa se deteve,
vendo – que doce e clamoroso anseio! –
a água a beijá-la e a luz a rir-se dela.

III

Ei-la que treme agora de pudica,
presa de raiva e de receios presa,
por ver zombada a escultural pureza
de sua alva nudez que a mortifica.

Entre raivosa e despeitada fica,
sentindo a face em lágrimas acesa,
até que viu, atônita a surpresa,
o alegre Pã lascivo que a suplica.

Há um terror crescente e manifesto
no seu olhar de antílope: indeciso
fica-lhe em meio o reprimido gesto.

Entanto, feio e súplice, a namora
o deus jovial, mas ei-la, de improviso,
está fugindo pelo bosque afora.

IV

Moitas, arroios, matagais, a esperto
passo, transpõe na rápida carreira
a ninfa esquiva; e prófuga aligeira
a derrota fugaz de rumo incerto.

O deus, porém, do pânico desperto,
vara de um salto à próxima clareira,
e a garra estende cúpida e grosseira
à presa que persegue e já tem perto.

– Apre! – E o bruto afinal pôde alcançá-la
pela esvelta cintura. A fugitiva
em vão depreca e chora; e exclama e fala

em vão! tomado de lasciva louca,
o deus sagaz consegue à ninfa esquiva
beijar a rubra e pequenina boca.

SOBRE UM AJOUJO DE BALSAS⁶

A AZEVEDO JÚNIOR

Amplo, profundo, túrgido, sombrio
— ora estreitando, ora apartando mais
o leito — desce o caudaloso rio...
desce por entre os trêmulos juncais.

No calmo espelho cristalino e frio
aberto ao sol e às pompas tropicais,
de um verdejante e longo renque esguio
miram-se as palmas dos buritizais.

Na praia abstrusa, modorrando à toa,
indiferente e formidanda, a boa
dorme do sol ao rútilo clarão.

E sobre a abrupta penedia bronca
ronca a pantera, e a catadupa ronca,
abalando o vastíssimo sertão.

⁶ ∞ *Idem*, pág. 71.

NO ALTO S. FRANCISCO⁷

A FIGUEIREDO PIMENTEL

Ao sabor da corrente, em que se afoga
da balsa a popa errática, descemos,
enquanto o rio espuma e a quilha joga
ao compasso monótono dos remos.

Sobre a frágil e intrépida piroga
a caudalosa aluvião vencemos;
e a vista incerta pelas praias voga,
perdida à toa nos painéis extremos

Mas, à boca da noite, enfim, por tudo
o silêncio se espraia. O rio é mudo...
Somente oscila a plácida canoa.

E enquanto cai a noite e a luz declina,
de chofre, a grave e côncava buzina,
surda e roufenha, pelo vale ecoa...

⁷  *Idem*, pág. 77.

RETICÊNCIA TRÁGICA⁸

Próxima à velha mata abandonada e triste
ao pé da encruzilhada,
uma antiga ruína aos temporais resiste,
mesta e desabitada.

As verdes explosões dos líquens e das heras,
alastrando as paredes,
embalam dos festões, à luz das primaveras,
as viridentes redes.

Raio de meigo sol compadecido e escasso,
da vivenda mesquinha,
deixa, no atro recesso, um lânguido mormaço
à boca da noitinha.

Mal assombrada e triste, a inválida ruína,
ulcerada de fendas
soluça, sob a noite, ao longo da campina,
imprecações tremendas.

Há uma historia má, tetérrima e funesta
neste montão de escombros;
e o povo sonhador de pânicos lhe empresta
uma vida de assombros.

⁸  *Idem*, pág. 81.

Epílogo cruel de atroz reminiscência,
uma cruz mutilada
põe da lenda fatal a vaga reticência
ao pé da encruzilhada...

IMPASSÍVEL⁹

Ainda que a dura e acerba dor sofrendo
e muito embora o amargo fel provando,
raro vereis o pranto meu correndo,
raro vereis meu coração pulsando.

Porque das desventuras me defendo,
odes, versos e rimas burilando,
e todo o fel do meu pesar vertendo
nas estrofes que vivo entressachando.

“Zomba talvez!” direis, “Falta-lhe o senso!”
porque pensais de modo bem diverso,
porém, daquele por que falo e penso.

Sabei que a Dor é um animal perverso
que eu domestico, que eu subjugo e venço,
soando o rude cálamdo do Verso.

⁹  *Idem*, pág. 89.

LUTA¹⁰

A L. CASSIANO JUNIOR

Fugiu-me a doudejante e alegre fantasia!
Embalde exerço a pena e ao tédio meu resisto!
Foi-se-me a inspiração, decerto... E todavia
neste aturado afã de produzir insisto!

Sai-me indômito e mau sobre o papel malquisto
o metro burilado e dócil que escandia.
Tolhe-me um desalento estúpido e imprevisto
esta pena que range a revel ironia!

Mas, subjugando a ideia à forma, a venço e tomo
de novo. E volto ao fim. Do fim para o começo
ando... Trabalho vão! Vã tentativa! Como

me sinto estéril, fraco ! E como me aborreço!
em vendo uma outra vez o verso ao metro avesso,
a rima que me escapa e a idea que eu não domo!

10 ∞ *Idem*, pág. 95.


PORÉM...^{II}

...Porém direis “É pérfido o sorriso
que nesse lábio contrafeito esvoaça;
há muito fel decerto nessa taça
que afetas esgotar com alegre riso.”

E, pois, julgais que a máscara improviso,
por que a túnica envergue da chalaça,
histrião boçal, e cachinando façás
da rima álaçre tilintar o guizo!

Seria parvo e singular desplante,
farsa cruel e estúpida serial...
Por que estranhais que a juventude cante

(se o canto é próprio até da juventude!)
e sonhe e exulte e se enterneca e ria
na pletora da força e da saúde?!

II  *Idem*, pp. 135-9.

DE LONGE¹²

E foi depois de tanto mal passado,
sem que ainda o amargo fel provado houvesse,
que sei que o gozo tanto mais buscado,
tanto mais caro – mais nos apetece.

Argonautas, que vão-se ao celebrado
Cipango onde o áureo vélo resplandece,
somos: o gozo de maior agrado
é sempre o que de esforços mais carece.


Agora que a distância nos separa,
hoje que nos separa o exílio austero,
mais querida te tornas e mais cara.

E eu que as perdidas forças retempero,
quanto mais longe fores e mais rara,
mais te apeteço, mais te almejo e quero!

12 ∞ *Idem*, pág. 117.

BODAS CELESTES¹³

Noite tranquila e silenciosa. Esplende,
ao longe, a luz da próxima alvorada.
Da via-láctea sobre o céu resplende
a chamejante túnica estrelada.
A terra os sonhos mórbidos tressua
e as seivas fortes pelo campo flóreo.
Dançam estrelas pelo espaço. A lua
deslumbra os lagos num clarão marmóreo.
Envolta em véus e gases, a neblina
touca as nevoentas grimpas da montanha.
Jaz silencioso o cavo mar. Domina
terra inteira uma harmonia estranha.
Nem o rumor mais leve! O bosque dorme
sob a perene irradiação noturna;
há nas florestas um silêncio enorme,
o vento cala a rude voz soturna:
só virentes árvores frondosas
avançam sobre as tímidas alfombras,
nas clareiras da selvas nemorosas,
a projeção fantástica das sombras.
E sob o calmo e largo firmamento,
das estrelas aos místicos fulgores,
paira o Silêncio, asas abrindo ao vento,
no sono excelso e vago dos condores.
Torvo, plúmbeo, glacial, em tudo impera.
Embora! a voz eterna, pois, se exala;

13  *Idem*, pp. 135-9.

e do silêncio na mudez austera
eterna a voz da natureza fala!
À luz radial dos astros impassíveis
flutuam pela solidão etérea
as formidandas vozes indizíveis
que povoam o sono da matéria,
como um clamor de trépidos afagos,
de crebros beijos e de etéreos ninhos...
Treme o cristal puríssimo dos lagos.
Riem flores à beira dos caminhos.
No silêncio da noite alguém desliza
das áureas messes pela ondeante face,
como se o ruflo matinal da brisa
as orvalhadas flores agitasse.
Um ninho acorda; agita-se o arvoredor
da viração ao módulo bafejo;
uma harpa soa pelo bosque a medo,
o vento ensaia o seu primeiro harpejo.
Dentre a purpúrea concha do nascente,
de róseos tons e claros véus coberta,
avança a madrugada transparente
sobre a janela do horizonte, aberta.
Uma fanfarra, súbito, reboa,
de claros trilos aurorais sonora,
e pela selva adormecida ecoa,
crebra, a risada olímpica da aurora.
O mar estua. A selva rumoreja
Golfam da gruta as cristalinas fontes.
A luz nascente e matinal flameja
atrás dos altos píncaros dos montes.

Nas orgias do aroma a flor acorda.
 A luz cintila pelo orvalho asperso.
 Liras despertam ecos, corda a corda.
 Canta a harmonia o seu primeiro verso...
 No céu sereno, entanto, a derradeira
 estreita fecha as pálpebras, sonhando;
 a via-láctea vai, qual uma esteira
 de luz desfeita, aos poucos desmaiando.
 E vai-se a noite. Pelo bosque intensa
 a luz penetra pouco a pouco. E em roda
 a natureza, em harmonia imensa,
 toda desperta, estremecendo toda.

II

○ LUAR *adormecendo*

O bosque está sonhando.

○ BOSQUE *despertando*

A luz, surgindo,
 desliza à flor da resplendente seara,

○ GATURAMO

Vai o céu das estrelas se despindo
 e toda a linha do horizonte aclara.

○ LOTO

Febril, velando pela noite afora,
 entanto, avança a sideral orgia.

○ BOSQUE

Arde no oriente a púrpura da aurora.

○ LAGO

Vai, pouco a pouco, despertar o dia.

O LUAR

Envolvidas nas túnicas flutuantes,
nas clâmides de luz ideais e belas,
das danças nas coreias delirantes.
giram no espaço as pálidas estrelas.

O LOTO

Trazem flores de neve nos toucados,
áureos festões e lúcidos diademas
e sapatinhos de coral, ornados
de celestiais e cintilantes gemas.

VÊNUS

Quem entra o céu? Que agitação é esta
que cuida ouvir nos côncavos profundos?
Que bacanal ou portentosa festa
os sóis e os planetários mundos?
Que novo sol oriundo do horizonte
vem receber o lícido batismo
da via-láctea na sidérea fonte
que catadupa pelo excelso abismo?

III

ARCTURUS

Vamos, ó flor! Levanta-te e caminha.
O dia já desponta. É tarde. Vamos!
vamos, esposa minha, estrela minha,
sonhar no ocaso o mito que sonhamos:
porque é o ocaso o leito perfumado,

onde os sonhos dos noivos venturosos
tecem um nebuloso cortinado,
estrelado de pontos luminosos.
Sob a tenda do pálido Crescente
vem repousar no tálamo de prata:
ama o desejo a sombra transparente,
onde o pudor das almas se recata.
Bela princesa, vem ouvir comigo
a sinfonia harmônica dos beijos,
vem pôr da bruma sob o opaco abrigo
os meus desejos mais os teus desejos...
Louca! Não chores! Que loucura a tua!
Quem poderia te espreitar no leito,
ver-te a garganta inteiramente nua
e nu teu corpo olímpico e perfeito?
Deixa que eu tire o véu dessa cabeça
onde escorrem translúcidos novelos,
e que teu corpo nu desapareça
no turbilhão astral de teus cabelos:
deixa que brilhe ao meu olhar surpreso
o róseo tom da pele branca e fresca,
e que de assombro religioso preso,
beije essa mão etérea e principesca:
deixe que eu tire aos lácteos pés pequenos
dous sapatinhos que uma estrela calça:
Vendo-os teria um dissabor a Vênus
que o paganismo nesciamente exalça...
Queima-me as veias da volúpia a chama:
a minha boca de desejos arde...
Bem vês a lava que meu peito inflama,

ao rude tom da minha vós covarde!
Deixa que eu goze meu febril anelo
nas curvas dóceis dessa carne pura,
ó tu, ventura de meu sonho belo!
ó tu, meu belo sonho de ventura!
Ó minha flor! já canta a luz do dia...
O nosso afeto, o nosso amor gozemos,
e neste sonho pela fantasia,
como num barco pelo azul voguemos.

IV

Desde essa noite, quando há casamento
do Luar no palácio de cristal,
dançam estrelas pelo firmamento,
nas coreias do Ritmo Universal.

 QUERMESSES
(1896)

II – A MÚMIA DO CACIQUE¹⁴

Naquele vaso fúnebre de argila
é que o feroz guerreiro, audaz outrora,
valente e altivo – encarquilhado agora,
na paz da morte aos poucos se aniquila.

Do extinto lume aceso na pupila
foi-se-lhe a vida; inanimado embora,
o seu olhar a solidão devora
numa explosão de cólera tranquila.

Jazem-lhe aos pés os seus troféus. Grosseiro
cocar de plumas marca-lhe o compasso
do rude canto bárbaro e guerreiro.

Rija a cerviz apruma-se arrogante,
como ainda outrora no combate, e o braço
a clava empunha, válido e possante.

IV – MANITÓS DA TAPERA¹⁵

Do antigo bosque na mudez austera,
longe das sanhas das paixões, da insana
guerra e dos uivos da fereza humana,
jaz solitária a fúnebre tapera.

14 ∞ *Idem*, pág. 145.

15 ∞ *Idem*, pág. 149.


Perto um arroio sob os festões de hera
desliza a medo, e junto à fonte a liana,
o junco, o lírio agreste e a agreste cana
viridecem ao sol da primavera.

Mas o silêncio fúnebre e pressago
da solidão inóspita apavora:
Há na floresta como um sono vago;

a linfa para; quedam-se as folhagens;
e pelos robles da floresta afora
rondam na sombra os manitós selvagens.

V – MORTE DE ITA¹⁶

Ita, o guerreiro, é velho e silencioso.
Seu cavo olhar nostálgico e nuvioso
se extingue à flor da mádida pupila;
verga-se-lhe o tronco; aos poucos se aniquila
o seu vigor antigo; inerte e lasso
pende-lhe exangue o musculoso braço
que agora a frecha alígera atormenta.
Na brônzea face cava e macilenta
os longos anos rápidos traçaram
sulcos que as dores mais aprofundaram.
Da basta cabeleira a neve espessa
lhe envolve o peito, cinge-lhe a cabeça,

16  *Idem*, pp. 151-3.

e até a ilharga e aos vigorosos flancos
tombam anéis de seus cabelos brancos.
Ante os seus olhos da passada glória,
como clarão, iluminou-se a história.
Como era bela! Ao despontar do dia,
que estranha luz, que música alegria
iluminava o claro céu profundo!
Que canto enchia harmônico e jucundo
do firmamento a côncava redoma!
Que linda cor, que penetrante aroma
andavam céu e bosque eterizando!
Que estranhos sons de pássaros o bando
clarinizava na soturna brenha,
onde da inúbia a bronca voz roufenha
chamava as tribos aos afãs da guerra!
Uivava a grita; estremecia a terra;
setas fugiam pelo espaço afora;
e a sua maça rápida e sonora
ia lançando a morte, o horror, o espanto
sobre o inimigo apavorado, enquanto
rouco o clamor do maracá tremendo
ia mais vasto e rábido crescendo!
Mas, ó visões dos dias já passados,
por que acendeis-me os olhos apagados
a ler da vida os pérfidos arcanos?
Por que trazeis-me dos primeiros anos
a carinhosa e desbotada imagem?
Por que mostrais-me a pérfida miragem
que um frágil sopro apenas desvanece?
Nesta alma êxul e fria não floresce

mais a roseira da ilusão fugace.
Tudo se obumbra, apaga-se, desfaz-se
junto ao silêncio da decrepitude.

Cala-te, pois, ó voz da juventude!

A noite clara estende-se infinita
no calmo céu. As tribos dormem. Ita,
o ancião, ascende aos flancos da montanha.
Há nos seus olhos uma luz estranha.
A passo tardo e trôpego caminha.
Em derredor das nuvens se avizinha
o pico excelso. Ao longe, sobre um monte
a aurora rasga as linhas do horizonte.
Ressoa já um arrulhante harpejo,
como o rumor dulcíssimo de um beijo.
O céu se aclara num rubor suave,
tingindo um bosque e despertando uma ave;
e a luz do dia sobre o azul suspensa
golfa, afinal, numa explosão imensa.
Sentindo, entanto, avizinhar-se a morte,
ele, o guerreiro, o valoroso, o forte,
a quem jamais os golpes abateram,
e que os anos impávidos venceram
– Ita, voltado para a luz do Oriente,
morre serena e majestosamente,
como um condor de luz extasiado,
no pedestal da cúspide pousado.

X – RONDA DOS ESPECTROS¹⁷

Ó tu que vás ao declinar do dia
pela deserta e solitária estrada,
a noite desce próspera e esfuzia
na brenha a voz da frígida nortada!

Junto à escarpada cúspide sombria
do árido monte, ao pé da encruzilhada,
sobre uma cova legendária e fria,
há uma cruz fendida e mutilada.

Diz-se que em noites de amavio, quando,
às horas mortas, a erma selva acusa
choros pressagos de um clamor nefando,

rondam espectros pela mata escusa,
luz do luar sonâmbulo, valsando
na solidão da brenha circunfusa!

XI – O ACAMPAMENTO¹⁸

De noite a sombra silenciosa e estranha,
como um abutre, pouso da montanha
na tenebrosa cúspide escarpada.
No céu sequer a pálpebra dourada

17  *Idem*, pág. 163.

18  *Idem*, pág. 165.

de um astro vela. Pelo azul somente
a lua escorre silenciosamente
a sua vaga e morna claridade.
Do estranho sítio a mesta soledade
mais se avoluma à triste luz sombria
da lua em funeral. Uma agonia
vasta e silente em roda. Ao longe bronca,
na escarpa, a voz da ventania ronca,
e o cavo mar ressona vigoroso
numa ereção torácica de gozo.
E pela noite adiante quando a treva
mais se condensa, súbito se eleva
sobre a montanha uma esplendente flama.
O formidável píncaro se inflama,
arde abrasado e lume reverbera.
Da chama o largo vômito prospera
pelo arredor trevoso, despertando
das brutas feras o tranquilo bando.
Arde a cratera acesa, e o vasto lume
abrsa o vale o alcantilado cume
e da montanha a gigantesca sombra,
imensa e vasta, avança pela alfombra.
E, enquanto dorme em torno da fogue
a errante tribo nômade e guerreira,
rugem as feras nas esconsas furnas,
apostrofando às virações noturnas.


*MUGITUSQUE BOUM*¹⁹

Placidamente, ao declinar do dia,
sobre a tristeza lírica dos prados
a noite desce murmurante e fria,
dos solitários montes escarpados.

Tudo repousa. E na mudez sombria,
na solidão dos ermos descampados,
aqui e além, estende-se à porfia
os grandes bois pacíficos deitados.

Nos ternos olhos mansos e piedosos
se abismam sonhos do luar dormente
a paz dos vastos campos silenciosos.

A noite desce. E todos lentamente,
graves, solenes, amplos, majestosos,
mugem pausada e prolongadamente.

19  *Idem*, pág. 173.

ÉGLOGA²⁰

A ARTHUR AZEVEDO

I


Aqui, fugindo à estiva calma ardente,
à sombra deste plátano te abrigas;
aqui marulha a tímida corrente
onde do sol molesto a luz mitigas.

Já que ruma o teu rebanho, vamos
cantar as coisas gratas aos pastores:
— os velhos robles, os frondosos ramos,
o prado, os bosques, os vergéis e as flores.

II

Se a minha voz acaso te deleita,
invocarei a tímida Camena
que a lira pulsa e ao lábio meu ajeita
a agreste canoa de sonora avena.

Eu cantarei da bela Lídia esquiva
— esquiva e fera — a divinal beleza;
bela qual Vênus imortal e altiva
fera da Líbia na cruel fereza.

20  *Idem*, pp. 175-7.

I

Doce pastor, o teu pesar modera,
para que possas antes deleitar-me.
Pela dos ventos vesperais tempera
sonora a voz do teu sonoro carme.


Pois se a que adoras é ingrata e astuta
e insensível a todos os pesares,
por que te queixes, nem sequer te escuta,
não te escutando por que te queixares?

II

Aonde vos levam os fatais enganos
da juventude, ó louca mocidade.²¹
Tanto mais doem n'alma os desenganos,
mais nos apraz curtir esta saudade!

Como a efusão da lágrima a tortura
à dor desfaz, que punge e que escrucia,
assim falar da própria desventura
mais nos consola, mais nos alivia.

Se acaso um Fado ou fementido Nume
de uma paixão ferir-me tão funesta,
não logrará tirar-me um só queixume
desses que o tom do teu pesar te empresta.

21  Ver nota 3. [N. do O.]

Já que abandona a desdenhosa Lídia
o teu amor solícito à facécia,
que nos festins o teu desprezo olvide-a,
noutra aventura mais feliz esquece-a.

II


Ingênuo e fátuo! Como hei de esquecer-la
e aos seus encantos e tesouros raros
— dia mais bela do que as Graças — ela
uma epopeia olímpica de Paros?

Ela que tem a forma junoniana
da bela deusa altiva e enamorada,
e que tão bela quanto desumana
dir-se-ia ser no mármore talhada!

I²²

Quando te exaltas em querê-la, e quanta
magia empregas para assim pintá-la!
A tua voz apaixonada encanta,
encanta o ouvido o som da tua fala.

Recebe, pois, em honra do teu canto
sonoro e terno esta dourada taça
e cíprio mosto cheia. Esgota-a, enquanto
o sol declina e a calma estiva passa.

22  Assim está no original. [N. do O.]

DUO²³


Erro, buscando, cego embora,
a branca luz da madrugada.
A noite eu sou; tu és a aurora,
amada.

Sonhos da noite estrelada,
sonhos de amor;
canções da cor da alvorada,
canções de amor!

Ai, que tristeza, ai, que tormento!
Tenho na treva a alma perdida.
É teu olhar meu firmamento,
querida.

Astros da noite estrelada
de seu olhar
dai-me a esmola constelada
de seu olhar.

Morro de frio e de cansaço
Oh! noite fria e tenebrosa!
Dá-me o calor de teu regaço,
formosa.

23  *Idem*, pp. 189-90.

Dá-me essa noite estrelada
do sonho teu;
estende-me a asa dourada
do beijo teu.

Amada, vem. A luz do dia
não tarda a rir nas leiras... Arde
meu peito... Canta a cotovia.
É tarde!

É tarde! A noite estrelada
desce do céu.
Há uma boda encantada,
além, no céu

Amada, vem. Do céu nuvioso
a noite vai-se. A aurora esplende:
seu grande beijo luminoso
resplende.

Vem sob a noite estrelada,
querida. Vem
à janela enluarada.
Desperta e vem!

ATRAVÉS DA FLORESTA²⁴


Atra noite outonal. Como feroz lamento,
através da folhagem,
corta o silêncio a voz aspérrima do vento
indômita e selvagem.

Cresce o estranho furor da regida nortada,
e todo o bosque umbroso
agita-se a tremer sob a luz argentada
do almo luar nuvíoso.

E adormece o luar na tristeza infinita
da solidão nefária,
E pelo bosque umbroso abre-se a branca fita
da estrada solidária.

De súbito um tropel ressoa sobre o tope
de uma escarpa distante,
e um cavaleiro avança a rápido galope
pela floresta adiante.

Traz erguida a viseira e de um penacho branco
se adorna o capacete;
pendente do talim cimitarra o flanco
castiga do ginete.

24  *Idem*, pp. 197-8.

E através da floresta e da negra espessura,
polido e reluzente,
brilha o frio metal da rígida armadura
vertiginosamente.

Rebrama a voz do vento aspérrima e funesta
e galopando passa
pela estrada silente, através da floresta,
fantástica a couraça.


Cessa do vento a voz e treme o roble antigo
e clama o bosque inteiro:
–“Aonde vás, aonde vás, alucinado amigo,
sinistro cavaleiro?”

CHAPELIM VERMELHO²⁵

Chapelim Vermelho, cabazinho cheio,
aonde vás agora, sem nenhum receio,
quase noite, aos montes, indefesa e só?

– Vou levar toucados cor dos alvos linhos,
vou levar regalos, vou levar carinhos,
vou levar recados para minha avó.

Chapelim Vermelho, atende que há bruxedos
perto da floresta, perto dos rochedos,
onde jaz um morto junto de uma cruz.

25  *Idem*, pp. 209-10.

– Não receio as bruxas nem aos seus encantos,
não receio os mortos nem aos seus quebrantos,
não receio o lenho em que floriu Jesus.

Chapelim Vermelho, jazem entre as heras
venenosas serpes, há no bosque as feras,
há bulhões à noite mais o furacão,

– Dentro do regaço trago um relicário,
tenho um amavio tão extraordinário,
que não fujo às feras, nem as temo, não!

Chapelim Vermelho, Chapelim Vermelho!
Pequenina louca, atende ao meu conselho
A tardinha vai se desmaiando já.

– Não embargam crentes esses teus temores,
Que me importa a noite mais os seus horrores,
se minha avozinha tão doente está?

Chapelim Vermelho pela estrada afora,
Chapelim Vermelho lá se vai agora,
tão ligeira e alegre como um rouxinol.

Quando chega à casa da avozinha doente,
noite já fechada – como está contente! –
nem um raio de ouro! Já se pôs o sol!

ROMANCE DE DONA BRANCA²⁶


Ardem os círios alvos da capela
e os sinos tângem dobres a finados.
Por que não mais a luz do olhar estrela
de Dona Branca os olhos assombrados?

Jaz o castelo desolado e frio,
ardem archotes na capela ardente.
Que mão quebrara o místico amavio
de Dona Branca pálida e clemente?

Soluçam pajens e soluçam aias
junto ao caixão da castelã finada.
Por que te quedas flor? Por que desmaias,
ó Dona Branca pálida e magoada?

Todo o solar é quedo e taciturno.
Espectros andam pelos aposentos.
Por que ocultaram sob o véu noturno
de Dona Branca os traços macilentos?

Lento o luar notívago se apruma
por entre as nuvens, pelo céu afora.
Por que a espectral e clara cor da bruma
de Dona Branca a flor do rosto esflora?

26  *Idem*, pp. 203-4.

Ladra a matilha dos mastins; um passo
rápido soa pelo parque umbroso.
Quem vai cingir num derradeiro abraço
de Dona Branca o corpo vaporoso?

Próximo o passo na alameda, entanto,
avança; e súbito abre-se uma porta...
Eia, Dom Gil! Por que tardaste tanto?
Ai! Dona Branca, a tua noiva, é morta!


O CASO DE D. INÊS²⁷

Dona Inês vem a desoras
ao parque do seu solar.
Tão pálida! Por que choras,
princesa do Montealvar?

Estrela, por que descoras,
Por que palpitas, luar?

Canta o amor, e a cotovia
sente-se errante pelo ar.
Longe, uma estrela, dir-se-ia
Como um pássaro, trilar.

E Dona Inês que porfia
a ouvir a voz do luar!

27  *Idem*, pp. 215-6.

Como um pesado obelisco,
levanta-se ao pé do mar,
um minarete mourisco,
E longe, sempre a brilhar.

Como um dourado asterisco
estrela ao pé do luar.

Dona Inês sempre ao relento,
vestida do verdemar.
Que frio, Jesus! Um vento
– que frio! – de assassinar!

Em cima, no firmamento
ainda a estrela, ainda luar!

Sinos de toda a Castela
sinistros a badalar!
Por que finou-se a donzela
tão pálida e singular?

Finou-se à voz do uma estrela;
finou-se à luz do luar.

∞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT: NOTAS, 9/12 PT.

